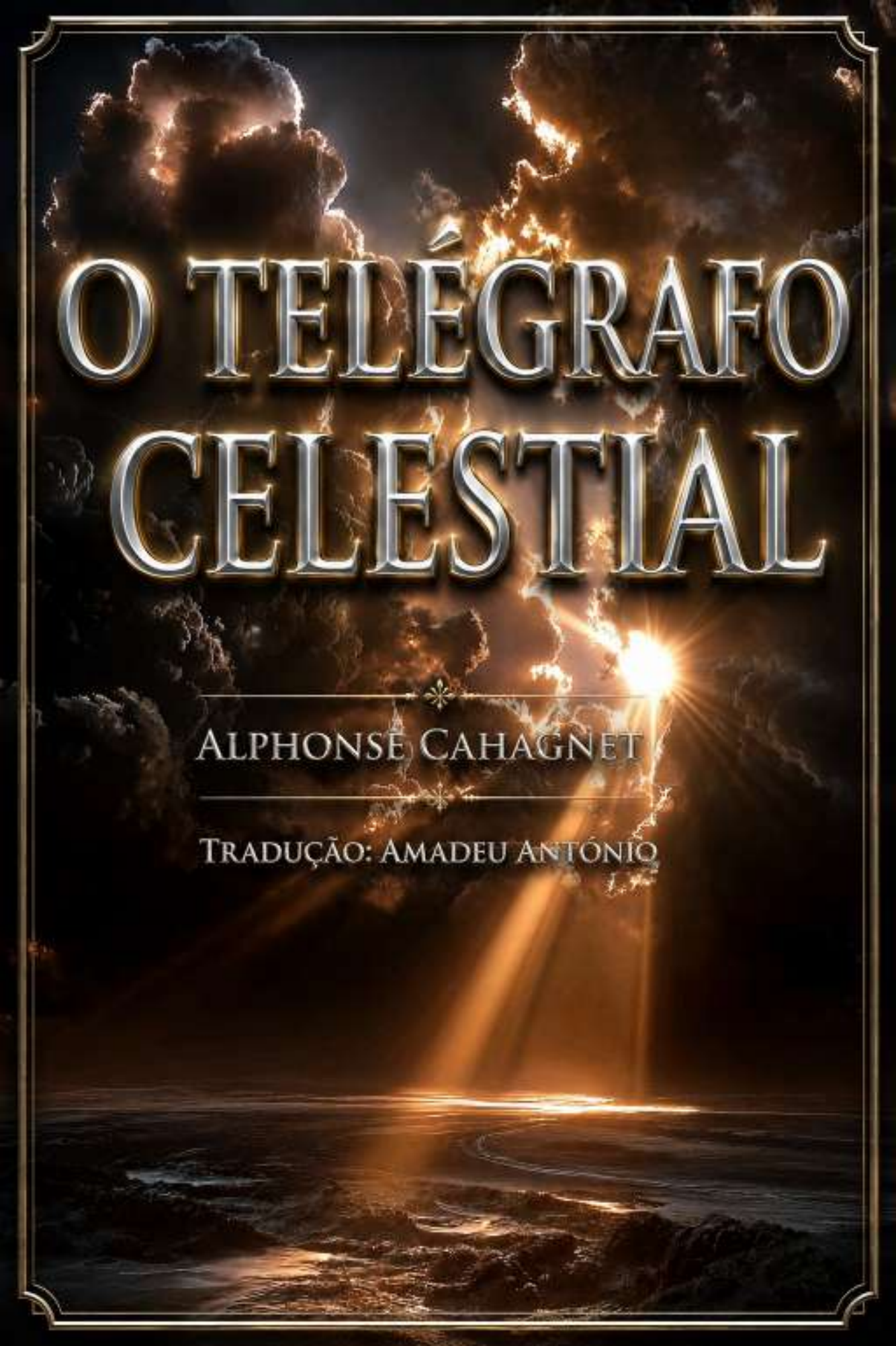
O TELÉGRAFO CELESTIAL
ALPHONSE CAHAGNET
TRADUÇÃO: AMADEU ANTÓNIO

O TELÉGRAFO CELESTIAL
OU SEGREDOS (ARCANOS) DA VIDA POR VIR REVELADO ATRAVÉS DO MAGNETISMO

"Eu estava em um lugar sem horizonte, iluminado por uma luz soberba. Diante de mim estava um ser que, creio bem, era Deus, sentado num trono; tinha a cabeça coberta com um turbante brilhante, e uma barba cinza. Acho que tinha um braço apoiado no braço da cadeira. Tinha vestes de veludo carmesim cravejado com flores de lis douradas. Tinha um aspeto majestoso; falava aos seus ministros, num total de seis ou sete; não os contei. Estavam todos sentados nos degraus do trono, e envergavam vestes do mesmo material e da mesma cor do manto de Deus. Mas eu não acho que tivessem qualquer bordado de ouro. Ao redor deles e ao longe caminhava uma infinidade de seres. Ah! Quão feios são os homens da terra em comparação com aqueles belos rostos, aquelas peles claras! Um lenço tipo gaze cobria um ombro e, além disso, eles tinham uma pequena saia de gaze tão transparente que cada membro era facilmente distinguível. Traziam sandálias nos pés, presas com cadarços largos (de couro); mas, ah, meu Deus! como era lindo! Fui alçado no ar, contemplei a terra debaixo dos meus pés, e todos aqueles homenzinhos tão orgulhosos, tão vaidosos, quão desfavorecidos e pobres me pareceram ao lado daqueles seres divinos que me rodeavam!"

Um relato de uma visão do céu atestada a Bruno, um vidente.

INTRODUÇÃO

"A morte não passa de uma das horas do nosso mostrador, e o nosso mostrador tem de girar para sempre." — SAINT-MARTIN.

O OBJECTO desta obra não é o desejo de criar ou aniquilar este ou aquele sistema para favorecer qualquer religião ou crença particular, mais ou menos proeminente na nossa época; o seu único objeto é comungar com homens que, como eu, procuram a verdade com toda a força da sua alma. Segui o rasto onde julgo que ela se encontra e a achareis. Sede prudentes; não admitais nem rejeiteis nada sem um exame amadurecido, e o que não compreenderdes, nunca o proclameis como impossível!

O sonambulismo e o êxtase, promovidos pelo magnetismo, são os únicos meios de alcançar os fins a que me propus; qualquer outro estado, provocado pelos meios ordinários dos narcóticos, deixa o indivíduo demasiado dependente dos recursos da sua crença, da influência dos desejos, e não se obtêm senão resultados muito suspeitos.

Se, pelo contrário, diversos sujeitos, retirados de entre todas as condições da vida civilizada, forem dirigidos por homens que não tenham outro objeto senão o de colher informações, os resultados serão mais completos; — e porquê? Porque o extático isolado é semelhante a um frágil esquife num oceano sem limites, sem um rumo decidido; o relato que fará da sua viagem retratará o conjunto do quadro que viu, sem descrever as suas partes; se for conduzido por uma vontade mais forte do que a sua em direção a um objeto proposto, chegaremos à verdade.

Uma vez neste rasto, seria um erro da nossa parte sermos detidos pelo desejo de conhecer, compreender e definir a existência de Deus; duvidar d'Ele seria apagar-se a si próprio da lista dos seres razoáveis; demonstrá-Lo seria supô-Lo incapaz de o fazer por Si mesmo; falar da Sua bondade, da Sua justiça, isso é inteiramente justo! Mas da Sua ira, isso seria assimilá-Lo a nós mesmos; dar-Lhe a forma do sol, de um homem, de uma tartaruga, de vegetais, seria repetir uma multidão de sistemas, todos os quais não fazem senão manter a nossa linguagem num movimento eterno, e demonstrar quão tolo é o homem por desejar explicar o que não pode racional e matematicamente compreender; limitar-nos-emos à confissão de que, antes de explicar Deus, gostaríamos de ser capazes de nos explicar a nós mesmos.

A palavra Deus, ou Jeová, designa um ser a quem atribuímos os inumeráveis mistérios que nos cercam! — um ser pensante, o autor de tudo, o foco central para o qual todos os seres gravitam e ao qual todos devem o facto de serem o que são. Isto deveria bastar-nos.

Imersos nestas explorações, não imitaremos os profetas ou os seus comentadores, que escreveram apenas para alguns, cuja inteligência, mais ou menos desenvolvida, foi a única a retirar proveito dos seus escritos. Nada de figuras simbólicas, cabalísticas ou místicas; — tal não é o meu propósito. Desejo, se possível, dizer a todos os seres: "Esta obra oferecer-vos-á a prova de um mundo melhor do que o nosso, no qual vivereis depois de terdes deixado o vosso corpo neste, e no qual um Deus, infinitamente bom, vos recompensará a cem por um pelos males que vos foi proveitoso sofrer neste mundo de dor.

Estou prestes a provar-vos que os vossos parentes, os vossos amigos, ali vos esperam com impaciência; que podeis, embora neste globo, entrar em comunicação com eles, falar-lhes e obter deles a informação que julgardes conveniente; para o conseguir, não negueis a existência da alma, ou pelo menos esforçai-vos conscienciosamente por obter as provas que desejais; pelo sonambulismo podereis ter tantas quantas quiserdes."

Não posso passar pela palavra alma sem dirigir estas perguntas a quem quer que não creia na sua existência. Que homem de senso haverá que possa responder que não existe dentro do nosso corpo um ser que parece separado dele, embora a ele intimamente unido? Este *eu* que responde ao menor desejo da razão, este motor, esta ideia-mãe, ao redor da qual se agrupam as mil e uma ideias que constituem toda a nossa existência, algo que invariavelmente nos diz:

"Estou aqui, existo contigo, sou uma unidade para ti e uma fração para a massa; na minha unidade, sou tão complicado como a massa. Sou chamado alma, espírito, motor, parte essencial de Deus, sem conhecer positivamente a natureza da minha essência; quer eu seja a matéria na sua vida mais etérea, quer uma substância luminosa à parte, sou escravo desta matéria apenas por um momento na eternidade, só me submeto às suas leis porque me identifico com ela por necessidade; quer seja da sua natureza

quer de outra, chega contudo um momento em que me separo dela: aquilo que representa a morte devolve à terra os átomos que o corpo dela tomou emprestados, e eu devolvo ao espaço a partícula de substância espiritual de que sou formado. Eu, filho imortal da eternidade, um viajante que faz uma paragem por um momento neste pequeno monte de pó, regresso ao meu vasto domínio para nunca mais o abandonar, e ali gozo das propriedades com que o meu Criador me dotou.

"Se a matéria me não tivesse a mim para a animar, para nela pensar e a fazer agir, este corpo, que não seria senão um composto de fluidos e moléculas materiais, segundo a vossa filosofia, poderia ser posto em movimento pela harmonia desses mesmos fluidos. Quando deixo o corpo, com as combinações de que a química, a física e a medicina dispõem, por que razão não conseguem elas harmonizar de novo estas moléculas e devolver-lhes a existência! O galvanismo conseguiu pôr em jogo o mecanismo nervoso depois de eu ter abandonado o meu invólucro; mas aí pára o seu poder; o pensamento, minha propriedade inseparável, só por mim próprio pode ser comunicado; por mim, apenas.

Sou a grande alavanca que pode fazer funcionar todos estes órgãos de cujas ramificações tenho conhecimento; movimento nenhum me pode substituir — pensar e agir por mim! Por que razão? Porque sou a vida; porque sou um *pensamento individualizado* e protegido pelo meu Criador. Só eu posso ser este *eu*, este espírito, esta alma! que não pode ter fim mais do que a natureza da sua substância, que é tudo o que existe! Porque não me podeis ver ou tocar com os vossos órgãos materiais, dizeis que não sou um ser à parte, um poder à parte.."

Se fosse necessário admitir apenas o que os vossos órgãos materiais podem ver e tocar, poderíeis negar o pensamento, a fala, a eletricidade, o galvanismo, a simpatia, a antipatia, a atração, a repulsão, as propriedades do íman, em suma, as agregações dos três reinos, desde a molécula etérea na qual se encontram os princípios do diamante, até à da planta e do animal! Quantas coisas, no entanto, existem que os olhos não veem, nem as mãos

tocam; não podemos, na presença dos efeitos, negar as causas que não sabemos explicar.

Só o homem possui o poder de tomar conhecimento das várias condições da matéria que o constitui, mas não através dos meios ordinários da ciência material; para chegar a este conhecimento, o homem deve despojar-se do seu invólucro e tornar-se homogéneo ao estado da coisa de que deseja tomar conhecimento.

Pode, na sua existência material, dividir a matéria *ad infinitum*, combiná-la, mas não pode tomar conhecimento da sua vida. Esta vida só é compreensível no estado espiritual onde está a fonte de tudo o que existe; só podemos explicar as leis no estado em que nos encontramos. Não neguemos, pois, a existência da alma, que somos forçados a reconhecer, embora a não vejamos.

No estado espiritual, a alma representa no homem toda a sua forma e cada uma das suas partes — as suas paixões e prazeres, superioridade, inferioridade e inteligência; encontra-se individualizada como na terra, tem a recordação da sua existência terrestre, os seus afetos de família e amigos, tudo o que será provado mais adiante por aparições e discussões psicológicas. As minhas experiências não tinham sido acompanhadas de reflexões desde o seu início, que remonta a muitos anos atrás, porque desejava adquirir um conhecimento íntimo do assunto que me propunha tratar; levar o meu tempo, a fim de julgar sem entusiasmo os factos, de que recolhi um número bastante grande, e saber a que ater-me.

Esforçar-me-ei, portanto, por explicar o mais claramente possível tudo o que me parecer importante e consolador para a humanidade em cada revelação; feliz se conseguir confirmar noutros essa crença que adquiri da existência de um mundo de consolação, e penetrar algumas almas de toda a felicidade que experimento de tão doce esperança!

Alphonse Cahagnet

O PRIMEIRO EXTÁTICO

1ª Sessão - Binet (Bruno), o meu primeiro extático, era um jovem de vinte e sete anos, de carácter humilde e inteligência muito limitada quanto ao Espiritualismo, tendo lido e ouvido muito pouco sobre magnetismo. Submeteu-se à minha ação com confiança e apresentou-me fenómenos um tanto raros; não foi impedido mas lembrou-se de tudo o que disse nas suas crises, foi adormecido (hipnotizado) com um único olhar meu, passou pelas leis da atração magnética com enorme suscetibilidade, ficou inteiramente dependente de minha influência e recuperou a sua independência instantaneamente. Contemplava perfeitamente o interior dos corpos e dava conselhos salutares, possuía uma visão retrospetiva de acontecimento e ações que podiam datar desde alguns anos até meio século, e descrevia-os de forma notável; não observava os objetos próximos, mas distinguia-os perfeitamente à distância, e apresentava-me provas satisfatórias de uma lucidez singular.

Eu mantive um diário dedicado às suas visões materiais, do qual extraí tudo o que está relacionado com a metafísica e o mundo espiritual. Foi há cerca de uma semana que o estava a magnetizar, quando o vi ser lançado da cadeira como se por um raio, de semblante inflamado e todo ele sob a influência de um medo que procurou disfarçar de mim sob a aparência de uma coragem que ele não possuía mais.

Qual é o teu problema? perguntei-lhe eu.

"Acabo de ouvir uma voz à minha direita a dizer-me que aquilo de que se queixa é incurável, e que não devo preocupar-me mais com isso; pensei que não havia ninguém por perto de mim, de modo que fui atingido por uma comoção que posso não consigo explicar."

Pergunta quem foi que te falou...

"Foi o meu guia," respondeu ele.

Como se chama esse guia?

"Gabriel."

Bruno respondeu-me em voz baixa enquanto a voz falava com ele. Demorou pelo menos uma semana a habituar-se a essa voz, que doravante seria o oráculo que haveria de responder às perguntas que lhe dirigi a respeito do mundo espiritual.

Como Bruno me serviu mais em especial em casos de experiências médicas, e como eu não estava de modo algum disposto a falar em Espiritualismo, ele invariavelmente voltava às suas comunicações, após o que comecei a tomar nota delas e passei a considerar aquela linguagem mística seriamente apenas quando descobri nelas argumentos suficientemente fortes para se opor à minha razão.

Eu enumerei essas sessões a fim de evitar relatar os milhares de detalhes que normalmente precedem e sucedem a esse tipo de comunicação, que nem sempre podemos provocar à nossa vontade, mas que deve ser aproveitada sempre que se apresentar. Como o sem-número de perguntas que dirijo a estes extáticos se distanciam naturalmente por intervalos que não podem ser evitados, será impossível encontrar nelas a regularidade de um diálogo comum, visto que as comunicações mais preciosas chegavam muitas vezes no momento que menos esperava, pelo que peço ao leitor que seja paciente, e não perca de vista as questões mais triviais, que poderá posteriormente organizar de modo a formar um todo instrutivo, digno de meditação.

2. *A tua voz poderia dizer-me o que é o magnetismo - que propriedades possui?*

"O magnetismo é um remédio que pode curar todas as doenças curáveis."

O magnetismo é uma propriedade do corpo ou da alma?

"É uma propriedade da alma: o corpo é a máquina pela qual ele se filtra, a alma é o motor principal."

Quais são as outras propriedades da alma? - será ela livre de fazer o que quiser?

“Não, a alma é influenciada por outras almas; são estas últimas que a guiam pelo magnetismo, como em todas as suas outras ações.”

São, então, guias semelhantes aos teus?

"São."

Todos nós temos um?

"Sim, um bom e um mau."

Onde se acham eles situados?

"O meu anjo bom está diante de mim, a pairar no caminho da virtude, que ele me aponta, e o meu anjo mau encontra-se à minha esquerda."

Existirá um meio de nos afastarmos da influência do mal?

"Eles acham-se presentes para cumprir a sua missão; foi ordenado assim; o homem dificilmente conseguirá evitar um mais do que o outro."

3. *Falaste-me das almas na última vez. Poderias dizer-me que forma elas assumem após a sua separação do corpo?*

"Nenhuma resposta me é dada à sua pergunta."

Pergunta se o teu pai está vivo e é feliz...

"Sim, o meu pai vive e está muito feliz."

Conseguirias vê-lo?

"Sim."

Quando?

"Ele há de me aparecer de repente, no momento em que menos estiver a pensar nele."

Achas que existe um meio de comunicação com anjos ou espíritos?

"Sim."

Qual é?

"A oração!"

Que tipo de oração?

"A oração que brota do coração; mas, no estado em que me encontro agora, temos maior facilidade em estar com eles – precisamos apenas desejá-lo, que eles aproximam-se."

4. *Por que tiveste mais dificuldade em mergulhar no sono hoje do que noutras ocasiões?*

"É de si que isso depende."

Por que tens momentos de excelente lucidez e outros de lucidez bastante inferior?

"Isso depende de nós próprios."

Falhamos, então, em alguma coisa?

"Precisamos orar."

Quando?

"À noite, antes de irmos para a cama; você por si, eu por mim."

Que oração deverá ser feita? Poderá ser-nos ditada?

"Não; deve proceder do íntimo."

Deve ser dita em voz alta ou interiormente?

"Interiormente."

Todas as posturas são boas?

"Não; devemos orar de joelhos, com os nossos olhos para o céu."

Por que de joelhos e não de outra forma?

“Por precisarmos humilhar-nos perante o Ser a quem devemos toda a vida; devemos-lhe submissão, e não é orgulhosamente, nem estendidos à vontade, que devemos dirigir-nos a um Ser tão superior, tão bom; podemos muito bem fazer esse pequeno sacrifício por aquele que com tanta generosidade no-la concede. Infinitamente insignificantes como somos, prostrados no pó, só podemos rastejar a seus pés."

Devemos igualmente orar ao nosso anjo bom?

"Sim; não àquele que não consegue aceitar o que só a Deus diz respeito; mas por estar mais perto do seu trono, e pela sua natureza e virtude, ele serve-nos de intermediário, ao oferecer a nossa oração a Deus, e quanto mais nos colocamos sob a sua proteção, mais ele poderá inspirar-nos com bons pensamentos."

Disseste-me que tínhamos um espírito mau, cuja influência éramos obrigados a sofrer; isso não difere muito do destino.

"O destino está apenas nas influências, e eu vou dizer-lhe como se preparar com antecedência contra a má influência. Temos um pensamento perverso. Assim que sentirmos o golpe inicial da sua influência, devemos recorrer ao anjo bom para que ele não permita que se enraíze em nós, e ele não possa retornar à carga sete ou oito vezes, até que nos leve a cometer a má ação com que nos inspira. Podemos, colocando-nos sob a proteção do nosso anjo bom, que é a proteção divina, evitar a armadilha lançada à nossa ignorância."

Suponhamos que as más ações não possam ser evitadas, como percebemos todos os dias; quem comete o mal é punido por isso?

"É; pois na sua morte ele comparece diante de Deus, que sempre o aconselhou a fazer o bem, que nada deseja além do bem; ele então o repreende recordando-lhe todos os atos ruins da sua vida, aponta-lhe, com brandura, o caminho que ele deveria ter

percorrido; recomenda-lhe que ele melhore a sua conduta e coloca-o numa sociedade adequada aos seus gostos."

Com que então não existe inferno, ou um lugar de punição?

"Desculpe, existem diferentes condições em que existe sofrimento, embora não como nos é apresentado; trata-se de condições de provação, nas quais somos purificados, sem sofrimento, exceto de nos vermos privado da visão de Deus. Como lhe tenho dito, Deus é tão bom, ele tem tão grande amor por nós que ele nos pune apenas por uma repreensão, mas essa punição é demasiado delicada, visto que é infligida ante todos no céu, pelo que seria uma impossibilidade nós praticarmos o mal, uma vez que os maus pensamentos que o geram são do domínio da terra, que é o verdadeiro inferno, e jazem enterrados nela juntamente com os nossos restos mortais.

"Assim, uma vez mais, no céu, todo o nosso interior é posto a nu; não podemos ter um pensamento que não possa ser imediatamente percebido por todos quantos nos rodeiam, mesmo que tenhamos um mau pensamento, mas isso é uma impossibilidade - seria impossível pô-lo em prática; os outros, ao verem o nosso corpo posto a nu, e a nossa inteira incapacidade de ocultar qualquer parte fraca dele, aconselham-nos a pensar melhor."

Falas de corpos; então temos um?

"Sim; nós somos exatamente como na terra, vestuário à parte."

Swedenborg falou dessas coisas, o teu anjo conhece-o? Terá ele sido inspirado por Deus?

"O meu anjo tem conhecimento de Swedenborg; ele foi inspirado por Deus."

Tudo o que ele revelou em relação ao mundo espiritual é exato?

"Não."

Então ele cometeu erros?

"Nenhuma resposta me é dada à sua pergunta."

Disseste-me que no céu todos vivem em sociedade... O que fazem eles lá? Será a oração a sua única ocupação?

"Ah, não! A pessoa existe lá como na terra, com a sua família, esposa, filhos, amigos."

Poderemos satisfazer aí paixões que temos pelo amor, a leitura, a música?

"Sim, mas não o amor como na terra; vivenciamos uma amizade sagrada e íntima, sentimos prazer em nos reencontrarmos com aqueles que sempre amamos; mas não conhecemos aí o amor de mulher, na aceção da palavra a que você, sem dúvida, refere. Nós lemos, tocamos música, temos ocupações como na terra; evidenciamos aquilo que desejamos conhecer, com a diferença de que não existem mestres altivos como na terra, mas todos são amigos, que têm prazer em nos assistir; aprendemos lá muito mais rápido do que aqui em baixo - numas poucas lições aprendemos o que desejamos."

Nós voltamos à terra?

"Não."

Lembramo-nos do que fizemos na terra?

"Sim e não. Não; por ser um estado tão diferente do terreno, e sentimo-nos tão felizes que não somos tentados a pensar na terra; mas sabemos que vivemos lá, deixamos parentes e amigos que ansiamos ver novamente."

Como poderemos encontrar-nos de novo entre tão imensa quantidade, e após um tempo mais ou menos longo?

"Isso é realizado pelo poder de Deus, trata-se de encanto incompreensível."

Dizes que todos se encontram novamente em famílias; mas, e aqueles órfãos que não têm pai nem mãe; quem os recebe?

"Não há filhos sem pai e sem mãe; se eles foram esquecidos ou abandonados pelos seus pais, eles os encontrarão novamente no céu, onde nada se perde; entretanto são recebidos pelo avô ou avó, encontram uma família à sua espera e são situados, ainda que entre milhões e milhões de seres, tão rapidamente como colocaria um livro na sua biblioteca; Eu digo-lhe que é de tal modo milagroso que não pode ser compreendido ou explicado."

Ainda é Gabriel quem te diz essas coisas?

"É, mas depois, eu sou sensato e compreendo-o."

Aqui estão duas respostas em que eu imploro que fixem por um momento a atenção. Bruno diz que no céu é impossível ter um mau pensamento, porque o nosso interior é posto a nu. Swedenborg já tinha referido isso no seu Tratado sobre o Céu

e o Inferno; esta revelação não contém nada de incompreensível ante a comunicação de pensamentos no estado sonambúlico.

A segunda resposta é a de que no céu nos encontremos de novo com a nossa família e amigos como por encanto. Constatamos o mesmo milagre - deveremos dizer, na terra - através da facilidade que os clarividentes têm de ver a distâncias imensas, lugares especificados, sem terem qualquer relação com eles.

Bruno, como já disse, não tem noção alguma de psicologia, não se sente de forma nenhuma inclinado para a devoção; não consigo influenciá-lo com a minha maneira de pensar, que, como se verá, é quase sempre heterogenia em relação à sua. É para que o leitor possa avaliar a minha imparcialidade que eu dou conta de todas as perguntas que faço e respostas que obtenho, sem perverter o seu significado minimamente que seja.

5. Eu haveria de me revelar muito mais lúcido se você não estivesse possuído por um espírito malfazejo.

O que queres dizer com isso?

"Quero dizer que uma pessoa com quem você não tem mais relações amigáveis é a causa de estar assediado por um espírito malfazejo."

Que poder poderá ter esse espírito ter sobre mim? Eu de forma alguma o receio; jamais experimentei qualquer efeito da sua parte.

"Ah! Assim são os homens que nada receiam; mas saiba, de uma vez por todas, que o seu poder é uma nulidade completa diante do espírito; é o espírito que move a matéria; é ele que possui ação e força, e só Deus sabe a força que um espírito pode exibir. Você diz que nunca sentiu a influência daquele que eu referi; não se lembra de há cerca de três anos, você experimentar uma penosa opressão durante o seu sono? Você teve visões terríveis, e, se o admitir, você foi levantado da sua cama, e mesmo agora deve ter muita dificuldade em adormecer."

A verdade é que, durante muito tempo tive durante a noite ataques nervosos que atribuo à fraqueza da minha compleição. Também tive sonhos angustiantes; mas isso não me prova que a causa desse problema seja um 'espírito' (NT: Forma

de pensamento), sobretudo enviado especialmente pela pessoa que mencionaste, prova?

"É suficiente que você saiba que você deveria ter tido consciência do poder de um espírito, por ter desejado ver um, tocar um; o seu pedido foi atendido. Você não me diz a verdade toda. O meu guia diz-me isso, e acrescenta que se o anjo de luz que o orienta não tivesse sido tão poderosa você teria visto outros, você pode ter sido espancado, lançado fora da cama, você tem sorte por ter escapado com tão pouco; ore e em breve você livrar-se-á dele."

Não entendo muito bem o que me dizes; sucederam coisas que na verdade me causaram muita surpresa e sofrimento; mas sempre atribuí esses factos à irritação nervosa ou a alguma outra causa material.

"É verdade que o sofrimento que experimentou se deve ao seu sistema nervoso: mas tudo o que diz respeito à inteligência, esteve na dependência desse 'espírito' malfazejo."

Dizes que foi um 'espírito' que me foi enviado; essa pessoa é inteiramente inocente com respeito à intriga, e tenho a certeza de que estás errado.

"Eu vou explicar-lhe como ele foi produzido. O diferendo que ocorreu entre si e essa pessoa, que vive a várias léguas de distância, deu-se por meio de correspondência; você escreveu algo que ofendeu essa pessoa, que sempre sentiu com ciúmes de si; ele respondeu-lhe sob a influência da contrariedade que experimentou.

"Essa pessoa tem humores muito cáusticos, desejos muito ardentes, bem que poderia ter-lhe togado uma praga; ele escreveu-lhe coisas que lhe provocaram muita dor; a carta foi o condutor desse fluido colérico mau; o estado nervoso em que então ficou levou-o a ser invadido por esse fluido; o estado de espírito em que você estava, independente dessa circunstância, facilitou a implantação desse espírito em si; sob o efeito desse fluido, você ansiou diretamente por ver espíritos no que não acreditava

(NT: O que representa uma abertura desprotegida), e ambas as circunstâncias contribuíram para o deixar em estado de obsessão. Dirija de volta com toda a sua força esse fluido para a

pessoa que referi; ore, e você será liberado, e eu tornar-me-ei lúcido."

Como poderão naturalmente supor, fiz pesquisas minuciosas para confrontar a data que ele me apresentou com a dessa dita carta. No dia seguinte, uma pessoa a quem falei sobre essa revelação pôs-me no bom caminho em relação a essa discussão, que com efeito datava do momento em que recebi uma carta, e produzira tal efeito de contrariedade no meu espírito que eu passei mais de três horas numa mata presa de tal agitação que não sabia o que me acontecido.

É verdade que a partir desse período eu tive visões extraordinárias; é certo que eu experimentei tais efeitos da atração na cama, embora bem acordado, que fui obrigado, uma vez em especial, a me agarrar a ela, ao ver que estava a ser levado, e que metade do meu corpo estava completamente fora da cama.

É verdade que nessa altura eu anotei algumas conjuras, a fim de entrar em comunicação com espíritos, e me convencer com respeito a eles; em seguida, mantive um diário dessas visões e fenómenos corporais, e posteriormente classifiquei os factos na classe das doenças nervosas, e eu não entendo como o Bruno poderá classificá-los de outro modo; sou incapaz de perceber nesta revelação qualquer leitura do pensamento, uma vez que nem eu próprio conseguia pensar, já que supostamente eu me encontrava sob a influência de possessão, e ele desconhecia por completo esses factos a que não dei qualquer importância.

6. *Hoje estarás capaz ver o teu pai melhor do que da última vez?*

"Eu vejo-o."

Consegues falar com ele?

"Consigo."

Como vem ele vestido?

"Ele está com a mesma roupa que usou na Terra - colete azul, pantalonas de veludo listado, chapéu de feltro, um tanto surrado."

Pergunta-lhe onde ele se encontra agora.

"No paraíso."

Ele é feliz?

"Ele é muito feliz."

Quais serão as ocupações dele?

"Ele lê muito e passei, como fazia na Terra."

Ele pode proteger-te?

"Ele pode dar-me conselhos salutares, ele voltará a ver-me novamente quando eu lhe pedir."

Quem é que te desperta desse estado quando eu menos o espero?

"Gabriel."

Por que razão?

"Por ele antever que o génio do mal poderá responder-me em seu lugar e de modo a frustrar os seus desígnios, desperta-me assim sempre que achar que não é aconselhável, de momento, responder às suas perguntas."

7. *Terão os espíritos malfazejos um chefe a quem chamamos de Diabo?*

"Não."

Terão todos os espíritos existido na terra?

"Sim."

Anjos e espíritos, não serão todos iguais?

"Não: anjos e espíritos são homens que habitaram a terra, mas há uma grande diferença nas suas funções, compreensão e sabedoria. Os anjos encontram-se mais próximo de Deus, mais familiarizados com os seus projetos e colocam-nos em prática."

Possuem os anjos asas?

"As asas representadas nos seus ombros são apenas símbolos, uma metáfora da velocidade com que andam pelo espaço, uma vez que para eles não existe espaço. Positivamente falando, eles não têm nenhum, mas para aqueles que acreditam e desejam vê-los com asas, eles aparecem assim."

Os espíritos trabalham no céu? Eles comem e bebem?

“Eles fazem no céu justamente o que é feito na terra, com uma única diferença: que não é mais um desejo, mas um prazer. Não é por dinheiro que trabalham, mas por prazer."

Os espíritos podem carregar objetos materiais?

"Alguns têm essa propriedade: a sua força é incompreensível, quando têm permissão para fazer uso dela."

8. Nesta sessão não obtive qualquer valor informações digna de referir. Bruno é acordado, e se, por acaso, eu lhe tiver colocado uma pergunta que previamente lhe tenha submetido (circunstância

carregada de grandes dificuldades para mim, incapaz como sou de recordar exatamente se eu coloquei tal questão), ele desperta subitamente, e diz: "Isso já foi respondido." Isso tem ocorrido diversas vezes, mesmo em consultas médicas. Consequentemente, sou obrigado a tomar todas as precauções possíveis.

9. *De que substância é composto um espírito?*

"De uma substância semelhante à do ar, pelo que pode atravessar todos os corpos sem encontrar obstáculos."

Que forma especial tem um espírito?

"A do homem, visto que todos os espíritos foram homens na terra; mas pode assumir a forma que desejar quando desligado da matéria."

Dizes que existem espíritos maus ao redor da terra: existirá igualmente algum no céu?

"Não existem espíritos maus no céu: eles vagueiam pela terra."

A que se deverá, pois, isso?

“Por satisfazerem o seu desejo de fazer o mal, que perfaz o cumprimento de uma missão, que, quando concluída, os restaura como bons espíritos, e então eles vão para o céu, como o resto. Ninguém é excluído."

Quem lhes manda fazer o mal?

“O mal é útil; sem ele não haveria bem. Não poderíamos valorizar um sem o outro. O mal é consequência do bem; o bem de um é o mal do outro, e este tende para o bem do primeiro. Deus considerou adequado que fosse assim, e devemos achar satisfatório."

10. Bruno encontra-se num potente êxtase; ele vai ao céu pela primeira vez; vê aí seu pai, que está sentado a uma mesinha, a ler.

Que livro é que o teu pai tem nas mãos?

"É parecido com os nossos, mas a impressão não é a mesma."

De que forma é a impressão?

"Tem letras em forma de D; depois, uma vez mais, outras semelhantes aos ganchos de panelas desenhados por um menino de escola, etc. Mal o consigo descrever. O meu pai fecha o livro, e diz que não compreendemos essa escrita. Permita que regresse ao céu.”

No lapso de um quarto de hora, ele desperta, olha para a sua cama com ar de desdém e exclama:

"Ah! Já consigo perceber muito bem por que os mortos não anseiam pela terra. Quem, diga-me por favor, desejaria vegetar neste monte de pó depois de ver o que acabei de ver?"

Então o que foi viste?

"O paraíso."

Bem, fala-me sobre isso.

"Ah, eu estava num lugar sem horizonte à vista, iluminado por uma luz fantástica; diante de mim estava um ser quem eu acredito ser Deus, sentado num trono. Na sua cabeça tinha uma touca brilhante. Uma barba cor cinza, segundo me pareceu, o braço a repousar sobre o trono, com um robe de veludo carmesim todo cravejado de flores douradas luminosas.

“O seu aspeto é majéstico. Ele estava a falar com os seus ministros, num total de seis ou sete, eu não os contei. Eles estavam todos sentados nos degraus do trono, e envergavam uma túnica do mesmo material e cor da de Deus; mas eu acho que não vi nenhum bordado de ouro neles. Ao redor deles, e à distância, passeava uma enorme quantidade de seres.

“Ah! a fealdade dos homens da Terra em comparação com aqueles belos rostos - aquelas compleições tão belas! Tinham sobre um ombro uma gaze na forma de echarpe, mais um pequeno manto de gaze tão fina que toda a sua forma era facilmente percebida; tinham os pés envoltos em sandálias (borzeguim) que davam até meio das pernas, com atacadores; mas, meu Deus, como era lindo! Eu fui levantado no ar; Eu vi a terra a meus pés, e todos aqueles insignificantes seres, homens tão vaidosos e tão orgulhosos que me pareciam insignificantes e mesquinhos em comparação com os seres divinos que via diante de mim! Quão suja e escura também me parece este aposento em comparação com os lugares que contemplei.

“Oh! Eu poderia ter desejado para nunca mais acordar. Posso muito bem compreender o Coronel que não atribui qualquer valor aos 200.000 francos que ele perdeu. Que coisa são as riquezas da terra em comparação com as do céu? O que eu não daria para que você pudesse ter contemplado esta sublime visão!"

Meu caro Bruno, tu encontravas-te num estado superior de êxtase. Lamento não o ter percebido: deveria ter-te recomendado uma observação cuidadosa de muitas coisas. Contudo, precisamos dar-nos por afortunados por possuíres o poder da recordação, visto que te dá tanto prazer e me trás informações preciosas, só acho que te enganaste quanto ao personagem que tomaste por Deus; não poderia ser o Ser Supremo. Iremos indagar isso aos poucos."

11. *Pergunta ao teu guia se foi Deus quem, no teu êxtase, viste outro dia.*

"Não, foi o próprio Gabriel."

Por que te apareceu que ele presidia ao seu conselho?

"Ele não estava a presidir a nenhum conselho naquele dia, ele quis proporcionar-me uma sessão."

Com que propósito?

"Para me mostrar as glórias e riquezas que Deus reservou para aqueles que o amam."

O que queres dizer com glórias e riquezas?

"Refiro-me às faculdades com as quais a alma obtém o que constitui a sua alegria."

Ele aparece sempre vestido assim?

"Não; era para conferir um maior encanto à minha visão."

Pergunta-lhe se Gabriel é o seu nome verdadeiro?

"Não; os anjos no céu não têm nome; eles podem adotar um para visitar os homens: o de Gabriel significa o anjo de luz de Deus."

12. *Certa vez, disseste-me que Gabriel era igualmente o meu anjo; então ele pode ser o guia de várias pessoas ao mesmo tempo.*

"Milhares."

Mas, como poderá tal coisa ser possível? É incompreensível.

“Precisamente por ser extraordinário, é que é assim; se nos parecesse coisa fácil, não seriam os nossos superiores; pelo facto de realizarem coisas que não compreendemos, ultrapassam-nos.”

13. *Pergunta a Gabriel por que é que, apesar do desejo que tenho de acreditar em tudo o que vejo, tudo o que tu prevês, ainda me sinto incrédulo e incapaz de atingir aquela fé que se diz ser tão necessária para chegar a grandes soluções matemáticas.*

"Você aos poucos vai passar a acreditar, a dúvida não é proibida; quanto mais alguém duvida, mais forte se tornará na fé. Você vai acreditar; siga os seus impulsos, que não é nenhum crime. Revelações importantes estão a ser preparadas para si, você será gradualmente instruído."

14. *Disseste-me que vias o céu como uma imensidão sem limites. Poderias fazer-me uma descrição mais cabal dele?*

"É uma imensidão sem limites, sempre iluminada pela mais brilhante das luzes, consequentemente não existe noite."

O tempo é estimado lá como na terra?

"Não."

Os anjos como o teu contemplam Deus?

"Sim."

De que forma?

"Como a do sol."

"A do nosso sol terreno?

"Não; existe no céu apenas um sol que é o sol espiritual, na forma em que Deus aparece; o nosso próprio sol terreno é apenas o refletor dos raios que recebe."

Existirão distâncias no céu para aqueles que nele residem?

"Eles não conhecem nenhuma; pois assim que desejam ser vistos num determinado lugar, aí se se encontram eles."

Como se acham os espíritos nele, reunidos ou dispersos?

"Eles encontram-se em sociedades, de acordo com o seu gosto, e passeiam-se por lá como na terra."

Existem diversos céus?

"Sim; três."

Traça-me uma ideia deles.

"Eles encontram-se uns sobre os outros como nuvens; segundo as suas qualidades, os homens depois da sua morte vão para um ou outro."

15. *Disseste-me que existiam três céus situados uns sobre os outros, como nuvens?*

"Sim; são uma espécie de esferas, pois tudo o que existe tem a forma de uma esfera. Gabriel pode envolver na sua, todos os seres que tiver sob a sua égide; da mesma maneira, o homem tem um círculo particular a rodeá-lo, dentro do qual está contido tudo o que é necessário que ele possua."

Certos autores falaram já desse tipo de esferas, e chegaram mesmo a dizer que o homem continha em si próprio universo um universo em miniatura.

"Não se deixe assombrar; o homem, é verdade, possui um universo material em miniatura."

Esses céus, sem dúvida, são o belo campo azul salpicado de estrelas, que admiramos por cima das nossas cabeças.

"Não, está acima de nós, acima da nossa terra; mas numa atmosfera mais pura e de imensa extensão, e esses céus parecem formar apenas um, eles não apresentam dificuldade na travessia."

Como é que ascendemos ao céu depois da morte?

"Como uma pequena bolha de ar a subir na água."

Temos uma forma ao sair do corpo?

"Não; mas ela delineia-se gradualmente, e ao entrarmos no céu adquire a forma do homem, que sempre preserva, sem sofrer mudança, como você pode supor, como na terra."

16. Bruno fornece-me ainda mais detalhes sobre os espíritos.

"Um espírito é ar," disse ele, "mas pode assumir a forma que desejar, e carregar fardos muito pesados. No estado em que me encontro agora, sou um espírito como eles; encontro-me fora do meu corpo, e percebo-o sentado na cadeira; eu ando pelo meu quarto sem ser visto nem sentido por quem eu toco. Eu até me vejo ao meu balcão a preparar-me para ir para o trabalho. Vejo-me onde quer que eu deseje; isso haveria de me levar a acreditar que sou diversos seres. Como imagens impressas em cada lugar, considero a minha alma - neste instante ele é semelhante em tudo a qualquer um, só que eu percebo-a num aspeto mais alvo, e eu sou mais formoso do que o meu corpo."

17. *Por que razão é que por vezes me respondes praticamente antes de eu terminar de te questionar - não tens tempo para reproduzir as minhas palavras?*

"Isso o espanta, mas você há de ficar ainda mais espantado se eu lhe disser que por vezes eu próprio sou um espectador silencioso das palavras que enuncio pela minha boca; muitas vezes acontece que eu não participo das discussões travadas entre si e Gabriel; é ele quem se insinua no meu corpo, responde com a minha voz às suas perguntas, e eu considero-me um mero auditor

das vossas discussões; você não consegue acreditar nisso, pois não acredita em espíritos."

Creio ter-lhe provado suficientemente que acreditava na existência da alma após a sua separação do corpo e, consequentemente, na existência dos espíritos, visto que a alma é um; mas não posso compreender e ter fé cega em tudo o que me dizes sem aniquilar as faculdades da alma: não consigo compreendê-las muito bem sem provas irrefutáveis.

"Não lhe hão de faltar provas; mas nem sempre responderão às exigidas pela razão material, porque já lhe disse que os dois estados de existência são tão incompatíveis (embora ligados entre si), que um não pode provar o outro; um parece existir apenas em função do outro, e é o espiritual que constitui a vida real, a vida material é apenas uma cópia da anterior e repleta de erros."

18. Já fazia algum tempo que não magnetizava o Bruno, quando um dia ele veio até mim muito adoentado e, pedindo muitas desculpas pela desatenção que me votara, implorou que o curasse, como já havia feito várias vezes antes. Mal lhe sugeri que mergulhasse no sono, ele disse-me:

"Se eu lhe disser não vai acreditar, mas aquilo de que me queixo é provocado por espíritos malfazejos que se instalaram no meu estômago."

Se eu não conhecesse Bruno como um amigo gentil e franco, eu deveria ter pensado que ele queria confundir-me; mas eu estava seguro da boa-fé que denotara em tudo o que me dissera, e só pude imaginar que ele fosse demasiado suscetível a alucinações. No entanto, passou-me pela cabeça que Swedenborg afirmara nos seus escritos que os 'espíritos'

(NT: Formas-pensamento) muitas vezes se reúnem em sociedade em alguma parte do corpo. As possessões que tinham ocorrido em Loudun, e mil outros factos análogos parecem transmitir uma espécie de veracidade a tal afirmação. Eu deixei que Bruno enunciasse diante de mim o seu sistema à vontade, contentando-me em questionar sempre que ele parecesse obscuro. Eu disse-lhe, pois:

Explica-me de que modo isso te parece possível.

"As pessoas costumam dizer, a minha queixa está nisto, eu tenho um inchaço, uma dor, reclamações que atribuímos a um

resfriado, ou a outra coisa, quando propriamente falando, é a obra de espíritos que se insinuam nos nossos corpos para perturbar, por todos os meios possíveis, a harmonia da vida, para criar angústia e infelicidade, a fim de gratificar a sua propensão para travessuras e problemas.

"O mundo considerá-lo-ia um louco se dissesse que um espírito, na forma de vento ou de inchaço, produz cólica ou inflamação, para paralisar a nossa ação, nos manter na cama, ou confinar-nos ao nosso quarto no momento em que deveríamos andar por fora, a fazer negócios, que muitas vezes, por um atraso aparentemente insignificante, sofre muito, e por vezes os efeitos mais importantes dependem, pois, das causas mais insignificantes.

"A causa é vista de outra forma, ou para falar mais corretamente, não é vista de forma nenhuma, e a pobre humanidade encontra-se cega pelo seu orgulho tolo, que não se disporia a descer tão baixo a ponto de admitir o que eu digo."

19. *Disseste-me ontem que os espíritos de uma forma ou outra, se imiscuem nos nossos corpos, para nos atormentar a seu belo prazer sob o pretexto da doença; seremos, pois, verdadeiros escravos do universo; não é de forma de se supor que sejamos o objeto de desporto de tal ou qual espírito, de acordo com os seus caprichos.*

"O que lhe disse ontem é fruto do conhecimento que obtenho no estado em que me encontro; é a minha convicção. Digo o que vejo com os meus próprios olhos e desafio qualquer sonâmbulo, que possua a luz que eu possuo, a desmentir-me."

Como é que um espírito, que deve ter alguma forma, pode assumir a de um leve inchaço, do vento, etc.; é impossível, é incompreensível!

"É devido à nossa incapacidade de compreender que eles o fazem; se não houvesse nada de miraculoso nos seus atos, eles não seriam superiores a nós; se eles pudessem fazer uns aos outros o mal que nos fazem a nós, não fariam de nós suas vítimas, mas como não podem enganar-se nem influenciar uns ao outros, inevitavelmente atormentam-nos; e, conforme já lhe disse, o homem que pelos seus conselhos se dedica a fazer o mal, invoca-os até em seu auxílio. Quando ele deixa a terra, ele toma o lugar

do espírito que o conduziu ao mal, e este último passa para uma esfera onde os seus pensamentos malfazejos não mais o acompanham; assim procede a purificação da terra para Deus."

Tu, entretanto, disseste-me que os espíritos maus tinham uma missão para o mal; que esse mal era benéfico; que Deus não puniu o culpado.

"Eu disse-lhe, é verdade, que o mal era benéfico, mas para ser posto em marcha ele precisa assumir uma forma. Não é o seu anjo bom que irá dar forma ao mal; a sua missão é dar ou aplicar uma forma ao bem: é, portanto, o malfazejo que se vê obrigado a aplicar o mal para satisfazer a necessidade que tem de desfrutar do seu trabalho.

"Se ele não tivesse gosto por agir assim, o mal não poderia existir; então ele pode aprender com ele e suscitar para nós uma multidão de males, cada qual em representação de um espírito malfazejo ou da sua ação. O bom age exatamente ao contrário, e assim acontece que este conflito perpétuo entre o bem e o mal não pode terminar enquanto o homem material existir.

"Essa, pois, foi a razão de eu lhe dizer e repetir, que todos os anjos e os espíritos malfazejos que existem na terra aos pares ao nosso lado para nos conduzir ao bem e ao mal, como nós conduzimos uma criança, foram homens na terra; foi apenas depois de a abandonarem que eles se tornaram no que são, e pode ser facilmente adivinhado pelas suas próprias tendências que papel um homem que vive na terra desempenhará depois de a abandonar: quanto mais ele tiver desejado fazer o mal, mais ele fará com que seja feito quando, por sua vez, ele for chamado como um guia, em vez de ser, como era na terra, guiado; é uma cadeia que se estende *ad infinitum*, muitos elos da qual ainda se acham escondidos de nós."

Acabaste de me dizer que os espíritos não podem influenciar uns aos outros; então como é que uma pequena tisana ou um cataplasma curam o inchaço ou a inflamação que tu representas como um espírito malfazejo*?*

"Eu disse-lhe que eles não exerciam influência uns sobre os outros no mundo espiritual; mas na terra é diferente, visto que é dessa influência contínua que a nossa vida depende; e eu responder-lhe-ei que o remédio que você aplica é a influência do

bom espírito na forma de uma flor ou grão, e assim é que eles se expulsam uns aos outros por aplicações corretivas, ou os seus contrários, em formas materiais que podem influenciar à vontade."

Nesse caso, tudo o que existe será apenas um composto de espíritos?

“Certamente, na medida em que eles podem investir todas as formas dela, por não existir nada morto na natureza, e por tudo o que existe se achar dividido em dois campos, um bom, outro mau, ou deverei dizer justo.”

Enquanto estamos nisso, diz; não escondas nada; o teu sistema não me desagrada.

"Bem, vou-lhe dizer que o bem e o mal são o que são apenas por nos encontrarmos em posições em que somos incapazes de avaliar os seus efeitos; pois, de acordo com a posição, o mal será um bem para uns, e o bem é um mal para outros.

“Percebemos ser esse o caso do fogo, que produz o maior bem quando dele necessitamos e incomoda quando não é necessário; não que eu finja com isso que um homem que quebre a perna tire proveito disso; mas, embora esse acidente aos nossos olhos pertença à categoria do mal, o médico, e todos aqueles que vivem do mal dos outros, encontram nele tanto bem quanto o paciente vê o mal: assim, decida."

Reconheço que tu és engenhoso.

"Eu tenho razão."

Eu não o nego.

Não devo encerrar esta sessão sem fazer menção a uma revelação um tanto similar, da qual certa vez fui testemunha numa festa para a qual fora convidado para ver uma sonâmbula que era singularmente suscetível à influência física do seu magnetizador. Um cavalheiro se aproxima dela para a consultar sobre uma indisposição que experimentava e, segundo creio, para saber ao mesmo tempo o que pensar do sonambulismo. Mal ela entrou em contacto com ele, disse-lhe:

"A sua queixa não é nem um pouco perigosa; é uma inflamação provocada por uma paixão infeliz que você tem."

Que paixão? perguntou ele.

"Você não se vai sentir ofendido se eu o mencionar diante desta gente."

Mencione-a; não tenho nada de que me censurar.

"Você muitas vezes tem sede."

Todos começaram a rir, seguindo o exemplo do consultante.

Nem sempre tive esse ponto fraco, respondeu ele.

"Eu percebo-o, e também lhe percebo a causa."

Qual é?

"Há muito, muito tempo, você amou apaixonadamente uma jovem; ela não lhe retribuiu o amor, por você não estar disposto a casar com ela, pelos bons motivos que à altura tinha. Você deixou daquela parte do país em que ela vive, e desde aquela época ela concebeu tal ódio por si que lhe desejou todo o mal possível; você tornou-se vítima da sua influência maligna."

O que quer dizer com isso?

"Quero dizer que desde esse período você esteve sob a influência de um espírito malfazejo, que lhe desordenou a conduta, acendendo em si um ardor que você sempre pensou que poderia apagar ou moderar, entregando-se à bebida; e, o que é mais, esse seu desejo de bebida em si é periódico."

O que você me diz é exato quanto à circunstância e ao meu ponto fraco; mas não posso acreditar que essa seja a causa real.

"Contudo, você percebe claramente que, quanto a um aspeto eu lhe digo a verdade, pelo que não o engano no outro; mas não desanime, tem um remédio."

Não beber mais, sem dúvida!

"Ah! Você não poderia deixá-la, por si só; não há outro poder que o possa libertar exceto o que lhe vou indicar."

Diga-me que poder é esse.

"À noite, antes de ir para a cama, ajoelhe-se, ore a Deus do fundo do seu coração para que o liberte desse ponto fraco; a seguir, levante-se, anime os seus pensamentos com a lembrança do que eu lhe digo, esforce-se por passar a um estado de exaltação, e depois erga os braços, imaginando que essa pessoa está presente diante de si, e lance nela, com desdém e ira, o fluido malfazejo do qual você está impregnado, e diga: 'Espírito mau que me assedias, corre para longe de mim, em nome de Deus, o único Criador, teu e meu mestre; retorna para a fonte de onde tu

vieste. Ore ao seu anjo bom para o ajudar nessa operação; faça isso até que você seja libertado, e você não vai demorar muito a sê-lo, garanto-lhe."

Como havíamos de fazer com que o fluido de que falas voltasse àquela mulher que se encontra a mais de cento e cinquenta léguas daqui?

"Imaginando consigo próprio que ela se encontra no seu aposento, e ela não mais estará a cento e cinquenta léguas de distância."

Eu não consigo compreender isso.

"Faça-o a despeito de não o compreender e verá."

O magnetizador, que não acreditava em espíritos, mas tinha muito prazer em sujeitar a sua sonâmbula ao estado cataléptico, retomou os seus experimentos sem prestar atenção ao que acabara de ouvir. Como esta revelação apresenta uma similitude tão estreita com as do Bruno e as dos meus outros extáticos, tomei nota dela, e agora menciono-a, por considerar este um lugar adequado, a fim de corrigir a ideia do leitor quanto a este tipo de possessão

(NT: No Brasil chamam a esse fenómeno 'encosto').

É verdade que isso está a levantar novas dificuldades quanto à existência ou não existência do livre arbítrio e, aparentemente, a favor desta última crença. No entanto, este tipo de alienação das faculdades dos homens não poderia ser generalizado, e este poder que alguns seres têm sobre os seus semelhantes pareceria apenas uma montagem das duas organizações, uma das quais está destinada a subjugar ou dominar a outra por um tempo, e semelhantes o suficiente ao poder do magnetismo, que é nulo diante de uma organização que não entra em correspondência com ela; desafortunado, de facto, seria se fosse de outra forma; o mero desejo de um inimigo seria suficiente para o reduzir ao estado mais abjeto e dependente. Repito, porém, que é possível.

20. Depois de um momento de concentração, Bruno percebe aproximar-se dele um anjo, em traje celestial - túnica transparente, cabelos ondulados, fisionomia feminina, pernas à mostra, pés em sandálias altas com atacadores de perna; esse anjo carrega Bruno, que me diz que está a abandonar o seu corpo e se está a afastar. No lapso de um instante, ele diz:

"Eu atravessei as nuvens; o meu anjo conduziu-me até o meu pai e deixou-me a sós com ele."

O que estava o teu pai a fazer?

"Ele ainda está a ler."

Ele sente-se feliz?

“Sim.”

Ele come, bebe e dorme?

"Ele come, bebe e dorme, apenas quando está disposto a fazê-lo por prazer, e não por necessidade; se ele tiver a ideia de comer uma pera ou qualquer outra fruta, ele colhe-a e come; mas eu repito, não é por necessidade, pois os espíritos não têm necessidades desse tipo no céu."

Que hábitos e ocupações tem ele?

"As mesmas que na terra, o que mais lhes agrada."

Que é que eles aprendem?

"O que eles desejarem aprender, eles estudam e aprendem por si próprios aquilo que querem passar a conhecer."

Poderá o teu pai deixar-se enganar?

"Não."

Ele poderá responder-me a algumas perguntas?

"Pode."

Terá sido um bom espírito o que compareceu na última sessão?

"Não, eu suspeitei dele; mas são todos muito maliciosos e envolvem-se em tanta precaução que é difícil reconhecê-los."

O que te garante agora que é realmente o teu pai quem fala contigo? Não poderá um espírito malfazejo assumir a sua forma?

“Pode, mas o meu pai dá-se a conhecer pondo a mão no peito, sinal que um espírito mau não pode suportar, porque Deus permite que apenas os bons façam uso desses tipos de sinais: - um anjo, por exemplo, será reconhecido por uma estrela, uma lua crescente, um diamante ou uma pedra preciosa. Não fosse por isso, nunca poderíamos distinguir entre um espírito bom e um mau.”

21. “Vejo um anjo em que mal posso fixar os olhos. Ah! é um anjo de luz!"

Pergunta-lhe o nome dele!

"Ele diz-me que é Gabriel; mas eu não posso falar com ele, porque ele próprio está a falar a uma multidão de pessoas reunidas ao seu redor; ele segura duas coroas que me mostra; elas são para nós os dois."

Quando irá ele dar-nos essas coroas?

"No paraíso."

Temos muito tempo.

"Você dispõe de menos do que imagina."

Como é que sabes?

"Eu consigo percebê-lo."

Como assim?

"Foi-me mostrado um seis muito brilhante, o que significa seis anos; depois, mais uma vez, percebo o seu corpo diante de mim desprovido de vida, ou pelo menos com a vida a abandoná-lo."

Vê-o a morrer; sem dúvida que há de ser de por uma doença do peito.

"Não, é do lado, que vai subir até a garganta e sufocá-lo - devo dizer - de repente."

Observa e descreve-me essa cena.

"Eu percebo a sua alma em forma de fumo de incenso, a sair por todos os seus poros, e a assumir gradualmente a forma do seu corpo; então você sobe igualmente aos poucos, atravessa os dois círculos, chega ao terceiro; você recebe a admoestação devida às suas falhas da parte de Deus; você não é suficientemente puro para permanecer nesse círculo que é o mais divino, você desce novamente para completar a sua purificação; aí, eu o percebo a receber a coroa de cor verde que acaba de me ser mostrada; você apresenta um aspeto de uma alvura deslumbrante; a sua figura é mais graciosa, os seus cabelos lustrosos, a testa ampla, enfim, à imagem de todos os espíritos, sem perder a forma dos seus traços, é mais delicada, e realçada por aquela alvura celestial que torna todos os espíritos tão belos de se ver!

“Você entrega-se ao estudo de livros; você tem canetas, tinta e papel; você escreve e, como gosta muito de crianças, tem diversas à sua volta; você está a pegar num garotinho que lhe está grato para toda a sua vida; você não demorará muito a ascender ao céu mais elevado. Quão singular! Eu o vejo no céu sem deixar

de o perceber na terra! Você aparece-me vestido de branco como muitos outros."

Vês-me a ler e a escrever; visto que obtivemos o conhecimento de tudo o que desejamos sem recorrer a esses meios, eles parecem-me inúteis!

"Já lhe disse que no céu não nos tornamos múmias; possuímos ali as mesmas paixões que na terra, especialmente aquelas que nos tornam o mais felizes possível; por isso, você que aprecia o estudo, dedica-se a ele, anota as suas reflexões, mas, como pode imaginar, sobre assuntos sob outros aspetos mais sérios e curiosos do que na terra: verdadeiros escritos, ao passo que na terra não passam de romances, ninharias. Você aprenderá tanto quanto deseja e não irá deixar de desejar."

Quando a minha alma deixa o meu corpo, parece-te que tenha formado um corpo semelhante ao meu com todos os seus órgãos?

"Disse-lhe ainda agora que estava perfeitamente bem delineado, mas tornou-se mais distinto à medida que ascendia e, quando finalmente foi conduzido à sua morada no céu, era em tudo semelhante ao corpo, à parte a delicadeza dos traços e a alvura da pele. No círculo em que vier a entrar, você terá o poder de visitar a terra."

21 b. "O meu guia encontra-se perto de mim, você tem alguma pergunta a colocar-lhe?"

O teu guia consegue ver a matéria?

"Consegue."

Outros Espíritos referem o contrário.

"Por eles não terem esse poder; o meu consegue ver. Se certos espíritos não pudessem ver a matéria, como você faria com que transportassem objetos, causassem obsessões, dispersassem os móveis e todas as coisas materiais? Para aplicar um golpe a esta cómoda, é necessário vê-la; para fazer tocar este sino ele precisa ser visto; para revirar este vaso precisa-se saber onde ele está; para trazer uma carta ou qualquer outra coisa ela precisa ser sustentada. O meu guia diz que ele pode ver à vontade objetos materiais."

Qual é que é sensível, a matéria ou o espírito?

"É o espírito que torna a matéria sensível e a sustenta."

Se o espírito sustenta a matéria, por que uma pessoa que tenha tido uma perna amputada precisa de uma perna de pau, visto que ele tem uma perna espiritual, já que, segundo o que dizes, a alma é em tudo semelhante ao corpo?

"Essa pessoa tem uma perna espiritual que nenhum poder no mundo pode separar do seu corpo; mas essa perna não tem mais os órgãos materiais nos quais realizou as suas funções, ele não pode, tanto quanto um operário sem ferramentas, fazer qualquer coisa onde elas sejam necessárias."

Se é matéria animada pelo espírito que sofre ou é sensível, por que deveria esta mesma pessoa por vezes sofrer como se tivesse a sua perna material; então só o espírito pode sofrer?

"Vejo neste instante alguém que foi operado. Percebo a sua perna espiritual, que é muito mais alva que a outra, garanto-lhe, embora perceba igualmente a perna de madeira que o sustenta; e o meu guia torna-me claramente percetível que o sofrimento que este homem experimenta deve a sua sensibilidade meramente à aliança que tem com o corpo material; acha-se sujeito a todas as sensações desta perna material de que é um prolongamento; mas essa sensibilidade árdua não pode existir quando o corpo perecível se separa por completo da alma."

Poderias contar-me como foi que os Fanáticos do século 18, que padeceram de ataques convulsivos, e foram submetidos a testes aos quais os metais não resistem, não foram destruídos por esses experimentos?

"Tudo isso foi operado pela vontade e poder de Deus, a quem nada é impossível, como você bem sabe; o espírito retirou-se desses corpos; isso tornou-os insensíveis, e então Deus suportou-os nesses experimentos cruéis; é-nos impossível compreender tal milagre."

O espírito de Deus prestou-se, pois, a tais farsas?

"Não obtenho qualquer resposta à pergunta que fez, Deus não é ator nenhum, a quem possamos assobiar ou aplaudir!"

22. *Pergunta ao teu guia se nos reunimos no céu à mulher que amamos na Terra.*

“Nem sempre; reencontramo-nos com a mulher que foi criada à nossa imagem, e possui as mesmas afeições, desejos e gostos que nós."

O que deverei entender por isso? A esposa da terra pode não ser a esposa do céu?

"Não... no céu, conforme já lhe disse, não podemos dissimular nem ocultar nada uns dos outros; cada um é capaz de lhe ler o íntimo e conhecer os seus verdadeiros afetos; na terra é muito diferente, o corpo material esconde os defeitos da alma; imaginamos a existência de um sentimento mútuo, conhecemo-nos; mas assim que as nossas paixões grosseiras são satisfeitas, tão logo o corpo deixa de ter qualquer outra necessidade, retomamos a nossa liberdade de agir e pensar; não fingimos mais e percebemos tarde demais que é melhor estarmos longe um do outro.

"Como cada qual leva consigo para o céu os seus afetos terrenos, como não podemos ofertá-los em sacrifício a ninguém, mas, ao contrário, precisamos satisfazê-los, não procuramos mais uns aos outros para suscitar vexames mútuos, mas para incrementar à nossa bem-aventurança; assim, não sendo a mulher com quem você viveu na terra o que você poderia desejar, Deus concede-lhe outra que é a sua cara-metade."

(NT: Consultar 'Cartas de Astrea', já traduzido, para apreciação em profundidade)

Aqui pareces explicar como a Bíblia - que o homem foi criado homem e mulher. Pode ser que um corpo material contenha dois corpos que se desdobram na morte?

"Não, não foi desse modo que o homem foi criado macho e fêmea; mas não andrógino, nem dois corpos um no outro, como você diz, mas separadamente, isto é, ele nasce dual e vive separadamente. Cada ser tem o seu complemento à sua espera no paraíso."

Eu não entendo essa explicação.

"Digo-lhe que todo ser que nasce é dual, seja homem ou mulher; que nos encontramos no céu, embora possamos não nos ter conhecido na terra."

Então, de acordo com o que dizes, na terra estamos separados?

"Sim, para melhor o levar a entender, o meu guia apresenta-me uma imagem que mostra a maneira como isso é realizado. Vejo diante de mim diversas mulheres, a primeira das quais

estando *grávida* traz ao mundo um menino que se desdobra instantaneamente, permitindo-me ver uma menina que sai dele, se assemelha a ele em tudo, e ela entra como um germe no corpo de uma segunda mulher a fim de aí ser criada e receber a vida na sua totalidade.

“Essa garotinha será o complemento ou esposa do garotinho de quem ela emanou, e que ela preferiria ter como seu irmão gêmeo *(NT: Caso em que seriam idênticos)*; eles se reencontrarão no céu, não importa a hora nem o lugar em que tenham nascido, por o meu guia me dizer que a menina que é a cara-metade do menino, pode, de acordo com a ordem e a vontade de Deus, não ser criada na devida sequência nem no mesmo país, mas a despeito de tudo isso eles reencontram-se ao mesmo tempo no céu.

“Contudo, embora nascida num período diferente, ela irá, não obstante, reunir-se à sua cara-metade para a completar, e viver com ela numa união tão pura quanto sagrada; quando essa segunda metade nascer o mesmo processo será renovado, e da menina emanará um menino, que não poderá estar completo até que emane dele uma metade da mesma maneira, que será uma menina, e assim por diante, *ad infinitum.* Entende agora? Com isto explico-lhe o mistério do nosso surgimento na terra, que lhe é revelado."

Eu agradeço-lhe; se assim for, Deus é infinitamente bom!

"Consegue compreender a bondade de Deus no seu desventurado estado de ignorância? O que haveriam os eruditos dizer de tal mistério, que eles deveriam tomar por um sistema, eles que formaram, e continuarão a formar, muitos deles, se é que perceberam, como eu, que não existe uma unidade simples possível, mas que tudo existe em pares; cada coisa até o infinito possui duas metades, dois lados, a união dos dois constitui a felicidade, a sua separação infelicidade."

Assim sendo, acreditas que tudo tem uma metade de si mesmo desdobrada, ad infinitum?

"Acredito."

Acreditas que a primeira metade se junta ou aguarda a segunda?

"Acredito."

E que, quando elas se encontram no céu a sua felicidade é efetiva, e a sua união eterna?

"Acredito; eu não deveria nem poderia ter acreditado nisso no meu estado normal, por ser uma verdade e aceitarmos apenas erros."

Aqui está uma revelação que não consigo escorar com a minha reflexão; se não for verdade, é, pelo menos, consoladora.

23. *Outro dia, por meio da minha sonâmbula, Adèle Maginot, perguntei ao espírito Mallet se existiam cidades no céu tal como na terra; ele disse que não sabia; o teu guia não o poderia dizer...?*

"Pode; existem cidades no céu para aquele que desejar morar em cidades. Se Mallet não lhe respondeu com clareza, isso decorre do facto de ele não ter gosto por estudar nem frequentar cidades."

Mallet parece confuso nas respostas que dá, não sei por quê?

"Por você lhe perguntar coisas que ele não tem permissão para lhe dar a conhecer, e outras com que ele não está familiarizado. Eu já lhe disse que um espírito no céu tem conhecimento apenas do que desejar conhecer; a sua felicidade consiste no conhecimento de uma coisa, pouco importando o resto."

Mesmo assim, todos os espíritos devem contemplar cidades, grupos de casas e pessoas, uma vez que se encontram em lugares habitados como na terra, não?

"Os espíritos veem apenas o que desejam ver; se eles se sentirem deleitados com uma casa, eles veem apenas uma casa; se for com uma cidade, eles veem uma cidade; o mesmo sucede com respeito a jardins, ao campo, aos lugares públicos e às assembleias; se desejarem viajar, eles fazem-no. Há um pouco de tudo no céu, e não existe nada."

Como 'nada'? Não consigo entender como algo possa ser 'nada.'

"Mas eu consigo entender; são imagens, aparições; são árvores, móveis, efeitos! E não é nada, uma vez que o desejo se foi, tudo desaparece, nada permanece; são imagens apropriadas pela bondade de Deus à natureza dos seres."

É realmente o teu guia quem responde a essas coisas? Respondes-me tão rápido que muito me leva a duvidar.

"Eu respondo-lhe mais rápido do que deveria, não fora o meu guia que o faz em meu lugar."

Então, o teu guia está em ti?

"Já lhe disse que um espírito pode estar em mim, falar pela minha boca, sem que eu saiba; os meus lábios movem-se sem querer e eu articulo as palavras por breves instantes; às vezes ouço palavras ao meu lado. Frequentemente aguardo as respostas - por vezes não as obtenho; mas a partir do momento em que o meu guia não está positivamente em mim, ele encontra-se, porventura, a quinhentas léguas de distância. Comunico com ele por um encadeamento de simpatia, uma espécie de raio; para melhor expressar o que quero dizer, considero-me como a trombeta por que ele fala à distância."

É bastante surpreendente que devas escutar assim e operar por meio desse encadeamento simpático.

"Tudo lhe parece espantoso, já comigo não sucede o mesmo; um espírito poderia falar-me do fim do universo, caso o universo tivesse um fim: a distância não existe para nós. O que irá surpreendê-lo ainda mais é que, um espírito pode falar com diversas pessoas ao mesmo tempo, embora em locais diferentes, e aparecer-lhes ao mesmo tempo, mas saiba que muitas vezes é apenas a sua imagem, uma espécie de desdobrar da sua pessoa, que pode assumir todas as formas, trajes, & c, e encontrar-se em lugares diferentes sem abandonar aquele que ocupa no céu. Eu não sou a única pessoa a quem meu guia responde, ele tem muitos outros sob a sua influência."

Ao nos responder assim, ele se deleita, então, com a ciência de que falamos?

"É a especialidade dele."

Eu levo as minhas perguntas mais longe, mas a resposta que obtenho é:

“Não se pode responder a essas perguntas, o que lhe é revelado por outros sonâmbulos é efetuado pela assistência de espíritos que são designados por Deus para o instruir; os espíritos não se prejudicam mas nem sempre podem responder ao que lhes é perguntado; quanto a mim, comunico-lhe uma certa luz; outro

faz o mesmo de outra maneira. Você não tem motivos para reclamar, já que conhece muitas coisas ocultas."

Fiquei por um momento surpreendido ao saber que um espírito pode estar em lugares diferentes ao mesmo tempo e falar com diversas pessoas; mas a reflexão confirmou em mim esse facto, que tomo invariavelmente como ponto de partida, e como prova material, o que vemos os sonâmbulos a fazerem na terra para quem não existe distância. Eles poderiam, pois, se estivessem nesse estado, ver imediatamente no mesmo instante um lugar ou pessoa designada, falar com ela e transmitir informações similares.

Para esses videntes, um espírito assemelha-se a um orador em quem todos os olhos estão postos, embora procedentes de pontos diferentes, e da mesma maneira todas as inteligências, recebendo de uma só vez a palavra, que é apenas uma para aquele que a enuncia, e mil vezes uma para as mil e uma pessoas que a tiverem recebido. Outro aspeto pode igualmente ser esclarecido - a imagem ou desdobramento do homem e da coisa. Temos também provas materiais desses factos em experimentos magnéticos, em que a imagem de uma coisa permaneceu impressa no lugar onde esteve. Alphonse Teste, no seu diário, cita, a respeito disso, uma curiosa experiência:

Uma sonâmbula entra numa sala e exclama: "Que linda menina se encontra sentada naquela cadeira!" Ante tal exclamação, o Sr. Teste observa que ela está enganada, que não se encontra nenhuma menina bonita presente. Longe de ceder a essa declaração, ela vê uma em cada cadeira, seis delas. Incapaz de dar conta dessa alucinação, o Sr. Teste contentou-se em reunir detalhes exatos do vestuário dessas meninas e confessou que uma menina correspondendo exatamente nos detalhes havia andado a brincar por um momento antes da sonâmbula entrar na sala, e saltara sobre as seis cadeiras, uma após a outra, e se tinha sentado nelas.

Só essa visão provaria este tipo de desdobramento ou imagem, mesmo que não tivéssemos similares todos os dias. Não há magnetizador que não tenha descoberto nas visões distantes dos seus videntes uma infinidade de erros, cercados por um grande número de verdades; sem se esforçarem por explicar a

causa disso, eles ultrapassam-nos em silêncio, quando, ao contrário, muitas vezes há com que satisfazer amplamente a curiosidade. Um vidente diz: "Eu percebo nesta sala uma cómoda, uma escrivaninha," objetos que não têm existência nela; vocês exclamam contra o erro, contra a lamentável lucidez, sem levar em consideração o estado da vidente, ou se anteriormente não terão existido no quarto os artigos de mobiliário que ele aponta, mas que já não existem.

Eu fiz esse tipo de experimento e pesquisa. Muitas vezes reconheci que a imagem de objetos materiais colocados num determinado local permaneceram nele por muito tempo. Qualquer um pode verificar o facto e assim retificar o juízo que faz sobre os pretensos erros dos clarividentes. Existe ainda uma outra influência que igualmente nos pode levar a extraviar-nos - que é a presciência. Um sonâmbulo pode ver atualmente em tal lugar, uma casa, um jardim, que não existem, e que nem mesmo é provável que venham a existir; e ainda assim o lugar, o objeto, existe para o vidente, e um dia existirá em todos os detalhes apresentados e previstos.

A terceira revelação desta sessão é a de que no céu tudo assenta somente em espécies de imagens. Não consigo, ainda, decidir-me a respeito disso, sem informações mais concretas. Na terra, ainda o espírito tem a certeza de imaginar que cria o que lhe agrada, uma criação mal valorizada pelos nossos sentidos, mas aparentemente bastante real para o espírito no estado de sonambulismo. Não existe ninguém que não se tenha assegurado da pretensa realidade dessa criação. Esse poder criador, que pertence apenas a Deus, que o homem extrai do mundo, o seu tipo, pode atingir um tal grau de força que a matéria se torna dependente e é anulada por ele. Toda a harmonia das suas leis é aniquilada pelos factos da atração e suspensão. Não se deve negar que um extático possa ver-se materialmente num banquinho criado espiritualmente.

Esses factos, sem querer dizer que no céu os objetos que nos rodeiam sejam produtos da nossa imaginação, tendem, no entanto, a prová-lo; quando, em caso contrário, são então da natureza do mundo das causas, podemos dispor deles a nosso favor, pairando nessa atmosfera de imagens, agrupam-se à nossa volta, segundo o

pensamento divino que lhes presidir, para satisfazer as nossas carências, para o que são denominados ou invocados.

24. *Visto que um espírito se pode introduzir no nosso corpo e levar-nos a falar a despeito da nossa própria vontade, poderá igualmente levar-nos a agir?*

"Pode."

Esta pergunta que te dirijo prende-se com as possessões; os possuídos sempre afirmaram o que me acabaste de avançar.

"É uma verdade que, no meu estado normal, eu jamais desejaria crer; mas acredito agora por estar plenamente consciente dela."

Neste tipo de possessão, uma vez que podem fazer uso do nosso corpo para operar o que desejarem, têm alguma influência sobre o destino do homem?

"Têm, da seguinte forma: Um homem, como Napoleão, qualquer outro guerreiro, ou um savan, não importa, encontra-se destinado pelo Criador a nascer no mundo material e a realizar grandes coisas; ele é então entregue por Deus aos cuidados dos espíritos, que são encarregados de proteger o seu nascimento, vida e ações. O pai e a mãe são meramente as máquinas destinadas igualmente a cooperar materialmente com aquilo que é ordenado espiritualmente; então, neste caso, há um espírito especialmente encarregado de presidir à introdução dessa criança na mulher e de zelar pelo seu bem-estar."

Nesse caso, um espírito malfazejo *poderia atuar uma parte contrária e influenciar de forma maligna o germe em ascensão?*

"Podia; é até útil; mas Deus nunca permite que tal ser nasça sem colocar perto dele um bom guia para neutralizar o malfazejo."

25. *Na última sessão, disseste-me que o teu guia te poderia falar a quinhentas léguas de distância; essa revelação surpreendeu-me por um instante; mas, na presença de experiências diárias, pelas comunicações distantes que ocorrem, cedi a essa verdade de que não existe distância apreciável para os espíritos. Eu volto a outras revelações que me fizeste; disseste-me que no céu existem cidades, lugares, de acordo com o desejo do espírito de cada um; disseste-me igualmente que se vê apenas o objeto desejado, e isso induziu-me a pensar que esse deva ser*

um efeito da criação do espírito, e não lugares que existam eternamente.

"São lugares que existem eternamente; mas a facilidade que se tem de comunicar com eles, e a mesma facilidade de não mais os ver, levar-nos-ia a pensar que não tenham existência real como os objetos terrenos. Vou dar um exemplo: Estou a seu lado, em qualquer parte do céu; desejo estar numa planície, num jardim ou numa casa, eu próprio encontro e vejo o que desejo, sem sair do lugar, caso isso corresponda ao meu desejo; você também forma um desejo, mas você deseja encontrar-se numa igreja, num salão de baile ou em qualquer outro lugar, e você vê-se nela instantaneamente, sem, no entanto, me deixar por um momento que seja. Do mesmo modo, em vez de uma biblioteca, outro desejará ver um quadro - esses dois objetos existem conjuntamente, visíveis aos dois desejos, e no mesmo lugar. Assim, entenda que é um mistério inteiramente incompreensível, que os homens negarão, embora seja uma grande verdade."

A descrição que me fizeste leva-me a duvidar de que exista algo de real no céu.

"Tudo o que existe é mais real do que na terra, onde tudo perece ou muda de forma. Quanto ao céu, todos esses objetos são imperecíveis e constituem a sua alegria eterna: simplesmente, não estando sujeitos às mesmas leis da matéria, não há necessidade de derrubar uma casa para construir outra no seu lugar; ela desaparece, e a outra substitui-a. Embora tenha desaparecido, ela existe, porque não pode ser destruída; mas, como eu repito, não apresenta qualquer obstáculo à admissão de outra no seu lugar."

Então, no céu, cada um, segundo a inclinação que tiver, poderá, sem dúvida, construir cidades, templos, palácios.

"Não; os desejos que os espíritos têm são-lhes comunicados por Deus, que é o único e grande arquiteto. O homem imagina-se artífice de todas essas coisas, quando apenas forma o desejo delas: mas as cidades ali são uniformes, os palácios cem vezes mais refinados do que tudo o que a conceção humana poderia produzir ou acreditar; e tudo isso é adequado aos gostos e desejos das sociedades que as habitam. Há tanta harmonia entre os seus gostos espirituais que você não poderia desejar o que outro

espírito não desejaria, em especial - anote bem isto - se esse espírito for um membro da sua sociedade, que seria, por assim dizer, uma fibra do seu corpo; pois os espíritos não podem influenciar-se, e com o que eles previrem que não impere de acordo com os seus desejos, eles não se associam. Eles reúnem-se para exercer hábitos ou usos que são apenas prazeres, e não necessidades. Do mesmo modo, isolam-se, se acharem conveniente."

Se desejar escrever um livro e que ele seja lido, que meios poderei empregar para satisfazer esse desejo?

"Você compõe o seu livro, deseja possuir quinhentos exemplares dele; deseja doá-los, anunciar ou vendê-los; tudo isso é realizado como na terra, porém, com a diferença de que disso resulta felicidade, e não problemas, como na terra. Você possui essa obra para sempre, se esse for o seu desejo. A vida espiritual pode ser explicada em poucas palavras: você deseja apenas o que lhe for agradável possuir, e a bondade de Deus gratifica-o instantaneamente."

Mas se eu desejasse a riqueza do meu vizinho?

"Podemos desejar no céu apenas o que somos capazes de obter; não entramos no céu com ideias de roubo, perturbação, falsidade: todas essas ideias são do domínio da terra, e não podem acompanhar-nos no alto."

Também me disseste que um espírito pode aparecer em diversos lugares ao mesmo tempo; como é que isso acontece?

"São apenas imagens do espírito que aparecem; ele pode criar quantas quiser e enviá-las a si."

Ótimo; mas essas imagens falam?

"Falam."

Elas são, pois, outros tantos indivíduos.

"Não; é sempre o mesmo."

Todas aquelas imagens, dizes tu, que aparecem em diferentes lugares ao mesmo tempo, e respondem a diferentes perguntas, levar-nos-iam a supor que sejam massas de espíritos, em vez de um.

"É bastante difícil explicar-lhe este mistério; mas tentarei fazê-lo para a sua edificação. O espírito que me dirige, e que se encontra no céu, pode fazer emanar de si próprio, por uma espécie

de irradiação, uma infinidade de raios, que estende e servem de meio de comunicação com aqueles que desejam corresponder com Ele.

O Espírito pode transmitir a cada raio a similitude e o som da sua fala, embora, entre si, os Espíritos falem pouco, sendo o pensamento o único vínculo de comunicação. Assim, ele poderá, no mesmo instante, transmitir o seu pensamento, que responde às perguntas daqueles que estiverem em comunicação com ele por meio desses raios de simpatia; ele é apenas um, que se multiplica de acordo com as circunstâncias, *ad infinitum*, e é visto por todos ao mesmo tempo, tal como todo o público de um teatro vê um ator.

Nós imaginámo-lo em cem lugares ao mesmo tempo, quando, ao contrário, são cem espíritos que são capazes de o ver, e no lugar onde ele se encontra, só a sua imagem pode, da mesma maneira, cumprir essa função, e isso levar-nos-ia a crer tratar-se da existência de uma centena de indivíduos. Essa imagem proveniente dele acha-se em correspondência com os seus pensamentos e pode, à semelhança dele, representá-los, pois os pensamentos são inalteráveis... Estou cansado."

Esta sessão foi a última que Bruno me concedeu. O seu resumo faz referência às observações que fiz no fecho da vigésima terceira sessão, no sentido da imagem *(NT: E não só a imagem, mas a energia etérica que a compõe)* poder permanecer impressa num lugar onde o objeto tenha permanecido, e isso prova materialmente que os espíritos podem possuir o poder de se desdobrar melhor do que os objetos materiais.

Esses fenómenos não podem ser explicados, nem podem ser negados. Como desejo manter-me dentro dos limites que me propus, de nada tomar de emprestado dos livros que li, e nos quais não se acreditaria mais do que na minha palavra, não cito nenhuma dessas provas que, no entanto, são muito curiosas e instrutivas.

Basta-me recomendar ao leitor que experimente por si próprio todos esses factos e os que se lhes seguem, não menos curiosos. Podemos ver bem apenas com os nossos próprios olhos, compreender apenas por meio do nosso próprio juízo. Depois verei se posso lançar alguma luz sobre essas revelações.

Senti pesar pela falta de Bruno, mas fui consolado da sua perda pela extática Adèle, que aparecerá no momento e lugar adequados para revelar o quanto é desejável aos olhos dos estudiosos: a prova da existência do homem depois da sua separação da matéria. Nesse ínterim, apresentarei alguns extáticos que me forneceram provas não menos evidentes do que me proponho demonstrar aos homens.

A SEGUNDA EXTÁTICA

26. Mademoiselle Fanny Binet, irmã de Bruno, uma jovem de dezassete anos de idade, o retracto vivo da franqueza e da virtude, disse-me um dia: "Tive um sonho extraordinário ontem à noite; você estava a magnetizar-me e eu caí num sono como o meu irmão; Eu vi sobre a mesa uma esfera, como os professores têm para ensinar astronomia; uma quantidade prodigiosa de círculos rodeavam-na; Eu vi sair desse globo uma espécie de fumaça, que você projetou na boca do meu estômago." Eu induzi-a no sono magnético, como o seu sonho bem pressagiara; ela consentiu, e em cerca de vinte minutos caiu num sono extático. Nesta sessão e nas seguintes, procurei explicar esse estado e reconhecer a sua especialidade, que era a do êxtase, e aqui está o resultado:

"Eu percebo algo que se aproxima na minha direção."

O que é?

"É uma pessoa, creio bem."

Vê bem; invocaste alguém?

"Não."

É uma pessoa do teu conhecimento?

"Não."

Será um homem?

"É."

Que tipo de homem?

"O porte dele é nobre e muito imponente; ele está envolto num belo manto de veludo vermelho, orlado a ouro; está sentado num trono, creio bem, coberto de azul; traz, na cabeça, uma grande e muito bela coroa de ouro; segura uma criança nos braços; parece querer livrar-se dela; essa criança está completamente nua."

Vês o rosto desse homem?

"Não, não de forma muito distinta."

Implora-lhe que se aproxime de ti e diz quem ele é.

"Não o vejo melhor; ele não se aproxima."

Então, repete do fundo do teu coração estas palavras: 'Em nome de Deus, teu e meu criador, estranho a quem eu vejo, se tu não vens d'Ele e não és um espírito de luz, retira-te; Não preciso dos teus serviços.

"Ele foi-se; mas um novo rosto apresenta-se agora muito mais próximo."

Repete a mesma invocação e verás como agirá esse espírito.

"Ele permanece; é uma mulher. Ah! Que semblante mais belo, como eu nunca vi igual."

Em que posição, com relação a ti, se encontra ela?

"Diante de mim, um pouco à direita."

Ela parece-te viva?

"Ela parece, com efeito. Ela é carregada sobre nuvens, e está inteiramente rodeada por um azul como eu nunca antes vi, de tão vivo, fresco e transparente que é."

Como é que ela vem vestida?

"Envolta numa bela túnica de veludo vermelho, que lhe desce até os pés, orlada com faixas de ouro; o cabelo dela é negro e cai-lhe sobre os ombros, que são de uma alvura sem par; na cabeça traz uma coroa de ouro, mas muito mais estreita do que a da primeira figura; ela usa um manto de gaze leve. Mas, meu Deus, como ela é linda," disse timidamente a jovem, com a cabeça caída sobre o peito.

Pergunta-lhe se ela é o teu anjo ou guia - pede-lhe que te fale e diga o nome.

"Ah! Ela sorri para mim; mas estou tão tomada de tal respeito e admiração por isso, que não pareço digna de que ela me responda."

Aventura-te, mesmo assim, ela é uma criatura celestial, que, sem dúvida, deseja apenas o teu bem, e que vem servir-te: ela te responderá.

Fanny acha-se tão absorta na admiração que sou obrigado a despertá-la, sem obter qualquer resultado a não ser essa

visão. Mal ela desperta e se vê ao espelho, esconde o rosto entre as mãos, e exclama:

"Ah, como sou feia em comparação com a bela criatura que vi."

O quê? Com que então consegues recordar o que viste?

"Eu lembro-me muito bem, por me fornecer um termo de comparação em minha desvantagem."

Enganas-te, nunca te vi tão bonita como neste momento.

É verdade que essa jovem possui um semblante cativante; ela apresentava naquele instante aquela expressão angélica que todos os extáticos têm no auge do êxtase, expressão essa que se achava impressa em todas na sua feição e traços fisionómicos. Ela não podia ser induzida a olhar para si própria a tal luz, e permaneceu o dia todo sob a influência dessa visão, revelando-a em todos os seus detalhes às pessoas que a rodeavam.

27. Fanny deseja vivamente ver de novo a mesma pessoa bela; eu dirigi-lhe a pergunta:

Vês alguma coisa?

"Vejo, mas não é a mesma figura."

Que aspeto tem esta?

"É um jovem que está de joelhos e que aparentemente ora a Deus com grande humildade."

Sobre o que é que ele está ajoelhado?

"Sobre um estrado, o qual tem dois degraus."

Ele não te aparece a pairar no ar, então, como no outro dia?

"Não."

Como vem ele trajado? Faz-me uma descrição dele.

"É um homem de tez escura; na cabeça trás uma coroa de ouro de formato muito diferente da usada pela última aparição; ele tem sobre si próprio um belo manto de veludo escarlate, todo trabalhado com estrelas de ouro, e que lhe desce até aos pés na forma de manto *à queu* (de cauda); percebo um manto branco sob esse manto; a pele dele é muito alva."

Faz um esforço por falar com ele, diz-lhe para olhar para ti.

"Não me atrevo; ele parece tão absorto na oração que seria mais que indiscreto da minha parte perturbá-lo; ele parece muito feliz, e eu não fico menos ao contemplá-lo."

Bruno, irmão de Fanny, estava presente quando magnetizei a irmã, e desejou ser posto a dormir com ela. Ele logo teve a visão da irmã e fez uma descrição completa dela quase com as mesmas palavras que a Fanny empregara, só que ele viu as mãos da aparição unidas em baixo, enquanto Fanny as vira erguidas no alto.

Quem é esse jovem? perguntei eu a Bruno.

"É Gabriel."

O que está ele a fazer?

“A orar por nós e a dar-nos ao mesmo tempo uma lição de humildade.”

Considerando as práticas religiosas que faz, a tua irmã pode dispensar esta lição; mas para ti é necessária.

"É necessária para nós os três, nenhum de nós sabe orar."

Como é que tu vês as mãos dele numa posição diferente da que a tua irmã viu?

"Porque ele nunca se mostra a duas pessoas ao mesmo tempo precisamente na mesma posição."

Como se explica isso?

"Por podermos acreditar na influência e no fascínio, e isso me provar o que eu lhe disse há algum tempo, com respeito ao poder que eles tinham de se desdobrar."

Eu acordei-os aos dois.

Tentei diversas vezes magnetizar Fanny e reconduzi-la às suas visões, mas não consegui; ela não desejava mais ser submetida ao sono. Achei adequado fazer menção a estes dois estáticos, porquanto não se podem coletar muitas provas de aparições espirituais. Eis um facto que contradiz o que muitos magnetizadores avançam, quando afirmam que todas essas visões são apenas fruto de uma imaginação fatigada ou desordenada, e que os clarividentes possuem a faculdade de imagens criar para si próprios; aspeto esse em que concordo com eles.

Assim, um clarividente que tenha criado para si tais visões as terá sempre à sua disposição, e as verá quando quiser, e obterá delas respostas que simpatizam com as suas ideias e gostos; porém, a Fanny não se enquadra nessa categoria; ela não vê o que deseja e vê aquilo que não conta ver. Não é por falta de vidência, como poderemos crer, visto que nessas duas visões ela

vê com a mesma intensidade e com a mesma facilidade. Além disso, temos outros factos a expor que facilmente eliminarão tal objeção.

A TERCEIRA EXTÁTICA

28. Uma jovem chamada Françoise, depois de consultar a minha sonâmbula Adèle sobre o estado de saúde dela, foi aconselhada a deixar-se magnetizar. Ela estava numa condição desesperada e implorou-me que acurasse, caso eu conseguisse. Eu assumi o caso dela e ela tirou um enorme proveito do meu tratamento. Sem estar curada, devido ao estado desordem em que estavam os seus órgãos, ela proporcionou-me, após algumas magnetizações, os seguintes fenómenos:

Numa sessão, ela disse-me que podia ver o seu pai e a sua mãe, que já se encontravam mortos há muito tempo, e que eles lhe pareciam verdadeiramente vivos. A mãe dela aparecera-lhe rodeada por um lindo céu azul, à sua direita, e não se aventurou a aproximar-se dela; ela trazia precisamente com o mesmo vestido que usara antes da sua morte; o seu pai também vinha vestido como na terra e procurou esconder-se atrás de um arbusto à sua esquerda. Ela contemplou-os durante muito tempo sem falar com eles. Este foi o primeiro dia em que ela se tornara clarividente e percebeu o estado irremediável em que se encontrava, e assegurou-me que, se eu continuasse a magnetizá-la teria que tomar os maiores cuidados, pois estava em jogo a minha vida, como já me haviam dito dois videntes. Não dei mais atenção a tais advertências para além de me proteger contra as emanações nocivas delas. Ao despertar, ela lembrou-se de ter visto o pai e a mãe, mas não tinha a menor lembrança da condição irremediável em que se encontrava, nem do que ela havia dito a respeito dela.

29. Após um momento de sono:

"Eu ouço," disse ela, "a voz de Deus a dizer-me que a minha sobrinha, que se encontra neste momento confinada, vai morrer dentro de três semanas; ela não vai conseguir superá-la!"

Françoise gostava muito da sobrinha, pelo que começou a chorar de forma desalmada. Tive vontade de a levar a acreditar

que se tratava de um exagero da sua imaginação, provocada pelo caloroso afeto que sentia pela sobrinha; que não fora a voz de Deus que ela tinha escutado. Ela ficou muito ofendida com as minhas dúvidas e respondeu:

“Certamente que foi Deus quem me falou; aqueles que viverem o suficiente verão.”

30. “Aqui está o meu pai,” disse ela; "Não sei por que ele não ousa aproximar-se de mim."

Pergunte-lhe o motivo.

"Ele respondeu-me que desejara ver-me antes da sua morte, e que eu não viera receber as suas despedidas finais. Ele parece zangado comigo."

Depois dessa reprovação, ele afasta-se; a seguir surge diante dela uma garotinha que ela teve e perdeu com a idade de dezoito meses, enquanto andava a trabalhar como enfermeira; a criança parecia-lhe maior do que quando ela se separou, com apenas seis dias (?) de idade.

"Qual o aspeto que vê na criança?

“Muito bom; só que ela tem um ar um pouco sofredor; ela está nua, tem pequenas asas, e uma touca rosa na cabeça."

O quê! Nua e com uma touca na cabeça?

"Sim, é só para que eu lhe dê atenção."

Pergunte-lhe onde ela se encontra?

"No paraíso."

Com quem?

"A avó dela."

O que faz ela lá?

"Ela brinca com meninas que ela adora arreliar."

Ela aparece-lhe que ar de sofrimento, pergunte-lhe de que se queixa ela.

"Ela sente saudades de mim; mas, para além disso, não sofre; diz que está muito feliz; viu muitas vezes a Deus e vai ter com ele."

Como é que a Divindade lhe aparece?

"Como um homem em meio a uma nuvem de uma alvura deslumbrante. Ela diz-me que viverei muito tempo, só que em sofrimento."

Por que razão a sua avó não vem com essa criança, já que ela está sob os seus cuidados; pelo menos você deveria vê-la, não?

"Ela diz-me que neste momento está a orar a Deus por mim; a minha menina tem olhos azuis; não sei de que cor eram na terra. Aqui está um garotinho que eu não conheço, mas que se autodenomina meu sobrinho; morreu aos nove anos, de convulsões provocadas por acessos de paixão, que ainda não o deixaram, apesar de ter morrido. Diz que por vezes viu a Deus; nutre a esperança de vir a estar com ele aos poucos, quando melhorar na atitude."

Ele anuncia a Françoise que a sua mãe está a padecer de uma doença do peito que aos poucos se irá transformar em catarro. Françoise vê muitas pessoas que afirmam ter relação com ela, embora ela não as conheça; ela nem mesmo se lembra de as ter conhecido; ela deseja ver a filha acordada e indica os meios de o conseguir, o que resulta perfeitamente; não se lembra mais de nada. Isso espanta-a muito, especialmente a touca que ela vê, desperta, na cabeça do filho.

31. Françoise diz que ouve novamente a voz de Deus a dizer-lhe que a menina com quem a sua sobrinha é levada para a cama, morrerá logo depois dela.

Você tem algum pressentimento desses eventos quando está desperta?

"Não, nenhum; a minha sobrinha não está bem, mas ainda assim não tenho motivos para ficar alarmada com o estado dela."

E a sua filhinha?

"Ela está a ser cuidada, e eu só a vejo quando estou a dormir; mas nada me leva a pensar que ela venha a morrer em breve."

O seu sobrinho disse-lhe da última vez que a mãe dele, a sua irmã, estava doente; sabia disso?

"Eu soube apenas hoje; tive notícias dela, mas ela não está bem; mas antes eu não soube nada sobre isso."

Você poderia apurar a razão por que a sua garotinha lhe apareceu nua e com apenas um gorro rosa na cabeça?

"Eu vou perguntar-lhe."

Após uma pausa momentânea, ela disse-me:

"Dei à ama dela uma roupa de bebé em bom estado, que ela me devolveu após a morte da criança. Queria que ela colocasse no caixão um dos melhores gorros da criança, o que ela posteriormente me disse que tinha feito, mas eu fiquei com as minhas dúvidas, e presumi que não, especialmente no que diz respeito ao gorro com que a criança me aparece neste momento, com a permissão de Deus, por desejar que eu não mais considere essa mulher culpada de furto. Eu jamais deveria ter acreditado que ela tivesse agido assim, especialmente com um gorro caro como esse, e com uma família tão numerosa, a quem teria sido muito mais útil do que a esta criança."

Não tive mais revelações da parte de Françoise; ela melhorou e eu não a vi mais. Farei algumas observações sobre o que acaba de ser dito. Françoise possuía um poder de clarividência singular para visões distantes, reproduzia conversas mantidas em lugares remotos, das quais obtive provas incontestáveis; ela tinha uma índole franca, e de forma alguma ardilosa; não me enganou ao anunciar a doença da sua irmã, da qual só teve conhecimento dois dias depois. Terá sido realmente o seu sobrinho falecido, que ela jamais tinha visto, quem lhe confidenciou isso? Ou terá sido uma *visão à distância* que ela havia tido?

Só se pode decidir isso com base na sua boa-fé e aversão à falsidade. Acredito que essa criança lhe apareceu por ela ter dito que ele ainda era irascível, uma verdade que aos poucos irá ser comprovada. O homem não deixa imediatamente os seus modos e propensões ao entrar no outro mundo, algo que ela não poderia aprender ou perceber no meu pensamento, visto que então eu não sabia nem suspeitava de tais coisas, e mesmo agora mal consigo compreender. Também acredito nessa revelação, por ter tido outras semelhantes desde então, que me levaram a decidir não rejeitá-la. Peço, pois, ao leitor que não esqueça esta observação.

Uma voz, que ela considera ser a voz de Deus, anuncia-lhe que a sua sobrinha e a sua filha morrerão dentro de um curto espaço de tempo. Essa previsão foi literalmente realizada.

Ela percebe a sua filha, que já tinha falecido há muito tempo. A particularidade do gorro que a Françoise não poderia inventar quer para parecer ridícula aos meus olhos, nem para me levar a parecer ridículo (admitindo tais pensamentos, poderíamos

duvidar de nossa própria existência, se em toda a parte percebêssemos apenas astúcia e falsidade), particularidade essa que por si só constitui prova inegável da existência do mundo espiritual.

Reforçá-la com comentários seria prejudicá-la; preservemo-la, pois, em toda a sua pureza. Um homem pode duvidar e clamar alucinação, ao ver com os olhos e tocar com as mãos um morto, por as imagens nos poderem, por um momento, paralisar os sentidos; uma pessoa assim perderá gradualmente a impressão do que viu e terminará por duvidar do seu próprio bom senso. Não é o mesmo quando é o raciocínio que fala e é sustentado por factos que ele não consegue refutar, apesar da sua inclinação.

Um homem vencido pelo raciocínio será vencido para sempre, e um homem vencido pelos sentidos recuperar-se-á facilmente do seu estado, que classificará entre os do medo, alucinação e ausência de espírito.

A QUARTA EXTÁTICA

32. Encontrando-me um dia na casa do Coronel R., vi uma senhora que havia sido magnetizada durante seis meses por esse senhor e posteriormente por diversos sonâmbulos, por causa de uma doença; ela nunca tinha caído no sono, apesar da garantia de que um dia viria a cair nele. Depois de ouvir o que tinha sido dito a meu respeito, ela implorou-me que tentasse pô-la a dormir. No decorrer de cinco minutos ela adormeceu e encontrava-se no estado de sonambulismo.

Por que razão não adormeceu até hoje?

"Só você foi capaz de me pôr a dormir, por o seu fluido comunicar muito melhor com o meu do que com as pessoas que até agora me magnetizaram."

Esta senhora, esposa de um dos melhores artistas da capital, tinha recebido uma boa educação e, embora tivesse sido curada pelo magnetismo, não conseguia acreditar por completo nos maravilhosos efeitos do sonambulismo; desejava julgar por si própria, e isso ninguém estaria melhor capacitado para conseguir, considerando os reiterados experimentos físicos que fiz com

ela. A sua especialidade centrava-se nas doenças e na transmissão de pensamentos. Eu magnetizei-a por algum tempo, e ela presentou-me numa sessão uma cena que passo a narrar.

33. *"Madame,"* disse-lhe eu, *"até agora não nos ocupamos com coisas sérias durante o seu sono; você recebeu uma boa educação, que desenvolveu em si ideias de natureza muito cética; você possui um espírito forte e permite que lhe imponham meros devaneios; vai se esforçar por entrar em comunicação com os habitantes do outro mundo?*

"Não acredito na existência deles; mas se você puder *permitir-me vê-los,* ficarei encantada."

Nesse caso, deseje de todo o coração ver o seu anjo, que eu vou pedir que ele lhe apareça.

"Aqui está ele."

Já?

"Sim."

Faça-me uma descrição dele.

"O seu semblante parece-me nobre e gracioso, embora bastante firme."

Os anjos, dizem, não são normalmente austeros; sem dúvida é um espírito malfazejo *que, como sempre, se apresenta primeiro; se ele não for um anjo de luz, ore a Deus para que desapareça.*

"Ele foi-se."

Vá lá, madame, não se trata de nenhum erro da sua imaginação; você está em condições de entrar em comunicação com os habitantes do outro mundo; contente-se em considerar com cautela para que melhor se convença dos resultados que obtivermos.

“Vi perfeitamente bem essa pessoa, cuja fisionomia sombria e austera me impressionou tanto que não tenho vontade de recomeçar o teste. Preferiria ver outra, em particular o meu pai, que já morreu há muito tempo, para me assegurar se ele ainda viva ou não; vamos deixar os anjos."

Já que você prefere ver seu pai, invoque-o.

"Ah! Aqui está outro, um anjinho - oh! Oh!"

De seguida, Madame F. entra num estado difícil de descrever; chora, pede-me que a desperte, cai para trás e bate com a cabeça

contra a parede, o peito incha de soluços; ela parece sufocar sob o peso da sua dor, e só depois de alguns minutos consigo obter uma resposta à seguinte pergunta.

Que é, então, que você vê?

"O meu filho! O meu pobre pequeno Ernest; desperte-me!"

Despertá-la por ver seu filho? O que terá de tão terrível ver o seu filho? Como é que o vê, vivo ou morto?

"Vivo; embora ele tenha morrido há catorze anos."

Mais uma razão para se alegrar por ver o seu filho de novo; que idade tinha ele quando faleceu?

"Seis meses."

Quantos anos ele aparenta ter agora?

"Cerca de três anos."

Já que ele agora haveria de ter catorze, por que ele lhe aparenta ter apenas três anos de idade? Alguém poderia pensar que ele preferiria aparecer-lhe com não mais que seis meses de idade.

"Deus assim o quer; as crianças que morrem antes de completar os três anos parecem não ultrapassar essa idade."

Como está ele vestido?

"Ele está completamente nu; tem pequenas asas.

Tem certeza que ele é seu filho? Repita a mesma invocação que você dirigiu ao anjo mau.”

"Ah! É realmente o meu filho; ele permanece, com certeza; consigo reconhecê-lo. Como ele é belo!" E ela continuou a chorar.

Você gostaria de vê-lo quando estivesse acordada, para satisfazer a sua curiosidade e vencer a sua incredulidade?

"Ah, gostava!"

Ela fica um pouco calma. Pergunto-lhe se ela ainda consegue ver o filho.

"Consigo; ele está a chamar alguém que parece não querer apresentar-se."

Você deseja ver outra pessoa?

"Sim; uma amiga que perdi há muito tempo; *mas não consigo vê-la*."

Você não deveria ter invocado essa amiga antes de obter o resultado do seu primeiro desejo, que era ver o seu pai; você deveria ter aguardado por ele.

"É a ele que o meu filho está a chamar; ele não deseja vir."

Isso deve-se, conforme lhe repito, a que você tenha um desejo maior de ver outra pessoa ao invés dela.

Ela aguarda mais alguns minutos, mas o pai não aparece. Ela pede-me que a desperte. Quando acredito que ela está completamente desperta, dirijo-lhe diversas perguntas que me provam, tal como antes, que ela não se lembra do que viu ou disse. Ela fixa os olhos num ponto à direita e brada:

"Desperte-me, então."

Eu solto-a o mais rápido possível, mas ela mantém os olhos ainda fixos na mesma direção. Eu pergunto-lhe o que ela percebe lá.

"Não sei; é um ponto escuro que me atrai a atenção na sua direção e não consigo desviar os olhos."

Olhe para mim.

Ela faz isso, e exclama:

"O que significa tudo isso, monsieur?"

Eu sei menos do que você, madame, mas você vai-mo explicar em breve.

Coloco a minha mão na região do coração dela, e ela então brada que percebe o seu filho entre as nuvens que lhe tinham atraído a atenção; e diz-me:

"É o meu primeiro filho, em quem eu pouco pensei, tendo à altura da sua morte dedicado todos os meus afetos aos seus irmãos e irmã. É bastante surpreendente que esta criança, que então estava apenas com seis meses de idade e agora estaria com catorze anos de idade, deva aparecer na sua sala: gostaria de saber o que isso significa!"

Significa o que você procurou apurar, madame, que os mortos existem tal como nós; desejou, durante o sono, ver o seu pai, mas sem dúvida que ele preferiu enviar-lhe este filho, em quem diz que já não pensava, para que não pense que, ao desejar ver o seu pai e tendo-o visto, isso seja um mero efeito da imaginação ou alucinação. Você expressou o desejo de ver esta criança ao acordar, a fim de eliminar todas as dúvidas que tinha a esse respeito; você deve dar-se por satisfeita. Você realmente viu-o?

"Vi sim, senhor."

Você realmente reconheceu-o?

"Reconheci; mas você não o viu?"

Não, senhora, não me encontrava no seu estado.

"Como tudo isto é surpreendente! É o suficiente para deixar a mente mais forte transtornada. *Seguramente que o vi*; não me atrevo a pensar nisto, neste milagre; uma criança em quem eu não pensava há tantos anos!"

Ele ainda pensa em si, madame; os que estão no céu não são se esquecem tanto quanto nós.

O efeito experimentado por esta senhora não foi o mesmo que durante o sono, ela olhou para o filho sem emoção, a matéria havia retomado o seu domínio. Ela abandonou-me invetivando contra a magia e a filosofia natural; não fiquei apegado a esta sonâmbula, por carecer de muito trabalho para obter resultados satisfatórios. Esta sessão não é desprovida de interesse e prova mais uma vez que o desejo nem sempre é o único motor das visões espirituais. Esta senhora deseja ver o seu pai, e ela vê uma pequena criatura em quem ela estava longe de pensar de momento; segue-se uma cena.

O pai parece pouco disposto a obedecer ao pedido da mãe e do filho, este último aparece com pequenas asas; tal como o filho de Françoise, ele tem cerca de três anos; como o outro, ele apresenta-se nu! Daí a conformidade da aparição. A isso se deverá atribuir que, aparecendo numa idade mais avançada, e mais difícil seria reconhecê-los, ou eles permanecem nesse estado de inocência? Veremos a seguir numa revelação do mesmo tipo. Esta senhora, creio bem, não era dotada de imaginação inventiva, uma vez que achava que nada deveria ver, e o que ela viu não buscara ver, sem conseguir obter o que desejava. Esta é uma aparição muito singular e põe todas as dúvidas de lado.

A QUINTA EXTATICA

34. Já fazia algum tempo que dedicava a minha atenção a um jovem que sofria de uma doença no peito; um dia, Madame Reviere, sua tia, que sempre estava presente nas minhas sessões, pediu-me que tentasse fazê-la adormecer: o que consegui. Depois de receber ação magnética por cerca de vinte minutos, ela estava em estado de sonambulismo e implorou-me que a não questionasse, mas a deixasse no estado feliz em que se encontrava. Mal se tinham passado alguns minutos, pude perceber que ela se encontrava em estado de êxtase, do qual a tirei quando achei necessário, sabendo que muitas vezes é perigoso prolongá-lo. Ela repreendeu-me duramente pela minha falta de paciência, dizendo que ela nunca tinha experimentado semelhante felicidade.

Onde estava você e o que é que viu? perguntei eu.

"Eu encontrava-me num campo aberto magnífico, iluminado por uma soberba luz do dia, com uma vegetação admiravelmente rica! Senti que havia abandonado o meu corpo e dirigi-me a um local onde vi lindas ovelhas a pastar e veja a surpresa que não tive quando percebi que o meu bom pai olhava por elas. Quando lhe implorei que me deixasse um pouco em sossego, estava a desejar ver o meu pai, pois ouvi você dizer que neste estado se pode ver e falar com os mortos. Tive motivos para ficar admirada ao vê-lo pastar um rebanho. Não é um sonho; se você não me tivesse interrompido, eu deveria ter falado com ele."

Recomeçaremos a experiência quando o desejar, madame. O seu pai já pastou rebanhos?

"Ah! Não; tenho a certeza de que não estava a sonhar, vi perfeitamente bem e experimentei uma felicidade que me era desconhecida. Se tivesse liberdade para abrir os olhos, deveria acreditar que não estavam fechados, tão consciente estou de estar na minha condição normal; *imploro-lhe que mos abra por mim,* por ser bastante singular que eu não consiga fazê-lo sozinha."

Quando esta senhora foi despertada, obteve uma recordação perfeita do seu êxtase, e não ficou menos surpreendida com ele do que durante o sono; ela não conseguia entender por que o seu pai lhe tinha aparecido como pastor de um rebanho. Eu disse-lhe que os extáticos que eu tinha conhecido até então me tinham assegurado que no outro mundo todos se ocupam de acordo com os seus gostos.

"Nesse caso," respondeu ela, "ele haveria de ser comerciante, porquanto nunca o vi deixar Paris e não tenho ideia de que ele tivesse qualquer gosto por atividades rurais."

Nesse mesmo dia, esta senhora contou a visão que tivera à mãe, a quem ela expressamente se dirigiu a fim de investigar se o seu pai alguma vez tinha sido pastor. A mãe respondeu que, pelo que sabia, ele nunca tivera semelhante ocupação; mas disse-lhe que se lembrava perfeitamente de o ter ouvido dizer que, muito jovem, ele tivera um tio no campo em casa de quem ele costumava passar algum tempo e que se deleitava em fazer o papel de pequeno pastor; que ele até havia dito a ela que nunca tinha sido tão feliz como naquela época, em meio ao seu pequeno rebanho.

A surpresa, como se pode supor, foi grande para ambas as partes; mas para mim essa revelação foi útil, na medida em que me provou que o que Swedenborg disse (eu tinha-o estudado após adquirir, por mim próprio, provas de uma existência espiritual) era acertado nesse aspeto. Bruno costumava dizer-me:

"Está decidido que você virá a acreditar nestes mistérios! Você vai chegar a acreditar neles porque, por respeito para consigo serão empregues meios que não deixarão espaço para dúvidas. Você terá provas!"

Ele não se enganou; há dez anos que coleto factos deste tipo. Tendo-se esta senhora afastado, consegui dela apenas uma sessão.

A SEXTA EXTÁTICA

35. Chegamos aqui à nossa melhor e mais potente extática; aquela cuja luz nos abriu os olhos; aquela que não recusa nenhum experimento espiritual. Teologia, metafísica, psicologia - ela responde a tudo sem se deixar tingir em nenhum sentido pelo orgulho nem pelo erro. Caso o materialista não obtenha dela as provas que deseja, não pode acusá-la de enredar a questão, nem de má-fé. Há diversos anos que no seu sono magnético ela convive com os seres do outro mundo; dando-lhe apenas o nome Cristão e o sobrenome das pessoas falecidas, não importa em que

período desejamos que ela as perceba ou consulte, ela os verá e conversará à vontade com eles. Até agora, ela nunca falhou num experimento, e haveremos de ficar surpreendidos com a sua clarividência e os detalhes exatos que ela fornece de pessoas que partiram desta vida.

Adèle Magnot, que conheci há muito tempo, é sonâmbula de nascença. Na sua infância, ela padecera gravemente de ataques de sonambulismo, que a obrigavam a levantar-se durante a noite para acabar ou prosseguir os seus trabalhos diurnos. Aconselhei-a a deixar-se magnetizar, a fim de tratar ou, pelo menos, desviar o curso dos acessos de sonambulismo que sofria; ela consentiu e, desde então, o seu sono não voltou a ser perturbado. Desde a primeira sessão ela mostrou ser sonâmbula, e a sua primeira especialidade centrou-se nas doenças.

Ela possui, a esse respeito, uma clarividência equivalente àquela que ela tem para visões espirituais, e pelas quais, pela disposição caridosa que possui, ela sentia mais gosto. Jamais se deixou orientar por qualquer opinião interesseira; ela dá e não recebe. Eu mantive um diário dedicado a tudo o que ela pode dizer-me ou fazer durante o seu transe, e agora vou reunir a partir dele tudo o que tem relação com o Espiritualismo. Reivindico de novo a indulgência do leitor para com uma obra que se mostra acima de meu conhecimento e forças; que ninguém veja em mim, como disse no início, qualquer outra forma de orgulho, exceto a de inaugurar ou fortalecer, em todos os que me leem, uma crença que constitui toda a minha felicidade. É uma dívida que tenho para com a humanidade e que gostaria de saldar da melhor maneira possível.

36. Adèle possui todas as qualidades desejáveis no sonambulismo; ela fica inteiramente isolada, inteiramente independente do magnetizador, dorme durante o tempo desejado e não tem qualquer recordação ao despertar.

O que é magnetismo?

“É uma influência dos nervos que transmite o bem maior para onde quer que seja dirigida, principalmente se formos animados pelo amor de Deus e pelo que for bom."

E espiritualmente?

"É a quintessência do que existe de mais puro no homem; é uma influência divina, a própria pureza de Deus."

37. *O que é que gera em si essa surpresa?*

"É a minha sobrinha."

Quem é essa sobrinha?

"A filha pequena da minha irmã que faleceu há dois anos."

Quantos anos ela tinha então?

"Doze anos de idade."

Faça-me uma descrição da pessoa dela.

"Ela é mais alta do que era na terra; a sua tez é de uma alvura deslumbrante; ela vem vestida de branco."

Pergunte onde ela habita.

"No céu."

Ela sente-se feliz lá?

"Sim."

O que é que ela faz lá?

“Ela diverte-se, passeia e está rodeada pela minha numerosa família, que com frequência fala de mim: a minha mãe, o meu pai e os meus irmãos ficariam encantados se eu pudesse juntar-me a eles em breve."

Nesse caso, os mortos recordam a sua existência terrena?

"Ninguém está morto no céu; todos estão vivos, mais vivos do que nós estamos; eles lembram-se dos parentes que deixaram na terra e oram a Deus por eles."

Nós recordamos os detalhes da nossa vida passada ou apenas nos lembramos dos nossos parentes?

"Não recordamos os detalhes que dizem respeito ao mal, nem à paixões terrenas que lhe dizem respeito; tudo é esquecido a esse respeito."

Todos são felizes no céu?

"Com efeito; não temos noção de tamanha felicidade na terra! Vivemos lá numa atmosfera tão amena - nem muito quente nem muito fria. Como poderemos recear deixar esta terra?! A minha sobrinha recomenda que ore se eu quiser ir para o céu ter com ela: foi por isso que ela veio até mim ontem à noite num momento em que eu me encontrava num estado semelhante àquele em que estou agora, e me exortou a ir buscar um pequeno terço que ela usara ao pescoço antes da sua morte, e a orar a Deus com ela. Fiz

isso, embora estivesse escondido na minha cómoda. Ela alega que foi a oração que me proporcionou uma entrada mais rápida neste estado, e a felicidade de nos vermos novamente. A minha surpresa foi grande quando pela manhã encontrei esse terço na minha cama. Gostaria de lembrar esta particularidade, a fim de remover a inquietação que me provocou."

Você sabia, então, perfeitamente bem como encontrá-lo, apesar da escuridão?

"No estado em que eu estava, não havia escuridão para mim."

É preciso, então, entrar nesse estado, para ver e falar com os Espíritos?

"É; sem isso é impossível vê-los."

Apesar disso, não os terão, certas pessoas, uma vez despertas, visto?

"Poderão ter parecido despertas, mas estavam, embora em comunicação com os dois mundos, num estado que não é normal."

Foi realmente a mão dela que você pareceu fechar entre as suas?

"Ah, é verdade! Eu sinto-a melhor do que a sua, enquanto ela a pressiona com afeto."

Pergunte à sua sobrinha se é verdade que todos nós temos dois anjos ao nosso lado.

"Não, temos apenas um; o outro não é um anjo; é um espírito malfazejo."

Você consegue ver o seu anjo?

"Não; ela diz-me que está perto do meu ombro direito, mas não vejo nada."

38. *Você acha que logo irá ver a sua mãe?*

"Não sei; mas aqui está a minha pequena sobrinha; ela diz-me que preciso orar; para a ouvir, nada devemos fazer a não ser orar; entretanto, não podemos estar continuamente em oração."

Talvez você não ore com frequência suficiente.

"Eu oro como todo mundo, de manhã e à noite."

Quando ela fala consigo, ela mostra um ar infantil ou racional?

"Ela parece tão divertida como quando estava na Terra, está sempre a querer sair e ri muito das minhas perguntas e ignorância! Então, você não a ouve rir?"

Você sabe que não me encontro no seu estado.

"É verdade; deixemo-la ir, já que ela não vai responder às minhas perguntas."

Você parece muito sem papas na língua com essa pequena jovem, que parece tão feliz por a ver; isso não está certo!

39. Louise, sobrinha de Adèle, aparece apressada para lhe dizer que o seu irmão está prestes a aparece-lhe.

"Ah, aqui está ele! É o meu irmão Alphonse, que morreu em África."

Quando?

"Há quatro anos atrás."

Em que dia?

"Eu não sei."

Pergunte-lhe.

"11 de Agosto."

Como vem ele vestido?

"Com uniforme com dragonas."

Esse é o vestuário que enverga no céu?

"Não; é o da companhia em que ele serviu antes da sua morte, além de ser o traje em que que o vi na terra."

Por que vem ele vestido assim?

"Os espíritos precisam certamente aparecer com os trajes e condições em que foram conhecidos na terra, caso contrário, não seríamos capazes de os reconhecer."

Já que você não o invocou, quem foi que lhe disse para a vir ver?

"A minha pequena sobrinha."

Ela está com ele neste momento?

"Está, mas que linda que ela é! Os seus finos cabelos negros caem-lhe em cachos sobre os ombros, como no dia da sua primeira comunhão."

E Alphonse, ele parece-lhe bonito?

"Ah! É verdade. A testa dele, que no entanto era muito escura, parece-me branca como a neve; ele diz-me que não demorará muito para que eu veja a minha mãe, o meu pai e o meu

cunhado. No entanto, não tenho qualquer desejo de ver esse último; ele foi muito perverso na terra."

Se no céu não existe maldade, você não deve pensar no passado.

"Eu não vou vê-lo!"

Adèle estende o braço para deter a sobrinha, que acabou de a deixar, apesar dos seus esforços; é surpreendente ver a imitação, o aparente entendimento mútuo, a contrariedade; não se pode duvidar da realidade das cenas em que a imaginação, como poderemos acreditar, nem sempre é mais forte, pois nada parece responder aos caprichos do clarividente.

40. Louise, fiel à promessa que fizera a Adèle na última sessão, anuncia-lhe a presença do seu segundo irmão.

Que irmão é esse?

"É Jean Marie, que também morreu na África, há três anos."

Adèle contempla com deleite esses três membros da sua família; o último dos quais enverga igualmente um uniforme com dragonas; ela fala muito tempo com eles, como nas sessões anteriores, mas não me dá a conhecer o assunto da conversa que mantém.

O que é que os seus irmãos fazem no céu?

"Eles divertem-se, passeiam."

Porém, não podemos divertir-nos nem passear uma eternidade inteira sem um objetivo, não?

"Ah! Eles tocam música, estudam as ciências; eles ocupam-se melhor e com mais prazer do que nós."

41. "Aqui estão eles."

Eles parecem-lhe felizes por a verem?

"Com efeito."

Está a sua sobrinha com eles?

"Não."

Eles estão felizes por terem falecido?

"Quem não ficaria? Eles estão tão felizes. Vou ver a minha mãe, dizem-me eles."

Adèle aguarda um momento e, de repente, estende os braços e parece abraçar a mãe; o coração dela bate com violência, a sua fisionomia é expressiva, ela mostra-se muito alegre e verte lágrimas.

A sua mãe parece tão feliz em vê-la quanto você a ela?

"Ah, sim."

O que faz ela no céu?

"Ela está com o meu pai, os meus irmãos, enfim, com toda a minha família; ela está muito preocupada comigo, mas ao mesmo tempo muito feliz. Ela lê e adora ouvir os meus irmãos tocar."

Com que então, existem livros no céu?

"Eu imploro-lhe que creia que existem, e não romances como na terra."

Do que tratam eles?

"Dos mistérios de Deus e da ciência; mas eles não são escritos como na terra, conforme me diz a minha mãe. Como eu gostaria de estar com eles. Deixe-me ir, eu logo estarei no céu."

É uma ideia muito copiosa, a sua; e que deverei fazer com o seu corpo?

"Enterre-o ou faça o que quiser com ele."

E que deverei dizer à justiça?

"Que eu me fui embora."

Adèle faz alguns esforços por atingir o mais elevado grau de êxtase. Eu desperto-a.

42. *Você não foi muito sensata no seu último sono, seria um suicídio que você teria cometido, e você sabe que isso é muito errado!*

"É verdade, mas uma vez cometido, é deveremos forçosamente entrar, como o resto."

Qual é o castigo que Deus reserva para o suicídio?

“O que ele inflige a todos os que praticam o mal, consiste numa reprimenda pública; depois disso, Deus impossibilita-lhes a prática do mal, remetendo-os para um lugar separado."

Que tipo de lugar é esse? Será o inferno de que falam os homens?

"Não existe um inferno conforme é representado na terra; existem lugares de purificação, que são chamados de lugares de punição, por a pessoa aí se ver privada da visão de Deus e da sua luz divina; mas aqueles que lá se encontram são felizes."

E todos os grandes criminosos, onde se encontram?

“Em lugares semelhantes, reunidos em sociedades; mas, como Deus é tão bom, ele providencia para todos, evita o mal e restabelece o bem no coração de todos."

Com que então vivemos em sociedades no céu.

"Procuramos uns aos outros e reunimo-nos de acordo com os nossos gostos."

Por vezes não ocorrerá alguma perturbação nessas sociedades?

“Não, porque os pensamentos de cada um acham-se a nu; consequentemente, ninguém pode ser enganado. O criminoso, o homem apaixonado, o homem virtuoso e bom, não podem dar a parecer mais do que os demais aquilo que não são, nem encobrir os pensamentos como na terra; é uma espécie de selo gravado no nosso íntimo, que não pode ser eliminado.”

Nesse caso, devemos lembrar-nos de tudo o que fizemos na terra, não?

"Não; pela simples razão de não darmos valor a isso, tudo isso é esquecido; não nos ocupamos mais dessas coisas; apenas estudamos os pensamentos, os afetos presentes e necessários à felicidade comum; apiedamo-nos dos que o estão ainda na terra, oramos a Deus por eles, e alegramo-nos quando eles se juntam a nós; para eles é um período de provação, a que cada qual deve se deve submeter por seu turno."

Encontramo-nos de novo entre amigos?

"Sim; mas, se os afetos divergirem, separamo-nos, cada um para desfrutar à parte o que é agradável para si."

Lá recebemos instrução como na terra, suponho, já que nem todo mundo é instruído ao entrar no céu, seja criança ou velho.

"Lá a instrução não é a mesma que na terra, porque, à nossa chegada, o nosso espírito compreende imediatamente tudo o que deseja saber; falamos lá apenas uma língua, que é a do pensamento; todos, desde a criança ao velho, podem falar e compreendê-la desde a sua entrada; da mesma maneira, todos são capazes de ler. É apenas em função das ciências superiores, do conhecimento das leis do mundo espiritual e dos mistérios de Deus, que existem instrutores, que se assemelham mais a amigos do que a mestres, e em pouco tempo aprendemos o que desejamos conhecer."

Quem lhe conta essas coisas?

"A minha mãe, que faz com que entenda que quero aprender muito num só dia."

Pergunte à sua mãe se vemos Deus no céu.

"Vemos."

Em que forma?

"Na de um sol, tão deslumbrante que não podemos fixar a vista nele; ninguém faz ideia do esplendor que tem."

As respostas desta sessão são tanto mais surpreendentes por Adèle, no estado de vigília em que se encontra não ter conhecimento da minha maneira de pensar sobre coisas espirituais, que não concorda exatamente com o que ela me diz durante o sono. Não posso, pois, influenciá-la a esse respeito; ela não possui a especialidade da transmissão do pensamento, e isso deveria afastar a ideia, que se poderia ter, de ela me ler o pensamento.

Eu estudei-a o suficiente para esse efeito em circunstâncias em que ela tinha um grande interesse em fazê-lo, mas nunca fui capaz de conseguir levá-la a compreender uma única ideia. Tenho mantido igualmente a maior reserva, ao nunca revelar o que meus sonâmbulos me dizem durante o sono. Como é que ela consegue concordar tão bem com Bruno e outros que o precederam, e em especial com todas as questões reiteradas que dirigirei, aos poucos, a vários personagens falecidos? - questões que estão muito além da inteligência comum da Adèle.

43. "Aqui está a minha mãe" (a mesma emoção de sempre).

Ela anuncia-me a chegada do pai dela.

"Aqui está ele!"

Adèle abre os braços, como fez na primeira visita da sua mãe; a sua agitação e alegria não são menores; ela une as mãos e humildemente inclina a cabeça para receber a bênção do pai; de seguida fala de assuntos familiares; os seus irmãos acham-se presentes. O que mais me surpreende é que ela só conseguia ver todos os seus parentes por intervalos de tempo - mais ou menos longos; se fosse apenas fruto da sua imaginação, ela poderia tê-los visto na mesma sessão, ou na seguinte, pelo menos; mas a sua chegada foi anunciada pela sua sobrinha, ou pelos seus irmãos, em períodos fixos.

44. *Poderá a sua mãe responder-me a algumas perguntas?*

"Pode; de acordo com a natureza delas."

Ela poderá dizer-me que tipo de sensações experimentamos ao morrer?

"Experimentamos uma sensação dolorosa, pois o interno não abandona o corpo externo sem sofrimento; mas mal se desprende e não pensa mais nele, mas descobre possuir uma leveza inconcebível; ascende imediatamente ao céu, onde se reúne à sua família. Tudo isso acontece em tão pouco tempo que ela não sabe como poderia realizar-se."

De que forma a alma deixa o corpo?

"Na forma do corpo."

É composto, à semelhança do corpo, de todos os seus órgãos externos e internos, tal como braços, pernas, coração, pulmões e todas as outras vísceras?

"A alma é em tudo semelhante ao corpo; não se pode estar mais certo disso, pois vemos todos esses órgãos internos como o funcionamento de um relógio sob uma lupa."

Mas como é que tal corpo consegue penetrar na matéria sem obstáculos e de modo despercebido?

"Como os meus parentes, que são quatro, aqui presentes, são invisíveis a seus olhos; não há obstáculos para o espírito."

É mesmo a sua mãe quem ainda lhe responde?

"É; e o meu pai e os meus irmãos aplaudem."

Já que acabei de perguntar-lhe alguns detalhes sobre a nossa saída do mundo, eu desejaria obter outras respostas quanto à nossa entrada nele.

Adèle parece embaraçada; a modéstia aparentemente leva-a evitar as minhas perguntas. Eu tranquilizo-a quanto às minhas intenções, dizendo-lhe que só procuro instrução.

"Deus cria, o homem semeia e a mulher desempenha o papel de galinha – choca. Deus faz o resto."

O germe tem alguma forma?

"Tem a forma humana."

A mulher então não representa nada nessa criação?

“A mulher gera; fornece os sucos necessários ao corpo material – é tudo. A minha mãe está a afastar-se."

45. *Estarão todos os seus parentes consigo?*

"Há quatro deles presentes."

Você espera outros?

"Espero a minha irmã, que também faleceu e que eu ainda não vi. Ah! Aqui está ela! Mas que linda! Deus do céu! Como melhoramos o aspeto depois da morte!"

Como vem ela vestida?

"Com o vestido de noivado; morreu na véspera do dia marcado para o casamento; vem de branco; tem o cabelo penteado para trás: também vem descalça, como a minha sobrinha. Que engraçado."

Pergunte-lhes por que eles não trazem calçado?

"A minha mãe responde que onde eles estão não há pedras."

Sobre o que, então, estão assentes?

"Sobre um belo relvado verde."

O que têm eles ao seu redor?

"Um vasto e belo horizonte azul."

Que tipo de luz ilumina esse horizonte?

"Uma luz muito pura, que posso comparar à de um belo dia de verão."

Certa vez, disse-me que, para se ter a perceção dos corpos espirituais, é-nos necessário entrar no estado requerido para esse fim. Acontece o mesmo com eles, ou eles veem os nossos corpos materiais?

"Os espíritos veem apenas os nossos corpos espirituais; mas assim que desejarmos ver um parente falecido, ele está imediatamente connosco. Se pudermos entrar neste estado em que me encontro, nós vemo-lo; se não, não será ele quem está em falta, mas nós que não conseguimos vê-lo."

Parece-lhe que o seu pai tenha um aspeto como teve na terra, mais velho que o do seu irmão?

"Parece, e isso devia poder conceber facilmente, sendo absolutamente necessário que os mortos nos apareçam tal como foram na terra, para serem reconhecidos; mas essa não é a sua verdadeira fisionomia celestial. Lá, todos eles parecem ter a mesma idade, salvo os que morrem na infância: nesse caso, continuam a crescer, e tornam-se como os outros, com respeito à uniformidade na idade estampada na sua fisionomia. Embora todos pareçam ter a mesma idade, cada um preserva o seu aspeto

individual, além da beleza que é comum a todos e que ultrapassa tudo o que a imaginação pode conceber na terra."

Qual parece ser a idade geral deles?

“Trinta a quarenta; mas essa idade seria considerada por nós como cerca de vinte."

Os negros, suponho, são de um preto bonito lá, não?

"As almas dos negros são tão alvas quanto as nossas; é apenas na pele que diferem de nós; mas no céu todos são brancos."

Já que nos encontramos de novo em famílias, sem dúvida o marido reencontra a sua esposa?

"Sim, mas eles não vivem como na terra, no nosso amor impuro; eles vivem como irmão e irmã."

O quê! não há amor no céu?

"Há um amor desconhecido na terra e incompreensível para aqueles que se encontram na terra; pode ser comparado a uma amizade casta e pura."

Todos os seres se reúnem aos pares, lá?

"Sim."

Mas existem seres que se deleitam no isolamento e que nunca conheceram o amor na terra; eles não terão amado ninguém?

"Não existe quem não tenha amado alguém na terra, ou sentido a necessidade de amar; esse desejo sempre existiu mas, talvez, não haja quem possa não ter dito a si próprio: 'Eu deveria ter amado de todo o coração tal mulher, ou tal homem.' Essa união de dois seres é a base de toda felicidade."

Estou ciente disso; mas parece-me que subsiste uma dificuldade: muitos seres não amaram porque não puderam amar conjuntamente a mesma pessoa e, daí surgem as rivalidades que tantos problemas provocam.

“Isso não acontece no céu. Analise o amor terreno, que consiste na paixão da posse, e você verá que é para se possuir a mesma mulher para si que surge a rivalidade: no céu é o contrário; nós amamos não pela felicidade de possuir, mas pela de amar."

Você, todavia, disse-me que no céu existimos aos pares, uma prova que possuímos lá, tal como na terra, o objeto das nossas afeições. Assim, mais uma vez, o que é que acontece no caso de

uma mulher que tenha tido dois ou três maridos? Acho que você irá ficar perplexa para me dar uma resposta.

"De maneira nenhuma; todo ser é criado de forma dual e, mais cedo ou mais tarde, une-se à sua cara-metade; porém, no mundo dos espíritos, de que agora falamos, não conhecemos o amor terreno, nem a falta de união com o objeto do nosso afeto. Assim, não sonhamos ali como na terra com a posse do ser que muitas vezes permanece durante muito tempo desconhecido para nós; e assim, mais uma vez, amamos aqueles que nos rodeiam como irmãos e irmãs."

Você disse-me que o seu irmão estava unido aí com a noiva dele, não?

"Sim, por ela ser a sua cara-metade; mas nem todos se encontram imediatamente com a sua, e tal união em nada se assemelha ao nosso amor terreno. Uma mulher pode ser amada por uma dezena de homens, uma vez que nenhum deseja possuí-la apenas para si. Você percebe, por conseguinte, que não pode compreender tais mistérios."

Compreendo perfeitamente que a ideia de posse, no amor, como em tudo o mais, seja o fundamento de todos os problemas terrenos; mas se a essa afeição por vezes é deslocada, ainda assim ela proporciona ao homem e à mulher uma felicidade que não me parece fácil de substituir por outra, não?

"Não é dito que seja substituída, pois, antes pelo contrário, já lhe disse que no céu todos os seres, sem distinção, se completam; mas, respondendo à sua pergunta sobre a mulher que teve vários maridos. No céu, ela pode amá-los todos de uma vez, como uma mãe ama todos os seus filhos, e pode ser amada por todos eles, como essa mãe é amada por todos os seus filhos. Se toda essa centena que a ama desejasse estar constantemente na sua presença, e desfrutar do prazer de sua conversa, todos podiam fazê-lo, sem ciúme, uma vez que possuímos tudo o que podemos desejar possuir. Isso, com relação ao céu dos espíritos. Mas no céu superior, onde a reunião, a junção, de corpos é definitivamente efetuada, cada um se acha impregnado de um amor santo pelo seu parceiro, a quem ninguém pode invejar ou disputar convosco, cada qual tendo o seu, de quem ele não poderia desviar o mínimo afeto."

46. *Você disse-me na última sessão que os espíritos podiam passar sem dificuldade por todos os corpos; isso induziria a crença de que a sua substância é formada apenas por um composto de ar. Esses espíritos podem assumir alguma outra forma além da humana?*

"Sim, seja qual for a forma que desejem, especialmente os espíritos do mal, que se deleitam com todos os tipos de disfarces."

Isso levar-me-ia a acreditar nos espíritos maliciosos que provocam essas aparições, que tão diligentemente circulam pelo país.

"É uma realidade; eles deleitam-se apenas com problemas desse tipo."

Você acredita que esses espíritos tenham força para revirar móveis e mil outras coisas, como as que se dizem? Não posso conceder tal poder ao ar, um fluido leve não pode perturbar um pesado.

"Você não acredita! No entanto, é esse fluido leve, como você diz, que dá movimento ao seu corpo e pode igualmente, transportando-o de um lugar para outro, carregá-lo com uma carga pesada, sem que você saiba que só o espírito possui a força para mover essa matéria, embora acorrentado como está pelas suas amarras. Por que lhe deveria você recusar uma dupla ou tripla força quando está liberta dessas amarras? Saiba que o espírito pode suportar as cargas mais pesadas, ou esse leve fluido como você acredita que seja, e pode efetuar coisas das quais você não tem conceção."

Eu outorgava-lhe este poder dentro de nós por o fornecermos de órgãos e fluidos com que operem, mas não acho que fora da matéria ele tenha qualquer poder sobre ela."

"É como acabei de lhe dizer; você não consegue conceber que possua os mesmos órgãos, que seja nele que está a vida, a força, a ação, o factor motriz da matéria; e aquilo que moveu a matéria por um minuto pode igualmente movê-la por uma eternidade."

Poderão esses espíritos, como se afirma, cumprir as suas ordens de lhe obedecer?

"Eles não desejam nada melhor; eles obedecem-lhe por alguns instantes a fim de o atrair para a sociedade deles e se tornar, posteriormente, escravos deles."

O que quer você dizer com isso? - eles têm um líder, então?

"Não, são todos livres e independentes; mas vocês tornam-se escravos deles, tal como o jogador é escravo dos lugares que frequenta, das paixões, das consequências às quais se submete; eles ajudaram-no a fazer o mal, depois da sua morte você ajuda-os fazendo o que você gostou de vê-los fazer por si."

Muitas pessoas duvidam do que você aqui me diz, porque procuraram entrar em comunicação com elas e não tiveram sucesso.

"Isso pode ser explicado da seguinte forma: em primeiro lugar, o bom anjo delas desviou-os de tal curso; em segundo lugar, se você atrair um espírito fora do contexto da massa, como faria com um soldado fora do contexto de um exército, ninguém irá responder apenas em seu nome; precisamos, pois saber, a quem nos dirigimos; fazê-lo de forma adequada, e não formular o pedido enquanto receamos a sua execução. Façamos uma interrupção nesta conversa; não gosto dela."

Você pode-me dizer o nome do meu anjo?

"Gabriel."

E o nome do seu?

"Raphael."

Existem, então, muitos anjos chamados Gabriel?

"Não há escassez deles – é uma sociedade."

Poderá um anjo transmitir mensagens e fazer aparecer objetos, como disseram algumas pessoas religiosas e magnetizadores?

"Sim, mas isso acontece muito raramente; só pode ser conseguido por uma proteção bastante especial de Deus. A minha mãe diz-me que desejo saber muita coisa."

Diga-lhe que é para se instruir e evitar que os seus irmãos riam da sua ignorância. A sua mãe poderia ser enganada?

"Não."

E sua sobrinha?

"Essa pode, por ser muito jovem e imprudente; sem dúvida ela foi proibida de falar comigo, já que ela está muito mais sossegada agora."

47. A mãe de Adèle não compareceu por diversas sessões, mas nesta ela apareceu e queixou-se à filha da incredulidade que eu manifestava na sua presença, dizendo-lhe que da última vez levara as minhas dúvidas a ponto de tentar agarrá-la com a minha mão; que se eu alguma vez recomendasse tal experimento ela não me viria visitar mais; que eu devia ter tanta confiança nela quanto ela tinha em mim; e que, além disso, eu jamais conseguiria agarrar nem tocar num espírito.

Adèle ficou bastante surpreendida com esta sessão. Desejo assegurar-lhe o contrário, mas ela crê na mãe me vez de mim. É bastante verdade que estendi o braço de maneira mecânica na direção onde supunha que a mãe da Adèle estivesse, sem por um momento sequer considerar que não podia sentir um corpo espiritual; mas essa experiência insensata da minha parte apresentou-me uma solução que eu estava longe de esperar, porquanto me garantiu que nenhum outro ser, exceto a mãe de Adèle, pudesse ter tido conhecimento dos meus presentes pensamentos.

Adèle, conforme observei, não tem essa especialidade; se a possuísse, ter-me-ia levado a entender imediatamente que eu estava a cometer uma tolice; tal como não tem a capacidade de ver corpos ou objetos presentes, ela vê apenas o interior das pessoas enfermas. Ela não poderia ter tido consciência desse incidente e, se o tivesse adivinhado, teria sido incapaz de dissimular a tal ponto comigo. Veremos, aos poucos, que ela é digna de toda a confiança; um único facto dessa natureza comprovado pode admitir uma centena.

Esta sessão viria a revelar-se prenhe de bons resultados: a mãe de Adèle predisse que uma das suas filhas, irmã de Adèle, se casaria dentro de pouco tempo, que ela não seria a primeira a informá-la dessa mudança de condição, mas que o irmão dela, que estava no campo, lhe daria a notícia. Ela também lhe disse o nome da pessoa com quem a sua irmã se iria casar, embora ele fosse um desconhecido para ela e Adèle. O pai dela informa-a, ao mesmo tempo, que dentro de pouco tempo ela irá receber a notícia de que

uma outra das suas irmãs estava para dar à luz uma menina. A previsão foi realizada, ponto por ponto, dois anos depois, e a comunicação revelou-se perfeitamente acertada. Aqui, pois, estão três factos que emanam de comunicações autênticas, e de nenhuma outra combinação.

48. Adèle exclama:

"Ah, aqui está um anjinho lindo! Que belo, e que maravilhoso!"

Quem é?

"O meu pequeno afilhado, que morreu nos meus braços quando tinha apenas quinze dias."

"Isso foi há três anos."

Eu tinha magnetizado Bruno no mesmo dia que a Adèle, e ele também viu esse anjinho. Ele afirmou que tem asas; Adèle diz o contrário. Após a contemplação de um momento, ela parece sentir receio.

O que foi que a deixou com medo?

“O meu cunhado, que veio ver-me e me quer levar pela mão. Eu podia muito bem dispensar a sua visita. Disse aos meus pais que não queria vê-lo. Por que virá ele? Não vou permitir que ele me toque; faça com que se vá.”

Adèle afasta-se num acesso de mau humor deste homem, que lhe aparece encontrar-se à sua esquerda; enquanto que, ao contrário, todos os bons espíritos normalmente aparecem à direita. Observei-lhe que isso é muito errado e injusto da parte dela; que ela não deveria, no estado em que se encontra, nutrir rancor para com ninguém.

Desejo que ela dê a mão ao cunhado. Ela recusa-se obstinadamente, dizendo que ele se encontra numa posição bastante adequada aos seus propósitos maliciosos; que ele havia feito a vida da sua irmã num inferno; que ele ainda fazia tudo o que podia para lhe inspirar pensamentos desagradáveis, mas que, quando ele passasse para o lado bom, ela lhe perdoaria. Sou obrigado a expulsar o fulano. Não se pode tomar esta aparição como um produto da imaginação, já que ela de forma alguma a desejou e ficou terrivelmente surpreendida e irritada com ela. Nunca antes a tinha visto tão rígida e obstinada como com este homem.

49. Segunda aparição do pequeno afilhado de Adèle. Ela parece sentir o maior interesse por este pequenino ser; e quando ela o vê partir, teve a impressão de que ele ia cair. Ela seguiu-o e entrou inteiramente em êxtase, do qual não me foi fácil retirá-la. Ela expressou descontentamento com as tentativas que eu fiz, dizendo-me como antes:

"Por que me força a voltar a este mundo de angústia e miséria? Fiquei tão feliz em acompanhar este pequenino ser, que tem, aliás, lindas asinhas brancas, como o Sr. Bruno descreveu. Fui eu quem me enganei quanto a isso."

Até onde foi?

"Ascendi a uma grande altura, depois passei por uma imensa abóbada no final da qual via belos jardins, contendo tudo o que é notável pela sua frescura e elegância. Muitas pessoas passeavam pelas vielas, umas a ler, outras tocar música - todas pareciam muito felizes. A harmonia que reinava entre elas parecia tão perfeita, que só se podia desejar ficar com elas. Vi lá o meu pai, a minha mãe, toda a minha família. Eu queria ficar, mas a minha mãe e a vontade que você manifestou obrigaram-me a descer de novo."

Como estava vestida toda essa gente?

"Com uma espécie de manto de gaze, de todas as cores. A fisionomia delas era inteiramente diferente; mas reconheci completamente os meus parentes, embora se eles nos aparecessem assim vestidos seria mais difícil reconhecê-los. Deus fez bem em que seja ao contrário."

Como se poderá distinguir os homens das mulheres?

"Pela sua forma, porquanto as suas leves vestes não são marca de distinção. Se as paixões fossem as mesmas no céu que na terra, teríamos vergonha de nos ver assim. Nenhuma atenção é dada a tais coisas."

Bruno já me tinha dito a mesma coisa; entretanto, esse traje é bastante indecente.

"Sim, para nós aqui em baixo, onde existe o amor, com o seu império de impureza; mas lá tais pensamentos não são entretidos."

50. "Aqui está Rosine, a companheira do meu irmão Alphonse, uma das minhas velhas amigas, que lhe fora prometida,

como eu lhe disse, antes de ele partir para a África; ela morreu quatro anos depois dele."

Pergunte-lhe se ela está disposta a responder a algumas perguntas que eu gostaria de lhe fazer."

"Sim."

Já que você me disse que ela está unida ao seu prometido no céu, ela poderia dizer-lhe como foi realizado esse reencontro, que é agora uma união efetiva? Houve alguma cerimónia para esse fim?

"Céus! Não. Alphonse aguardou Rosine, porque sabia que o seu fim se aproximava. Assim que ela entrou, eles reuniram-se sem qualquer cerimónia - sem exigir a aprovação ou consentimento de terceiros; eles reuniram-se como amigos, e não como amantes, já que ela também diz que não há amor no céu. Eles são como irmão e irmã, perfeitamente de acordo, já que não pode ser de outra forma."

Eles dormem juntos?

"No céu não vamos para a cama; não há noite como na terra; apenas repousamos quando o desejamos, pois não é o cansaço que nos obriga a fazê-lo."

Rosine repousa ao lado do seu amigo?

"Certamente."

Sobre o quê?

"Um divã, almofadas, o que ela quiser."

Eles estão sempre juntos?

"Não, ela vai visitá-lo, e ele a ela."

Eles têm um quarto para dois?

"Não, eles vivem em famílias e em sociedades."

Com que então não existem aposentos em que possamos meditar separados?"

“Positivamente falando, não há casas como na terra, mas divisões em seu lugar, que cada qual pode ocupar de acordo com o seu gosto; mas nada na terra se lhes compara em beleza e magnificência.”

Podemos, então, meditar ou exercitar hábitos que nos sejam agradáveis por um tempo infinito?

"Sim, podemos ler um livro, uma página, uma frase, por tempo interminável, visto que não existe tempo no céu, e menos

ainda, com relação a qualquer coisa que nos seja agradável; encontramos incessantemente o mesmo prazer, a mesma alegria na ideia que nos deleita. O meu cunhado está exasperado com o rancor que sinto por ele; mas ele compensou-se dele ontem à noite, ao me sugerir sonhos maus. Eu sonhei que estava a cortar a garganta da filha dele, minha sobrinha, que está no céu e me vem ver habitualmente; ocultei-a assim assassinada debaixo da minha cama. Santo Deus, como sofri!"

Foi uma mera divagação da imaginação; um espírito não pode influenciar-nos assim; se fosse esse o caso, seríamos escravos, cem vezes pior do que os brutos.

"Porém, é assim, não em todos os sonhos, mas em alguns os espíritos preferem o momento em que o corpo fica em repouso, sem qualquer defesa, e quando a alma fica menos vigilante com respeito a ele, procurando aproveitar-se do facto do corpo estar a dormir para se entregar a pesquisas, experimentos, viagens, etc. Então é que os espíritos malfazejos nos atormentam, e só nos podemos livrar da sua presença invocando o nome de Deus que os expulsa imediatamente. O que lhe digo é uma verdade de que deveria rir no meu estado de vigília, mas que agora aprecio no seu devido valor. Foi o meu cunhado que me representou aquelas imagens horríveis."

Mas o anjo bom que temos ao nosso lado, não nos pode proteger em tais circunstâncias?

"Nem sempre; a nossa alma necessita dos seus conselhos para uma infinidade de outras ações, das quais não tem lembrança; pois o espírito não dorme, e nosso anjo nem sempre pode impedir à noite, mais do que durante o dia, o poder de espíritos malfazejos."

Chegamos agora, sem o menor desejo, às persuasões do Sr. Berbiguer, mais os seus espantalhos. Achei conveniente transcrever esta sessão inteira, para que cada um possa avaliá-la como bem entender. Como um dos objetivos deste trabalho é levar todos os magnetizadores a fazer pesquisas semelhantes sobre as leis espirituais, não tenho dúvidas de que se verá que muitos irão encontrar resultados semelhantes.

Em tudo o que me foi dito até agora, é impossível perceber qualquer coisa além de meras organizações doentias ou

sonhadoras; mas há muita afinidade entre elas para não admitir pelo menos uma indisposição mental, cujos sintomas deveriam ser exatamente os mesmos em cada indivíduo; mas como admitir tal conexão de ideias, sem daí concluir que seja o próprio magnetizador quem as insinua?

Nesse caso, responderei: Faça como eu e saberá o que pensar a respeito. Continue a leitura atenta deste trabalho até o fim, e você verá que um magnetizador não é um deus; que as suas propriedades devem estar limitadas à crença e ao conhecimento que tiver; mas que ele é incapaz de influenciar aquilo que não conhece, aquilo em que não acredita, e se não encontrarem a solução que buscam, não digam que os meus extáticos tenham sido uns tolos enfadonhos.

51. "A minha sobrinha diz-me que o meu irmão está doente, que ele recebeu aconselhamento médico a tempo, mas que será atacado de novo pela mesma doença e que morrerá jovem.

[Isso provou ser facto.]

“Aqui está a minha mãe, ela não parece satisfeita."

Talvez ela esteja descontente com a propensão que você tem para o estado de êxtase, apesar dos conselhos que lhe dá; pergunte-lhe se esse é o caso.

"É verdade; ela diz que este estado é muito perigoso para mim."

Quanto tempo você deveria permanecer nele?"

"Cinco minutos."

Por que o seu pequeno afilhado que a vem ver lhe aparece na forma de anjo?

"Por ele realmente ser um?"

Por que deveria ele ser um, mais do que a sua sobrinha?

"Por ele não ter atingido a idade de três anos quando morreu."

Qual a razão da preferência dessa idade a qualquer outra?

“A minha mãe diz-me que todas as crianças que falecem antes dessa idade não crescem mais. Deus, que os ama muito por causa do estado de pureza em que faleceram (visto que ainda não cometeram nenhum mal), deleita-se em rodear-se deles; eles estão muito mais perto dele do que qualquer um dos outros."

52. *Quando você ascende, através do êxtase, rumo ao céu, a sensação que você experimenta é, suponho, semelhante à experimentada por uma pessoa que está a morrer.*

"Não; eu ascendo em estado de boa saúde, não experimento qualquer obstáculo, enquanto na morte, a alma encontra-se muito mais presa na saída do corpo desorganizado pela doença; então há sofrimento, mas no estado em que estou não sinto nada."

Que efeito é produzido em si quando vê abaixo de si a terra, que lhe deve parecer muito sombria em comparação com a luz brilhante do céu?

"Não refletimos nisso; não pensamos na terra nem em ninguém; subimos numa sensação de felicidade, de alegria impossível de descrever, e gostaríamos de lá ficar."

Não poderá ser um erro dos seus sentidos essa pretensa elevação para o céu, ou melhor, a expansão nervosa interior, iluminada por brilhantes raios elétricos que envolvem a alma, que possivelmente, no seu interior corpóreo, goza da felicidade dessa visão que imagina que experimenta a partir de fora?

"Como admitir tal erro, quando se sente o que eu sinto, e se vê o que eu vejo?! Atravessamos nuvens, o espaço, e chegamos ao seio de parentes, amigos, todos quantos nos estendem os braços, o inundam de carícias, e procuram por todos os meios possíveis provar-nos o prazer que eles sentem em ver-nos, e desejam de comum acordo que logo nos juntemos a eles. Se encararmos tudo isso como um erro, então não sei como haveremos de reconhecer a verdade."

Existem narcóticos que produzem alucinações mais ou menos agradáveis, e nos mostram imagens, cenas, algo semelhantes ao êxtase, e que, no entanto não passam de um erro.

"Lá está você de novo a discutir e a duvidar. É habitual os homens considerarem como erros aquilo que eles não compreendem. É uma maneira fácil de resolver a questão. Os narcóticos transmitem problemas ao sistema nervoso, perturbam a alma nas suas funções vitais, e lançam-na no mundo das causas, quando empreende esforços sem precedentes para permanecer no mundo dos efeitos. A alma confunde o domínio da memória; os quadros das ações indeléveis que todos os homens trazem dentro

de si, com as imagens do mundo das causas em que vagueia por um momento.

“Podemos, neste estado, perceber as cenas mais burlescas agregadas às racionais; por não sabermos como distingui-las, não sabermos onde estão, não sabermos o que são; a provisão da nossa imaginação transborda e leva-nos ao absurdo. Mas sucede o mesmo no êxtase: será, tudo o que eu lhe digo, relegado ao domínio da tolice? Será o que me é previsto e o que é realizado, do domínio do erro? Serão as visões à distância, as descrições dos lugares, o que lá se faz ou se diz, erros?

“Não provarão todos os sonâmbulos que assim veem, que não se encontram mais no corpo, uma vez que lhe reproduzem factos, cenas, conversas de que nunca ouviu falar e que ocorrem de forma inédita no mesmo instante em que lhe são comunicados? Que poderá você dizer sobre tais factos? Seja, pois, sensato e creia que nem todos os savans do mundo poderão negar o que acabo de referir, e que é operado todos os dias e a cada instante; eles ver-se-ão obrigados a estender as propriedades do corpo, caso não estejam dispostos a atribuir-lhe uma alma, mas essas propriedades hão de se mostrar tão obscuras na sua solução quanto as da alma, ou eles aceitarão a anterior; então eles atribuir-lhe-ão o poder de viajar para fora do corpo, da leitura dos pensamentos, da visão de ações passadas e futuras. E quando eles reconhecerem a existência de coisa tal como a alma, eles não se recusarão a sua ida em busca de repouso a um lugar de recompensa por todos os sofrimentos que terá suportado neste mundo de dor."

Agradeço a sua explicação genial e franca. Nada tenho a opor.

53. *Uma vez mais, permita-me que faça uma observação sobre a última sessão. A razão que tive para duvidar que a sua alma se encontrasse fora do seu corpo, deve-se a que mal eu tenha falado, e já você me respondia; além disso, não percebi que o seu corpo fizesse qualquer movimento quando disse que estava a receber os afagos dos seus familiares.*

"No entanto, é essa ausência de movimentos do meu corpo, nos grandes movimentos extáticos porque passo, que deve provar-lhe que eu não me encontro mais nele; ao contrário, quando os

meus parentes vêm à terra para me ver, você percebe a minha mão espiritual a apertar a deles, o meu corpo a gesticular, por eles se encontrarem realmente presentes e eu também; porém, quando estou no céu, o meu corpo não pode mais fazer os mesmos gestos, porquanto a alma não mais se encontra nele. Se lhe respondo imediatamente, será por ainda me agarrar ao meu corpo por fios de simpatia que me parece que você domina como cordéis, obrigando-me, quando os manipula, a descer pela força da sua vontade."

Mas nas visões, à distância, embora os sonâmbulos se encontrem em outros lugares, o seu corpo não é privado de movimento?

"A comparação não é das melhores. Eles encontram-se na terra a distâncias relativamente pequenas comparadas com as do céu; não se encontram na condição extática necessária para se comunicarem com o céu, daí que a separação da alma do corpo não seja a mesma."

Percebo que Adèle pretende entrar no estado de êxtase; Decido tentar uma experiência decisiva e deixá-la à sua vontade; Imediatamente ponho Bruno a dormir, coloco-o em *contacto com* ela e imploro-lhe que a siga, tanto quanto possível, recomendando-lhe que não se assuste e que me avise apenas se ele perceber perigo. Queria assegurar-me por mim próprio dos supostos perigos do êxtase. Frequentemente Adèle me contara que estivera a ponto de não voltar a entrar de novo no seu corpo, e como eu pensava que ela só queria alarmar-me, queria saber que opinião formar. No lapso de um quarto de hora, Bruno exclama em grande alarme:

"Perdi-a de vista!"

Eu confiara nele e prestara pouca atenção a Adèle, cujo corpo nesse ínterim tinha ficado gelado, não apresentando mais pulsação nem respiração; o seu rosto era de um verde pálido, os lábios azuis, o coração não dava sinais de vida. Coloquei diante dos lábios dela um espelho, que não mostrou sinais de condensação. Eu magnetizei-a de forma mais aprofundada, a fim de trazer de volta a sua alma ao corpo, mas durante cinco minutos o meu trabalho foi infrutífero. Bruno, alarmado com a minha falta de sucesso, assim como as pessoas presentes nesta sessão, tendeu

a me perturbar-me excessivamente. Pensei por um momento que a obra estava consumada e que eu tinha uma prova incontestável de que a alma havia partido do seu corpo. Fui obrigado a pedir aos presentes que passassem para outra sala, a fim de eu próprio poder recuperar um pouco de energia. Volvidos alguns instantes, alimentei a esperança de não ter tal infortúnio a deplorar mas, fisicamente falando, eu sentia-me inteiramente impotente.

Caindo de joelhos, pedi a Deus, na minha oração, que devolvesse a alma que eu tinha nas minhas dúvidas permitido que partisse. Pareci, por um efeito da intuição, constatar que a minha prece fora escutada: volvido mais de um minuto de angústia, e obtive as seguintes palavras:

"Por que me chamou de volta? Estava tudo acabado, para mim! Mas Deus comoveu-se com a sua oração, e mandou-me de volta para si. Eu não terei mais permissão para voltar ao céu; fui punida."

De que punição está a falar?

"Rafael proibiu a minha mãe e todos os meus parentes, exceto o Alphonse, de me vir ver de novo, até novas ordens, e é a si que devo essa privação. Eu já não serei capaz de subir ao céu, mas não fora por sua causa e eu deveria lá encontrar-me agora, para sempre."

Poder-se-á naturalmente supor que eu prestara pouca atenção às suas queixas e censuras.

Fiquei perfeitamente satisfeito por a ouvir falar comigo e prometi a mim próprio, conforme os meus leitores poderão imaginar, nunca mais recomeçar tais experimentos. Aconselho aqueles que estiverem dispostos a imitar-me a nunca fazer tal experiência, pois nenhum espetáculo poderá parecer mais alarmante, e o resultado de tal experimento pode terminar de forma fatal.

Estava tudo acabado com os seus êxtases, exatamente como ela previra; ninguém mais veio vê-la. O irmão dela frequentemente instruía-a sobre o que lhe era agradável; mas a obstinação da Adèle e a pouca consideração que tinha por lhe obedecer afastaram-no. Demorou mais de seis meses a ela recuperar desse tipo de clarividência; eu não o lamentei, pois estava determinado a não a magnetizar de novo. Travou-se um

combate contínuo de subtileza entre nós os dois; se eu a perdesse de vista por um instante, ela sempre mostraria a mesma intenção – o suicídio através do êxtase!

Diversas vezes desde então ela tentou reentrar nesse estado, mas invariavelmente sentia uma mão que lhe empurrava a cabeça para a frente, por vezes escutava uma música barulhenta, que a desviava do seu objetivo, e uma vez uma voz exclamou-lhe ao ouvido:

"Isso está-te proibido."

Foi o seu irmão Alphonse quem operou todos esses milagres; ele nunca mais a veio ver sem a distrair com um *air*, uma melodia de flauta (embora antes da sua morte ele não soubesse tocar tal instrumento) e muitas vezes ele trouxe-lhe à perceção uma música divina, que ela podia ouvir embora estivesse bem desperta, por meio de um segredo que ela me tinha ensinado a empregar para o efeito. Ela também viu todos os seus parentes depois de despertar, uma circunstância que lhe excitou o espanto, e a levou a acreditar em magia; ela não podia compreender, bem entendido, esses tipos de visões, o que me fez passar, a seus olhos, por um feiticeiro. Somos obrigados a concluir de todos estes experimentos, que duraram meses inteiros, e que eu compacto numa sessão, que seria mais do que ridículo que uma mulher tão firme não percebesse a seu belo prazer as aberrações da sua imaginação, se é que o eram. Mas, ao contrário, todos esses factos apresentaram uma tal variedade que tanto mais me disporá a crer no seu mérito.

Passaremos a experimentos mais decisivos, no mesmo tipo de clarividência, para que não se diga que são os seus parentes cuja imagem se acha impressa na sua imaginação, que ela vê continuamente; isso nada tem de surpreendente e nada prova.

O ÊXTASE

54. Nova Clarividência Espiritual. - Adèle foi consultada por um abade por uma conjetura. Quando soube que ela tinha facilidade de conversar com espíritos, manifestou o desejo de que ela visse o seu pai, que já estava morto havia alguns meses.

"Aqui está ele," disse ela.

Descreva-me a aparência e a roupa dele, se faz favor.

Adèle fê-lo, para grande satisfação do senhor, e relatou-lhe alguns pormenores da vida do pai, de que só ele poderia estar a par. Nada mais foi necessário para convencer o abade da excelente clarividência de Adèle; consequentemente, ele voltou alguns dias depois para me implorar que lhe colocasse algumas perguntas a ela sobre alquimia; eu prometi-lhe que o faria com prazer. Adèle não estava em minha casa nesse dia.

55. *Quer solicitar a presença do seu irmão? Eu tenho algumas perguntas a fazer-lhe.*

Ela solicita a sua presença e, de repente, parece dominada como que pela surpresa.

Que é que se passa? perguntei eu.

"É um frade capuchinho que vem o meu encontro; ele está de joelhos e a orar a Deus."

Quem é esse frade?

"Não sei se ele é capuchinho, mas tem um capuz na cabeça; não consigo ver-lhe o rosto."

Pergunte-lhe o que ele quer de si.

"Não me atrevo a falar com ele."

Nesse caso, vou despedi-lo.

Dou a ordem do costume, mas o homem não se demove. Adèle e eu rimos; ela não experimenta qualquer alarme, e persiste em não falar com ele. Por fim, ele lá desaparece, e ela volta a solicitar a presença do seu irmão, que vem de imediato.

Eu imploro que ela lhe pergunte quem é esse homem.

"É..." respondeu ele, a rir, "O Padre Lauriot; eu enviei-to para que pudesses interrogá-lo em nome do abade."

Adèle ri do nome e pensa que o irmão está a zombar dela. (Lauriot significa uma banheira de padeiro.)

Peça ao seu irmão que dê positivamente o nome desse homem.

"Chamou-se Aquiles, ele foi padre, e um dos amigos do abade. Não sei se esse senhor está ciente de que ele se dedicou, aquando na Terra, a pesquisas herméticos, mas no céu ele encontra-se em sociedades que seguem tais atividades, e foi por essa razão que lho remeti."

"Você sabia, então, que eu ia questioná-lo sobre esse assunto?

"Sim, percebi-o nos seus pensamentos," responde o irmão; "mas como eu não me preocupo com essas questões, pensei que não poderia fazer coisa melhor do que pô-lo em comunicação com alguém que pudesse instruí-lo."

Sendo esse o caso, você deveria ter-me avisado, e eu não deveria ter dispensado receção tão pouco calorosa a esse homem.

"Ele vai voltar."

Eles conseguem, então, a pedra filosofal no céu?

"Não, mas ali cada um se ocupa de acordo com o seu gosto. Aquele que não tiver tido inteira afeição na terra não terá prazer em fazê-lo depois da sua morte, mas em associar-se com sociedades que protegem e instruem aqueles na terra que trabalham nisso, e a eles recorrem."

Com que então, a pedra existe?

"Sim."

Eu coloquei-lhe diversas perguntas sobre a questão, que ele respondeu de acordo com o seu valor.

56. Eu dei a saber ao abade dessa aparição, que ele tomou por uma alucinação, por nunca tendo conhecido um padre com esse nome. Informei-o das respostas que obtive do irmão de Adèle que achou satisfatórias.

Depois da sua partida decidi-me a pôr o jovem a dormir de novo, para que eu pudesse obter dela uma informação mais completa. Mal adormeceu, Adèle solicitou a sua presença. Ele veio, e eu coloquei-lhe as seguintes perguntas:

Lauriot é seu nome verdadeiro?

"Fui apelidado assim."

Qual é o seu sobrenome?

Nenhuma resposta.

Quando foi que morreu?

"Em 1831."

Onde?

"No hospital Sainte-Thérèse."

Quantos anos você tinha?

"Cinquenta e seis."

Em que nome a sua morte ficou registada?

"Aquiles."

Você conheceu o abade?

"Conheço; quando ele estava enfermo no hospital Sainte-Thérèse, eu fui um daqueles com quem ele conversou com mais frequência."

Mas ele diz que não o conhece.

"Ele há de se recordar de mim."

Então, você empregou o seu tempo na terra em busca da pedra?

"Eu não venho aqui responder a todas as perguntas que você se achar apto a colocar-me; eu venho por pura complacência e responderei apenas ao que eu achar adequado.

Então, o que poderá você dizer ao abade a respeito das suas operações?

“Elas vão muito bem. Ele está no caminho certo, basta deixá-lo submeter o forno a um pouco mais de calor."

Você sabe há quanto tempo o abade está envolvido nas suas operações?

"Há quatro anos."

Este homem de novo se põe de joelhos, e recomenda um aumento do calor.

Faça-me uma descrição dele.

“Apareceu-me de pé. Ele tinha na cabeça um capuz, que ele tirou para falar comigo. É um homem de tez morena; tem um rosto pálido e comprido, e os olhos negros; não aparenta ter cinquenta e seis anos. É mais alto do que o abade e tem um ar um tanto taciturno e meditativo. Usava um pequeno boné de couro na cabeça. Quase não ouso falar com ele, embora esteja longe de se mostrar rude nas respostas que dá; mas o seu tom é austero, especialmente quando ele me diz que não deveria responder às ordens de ninguém, mas pela sua própria vontade."

Você está realmente segura da veracidade desta aparição?

"Eu afirmo que este homem ainda está de joelhos diante de mim. Seja ele um espírito bom ou mau, eu vejo-o muito bem e realmente falei com ele. Ele está calmo neste momento. Ele tem um terço ao seu lado, o qual tem presa uma medalha do tamanho de uma moeda de cinco francos, a qual trás formas de

personagens fantásticos. Elas assemelham-se um pouco a um V e um Y; não consigo distinguir muito bem."

Você consegue ver o seu irmão hoje?

"Este senhor diz-me que ele não virá."

57. Encaminhei ao abade um relato por escrito de tudo o que havia obtido nesta sessão; então, esse senhor, incapaz de recordar tal nome, dirigiu-se imediatamente à biblioteca do arcebispado, onde era mantido um registo dos padres falecidos na diocese de Paris. No dia seguinte, veio a minha casa com uma cópia dos registos dos últimos três anos, mas não conseguimos encontrar esse nome, nem nenhuma pessoa dessa idade. Estávamos convencidos de que Adèle estivera sob o efeito de alucinações, circunstância que nunca havia ocorrido desde que ela se tornara vidente. Fiquei tanto mais aborrecido com isso porque o irmão dela, que nunca a havia enganado em nenhuma das revelações e previsões que lhe fizera, fora o autor deste truque, que veio um pouco atrasado mas a tempo de me dizer para não parar de nutrir desconfiança em relação aos espíritos.

58. Dois dias depois dessa suposta mistificação, e ainda sem o conhecimento do abade, mais uma vez pus Adèle a dormir, pedindo-lhe que solicitasse a presença do padre Lauriot.

"Aqui está ele."

Você passou-me uma informação falsa. Que objetivo teve para fazer isso?

"O de ocultar o meu nome; mas vim com uma boa intenção - a fim de compelir com os meus conselhos, e fi-lo com sinceridade."

Por que oculta o seu nome?

"Não tenho resposta para a sua pergunta. Os homens não perdoam, mas Deus perdoa."

Resumindo, seja você quem for, tem um nome emprestado, ou um outro qualquer?

"Eu era chamado Lauriot, que não foi o meu nome; mas carregava o de Aquiles, que foi o meu nome de batismo."

Em que nome é a sua morte ficou registada?

"Não tenho vontade de dizer."

Por que não me disse logo o seu nome, sem me enganar como fez?

"Não tive a menor intenção de o enganar, já que lhe disse que o meu nome foi Achilles Lauriot. Fui obrigado a recorrer a esse subterfúgio para ocultar o meu verdadeiro nome, o que o haveria de levar a amaldiçoar-me e a não aceitar o bem que estou disposto a fazer."

Em suma, você realmente morreu em Sainte-Thérèse?

"Sim."

Em que ano?

"Em 1831."

Foi lá que você conheceu o abade?

"Foi lá que conversei muito com ele a respeito da pedra. Conheci e ainda conheço o abade, que, pode confiar nisso, há de se lembrar de mim."

Em que igreja você trabalhou?

"Não é minha intenção fornecer tais informações."

- Adèle dirige-lhe de novo algumas perguntas, às quais ele responde:

"Você está mal da cabeça..."

A seguir ao que recomeça a rezar. Era verdade que Adèle ficou com uma violenta dor de cabeça provocada por esta discussão, com que não conseguimos adiantar nem uma vírgula. Eu pedi que chamasse o irmão de Adèle, que veio imediatamente.

Diga-nos com franqueza, quem é este homem?

"Ele é um homem que deseja fazer o bem e que é incapaz de fazer o mal."

Mas você não pode dar-nos informações mais concretas do que ele? Quem é ele? O que foi ele?

"Eu não posso responder ao que ele não quer responder por si próprio. Ele é um homem que está continuamente a perambular, como o fez na terra; ele não tinha uma localidade fixa lá; sucede-lhe o mesmo agora no céu."

Você não pode, enquanto espírito, ler-lhe os pensamentos?

"Quando um espírito não deseja que o façamos, não o conseguimos."

Ele poderá, nesse caso, ocultá-los à sua investigação?

"Pode, mas não poderia, caso fosse um homem mau; é por eu conhecer a sua bondade que o dirigi a si."

Adèle, exasperada por não obter uma resposta mais satisfatória, implora ao irmão que nunca mais lhe dirija aquele homem a ela.

59. Como antes, encaminhei os detalhes desta sessão ao abade, que veio ao meu encontro dois dias depois, mais esclarecido sobre o assunto.

"Já estou a reconhecer esse homem," disse ele, "ele realmente morreu em Sainte-Thérèse, porém, não em 1831, mas apenas há dois anos atrás, e não aos cinquenta e seis - aos cinquenta e quatro. Quando eu estive doente em Sainte-Thérèse, eu soube que este homem, possuidor de muita informação, era um amante do magnetismo, da medicina e da alquimia. Ele sacrificou o seu tempo e fortuna na pesquisa dos segredos da natureza, mantendo sempre esse magnetismo oculto e os mistérios dignos de serem sondados, além de que as plantas, com respeito aos sucos das quais ele fez valiosas descobertas, possuem virtudes que os homens não estudam suficientemente.

“Sempre a correr de uma parte do país para outra, a colher ervas, na pesquisa das ciências ocultas; deliciou-se em ocultar o seu nome nas bênçãos que espalhou com profusão ao seu redor, como nas relações que estabeleceu com o mundo; ele foi Pedro para um, Filipe para outro; era uma espécie de mania que ele tinha.

Ele geralmente usava sob o seu vestuário convencional uma sotaina de crepe; em suma, a multiplicidade dos estudos que fez perturbou-lhe o intelecto, e ele caiu no mais doloroso estado de imbecilidade, foi obrigado a receber cuidados no hospital de Sainte-Thérèse, onde, numa condição infantil, constantemente se aconchegava com uma batina de crepe da China, e nunca deixou de usar o seu gorro de couro. Tinha ao seu lado um grande terço com o qual orava continuamente; mantinha diálogo com os espíritos e imaginava-se Deus; foi motivo de troça da parte de todos, a quem chamavam "pai capuchinho," "pai eterno," e assim por diante.

“Este infeliz morreu na mais terrível miséria; aquele que estivera rodeado por uma família numerosa e rica, e um círculo considerável de amigos, não tinha dois seres vivos que lhe

acompanhassem o esquife até o túmulo! Eu fui o único a rezar uma oração por ele!

"Este homem, motivo de chacota dos seus semelhantes, terá porventura preservado uma aversão pelos homens; isso explica o facto de ele ter dito que o seu nome haveria de evocar o pavor neles! Essa mania de não revelar o seu nome, talvez o tenha acompanhado até o céu; a roupa é exatamente a mesma que ele usava na terra antes da sua morte, e a medalha presa ao terço por si só confirma-me o reconhecimento que fiz da sua pessoa, já que ele a comprara num dos cais desembarcadouros, e vinha coberta de caracteres cabalísticos.

A mania que ele tem de nunca descansar num só lugar, como diz o irmão da sua vidente, é exatamente como era na terra; em suma, ele diz, e com toda a verdade, que quando eu estive em Sainte-Thérèse, costumávamos conversar sobre a pedra; ele foi o único que me mostrou alguma amizade naquela época. Assim sendo, afinal, é fácil explicar o pequeno erro que ele nos induziu.

"A descrição que lhe fez, junto com o que acontecera em Sainte-Thérèse, deveria bastar para eu o reconhecer, e os detalhes que ele dá sobre a hora em que comecei a minha atividade são exatas. A princípio, não consegui determinar a data anterior a dois anos e um quarto, mas agora me lembro de ter começado as minhas experiências no mesmo campo por meio de um outro sistema vinte e um meses antes, e assim perfaz os quatro anos. Tenho plena confiança nesta aparição e prepararei algumas perguntas que você fará a gentileza de lhe fazer em breve."

60. O abade expressa o desejo de lhe dirigir, ele próprio, a seguinte pergunta:

'Você pode dar-me alguma prova de que não estou enganado a seu respeito e de que você está realmente presente neste momento?'

"Direi que estou muito contente com a recordação que obteve de mim. Eu tinha, como anunciei, certeza de que você se recordaria de mim; não está enganado quanto ao meu nome, que desejo ocultar de todos, exceto de si, visto que o conhecia bem; mas, como prova convincente, fique feliz por lembrar que eu fui a única pessoa em Sainte-Thérèse a quem você falou sobre

a obra; com isso você irá perceba claramente que não está errado.”

Você pode-me dizer se os meus trabalhos estão a avançar bem?

"Sim, muito bem; mas aumente o aquecimento em mais cinco graus."

O meu fogo não deve ser medido como fogo comum.

"Para si, não; mas para mim percebo que deve continuar o que você fez esta manhã, e assim obterá o calor adicional que eu recomendo."

Esta comunicação excita o espanto do abade, que me disse:

“Na verdade, esta manhã eu fiz algo que deve acelerar o calor.”

Depois prosseguiu dizendo:

“Tenho duas operações em mãos, uma muito posterior à outra, qual será a melhor?”

"A última, a da direita."

O abade já havia recebido a mesma resposta da parte de vários videntes. Ele continua a fazer mais perguntas, que desnecessário será mencionar, com cujas respostas parece bastante satisfeito.

61. Poucos dias depois desta sessão, o abade apresenta-me algumas dúvidas que considerara quanto à condição moral do Padre Lauriot. Para esclarecer as dúvidas que tem a esse respeito, ele propõe colocar-lhe algumas perguntas em Latim, possibilitando assim aos dois conversar em segredo sobre as operações herméticas, já que nem eu nem a minha vidente estávamos familiarizados com o Latim. Ele lá fez a pergunta, que Adèle fez o possível para reproduzir para M. Lauriot. Ela forneceu as suas respostas em Francês, dizendo:

"Exatamente, exatamente."

O abade observou-me que essas respostas eram bastante irrelevantes em relação às suas perguntas, cujo significado, ele me diz (e creio sem dissimulação), foi: “*Você conhece a senhora aqui presente?”*

A pergunta, em tais circunstâncias, era tão absurda quanto a resposta, uma vez que ele sabia que um espírito não pode perceber a matéria. Adèle observa a M. Lauriot que ele responde

de forma aleatória às questões que ela lhe coloca em latim. Então ele começa a falar em Latim para ela com uma volubilidade que exclui a possibilidade de ela transmitir o seu longo discurso para o abade. Fatigada com esse tipo de experiência, ela finalmente se recusa a continuar, e eu assumo a vez de a questionar, a fim de restabelecer a conversa numa base mais segura.

No estado em que se encontra agora, ainda recorda o Latim?

"Sim, como você deve saber por eu ter respondido nessa língua."

As respostas não são as que desejávamos.

"O abade sabe que fizemos uma viagem de três dias juntos a Versalhes e que foi então que lhe dei a conhecer o assunto."

Monsieur diz que certamente fez uma viagem consigo, não a Versalhes, porém, mas a Saint Cloud - não de três dias, mas apenas de um; que você lhe falou sobre o assunto, mas não lho deu a conhecer. Você, percebe, pois, que comete erros que não deveria cometer. Sempre o vemos de joelhos; então você não faz nada além de orar?

"Rezo a Deus pelos homens em geral e pelos meus parentes."

Com que então você tem parentes na terra?

"Tenho."

Tem irmãos?

"Não."

Irmãs?

"Tenho."

A sua mãe já faleceu?

"Não."

O abade diz o contrário; que a sua mãe faleceu antes de si. É bem verdade que o seu pai está morto, que você não tem irmão e apenas uma irmã; porém, quanto à sua mãe, você está enganado.

Após este novo erro, concluímos que o homem não está inteiramente nos seus sentidos; o abade observou-me que a sua mãe morrera enquanto ele estava num estado de insanidade, o que explica a razão dele não ter conhecimento da sua morte. Solicitamos a presença do espírito do irmão de Adèle a quem fazemos a seguinte pergunta:

Este homem, sem dúvida, está louco, não?

"Ele é um homem muito sincero, inteiramente bom e notavelmente bem informado, mas por vezes tem ideias errantes; ele está constantemente a perambular, não descansa em nenhum lugar por muito tempo; ele é visto por nós por toda a parte."

Este homem sofreu de alucinações na terra, que ele, sem dúvida, preservou, não?

"Ele preservou, como eu lhe disse, as suas predileções mais fortes, e a sua mente parece, em consequência, desordenada."

Então, aqueles que morrem loucos não têm a sua condição de sanidade restaurada?

"Não, a sua enfermidade constitui a sua principal fonte de felicidade; eles encontram-se, pensam em moldes similares e são felizes."

Mas deve chegar um momento em que esses homens recuperam a razão, não?

"Sim, Deus purifica-os gradualmente e eles entram num círculo mais esclarecido."

Não podemos confiar neste homem, que nos levaria a participar dos seus erros em operações onde não deveriam existir.

"Vou enviar-lhe outro, que já teve uma certa experiência com o mesmo tipo de operações; depois de colocar à prova a sua clarividência, irá atender aos seus conselhos, se achar conveniente; quanto a mim, já lhe disse, eu não me dedico a tais atividades."

62. Curioso por saber que tipo de personagem Alphonse nos iria enviar, exigi a sua presença; mas para minha surpresa, o Padre Lauriot apareceu de novo. O ar dedicado que ele assume encanta Adèle e, a meu pedido, ela consente em não implorar que ele se retire. Tive com ele o seguinte discurso:

A informação que você nos fornece está repleta de erros, e isso leva-nos a presumir que a sua clarividência não seja suficientemente potente para nos ser útil.

“O abade não está a ser sensato. Vim agradar-lhe; ele desejava conhecer um monte de coisas que nada tinham que ver com a missão que eu pretendia cumprir; têm-me sobrecarregado de perguntas, caracterizadas por uma suspeita singular, como se a

minha passagem pela terra tivesse sido agradável o suficiente para preservar a recordação exata dela; o que mais eu poderia fazer do que aparecer com o mesmo traje que usava na terra durante a condição de loucura em que vivi, e dizer que conhecia o abade no hospital e fornecer-lhe os detalhes?

“Ele está certo de eu ter dito a verdade, de que morri nesse local; o que mais ele queria? Não me deve sobrecarregar com perguntas que exijam, da minha parte, pesquisas que me furtariam a alguns instantes da felicidade de que gozo e que não posso sacrificar a tais ninharias. Você acredita que, lá por eu ter morrido louco, eu ainda o seja agora? Desengane-se; Posso parecer distraído, mas desejaria que os homens da terra não fossem mais insanos do que eu, e tivessem conhecimento do que nós sabemos no estado em que me encontro."

O abade não desejará que você lhe inspecionasse as obras?

"Não posso inspecioná-las, exceto através do seu pensamento, porque não cabe no poder de um espírito perceber a matéria."

Eu pensava o contrário, já que, a fim de prever acontecimentos materiais, um espírito precisa vê-los.

"É um erro; ele percebe as causas, resume e comenta com base nelas de acordo com o discernimento que tiver."

Será a insanidade uma influência da matéria ou do espírito?

“De ambos, embora a matéria desempenhe o papel principal nela, já que apenas estando doente em razão dos impedimentos ela se opõe ao espírito na ascensão das suas ideias. Ao serem obstruídas no seu curso, estas últimas transmitem o maior problema à harmonia do sistema. Frequentemente, uma única ideia, com a qual a mente se afadiga, é suficiente para transmitir toda essa desordem à inteligência."

Você sente-se feliz no céu?

"Sinto-me; essa felicidade não pode ser descrita."

Quais são as ações de que se ocupa?

"Ler, orar, estudar, passear - em suma, tudo o que desejar fazer ou obter, faço e obtenho."

Acabamos de conhecer, creio eu, uma das aparições mais curiosas deste livro. Se quaisquer dúvidas permanecerem quanto à sanidade mental do Sr. Lauriot, fácil será eliminá-las em

parte; mas não pode restar nenhuma quanto à sua identidade. Tivemos, pois, a aparição de alguém, um perfeito estranho para nós, um homem cuja presença não solicitamos.

Dez dias se passaram em pesquisas fastidiosas antes que o seu amigo o conseguisse reconhecer por completo. Resta saber como o irmão de Adèle pode ter-nos enviado um homem conhecido do abade. Este último e Alphonse nunca se conheceram um ao outro na terra; tampouco sequer Adèle tinha visto o abade ou qualquer dos seus amigos. Explique quem puder. Passemos a uma segunda pergunta. Por que se mostrou esse homem tão obscuro em certas comunicações e tão verosímil noutras?

Ou ele realmente preservou a mania terrena que tinha de ocultar o seu nome, ou imaginava que esse nome incorresse na reprovação pública. A primeira suposição é a mais plausível, já que o abade faz menção honrosa dela na conversa em Latim que manteve.

Por que percebemos nela tantos erros? Ou Adèle foi uma má intérprete, ou o Sr. Lauriot não achou conveniente responder a essas perguntas, ou possivelmente o abade ocultou-me a verdade, de tão impressionado como deve ter ficado com a ideia, que me pôs em comunicação, sem o ter previsto, com um homem cuja indiscrição poderia um dia levar-me a apurar coisas que ele não desejava que eu soubesse. Acredito que o abade seja sincero e verdadeiro, pelo afã que demonstrou nesta circunstância, para lançar a melhor luz de que fosse capaz sobre esta aparição. Por conseguinte, concluo que, ao não compreender inteiramente as perguntas, o Sr. Lauriot tenha formado, à semelhança de todos os espíritos, uma recordação muito imperfeita das suas ações terrenas, deve tornar-se bastante provável que cometa erros nessa matéria; a sua justificativa nem mesmo carece de comentário.

Resta a questão da sua mãe, que morrera antes dele, uma circunstância que não poderia ser esquecida por um homem de são juízo; mas encontrando-se nessa altura sob a influência de alucinação, ele não teve conhecimento da sua morte. Ele encontra-se agora num estado de espírito um tanto semelhante mas não se preocupa com isso. Ele está morto há dois anos, o que para ele não representa mais que um segundo. Sob a influência

dos sofrimentos morais que acabaram de o atormentar, e sob a influência da felicidade em que vive, ele bem que pode ignorar um aspeto particular em que tenha sido incapaz de pensar.

Depois do que começamos a apurar a respeito das propriedades da vida espiritual, devemos ser menos exigentes; fica indubitavelmente comprovado para nós, pela singular descrição feita, o rosário, a medalha, o pequeno gorro de couro, a aparência, a estatura etc., que ele é o homem que o abade conheceu.

Se isso não bastasse, subsiste a conversa, as particularidades do hospital Sainte-Therese. A excursão feita a Saint Cloud não é menos verosímil, embora mal descrita; a data exata dos trabalhos, a recomendação de continuar o que fizera naquela mesma manhã de que só ele tinha conhecimento, a descrição exata da obra que outros videntes consideravam a melhor, as explicações não menos exatas quanto aos membros da sua família, vivos e falecidos, à exceção da sua mãe. Não acho necessário insistir nesses detalhes para inserir essa aparição na categoria das mais conclusivas. O abade aceitou-a francamente como tal, assim como eu; mas estamos prestes a ver que não lhe satisfez as expectativas.

63. Antes de apresentar outros personagens, devo relatar uma outra aparição que tivemos do Sr. Lauriot, cujos resultados são os seguintes:

“Disse-lhe na última sessão que não poderíamos aceitar o seu conselho. A sua presença não foi solicitada, por que razão apareceu?”

Adèle diz que fica encantada em ver este homem, cuja bondade ela é capaz apreciar em toda a sua extensão, e que ele pode vir até ela a qualquer momento sem incorrer no risco de que ela o afaste.

"Então, pergunte-lhe por que ele lhe disse que a mãe não estava morta, já que ela morreu antes dele."

“Ele responde que não disse isso; que interpretei erroneamente as suas palavras, pois ele sabia muito bem que ela havia falecido, e não poderia ter dito o contrário.”

E o Latim em que ele lhe respondeu de forma aleatória?

“Não consigo entender os termos materiais, e você não me transmitiu as que me eram dirigidas; você disse-me: 'Ele fala-lhe

em Latim.’ Eu pensei que era sobre a questão das obras; foi por isso que respondi pela afirmativa."

Por que não reproduziu as palavras que o abade dirigiu ao Sr. Lauriot?

“Porque era uma tarefa cansativa; por eu estar consciente de que o tinha que fazer com um homem que não acredita em nada, preferi cometer um erro a prosseguir com esse tipo de comunicação."

Observei a Adèle que ela agiu mal; que ela deveria ter dito, que tal modo de falar não lhe era agradável, e que percebi que o Sr. Lauriot poderia facilmente ter respondido às observações do abade (que, depois de o ouvir, pensou tal como eu, que o Sr. Lauriot ainda estava louco). Assim terminaram as aparições deste personagem.

64. "Aqui está o cavalheiro que o meu irmão disse que me enviaria."

Como se chama?

"Ele responde que não o conhecemos nem deveríamos conhecê-lo."

Ele viveu na terra?

"Sim, mas foi estrangeiro."

Onde nasceu ele?

"Em Espanha."

Onde morreu?

"Em Espanha."

Em que cidade?

"Ele não tem qualquer informação a dar sobre esse aspeto; não devemos obter conhecimento de quem se trata."

Faça-me uma descrição dele.

"Ele é alto, robusto e pode aparentar estar com cerca de setenta e cinco anos; tem uma cabeleira ainda muito negra, embora apresente alguns pelos brancos na barba; ele é muito viçoso e tem a aparência de ter sido um homem rico e muito respeitável."

Dirigi diversas perguntas a este cavalheiro, às quais ele respondeu muito bem, na totalidade; mas seria supérfluo mencioná-las aqui. Não tendo desejo de fazer deste trabalho um tratado sobre alquimia, reservo as informações que me foram

fornecidas para um trabalho separado. Dei a conhecer ao abade todos os detalhes dessa nova aparição e ele pareceu satisfeito.

Dedicamos algumas sessões à conversa com esse homem, que consideramos prestável e sensato; mas o abade, que era muito instável, incrédulo e inconstante, propôs-me uma experiência decisiva, que aceitei tanto para minha própria instrução quanto para lhe proporcionar prazer; pois o homem não pode nutrir muito fortemente dentro de si uma crença no mundo espiritual, fazendo experimentos em função da mais pequena das suas dúvidas.

Chegamos a um acordo quanto a esse aspeto, tanto o abade quanto eu. Eu duvidei, e por vezes ainda duvido, pois um espiritualista puro não pode transformar-se instantaneamente num ex materialista, e o abade duvida mais do que eu; por ele recear charlatanismo da minha parte. Ele tinha o direito de o fazer, pois não me conhecia, e eu, pela minha parte, fiquei encantado por conhecer um homem cujas dúvidas haveriam de resultar a meu favor.

65. O abade disse-me: "Terá a bondade de solicitar, na próxima sessão, a presença do Sr. De Mallet (Christophe Edouard), e dizer-me se ele apareceu e em que condições." Duvidei muito dessa experiência, para a qual dispúnhamos de tão poucas informações. Contudo, solicitei a sua presença, e, para minha grande satisfação, ele apareceu. Eu pergunto ao cavalheiro se ele será suficientemente amável para responder a algumas perguntas que o abade deseja dirigir-lhe.

"Sim," respondeu ele. Eu disse-lhe que na primeira sessão eles conversariam juntos; enquanto isso, implorei a Adèle que me fizesse uma descrição desse cavalheiro.

"É um sacerdote, ou, pelo menos, ele enverga o traje; uma batina preta, sem a sobrepeliz branca: ele é um pouco mais alto que o abade, proporcionalmente entroncado; apresenta um semblante nobre, um nariz proeminente, narinas um pouco comprimidas em cima; tem uma marca na bochecha esquerda, sob o olho esquerdo; tem cabelo grisalho, e aparenta ter sessenta anos."

Tem certeza de que ele tem uma marca na bochecha esquerda, sob o olho?

"Sim, é bastante evidente."

Que tipo de marca, uma cicatriz?

"Não consigo ver por ele estar a uma certa distância; mas tenho certeza de que ele tem algum tipo de marca."

O cavalheiro retira-se. Adèle receia que o abade erga dificuldades quanto a essa aparição e diz que não vai solicitar mais a sua presença mais se tiver sido enganada.

66. Eu tinha enviado um relato desta sessão ao abade, mas não o vi nem soube nada dele. Achei que Adèle tivesse cometido algum engano. Três dias depois ele chegou com a sua criada, que me trouxe um retrato do Sr. Mallet, que tinha pedido emprestado a um dos seus amigos. Imaginem qual não foi a minha surpresa, tal como dele, quando vi, característica por característica, o homem tão bem retratado por Adèle, e principalmente o sinal, que era nada mais nada menos que a cicatriz de um ferimento de sabre, que este cavalheiro havia recebido no exército. O abade disse-me:

"Posso agora dar-lhe a conhecer a história do conde de Mallet. Ele foi um dos grandes dignitários do império, tendo ocupado uma posição muito elevada no exército. Com a morte da esposa, ele abraçou a Igreja com não menor zelo do que servira ao império. Foi superior das freiras de Santa Maria de Lorette, e morreu na paróquia de São Sulpício, no dia 26 de Agosto, aos sessenta anos, e foi pranteado pelos justos e bons; dedicou muito tempo à metafísica, e escreveu uma obra sobre essa ciência, que vou emprestar-lhe; é fruto de raciocínio elevado e não supersticioso."

O abade fica muito satisfeito com esta experiência (já não pode duvidar da veracidade destas aparições, por mais convencido que está, de eu não conhecer este senhor, ao ver que não tinha dados que me fossem fornecidos a respeito dele) que evitou expressamente estar presente nesta sessão, para não possibilitar qualquer transmissão de pensamentos. O que mais o surpreendeu foi essa marca - esse corte - que ele próprio não sabia se era sob o olho direito ou esquerdo; para se certificar disso ele tinha pedido emprestado o retrato que me mostrou, a fim de que eu pudesse julgar a semelhança correta da aparição; ele considerou este facto conclusivo e declarou-se convencido. Ele queria que eu pusesse

Adèle a dormir, a fim de lhe fazer algumas perguntas, pedido a que eu atendi de imediato.

Adèle ficou impressionada com a similitude que o retrato apresentava com o do Sr. Mallet que ela vira antes do sono mesmérico. Este respondeu às perguntas do abade com uma exatidão que deixou o sacerdote arrebatado, que também lhe dirigiu a seguinte:

O Sr. M... a pessoa que me emprestou o seu retrato, e que foi um dos seus amigos na terra, implorou-me que lhe perguntasse se você tinha algo a dirigir-lhe...

"Sim, que ele cuide bem da saúde dele, ele está mal."

O abade pensou que essa resposta concordava muito pouco com o que ele tinha acabado de ver dessa pessoa, que não se mostrava nem um pouco indisposta; e de seguida ele saiu. O abade voltou no dia seguinte para me dizer que havia transmitido ao amigo o conselho do Sr. Mallet e, para seu grande espanto, descobriu que realmente não passava bem havia quinze dias, e que fora obrigado a negligenciar os negócios, e que a sua criada lhe dissera apenas três dias antes: “Se o Sr. Mallet ainda estivesse vivo, com certeza recomendaria que cuidasse mais de si próprio.” Essa particularidade conferiu mais valor à revelação do que pensáramos à primeira vista.

67. Depois de perguntar ao Sr. Mallet o que o abade desejava saber, fiz-lhe, da minha parte, as seguintes perguntas:

“As profecias de D'Orval, conforme são chamadas, nas quais você teve tanta fé quando esteve na terra, que até as reimprimiu em 1840, o que pensa agora delas? Você ainda acredita nelas?”*

**(NT: Profecias publicadas em 1544 por um religioso da Abadia de Orval (Aurea Vallis, ou vale do ouro, em Luxemburgo), e impressas pela primeira vez em 1829, que anuncia a destruição de Paris, que segundo alguns, aponta para o ano de 2024 ou 2025, e o advento do Anticristo, que prevê ter uma duração de 3 anos e meio.)*

"Acredito."

Você pode prever se os eventos a que elas fazem menção acontecerão?

"Sim, mas essas previsões são exageradas."

Acontecerão os que dizem respeito à destruição de Paris?

"Sim; mas não em tão grande extensão quanto previsto."

Quando irá isso suceder?

"Não lhe posso responder à pergunta."

Por meio de que flagelo isso acontecerá? do fogo ou da guerra?

"Por meio de uma revolução."

* * *

Que governo reinará então?

"Será então que se dirá: 'Vem, jovem príncipe,' como diz a predição."

Você sabe se o filho de Luís XVI está morto?

"Não, ele não está morto."

Você conhece-o? Será esse filho o Barão de Richemont?

"Eu não sei."

Você acha que venha a ser somente o povo a provocar todos os transtornos previstos?

O povo e os estrangeiros?"

De quantos será a quantidade composta?

"20."

* * *

Para minha segurança pessoal, gostaria de saber quando isso irá acontecer.

"Os eventos que precederem tal catástrofe serão um aviso suficiente."

Verificar-se-á o exílio dos sacerdotes?

"Os padres fugirão da França."

O fim do mundo, anunciado em oitenta anos, irá ocorrer?

"Você já não se encontrará na terra, por que se preocupa com isso?"

Então você considera essas profecias verdadeiras?

"Sim, no geral, mas não os exageros. Haverá maldade e corrupção suficiente para que preciso não seja fazer mais disso."

Adèle diz que este senhor não deseja causar alarme em ninguém.

68. O Sr. Mallet é precedido, de acordo com Adèle, por uma luz que ela até então percebeu apenas diante da sua mãe. Eu pergunto a este cavalheiro se ele está disposto a responder a algumas perguntas de carácter psicológico.

"Isso depende da natureza das perguntas."

Possuímos uma alma?

"Você percebe-a, já que eu sou uma."

"Qual será a sua forma?

"A do corpo - aquilo que eu neste momento apresento."

Para onde é que ela vai depois da separação do corpo?

"Para pousos celestiais.

Que é que ela faz nesses sítios? - ela come e bebe?

"Satisfaz os seus principais afetos."

Existem sítios bons e ruins?

"Existem."

Serão os maus o que os Cristãos chamam de inferno?

"São."

Arderemos neles, conforme dizem?

"Eles falam daquilo em que não acreditam."

Mas você foi um padre, o senhor ensinou essa doutrina?

"Eu nunca acreditei nela."

Então o que faremos nesses lugares ruins, sofremos?

"Satisfazemos aí os nossos afetos; somos felizes, embora sejam lugares de purificação, nos quais Deus nos coloca para nos chamar a ele no devido tempo, quando nos perdoar."

Serão sítios ou estados em que a alma se encontra?

"Locais."

Permaneceremos neles para sempre?

"Nos bons lugares, sim; mas, como acabei de lhe dizer, não nos ruins."

Em que consiste o conhecimento da alma nesses lugares?

"No que desejar possuir e no que adquirir à vontade."

Adèle não quer ser impertinente. Recebo estas revelações com confiança, por parecerem isentas de todo cálculo sectário e terem muito mais valor na boca de um sacerdote que tenha gozado de uma reputação respeitável na terra do que da de qualquer outra pessoa.

69. *Terá a alma alguma lembrança da terra e de quando ela esteve nela?*

"Tem."

Ele consegue perceber a matéria?

"Não."

Lamenta a vida material?

"Não."

Pode visitar à vontade os seus parentes e os seus amigos?

"Pode; sempre que isso for requerido no estado necessário para ser visto, como aquele em que a sua vidente se encontra."

Pode de alguma forma influenciar a existência deles?"

"Sim; pelo bem que invariavelmente os aconselha a fazer."

Pode informá-los de alguma particularidade no seu destino?

"Pode; mas fá-lo com toda a prudência, principalmente quando prevê o efeito que a revelação venha a criar na esfera moral; por isso é obrigada a não contar tudo."

Sofre muito ao abandonar o corpo?

"Mais ou menos."

Leva muito tempo a familiarizar-se com o estado em que entrou?

"Ele familiariza-se com ele imediatamente."

Você acabou de me dizer que um espírito não consegue perceber a matéria; como consegue poderá você entrar nesta casa, chegar perto de nós, sem nos ver?

"Tenho consciência do espírito desta jovem que me atrai e encontro-me com ela, de acordo com o seu desejo e com o meu."

Ainda assim, existem provas de que alguns espíritos veem a matéria, visto que revolvem peças de mobília, jarrões etc., transmitem mensagens e objetos.

"Esses são os espíritos malfazejos que se encontram no círculo que rodeia a terra, que ainda pairam sobre ela e fazem essas coisas."

Contudo, não são apenas os espíritos malfazejos que possuem essa capacidade. Eu li diversas obras de santos que realizaram ou viram alguns desses fenómenos. O Sr. Billot, um homem muito devoto, recebeu mensagens desse tipo das mãos até mesmo de anjos, não?

"É muito raro que a Divindade permita esse tipo de transporte (aportes); eles não podem acontecer sem que o céu deles tenha conhecimento."

O Sr. Possin disse, há não muito tempo, que recebera uma coroa por intermédio da sua clarividente...

"Não houve nada como o céu, ultimamente."*

**(Esta declaração do M. Mallet, não é de modo algum publicada nesta obra para favorecer os antagonistas de M. Possin: que Deus me preserve de tal parcialidade. Como veremos mais adiante, o céu é composto apenas de sociedades; o que acontece numa pode ser desconhecido das outras. Não neguemos nada, por não podermos provar nada!)*

Em suma, temos também um Cura que, numa pequena paróquia provinciana onde faltava milho, viu o celeiro cheio de acordo com a sua vontade; ele distribuiu essa dádiva divina entre os seus paroquianos e, no entanto, dizem, o celeiro não se esgotou. Existem muitos factos semelhantes nas Escrituras sagradas, não?

"Há muitas coisas Escritas que nunca aconteceram; muitas outras que são, como eu lhes disse, da província de espíritos que se ocupam com coisas desse tipo; mas para um homem obter tais favores do céu, a sua alma precisa ser muito pura, ter em vista apenas a felicidade dos seus semelhantes e um desejo ardente de se tornar aceitável a Deus. Tais homens e tais factos são raros; mas eles existem, e existiram. Devemos sempre suspeitar de *meios* e mensagens desse tipo, visto que frequentemente são apenas um estratagema de espíritos malfazejos que desejam lisonjear o nosso orgulho e incredulidade para melhor obter domínio sobre nós."

Resumindo, já que você diz que tais coisas podem existir pela intercessão de anjos, como por meio de espíritos malfazejos, *é necessário que eles vejam o objeto que transmitem?*

"Certamente que eles o veem; mas retiram-no da terra, pois no céu não existe nada de material; quando tal coisa acontece, é, como eu lhes disse, um milagre tão grande para o céu quanto para a terra."

Você conclui que os espíritos do céu não percebem a matéria?

"Eu já lhes disse que sim, exceto sob as condições que acabo de lhes dar a conhecer."

Você disse-me que se sentiu atraído pela vontade da minha vidente; não poderia corresponder comigo por pensamento, respondendo por meio dela às perguntas que eu lhe transmitisse mentalmente?

"Eu poderia fazer isso; mas isso apresenta dificuldades que haveriam de carregar na sua esteira os seus erros, e requerer muito mais tempo, visto que você não está no estado espiritual e tal comunicação é muito difícil."

Julguei adequado dirigir estas questões ao Sr. Mallet, embora já as tenhamos visto dirigidas a outros espíritos; não conseguimos receber demasiadas confirmações a esse respeito, e devemos questionar todos os quadrantes, a fim de chegar a um entendimento acertado.

70. O Sr. Mallet aparece mais ou menos coincidente com a solicitação. Ele invariavelmente concede a sua bênção à Adèle nas suas chegadas e partidas; pelo que o abade nos diz, parece que tal era a prática dele na terra. Deixarei de lado as perguntas do abade, que não dizem respeito ao que desejo apurar sobre o mundo espiritual.

O que acha das possessões, em especial as ocorridas em Loudun?

"Elas são apenas truques maliciosos de espíritos malfazejos, porque os espíritos bons fazem nada além do bem."

O que acha dos convulsionários de Saint-Medard, etc.?

(NT: Movimento religioso e movimento político chamado Jansenistas, fanáticos, que durou de 1737 a 1741)

"Entre eles verificam-se ações tanto boas quanto muito más; coisas incríveis que dizem respeito a bons e maus espíritos, ações ordenadas por Deus, e outras que Ele condena. Nós chegamos a apreciar todas essas coisas apenas por uma avaliação iluminada pela luz Divina, e desvinculada de todo cálculo arrogante e egoísta. Só posso responder a tudo o que pergunta, aconselhando-o a ser cauteloso e a orar a Deus para que lhe ilumine a inteligência."

Acha que nos podemos tornar imediatamente invisíveis para várias pessoas?

"Sim, por meio de drogas e pactos com espíritos malfazejos; mas não há nada mais desagradável para Deus como aquelas coisas pelas quais podemos causar todo o mal possível."

Poderia revelar-me o segredo disso? Eu considero-me incapaz de abusar disso.

"Você é incapaz disso, neste momento, porque você não o possui; mas assim que você tivesse conhecimento disso, o orgulho de ter tal poder às suas ordens apossar-se-ia de si e levá-lo-ia a fazer o mal, como o resto. Deus não permite que os bons espíritos divulguem essas coisas."

O fascínio desempenha o papel principal nisso, não é?

"Pediu para me chamar apenas para que lhe leia um curso de magia?"

"Não; mas para saber o que pensar desses mistérios; tantas coisas foram escritas sobre este assunto que eu gostaria de poder formar uma opinião a respeito deles."

Não se preocupe com eles. Há muita coisa boa escrita; mas também existe muita falsidade e doutrinas iníquas. Não diga mais nada sobre eles.

71. Um amigo meu, M. Renard de Rambouillet, a quem comunico regularmente o conteúdo do meu diário, pediu-me que fizesse as seguintes perguntas ao Sr. Mallet. Desejando saber o que um padre católico poderia revelar acerca do céu, atendo o seu desejo nesta sessão:

Procuro a verdade de todo o meu coração. Teria o Sr. Mallet a gentileza de me instruir a respeito por seu intermédio, respondendo a algumas perguntas que um amigo me dirigiu?

"O Sr. Mallet responde que o fará, de acordo com a vontade de Deus."

Como é que se encontra no mundo em que vive?

"Muito confortável e feliz."

Você é realmente aquilo que chamamos - e que você chamou 'alma' - quando esteve na Terra?

"Sou."

A forma da sua alma ainda é exatamente a mesma que a do corpo que ela habitava?

"É."

Você dorme, você come? (Esta pergunta é repetida com frequência, por ser muito natural, e a primeira a apresentar-se como a mais necessária, em qualquer tipo de existência.)

"Durma e coma quem quiser; não é uma necessidade como na terra, mas um verdadeiro prazer para quem o faz."

Você habita uma casa, como na terra?

"Encontro-me numa casa; há casas neste mundo, como na terra."

Existem também cidades e aldeias?

"Não sei como se chamam as cidades no céu; basta dizer que há casas. Não me preocupo com o resto."

Quais são as suas ocupações usuais?

"Leio, escrevo e passo parte do meu tempo a dar bons conselhos aos ímpios."

Com que então você consegue comunicar com eles?"

"Sim, com o espírito deles."

Quem lhes fornece esses livros e casas? Vocês constroem-nas, como na terra?

"Essas casas, e tudo o que existe no céu, são imutáveis, indestrutíveis, imperecíveis, foram criadas por Deus desde todos os tempos e não podem sofrer qualquer alteração."

No lugar em que você vive formam-se uniões ou casamentos?

"Casamo-nos, como na terra, com a seguinte diferença que é - para toda a eternidade. Nunca mais poderemos separar-nos, visto que não podemos unir-nos, a menos que exista uma semelhança exata de afetos, no modo de pensar e em tudo o que constitui a felicidade perfeita."

Será a mulher com quem nos casamos na terra aquela que se tornará nossa esposa no céu?

"Nem sempre. Familiarizamo-nos muito mais com os afetos e defeitos uns dos outros, e Deus não toleraria um casamento desigual, como na terra."

Sempre que o deseja, vê-se na companhia de amigos, parentes, falecidos como você?"

"Sim; mas se as nossas ideias não coincidirem, não podemos permanecer juntos – apartamo-nos."

Falar-se-ão muitas línguas no outro mundo?

"Nunca falei outra língua senão aquela em que agora lhes falo; mas, entre nós, compreendemo-nos mutuamente sem falar; raramente fazemos uso da palavra."

Você permanece muito tempo no estado em que se encontra?

"A nossa felicidade é tão grande que ninguém deseja alterá-la; quando temos tudo o que desejamos, não há mais nada a desejar."

Poderão os espíritos visitar os globos, como a lua, as estrelas?

"Com a permissão do Divino, eles vão a qualquer lugar que desejarem."

- Adèle diz-me que eu abusara da complacência de Sr. Mallet, cujo olhar venerável, carregado de bondade, lhe inspiram respeito. Eu coloquei a seguinte pergunta final:

Deus ter-lhe-á aparecido? E em caso afirmativo, em que forma?

"Eu jamais vi Deus, em absoluto."

Adèle não quer continuar, e isso dá origem a uma disputa entre nós os dois; observando que se questiono um espírito é para obter informações a respeito da vida futura através da sua luz, e que, por estar ciente da minha ignorância e da pureza das minhas intenções, ele não poderá sentir-se ofendido.

"O que ele constata, acima de tudo, é a sua incredulidade. Quando se tem conhecimento daquilo que eu tenho, pouco há por que se abuse da complacência de um venerável, que, dentro de poucas horas, não lhe parecerá outra coisa senão uma alucinação, e as respostas que ele lhe dá, erros da minha imaginação. Os espíritos não se apegam mais às coisas da terra; não se preocupam mais com elas do que nós com uma rua por onde passamos há vinte anos.

“Poderemos pensar com prazer, nas cenas da vida que nos causaram problemas? Não; o que sentimos no nosso íntimo é indiferença pelo passado, indiferença essa que é ainda maior nos espíritos que nunca voltarão a visitar a terra. Você, não faz muito tempo, atormentou suficientemente o meu irmão com as suas perguntas carregadas de dúvida.

“Os espíritos podem ser enganados, embora tal não fosse o caso se eles atribuíssem mais valor às coisas da terra; eles não são

criminosos que devam ser interrogados; e tenha isto sempre em mente: Se você não quiser afugentar todos os espíritos que possam vir vê-lo, mas, obter deles esclarecimentos acertados, ponha de lado a dúvida e a objeção uma vez na sua presença."

Esta longa lição de moral da parte de Adèle naturalmente deixou-me surpreendido. É verdade que eu tinha acabado de dar corpo a diversas objeções e que pretendia pedir novas provas. Tão difícil é, repito, convencer um incrédulo e traçar um paralelo entre a vida futura e a presente, que o nosso raciocínio crítico é, acima de tudo, o menos adequado para um bom clarividente.

Não podemos, na presença de tais características, dizer constantemente que o clarividente seja o reflexo dos pensamentos do magnetizador; nesse caso, Adèle haveria invariavelmente de concordar comigo. É verdade que existem sonâmbulos desse tipo, mas ela não é desses. Eu coloquei-a em comunicação com outros magnetizadores que, não foram mais capazes do que eu de lhe influenciar a vontade em tudo.

Ela encontra-se, nesse aspeto, isolada e inteiramente independente de toda influência; o sistema dela nem sempre é o meu; ela não possui qualquer conhecimento de psicologia; e as respostas dadas pelo Sr. Mallet provam suficientemente que ela não as intercala com nenhuma das suas; ela tem muito respeito pelos homens da Igreja para lhes interpretar mal as palavras em benefício da minha persuasão, ao que ela se opõe, a fim de estabelecer em seu lugar aqueles que acabamos de ouvir, e que, como percebemos, não estão de forma alguma em conformidade com aqueles da igreja, já que eu não vi em lugar nenhum que a igreja admita a existência de casas, ocupações, afetos e casamentos no céu.

Eu tomei conhecimento dessas coisas apenas junto de Swedenborg, revelações essas que me pareceram tão estranhas em relação àquilo em que eu então acreditava (na aniquilação, como os materialistas), que só posso admiti-las pela multiplicidade daquelas que me foram feitas por pessoas de todos os credos, as quais eu não posso, nem desejo, influenciar, e pelas comparações que o raciocínio devia estabelecer entre os efeitos magnéticos materiais que constatamos todos os dias e aqueles espirituais que parecem ser a fonte das causas, de que os nossos são apenas os

efeitos. Como não podem existir efeitos sem causas, e estas últimas precisam ser do tipo dos efeitos, o espírito (sendo ele próprio uma causa) precisa retornar à esfera onde tudo existe e a partir de que tudo se manifesta. Encontraremos naturalmente lá casas, jardins, homens e ocupações.

72. No dia 8 de Julho de 1846, magnetizei Adèle para a colocar em comunicação com a alma de uma jovem que falecera no dia 2 do mesmo mês, aos vinte e quatro anos. Mal a sua presença fora solicitada quando ela apareceu com uma criança nos braços, que ela havia perdido quase ao nascer; a aparição desta criança surpreendeu-nos, porquanto pouco o esperáramos. Não se mostrando muito disposta a dirigir-lhe nenhuma pergunta, Adèle diz-me:

"Deixe-me um instante com ela e pelo menos dê-lhe um tempo para se recompor no seu novo estado."

Adèle experimenta uma comoção aguda ante a aparição dessa mulher, que se tinha chamado Eliza, e chora lágrimas amargas. Essas lágrimas eram prova suficiente da sua boa-fé; Eliza aparece-lhe vestida de branco, com uma coroa na cabeça; ela diz que é muito feliz e não consegue entender porque teve medo de morrer. Ela desejara ter podido deixar a Terra antes. Depois, diz a Adèle:

"Quando me seguiste até o túmulo, pensaste em deixar uma lembrança no meu túmulo: eu teria tido muito prazer em que o fizesses."

Eu pergunto a Adèle se lhe tinha passado tal ideia pela cabeça.

"Sim, ainda fiz uma pequena barganha com relação a um pequeno medalhão, mas acabei por não o comprar."

Imploro a Adèle que me jure pelas cinzas da sua mãe que o que ela acabou de me dizer é exato e que fora realmente Eliza quem lhe adivinhara o pensamento. Adèle protesta fervorosamente que dissera a verdade, e que em tal circunstância seria uma mentira sacrílega enganar-me.

Eu não acho que me tenha enganado; mas, não lhe terá possivelmente perguntado se ela gostaria do medalhão que você pretendia comprar para ela?

"Não, foi ela quem mo disse; eu não pensara mais nisso."

Atribuirá Eliza algum valor ao seu corpo, para desejar vê-lo adornado com um medalhão?

"Não, mas os mortos sempre gostam de perceber lembranças gentis no íntimo daqueles que deixaram para trás."

O marido de Eliza encontrava-se presente nesta sessão mas incapaz de crer em tais aparições, disse-me:

"Nos instantes finais Adèle cuidou da Eliza; Adèle ficou impressionada com a morte dela; o apego que ela nutria pela minha esposa pode possivelmente ter-lhe pesado na imaginação. Não poderia fornecer-me uma outra prova da verdade dessas aparições?"

Posso, com uma condição, que é a de que você tenha boa consideração pela pessoa cuja aparição você solicita; você optará por que nunca tenhamos visto ou ouvido falar dessa pessoa. Tome todas as suas precauções; eu apenas lhe pedirei o nome. Depois dessa prova, não pergunte mais nada, esforce-se por o conformar aos seus desejos.

"Ah! Vou preparar isso para si, e amanhã veremos."

Muito bem.

73. O Sr. Demarest, marido de Eliza, veio no dia seguinte, de acordo com a reunião marcada. Eu magnetizei Adèle. Aí, ele disse-me:

"Eu perdi uma irmã, cujo nome eu lhe dou; tenha a gentileza de solicitar a sua presença."

"Aqui está ela."

"Faça-me uma descrição dela," disse ele. (Ele não estava a relacionar-se com Adèle.) Esta última respondeu:

"Ela é um pouco mais alta do que este cavalheiro, seu irmão; apresenta um cabelo de uma cor de linho escuro, rosto comprido e tem uns grandes olhos azuis com uma expressão muito doce."

Na observação que o Sr. Demarest fez, a saber se Adèle lhe via bem os olhos, ela atrai para mais perto dela a irmã do cavalheiro, e diz:

"O olho direito parece um tanto embaçado."

"É uma névoa (na córnea)," disse este cavalheiro, "que cresceu no olho dela, em consequência de um acidente."

"A boca dela é pequena," retomou Adèle, "pele muito branca, tez pálida, mas apresenta as bochechas estão um tanto rosadas

como as de pessoas tuberculosas, e o seu comportamento é melancólico."

Adèle tem consciência de que ela deve ter sido muito amada na Terra, e calcula que tenha cerca de dezoito anos de idade. Há na sua voz algo de doce, mas arrastado.

Ela diz ao irmão que o seu pai, que aqueles que o rodeiam supõem encontrar-se no leito de morte, a sessenta léguas de Paris, estava fora de perigo; que ele devia ser consolado pela perda de Eliza; que ela própria lhe aparecera expressamente para o convencer da realidade de uma outra existência após a morte. Ela vinha acompanhada por uma jovem que o seu irmão não reconheceu pela descrição que dela fez Adèle, e que a sua irmã disse ser uma das suas antigas amigas de escola.

O Sr. Demarest confirmou todos os detalhes da descrição como exatos, independentemente da idade, que Adèle lhe fez como uma aproximação da idade real. A sua irmã tinha 21 anos quando falecera; para além da cor do cabelo, que, disse ele, era castanho; Adèle viu-o como cor de linho escuro. Depois, uma vez mais, o olho, que ela não havia descoberto de imediato, visto que essa pessoa se encontrava a um lado e a uma certa distância de Adèle; o resto revelou-se bastante exato, até a revelação da recuperação do seu pai, da qual eles não tiveram conhecimento senão alguns dias depois.

Acreditar-se-ia que esses três factos terão bastado ao Sr. Demarest para duvidar da realidade da aparição. Uma sonâmbula comete um erro de três anos na avaliação da idade, e este senhor afirma que a sua irmã não tinha *essa idade*; depois, de novo, quanto a um tom mais ou menos escuro do cabelo, e um ligeiro atraso na descoberta de uma névoa no olho! Isso é suficiente para que este homem duvide de uma aparição tão detalhada; todas as outras particularidades, até mesmo o tom da sua voz, mostram-se estritamente exatas; o pai dela, a quem ele julgava morto, e cuja recuperação lhe foi anunciada, não se mostrou bastante para este homem receoso e desconfiado; muito menos seria necessário para me levar a acreditar, e eu estava tão longe quanto ele de tais convicções.

Observarei que na sessão ele acreditou e se mostrou enormemente surpreendido; foi apenas num período posterior que

esses factos lhe desapareceram da memória para dar lugar a essas três objeções insignificantes.* Não podemos dizer, depois de uma sessão como essa, que Adèle vira ou lera os pensamentos dele, porquanto se assim fosse eles teriam concordado quanto à idade, a cor dos cabelos. Sobretudo, o olho, que era o sinal mais característico da aparição, teria sido citado primeiro.

Homens de justa compreensão, que consideram bem esta aparição, chegarão, creio eu, a uma conclusão diferente, principalmente se eu informar que tive um pequeno sonâmbulo, de dez anos de idade (que irá ser mencionado a seguir), que possuía a especialidade de perceção à distância, e que um dia se encontrou com este Sr. Demarest, e visitou a sua residência, e fez a observação que vira sobre uma pequena mesa um sobretudo azulado. O Sr. Demarest não aceitaria essa visão, porque, em vez de um sobretudo, tratava-se de um casaco. Uma pequena moeda de dez cêntimos, que não se encontrava mais em circulação, mas quanto a um *liard (NT: Moeda Francesa antiga)* colocada numa caixa, a criança diz:

"Eu vejo um *liard*,"

Ao que este cavalheiro exclamou,

"Esta criança não está submetida ao sono; ela não sabe o que está a dizer."

74. O Sr. Renard, de quem já falei, um homem a quem devo o pouco conhecimento que possuo sobre magnetismo, tendo sido chamado a Paris em negócios, implorou-me que pudesse Adèle a dormir e lhe concedesse uma sessão semelhante à que ele tinha lido no meu diário. Fiquei encantado por atender aos desejos de um amigo tão sincero e tão judicioso e bem informado. Mal Adèle caiu no sono, ele solicitou a presença de uma pessoa chamada Desforges, um velho amigo seu, falecido havia quinze anos. Desforges apareceu. O Sr. Renard recebeu uma descrição tão minuciosa do seu amigo que com dúvidas não ficou quanto à realidade dessa aparição.

** (Não se tinham passado nem oito dias quando Eliza assumiu a tarefa de provar ao marido que ela existia realmente e mais do que ele, por aparições que ele teve dela no seu estado de vigília e durante o sono. Muitas coisas ocorreram a esse respeito*

que o perturbaram muito e lhe dissiparam todas as dúvidas com respeito a uma vida futura.)

Gerou-se uma disputa entre ele e Adèle (embora ele não estivesse em relação direta com ela) quanto ao vestuário que essa pessoa trazia: Adèle sustentava que ele lhe aparecia com uma camisa com fenda à frente, enquanto o Sr. Renard afirmava que nunca o tinha visto com tal peça de vestuário, e que a pessoa geralmente usava uma camisa ou camisola interior arredondada. Após puxar pela cabeça durante algum tempo, o Sr. Renard lembrou-se de facto que algum tempo antes de deixar o seu amigo, as pessoas começaram a usar naquela parte do país camisas desse tipo, e que ele próprio usara uma como a que Adèle descrevera. Seria inútil mencionar os mínimos detalhes, atitudes, linguagem, etc., com os quais Adèle convence as pessoas que a consultam sobre esse aspeto.

Não houve mais nada que o Sr. Renard desejasse. Ficou profundamente comovido com a aparição. O Sr. Desforges tinha sido, na Terra, um homem muito aplicado, bem informado em física e ciências ocultas. O Sr. Renard sentiu-se disposto a valer-se da sua presença para lhe pedir algumas informações a respeito da fabricação de óculos mágicos. O Sr. Desforges respondeu:

"Por que se preocupa com essas ninharias, que só tenderão a prejudicá-lo na ideia dos tolos que o rodeiam, você já não lhes parece superior e incompreensível quanto baste? O que seria de si nesse caso? Você passaria por um feiticeiro, e incorreria desse modo em tornar– se alvo do seu ódio, e traria sobre si disputas que o haveriam de perturbar durante o pouco tempo que lhe resta para passar entre eles; creia-me, como verdadeiro amigo que sou, não se preocupe com esses assuntos; não vai demorar muito a juntar-se a mim, e então você obterá conhecimento daquilo que deseja."

Após nova observação da parte do Sr. Renard, o amigo respondeu-lhe:

"Esses tipos de experimentos sempre acarretam vexames que, tarde demais gostaríamos de ter evitado. Para que esses espelhos tenham uma propriedade absoluta e geral, é necessário estar em correspondência com espíritos que no fim o levarão a pagar caro pela ligeira complacência que eles tiverem tido consigo."

O Sr. Renard expressa o desejo de solicitar a presença do Sr. Emmanuel Swedenborg. Adèle vê-o, faz uma descrição dele, que o Sr. Renard reconhece estar em conformidade com as ideias que dele faz; foi assim:

"Vejo um belo homem de porte digno; de cabelos castanhos, semblante austero; embora de forma alguma intimidante, e sobrancelhas grossas. Que vestimenta engraçada! Ele usa um casaco como ninguém vê mais hoje em dia, tem enfeites até às mangas, que são muito largas e arregaçadas, e forradas com uma cor diferente da do casaco. Ah! que botões mais grandes! Ele também trás fivelas nos sapatos."

"Que idade aparenta ter?" pergunta o Sr. Renard.

"Cerca de sessenta e seis."

O Sr. Renard diz que tinha mais de oitenta anos quando faleceu; mas que na sua parte do país (o Norte) os homens não mostram a idade que têm. Adèle acrescenta que o cabelo é encaracolado e que tem aspeto de um esverdeado velho. O Sr. Renard recebe um pequeno conselho de Adèle sobre o estado da sua saúde, que lhe prova que, independentemente da clarividência espiritual de que goza, ela desfruta em igual medida a mesma faculdade com respeito às enfermidades do corpo.

75. Adèle solicitou novamente a presença de Eliza, que veio imediatamente com o seu filho, o qual deu a Adèle a beijar; então ela sentou-se no colo da nossa vidente (aparentemente não muito para satisfação desta última). Ela dirige-lhe as seguintes perguntas:

Disseste-me, da última vez, que leste no meu pensamento a intenção que eu tivera de colocar um medalhão no teu túmulo; nessa caso, a tua alma seguiu o teu corpo até o túmulo?

"Seguiu; eu soube igualmente que a minha tia, que estava contigo, desejara colocar nele um buquê de flores."

Esta segunda comunicação é bem verídica.

"Como te encontras agora?

"Muito feliz."

De que te ocupas?

"Passeio; tudo o que vejo parece-me tão belo que jamais me canso de admirar o que vejo ao meu redor."

Adèle exclama subitamente:

"Ah, olha a glutona! A comer um belo pêssego; mas eu bem que a reconheço nisso, a passear e a comer como uma glutona; os prazeres dela são tais que nunca os há de abandonar."

A Eliza poderia fazer a gentileza de me dizer que tipo de sentimento ela experimentou no momento da sua morte, e como se efetuou a sua ressurreição?

"Eu dei por mim no céu, como se acordasse de um sono; eu ainda pensava todos que vós vos encontráveis ao lado da minha cama. Chamei por vós, quando outras pessoas que estavam ao meu redor me disseram que eu não estava mais na terra, que eu tinha acabado de falecer; não pude acreditar no que me foi dito; mas por fim percebi que não estava mais entre vós, ao ver o meu pai e o meu filho, que desde aquele dia não me deixaram. Vi, também, a pequena companheira que tenho comigo, falecida há cinco anos. Eu conheci-a na casa onde fui criada e onde ela morreu; chama-se Heloise."

Adèle conta-me que percebe ao lado de Eliza essa jovem muito bonita, que parece muito amável; ela é bela. Se me fosse necessário acrescentar uma prova àquelas que possuo em abundância, eu deveria fazer perguntas a respeito dessa jovem. Eu pergunto a Eliza se o marido dela não iria ficar doente com a dor causada pela sua morte.

"Não vai ser nada," disse ela; "quando ele voltar do interior, não pensará mais nisso."

Eliza teve conhecimento dessa jornada, assim como dos pensamentos de Adèle e da sua tia. Desejei fazer-lhe mais umas perguntas, mas a Adèle disse-me:

"Deixe-a passear um pouco; ela acaba de entrar no céu; ela não pode responder a tudo."

Eu pergunto-lhe se, ao entrar no céu, ela vira Deus.

"Não," disse ela, "ainda não O vi."

Viu algum anjo?

"Não; vi pessoas que nos falam em nome de Deus, que procedem dele; mas eu não acho que essas pessoas sejam anjos."

76. Solicito de novo a presença do Sr. Swedenborg. Ele aparece.

Fará a gentileza de responder a algumas perguntas sobre o mundo espiritual, agora que nele habita? As respostas que nos desse teriam, em geral, um peso maior, no presente estado em que se encontra.

O Sr. Renard compareceu a esta sessão. Perguntamos ao Sr. Swedenborg se ele não teria nada a retificar nos escritos que deixara na terra, que versavam sobre o mundo espiritual. Ele responde que contêm alguns erros de pouca importância. Ele diz não estar satisfeito com alguns dos seus discípulos, que não se comportam como deveriam. O Sr. Swedenborg promete voltar quando precisarmos dele.

Adèle diz:

"Ele impõe as mãos sobre nós como se quisesse conceder-nos uma bênção e vai-se embora."

Nós conferenciamos entre nós, o Sr. Renard e eu, sobre o que deveríamos pensar sobre a aparição deste grande profeta extático. Teria sido ele mesmo? Não tínhamos a menor dúvida disso, mas poderíamos ter-nos deixado enganar por um espírito malfazejo; nesse caso, dissemos nós, Deus, a quem chamaremos em nosso auxílio, e o Senhor Swedenborg, não nos deixarão enganar assim. Além disso, iremos mais cedo ou mais tarde descobri-lo, e saberemos que valor atribuir às suas revelações. Porém, deverei fazer a observação de que se um espírito malfazejo tiver o poder de se apresentar no lugar de um bom, ele poderá ser expulso por uma ordem, em nome de Deus. Esse curso invariavelmente deu certo comigo e é o que eu faço a cada aparição.

Uma vez que a pessoa suscitada seja vista, deveríamos exigir que ela nos mostre um sinal de reconhecimento, seja por um signo específico, uma joia ou qualquer outra coisa, por Deus jamais permitir que espíritos malfazejos finjam a esse respeito. Tampouco deveremos supor que, lá por poder acontecer que um espírito cometa alguns erros nas suas revelações, especialmente com relação às suas reminiscências terrenas, erros aos quais eles estão muito sujeitos, que seja um espírito malfazejo que nos engana. Não: devemos esperar enganos. Os Espíritos *não podem responder a tudo o que lhes é perguntado*, por os seus conhecimentos se restringirem ao seu afeto peculiar.

Assim, devemos buscar Espíritos que tomem parte nas nossas, se desejarmos obter soluções corretas; mas raramente acontece que parentes ou amigos sejam substituídos por espíritos maliciosos.

77. Eu invoco o Sr. Swedenborg, que imediatamente se apresenta. Ordeno-lhe, em nome de Deus, que se retire, caso seja um espírito falso; ao invés, ele avança, pega Adèle pela mão e diz-lhe:

"Nada receies, sou mesmo Swedenborg."

Você poderia ser substituído por um espírito malfazejo?

"Não. Enquanto vocês desejarem a minha presença, com a pura intenção de se instruírem, eu virei; mas se, ao invés, vocês agirem com desdém e autoridade, eu não deverei apresentar-me, e outro deverá vir, para os enganar."

Você pode comunicar comigo pelo pensamento, por meio da minha clarividente?

"Não; o seu pensamento acha-se profundamente absorvido na matéria. Eu poderia fazer isso; mas é melhor valermo-nos desta jovem para evitarmos erros."

Você poderia informar-me sobre um meio pelo qual eu poderia entrar no estado necessário para comunicar diretamente consigo, por meio de certas combinações de narcóticos?

"O único meio plausível é o magnetismo; qualquer outro estado, provocado pelos narcóticos, irrita os nervos, influencia e desorganiza as ideias, e não pode, consequentemente, ser tão bom quanto o estado magnético."

Pergunto-lhe isso, por achar que gostaria de poder expressar-lhe eu próprio as perguntas a fim de evitar a possibilidade de serem alteradas...

"Nesse caso, aconselho-o a ser fortemente magnetizado por trás das orelhas; é a sua parte sensível e provavelmente você obterá sucesso."

É capaz de responder à seguinte questão - terá Deus criado o Homem, homem e mulher, como a Bíblia diz?

"A Bíblia é um livro excelente, que encerra coisas muito dignas de estudo. Deus criou um homem e uma mulher."

Você quer dizer com isso que todo homem que Deus criou, tem uma mulher igualmente criada para ele?

"Sim, todo ser tem o seu complemento; mulher e homem são criados aos pares."

Esses dois seres nascem e morrem ao mesmo tempo?

"O tempo não significa nada neste âmbito; eles reencontram-se no céu quando Deus assim o deseja.

Esses dois seres são, em todos os aspetos, semelhantes em pensamento e forma?

"São."

Na sua união íntima, eles conhecem o amor nos seus atos carnais como na terra?

"O amor celestial não pode ser descrito pela linguagem material, é uma sensação inexplicável."

Constatar-se-á a existência de pessoas solteiras no céu?

"Sim, mas nenhum ser pode ser perfeitamente feliz sem estar reunido à sua metade, que é o seu complemento de vida."

Poderão elas ser separadas por um capricho que dependa ou não delas?

"Não, não podemos ser separados daquilo que constitui a nossa felicidade."

Poderá a felicidade das almas durante o repouso ser influenciada no céu por espíritos malfazejos?

"Não; eles estão apartados, e um espírito inferior de forma alguma perturbará o espírito superior."

Você tem a convicção de que não voltamos a uma segunda existência material?

"Encontramo-nos no céu por toda a eternidade."

Poderemos contar o tempo que passamos nesse estado de felicidade e os espaços que percorremos?

"O tempo não é considerado nela; mil anos são como um dia na eternidade. O espaço, que não apresenta qualquer dificuldade para que seja eliminado, não é aferido nela. O corpo é tão leve que é transportado onde se desejar, sem que se perceba a distância percorrida."

Independentemente das afeições, existirão alguns estados pelos quais devamos passar para chegar a esse grau superior de felicidade?

"O afeto constitui esses estados. Estes sucedem-se conforme a força do afeto que os engendra e os conduz ao auge da felicidade."

78. *Um lunático recupera imediatamente o uso da razão?*

"Ele recupera a razão, mas necessita de mais ou menos tempo para organizar as suas ideias que continuarão ainda por algum tempo mais ou menos desorganizadas."

A insanidade procede da matéria ou do espírito?

"Ela procede do espírito."

Disseram-me que procedia de ambos."

"Certamente, a matéria obstrui o espírito; mas temos provas suficientes de que apenas o espírito é afetado, pelo facto de ainda se mostrar afetado após a sua separação da matéria."

Como acha você que isso acontece?

"Um homem fervorosamente dedicado ao estudo satura as ideias, e uma acentuada contenda do espírito numa única desorganiza o resto das ideias."

Temos igualmente outros casos de insanidade que se manifestam em casos não dedicados ao estudo, e são frequentemente produzidos por acidentes muito materiais, quedas, receios, notícias angustiantes, etc.

"Esses acidentes são apenas causas secundárias, que não teriam produzido qualquer efeito em cérebros devidamente organizados; há muitos indivíduos cuja aparência externa esconde da nossa avaliação pensamentos muito vigorosos, independentemente da tendência que tenham; são pensamentos reprimidos, que, no caso de uma comoção repentina, extravasam às outras ideias e desorganizam o indivíduo na sua totalidade."

Poderão os espíritos malfazejos perturbar o nosso intelecto na terra?

"Não."

Poderão eles levar-nos à alucinação com aparições, remoção de móveis, ruídos e milhares de outras coisas desse tipo?

"Eles podem fazê-lo apenas nas condições em que vocês se mostrem sugestionáveis, mas na maioria das vezes essas alucinações devem ser atribuídas a *pessoas materiais* de uma influência muito maligna, que, por questão da sua propriedade

intrínseca, ou daquela que obtêm por meio de pactos formados com espíritos que possuam esse apego, se deliciem em nos desorganizar as ideias e nos atormentar; a influência dos venenos tem muito a ver com isso."

Eu não acreditava em tais pactos.

"Eles existem, mas nada é mais desagradável a Deus."

Qual será o meio de se livrar de tal possessão?

Fazendo como você faz quando excomunga um espírito malfazejo que aparece diante da sua vidente; ordenando-lhe, em nome de Deus, que se retire. No caso da possessão de Loudun e outras, tais meios nem sempre eram suficientes. Em muitos casos de possessão, muitas vezes havia demasiados interesses em jogo; as orações nem sempre eram tão puras quanto pareciam, pois o poder de Deus impregna todos os poderes do universo, e nenhuma possessão poderia resistir se ele fosse invocado do fundo do coração. É o único e mais nobre poder concedido ao homem para seu uso."

O que acha dos talismãs?

"Existem muito bons, mas precisamos merecê-los: é uma dádiva de Deus."

Você poderia aconselhar-me um bom?

"Não posso; mas há um que vale por todos, colocar-nos sob a proteção Divina, com pureza de coração; nenhum outro se lhe iguala."

O que acha da perceção obtida por meio dos chamados espelhos mágicos, que são usados para descobrir ladrões ou coisas escondidas e úteis para a nossa segurança?

"Eles existem."

Que espíritos podem facilitar operações desse tipo?

"Os bons e os maus."

Poderia revelar-me esse segredo?

"Posso, mas primeiro preciso estudá-lo, e aí 'veremos."

O que acha da astrologia?

Adèle diz que o Sr. Swedenborg responde apenas por meio de um gesto, que aparentemente significa a dúvida que sente a respeito, e que ele não se deixa absorver por isso. Adèle também me acha enfadonho; contudo, eu coloco a seguinte questão:

O que acha da alquimia?

"A pedra existe; isso também é uma dádiva de Deus. Precisamos ser muito puros para a possuirmos."

Tivemos um longo discurso sobre esse assunto, que não posso relatar.

79. *Você disse-me, na última sessão, que iria considerar se eu sou digno de deter o segredo do espelho mágico; poderei, pela sua generosidade, esperar receber essa revelação?*

“Pode. 'É muito difícil de executar; você irá trabalhar da seguinte forma. . .”

* * *

“Eu tive um muito bom." (1)

Desde a sua morte, você aumentou o estoque de conhecimentos que possui, que, na terra, já era bastante considerável?

"Não, antes pelo contrário, perdi mais do que ganhei dessa descrição que não perfaz mais a afeição que nutro; uma vez na terra, eu quis instruir os homens no que lhes era útil conhecer; mas agora não mais desenvolvo esse desejo, e todo o conhecimento necessário à vida material deixou de me ser explicado quando fui para o céu."

Qual é a afeição predominante que sente agora?

"Estou na companhia de alguns amigos; ocupamo-nos da filosofia celestial; no estado em que me encontro, conhecemos tudo o que desejarmos conhecer e essa é uma fonte contínua de felicidade."

Tem algum conhecimento da criação primitiva do homem?

"Tenho, mas não acho adequado explicar-lho."

Poderia explicar-me as suas propriedades e relações que tem com o universo? Os homens acreditam presentemente num sistema, e você parece aprovar um tal sistema nas suas obras, que demonstra que o homem representa em miniatura todo o universo...

“O homem é realmente um representante do que pode estar confinado ao seu globo, constatando que ele possui dentro em si todas as essências que o compõem; mas aí termina a similitude que tem com o universo."

Alguns chegaram a ponto de dizer que ele tinha em si, independentemente de tudo o que existe materialmente, lugares,

ações, pensamentos universais, na medida em que se encontra nos lugares que deseja ver; conhece as ações e pensamentos que existem e não existem mais. Como explica tal poder?

"O homem material é um composto *de tudo o que existe materialmente*; isto é, ele tem em si as essências de cada um dos reinos, mas não os lugares e as distâncias. Só o homem espiritual tem a faculdade de conhecer lugares, ações e pensamentos, que são convenientes sem corpo material e não nele; como as essências terrenas, ele pode desbravar aquelas distâncias, que para ele não existem; ele pode conhecer ações passadas, uma vez que para ele não há nada que seja aniquilado, e o presente, o passado e o futuro são apenas uma maneira de lhe ser apresentados pela matéria. Ele pode comunicar com todas essas coisas, que formam tantas unidades fora, mas nele formam uma só, de acordo com o poder do seu desejo."

Esteve familiarizado com o magnetismo antes da sua morte? Você parece indicar isso nos seus trabalhos...

"Eu não estive familiarizado com as suas propriedades em todo o seu desenvolvimento; tive apenas um conhecimento baralhado delas."

Também parece indicar neles a frenologia, ao afirmar que os pensamentos se aglomeram na cabeça num tipo de associações, encaixados separadamente, não?

"A nossa cabeça é apenas um composto de pensamentos baralhados que, quando não dirigidos e encaixados pelo homem espiritual com discernimento, conduzem ao anelo pelo mal."

Poderia fazer-me uma descrição clara da natureza dos pensamentos?

"Ao criar o homem, Deus *forneceu-nos a todos uma quantidade idênticas de pensamentos; não existe um único ser que possua um mais do que outro.* Cabe ao homem distinguir o bom do mau, se ele desejar ser sincero e evitar o mal."

Como deveria ele comportar-se, visto que não parece livre para agir de acordo com os próprios desejos?

"Ele poderia consegui-lo afastando o primeiro pensamento que o conduza ao mal. Se, ao contrário, não o repelir, e pedir a Deus a força necessária para o fazer, esse pensamento engendrará outros que, em pouco tempo, formarão uma massa de

pensamentos que conduzirão o homem para o bem ou para o mal."

Nesse caso, os pensamentos, segundo o que diz, produzem-se como seres vivos?

“Eles aglomeram-se e engendram-se uns nos outros. Esforçar-me-ei por lhe dar um exemplo material: veja o caso de um par de formigas (visto que tudo existe aos pares na criação); separe-as, em vez de as juntar, e coloque cada uma num pequeno buraco; elas ficarão bem à vontade e não se propagarão; se, ao contrário, você as reunir no mesmo buraco, em pouco tempo a sociedade que elas tiverem produzido, incapaz de se conter neste buraco, irromperá, em busca de um outro lugar um espaço mais adequado. Sucede a mesma coisa com os pensamentos; domine o primeiro, impeça-o de se unir a outro, e você não terá problemas a temer."

Eu aprovo a comparação que estabeleceu; mas visto que Deus é o autor, o criador de todas as coisas, deverá Ele ter julgado adequado criar bons e maus pensamentos? Não fosse por esse conjunto de bem e mal, a metade da espécie humana distribuída em termos de reis, juízes, sacerdotes, soldados, encarregada de cuidar da outra metade, haveria de ser inútil, não?

"Eu disse-lhe que todo homem possui a mesma quantidade de pensamento, que ele tem liberdade para classificar e governar de acordo com a ideia que tiver. Se a Divindade considerou adequado criar tais ou tais pensamentos, ela não nos deve contas disso, visto que ela não nos responsabiliza pela direção que lhes demos, nem nos pune por causa deles."

Esses pensamentos, que, pela comparação que estabelece, nada mais são do que seres vivos, agrupam-se e produzem-se... sob que forma são vistos no céu e na terra?

"Na terra eles representam, num quadro, a ação para que eles concorrem ao fazerem por ser executados, e no céu eles são representados como caracteres impressos a ouro."

Adèle fica surpreendida por não ter visto, aquando da sua ida ao céu em visita aos seus parentes, tal representação de pensamentos. O Sr. Swedenborg diz-lhe que ela fora incapaz de

os ver, na medida em que ainda se encontrava num estado em que um corpo diáfano é impercetível.

"Eu vi-a," responde ela, "no corpo dos meus parentes como que num cristal!"

Ele responde:

"Tu viste o que podia ser comparado ao cristal; mas, se tivesses visto um corpo diáfano em todo o seu brilho, considerá-lo-ias infinitamente superior."

Onde é que essa escrita em ouro parece estar situada?

"No coração e na cabeça."

Os pensamentos ruins também são representados da mesma maneira?

"Sim, mas os maus não podem entrar no céu."

(1) Espelho de Swedenborg. Este é um Espelho que se diz ter sido extraído pela Clarividente de Cahagnet chamada Adèle, ditado pelo Espírito de Swedenborg. É muito semelhante a um possuído no século 18 por um Judeu de nome de Léon. Adquira um pedaço de vidro, o mais fino possível; corte-o no tamanho necessário, coloque-o em fogo bem lento, dissolvendo ao mesmo tempo um pouco de chumbo preto muito fino numa pequena quantidade de azeite, para dar a consistência de uma pomada líquida, que possa ser facilmente espalhada sobre o copo quando bem diluído.

Uma vez quente o vidro quente incline-o de um lado para o outro, de modo que a mistura possa distribuir-se de forma uniforme pela sua superfície. O copo deverá então ser colocado em algo bem reto e plano, e deixar a mistura secar sem a perturbar. Em poucos dias ficará dura quanto estanho, e apresentará um polimento escuro muito fino; coloque-a então numa moldura e, depois de lhe limpar bem a superfície, sobre a qual se verificará alguma escória, pendure-o na parede como se fosse um espelho, mas sempre sob uma luz falsa.

Coloque a pessoa que desejar ter uma visão diante desse espelho, posicione-se atrás dela, fixando os olhos firmemente na parte posterior do cérebro, com a intenção de que o fluido que você projeta possa unir-se ao dele para o iluminar. Ore, da mesma forma mentalmente, para que o Anjo comprometido na guarda dessa pessoa facilite essa visão, se achar conveniente.)

(Do livro: Magnetc Magic of Cahagnet.")

80. *Você ainda pensa, como parece afirmar nos seus livros, que o céu tenha a forma de um homem?*

"O céu não tem a forma de um homem. Usei essa comparação apenas figurativa para melhor levar os meus leitores a compreender as afinidades que os afetos da alma apresentam com os órgãos do corpo com os quais eu representei o céu como um tipo."

Disse-me na última sessão que fora visto em quadros como os pensamentos terrenos são realizados; mas os nossos videntes chegam a ponto de nos dizer ou a predizer-nos palavras que não serão pronunciadas até um período muito remoto. Como poderá a fala ser representada?

"Os videntes têm duas maneiras de se familiarizar com os pensamentos:

1º- por meio da sensação; 2º- por meio da visualização de imagens. A fala futura tal como a presente não é mais difícil de ser representada por imagens do que por ações; a fala é a imagem ou descrição de uma ação e cada ação pode ser representada por uma imagem. Vou empregar por exemplo, a calúnia: vocês dizem de uma pessoa que ela é ladra, um sujeito preguiçoso, ou assim por diante; a pessoa que irá enunciar essas palavras é vista a apontar aquele a quem calunia, e esta última a praticar a ação que a primeira refere; e a vidente, a julgar pelo aparente grau de franqueza da pessoa caluniada pode dizer se é uma verdade ou uma falsidade. A sensação é mais difícil de ser definida; precisa haver uma relação íntima com a pessoa e os acontecimentos."

Estarão os pensamentos sujeitos a influências externas?

"Estão, da parte de bons e maus espíritos."

Vemos todos os dias atos cometidos que parecem ser o resultado de uma ideia instantânea: deverão ser atribuídas à influência dos espíritos?

"Não, nem sempre; a influência dos espíritos consiste no reforço ou abatimento de um pensamento, assim como o forjar o impedimento do seu efeito, com ou outro fim; mas a isso se limita o seu poder. O homem espiritual é sempre livre de o apreciar pelo seu valor exato, não apresenta nada de instantâneo nas suas ações; tudo o que surge externamente é o fruto de combinações

interiores, por vezes desconhecidas do corpo material; daí que se imagine que sejam instantâneos."

O que me leva a descrer no livre-arbítrio são as previsões dos videntes que, muitas vezes nos anunciam coisas que não temos razão para supor que venham a acontecer. Como poderá ser? Explique-mo.

"Como já lhe disse, as ideias aglomeram-se em torno de uma ideia-raiz, um tipo fácil de reconhecer. O vidente vê essa progressão de ideias e pode avaliar com segurança a que horas irão verter, para a seguir se apressar, pelo problema que eles transmitem à harmonia do corpo material, para que este último execute a ação que estão a preparar. As ideias mais bonitas, assim como as ideias mais robustas, têm todos uma única e mesma fonte e objeto."

A solução que apresenta é muito boa para a matéria animada; mas também temos predições quanto a nações inteiras e seres individuais ainda por nascer, como poderá aquilo que ainda nem existe, ser visto?

"Não existe ação senão a que sempre existiu, seja no germe ou na vibração; para a clarividente o tempo não existe. Repito, se a sua atenção se voltar para datas, épocas, ele verá no mundo das causas aquilo que vai acontecer em tal período; ele também é, e com bastante frequência, informado dessas predições pelo poder divino que deseja que elas sejam conhecidas de antemão, para que os homens se possam preparar para as receber ou executar."

Estou-lhe demasiado grato pelas suas revelações para ter o mínimo desejo de opor objeções ao que me diz; mas se Deus permite que essas coisas sejam do conhecimento dos homens, de alguma forma estará a dizer-lhes: Tu não podes impedi-las, e tudo isso prova que não gozamos de livre arbítrio. Levantarei apenas mais uma objeção: se não tivermos a inteligência para direcionarmos corretamente os nossos pensamentos, e temos ao nosso lado um guia que nos pode influenciar nesse sentido, por que ele não emprega o seu poder neste momento para nos poder servir?

"Ele sempre o emprega; mas o seu poder submete-se ao seu, que o repele, por não estar em simpatia com ele, com aquele

carinho que predomina especialmente em si para a execução do seu projeto."

Conclui que o homem é livre?

"Todos os homens, ao virem ao mundo, ao possuírem respetivamente a mesma quantidade de ideias, podem dispor delas à vontade; longe de ser livre, seria realmente aquele que não tivesse tudo o que é necessário para a liberdade; mas se você estiver numa biblioteca que contenha todo tipo de obras, você consulta aquela que for do seu gosto; de nada lhe valerá censurar a biblioteca que comportar tudo o que você puder desejar. O que o leva a crer que o homem não seja livre é que o exterior não tenha qualquer conhecimento das afeições da alma, que prepara a sua execução."

81. *Existirá realmente a matéria, na plena aceção da palavra, para o espírito que não mais se encontra sujeito às suas leis, como existe para o espírito que geme no seu seio?*

"A matéria é tão existente para nós quanto para vós."

Você vê, no estado em que se encontra, este firmamento cravejado de estrelas que você tanto admirou na terra?

"Eu vejo-o melhor do que quando estava na terra."

Já que vocês possuem luz do dia constante, como é que distingue essas estrelas?

"Um espírito percebe tudo o que deseja, sem a mais pequena fadiga."

Essas estrelas são habitadas?

"São."

Por quem?

"Por espíritos."

O quê! Espíritos - e não homens como nós?

"Não, por espíritos como eu."

Então, essas estrelas não são materiais, conforme se diz?

"Elas acham-se adaptadas à nossa substância."

Pensei que o espírito, depois de se separar do corpo, pairava na atmosfera ao redor do globo que habitou, sendo ele próprio um composto de ar que paira na sua substância, e que se encontrava tão bem aí quanto num globo mais sólido...

“Engana-se; o espírito para si é uma substância comparável ao ar; mas para nós é uma substância que exige espaço, apesar da

crença dos homens que pensam que por um espírito, poder penetrar a matéria sem a menor dificuldade, não ocupa espaço; os nossos corpos ocupam tanto espaço quanto na terra e, como tal, miríades de seres humanos que já morreram, se não existissem outros mundos criados pela bondade de Deus, o espaço da vossa atmosfera, ou terra, não mais chegaria igualmente para os espíritos como para os lugares que os rodeiam."

Pensei que as estrelas fossem globos materiais, como você próprio avançou?

"Cometi muitos erros. - Eu fui homem - isso explica tudo."

Você também disse que o sol era puro fogo - o que acha disso agora?

"O sol que vocês veem é o Deus do céu e da terra."

O que quer dizer com isso?

"Os espíritos não conhecem outro, e Deus nunca foi visto em nenhuma outra forma."

82. Ao refletir sobre o que me foi dito na sessão anterior, eu precisei de explicações mais amplas, por não poder deixar de suspeitar que havíamos cometido algum engano quanto às estrelas, que, segundo a revelação, não são, conforme a astronomia supõe, globos materiais. Eu ansiava por obter informações mais precisas.

Você disse-me, outro dia, que as estrelas eram habitadas por espíritos; não existirá nenhum outro globo material no universo além do nosso?

"Existem muitos outros além do vosso."

Que estrelas são essas de que você me falou?

"O que chamamos de estrelas são globos espirituais."

Terá cada globo material um globo espiritual?

"Tem."

Formará esse globo espiritual uma continuação do globo material?

"Não, está muito longe disso; a distância parecer-lhes-ia imensa a vós, homens materiais, mas para nós não significa nada."

Vamos, por preferência, mais para um globo do que para outro?

“Nós vamos para aquele para que desejarmos ir; Deus não impôs limites aos nossos desejos.”

Onde se situam esses globos situados?

"No céu."

Então eles são, pois, os globos que vemos por cima das nossas cabeças e que chamamos estrelas?

"Vocês não conseguem ver esses globos, na medida em que são espirituais; são materiais os globos que vocês veem e designam por estrelas; mas na realidade não existem estrelas, exceto no mundo dos espíritos."

Nesse caso percebo que me fiz entender mal ou que estava enganado. De acordo com o que você me disse, o mundo material possui o seu firmamento cheio de globos materiais chamados estrelas, e o espiritual também possui o seu firmamento e estrelas?

"Sim; mas saibam que não designamos por firmamento aquela imensidão material que está sobre as nossas cabeças; o nosso é um espaço infinito, repleto de mundos, como o vosso; conhecemos apenas um firmamento, que é o firmamento espiritual."

Onde se situa então esse firmamento?

"Muito além do imenso espaço que os vossos olhos conseguem perceber."

Existem muitos globos luminosos materiais, semelhantes ao que chamamos de sol?

"Não, existe apenas um sol, que é espiritual; que é o Deus do céu e da terra, que ilumina tudo o que existe."

Você teve conhecimentos de astronomia na Terra, e sabe que ela admite a existência de muitos globos luminosos como o centro dos mundos agrupados ao redor, e aos quais eles iluminam, não?

"A astronomia está enganada; há apenas um orbe que ilumina o universo!"

Como é que sendo iluminado apenas por um sol, o mundo espiritual pode desfrutar de luz contínua?

"Estamos muito mais perto desse sol do que vocês; o nosso globo não gira como o vosso – não é opaco como o vosso – por isso não apresenta nenhum obstáculo à luz que o atravessa em

todas as direções como através de um vidro. A sua essência está em afinidade com esta luz e não pode alterar os seus raios."

As terras espirituais são, em todos os aspetos, comparáveis à nossa?

"Os globos que habitamos não podem ser comparados ao vosso, por não ser digno de comparação."

83. *Certa vez, o extático Bruno disse-me que os espíritos possuíam imediatamente tudo o que desejavam; por exemplo, dois espíritos reunidos num lugar, desejando estar, um na planície, o outro no mar, poderiam, sem que um abandonasse o outro, encontrar-se nos lugares que desejassem, apesar de incompatíveis. Não seriam esses lugares mera criação imaginária do espírito, sem uma existência real no céu?*

"A sua pergunta abarca um dos maiores mistérios do céu. Nem tudo é exatamente como lhe foi dito; é verdade, porém, que quatro pessoas em volta de uma árvore, da qual cada uma desejará colher frutos diferentes, poderá colher dela um pêssego; outra cerejas; outra ameixas e outra ainda maçãs, que todos comerão com igual prazer; mas o que você diz, que dois espíritos conseguem perceber no mesmo ponto dois lugares diferentes, não é correto, pois isso neutralizaria os lugares e os espaços que os separam. É ao contrário, pois os lugares realmente existem; mas por um mistério não menos grandioso, esses dois amigos deverão transportar-se aos lugares que desejam, sem, no entanto, abandonarem a companhia um do outro, visto pois que não desejam fazê-lo. Isso é o que levaria aqueles não familiarizados com o mistério, a acreditar que os lugares não existam, como você diz. Eles têm a faculdade, que vocês possuem na terra, de estar em lugares diferentes, responder a uma pessoa e fazer perguntas a outra que está realmente muito longe de si."

Disseram-me também que se um espírito, no céu, desejar uma biblioteca no seu aposento, e que, uma esse desejo satisfeito, ele desejar substituir essa biblioteca por outra, não precisaria perturbar a anterior, que desapareceria como se não tivesse existido...

"Ela desaparece do mesmo modo que surgiu, certamente; os objetos são de uma natureza tão inefável, tão incompreensível, que existem, ou podem existir, apenas para nós, apenas pelo

nosso desejo; daí brota a felicidade celestial, isto é, possuir tudo o que desejarmos. Ao não sermos privados de nada, não podemos sentir inconveniente algum; ao não nos envergonharmos com nada, não sentimos inconveniente algum. Os lugares existem realmente, mas os objetos existem apenas de acordo com os desejos, ou pelo menos, obtemos posse deles apenas de acordo com os desejos, pela infinita bondade de Deus."

Desde a sua morte terá você experimentado algum inconveniente, cansaço ou contrariedade?

"Tenho-me sentido tão feliz desde então que não poderia dizer-lhe se não terá sido apenas outro dia que deixei a terra; o tempo não significa mais nada para nós: o espírito só sofre quando está aprisionado na matéria; porém, no céu não há mais um pensamento que possa entristecer-nos.

"E*stá convencido de que nunca mais apareceremos na terra, que não nos materializaremos de novo?*

"Nós nascemos e morremos apenas uma vez; quando estamos no céu, é para toda a eternidade."

Recordamos bem a nossa existência terrena?

"Sim, e a nossa anterior também."

Que existência anterior?! Já teremos alguma vez existido em algum globo antes de aparecer na Terra?

"Antes de aparecer na terra o homem vivia num mundo espiritual similar àquele em que passa a viver ao deixar a terra. Cada um aguarda a sua vez neste mundo para aparecer na terra, uma existência necessária; a uma vida de provações, ninguém pode escapar."

Adèle observa-me que o irmão dela já lhe tinha contado a ela o mesmo; mas que ela não dera crédito a isso, mas ficou feliz por ouvir o Sr. Swedenborg dizer a mesma coisa.

"Foi-me mostrada," disse ela, "uma garotinha que um dia iria nascer, e que ainda está neste mundo espiritual: é extraordinário. Como me parecia uma criança muito bonita, eu tê-la-ia tomado nos meus braços e beijado; não pude fazê-lo, porém, e ao perguntar a causa ao meu irmão, ele disse-me que, ainda não tendo surgido na terra, nenhum espírito terreno poderia senti-la ou tocá-la. Anotei uma descrição dessa criança, e deverei ficar muito satisfeita por a ver quando nascer."

84. Adèle expressa o desejo de ver Eliza, a quem já tínhamos visto. Ela aparece e eu digo-lhe:

Já se passaram cerca de seis meses desde que nos deixaste; conta-nos tudo o que tens feito desde então e sobre as tuas ocupações atuais.

"Eu devia sentir-me muito desconcertada para lho contar; estou tão feliz, que me parece que foi apenas outro dia que os deixei."

Adèle diz que, como antes, percebe que ela está a comer um pêssego. Faço a observação a Adèle de que me pareceu que, no céu, certamente deve haver alguma alteração nos prazeres. Ela responde:

"Na terra, onde vegetamos durante alguns segundos, apressamo-nos a gozar os prazeres; mas, não sabe você que eles têm diante de si a eternidade?!"

Perguntei a Adèle que impressão ela experimentou ao se aproximar de um espírito. Ela respondeu:

"Sinto-me receosa, tímida e envergonhada enquanto fala comigo; acho-me pouco digna de me aproximar de seres tão puros, tão belos, tão semelhantes a sílfides e de aspeto tão benigno; na sua presença eu comparo-me a um bloco inanimado, e por vezes fico feliz quando eles partem, por não mais poder ver um contraste tão grosseiro; a visita deles deixa-me a mente numa doce tranquilidade, o ar parece mais puro; em suma, sentimo-nos felizes!"

OS ÚLTIMOS MOMENTOS DE ELIZA

Dedicávamos todos os nossos cuidados a uma jovem chamada Eliza a quem se faz menção no primeiro volume desta obra. Ela tinha cerca de vinte e quatro anos de idade e estava a morrer lentamente de tuberculose. Adèle acompanhou o progresso da doença, sem conseguir detê-la. Ela sabia o medo que essa frágil criatura tinha da morte e percebeu os esforços inéditos que fazia por se agarrar à vida. Oh, que vida foi a dela! Para um milhar de outras criaturas teria sido uma tortura terrível. Essa infeliz vinha todos os dias receber os consolos da nossa boa

vidente, que procurava persuadi-la de que em menos de um mês estaria radicalmente curada; a mim, porém, ela dizia:

“Dentro de um mês ela não estará mais entre nós.”

Quão doloroso não foi ver esta pobre mulher subir um a um os degraus das nossas escadas, sentar-se a descansar no último degrau de cada andar, para vir ouvir a amiga dizer que ela não ia morrer; com que efusão do coração ela lhe apertou as mãos quando esta lhe deu tal consolo! Ela ia embora com forças renovadas, para comprar algumas drogas para fazer um *tisana* emoliente, *(NT: Tisana, significa um chá, de plantas medicinais, Emoliente é um Creme hidratante)* e ia para a cama; era mais um dia passado nesta tão querida existência. Por fim, uma noite, foi trazida uma mensagem, que implorava que a fôssemos visitar, uma vez que ela não podia mais sair da cama. Adèle disse:

"Ela não dispõe de mais que vinte e quatro horas entre nós."

Logo nos encontramos com ela para lhe assegurar que se encontrava numa crise salutar, cuja situação seria das mais felizes. “Que Deus te ouça!” Respondeu ela. Vigiámo-la a noite toda e recolhemos as seguintes palavras, que ela dirigiu a cada um de nós:

Ao marido:

“Por que choras se Adèle diz que eu não estou tuberculosa e que não corro perigo? Mesmo assim, cuspo muito; quão grosseira e nojenta é a minha expetoração! Ah! ela está enganada; ela vê-me a morrer e esforça-se por me consolar – isso é bastante natural – é muito humano. Obrigada, minha boa Adèle, obrigada! Mas eu – eu também sou vidente: o céu e a eternidade abrem-se-me. Eu sei agora do que me ressinto."

A mim:

"Alphonse, por que está tão triste? Tem medo de me ver feliz?"

"Não." respondi, "mas sofro por vê-la sofrer."

"Você engana-me. Eu leio-lhe os pensamentos, e você não é suficientemente forte nas suas crenças para ver os seus amigos passarem para a existência futura. É desnecessário esconder-me a condição em que me encontro. Vejo em mim este pobre cadáver

em que eu sofro tanto, e que ainda me faz sofrer tanto ao abandoná-lo.

Ah! se você pudesse ver-lhe o interior; é como uma carnificina em ruínas, cada pedaço arruinado; o coração está morto como o resto; e pensar que só era e sou capaz de partir quando tiver acabado com tudo isto! Ah, ainda há o suficiente para algumas horas. Não perca a paciência – precisa ser assim; Eu apego-me a ele pela sua própria podridão.

Ah, meu pai! você está feliz – você – o quê? Você espera-me? E tu, meu anjinho! Tu que me estendes os teus braços – linda criatura que carreguei no meu seio. Então estou prestes a me reunir-me a ti, para nunca mais me separar. Vais estar uma eternidade inteira comigo.

Como fui tola por recear a morte! Anseio agora por estar morta. Eu sinto, ao contrário, que estou a renascer. Que belas coisas os céus encerra! Ah, Deus de bondade! Perdoa-me. Amigos, orem por mim - mas não! Sou eu que orarei por vós. Não tenho mais senão um pequeno bocado, quase do tamanho de um polegar, para cuspir, mas ele ainda se agarra com força. Meu Deus, livra-me disso! Alphonse, acredite em outra vida; o único arrependimento que tenho é de não vê-lo reduzido ao meu estado. Adèle disse que tínhamos ambos a mesma doença: ela enganou-se. Você ainda tem muito tempo para sofrer; você - eu estou feliz - eu vou. Acredite na bondade divina. Adeus!"

Assim terminou a vida desta jovem, que tanto prezava a existência - que ria sempre que eu lhe falava da vida por vir, enquanto admirava os seus lindos cabelos negros e dizia:

“É melhor ficar parado do que correr; não digo que não, mas não tenho qualquer desejo de me assegurar disso."

Durante vinte e quatro horas ela ficou num êxtase contínuo, descreveu a doença exatamente como Adèle a vira; teve conhecimento dos nossos pensamentos como nós; falou da morte com a ironia produzida por uma convicção contrária; louvou as belezas do céu com aquela admiração a que são suscetíveis todos os seres separados da terra e que voltam aos lugares da sua primeira infância. Chorei; Não sei se foi pelo desgosto de a perder ou pela irritação por não poder acompanhá-la.

Riam, homens deste tempo! A cena convida ao riso. Vocês hão de passar, como todos nós, por esta última prova, à qual não poderão fugir. Para se prepararem para isso, presenciem os últimos momentos dos moribundos: quase todos são videntes nesta hora solene. Eles levá-los-ão a compreender que entre vós e a sepultura dista apenas um passo; e que entre a vossa incredulidade e a verdade existe um abismo, que nunca poderá ser colmatado, se permanecerem sob o império do vosso julgamento satírico.

Não cerrem, pois, os vossos corações e ouvidos aos homens mais humildes que vós - àqueles que desejam curá-los do medo da morte; pois nesse momento supremo vocês sentirão medo, ao ver aquela lúgubre peça de mobília composta de cinco pranchas, à espera deste corpo tão amado, que forma o ornamento da vossa civilização: O quê! Deve ser lançado neste buraco, onde o aguarda uma multidão de vermes para fazer dele um esplêndido banquete? O que não será, pois, ser objeto de tal abandono e tal desprezo! Aquilo que foi - nada! É por eu saber que já tremem ante a ideia dessa triste cerimónia que escrevo estas linhas, para os ensinar a morrer - para acalmar o medo que se apodera de vós. Se eu conseguir obter essa vitória por meio dos experimentos que recomendo que façam, vocês não me tratarão como um louco; vocês irão acreditar em Deus - numa vida melhor; e saberão como preparar-se para essa partida com calma e coragem - mais - com alegria!

OS ÚLTIMOS MOMENTOS DO MEU PAI

A 2 de Abril de 1848, eu estava a dedicar todos os meus cuidados ao meu querido pai, ex-capitão da marinha comercial; um homem detentor de uma disposição nada crédula, e uma alma profundamente mergulhada nos eflúvios de um materialismo que admitia apenas o que a matéria vê e toca. Ele estava com oitenta anos, receava muito a morte e repetia constantemente: "Sei bem onde estou, mas não sei para onde vou. Lanço âncora neste globo, e que Deus o mantenha aqui tanto tempo quanto possível."

Eu tinha-me regozijado na hora da impressão do "Segredos," pensando que deveria corrigir-lhe o íntimo, com a análise minuciosa, para crenças mais animadoras quanto ao futuro do que aquelas ensinadas pela filosofia da época; contentou-se em abanar a cabeça e disse-me:

"Apraz-me mais acreditar do que ir lá ver; acredito, porém, na imortalidade da alma, mas não tenho a certeza quanto à sua individualidade, embora esteja disposto a admiti-la, a partir dos experimentos magnéticos, sonambúlicos e extáticos de que tu me apresentaste testemunho. Fosse eu vinte anos mais jovem e haveria de estudar, de todo o coração, a fim de modificar a crença que tenho a esse respeito; mas agora é um pouco tarde para o fazer com sucesso. Além disso, em breve saberei o que fazer quanto a isso!"

Foi em tal estado de espírito que adoeceu e permaneceu oito dias vítima dos agudos sofrimentos de uma asma sufocante; o médico não conseguia dar-lhe alívio; várias pessoas o magnetizaram, assim como eu, cada uma à vez. O seu estado delirante não permitia que se pensasse tão perto de atingir essa solução da individualidade da alma, mas, no momento supremo, a razão pareceu fazer um último esforço e domar a desordem das ideias dele. Disse-nos:

"O que o médico prescreveu até agora não produziu nada e não vai produzir nada, porque eu estou de partida! O meu corpo já está morto há algumas horas. Ainda estou preso a ele por alguns fios que tu me podes ajudar a romper, magnetizando-me até a ponta dos pés. Dá-me apenas água magnetizada, é tudo que eu quero no momento."

"Por que falar comigo sobre a morte? – por que pensar nisso? Você está muito melhor do que estava ontem e, em poucos dias, estará reestabelecido."

"Tens razão, em breve estarei melhor; a minha agonia será longa, porque a alma não pode abandonar o corpo antes de lançar fora tudo o que está destinado a ser lançado, e facilitar a sua passagem. Por isso é que ainda me resta muito que cuspir. A água magnetizada solta tudo isso, dá-me um pouco com bastante frequência."

"Não fique assim abatido," respondi, *"a sua condição não é tão desesperada quanto você imagina."*

"A condição em que me encontro não me é desconhecida. Vejo o corpo estendido nesta cama, realmente morto, e amanhã enterrá-lo-ás; já não estou nele, apenas me agarro a ele por alguns fios; ainda não é chegada a hora. Acalmarás esta crise – mas eu vou ter outra, que será a última. Eles esperam-me lá em cima – paciência, paciência – logo estarei convosco."

Poucas horas volvidas, essa partida aconteceu!

Durante essa longa agonia busquei com o meu olhar e com o meu pensamento na orla daqueles lábios por onde iria passar o último suspiro, aquele sopro que se chama alma, por ser a vida dela! Olhei para o lado do leito, dizendo a mim próprio:

"Ele diz que a sua alma está aí – e ainda faz com que o seu corpo se mexa! Ah! Problema insolúvel! Fala, sem dúvida arrastada da alma para o corpo por uma corrente, um fio simpatizante, que esta matéria meio desorganizada ainda respira, forma um eco no seu interior, à medida que obtemos um eco em lugares adaptados para a produção de tal efeito.

Enquanto essa respiração inestimável estiver ativa, toda a máquina funcionar, embora me seja provado que a alma saiu dela por todos os poros; o sopro, pois, é a gota de óleo que as rodas esperam para se mover! Ah, Deus, infinitamente grande! Ah, partida infinitamente desejada, apressa-me no teu curso eterno, para que eu possa medir com os olhos e o espírito aquela imensidão que me separa da verdadeira luz; vem e arranca a bandagem que me cobre os olhos! Vem e purifica esta atmosfera, que me envenena a alma com erros; Ah! luz divina desce sobre mim!

Ah, Deus meu! poderias ter-me animado a recusa da razão? Pois o que chamamos de razão é loucura – o que chamamos de vida e movimento é morte! – é nada! Há poucos segundos, eu tinha perto de mim um pai, um amigo – onde está ele agora? Ele viveu oitenta anos para chegar ao estado de cadáver?

Ah! não, ele disse-me que estava de partida para o outro mundo; naquele momento supremo a palavra do homem é sagrada; deverei acreditar nele e esperar voltar a juntar-me a

ele. Esta partida é apenas uma cadeia infinita, arrastando atrás de si miríades de seres nas bancadas unidas a cada um dos seus anéis. Ele está numa, eu noutra, chegaremos no mesmo porto, com alguns dias de diferença, para nunca mais nos separarmos!

~ ~ ~

85. *Senhor Swedenborg, o senhor disse-me que já havíamos vivido em outro globo antes de aparecer na terra: poderia fornecer-me alguma informação a respeito dessa existência?*

"Que tipo de informação deseja?"

Você poderia dizer-me os nomes desses globos?

"São nomes desconhecidos na terra."

Existimos lá na forma humana?

"Existem."

O que fazíamos nesses globos? Casávamo-nos lá? Contraíamos família? Alguma forma de veneração? Emprego?

"A vida anterior, pela qual todos nós passamos, era, por assim dizer, uma vida de nada, de nascimento, de felicidade, como aquela que desfrutamos na nossa saída da terra; mas essa felicidade não pode ser compreendida, porque não vem acompanhada de ações nem sensações que comprovem a sua doce e verdadeira realidade, pelo que Deus julgou conveniente que passássemos por três vidas sucessivas: a primeira vida nos globos de que lhe falo, não muito diferente daquela que lhes foi retratada através de Adão - uma vida desconhecida, uma vida de bem-aventurança, desprovida de sensações.

A segunda é aquela que você desfruta, uma vida de ação, sensação, afeto – uma vida dolorosa colocada entre a dualidade, para demonstrar, através do seu contraste, a doçura do terceiro, e para delimitar as necessidades, alegrias e problemas, que estabelecem, como você percebe, esse contraste necessário, a fim de que possamos familiarizar-nos com bem e mal, pois sem o mal nesta vida problemática não seríamos capazes de apreciar o estado de felicidade que nos está reservado."

Você acabou de me dizer que a vida futura é semelhante à anterior, certo?

"Sim, pelo estado espiritual em que nos encontramos, pois só na terra somos materiais. A primeira vida proporciona as mesmas alegrias da futura; mas observei que só poderíamos apreciá-las pela comparação com a vida material, que era necessário ter vivido para ter consciência desse estado de felicidade e delinear as suas ações e afetos."

Nesses globos vivemos em famílias?

"Não, andamos a esmo, todos amigos: é só na terra que as famílias, as sociedades, os prazeres e as dores são esboçados."

Esse mundo inicial, pode ser no sol material que contemplamos?

"Não, não existe sol material; eu reitero que existe somente um sol, que é o sol espiritual."

Seja indulgente a ponto de me dar atenção, de modo que me leve a compreender. Esse globo luminoso que viu na terra e a que chamou, como nós, sol, é uma terra como a nossa?

"Não; esse orbe, que vocês chamam sol, não é uma terra - não é um globo; é apenas um raio muito fraco do sol espiritual, que penetra na terra através do espaço, como uma vela atrás de uma porta na qual há um pequena fenda; essa fenda haveria de lhe parecer um fogo, ao deixar passar esse raio luminoso, e derramaria luz nos lugares sobre os quais recai. Esta ficção deve representar-lhe o que você acredita ser um sol, uma terra ou um globo, existente."

Portanto, devo entender que este orbe luminoso que chamamos de sol, é apenas um raio do grande sol espiritual?

"Exatamente; mas um raio tão débil que dificilmente é comparável a uma pequena brasa viva numa grande fogueira."

E aqueles outros globos, todos quantos nos parecerão mais ou menos luminosos, de onde tomam eles emprestada a sua luz?

"Do mesmo raio; não existem dois para o vosso sistema terrestre; basta este e, segundo a sua posição, refletem-lhes, mais ou menos, a luz espiritual que tanto os ilumina a eles como a vós."

Esses globos são habitados?

"São."

Você poderia dar-me alguma noção deles?

“Não, por não me ocupar deles; tenho o que fazer para me ocupar dos mundos espirituais, para não falar daqueles que nunca mais verei."

Os mundos que você habita estão muito distantes do sol espiritual?

"Eles estão tão distantes dele quanto dos corpos terrestres, e se se aproximassem mais seriam consumidos."

86. *Terão, todos os seres que habitam o universo, sido criados por Deus a uma só vez?*

"Sim, eles foram criados pela sua palavra."

Todos os seres que povoam os diferentes mundos materiais apresentam a forma humana?

"Sim, quanto aos que são da mesma espécie; à parte os tipos."

Todos eles estão, como nós, sujeitos às mesmas leis de criação e morte?

"Estão."

Eles têm, como nós, lugares para onde ir depois da sua morte?

"Sim, e eles são igualmente muito felizes; pois Deus tem em vista apenas a felicidade de todos nós."

Para estar ainda mais seguro de que não me enganei nos detalhes que o Sr. Swedenborg me deu sobre o sol, peço-lhe novos, que têm o mesmo resultado. Ele diz-me:

"Ora, nesse caso não está a entender nada; você faz a mesma pergunta duas vezes! Não, o vosso sol não é uma terra, não é um globo, mas simplesmente um raio do sol espiritual. Não, não existe nenhum globo de fogo entre as vossas estrelas; eles tomam emprestada toda a sua luz desses mesmos raios."

Não estando tão bem preparado para poder avaliar o valor desta revelação, deixo-a para aqueles que tenham a capacidade de o fazer.

87. *Você disse-me que a nossa existência terrena era necessária para delinear as nossas ações e permitir-nos compreender a felicidade anterior e futura das existências espirituais; mas como poderão avaliar isso as crianças que morrem antes de poderem apreciar a existência material?*

“Todas as crianças que morrem antes dos três anos são protegidas por Deus, que as ama imensamente; são anjinhos que permanecem nesse estado de inocência, e não necessitam, para ser felizes, de ter vivido uma vida material mais longa."

Que conhecimento é que têm?

“Não estão tão elevadas quanto os anjos, nem como os que morrem em idade mais avançada, porque estes adquirem o conhecimento segundo o que tiverem adquirido na terra; isso, porém, não impede que sejam muito felizes. No seu estado angélico infantil, elas têm consciência de ter vivido na terra e na vida anterior; a isso estão confinados todos os seus desejos de conhecimento. Eles preferem a inocência que os cerca a qualquer outro estado.”

E os natimortos, que é que lhes acontece?

"Acontece-lhe o mesmo que aos anteriores."

Qual a razão dessa diferença de existência entre o velho e a criança?

"É por uma proteção de Deus que a criança não viveu mais tempo na terra, onde não desejava aparecer; mas como é uma lei geralmente aplicável a todos os espíritos que eles devam vir à terra, Deus condena os homens a passarem por ela um tempo proporcional ao desejo que tiveram de abandonar a sua primeira existência, na qual eles se sentiam infelizes e, quanto mais infelizes se sentiam, mais Deus julga adequado deixá-los peregrinar por esta vida material, a fim de que possam beber abundantemente de todas as suas tristezas e achar a vida futura doce e agradável.”

Nesse caso, trata-se de uma espécie de punição, não?

"É uma imposição e não um castigo; é uma necessidade."

Então, de acordo com o que você diz, quanto mais desejarmos vir à terra, mais tempo permaneceremos nela?

"Sim, mas não conhecemos mais a sua existência dolorosa do que você no seu estado material conhece as alegrias da vida futura."

O que dizem aqueles a quem deixamos assim de aparecer na terra? Parecemos-lhes mortos, conforme pensam que estejamos quando deixamos a terra?

"Não; todos sabem que ele deve vir à terra e que aguarda a sua vez."

Você disse no seu Arcana Celestial que o homem possuía duas memórias, que ele leva consigo para a vida futura, uma corporal e a outra espiritual. Ainda pensa o mesmo?

"Sim; mas essas duas memórias formam apenas uma."

Posso entender o que a memória material pode incluir; mas não percebo que peculiaridade pode conter a memória espiritual; você poderá explicar-mo?

"Sim; a memória espiritual, ou da alma, é a lembrança da sua vida anterior à vida material; a alma, embora no corpo material, acha-se bem ciente de que já viveu em outro mundo, e que deve abandonar este mundo para entrar em um futuro; mas não consegue comunicar ao corpo os seus pensamentos mais íntimos tal como a tartaruga não consegue informar à sua carapaça o que pensa.

Como a tartaruga, arrasta com dificuldade essa prisão necessária e apertada, que a impede de se elevar ao objeto dos seus desejos, como foi habilitada a fazer no início, pois, quanto a isso, desejar e possuir era a mesma coisa. Na sua prisão é muito diferente; encontra-se inteiramente obstruída, faz esforços inéditos para obter para si, através da visão do seu corpo material, a faculdade de ver ou possuir objetos imperfeitos, e, uma vez mais, os seus desejos são a cada instante, mal compreendidos pelo corpo, cujos ligamentos tortuosos permitem que apenas pensamentos pervertidos alcancem o exterior.

É tão contrariada com tal restrição que reage na harmonia dos seus desejos, que são sempre perturbados e iludidos, tornando-a assim, por assim dizer, insana. Se pudesse abandonar este corpo, logo o haveria de fazer; mas o poder divino mantém-no preso pelo tempo necessário à sua purificação; ele pode apenas formar desejos e submeter-se à sua triste circunstância."

Terão os espíritos no estado em que se encontra permissão para fazer uso dessas duas memórias?

"Têm, visto que eles existem eternamente; mas a da vida material opõe-se tanto a ser empregue que nunca a forçamos; todas as esquisitices de que fomos culpados nesta existência são

tão repugnantes de contemplar que o espírito se vergonha delas, e não quer trazê-las de novo à mente."

Já me disseram que um espírito pode aparecer em vários lugares e responder a várias pessoas ao mesmo tempo. Poderia explicar-me como isso pode acontecer?

"Um espírito pode estar apenas num lugar e responder apenas a uma pessoa ao mesmo tempo; o seu corpo material pode, é verdade, estar em outro lugar, mas o espírito vê, e está apenas num lugar de cada vez. Aquilo que tende a uma crença contrária é a facilidade com que se encontra aí. Essa rapidez é incalculável pelas leis do tempo; por isso o imaginamos, por em menos de um segundo poder estar mais rápido do que o nosso pensamento, em várias cidades sucessivamente, pelo que ela realmente está em diversas ao mesmo tempo: mas é o contrário; só que estando, como eu estou, desvinculado da matéria, tenho ainda mais uma faculdade, a de responder, pelo pensamento, àqueles que me questionam. Muito mais rápido do que você pelo discurso, e isso me dar-me-á tempo para responder a outra pessoa, enquanto você reproduz as minhas palavras; daí que isso fosse tomado por várias respostas ao mesmo tempo, quando é o contrário."

Contudo, na terra temos exemplos de tais desdobramentos, não?

"É o espírito que o leva a acreditar nisso, por poder representar o seu corpo num lugar onde realmente não se encontra; mas tampouco está em mais que um lugar ao mesmo tempo."

No magnetismo, muitas vezes percebemos impressões de imagens ou objetos que ficaram em lugares onde já não se encontram, quando o clarividente os percebe ainda existentes.

"A alma sempre deixa para trás algo de si, onde quer que repouse – uma espécie de imagem; mas o espírito da pessoa pode ainda achar-se muito bem presente, quando o seu corpo não está mais presente. O clarividente também pode comunicar, com o auxílio dessa impressão, com o espírito que o deixou, e imaginar que ele esteja realmente presente nesse lugar, na medida em que para ele não existe tempo nem espaço. É impossível explicar-lhe isso de outra forma, por um espírito não poder positivamente situar-se em mais que um lugar ao mesmo tempo."

“Ainda tenho uma pergunta a fazer a respeito do raio de que falamos anteriormente, e que nos ilumina como um sol; você pode dizer-me por que razão os nossos astrónomos percebem manchas na sua imagem refletidas pelos seus instrumentos?

"Não há e não pode haver manchas nesse raio; sem dúvida que se deve à interposição de certos globos materiais, que lhe controlam a passagem e lhes aparecem como manchas ou pontos escuros."

Se, como você me disse, todos nós somos criados homem e mulher, ou aos pares, e nos reunimos no céu à nossa metade, o que acontecerá com as crianças mortas em estado de embrião, ou numa idade em que essa necessidade de se completar ainda não foi formada?

"Sucede com as crianças como com os adultos, os mortos, depois dos três anos de idade, crescem e completam-se, e os que tiverem falecido aquém dessa idade são associados da mesma maneira que os seres da sua própria idade; a sua felicidade não é menos grandiosa do que a nossa. A Divindade, nas suas obras, demonstrou a maior imparcialidade; somos todos iguais em felicidade, crianças, ricos e pobres; no céu existe uma igualdade perfeita!"

REFLEXÕES SOBRE O QUE ME FOI COMUNICADO POR E. SWEDENBORG NAS SESSÕES ANTERIORES

Nunca tinha lido nenhuma das obras deste célebre profeta extático, exceto o seu *Tratado sobre o Céu e o Inferno*, uma obra que, para um materialista, certamente não oferece soluções muito matemáticas. Como se viu, fiz algumas observações a Bruno sobre este assunto, quando o seu guia lhe disse algo relativo ao que eu tinha lido superficialmente nessa obra; assim, quando o meu amigo, M. Renard, que veio de Rambouillet expressamente para ver a minha extática Adèle, solicitou a aparição de M. Swedenborg, eu propus-me, caso tivesse a honra de conversar com ele, submeter-lhe tudo o que não conseguia aceitar no pouco que conhecia dos seus escritos.

A reflexão demonstrou-me, no entanto, a partir de tudo o que vi e ouvi durante dez anos, que não seria correto rejeitar, com orgulho insensato, factos que, por mais inexplicáveis que sejam para a matéria, não deixam de ser verdadeiros. Fui caçado, acossado, pelas minhas clarividentes a render-me a essas verdades, cuja autenticidade combati desde o primeiro momento; consequentemente, prestei-lhes atenção.

Com a mão sobre o coração, ou eu era um louco, ou o que ouvi era possível; a unidade que reinava em tudo o que os meus sonâmbulos me diziam fez-me deixar de hesitar por um instante, pois esse tipo de loucura parecia-me tão racional quanto a nossa própria razão. Percebi que era muito melhor que esta última fosse subjugada por tais verdades do que por qualquer coisa capaz de iludir os sentidos. Pois, se tivesse visto com os meus próprios olhos e tocado com as minhas próprias mãos uma aparição, ou mil outros factos semelhantes, teria considerado isso apenas uma alucinação e, em poucos dias, teria dito: *Todos os loucos veem coisas semelhantes, fui louco por um momento.* Mas com a razão é diferente, quando ela se vê satisfeita em todos os pontos.

Quando releio todos os dias estas revelações, que para mim são provas muito mais palpáveis do que as próprias aparições, continuo convencido de que este tipo de loucura é muito razoável e consolador, e M. Swedenborg é, para mim, o deus dos extáticos. Agora leio as suas obras com prazer, porque já obtive segredos semelhantes sem ter conhecido os seus escritos; se tenho dificuldade em compreender alguns, recorro ao magnetismo, que aconselho todos a utilizar, pois, nos dias de hoje, é necessário que

as nossas persuasões se baseiem em provas – não devemos acreditar cegamente em tudo o que nos dizem, mas simplesmente confiar no nosso próprio juízo!

Se alguém conseguir explicar os fenómenos espirituais do sonambulismo de outra forma que não pela existência dos espíritos e a sua influência; se me conseguirem demonstrar como milhares de clarividentes, em todos os cantos do globo que habitamos e em todas as condições religiosas de vida, podem concordar tão perfeitamente no ponto essencial da questão – ou seja, que temos uma alma com forma humana, à qual está reservada uma vida feliz e imortal, e a recordação de si mesma, a trindade filosófica de todos os clarividentes – se, digo eu, este erro me for provado, queimarei imediatamente este trabalho e colocar-me-ei sob tratamento médico, pois terei de estar perturbado e ter estado, ainda que involuntariamente, sob a influência de uma alucinação.

Mas, como sei que não é dado ao homem aniquilar esta verdade, tenho, consequentemente, o direito de admitir que esta alma, na forma humana, vivendo numa vida futura e possuindo a recordação de si mesma, não pode existir sem propósitos, não pode ser infeliz, pois deve ter uma compensação pelo que sofreu na Terra. Um Deus justo não poderia agir de outra forma!

Recolhi, portanto, com prazer tudo o que acabámos de ler sobre o grande profeta extático. Não podemos duvidar da pureza das suas intenções; nada nos seus ensinamentos pode dar lugar à suspeita de que pretende enganar-nos; ou prega o erro no interesse de um espírito infernal, ou prega a verdade por amor a Deus! Se prega para o mal, fá-lo de uma forma muito pouco convincente, exaltando apenas a bondade do Criador e o respeito devido à sua onipotência. Se prega por amor a Deus, deve à verdade a retratação de alguns erros que possa ter cometido nos seus livros; como ele próprio diz: *Eu era um homem!*

Vemos o que ele diz sobre a criação do homem, masculino e feminino; não pode ser de outra maneira. Se existem dois sexos, é com vista à união, e para que haja união deve haver homogeneidade; um deve ter sido criado para o outro, como seu complemento, como a parte mais em harmonia consigo mesmo e com as suas afeições. Como há diversidade na criação, pelos

tipos, pensamentos e afeições, não podemos supor que uma afeição tenha sido criada para não existir; ela só pode existir através do que constitui a sua vida, que é a posse do que deseja, e não pode desejar nada que fira a sua harmonia, pois desta harmonia depende a sua felicidade.

É necessário, portanto, que o objeto da sua afeição lhe seja semelhante, ou a união sincera, duradoura e eterna não será possível; seria como na Terra—conflito e desorganização! Já vimos que o guia de Bruno concorda perfeitamente com M. Swedenborg, e qualquer um perceberá que assim deve ser—só com a nossa própria imagem, masculina ou feminina, podemos encontrar harmonia e felicidade!

Passaremos agora à revelação sobre a loucura; ele diz-nos que esta deixa um transtorno no espírito após a sua separação do corpo. Tivemos prova disto na aparição de M. Lauriot, que surgiu muito a propósito para dissipar quaisquer dúvidas a este respeito. Temos outras provas nas divagações de pensamento e julgamento que nos são diariamente apresentadas pelos clarividentes nas suas confissões e apreciações. Quem pensar que pode obter invariavelmente dos espíritos informações precisas estará profundamente enganado.

Se, por causa disto, supusermos que lidamos com espíritos malignos, o erro seria o mesmo; deve-se ter sempre em mente que os espíritos só podem responder conforme a sua afeição, apenas sobre os assuntos que Deus lhes permite abordar, apenas conforme a justeza do seu julgamento, que não atinge de imediato a plenitude do conhecimento universal, apenas conforme a qualidade da sua memória, o seu gosto por cultivá-la e uma infinidade de outros limites que acreditamos não lhes dever recusar enquanto espíritos. Se estes impedimentos não existissem, os segredos do Céu seriam os da Terra, e os papéis das duas existências estariam invertidos.

M. Swedenborg diz igualmente que pactos e talismãs existem; nisso, ele concorda com M. Mallet e com o guia de Bruno. Teria a tentação de deixar esta afirmação para ser julgada por quem de direito. Trata-se do santuário da cabala: não entra nele quem quer. No entanto, não posso deixar passar esta oportunidade sem expressar os meus pensamentos a este respeito.

Não podemos admitir que existam seres intermédios entre a Divindade e a espécie humana que negociam com Deus por meio de pactos, movidos por algum interesse; pois a Divindade, quando devidamente compreendida, não pode figurar em tais negócios. Os fatalistas, ao fazerem este julgamento, não estariam a assimilar Deus a um ser que trafica ou executa os desejos do juízo insensato ou esclarecido de um espírito, atendendo aos seus pedidos para ferir ou perdoar um ser humano que tenha sido, em maior ou menor grau, amigo ou protegido de um espírito.

Não acredito nessa degradação da bondade divina, e os fatalistas, que estão convencidos do destino humano por meio de previsões, têm o direito de dizer que o homem saiu das mãos do seu Criador como um relógio das mãos do relojoeiro, cujos mecanismos concorrem para atingir um fim proposto—marcar o tempo. Porém, basta que uma roda se desajuste por um acidente, tal como os pactos na vida do homem, para que o fim proposto seja aniquilado: já não há harmonia, já não há conjunto, já não há movimento possível.

Ele diz então: Pactos e talismãs aniquilariam a ordem estabelecida pelo Criador; não podem existir. O livre-arbítrio não existe, uma vez que as mais ínfimas ações da nossa existência nos são preditas muito antes da sua execução; os espíritos não podem intervir na ordem das coisas estabelecida por Deus. Eles têm o direito de falar assim; mas existe outra maneira de encarar a questão.

Deus é, de facto, o Criador, que nada pode criar de imperfeito; consequentemente, criou o homem tão perfeito quanto possível. Neste estado de perfeição, que representa a felicidade mais pura, o homem, pelo que vimos, não soube apreciar essa doce condição.

Deus viu-se então na necessidade, para lhe provar quão harmoniosa era a sua obra e quão livre o tinha criado, de lhe proporcionar um segundo estado, um estado menos perfeito – o estado material, um estado de restrição! De sofrimento! De dor e provação! E condenando-o a permanecer neste estado durante um tempo mais ou menos longo, para que o homem se visse confinado e dependente nesta nova condição, da qual, se lhe fosse permitido, depressa se libertaria.

Deus confiou esta infância dolorosa ao cuidado de espíritos dotados dos direitos e do poder necessários para fazer o homem compreender a comparação entre este estado e o anterior, e para que percebesse que o seu único objetivo era elevá-lo desta espécie de queda e provar-lhe o que era a liberdade que possuía, em comparação com a dependência em que agora se encontra, sob o governo dos espíritos que ele próprio nomeou para esta tutela, para transformar e refrear os seus desejos e afeições, sabendo, acima de tudo, que não podem aniquilar a criatura da sua escolha, e confiando-lhes essa responsabilidade apenas por um tempo limitado, que não passa de alguns segundos na eternidade. Deus, com esta proposição, não seria, de forma alguma, acusável.

Pelo contrário, criou-nos a todos, sem a menor distinção, com a mesma porção de felicidade e inteligência, e faz o que considera necessário para nos impregnar dela. Deus, por esta proposição, que me foi sugerida por uma vida anterior, não é o autor dos nossos sofrimentos, uma vez que deixa o governo do homem ao próprio homem, mesmo quando este se torna espírito, que, pela apreciação que pôde formar na Terra, dirige, sem que o suspeitemos, todas as nossas ações e pensamentos para um único objetivo – a felicidade.

Por esta mesma proposição, a cabala estaria autorizada nas suas persuasões, nos seus mistérios, pactos e talismãs, uma vez que seria sempre possível para os espíritos superiores que nos governam atenuar à sua vontade a nossa condição terrena, elevar mais ou menos a nossa inteligência, segundo as disposições que percebem em nós, e conforme o direito e o bom uso que fazemos delas.

Desta forma, encontro explicável a inexistência do livre-arbítrio, pois o homem material não é livre, disso não pode haver dúvida. E também podemos ver que os cristãos que nos dizem que o mal procede e é produzido apenas pelo homem não nos enganam; mas deveria ser o homem espiritual quem nos governa, e não o homem material. Esse mal torna-se um bem, pois é necessário para recolocar o homem no estado de felicidade do qual caiu. Devemos queixar-nos apenas de nós próprios, acusar apenas a nós mesmos e absolver-nos, se pudermos.

O nosso estado material, mergulhado na mais densa ignorância, não nos permite definir o mal: o que é mal para um é bem para outro. Até mesmo o sol, que é a mais pura fonte da vida terrestre, contém o germe do que chamamos mal, pois queima aquilo que nutre, destrói aquilo que protege! O mal é apenas a posição errada em que colocamos o bem; é a incapacidade de saber apropriá-lo para nós próprios. É a desorganização da sua harmonia, a desagregação das suas partes.

Devemos, portanto, considerar que a cabala e a feitiçaria são obra dos espíritos e que, se os seus resultados não são muito precisos e generalizados, é porque o poder da sociedade invocada se encontra dependente, inferior ou amigável em relação à sociedade sob cuja tutela se encontra o indivíduo contra quem os encantamentos ou feitiços permanecem sem efeito.

Sem esta proposição, veríamos todos os dias desaparecer, sob a influência nefasta de alguns indivíduos, milhares de vítimas! Mas não devemos concluir disto que o poder de fazer o mal, seja por magnetismo ou feitiçaria, não existe; que a cabala não tem os seus poderes, os seus segredos, as suas leis e os seus ritos. Repito: a condição essencial, e muitas vezes desconhecida pelo indivíduo mal-intencionado, reside no poder da sociedade a que pertence, em relação à sociedade do seu alvo.

Devemos concluir de todo este caos do mal que Deus não é o seu autor; pelo contrário, Ele é sempre o nosso salvador, quando O invocamos de todo o coração.

Não há nada de incrível no que acabo de dizer, pois todas as religiões, em geral, assim como seitas, sociedades e até governos, colocam-se sob a égide dessas sociedades espirituais e dos chefes que fundaram as suas sociedades materiais. Tão verdadeira e racional é esta visão, que parece irracional ao homem, a quem se chama supersticioso. Para desenvolver as provas do que avanço, seria necessário escrever um tratado específico; mas tal não é o objetivo desta obra, que não nos permite expandir sobre todos os segredos, pois isso apenas perturbaria o conjunto, já demasiadas vezes interrompido, das nossas revelações. Passaremos agora às sessões 79 e 80.

As noções fornecidas pelo nosso bom Swedenborg sobre o agrupamento dos pensamentos e a sua agregação devem

concordar com o sistema frenológico, com os adeptos da teoria dos corpúsculos e confirmar, acima de tudo, aquela exclamação do ilustre químico inglês, Davis, após uma êxtase provocada pelo gás hilariante: *"Todo o organismo humano não é senão um conjunto de pensamentos!"* Vemos, pelas noções que nos foram dadas, como estes pensamentos são percebidos no céu e na terra; permanecemos convencidos, independentemente da forma como são percecionados, de que são indestrutíveis e sobrevivem às ações que desencadearam; obtemos essa prova através das revelações feitas pelas clarividentes sobre o passado.

Este único facto basta para estabelecer a existência da alma após a sua separação do corpo e, sobretudo, a unidade do seu próprio ser; pois, falando logicamente, de que serviria a sobrevivência desses pensamentos, dessas ações, após a aniquilação do ser que as originou? Por que razão seria impossível que a alma continuasse a sua existência, se tudo o que a rodeia na sua vida material existe para a eternidade? Vemos todos os dias as nossas clarividentes descreverem como eventos presentes ações individuais que ocorreram há anos, e cujo conhecimento não poderia ter-lhes chegado por nenhum outro meio.

Se isto ainda fosse efeito da comunicação dos pensamentos, não deixaria de provar que a memória se enriquece perpetuamente com tudo o que o homem viu, fez, conheceu ou pensou, e que nada se perde ou se apaga nestas tábuas do livro da vida!

O que acabo de dizer é o lado mais simples da medalha; mas o outro é muito mais positivo. Pois é possível a uma clarividente (visto que se verifica todos os dias) entrar em comunicação com seres que desapareceram há séculos do nosso globo e reencontrar na sua memória os mais triviais dos seus atos terrestres, desconhecidos tanto para a clarividente como para o magnetizador; aqui, já não há qualquer comunicação de pensamentos! Elas podem igualmente prever ações que serão executadas dentro de um ou dois séculos e identificar os indivíduos que as realizarão, e assim por diante.

Nas ações que parecem estar mais profundamente enterradas no esquecimento, percebemos que, para a clarividente, elas são tão vivas como se tivessem acabado de acontecer; e ainda assim,

haveríamos de negar à alma o direito de usufruir desta vida imortal, da sua individualidade, do seu próprio ser, após a separação do corpo, quando tudo o que acabámos de citar é imortal e individualizado? Que vergonha! As aparições tornam-se inúteis diante de tais fenómenos; querer pensar de outra forma já não é pensar.

A sessão 82 oferece-nos a solução de uma questão que todos os homens colocaram a si próprios sem jamais conseguirem resolvê-la; é a seguinte: *Se vivemos após a nossa partida deste globo, para onde vamos?*

Conhecemos todos os sistemas que esta questão gerou. A Índia, berço de quase todas as nossas religiões e crenças europeias, coloca a nossa alma naquele que mais agrada ao espírito sectário—desde o sol, de onde tudo emanou e para onde tudo retorna, até à delicada flor e ao animal afetuoso, estes dois grandes sistemas da absorção e da metempsicose! A China, não menos iluminada que a Índia, prefere colocar-nos sob os cuidados das suas montanhas e dos seus vales sorridentes.

Os cristãos, verdadeiro mosaico de todas essas crenças, colocam-nos no inferno! Debaixo da terra, ou no céu, esse espaço azul sobre as nossas cabeças.

Nenhum guia pode servir-nos melhor nesta obscura jornada do que uma clarividente; assim, vimos M. Swedenborg, sempre em acordo com as leis da criação, atribuir globos espirituais aos globos materiais, como complemento desse famoso binário, o número dois, que reina desde a partícula mais simples até à mais complexa da criação.

Todo o homem de boa-fé que reconheça em nós dois seres distintos, um material e outro de uma substância indefinível, deve admitir, para que este segundo ser exista independentemente da matéria, a existência de globos em afinidade com a sua substância. E estes globos, qualquer um perceberá, não podem estar comprimidos entre as atmosferas do nosso mundo, mas flutuam em atmosferas apropriadas à sua natureza, e só podem existir, como muito justamente observa Swedenborg, muito para além dos mundos materiais.

A sessão 83 oferece-nos uma solução menos compreensível quanto à maneira como os objetos são percecionados no céu;

como explicar o que ultrapassa a nossa intuição? Apenas vemos que a descrição corresponde ao que as nossas clarividentes fazem diariamente, quando encontram um excelente pedaço de açúcar num pedaço de vela, uma intoxicação completa num copo de água, uma barreira intransponível num fluxo de fluido, etc.

Podemos captar um vislumbre deste incrível poder ou alucinação apenas de duas formas. O homem pode, à imagem do Eterno, criar, pelo simples ato da sua vontade, investindo o seu desejo com a forma necessária para tal; ou então, o homem, no estado em que se encontra a sua clarividente, pode, sem sequer se aperceber, colocá-la no mundo das causas.

Pode-se objetar que um magnetizador como o Honorável M. Dupotet, que traçou recentemente uma linha branca no chão do seu apartamento, desejando que fosse uma estrada mais ou menos agradável, terminando num precipício, etc., não teve outra intenção senão a de delinear ou criar essa perigosa rota.

Responder-lhe-ei que basta que M. Dupotet tenha desejado colocar a sua clarividente numa estrada que, embora não existisse materialmente aos nossos olhos, existia com detalhes muito mais precisos no seu cérebro! Com um conjunto no qual nada faltava. Será então pensado que M. Dupotet criou esta imagem? Não, ele apenas pôde pensar numa coisa possível – algo que existe num dos dois mundos; ele está demasiado bem informado para pensar o contrário, pois o primeiro ato do pensamento é existir desde toda a eternidade; o segundo, investir a forma da qual é a alma, apresentando-se assim aos olhos do nosso espírito; e o terceiro ato aguarda ser materializado pela ação, para ser percecionado pelos olhos do corpo. E o que mais fez M. Dupotet?

Apresentou à sua clarividente um pensamento investido da sua forma espiritual! O que fez a clarividente? Viu perfeitamente uma estrada, um precipício, que existia para ele tão real quanto os Boulevards existem para nós. O precipício teria causado a morte do corpo, como se fosse material; apenas, para compreender estas verdades, é necessário nunca nos separarmos da ideia de que o nosso corpo material vive apenas para a matéria, e que a nossa alma vive apenas para o espiritual.

São dois mundos completamente distintos, nos quais, sem sequer suspeitarmos, vivemos diariamente; pois como pensar sem

pensamentos? E de onde vêm estes pensamentos? Do seu mundo. O que é este mundo? Da sua própria natureza. Onde se encontra? Dentro e fora de nós. Como existe este mundo? Por Deus, Ele é o mundo arquetípico. E o que é um mundo-tipo? Um mundo de forma.

Portanto, um pensamento não materializado existe, ainda assim, para a clarividente, que está constantemente neste mundo dos pensamentos, o mundo das causas de tudo o que existe. Ela vê as suas formas, e a simples palavra *floresta* deve representar, no mundo das causas, uma floresta com todos os seus acidentes e detalhes.

Por mais incompreensível que esta proposição possa parecer, temos a prova de que é verdadeira. A palavra *floresta* é o invólucro material do pensamento em si, que é uma floresta. Não se deve, portanto, supor que uma clarividente que se debate aos seus pés está alucinada; pelo contrário, ela encontra-se no centro da razão, enquanto nós permanecemos à sua volta, no círculo exterior.

O mero desejo de M. Dupotet de criar ficticiamente uma estrada foi suficiente para que o seu pensamento colocasse a clarividente num estado apto a explorar o mundo das causas, onde essa estrada existe, visto que é um pensamento, e um pensamento é uma forma típica da coisa em si. A clarividente encontra-se nesta estrada, que lhe causa, espiritual e materialmente, as maiores fadigas, que poderiam até conduzir à morte do corpo!

Do mesmo modo, sem sair da sua casa em Paris e fixando os olhos nos seus joelhos, a clarividente pode ver Bordéus e descrever-lhe com precisão tudo o que lá acontece, dando-lhe a certeza de que ali está.

Estes dois problemas aterradores, que a nossa razão não consegue admitir, prejudicarão sempre a sua compreensão destas questões; pois, quem afirma que nem o tempo nem o espaço existem para o espírito diz algo que é contrário à nossa razão, mas que, ao mesmo tempo, expressa a maior de todas as verdades espirituais.

É desta forma que consigo explicar estes fenómenos; pois só Deus cria, e o homem admira!

Passaremos agora à revelação de uma vida anterior à vida material. Creio que, hoje em dia, ninguém admite que Deus está continuamente a criar a espécie humana, embora um poeta tenha dito que a Divindade não poderia pensar sem criar a sua imagem.

Geralmente acreditamos que todas as coisas criadas existiram desde toda a eternidade, e não devemos confundir, como já mencionei no artigo anterior, o prazer da visão do mundo das causas com a criação das próprias causas. Deus pode, de facto, de uma forma muito superior à do homem, deleitar-se com a harmonia dos seus pensamentos, que, para Ele, formam uma unidade perfeita, enquanto para o homem formam duas, pois o homem provém do pensamento divino, mas não é Deus; ele usufrui, como Deus, quando se espiritualiza, da visão dos pensamentos sob as suas formas típicas, mas não cria esses pensamentos.

Assim, fica-nos provado que os pensamentos do Ser Eterno existem desde toda a eternidade, pois são d'Ele e não podem ser aniquilados sem que se desfaça a própria Pessoa Divina; o homem, sendo um desses inumeráveis pensamentos, existe como eles desde toda a eternidade. Ele muda de condição, tal como todos os pensamentos, quando se materializam, e é isso que nos leva a acreditar num nascimento espontâneo, porque confundimos o efeito com a causa, detemo-nos nas aparências em vez de procurarmos a realidade.

Assim, tendo a alma existido antes de habitar no nosso corpo, existiu algures, sob alguma forma, e viveu uma vida de atividade, pois não existe repouso possível na natureza; tudo conduz ao movimento, e sem ele há apenas o nada, o desmembramento do Grande Ser – o que, como já afirmei, é impossível.

Deve-se, portanto, admitir que, se a alma existiu desde sempre, pode ter vivido sob a forma de um germe; e mais, essa forma de germe poderia ser o próprio homem, pois todo o germe contém em si a sua forma e todos os seus atributos. Ora, uma forma e todos os seus atributos, sem movimento, sem vibração, não podem existir. Mesmo que assimilássemos o germe do homem ao germe de uma flor, isso não provaria menos que ambos contêm dentro de si tudo o que um dia deverão desenvolver para

fora de si mesmos; são tão complicados quanto cheios de vida, encerrados na sua casca como na sua floração.

Assim, somos levados a admitir uma existência anterior à material, e igualmente obrigados a colocar-nos algures. Esse *algures* deve ser um lugar; esse lugar deve estar apropriado ao nosso modo de ser. Logo, devemos ter vivido nesse lugar e, para viver, é necessário agir – e agimos; para viver, é necessário sentir – e sentimos, mas de forma imperfeita, como agora nos foi provado. Precisávamos de uma nova condição para tomarmos consciência da primeira; todos os seres têm consciência desta preexistência.

Não posso ilustrar melhor este ponto do que citando algo que estou a ler neste exato momento (seis meses após a revelação me ter sido feita), numa obra de M. Loisson de Guinaumont intitulada *Somnologie Magnétique*. Nunca houve uma descrição mais explícita e mais eficaz, especialmente devido à afinidade que tem com este artigo.

É M. P. quem fala, durante o seu sono magnético, a 21 de maio:

"Quando Deus, a essência do amor, da inteligência e da bondade, criou a nossa alma, criou-a com vista à felicidade final, mas achou por bem deixar à nossa alma o livre-arbítrio do seu destino; ao lado das virtudes, colocou os vícios, deixando-lhe a liberdade de escolha. Se seguimos o primeiro caminho, regressamos a Deus; mas de que natureza são então as recompensas que nos esperam?

Aqui, a fraqueza da imaginação humana e a pobreza da sua linguagem encontram um obstáculo intransponível. Como podemos formar uma ideia das alegrias celestiais? De que natureza são elas? Como nos afetam? Nenhuma imagem, nenhuma palavra pode dar a menor ideia delas.

Suponhamos, no entanto, que sob o céu ensolarado de Itália, no coração da cidade de mármore, Veneza, nasce uma criança pertencente à mais alta classe dos patrícios; essa criança crescerá rodeada pelo amor dos seus pais, experimentando, numa palavra, todos os prazeres que a fortuna pode proporcionar.

Ao atingir a adolescência, essa criança será subitamente, e sem transição, arrancada dos braços dos seus pais e transportada,

pelo poder de uma vontade contra a qual nada pode opor-se, para as profundezas da Lapónia.

Lá, em vez do seu céu brilhante, em vez de todos os luxos com que antes estava rodeada, terá apenas um céu nevado, uma cabana e vestes feitas de peles; ao mesmo tempo que sofreu essa mudança de condição, terá perdido até a própria recordação do que foi anteriormente.

Suponhamos ainda que uma tradição confusa lhe informa da existência de um país onde, em vez deste céu nublado, brilha constantemente um sol resplandecente e vivificante; onde, em vez destas miseráveis cabanas, existem palácios de mármore adornados com toda a magnificência que a imaginação pode conceber; onde, em vez destas miseráveis peles que o cobrem, a seda, o veludo e o ouro resplandecem em cada detalhe das vestes dos habitantes desse país.

A sua imaginação limitada não conseguirá concebê-lo; mas se, por uma nova transição tão rápida quanto a primeira, fosse restituído à sua condição original, com a única diferença de que desta vez conservaria a recordação da vida miserável que levou durante aquilo que chamará de exílio, então a sua alma seria inundada de alegria; a felicidade que sentiria ao reencontrar tudo o que tinha perdido, e sobretudo ao reencontrar os seus pais cheios de afeto, aniquilá-lo-ia, por assim dizer, num oceano de felicidade."

Pois bem! Seja qual for a felicidade que ele experimentaria, esta não pode ser comparada com a alegria que um dia sentiremos ao encontrarmo-nos novamente na presença de Deus, tal como a luz emitida por uma vela não pode ser comparada à do sol. A nossa alegria, a nossa felicidade, será aumentada pela própria felicidade que Deus experimenta, se assim me posso expressar, ao ver regressar a Si uma alma que poderia ter-se perdido; pois a bondade de Deus, o Seu amor por nós, é incomensurável."

Repito: o que podemos encontrar de mais explícito do que isto? Que coincidência entre esta revelação e aquelas que já lemos, as quais, certamente, não resultaram de qualquer combinação entre dois magnetizadores que nunca se viram, entre clarividentes que nunca se conheceram, e que, sem qualquer comunicação entre si, concordam tão bem! E mais, eu só li esta

obra mais de seis meses depois de me terem sido transmitidas revelações sobre este assunto.

Pela sessão 85, percebemos que Deus, infinitamente bom e totalmente isento de parcialidade, convida todos os seres de todos os globos, sem distinção de seitas, a usufruírem da Sua munificência. Tudo o que tende para o bem eleva-se para Ele, para desfrutar da harmonia à qual aspira; tudo o que tende para o mal realiza a evolução oposta, afastando-se cada vez mais da Unidade Divina.

E. Swedenborg faz-nos uma revelação inesperada sobre a verdadeira natureza do globo que tomamos por tal e chamamos de sol; esta revelação certamente não satisfará todas as exigências e crenças. Ainda assim, não sei se será possível ao homem e à ciência pronunciar-se sobre este tema – qual dos dois, a ciência ou o espírito liberto das amarras materiais, está mais sujeito ao erro? Creio que é a ciência, pois as coisas que ela prova matematicamente anulam-se perante as leis espirituais, e o que parece racional nem sempre é verdadeiro.

Havia uma dificuldade que me impedia de aceitar esta revelação, nomeadamente as manchas que a imagem solar deixa nos refletores; vimos, na sessão 86, qual foi a resposta dada a essa objeção e a nova garantia que nos foi dada de que se estava a falar a verdade. Assim, todas as religiões que adoraram e ainda adoram o sol – entre as quais os cristãos são os discípulos mais devotos – tiveram a intuição de um culto racional e sábio. O que ontem nos parecia ridículo pode hoje revelar-se muito sensato.

É desta forma que avança a inteligência humana, que, se conhecesse a verdade pura sobre os mistérios da criação, fugiria dela, evitá-la-ia como algo heterogéneo à sua razão, tal é a sua sede de ignorância e absurdo!

Estamos prestes a passar para um novo extático, que, acredito, não poderá ser acusado de ter um sistema próprio de psicologia, pois tem apenas dez anos de idade. No pouco que estou prestes a apresentar, haverá o suficiente para satisfazer os espiritualistas estudiosos que me leram até aqui.

SÉTIMO EXTÁTICO

88. Émile Rey, de dez anos de idade, de temperamento cómico e muito curioso, era um pequeno vizinho meu que vinha frequentemente passar a noite em minha casa, quando eu costumava fazê-lo recitar algumas peças em verso. Quando construí o espelho mágico de que já falei, cuja composição me foi dada pelo Sr. Swedenborg, tive a intenção de fazer a primeira experiência com Emílio, embora não achasse a sua natureza turbulenta bem adaptada a esse tipo de visões, para as quais um pouco de submissão é necessária. Ele não percebeu nada no espelho, mas, conforme acabei de dizer, estava muito desatento. Um dos seus pequenos companheiros dele, de disposição mais tranquila, percebeu nele coisas diferentes que desejava ver, e isso deu-me a garantia de que o meu espelho era bom.

Tive a ideia de tentar novamente com o Emílio, pelo experimento da garrafa de água, que Cagliostro frequentemente empregava para convencer os seus ouvintes do seu poder mágico: ele contemplou distintamente diversos lugares remotos; percebendo, com base nisso, que ele tinha propensão para o sono magnético, magnetizei-o e em poucos minutos ele adormeceu; a sua curiosa disposição levou-o a viajar. Ele adquiriu, em muito pouco tempo, essa especialidade, e não me deixou nenhuma dúvida quanto ao valor da sua clarividência. Era dessa criança de quem falei mais atrás, cujo sono foi posto em causa pelo Sr. Demarest, porque, à distância, na casa daquele senhor, ele tomou o sobretudo por um casaco, e, numa caixinha fechada, uma pequena moeda de dois soldos para um vintém. Tentei colocar esta criança em comunicação com espíritos desligados da matéria; eu disse-lhe para pedir para ver o seu anjo.

"Aqui está ele."

Como vem ele vestido?

"Ele está perfeitamente nu."

Repeti uma oração para a retirada desse espírito se ele não fosse enviado por Deus; Emile disse:

"Eu não vejo mais nada, ele foi-se."

Eu convoco o bom.

"Aqui está ele; não é mais o mesmo."

Por quê não?

"Este está vestido; ele tem uma veste azul, um cinto rosa, lindas asas brancas, finos cabelos cor de linho; ele é muito mais bonito do que o outro!"

Eu desejei que o último se fosse, como o primeiro; ele permaneceu, e diz a Emile que ele foi enviado por Deus.

Por que sinal você poderá ser reconhecido, caso o malfazejo ache adequado tomar o seu lugar?

"Ele aponta para uma pequena mancha branca na testa de Emile."

Você viveu na terra?

"Vivi."

Quando foi que morreu?

"Eu não sei."

O que é que faz no céu?

"Eu divirto-me lá; nós divertimo-nos muito."

Com quem você se diverte?

"Com crianças da minha idade; eu ando a cavalo."

Eu pergunto a Émile quantos anos este anjo parece ter. Ele responde:

"Mais ou menos a minha idade."

Também gosta de cavalgar?

"Muito; o meu anjo apresenta-se num belo cavalo cinza malhado."

O quê! Neste instante?"

"Sim."

O que é que existe no céu?

"Um belo jardim, frutas finas, belíssimas flores."

Poderemos comer essas frutas e colher essas flores?

"Não, Deus proíbe-o."

O teu anjo vê a terra?

"Não, ele só consegue ver o céu."

Ele vê os homens da terra?

"Não, ele só consegue ver-me a mim."

Ele também consegue ver-me?

"Ele poderia fazê-lo, uma vez que você se encontra em harmonia comigo."

O teu anjo faria a gentileza de se mostrar a ti quando despertares?

"Sim."

Eu encerro esta sessão. Emile, ao acordar, percebe o seu anjo quando lhe coloco minha mão no coração, conforme ele me recomendou; ele dá-me os mesmos detalhes do que veste conforme aquando no sono.

89. "Aqui está o meu anjo."

"Como se chama ele?

"Ele chama-se anjo."

Então, ele não tem nome?

"Não precisa de nenhum."

Eu gostaria que ele tivesse um quando viesse ver-te.

"Ele disse-me para o tratar por Ais."

Ainda o vês a cavalo?

"Vejo."

Sobre que está assente o seu cavalo?

"Sobre nada; ele também tem asas e voa."

O que percebes ao seu redor?

"Nada."

Ais poderia conduzir-te ao céu para veres aquele belo jardim?

"Ele diz-me que irei depois da minha morte."

Por que não imediatamente? - no estado em que te encontras, podes ir, não?

"Ele não me deixa; ele diz que o meu corpo não poderia ir, só a minha alma."

"Pois bem, deixa que te conduza.

"Ele não pode, por recear o anjo mau."

Com que então tens um anjo bom e um anjo mau?

"Este último não é um anjo, pois temos apenas um que chamamos de anjo; o outro é um espírito malfazejo."

Ais disse-te que viveu na terra; Onde foi que ele viveu?

"Em França."

Em qual cidade?

"Paris."

Em que rua?

"Rue Neuves des Petits Champs, Nº 9."

Como se chamava o pai?"

"Gustave Jules."

O que fazia ele?

"Era alfaiate."

Com que idade faleceu ele?

"Aos onze anos."

Há quanto tempo?

"Ele não sabe."

"Quando ele faleceu, que efeito criou isso nele?

"Nenhum; ele deu por si de seguida alto, muito alto, e então ele entrou no paraíso."

O que é o paraíso?

"É a mesma coisa que o céu."

Existe um inferno?

"Sim, mas longe, muito longe do céu."

O que fazemos nesse inferno?

"Ardemos."

Ais viu o inferno?

"Não, nunca."

Ele disse que brincava no céu; com quem?

"Com companheiros e brinquedos."

Onde ele consegue esses brinquedos?

"Ele deseja-os, e Deus dá-lhos; mas ele nem sempre tem o que deseja."

Quando ele não pensa mais nesses brinquedos, o que faz com eles?

"Ele guarda-os, por não poder quebrá-los nem destruí-los de qualquer forma, como na terra."

As crianças crescem no céu?

"Crescem."

Quem as instrui?

"Companheiros mais avançados do que elas."

Como é que Ais sabe que é Deus quem lhe dá esses brinquedos? Ele vê-O a dar-lhos?

"Não; ele nunca viu Deus, que não pode ser visto por ninguém: Deus é uma alma que preenche todo o universo, que se encontra em toda parte, mas a quem ninguém consegue ver; mas no céu ele é representado por uma imagem da qual se vê um homem preso a uma cruz."

Existe alguma noite no céu?

"Tanto noite como dia."

Eu ouvi dizer o contrário.

"Aqueles que desejam dormir veem a noite, e aqueles que não desejam dormir veem sempre o dia."

Como é que nos vestimos no céu?

"Todos usam mantos ou túnicas."

Que tipo de vestes?

"Eles são de todas as cores, azul, rosa, vermelho, verde."

Como são reconhecidos os homens lá?

"Eles são facilmente reconhecidos pelas franjas das cintas."

Envelheceremos nós no céu?

"Sim, mas nunca mais morremos, jamais."

Veremos velhos lá como na terra?

"Sim."

Eu ouvi dizer o contrário.

"Ais vai-nos falar disso da próxima vez; vai perguntar aos companheiros, que sabem mais do que ele; o pai disse-lhe que não demorasse muito."

Então, o pai dele também está morto?

"Está."

Desperto Émile, que, como antes, percebe o seu anjo perto dele por um instante.

90. *Não conheceste o teu guia ou anjo na terra?*

"Conheci, eu andei na escola com ele."

Pediste para o ver?

"Não; eu pedi para ver o meu anjo, e ele veio."

Tu vê-lo com asas; terão todos os anjos asas?

"Não; a bondosa Providência concede-as apenas aos que foram religiosos, e como o Ais foi particularmente religioso na terra, ele tem asas."

Ele disse-te, da última vez, que iria investigar se envelhecemos no céu; ele poder-te-á responder hoje?

"Sim; ele disse-me que no céu preservamos a fisionomia que tínhamos na terra e não mudamos."

Vamos ver se nos entendemos corretamente; sabes que na terra os velhos perdem os dentes e que ficam com a pele toda enrugada; será igual no céu?

"Não; lá todos têm dentes e não têm rugas; somos muito mais bonitos lá do que na Terra."

Nesse caso, não envelhecemos?

"Não; mas as crianças mudam à medida que crescem; não permanecem como eram quando morreram."

O *teu guia poderia mostrar-te os teus irmãos mais novos que já morreram?*

"Sim."

Para me assegurar disso, convocarei uma pessoa conhecida que está morta e que se chamou Isidore Verdure.

"Aqui está ele."

Já?

"Sim."

Que tipo de homem ele é?

"Ele é mais alto do que você, tem uma barba preta e vem vestido com um sobretudo e um

chapéu."

Pergunta-lhe se me conhece.

"Ele responde que é seu primo."

Eu faço com que outras perguntas lhe sejam dirigidas, às quais ele não dá resposta. Ele é, de facto, a pessoa que pedi para vir, pela resposta e detalhes apresentados; pois esta criança não sabe como formular uma descrição, mal consegue apreciar as cores. Segundo ele, este homem teria tido cerca de trinta e seis anos, contudo, a sua verdadeira idade era de quarenta. Mando chamar pela mãe do meu primo.

"Aqui está ela," disse ele.

Que tipo de mulher ela é?

"Ela é muito pequena, tem cabelos grisalhos e olhos pretos."

Na verdade, ela era assim. Não consigo obter nenhuma outra resposta dela a não ser a esta pergunta:

"Quantos filhos teve na terra?

"Três," disse ela.

Eu sabia que ela perdera filhos muito novos, mas não sabia quantos; perguntei ao meu pai, irmão dela, ele que, tal como a criança, me disse que ela tivera três.

91. O guia de Emílio censura-o por não o ter conduzido a um lugar remoto para onde o enviei, e do qual Emílio lhe fez uma

bela descrição; à minha observação de que ele não poderia ter visto esses lugares materiais, ele respondeu que devia ter ficado encantado em acompanhá-lo.

Eu compreendi que o guia de Emílio pensava que, por ter visto Emílio desprender-se do corpo, podia ver à vontade lugares materiais, que teria o mesmo poder. Isso tenderia a provar que a progressão da inteligência no céu não é tão extensa como se poderia imaginar, e que esta criança, dada como guia de outra criança, era ela própria apenas um pouco superior a ela em termos de sabedoria.

A mãe de Émile, tendo ouvido dizer que o seu filho podia comunicar com espíritos, expressou o desejo de que ele pedisse para ver um dos seus irmãos mais novos; Eu convoquei-o sem colocar Émile em contacto com a sua mãe.

"Aqui está ele."

Descreve-mo.

"Ele é mais alto do que eu, belo e de olhos azuis; tem uma cor rosada; é muito mais bonito do que eu e usa uma camisa azul e uma faixa em volta do corpo."

Quando foi que ele morreu?

"Ele não sabe."

Do que ele morreu?

"Ele não sabe."

Quantos anos ele tinha quando ele morreu?

"Nove anos de idade."

Madame Rey diz que essa descrição é bastante exata, à exceção da idade; ela também diz, o que a espanta muito, que Émile nunca conheceu essa criança; para ter maior certeza do que acabara de ouvir e do que deveria pensar a respeito, deseja que a sua avó, que já estava morta há mais de vinte anos, aparecesse, se possível.

"Aqui está ela."

Faz-nos uma descrição dela.

"Ela é muito velha; tem cabelo todo branco, olhos pretos, uma espinha na bochecha e uma cicatriz perto do olho esquerdo, um gorro que ata sob o queixo, um lenço em volta do pescoço e um vestido preto; ela não é muito bonita."

Tudo isso é muito exato, até com relação à cicatriz que foi ocasionada por uma queda na chaminé; no que diz respeito ao lado esquerdo, Madame Rey é obrigada a fazer perguntas à sua mãe e considera-as perfeitamente corretas; quanto à espinha, eles acham que conseguem recordar-se dela, mas não com precisão. Ela tinha uma pele muito pálida, e isso explica a descrição da sua aparência feita por Émile; ela estava de luto pelo marido quando morreu. Resumidamente, Madame Rey fica perplexa de espanto, e exclama:

“Émile nunca conheceu a minha avó, pois ela morreu dez anos antes de ele nascer, ele nunca me ouviu falar dela senão de maneira vaga; mas como ele poderia saber o que eu própria desconhecia, eu que fui obrigada a fazer perguntas para ter certeza do que ele diz? É bastante surpreendente.”

Pergunta-lhe o que ela faz.

"Ela está muito feliz."

Onde ela está?

"No paraíso."

Com quem?

"Com todos os netos dela."

Quantos deles se encontram lá?

"Ela responde, sete. Eu digo, o quê mãe, eu vi sete irmãozinhos mortos? "

"Sim, meu filho, contando com as tuas irmãzinhas."

Émile nunca foi mais explícito ou mais clarividente. A Madame Rey sorriu de contentamento ao pensar em tudo o que acabara de ouvir e na doce esperança de uma vida de felicidade, onde pudesse voltar a estreitar todos os filhos de encontro ao peito.

Mudei dessa casa e não tive mais oportunidade de magnetizar Émile, que com o passar do tempo teria dado um excelente clarividente; arrependo-me bastante por ele. Esses pequenos sinais obtidos de uma criança de dez anos de idade não estão de forma alguma deslocados nesta obra; eu poderia deixá-los para serem comentados pelo leitor, que, se ele fosse iniciado nas leis do Espiritualismo, poderia fazê-lo tão bem quanto eu; mas como evitar acrescentar reflexões a mais reflexões sobre assuntos que tanto carecem delas?

Fiquei surpreendido com a aparição da criança que Émile conhecera na terra, e que Deus lhe concedeu como guia; não conseguia compreender como uma criança, que parecia não saber muito mais que a outra, poderia ser seu guia, quando o meu digno amigo Renard me enviou os segredos celestiais do bom Swedenborg, onde li o que se segue com respeito ao estado das crianças na outra vida:

"Quando as crianças não estão neste estado, mas numa esfera interior; a saber, na esfera angelical, elas não podem de forma alguma ser infetadas por espíritos, mesmo que estejam no meio deles; além disso, por vezes as crianças que estão na outra vida são enviadas pelo Senhor aos filhos da terra, embora os filhos na terra a ignorem por completo. A primeira experimenta maior prazer nisso.

"Também me foi mostrado como tudo se insinua neles por prazeres e encantos adequados às suas tendências; na verdade, foi-me dado ver crianças vestidas da forma mais elegante: tinham ao redor do peito guirlandas de flores que brilhavam com cores arrebatadoras e celestiais, e, além disso, eles tinham-nas ao redor dos seus tenros braços; foi-me dado igualmente ver certa vez as crianças com virgens encarregadas da sua educação, num jardim paradisíaco, ornamentado não com árvores, mas caramanchões semelhantes a louros, que formavam pórticos, com vielas que conduziam ao interior," &c, &c.

Ressinto-me veementemente de nunca ter lido essa obra do grande profeta extático, e devo pensar, de facto, que o meu pequeno clarividente também não a terá lido na sua tenra idade. Comparemos o que o venerável Sueco disse há um século com o que acabamos de ler sobre esta criança que entra na vida.

Se eu não tivesse tido conhecimento desses segredos celestiais, estou consciente de que não conseguiria reconciliar em mim o que me foi apresentado como estranho por esse jovem guia de onze anos de idade; fiz, pois, bem em conservar este pequeno diário, que, pelo que acabamos de ler, prova que Swedenborg acertou, e esta prova que o meu vidente se encontrava em boa posição. Não ficaremos mais surpreendidos por vermos este guia num corcel alado, especialmente se continuarmos a ler tudo o que Swedenborg diz sobre o tema.

As crianças, como os adultos, gozam da posse dos objetos da sua predileção, e o seu conhecimento espiritual é muito restrito, conforme vimos pelas respostas do guia de Emílio. Como será que, diante de tais revelações, podemos permanecer encerrados num materialismo egocêntrico; principalmente quando temos no nosso poder conseguir semelhantes aos que consegui, rodeados de tanta prudência e desconfiança?

Todos os podem obter por meio da prática, o que não nos deixará nada a desejar e em grande parte nos indemnizará pelas nossas dores. Devotem-se ao trabalho, vocês que me tiverem lido; não digam que fui um visionário; nem digam que fui um espelho no qual os meus videntes se observaram. Irão perceber, por si próprios, que tal lógica é inteiramente falsa, pelo menos vocês não poderão acusar-me de falta de sinceridade e de imparcialidade: as minhas questões são exatamente como as coloquei; as respostas tais como me foram transmitidas; tudo o que consegui recolher, concedo ao leitor, sem reservar nada. Não desejo estabelecer um sistema, mas uma verdade, que consiste na existência da alma e a sua identidade após a sua separação do corpo.

O pequeno guia de Émile reconhece a existência de um inferno; podemos compreender essa crença; ele nunca o viu, e eu ter-me-ia julgado falso quanto à verdade se tivesse ignorado em silêncio essa revelação, que deveria ocupar o seu lugar nesta obra, assim como as revelações contrárias figuraram.

O mesmo guia também diz que não podemos ver Deus, que é uma alma, etc., mas que Ele é representado no céu por uma imagem na qual é visto um homem amarrado a uma cruz. Consultem o segredo da citada obra de Swedenborg, quanto às crianças que morreram no Cristianismo, e a coincidência dessas duas revelações será percebida claramente. Nunca deveria concluir, caso deseje corrigir as reflexões do leitor, em tudo o que me foi revelado; os que têm a mente certa saberão muito bem como tirar disso consequências consoladoras.

Passemos às relações de uma oitava extática, pertencente ao Catolicismo por convicção.

OITAVA EXTÁTICA

Madame Gouget, de quarenta e oito anos, tendo ouvido falar em magnetismo, fez-se magnetizar por diversas pessoas, a última das quais, segundo ela me disse, durante o sono, a deixou completamente transtornada. Eu soube que esta mulher era um tipo de pessoa muito boa e fiquei triste um dia, quando ela me veio fazer uma visita, e a ouvi proferir um amontoado de incoerências, o que me provou que ela estava sob um estado de influência muito funesta, e que a mente dela, que já sofrera com isso, mais cedo ou mais tarde iria afundar sob o seu peso. Ela parou de se submeter à magnetização; mas sentiu vontade, para recuperar o seu estado normal, de conhecer um magnetizador que a livrasse da má influência do último; ela implorou-me que lhe prestasse esse serviço.

Não me sentindo à altura de tal tarefa, dei-lhe o endereço do barão Dupotet, a quem ela se dirigiu. Ele magnetizou-a, examinou-a internamente pelo poder da sua arte e percebeu que ela estava perturbada. Ele não lhe recusou os seus serviços (ele é conhecido por ser bom demais para isso), mas esta pobre mulher não se atreveu a voltar junto dele. Foi aconselhada a recorrer ao seu primeiro magnetizador, mas isso foi desnecessário, visto que o homem não tinha conhecimentos do magnetismo.

Pesaroso por ver esta mulher a lutar contra a influência do seu pernicioso magnetizador, que empregou toda a energia da sua vontade para a conduzir de volta a ele, a fim de tirar proveito dela a seu belo prazer, comprometi-me a arrebatá-la dessa obsessão secreta. Consegui fazê-lo ao final de cinco sessões e fiz com que a infeliz criatura voltasse a pensar e agir como antes da desorganização em que caíra. Acabara de apresentar alguns detalhes necessários às pessoas que se envolvem com o magnetismo e que mostram como devemos ser escrupulosos na escolha de um bom magnetizador.

A principal especialidade desta mulher eram as visões à distância; ela contemplava o exterior de corpos com notável facilidade e descrevia enfermidades na perfeição. Eu poderia citar

muitos factos psicológicos que não deixariam de ter cabimento neste trabalho, mas vou contentar-me com os seguintes:

92. Madame Gouget diz que recebe conselhos salutares do seu anjo.

Quem é o seu anjo?

"São Paulo."

Existem dois santos Paulo; será o apóstolo ou o eremita?

"O eremita."

Com que aspeto ele lhe aparece?

"Ele é um velho venerável, com uma barba grisalha e um ar majestoso."

Peça para ver o seu anjo verdadeiro.

"Aqui está ele."

Ainda é o mesmo?

"É."

Peça para ver outro.

"Eu vejo um grupo deles à minha direita."

Implore a um deles que se aproxime e diga como se chama.

"Aqui está um."

Descreva-mo.

"Ele está velho, muito velho."

A que chama você velho? Apresenta o rosto enrugado?

"Não, mas ele deixou a terra há muito tempo."

Com que então, os anjos viveram na terra?

"Viveram."

Prossiga com a descrição dele.

"O cabelo é ruivo e ele tem um semblante muito belo."

Que veste ele?

"Ele usa uma espécie de indumentária parecida com as vestes de um padre, mas não é. Não consigo descrever a sua forma – não difere de um manto. Ele tem um lenço de gaze colorido que passa sobre um ombro e é amarrado no lado oposto sob o braço; as pernas estão nuas e ele tem uma espécie de chinelo preso a bozeguins (atacadores) coloridos com laços."

Deseje que ele vá embora, se ele não for um enviado de Deus.

"Ah! Ele permanece; ele é um anjo de luz, e nenhum poder pode afastá-lo de mim."

Qual é o nome dele?

"Ele não tem nome."

Deixe que ele use um.

"Ele diz-me para ligar para lhe chamar anjo do Paraíso."

Visto que ele está morto há tanto tempo, ele deve estar bem familiarizado com o céu; ele pode-lhe fazer uma descrição dele?

"Sim, ele vai-me mostrar."

Depois do seu êxtase, eu pergunto-lhe:

O que faz ele no céu?

"Ele vive feliz."

Existem jardins, casas, templos no céu?

"Não há jardins nem casas, mas existe um templo onde todos os anjos se reúnem."

Um templo é uma casa.

"Sim; há também uma mais alta, muito, muito mais alta, mas no qual nem todos os que querem entram."

Onde está localizado esse templo?

"No terceiro céu."

Então, existem diversos céus?

"Sim; são três."

Onde se situam esses céus?

"Muito alto, muito alto."

Existirá um inferno onde sejamos queimados?

"Não; existe apenas um purgatório onde sofremos muito por sermos privados da visão de Deus, momentaneamente, e isso é muito doloroso."

Somos queimados aí?

"Não; não há outro sofrimento senão o que acabei de lhe referir."

Permanecemos lá eternamente?

"Não; Deus é tão bom que nos afasta disso."

De que forma é Deus visto no céu?

"Na forma de um sol brilhante, impossível de descrever; os seus raios são como o ouro mais puro e tão deslumbrantes que não conseguimos encará-los; eles emitem cores tão belas que não fazemos qualquer conceção deles na terra. Deus é um espírito a quem podemos ver apenas sob essa forma brilhante."

Contaram-lhe essas coisas ou você viu-as?

"O meu anjo contou-me, e eu vi-as no céu onde ele acabou de me levar. Meu Deus, como foi lindo! O meu anjo disse que isto basta por hoje."

Uma vez fora desse êxtase Madame Gouget experimentou muita dificuldade, por falta de expressão, em contar-me o que tinha visto; ela é muito religiosa e acredita no seu estado de vigília nos dogmas da sua religião, que de forma alguma estão de acordo com o que ela acabou de narrar a respeito do inferno, purgatório, os três céus, etc.

Basta que esta mulher preste homenagem ao Criador, representando-o não como um ser travesso e vingativo, para que eu receba o seu testemunho com prazer. O seu anjo diz que não há jardins, etc., no céu, porque a sua principal afeição é a oração, que ela vê apenas um templo, onde se junta em coro aos seres que, como ele, entoam louvores a Deus. Por tudo o que lemos, percebemos que a nossa felicidade está no nosso afeto principal.

Quem ama a solidão não gostaria de estar numa cidade ruidosa; aquele que, ao contrário, aprecia a agitação, a diversão, preferirá a cidade. Assim é que cada coisa existe em função da afeição, e o que lhe for contrário não existe para a pessoa; foi nesse sentido que Madame Gouget me respondeu a seguir. Eu esforcei-me por provar que nos três segredos preliminares do mundo espiritual ela concordava com os meus outros extáticos, que a alma existe após a morte do seu corpo na forma deste último; que tem uma lembrança de si.

93. Até hoje, eu nunca desejara que os meus clarividentes vissem qualquer um dos membros falecidos da minha própria família, por uma razão que será reconhecida, a saber, que eles poderiam ter-me representado uma imagem gravada na minha memória. Eu estava a pensar em experimentar a Madame Gouget. Perguntei pela minha mãe pelo nome de batismo assim como pelo nome de solteira, e fiquei muito surpreendida quando a Madame Gouget me disse que vira uma mulher muito velha. Após uma descrição minuciosa, e principalmente quanto a uma marca que ela me disse ter percebido na bochecha esquerda da mulher, reconheci nela a minha avó, que era exatamente como Madame Gouget ma descreveu.

Essa aparição, não convocada e que eu estava longe de esperar, devia-se à semelhança dos nomes da minha mãe e da minha avó. Eu não deveria ter chamado pela minha mãe pelo nome de solteira dela. Já havia cometido um erro semelhante com Adèle, quando vários membros da mesma família se apresentaram por conta da semelhança nos nomes. Para ter certeza de que a Madame Gouget realmente contemplava a minha avó, fiz-lhe perguntas cujas respostas me tiraram todas as dúvidas a respeito. A minha mãe apareceu ao mesmo tempo, e o retrato que ela pintou dela foi bastante convincente.

Madame Gouget ofereceu-me igualmente uma especialidade que todos os sonambulistas não possuem na mesma medida. Eu coloquei-a em contacto com Adèle, e desejei que ela visse esta última no período em que ela estava a padecer de uma doença cruel, vinte anos atrás; ela entrou em detalhes sobre esse assunto que durou meia hora, descreveu minuciosamente os lugares, os móveis, os personagens, as palavras ditas na época, até mesmo as flores e os legumes da horta, que certamente não existem mais, além de uma infinidade de objetos que ela viu. Ela chegou a contar a Adèle detalhes sobre os próprios hábitos da jovem, coisas insignificantes, que nenhum ser humano se daria ao trabalho de escrever com o propósito de os recordar. Ficamos inteiramente surpreendidos com a clareza desses detalhes.

"Vejo-o a si," disse ela, "numa cama com cortinas azuis, num quarto com duas portas. Aos pés da sua cama encontra-se um grande guarda-roupa. Há uma grande lareira, na qual estão ferros fortes. Há uma espécie de panela branca diante do fogo, em que a sua *tisana* está a ser aquecida; é a sua mãe que eu vejo, e ela não deseja que ninguém além dela própria cuide de si e trate de si.

“Eu ouço-a a transmitir-lhe consolo; ela também o proíbe de coçar o rosto, que é o principal assento de que a sua doença procedeu; os seus olhos estão cobertos pela doença, você está cego há algum tempo. Que tipo de atenção a sua boa mãe não lhe presta! Ela passa noites inteiras consigo e não permite que ninguém lhe tome o lugar.

Vejo em baixo da cama um par de sapatos de madeira leve. Sobre o lintel ou cornija da lareira está um espelho antigo, cuja moldura perdeu o dourado todo. Há também uma espécie de

pequena escrivaninha perto da porta; saímos por essa porta para aceder a outra sala, e por ela descemos a um jardim. Ah! Vejo-o lá a colher rosas e a esconde-las sob as vestes; em seguida, colhe frutas, enquanto olha para trás para ver se alguém se aproxima.

É especialmente quando vai colher um belo cerefolho *(NT: erva aromática)* que o vejo junto à parede, debaixo de um damasco. Ah! Há uma toca de coelho ao fundo da parede, muito bem abastecida; há coelhos grandes e pequenos; tem uma porta gradeada de ferro, que uma grande pedra mantém cerrada. Vejo a sua mãe a arrancar algumas cenouras finas com uma piqueta de madeira; ela parece satisfeita; ela adora cenouras finas. Há flores e salada nessa viela; flores amarelas. Ah! onde será que ela leva? É a um estábulo. Há uma bela videira ao longo da parede," etc.

A Adèle reconhece a exatidão de todos esses detalhes. Enquanto a Madame Gouget está no jardim, Adèle imagina que a todo instante ela está prestes a dizer-lhe que há ali um poço; mas embora de passagem perto dele, ela não o percebe, o que dá origem à observação da Adèle: "Se ela vê tudo isso no meu pensamento, já que penso e desejo chamar bem a atenção dela para ele, por que razão ela não o percebe?"

Esta comunicação não é mais uma visão das coisas e objetos existentes, dado que tudo isso desapareceu há muitos anos. Madame Gouget ouve as palavras, vê os gestos como se essa cena estivesse cheia de vida. Embora admitamos que essas coisas ficaram gravadas na memória de Adèle, o que é bem verdade, resta, no entanto, explicar como tal impressão deve apresentar-se plena de atividade em todos os instantes. Quem a leva a agir? E de que lado está ela? Fantasiamos ter dito tudo quando dizemos que ela lê o pensamento! Eu acho, ao contrário, que agravamos a dificuldade de responder.

Se fosse possível ao clarividente perceber factos na memória tais como os que acabo de descrever, e a história do magnetismo fornece-nos outros não menos incríveis, é, pois, possível que ele reencontre ali tudo o que o homem foi capaz de ver, ouvir, dizer ou fazer, durante toda a sua vida.

Factos parciais podem achar-se impressos nessa memória não apenas uma, mas milhares de vezes; e aquela impressão da cena

mais reduzida da nossa vida proporciona ao clarividente espaço suficiente para descobrir nela um paraíso, uma terra, lugares por onde se passeia à vontade. Qual será pois o espaço que uma alma pode preencher em comparação com o que essas imagens devem encerrar na nossa memória?

Respondam príncipes da ciência! É um Espiritualista que lhes põe esta questão e os condena ao mesmo ridículo com que o cobrem a ele, se não a conseguirem resolver. Repito-lhes, saibam que a vidente vê no vosso pensamento *o que já não pensam mais, mas sim o que pensaram; o que vocês não veem mais, mas o que vocês viram; o que vocês não ouvem mais, mas o que vocês ouviram.*

Assim, as juras secretas que vocês fizeram à jovem a quem enganaram, desonraram, abandonaram! Ela vê-os e dá-lhes conta deles; ela vê igualmente as lágrimas que vocês fizeram com que derramasse; ela ouve-os entoar o romance que lhe cativou o coração e vocês esqueceram, junto com a vítima cuja imagem não os deixou; vocês a possuirão de novo na eternidade!

Ela faz parte de vós, vocês não podem livrar-se dela; tudo está presente e cheio de vida aos olhos da vidente. Quando os corpos que cometeram esses atos forem roídos pelos vermes, ela vê-os a agir, ouve-os falar, fala com eles, caminha por lugares que não existem mais; ela encontra imagens dessas, cenas dessas no domínio da vossa memória, tantas quantas possam passar no universo! Ouçam vocês, o universo! Seremos, pois, um universo, responderão?

Não; visto que o universo é composto por uma multiplicidade de unidades, e, ao contrário, essas unidades, esses lugares, essas cenas, podem existir em vós milhares de vezes! Vocês são, pois, mil universos! Você são mais ainda! Bem, se vocês não conseguirem responder a esta questão, estudem esta alma, a obra-prima da criação! Vocês certamente conceder-lhe-ão um pouco de imortalidade, visto que as ações mais infames a possuem!

Digam que, na falta do melhor, vocês estudarão as revelações que o Sr. Swedenborg me fez sobre o tema da natureza dos pensamentos, que são seres vivos, e se engendram e se imortalizam como nós. Sistemas de corpúsculos, emanações, imagens conhecidas de antemão, demonstradas sob uma

infinidade de fases, de Pitágoras a São Martinho, do Sr. Delachambre, mais o seu tratado sobre o Sistema da Alma, às eruditas proposições do Dr. Gall, que progride pelas suas protuberâncias, e transborda e perturba os outros locais.

Essa montagem de átomos não pode agir sem vida! A palavra átomo carrega em si algum tipo de forma; a palavra vida também tem um ser ou identidade. Portanto, que forma vocês darão aos pensamentos do Dr. Gall? Que vida vocês darão a este átomo, senão a forma da própria coisa? Senão for um eu que se une a um outro eu?

Este átomo, por menor que seja, move-se em direção a um determinado fim, que brota de uma vontade. Vejam ao que chegamos, pois não existe nada morto na natureza; tudo, pois, se acha vivo, e detém uma vida que se divide *ad infinitum*.

Avançando das formas até o infinito, percebemos que os pensamentos e as ações humanas não estão perdidas para o clarividente – que eles estão, de facto, em ação: numa palavra, imagens vivas; sons, música, vibram no seu ouvido! Veja bem, um som! que nos parece ter entrado materialmente em vibração há vinte anos, e mais, recai com a mesma força e harmonia no ouvido do clarividente, e ressoará assim por toda a eternidade, e essa impressão de ações ou imagens nunca será apagada! ela sempre se mostrará válida; pois não há uma partícula da criação material e espiritual que esteja em repouso; não podemos, pois, privar essas ações, esses sons, esses pensamentos, essas imagens, enfim, de uma vida não generalizada, confundida na torrente da existência universal, mas individualizada, dotada de uma forma intrínseca, visto que a vidente os encontra de novo a todos os momentos; eles são, pois, espiritualmente falando, como nos foi dito pelo guia de Binet, pelos Srs. Mallet e Swedenborg, indestrutíveis, inalteráveis, eternos! Por mais estranha que essa revelação possa parecer, temos apenas que refletir para a admitirmos; não é o mesmo, se quisermos explicá-la. Vou-me esforçar por o fazer num trabalho que dá sequência a isto.

Resumindo: A Adèle, que goza dessa especialidade somente através da revelação, numa consulta solicitada, por sua vez, pela Madame Gouget, vingou-se, revelando a esta muitas

particularidades ocultas da sua vida, as quais a boa mulher tinha alguma dificuldade em recordar de volta.

Nunca tinha obtido uma sessão mais curiosa; o amor-próprio confundiu-se à mistura, sem se tornar ciúme, e adquiri a certeza, e, como já disse, intencionalmente, de que se os últimos pensamentos e ações são reservados com tanto cuidado no domínio da memória, e sobrevivem à aniquilação do corpo, por que deveria a alma, que elaborou esses pensamentos, ser destruída, ou não ter a lembrança de si própria, da sua individualidade, uma vez que tudo o que constituiu essa individualidade não está de forma alguma disperso no domínio do universo mas, antes pelo contrário, parece formar nela um feixe mais compacto, e muito melhor de ser valorizado, do que na vida material?

Devo fazer uma última observação sobre a maneira como, como vimos no início da sessão de Madame Gouget, desejei dispensar o São Paulo, em quem eu pouco confiara. Desejei apreciar, pela última vez, o poder da vontade do magnetizador sobre o magnetizado, e perceber até onde se estendia a influência do primeiro.

Adquiri a certeza, tal como qualquer um poderá alcançar, neste tipo de pesquisas, de que essa pretensa força da vontade perdeu todo o seu império nas experiências espirituais, porquanto tenho sustentado muitas vezes, ante o convencimento dos meus clarividentes, que eles não podiam aniquilar em mim; contrariei-os horrivelmente, fatiguei-os com raciocínios capciosos, e nunca consegui obter o seu assentimento com respeito a ideias que não fossem as suas.

Nenhum admitiria a não-existência do livre arbítrio; Nem um só representou Deus senão como um sol brilhante; nem um só admitiria o inferno dos Católicos. Nenhum concordaria que Cristo * fosse o único verdadeiro Deus do céu – espíritos Cristãos e outros todos concordaram sobre esse assunto; nenhum admitiria o céu dos Cristãos ou a perfeita bem-aventurança de uma alma desprovida de forma, essa chama, incompreensível, sem alguma forma ou seja o que for. Todos, reconheceram, ao contrário, a forma humana na alma; e quanto ao céu, um lugar onde existem empregos, como na Terra, para onde todos os homens são

chamados a desfrutar de uma felicidade que eles merecem, dos males que padeceram neste globo.

Todos concordaram em manter a sua tese de livre-arbítrio, reconhecendo locais de purificação, onde sofremos a privação da visão de Deus, por um período mais ou menos prolongado; mas nenhum reconheceu um Deus vingativo, irado e rancoroso; todos tornaram Deus digno de ser amado, adorado, respeitado, admirado.

E é por eu não dever, para clamar a bondade de Deus, que não pode ser exaltado pela boca de um mortal fraco, e que não precisa de outro advogado a não ser os seus atos benéficos, que digo que, para combater os erros propagados por todas as seitas até os dias de hoje, com vista à moralização dos homens, e cujas máximas ofendem a Deus, que livremente me comprometi em redigir tudo o que me foi dito pelos meus videntes; e, ao mesmo tempo, homenagear a justiça divina, da qual não podemos mais duvidar, agora que conhecemos o objetivo da nossa existência material. Pelas revelações que nos foram feitas sobre esse tópico, Deus não tem controlo sobre as nossas aflições, mas é tudo, no final de contas, pela nossa felicidade.

** Foi-me dito: "Não confunda o Pai com o Filho, como fazem os Cristãos; O Criador uno do universo jamais desceu à terra para ser crucificado por homens. Cristo foi o Filho de Deus, como todos nós. Ele realizou uma missão especial e retornou ao seio do Eterno, como todos nós um dia retornaremos a ele!"*

Quando fiz a observação de que os Cristãos afirmam que não há salvação exceto na divindade de Cristo, foi-me respondido: "O céu acha-se aberto, sem distinção de seitas, e todos os que acreditam na existência de Deus, servem-no com amor e respeito; o céu é apenas um conjunto de uma infinidade de sociedades, cada uma das quais representa credos e usos peculiares a si própria, cada qual capaz de admitir no seu seio somente seres de convicção similar e, assim é que o céu, ou o seio dessas sociedades, está fechado a credos contrários, e todos tem o direito de dizer, exceto Moisés, Cristo, Maomé, Lutero, Calvino, etc., que não existe salvação; ou seja, que vocês não serão admitidos no nosso céu, na nossa sociedade, a sociedade

fundada por tal ou qual, por as vossas convicções não se mostrarem de acordo com ele: vocês sentir-se-iam infelizes lá, e causariam problemas a outros."

APÊNDICE

O Sr. Renard, o cavalheiro já referido, consciente de que eu pretendia publicar por assinatura o presente trabalho, desejou, numa viagem que ele fez a Paris, colocar mais perguntas à Adèle, a fim de avaliar uma vez mais o valor das perceções dela e, ao mesmo tempo agradecer a esta excelente vidente por uma previsão que ela tinha feito a seu respeito, uma previsão que se tinha realizado, e cujos detalhes são os seguintes:

Numa das últimas sessões que obtivemos da parte do venerável Swedenborg, o Sr. Renard tinha-me pedido que lhe submetesse algumas perguntas, as quais foram respondidas da maneira agradável ao seu desejo; mas a uma que lhe foi endereçada, a saber se o Sr. Swedenborg tinha uma esposa no céu e a poderia dirigir a nós, foi-nos respondido:

"Ela está prestes a apresentar-se por mim."

Qual não foi a minha surpresa quando, ao pedir à Adèle para me fazer uma descrição dela, a ouvi dizer:

"Ora, é a futura companheira do Sr. Renard quem agora está a falar comigo."

Como é que isso aconteceu? retroquei; *"Foi a parceira do Sr. Swedenhorg que foi solicitada*.

“De boa-fé, cometi um erro involuntariamente,” respondeu ela.

Eu dirigi ao Sr. Swedenborg perguntas por parte do Sr. Renard; eu disse-lhe que ele ficaria feliz em conhecer a sua companheira. O Sr. Swedenborg, como eu, entendeu que tinha sido a esposa do Sr. Renaid que fora solicitada e, portanto, daí o engano.

Resumidamente, disse eu, *faça-me uma descrição dessa pessoa*.

"Ela é uma morena bonita, com um ar doce, traços perfeitamente regulares, belos olhos negros, bochechas de cor

fresca, uma boca pequena, lábios rosados e uma covinha redonda no queixo; não é muito alta, usa uma túnica branca e traz uma coroa de rosas brancas na cabeça. Veja bem, ela não me aparece conforme foi na terra, mas como ela é no mundo espiritual."

Pergunte-lhe qual foi o nome dela?

"Juliette Pichot."

Onde nasceu ela?

"Em Aurillac, em Auvergne."

Onde morreu ela?

"Na residência de uma velha tia que ela teve em Frenay."

Quantos anos tinha?

"Quarenta e sete."

Há quanto tempo ela está morta?

"Ela não sabe."

O Sr. Renard conheceu-a na Terra?

"Ele conheceu-a numa pousada onde por vezes vinha fazer as suas refeições, numa pequena cidade perto de Mans, e onde ela fora criada."

Qual era a placa da pousada?

"Um Sol Dourado."

Quantos anos tinha ela naquele período?

"Cerca de dezasseis."

O Sr. Renard dirigiu-se a ela?

"Não, ele jamais lhe dirigiu uma palavra de amor."

Como será ele capaz de se lembrar dela; ele deixou aquela parte do país há muito tempo.

"Ela aparecer-lhe-á, e ele irá recordar-se dela."

Então ela é a companheira que lhe foi destinada por Deus?

"Sim, ela disse-me que em breve* se irá juntar a ela."

Terá ela algo particular a dar-lhe a conhecer?

"Não, ela aparecer-lhe-á num sonho, e despertar-lhe-á uma lembrança dela."

** Sempre que uma data é exigida da parte dos espíritos, todos respondem: "Será em breve." Essa palavra não admite a mesma aceção espiritual que atribuímos materialmente. Lá, onde as horas e o tempo não são contados, os momentos parecem*

curtos; uma hora é uma era numa expectativa feliz; um segundo no caso de uma contrária.

Encaminhei ao meu amigo todos esses detalhes, o que, como se poderá supor, o surpreendeu muito; ele não tinha a menor recordação dessa jovem; ele tinha, de facto, vivido em Mans, e viajado por todas as pequenos vilarejos dependentes – tinha forçosamente feito as suas refeições em diversas pousadas; mas o tempo (um período de trinta anos) tinha apagado, com respeito a isso, todas as recordações da memória dele. Esforcei-me, em diversas sessões sucessivas, por obter datas e lugares mais precisos: obtinha sempre a mesma resposta:

"Por que quer você que eu me incomode com esta terra onde fui tão infeliz? – com essa condição em que sofri tanto e com os inúmeros lugares por que estive em serviço? Não demorará muito para que nos encontremos de novo, e depois vamos abrir mão de todos os pensamentos respeitantes à terra!"

Eu abandonei toda a pesquisa a esse respeito, e não mais pensei no assunto, quando um dia eu recebi do meu amigo uma carta redigida nos seguintes termos:

"Não consigo, meu amigo, resistir ao desejo de lhe dar a análise de um sonho extático, em que vi a Juliette: Eu encontrava-me numa grande pousada, onde eu pedia um refresco que me era servido.

Á minha frente, na mesma mesa, estava um homem com quem travava amizade. Quando ele estava para partir, acompanhei-o até a porta da rua; mal se foi, uma criada que eu tinha observado a andar de um lado para o outro veio até mim, e disse: 'Eu também estou de partida.' Falei com a garota e aconselhei-a a ficar. Eu tomei-a educadamente pela cintura para a deter, e ela virou-se e fixou os olhos em mim.

O seu semblante era o de uma morena pálida, um tanto doentia e com uma expressão de sofrimento, mas com uma aparência muito terna. Fiquei muito comovido e o meu coração impeliu-me a dar-lhe um beijo de despedida, mas estava a passar tanta gente que eu não ousei; ao mesmo tempo ela desvencilhou-se do meu aperto, inclinou-se na minha direção e disse:

'O Sr. Cahagnet, o seu amigo, disse-lhe que um anjo estava a aguardá-lo no mundo espiritual!'

De seguida, levantando voo, eu perdi-a de vista. Estas últimas palavras impressionaram-me e imediatamente acordei. Os sonhos são excursões reais peço mundo espiritual; assim, o que a sua vidente previu sucedeu. Nem por um momento suponha que foi a ideia dessa revelação que me influenciou; fazia muito tempo que a esquecera, pois essa moça, que considero ser a Juliette, foi obrigada a recordar-me, e de maneira bastante lacônica, o que sua vidente havia dito.

Terminado o efeito do sonho, acordei de imediato. Os *sábios* modernos nunca foram capazes de explicar a causa dos sonhos, "etc. Aqui temos algumas daquelas provas que não se enquadram nas nossas exigências materiais, mas as ultrapassam."

Qual seria o objetivo da Juliette nessa circunstância? Sem dúvida, representar ao Sr. Renard a estalagem onde o conhecera. O que Sr. Renard fez! Ele não conseguiu reconhecer o lugar nem uma criada que lhe servira ocasionalmente refrescos; a aparência pessoal do Sr. Renard poderia ter deixado uma impressão nela, quando provavelmente ele não lhe havia prestado atenção.

A Juliette, neste sonho, voltou a colocá-lo nas mesmas condições em que ele havia estado trinta anos atrás; percebendo que ele não captara o significado dessas imagens, e que as suas reminiscências permaneceram emudecidas, ela disse-lhe: *"O Sr. Gahagnet, seu amigo, disse-lhe que um anjo o aguardava no mundo espiritual,"* e ela desaparece após o despertar! Esta aparição, que havia sido prevista por Adèle, mas que poderia ser solucionada numa visão simples e nada mais, provocou tal impressão no meu amigo, que na sua viagem a Paris ele nos deu testemunho de toda a alegria que sentia, e declarou que ele fora mais convencido por esse sonho do que por qualquer coisa que ele pudesse ter visto em qualquer outra circunstância.

94. O Sr. Renard pede a presença da Juliette: ela diz que lhe sugerira esse sonho com o propósito de se lhe dar a reconhecer; que ela está frequentemente perto dele, que fala com o espírito dele, mas que ele não pode perceber materialmente a sua presença; ela garante que fará o possível para que ele a veja de novo.

Convocamos a presença do Sr. Swedenborg.

"Aqui está ele."

O Sr. Renard deseja colocar-lhe algumas perguntas.

"Deixe que fale."

Serão os espíritos suscetíveis ao sono?

“Dorme quem quiser; dormir não é uma necessidade para o espírito; se o espírito se entrega a ele, será apenas por prazer. Com o corpo material sucede exatamente o contrário: este último necessita de repouso enquanto se entrega a ele; a alma, que nunca dorme, aproveita esse repouso para distribuir e descobrir as suas ações, arranjá-las, prepará-las para o dia seguinte a esse descanso; a alma podia dormir, mas nunca dorme; só os espíritos vitais que o rodeiam se entregam ao repouso."

Você disse ao Sr. Cahagnet que a estrela que deu luz ao nosso globo material iluminou todo o universo; como poderá ser?

"Eu disse-lhes, ao contrário, que foi apenas um raio do Sol Divino que iluminou o vosso sistema planetário; existem, da mesma forma, milhares de outros raios, que procedem do mesmo Sol Divino, que iluminam todos os outros sistemas."

Serão os raios dessa estrela que ilumina a nossa terra, à semelhança de todos os outros objetos espirituais, revestidos de uma substância material?

"Sim, quanto mais próximos estiverem do centro de onde emanam, mais puros serão."

As nações que adoram essa estrela deveriam, nesse caso, estar mais próximas da verdade?

"Todas as religiões que veneram a Deus, não importa sob que forma, são igualmente aceitáveis a Ele."

Os objetos encontrados ao redor, e para uso dos Espíritos, de acordo com as ideias da sua afeição, foram criados antes das ideias dessa afeição, ou são criados apenas no próprio instante do pensamento?

"Tudo o que o homem vê e possui encontra-se dentro e fora dele; é fruto dos seus pensamentos que foram criados por Deus: o homem nada cria; ele deseja, vê e possui o objeto do seu desejo."

Mas ele pode aperfeiçoar o objeto que percebe, como ele faz na terra, cortar pedra, polir madeira e metais?

"Ele pode fazer o que ele deseja, uma vez que existem usos; ele vive no mundo espiritual como na terra, ele constrói com

materiais, se tal corresponder ao seu prazer: se, ao contrário, ele desejar objetos já construídos, ele possui-os instantaneamente."

95. *O Sr. Renard expressa o desejo de que a Adèle convoque o seu pai.*

"Aqui está ele."

Faça-me uma descrição dele, se faz favor. (O Sr. Renard não estava em contacto com a Adèle.)

"Ele parece-me mais alto do que você," *disse ela,* "e mais robusto; é moreno, tem olhos pequenos, nariz grande e aparência agradável; ele usa uma veste cinza, com bolsos atrás, e um de lado onde ele coloca resíduos de papel; ele tem um colete que desce muito abaixo, e tem dois bolsos; ele usa polainas azuis, e vejo-o com uma bengala na mão."

O Sr. Renard diz que a descrição é exata, e implora à Adèle que coloque as seguintes perguntas a seu pai: "Você reuniu-se com a minha mãe, sua primeira esposa?"

"Reuni, ali está ela," *respondeu ele, apontando-a à distância para a Adèle.*

Você amou-a mais do que à sua segunda esposa?

"Amei, pois a minha segunda mulher não me fez feliz."

Você está feliz onde está?

"Estou, não tenho nada a desejar."

Adèle diz que o cavalheiro é de fala fácil e tem uma aparência jovial; o que é preciso. O que consideramos mais notável nesta aparição é a bengala, que se lhe tornou bastante necessária em consequência das quedas, nas quais ele quebrou ambas as pernas.

O Sr. Renard não precisava dessa nova aparição para acreditar na existência do pai; ele quis julgar por si próprio, uma segunda vez, a excelente clarividência da Adèle, que, longe de declinar, se manteve em crescimento. Convocamos novamente o Sr. Swedenborg, a quem dirigimos as seguintes perguntas:

Se existimos num outro globo antes de aparecermos na Terra, teríamos todos ter a mesma idade?

"Certamente."

Se tivermos todos da mesma idade, um não poderá ser filho do outro, poderia?

"Não - não espiritualmente; apenas materialmente é assim, por necessidade."

Se tivemos idade igual, deveríamos ser iguais na corpulência?

"Sim, no mundo espiritual, todo mundo parece ter quase a mesma corpulência e idade; se há diferenças, elas existem apenas nos afetos humanos."

Se formos todos igualmente da mesma idade e do mesmo tamanho, não pode haver crianças, não é?

"Há crianças somente para aqueles que desejam vê-las, mas as crianças entre si ver-se-ão tão grandes quanto os adultos."

Se fosse em função da igualdade de idades e formas, deveria ser o mesmo em relação à inteligência, não? Quando uma criança morre como tal no nosso globo, ela deve recuperar imediatamente todo o seu conhecimento, que deve ser igual ao do resto, certo?

"Não; se fosse assim, não se trataria mais de uma vida de progressão. Aprender constitui a felicidade dos espíritos; eles surgiram na terra para aí esboçar os seus afetos, que se multiplicam ao infinito. Aquele que morreu em criança não conhece o que conhece aquele que muito viu e muito desejou.

"O que todos os espíritos sabem por igual é que todos viveram na terra e num globo anterior; todos estão familiarizados com a linguagem do céu; mas cada qual ajuda o outro a desenvolver a sua inteligência, que é muito mais veloz do que na terra, mas, no entanto, marca uma grande diferença entre o conhecimento de cada um; são apenas as crianças menores de três anos de idade que, por efeito dos pensamentos divinos, permanecem, ou parecem permanecer, nesse estado de inocência, que elas não estariam dispostas a mudar."

Não entendo como um embrião de quinze dias seja capaz de conhecer os sofrimentos terrenos para quem representaria um benefício, diz você, porque deveria nascer. . .

"Já lhe expliquei que os homens permaneceram na terra um tempo proporcional ao desejo que tinham de mudar de posição; que as crianças, que morrem nessa condição, têm menos desejo de aparecer nesta terra do que os outros; daí que Deus, que não pode cometer injustiça, deixa-os ali o tempo por ele calculado como

necessário para instruí-los na falsa posição aí sentida. Não imagine que o embrião que não tenha visto a luz da vossa terra não sofra tempo suficiente que prove que foi e está prestes a tornar-se feliz.

Embora no seio da sua mãe, ele sofre mais do que você imagina; por isso, é uma prisão que pode ser comparada às vossas prisões da terra, em que se você passasse quinze dias, você sofreria por igual e mais, porventura, do que um homem que considere ser mero desporto passar alguns anos numa: a última pontada é aquela que causa a impressão mais profunda em nós e nos leva a esquecer o resto. Assim, a prisão necessária dessa criança no corpo da sua mãe durante algum tempo, é tão dolorosa a ela quanto longos anos de existência terrena aos outros – acredite, tudo é pelo melhor, e pela mais justa finalidade."

Ainda assim, se essa falsa aparição terrestre bastasse para conhecer as dolorosas sensações necessárias à nossa existência futura, não vejo por que deveria vegetar tantos anos na terra, quando poderia ter sofrido a mesma transformação que essa criança.

"Se fosse esse o caso, a terra não seria habitada: você não pode compreender as sábias leis do Infinito, por isso fala assim. Uma uniformidade como você a entende, equivaleria a um repouso absoluto – seria o nada; e não existe repouso nem existe vazio algum; a diversidade de formas, de existências, garante-lhe uma eternidade de felicidade."

Adèle está cansada e sem vontade de prosseguir. Eu dirigi-lhe esta última pergunta:

"Se todos os espíritos têm a mesma idade, o nome de irmãos ser-lhes-á mais adequado do que o de pais, mães e filhos, não?"

"Sim; contudo tais designações existem para aqueles que sentem prazer com elas."

96. *Já faz algum tempo que tive o grande desejo de lhe perguntar se a língua falada entre os espíritos tem sons semelhantes às nossas línguas da Terra.*

"Na terra, dirijo aos espíritos as perguntas que vocês lhes submetem em Francês, e eles respondem-me nessa língua, mas no céu não falo essa língua; sabemos, sentimos, isso penetra de um coração no outro sem a assistência da fala."

Suponha, por exemplo, que eu o colocasse em comunicação com um estrangeiro falecido, cuja língua lhe fosse desconhecida, e ele da mesma forma ignorasse a sua; como haveria você de conseguir transmitir-lhe as minhas perguntas, e a ele responder-lhe?

"Se as suas perguntas fossem em Francês, seriam entendidas pelo espírito estrangeiro, pois os espíritos falecidos entendem todas as línguas; mas se, ao contrário, as perguntas fossem dirigidas a mim numa língua estrangeira, eu não deveria compreendê-las corretamente, consequentemente eu deveria transmiti-las incorretamente, como fiz ao Sr. Lauriot; consequentemente, ocorreriam erros. Eu não gosto de comunicações desse tipo."

Diz-se que existem clarividentes que falam línguas que nunca aprenderam?

"Não podemos falar uma língua que nos é desconhecida. Esses clarividentes têm gosto por experimentos desse tipo; para ter sucesso neles, eles dispõem da faculdade que possuem, enquanto espíritos desprendidos da matéria, de compreender os pensamentos. Eu não trataria de falar qualquer outra língua além da minha, por estar convencido de que se eu justamente compreender as perguntas que me são colocadas, o espírito a quem eu as submeter tenha igualmente mais facilidade em compreendê-las e responder-lhes."

Então, para falar com um espírito estrangeiro, você gostaria que as perguntas fossem feitas em Francês?

"Sim."

Mas, como conseguir transmitir-lhas?

"Como acabo de lhe dizer, que os Espíritos compreendem e falam todas as línguas, eles também possuem a faculdade de ler o meu pensamento e de responder às perguntas feitas, desde que eu próprio as compreenda. Daí, conforme já lhe disse, a possibilidade de ocorrência de erros aos quais estou exposto como todos os clarividentes; um pensamento ou uma questão não corretamente entendida, não corretamente formulada de ambos os lados, pode estragar tudo."

Convoque a presença do Sr. Swedenborg.

"Aqui está ele."

Todos os objetos materiais, conforme me disse, possuem uma representação espiritual?

"Sim."

Assim, se os espíritos desejassem, eles poderiam ver e estar presentes em todas as nossas ações?

"Sim, eles poderiam, mas essa não é a sua prática."

Poderiam eles igualmente, caso se dessem ao luxo com respeito a qualquer parte da terra, como esta sala por exemplo, ocupá-la, se tal fosse o seu desejo, e estar, consequentemente, connosco sem que tivéssemos consciência disso?

"Eles podem fazer o que quiserem."

Ficaria grato para com o Sr. Swedenborg se me respondesse a algumas perguntas de outro tipo.

"Diga."

Ele poderá explicar-me como um clarividente consegue ver na sua visão quando a tem desordenada?

"É a visão espiritual que sai da material e o visita."

Há quem no estado cataléptico consiga ver pela boca do estômago, ou qualquer outra parte do corpo, como é que isso acontece?

“Acontece no seguinte modo: a alma não sendo mais escrava dos órgãos, como no corpo material, pode transmitir a sua visão espiritual onde achar conveniente, principalmente nas condições que você acabou de apontar."

Nesse caso, a alma não teria um corpo, similar em tudo ao corpo material, pela reprodução de todos os seus órgãos, se for capaz de transportar de um ponto a outro, ter o olho espiritual por baixo dos pés, por exemplo?

"A alma não os transporta para esse fim; ela pode ver onde achar necessário, porquanto para ela não há obstáculo; se ela pode ver até uma profundidade de trinta metros sob o solo, um lençol de água, ou uma mina que possa por acaso situar-se lá, pode seguramente ver sob vossos pés materiais.

“A alma pode ver onde quiser, estar onde achar que seja adequado, estar em tudo e em toda a parte, ser tudo e nada; a alma não ocupa espaço material, não está sujeita a nenhuma deterioração, é inalterável e incompreensível. Se você desejar deter-se com comparações de volume, tamanho, espaço e tempo,

você nunca compreenderá as leis espirituais; saiba que a alma pode existir, sem o preencher, no mais pequeno ponto da criação material, e pode preencher o universo pela relação que estabelece com ele."

O Sr. Renard, de uma integridade a toda a prova, encantado com os resultados que havia obtido, ao desejar proclamá-los sempre que surgisse uma oportunidade, e desejar apoiá-los com todo o peso da verdade da qual é um dos mais fervorosos discípulos, há muito ansiava por obter o retrato do venerável Swedenborg, a fim de comparar a descrição feita por Adèle com o aspeto desse grande homem; para tanto, dirigiu-se à sociedade dos discípulos da Nova Jerusalém, e manifestou o desejo de adquirir a gravura que, como se diz, o retrata com fidelidade. Mal o teve na sua posse e encaminhou-o na minha direção; exibi-o à Adèle, no estado de vigília, para que ela pudesse compará-lo com o original visto no seu estado de sonambulismo, e dirigi-lhe as seguintes perguntas:

O que você acha da gravura que lhe mostrei no estado de vigília?

"É a própria imagem do Sr. Swedenborg, mas ele parece-me um pouco mais velho, embora, no estado espiritual em que me aparece seja infinitamente mais belo do que nesta gravura: de acordo com a luz em que nos encontramos, o semblante é mais ou menos jovem e fresco."

Você disse-me nessa altura que ele usava um casaco, cujo forro era de cor diferente; como não será possível distingui-los nesta gravura faria a gentileza de me descrever as cores?

"Ele aparece-me no casaco de talhe que antes lhe descrevi, semelhante ao da gravura, com grandes botões; de cor castanha, de forros são verdes, assim como as guarnições das mangas; vem de calções azul grosseiro, com fivelas nos joelhos, e também com fivelas nos sapatos; é um homem forte; a sua fisionomia ainda se me afigura imponente, embora não tenha nada de rude nem de malicioso, mas de sério e venerável."

Você vê-o com o cabelo empoado?

"Não, é mais enrolado, conforme eu disse antes, e conforme a gravura o representa; é marrom, e muito espesso; as sobrancelhas

também são muito grossas; em suma, eu já lhe tinha dito tudo isto."

Você acha que essas tenham sido as vestes oficiais que ele usava na academia Sueca?

"Não; eu já lhe perguntei antes, e ele disse-me que o vi no seu vestir usual, que ele preferia a qualquer sinal de distinção."

Estes novos detalhes não me eram de forma alguma necessários; as revelações que ele me fez por meio de Adèle, que tão bem combinam com as suas obras, que eu então não tinha lido, como já disse, eram suficientes para me corroborar a crença de que não estava na presença de um espírito enganador; os sentimentos religiosos com os quais todos os seus ensinamentos estão marcados são não de um espírito das trevas, mas pudesse um espírito desses ter pesquisado a memória desse grande homem a ponto de reproduzir para mim o que acabamos de ler, com tanta veracidade, teria feito o mesmo com relação ao seu vestir, por uma coisa não ser mais impossível do que a outra. Mas tal suposição derrubaria a crença que temos na teologia, de que os espíritos inferiores não podem influenciar nem furtar as ideias de um espírito superior.

Apenas acrescento esta reflexão por causa de algumas consciências tímidas que veem o Maligno em tudo e em toda a parte; estou longe de a endereçar a pessoas de mente livre de tais temores infantis. Fiz o melhor que podia para retratar e reconhecer um homem que nunca vira; com certeza que não posso fazer mais; que aqueles que têm o poder de confrontar a cor dos cabelos e das roupas o façam, visto que isso, creio bem, sempre se há de mostrar fora do meu alcance.

Não aconselho ninguém a buscar obter nenhuma outra definição da alma além da que acabamos de ler; seria fatigar um clarividente sem propósito. Jamais seremos capazes de explicar a natureza primitiva ou as propriedades da alma e dos pensamentos por meio das nossas soluções materiais; e o mesmo se aplica com respeito às leis que regulam o mundo espiritual; é inútil confundir os espíritos com os nossos ‘mas,’ os nossos ‘ses,’ os nossos ‘porquês’; ouçamo-los, resumamos o que vemos e ouvir, comparemos, julguemos mas jamais nos pronunciemos em termos finais, porquanto o nosso julgamento pode ser objeto de recurso.

Acima de tudo, tenhamos sempre em mente que, ao questionar um espírito, não somos *o mestre*, mas sim *o aprendiz*; se um espírito inferior nos mergulhar em erros palpáveis, não nos dirijamos mais a ele; mas *não o contrariemos, não o usemos de forma grosseira!* Vocês não sabem com quem têm que lidar; vocês podem ser uma vítima do vosso orgulho idiota, assim como o vosso clarividente. Tais precauções são desnecessárias em aparições simples; elas são úteis apenas nas discussões metafísicas que possamos ter com eles.

Na questão capciosa, dirigi-me a Adèle sobre a força com que o espírito se dispõe a ver onde lhe convém, procuro (com respeito ao que ela afirma que a alma adota a forma do corpo) levá-la a compreender que não pode ter o órgão visual sob os seus pés, mas na sua cabeça, ou então esse órgão seria a própria alma a transportar-se para onde quer que lhe agradasse. A resposta que ela me dá é a que já me deu há dois anos e que foi lida nesta obra. O corpo da alma é de uma substância semelhante ao cristal, como tudo ao seu redor, com que cada parte pode perceber sem a menor dificuldade; isso é admissível, visto que tem esse poder sobre a própria matéria, o que prova que só existe uma única substância na criação cujos graus são mais ou menos luminosos em relação ao nosso estado material, uma substância que a alma pode penetrar, seja pela iluminação com a sua própria luz, ou vendo com a mera ajuda deles.

Ela diz-me na resposta anterior que o olho espiritual abandona o olho material para visitar este último; ela quer dizer com isso que um sonâmbulo, nessa medida, está ele próprio fora do seu corpo material; e, portanto, diz ela, eles podem perceber se uma pessoa está a dormir ou apenas finge estar, pela mera inspeção da cabeça do indivíduo que lhes parece vazia se ele estiver no estado de sono magnético. Desta forma, o corpo não seria mais um obstáculo para a visão.

Muitas outras clarividentes dirão porventura o contrário; julgando apenas por si próprias, embora fora dos seus corpos eles desempenhem as suas funções dentro; eles sempre acreditarão em si próprias neste corpo, embora estejam apenas intimamente unidas a ele, e estando instantaneamente onde desejarem estar, nunca serão capazes de explicar como se

encontram completamente presentes num espaço remoto, *material*, *infinitamente pequeno*, e se encontram ao mesmo tempo a preencher todo o seu corpo material.

Possivelmente a Adèle não teria sido capaz de definir essa proposição incrível, se os próprios espíritos não lha tivessem definido. Ah! abismo da nossa razão!

CONCLUSÃO

O que concluir de uma tal coleção de factos? Para pronunciar um juízo, será necessário possuir uma educação distinta? Não. Será mais necessário ter uma mente sutil e superior? Não. O que é necessário é mantermo-nos afastados de todos os partidos religiosos, implorar a luz divina do nosso Mestre Supremo para que ilumine a nossa inteligência, nos conceda um julgamento são, nos despoje de todas as paixões que nos foram incutidas por máximas erróneas; aniquilar-nos, por assim dizer, perante a infinita grandeza do Criador e da Sua criação, em vez de nos proclamarmos, com um orgulho tolo, como a Sua obra-prima.

Devemos fazer todos os esforços para nos libertarmos daquilo que a matéria nos ensina e nos impõe pelas suas leis, pois as leis da matéria nem sempre estão em concordância com as leis do mundo espiritual. Como já disse, elas não podem fraternizar entre si, embora não estejam desunidas e formem um todo inexplicável, mas sensível. Para chegar a uma conclusão sobre esta coleção de revelações, seria necessário ser sábio no pleno sentido da palavra, e os sábios são raros nos nossos tempos.

Não me permito a pretensão de tão grande honra, nem a acrescentar uma revelação a outra para estabelecer um sistema ou crenças que possam vir a ser revogados por não serem suficientemente luminosos. Deixo a cada um o direito de julgar e de se pronunciar; apenas me permitirei reunir as principais questões que coloquei, de forma tão concisa quanto possível, e apresentar as suas respostas na devida ordem.

Tudo isto será feito em algumas páginas que encerrarão este livro, deixando na inteligência do leitor, sem confundir a sua memória, um resumo do que disse e ouvi. Que ele tome estas questões, por mais desordenadas que possam parecer, como um

modelo ou ponto de partida para aquelas que lhe aconselho a dirigir pessoalmente a clarividentes*. Então verá se errei ao submeter-lhe este resumo das minhas experiências ou se falsifiquei a verdade.

Que ele colha daqui a soma de felicidade que eu próprio possuo! Este é o mais ardente desejo de um coração que ficaria feliz por ver todos os homens um pouco menos infelizes e um pouco mais esclarecidos.

Nota: *Antes de iniciar a consulta, deve-se afastar, por meio da oração, o espírito das trevas, invocar a assistência da luz divina e fazer o clarividente jurar que não alterará a verdade em benefício de qualquer religião, tornando-o responsável pela sua conduta. Para maior segurança, recomenda-se ainda que o interrogador seja uma criança, isolando assim o clarividente da influência da pessoa que o consulta.*

QUESTÕES PSICOLÓGICAS

Estou prestes a submeter apenas perguntas relativas à existência da alma após a sua separação da matéria.

1. *De onde vem o magnetismo?*

"De Deus."

2. *Pode a sua ação ser boa e má?*

"Pode."

3. *Quais serão as condições a ser observadas no caso do bem?*

"O desejo de fazer o bem, que procede de Deus."

4. *Quais são as que devem ser observadas no caso das más?*
"O desejo de fazer o mal, que procede do homem."
5. *Possuirá apenas o corpo o poder de magnetização?*
"É nessa ação apenas uma máquina."
6. *O que é que move essa máquina?*
"A nossa alma."
7. *Então, a alma representa algo na ação do magnetismo?*
"É o principal agente nela."
8. *É auxiliado nessa operação?*
"É."
9. *Por quem?*
"Por seres desvinculados da matéria."
10. *Qual será o seu modo de magnetização?*
"Oração a Deus e um desejo ardente de aliviar."
11. *Terá a alma a seu lado um espírito bom e um mau?*
"Tem."
12. *Pode evitar a influência de ambos?*
"Pode, em certos casos."
13. *Será livre de agir de acordo com a sua vontade?*
"É."
14. *Mas, e se for influenciada por espíritos?*
"É aconselhada, e permanece em liberdade para agir."
15. *A alma já viveu em outro globo?*
"Já."
16. *Por que deixou de viver?*
"Em consequência de uma lei necessária imposta por Deus a todos os seres, sem exceção."
17. *O que era que fazia nesses lugares?*
"Era muito feliz."
18. *Em que forma os habitava?*
"Na forma humana."
19. *Tinha uma família lá como na terra?*
"Não; tinha apenas amigos."
20. *Tinha afeições lá como na terra?*
"Não; para isso nada foi projetado exceto a felicidade perfeita, que não conseguia valorizar, por nunca ter experimentado o menor obstáculo aos seus desejos."
21. *Vive ela após a morte do seu corpo material?*

"Vive."

22. *Para onde vai?*

"Para o céu."

23. *Que sensação experimenta ela ao sair da terra?*

"Nenhuma, ela ascende com todos os afetos necessários à sua nova existência, e encontra-se situada no céu."

24. Levar-lhe-á *muito tempo a conhecer esse novo estado?*

"Ela familiariza-se com ele imediatamente."

25. *Que forma adota esse céu? Não será antes um estado de espírito?*

"É uma extensão imensa e ilimitada, que representa lugares como na terra. É um lugar que só pode ser apreciado num estado desejado."

26. *Existirão diversos?*

"Existem três."

27. *Existem outros ruins?*

"Não existem céus maus; existem apenas lugares de purificação."

28. *Para quem são esses lugares de purificação?*

"Para os grandes criminosos."

29. *O que fazem eles nesses lugares?*

"Eles sofrem por estarem privados da visão de Deus."

30. *Existirá um inferno onde somos queimados?*

"Não."

31. *Ao entrar no céu, a alma vê a Deus?*

"Vê."

32. *Sob que forma?*

"A de um sol deslumbrante."

33. *O que lhe diz ele?**

"Ele reprova-a pela sua má conduta na terra diante de todos os espíritos reunidos, o que é muito doloroso para o amor-próprio da alma que sofre essas acusações; mas Deus é tão bom e ama tanto o homem que o perdoa, e o consigna a um lugar onde é purificado e preparado para a sua admissão no céu."

34. *De que forma a alma vive nesses lugares?*

"Na forma humana."

35. *Serão os seus órgãos, em todos os aspetos, semelhantes aos do seu corpo material?*

"São."

** Deveríamos ter ficado surpreendidos ao ouvir dizer que um sol fala, se não tivéssemos, para provar a nós próprios, mesmo a declaração de Moisés, e dos profetas e dos profetas extáticos, todos quantos, sem exceção, ouvem palavras emitidas por uma luz brilhante, que eles chamam de voz de Jeová.*

36. *É perfeitamente feliz lá?*

"É."

37. *Tem alguma lembrança de ter habitado a terra?*

"Tem."

38. *Ela recorda as suas relações?*

"Sim."

39. *Ela arrepende-se da terra?*

"Não."

40. *Ela pode ver a terra à vontade?*

"Não."

41. *Ela pode ver os seus parentes e amigos nela?*

“Ela só pode ver-lhes o espírito.”

42. *Pode ser de alguma valia para eles?*

"Pode."

43. *De que maneira?*

"Por meio de aconselhamento sábio."

44. *No estado de sonambulismo, que aspeto assumem para ela?*

"É visto um belo céu azul e, ao longe, um pequeno ponto luminoso, que se aproxima da pessoa, e admite vê-la à sua frente ou ao seu lado."

45. *De que forma eles lhe aparecem?*

"Na forma corpórea que tinham antes da morte."

46. *Que vestes envergam?*

"Tal como as que usavam na terra."

47. *Por que essas em vez de qualquer outra?*

"Porque no caso de qualquer outro eles seriam menos reconhecidos com facilidade."

48. *No céu, eles usam essas vestes?*

"Não."

49. *Como se vestem eles lá?*

“Normalmente, eles envergam apenas mantos leves de gaze de cores diferentes, de acordo com a inclinação que têm para elas; as suas vestes são, como na terra, uma questão de gosto."

50. *O que fazem eles no céu?*

"Tudo o que é mais adequado para eles; as crianças brincam, os adultos estudam, tocam música e fazem passeios; eles fazem lá o que lhes dá maior prazer."

51. *Eles reúnem-se lá com as suas famílias?*

"Sim, aqueles que o desejam."

52. *Eles são todos casados lá?*

"Sim, quando Deus o acha conveniente."

53. *Quanto tempo permaneceremos no céu?*

"Uma eternidade."

54. *Existe dia e noite, calor e frio, lá?*

"No céu existe invariavelmente uma temperatura amena e um dia contínuo."

55. *O tempo é aferido, lá?*

"Não."

56. *E o espaço?*

"O espaço não é conhecido, visto que nos vemos instantaneamente onde quisermos estar."

57. *Existem casas, cidades, jardins, templos?*

"Existe tudo o que se pode desejar."

58. *Qual idioma que é falado lá?*

"O do pensamento."

59. *Serão vistos anjos lá?*

"São."

60. *Anjos ou espíritos, são a mesma coisa?*

"Os anjos são mais avançados em sabedoria do que os espíritos."

61. *Terão ambos habitado a terra?*

"Sim, tudo o que o céu contém viveu na terra."

62. *Volvido um certo tempo, habitamos de novo a terra?*

"Não."

63. *Seremos todos iguais no céu?*

"Sim, no que diz respeito à felicidade, e cada um possui felicidade na mesma medida, mas só a inteligência nos distingue; lá, cada um não tem a mesma quantidade de instrução."

64. *Existem espíritos nocivos?*

"Sim."

65. *Existem pactos e talismãs?*

"Sim."

66. *De que servem eles?*

"Para os proteger contra uma ou outra coisa."

67. *Quais serão os seus resultados?*

"O facto de se verem vinculados às associações espirituais que os protegeram e de se submeterem às consequências dessa dependência, e de fazer aos outros, daí em diante, o que achariam afortunado que eles fizessem por vós."

68. *O que quer dizer com isso?*

"Que quando você está no mundo espiritual, você precisa prestar ao homem o mesmo serviço que os espíritos lhe prestaram; isso o torna dependente."

69. *Será verdade que existem obsessões?*

"É."

70. *Por quem são elas ocasionados?*

"Por espíritos *malfazejos*."

71. *Esses espíritos malfazejos têm um chefe chamado Satanás?*

"Não; cada um tem a liberdade para agir como quiser no interesse dos afetos da sua associação."

72. *Poderão eles realizar todas as coisas incríveis que lhes atribuem?*

"Podem."

73. *Quais são os meios de nos libertarmos deles?*

"Oração sincera a Deus."

74. *Existirão espíritos elementares?*

"Existem."

75. *Qual é a sua forma?*

"A forma humana," etc.

Orientações para a

Interpretação das Revelações

Cada um pode, conforme o tipo de informação que deseja, formular as suas próprias perguntas; contudo, deve, acima de tudo, aprender a respeitar o gosto do seu clarividente e a disposição presente do espírito invocado. Se não tomarmos essas precauções, corremos o risco de nos perdermos num labirinto de erros, do qual sairemos ainda menos esclarecidos do que antes. Algumas verdades, dispersas entre esses erros, poderiam levar-nos a aceitar falsidades como se fossem factos, o que seria um erro grave para aqueles demasiado crédulos.

Os espíritos, ao manterem as suas principais afeições, não se despojam completamente do orgulho – a maior chaga que corrói a espécie humana – e muitas vezes desejam parecer saber mais do que realmente sabem.

Devemos ser firmes nas nossas perguntas, sempre cautelosos, aceitando apenas aquilo que ultrapassa o nosso próprio juízo, sem, no entanto, levar essa desconfiança ao extremo de rejeitar tudo o que não conseguimos compreender. Também não devemos recusar de imediato qualquer revelação, mas sim manter um registo cuidadoso das respostas, alterar os clarividentes com frequência, interrogá-los de forma idêntica e julgar com base na coerência das respostas obtidas.

Se acreditamos em Deus, devemos sempre implorar, do fundo do nosso coração, que Ele afaste o espírito das trevas dos clarividentes e, pelo contrário, invocar o espírito da luz. Não devemos aceitar o primeiro espírito que se apresente, independentemente da sua atitude firme e imponente. É necessário pedir ao clarividente que se una a nós na expulsão do espírito, com uma vontade firme, caso este não seja um enviado de Deus.

Estas são as palavras que utilizo nestas circunstâncias:

"Em nome de Deus, teu Criador e meu, ordeno-te que te retires, se não foste enviado por Ele!"

Se o espírito resistir a este comando e se o clarividente for puro, então trata-se de um espírito benéfico – pode-se questioná-lo. Se ele cometer alguns erros, não devemos acusá-lo de querer enganar-nos; ele não tem essa intenção, mas pode não apreciar determinadas perguntas, especialmente se estas disserem respeito

à Terra. A sua memória é rica em tudo o que ele foi, mas não gosta de explorar ou falar sobre isso.

A sua aparência, a sua vestimenta e as poucas revelações que fizer serão suficientes para garantir a sua existência. Não devemos ser demasiado exigentes com ele, nem formular perguntas desconfiadas, tais como:

"Como te chamas?" – pois ele já veio com o seu nome.

"Quem é a tua família?" – visto que a conhecemos tão bem quanto ele; contudo, se não a soubermos, podemos questioná-lo.

"Há quanto tempo morreste?" – pois ele nada sabe sobre isso.

Devemos deixá-lo responder livremente, sem interrupções, pois ele lê os nossos pensamentos. Ele é de boa-fé e acredita que a sua simples presença e os detalhes que o rodeiam devem bastar-nos para acreditarmos na sua existência. Se tivermos a mesma boa-fé, aprenderemos muito mais do que poderíamos desejar.

Instruções para a Iniciação de um Clarividente nas Aparições

Para iniciar o seu clarividente neste tipo de aparição, deve primeiro escolher um sujeito o mais independente possível da sua vontade; evite experiências físicas nas quais a comunicação de pensamentos seja necessária. Procure um clarividente natural e voluntário, e não um doente, se possível. Conduza a sua especialidade para estas comunicações, sem nunca lhe pedir nada que não esteja relacionado com doenças.

Comece por despertar o seu interesse numa aparição, perguntando-lhe se não gostaria de ver algum amigo falecido que lhe tenha sido querido; ele sentirá curiosidade, o seu desejo será forte e, dentro de pouco tempo, a pessoa mentalmente evocada por si e por ele aparecerá.

Continue com este tipo de experiência, mudando de espírito o mais frequentemente possível. Assim que perceber que a visão de um ser falecido afeta profundamente o clarividente, e que ele sente grande prazer ao revê-lo, peça-lhe que solicite ao espírito a bondade de o conduzir aos lugares onde habita. O espírito acederá

prontamente, sob uma condição: o clarividente deverá regressar à terra após um curto intervalo de tempo, não excedendo dez minutos, de acordo com a sua sensibilidade.

Para facilitar a sua partida, coloque-o sob a proteção de Deus e do seu guia espiritual. Coloque a sua mão a uma curta distância do topo da sua cabeça, com os dedos apontados para baixo e juntos em ponta, desejando que eles atraiam e abram o espaço fictício necessário para a passagem da alma. Quando perceber que o clarividente se inclina para trás, com os braços a cair languidamente e o rosto corado, assumindo uma expressão de beatitude, deixe-o permanecer nesse estado extático pelo tempo previamente acordado.

Por prudência, mantenha sempre os seus olhos fixos no plexo solar (a região do estômago), retendo, através da sua vontade, vida suficiente no corpo para evitar qualquer risco.

Se o clarividente não regressar ao fim do tempo estipulado e o seu rosto começar a apresentar uma coloração escura ou amarelada, interrompa imediatamente a experiência; a morte pode estar iminente. Feche a porta ao espírito, fazendo, com grande força de vontade, alguns passes transversais sobre a cabeça e diante do rosto do clarividente. Se ele demorar a responder, não entre em pânico; aja como se o estivesse a puxar de cima com uma corda, sopre calorosamente sobre o seu coração, e verá que ele regressa ao estado habitual de sono magnético.

Quando ele despertar, pergunte-lhe o que viu. Não ria, ou não aprenderá nada. Tenha boa fé, encare as suas revelações como loucura ou como verdade, sem lho dizer, e depois tire as suas próprias conclusões.

Todos os conselhos que acabo de dar são ditados apenas por uma prudência sábia; existem muitos tipos de extáticos, e com alguns não há necessidade de tanta precaução. No entanto, há outros em relação aos quais não se pode ser demasiado cuidadoso, como bem sei por experiência. Devemos considerar-nos advertidos neste aspeto: a morte ou a loucura podem ser as consequências destas tentativas.

O êxtase através do qual comunicamos com os espíritos na Terra não apresenta perigo; é uma das tarefas que os sonâmbulos realizam com maior facilidade. Também recomendo que, se o

clarividente, ao falar com os espíritos, solicitar de si certos gestos de respeito ou aprovação, ainda que mantendo a sua dignidade como homem – que deve dobrar o joelho apenas perante o Criador –, não se recuse a fazer aquilo que em nada o possa afetar.

Seja confiante, reservado, voluntário, razoável e isento de paixão, e será recompensado pelo seu esforço, tornando-se mais feliz do que alguma vez foi. Sentirá menos inclinação para amaldiçoar a Terra e os seus sofrimentos, pois perceberá que esses sofrimentos são benéficos. Não mais acusará Deus pelos seus padecimentos, pois compreenderá que Ele é infinitamente bom. Não se encherá de orgulho pelo seu conhecimento, pois quanto mais avançar, mais perceberá que nada sabe.

Aprenderá a admirar pacientemente este mecanismo terrestre – tão belo e grandioso sob uma perspetiva, mas tão insignificante sob outra. Sentirá o desejo de regressar à sua verdadeira morada e será menos apegado às vaidades materiais. Já não tremerá perante o seu caixão, pois compreenderá que ele é apenas a porta para o templo da felicidade, onde viverá para sempre!

OS SEGREDOS DO FUTURO
ESPELHO MÁGICO

PROMETI não reservar para mim nada do que tivesse aprendido com os espíritos; manterei a minha palavra dando ao leitor o segredo do espelho mágico, revelado a mim por M. Swedenborg, que, ele próprio, possuía um, e do qual já falei. Este espelho é muito semelhante a um possuído, no século dezoito, em Paris, por um judeu chamado Léon, que vi mencionado em algum lado, e que fez grande barulho na época. Fiz dois da maneira que me foi recomendada, um dos quais apresentei ao meu amigo M. Renard, que, após várias experiências, deu um relatório favorável sobre ele; o meu era igualmente bom. É assim que devemos proceder:

Procurai um pedaço de vidro o mais fino possível, cortai-o no tamanho requerido, colocai-o sobre um fogo muito lento, ao

mesmo tempo dissolvendo um pouco de grafite muito fina numa pequena quantidade de óleo fino para lhe dar a consistência de uma pomada líquida, que possa facilmente ser espalhada sobre o vidro quando bem diluída, como logo fica. Estando o vidro quente, inclinai-o de ambos os lados, a fim de que a mistura se espalhe por si mesma por todo o lado por igual; depois, estando o vidro colocado sobre algo bastante direito e plano, deixai a mistura secar sem a perturbar; em poucos dias tornar-se-á tão dura como peltre, apresentando um polimento escuro muito fino; colocai o vosso vidro numa moldura e, após limpar bem a sua superfície, na qual alguma escória será encontrada, pendurai-o numa parede, como faríeis com um espelho comum, mas sempre numa luz falsa.

Colocai a pessoa que deseja ver um ladrão, um espírito ou um lugar, diante deste espelho, posicionai-vos atrás dela, fixando os vossos olhos firmemente na parte posterior do cérebro, e invocai o espírito em voz alta em nome de Deus, de uma maneira imponente para o indivíduo que olha para o espelho.

Pode supor-se naturalmente que este tipo de experiência requer certas condições, a primeira das quais é encontrar um indivíduo dotado deste tipo de visão. Nada é geral nos factos psicológicos. Falou-se muito a certa altura do espelho mágico do Doutor Dee, que foi vendido, em 1842, entre as curiosidades na posse de Horace Walpole, em Strawberry Hill, pela enorme quantia de trezentos e vinte e seis francos. Era simplesmente um pedaço de carvão de pedra, perfeitamente polido, cortado de forma circular, com um cabo; esta curiosidade figurou anteriormente no gabinete do conde de Peterborough. No catálogo era assim descrito: "Uma pedra preta, por meio da qual o Doutor Dee evocava espíritos." Passou das mãos do conde para as de Lady Elizabeth Germaine, tornando-se depois propriedade de John, último duque de Argyll, cujo neto, Lord Campbell, a apresentou a Walpole.

O autor do "Theatrum Chemicum", Elias Ashmole, fala do mesmo espelho nos seguintes termos: "Com o auxílio desta pedra

mágica, podemos ver quaisquer pessoas que desejarmos, não importa em que parte do mundo estejam, e mesmo que estivessem escondidas nos aposentos mais retirados, ou até nas cavernas das entranhas da terra." John Dee, nascido em Londres, em 1527, era filho de um mercador de vinho; estudou as ciências com sucesso e dedicou-se, desde cedo, à astrologia judiciária; a Rainha Elizabeth tomou-o sob a sua proteção; compôs várias obras úteis, empregou muito do seu tempo na ciência da magia, conjurou espíritos, fez predições e contemplou o invisível; quando descobriu o seu espelho, rendeu graças a Deus. Esteve ocupado durante toda a sua vida na busca da pedra filosofal, e morreu em Londres à idade de oitenta e quatro anos, num estado de pobreza abjecta.

O conde de Laborde trouxe-nos um segredo de certo modo similar do Egito. O barão Dupotet comunicou um idêntico aos seus assinantes, no seu Journal de Magnétisme; um é muito mais simplificado do que o outro, e é bem-sucedido igualmente bem. M. de Laborde evoca positivamente; faz uso de perfumes, necessita da cooperação de espíritos, e M. Dupotet parece apenas empregar o magnetismo do pensamento. Cagliostro também empregava um magnetismo pouco suspeitado, colocando uma mão na cabeça dos seus alunos. Os feiticeiros dos nossos lugares de província procedem da mesma maneira com o primeiro espelho que encontram, implorando a assistência dos espíritos que facilitam tais experiências. M. de Laborde faz uso de uma tinta brilhante que coloca na concha da mão de quem olha, e estimula o seu sistema nervoso por meio de perfumes. M. Dupotet faz uso de um pedaço de carvão com o qual descreve um círculo no chão, com a intenção de tornar percecionável à pessoa operada a imagem que esta última deseja; mantém o sujeito inclinado para esta experiência pelo pensamento.

Os feiticeiros têm a sua reputação que lhes é de grande assistência. Certas predisposições contra esta ou aquela pessoa suspeita de roubo ou de outra coisa qualquer, o seu ar imponente, a sua súplica a tal espírito que lhes é familiar, sem saberem positivamente o significado do que dizem — isto basta, e eles

operam! Léon, de quem falei, seguiu os passos deles; a oração, a fé e uma disposição do órgão visual facilitavam as suas experiências. Cagliostro, precedido pela sua reputação de homem incompreensível, era frequentemente bem-sucedido em consequência do tacto que demonstrava na seleção dos seus alunos, do magnetismo oculto que empregava, etc.; mas se eu perguntar aos Senhores de Laborde, Dupotet, Cagliostro, aos feiticeiros, a Léon e a outros, se se viram a si mesmos nos seus espelhos ou corpo refletor, responderão que não; portanto, deve haver uma disposição para este tipo de experiência, devemos ser influenciados por uma exibição imponente, um magnetismo oculto, ou o auxílio de invocações e perfumes.

Por conseguinte, a fim de tirar proveito do meu espelho, aconselharia a que a cerimónia fosse realizada com uma certa dignidade, e que se recorra apenas ao que possa atuar sobre a imaginação ou os nervos; tanto por um magnetismo moral ou espiritual como pela assistência de perfumes. Todos aqueles que transportam ou libertam um cheiro doce e agradável são adequados para os bons espíritos, tais como o incenso, o almíscar, a goma-laca, etc.; e para os maus espíritos, as sementes de meendro, cânhamo, beladona, anís ou coentro, etc. Cada um busca a sua própria atmosfera, ou uma parente dela; mas, acima de tudo, evitai a assistência de maus espíritos. Que o espírito de justiça, discrição, humanidade, predomine em vós: ou, caso contrário, ai de vós!

Talvez não se compreenda por que razão eu deveria recomendar que se evite a invocação de maus espíritos e, no entanto, dar a conhecer os perfumes em que eles se deleitam. Presumo que serei considerado suficientemente coerente comigo mesmo para falar aqui apenas das aparições que desejávamos obter, a respeito de roubos, ou outros crimes, cometidos em vosso prejuízo. São os espíritos desses culpados que obedecerão à vossa ordem para se apresentarem, e buscarão o cheiro náuseoso destes perfumes. Nada tendes a temer deles, uma vez que, pelo contrário, eles têm tudo a temer de vós. O que vos recomendo que eviteis,

ao pedir aparições daqueles que desejais ver, é pronunciar palavras cujo significado vos é desconhecido, que convidem espíritos nefastos para a vossa assistência. Isto é verdadeira magia. Pelo amor de uma pequena glória terrena, não perçais a felicidade celestial.

Em todas as nossas experiências de visões à distância na terra, podemos dispensar a sua assistência; temos o poder de o fazer por nós mesmos, ajudados, como disse, por auxiliares que nos colocam nas condições necessárias para obter estes resultados. Se pareci temer a assistência de espíritos estranhos, foi porque o julgamento mais simples que podemos fazer sobre os fenómenos espirituais do magnetismo provará que os espíritos existem depois de libertados do seu invólucro material; mas não podem ser imediatamente libertados da sua afeição pelo mal. Devemos ter a convicção de que eles não podem satisfazê-la nos espíritos que os rodeiam e têm as mesmas inclinações que eles; somos, portanto, os únicos seres colocados à sua disposição, e, sob uma aparência de ansiedade para serem úteis, não atuam para nos fazer o favor, na medida em que a sua única felicidade consiste em fazer o mal. É desnecessário entrar em explicações adicionais de tudo o que poderia resultar de nos aliarmos a eles.

O magnetismo, e todas as suas propriedades, provam suficientemente a dependência de certas inteligências sob o poder do magnetizador, para nos tornar tão cautelosos quanto possível. A filosofia desta ciência transtornou de tal modo todas as ideias até agora recebidas que já não sabemos o que pensar, o que crer e o que fazer. Se tememos os serviços de um amigo que julgamos conhecer bem, muito mais devemos temer os de seres desconhecidos! Consultai sobre este ponto o Journal de Magnétisme, de M. Dupotet, onde leio neste preciso momento:

"As almas dos amaldiçoados são as primeiras a responder, pois ainda estão dispostas a servir projetos sinistros. Não espereis deles nada mais; eles só têm este poder." Que autoridade vem imediatamente em apoio dos conselhos que dou! Continuai, homem estimável e sincero, vós também tendes grandes coisas a

revelar-nos! Falai; não temais o nome de visionário; nunca é demasiado cedo para esclarecer os nossos irmãos; mas é sempre demasiado tarde quando sabemos que eles estão no erro.

- *Não confundais a magia angélica, as bênçãos milagrosas de Deus, com a magia espiritual e a humana; cada uma tem as suas vistas e o seu objetivo. Estão separadas em dois campos — harmonia e perturbação.*

PODERÁ A CURA SER OBTIDA ATRAVÉS DA ORAÇÃO?

Aconteceu que indo eu certo dia trabalhar na residência de Madame Ferrière Penona, uma senhora a quem devo muitos gestos de gentileza, encontrei-a banhada em lágrimas e absorvida na mais profunda dor. Arriscando perguntar-lhe a causa da sua tristeza e do infortúnio que a ameaçava, ela respondeu:

"Tenho uma sobrinha que amo profundamente, que está, porventura neste exato momento, a dar o seu último suspiro."

Que idade tem a criança?

"Catorze anos."

É difícil nessa idade deixar o mundo, e pais amáveis, e cuja única felicidade se centra em nós! De que padece ela?

“Os médicos não sabem. O meu pobre irmão acabou de chegar para receber um último abraço da parte dela; ele certamente vai morrer de tristeza, já que tem apenas esta filha, e sente um amor louco por ela."

Você acha que não há remédio?

"Os médicos dizem não e consideram-na condenada!"

O magnetismo foi testado nela?

"Ah! O meu irmão não tem fé nisso; ele é um velho oficial, que pensaria ser louco se aceitasse tal ideia; mas, mais uma vez, não conhecemos ninguém a quem recorrer!"

Dedico muito tempo a essa ciência e tenho muita sorte; Não sei o que sinto, mas parece-me que nem toda esperança está perdida.

"Quem me dera pensar assim, e você é tão bom!"

Eu deveria ser o mais feliz dos homens, madame, se apenas pudesse enxugar-lhe as lágrimas!

"O que poderei eu fazer?"

Refira isso ao seu irmão.

Duas horas mortais se passaram antes de chegar a um acordo; a suscetibilidade do médico, a posição dolorosa dos parentes eram extremas; a desordem inundava todos os corações: por fim, o médico disse que não via objeções. Isso foi-me anunciado por uma servente. Corri para o hotel e fui conduzido até a cabeceira da cama da criança moribunda; nenhuma palavra foi proferida pelos presentes; eu inspirava muito pouca confiança ─ e envergava a traje de um proletário!

Jamais vira rosto mais angelical ou interessante ─ um olhar lânguido que parecia evitar a visão da morte para se concentrar em alguns brinquedos, algumas flores que, como ela, pendiam lânguidas na borda de um vaso onde não eram mais alimentadas pela água do céu. Aos catorze anos a vida é tão rica de esperança e tão cheia de emoções!

Aproximei-me, perguntei-lhe como estava, e se ela me permitiria que eu lhe pegasse na mão. Para quê ─ meu Deus! ─ falava eu? A fala não estava mais ao seu serviço. Ela deixou-me perceber, estendendo a mão, que fora compreendido. O pai e a enfermeira desta criança interessante ficaram junto à janela, em lágrimas. Transmiti o meu olhar aos belos olhos desta frágil criatura. Não sei mais o que se passou dentro de mim.

Recordo que durante algum tempo falei mentalmente com ela, esbanjando nela os mais ternos consolos, a mais firme esperança. Implorei a misericórdia do Senhor e o influxo benéfico das sagradas legiões dos anjos. Atraí a sua alma para a minha alma, abri-lhe o meu coração para a reanimar com as doces emoções que o agitavam; ela tinha os olhos do corpo fechados; os meus lançavam uma luz fosforescente para onde quer que fossem conduzidos; eu inspirei um doce odor; uma atmosfera amena envolveu-me. Eu não estava mais na terra, estávamos no céu.

Ah! vocês que riem de tudo, respeitem este recital: é o de um coração franco e amável, que, pela primeira vez, desempenhou o papel doce de pai e se sentia feliz naquele dia, apenas naquela hora. Não pensava mais na sua própria existência dolorosa; estava

tudo naquela criança, e aquela criança era tudo nele. Não direi quanto tempo durou essa cena, o que pensaram as pessoas presentes e o que penso disso agora. *Ela foi salva;* à noite, ela tomou a sua primeira refeição em quinze dias, dormiu a noite toda pela primeira vez desde há uma semana: e três dias depois trilhou com passo firme as folhas mortas do jardim das Tulherias. Eu encontrei-a apenas dessa vez: encontrar-nos-emos novamente no céu. Rezem! Tentem-no!

* * *

Devo render graças ao único e supremo Criador do universo pela inspiração divina que guiou este trabalho, tanto para mim quanto para todos os homens. Que ele possa trazer a maior serenidade possível, regenerando a fé no outro mundo — fé tão vacilante aqui na Terra — por meio das experiências que propõe.

Que este conhecimento ofereça à mãe terna, à esposa fiel, ao amante inconsolável a possibilidade de rever em seu sono magnético os seres queridos que partiram, de falar com eles, de trocar provas mútuas de afeto e de recordar com gratidão os laços que nunca se rompem.

Aos Céticos e Céticos do Magnetismo

Ó vós, cataleptizadores de membros, que rejeitais aquilo que ultrapassa os vossos limitados saberes, que acreditais comprometer vossa pequena ciência ao dedicar alguns minutos para permitir que vossos sujeitos entreguem seus corações a esses espíritos imortais que riem da vossa ignorância e do vosso orgulho insensato!

Vós, que lançais o manto do ridículo sobre os magnetizadores espirituais, se ainda resta em vós uma centelha de boa-fé, dizei comigo:

"Nada sabemos, nada podemos, e nunca saberemos nada, se não consultarmos os clarividentes sobre aquilo que ignoramos!"

Saibam que o espírito não é uma molécula de ar que, ao sair do corpo, simplesmente se dispersa no espaço como uma gota d'água regressando ao mar. Pelo contrário, é um ser individualizado para a eternidade, que conserva a recordação da sua existência material, que compreende os vossos vãos raciocínios e que está ao vosso lado, pronto para responder às vossas perguntas.

Se não o vedes, nem o tocais, é porque a vossa prisão é demasiado material, os vossos olhos estão demasiado velados, e o vosso julgamento é demasiado arrogante.

Por isso, aconselho-vos a ponderar bem as vossas decisões, evitando os dois extremos:

Negar tudo, como fizestes antes

Acreditar em tudo, como alguns magnetizadores fizeram

Já disse o suficiente nesta obra para que ninguém se perca em Brahma ou Maomé.

Sede homens! Filhos de Deus! Prostrai-vos a Seus pés — mas não aos pés de vossos semelhantes!

Aos Meus Leitores e Aos Filantropos Que Apoiaram Esta Obra

Devo também expressar a minha gratidão aos meus assinantes, cuja confiança intuitiva espero não ter traído.

Como ainda não vivemos numa atmosfera livre de preconceitos sobre a liberdade de consciência, devo permanecer em silêncio quanto aos nomes de alguns homens benevolentes que contribuíram, direta ou indiretamente, para a publicação deste trabalho.

Alguns facilitaram-me a obtenção do número necessário de assinaturas, sem que eu desejasse tornar ninguém responsável por esta obra, possivelmente acolhida de forma demasiado favorável antes mesmo de ser conhecida.

Gostaria de poder citar o nome do discípulo confiante de Swedenborg que me adiantou os fundos necessários para a impressão deste livro, ou o nome do generoso amigo da iluminação que subscreveu cem francos para viabilizar esta publicação.

Mas vergonha recaia sobre os sábios a quem me dirigi, e que nem sequer tiveram a honra de responder ao meu apelo!

Por que razão?

Eu queria provar-lhes matematicamente a existência da alma, sobre a qual falam, mas na qual não acreditam!
Eu queria mostrar-lhes que há uma escola à qual todos os homens deveriam recorrer para novos estudos!
Eu humildemente roguei por um pequeno auxílio filantrópico para esta publicação...

Mas a quem me dirigi?

Eu queria iluminar aqueles que ensinam!
Eu pedi àqueles que mendigam!
Eu tentei negociar com os príncipes do comércio!

E agora, posso exclamar com Saint-Martin:

"Nada é mais fácil do que chegar à porta da verdade; nada é mais raro e difícil do que entrar por ela."

E assim é com a maioria dos filósofos deste mundo!

VOLUME II
CONTENDO PERCEPÇÕES
DE MAIS CINQUENTA PESSOAS
QUE MORRERAM EM DIFERENTES PERÍODOS

UMA DESCRIÇÃO PESSOAL DELAS, CONVERSAS MANTIDAS COM ELAS E CERTIFICADOS QUANTO À SUA IDENTIDADE

UMA NUMEROSA COLECÇÃO DE FACTOS SOBRENATURAIS COMUNICADOS POR MAGNETIZADORES

CITAÇÕES DE FILÓSOFOS ESPIRITUALISTAS SOBRE A IMORTALIDADE DA ALMA

"O que o magnetismo demonstra rigorosamente é a espiritualidade da alma e a sua imortalidade; também, que as almas separadas do corpo podem, em certos casos, comunicar-se com seres vivos e transmitir-lhes os seus sentimentos. O estudo dos fenómenos do sonambulismo é, a este respeito, mais importante do que o da cura das doenças." — Deleuze.

Quando, em Janeiro de 1848, apresentei ao público o primeiro volume dos *"Segredos"*, não pude apoiar os factos ali contidos com outro testemunho senão o meu próprio. A minha posição como simples operário — as minhas relações sociais muito limitadas, absolutamente nulas no mundo científico — não podiam conferir qualquer peso às persuasões que acabava de expor: senti que, apesar da sua veracidade e da facilidade de se certificarem delas, talvez não conseguisse senão lançar algumas dúvidas, que passariam ao estado de crenças definitivas se apoiasse essas revelações com testemunhos honrosos. Consequentemente, para atingir esse fim, apressei-me a conceder sessões de aparição às pessoas que as solicitavam e, agora, posso

rodear o meu nome de nomes que o público venera como autoridades.

Neste segundo volume, apresento ao mundo um número suficiente de testemunhos de aparições obtidas, reconhecidas e assinadas como verídicas por príncipes, condes, viscondes, generais, coronéis, pastores de diferentes credos, proprietários, comerciantes, homens de letras, magnetizadores e artesãos, personalidades de diversas nações, etc., etc., todos prontos a confirmar com o seu testemunho verbal aquilo que assinaram na minha residência.

Não creio que, com tais apoiantes e com tanta franqueza da minha parte, se possa suspeitar de qualquer charlatanismo, má-fé e, acima de tudo, alucinação; o meu julgamento pode estar limitado à pouca instrução que recebi e a algumas persuasões mais ou menos verdadeiras e admissíveis; mas as pessoas cujos testemunhos serão lidos são testemunhas competentes — sábios interessados nesta questão; magnetizadores que, até então, não haviam levado as suas experiências nesta direção e que muito duvidavam da possibilidade de fazer aparecer, nestas condições, pessoas falecidas, de forma a permitirem ser reconhecidas e manterem conversa. Uma grande questão, sem dúvida, foi aquela que procurei resolver com toda a força da minha inteligência, e que consegui fazer com que outros resolvessem com mais facilidade do que se poderia ter ousado esperar.

Venho, portanto, apresentar ao público este segundo volume, no qual considerei apropriado responder, a título de refutação, a certas objeções feitas a diferentes proposições enunciadas no primeiro volume.

Julguei conveniente reconciliar esta faculdade dos clarividentes com aquela que os nossos antepassados deveriam ter possuído, tanto nos tempos antigos como na Idade Média, permitindo-lhes assim fundar diferentes escolas onde crenças semelhantes eram ensinadas, demonstrando, *a priori*, a existência da alma após a sua separação da matéria, vivendo individualizada num mundo melhor sob a forma humana, conservando a recordação de si mesma e da sua existência terrena, reunindo-se, de acordo com os seus afetos, aos seus parentes ou amigos, falecidos como ela própria, e possuindo sensações, costumes e

afetos, tal como aqui em baixo: isto é o que, em poucas palavras, desejei demonstrar da forma mais matemática possível, com o auxílio do sonambulismo e das aparições. Posso felicitar-me por este empreendimento, pois, até ao presente momento, tem obtido pleno êxito junto de todos aqueles que nele se envolveram. Alguns magnetizadores tiveram a amabilidade de responder ao apelo geral que lancei e forneceram-me várias experiências, que serão lidas após as minhas e com não menos interesse.

Que eu não encontre no meu caminho aquelas barreiras, obstáculos passados, presentes e futuros, colocados em todas as estradas para servirem de entrave às verdades que iluminam a espécie humana. Encorajo aqueles que me acompanham nestas experiências a não deterem-se no desejo de lançar luz sobre qualquer obscuridade. Seria uma pura perda de tempo e prejudicial ao fim proposto.

RESPOSTA AOS MAGNETIZADORES QUE ACREDITAM QUE AS APARIÇÕES MENCIONADAS NO PRIMEIRO VOLUME DOS "SEGREDOS" NÃO PASSAM DE UM EFEITO DE TRANSMISSÃO DE PENSAMENTOS

Com a primeira publicação dos *"Segredos da Vida Futura Revelados"*, os magnetizadores espiritualistas, que já tinham realizado experiências semelhantes, receberam esta obra com simpatia, posso até dizer com gratidão, pois ela fortaleceu neles crenças que ainda se encontravam num estado incipiente. Esta obra teve, inevitavelmente, de enfrentar adversários entre os magnetizadores superficiais, que reduzem todos os fenómenos do magnetismo e do sonambulismo à matéria. Não sei se esse tipo de homens acredita na existência de Deus e da alma. Dizem que sim, por decoro, e negam por paixão.

Com tal estado de espírito, contrário ao espírito desta obra, exclamaram com certa segurança: "Essas pretensas revelações não passam de uma transmissão de pensamentos." Escrevi então ao Sr. Hebert de Garnay, editor do *"Journal du Magnétisme"*, pedindo-lhe a amabilidade de me indicar um desses formidáveis sábios que sozinhos produzem, veem e julgam, a fim de lhe colocar questões dignas da sua elevada inteligência; o silêncio foi

o único adversário que encontrei no campo de batalha. Como as barreiras são sempre acidentes ocultos, que atuam na sombra, considerei-me avisado.

Dediquei o primeiro volume dos *"Segredos"* ao Sr. Dupotet, por ser a figura mais distinta na ciência magnética e, consequentemente, a pessoa mais apta a apreciar o seu valor; naturalmente, ele faria uma análise da obra no seu estimável jornal, no qual teve a amabilidade de anunciar a subscrição. Vários meses se passaram antes que os assinantes desse jornal soubessem o que pensar desta obra.

Uma noite, o Sr. Dupotet veio, acompanhado por várias pessoas, pedir-me uma sessão de aparição: ficou satisfeito, como veremos mais adiante. Contudo, essa análise não apareceu. Finalmente, a 12 de dezembro, no septuagésimo quinto número do *"Journal du Magnétisme"*, lemos uma crítica da qual extraímos os seguintes trechos: —

1. O Sr. Cahagnet, dedicando-nos o seu livro, coloca-nos, de certa forma, na obrigação de dizer o que pensamos dele.

"Desejando certificar-me deste facto incrível, solicitei a aparição de um amigo falecido, completamente desconhecido para a clarividente e para o seu magnetizador: esta extática descreveu-me o meu amigo e enumerou todas as singularidades que lhe eram características; nada foi esquecido, de tal modo que verdadeiramente pensei vê-lo diante de mim. Este espectro desapareceu abruptamente, assustando a sonâmbula; uma única palavra causara o seu súbito desaparecimento, e o meu espanto foi ainda maior, pois essa mesma palavra tendia invariavelmente a enfurecê-lo. Este facto, que garanto, confere uma espécie de aparência de verdade à doutrina do Sr. Cahagnet acerca da aparição dos mortos.

O seu livro está repleto de fenómenos semelhantes; contudo, não estou totalmente convencido. Em primeiro lugar, é um intermediário quem vê, e para qualquer pessoa familiarizada com o sonambulismo, isso poderia ser atribuído à comunicação de pensamentos."

2. Em seguida, encontra-se uma crítica algo severa sobre a obra como um todo, a sua pobreza em imagens poéticas, em soluções científicas e lógicas, acompanhada destas palavras:

"Renuncio a fazer citações dos 'Segredos', pois algumas provariam demasiado para muitas pessoas, e outras não o suficiente."
(Vide 117ª Sessão.)

3. Mais adiante, lemos o seguinte: *"Seja como for, os 'Segredos' causaram alguma sensação no mundo magnético. O livro representa um passo adiante rumo ao desconhecido."*

4. E esta observação: *"Como é possível que, em todas as respostas dos espíritos, o Sr. Cahagnet ainda não tenha encontrado nada que distinga os génios dos simples mortais, nem recolhido qualquer uma das verdades importantes com que o céu está repleto?"*

Responderei, em poucas palavras, a estas quatro principais observações do Honorável Sr. Dupotet.

Quanto à primeira, se acreditasse na comunicação de pensamentos, não deveria ter solicitado a aparição de uma pessoa do seu conhecimento. Se não está plenamente convencido da veracidade destas aparições, como espera que o estejam as pessoas que convida a verificar as que provoca publicamente todos os domingos nos seus salões, num círculo traçado com carvão?

Quanto à segunda, sobre a falta de imagens poéticas e soluções científicas e lógicas, concluindo com as palavras *"Os 'Segredos' provariam demasiado para uns e não o suficiente para outros"*, recordo, como já disse, que sou um homem da natureza, sem instrução, e, consequentemente, tão desprovido do génio de Virgílio como das definições capciosas de Kant. Os *"Segredos"*, no entanto, contêm mais de mil e duzentas soluções, tanto metafísicas quanto psicológicas, cuja análise foi negligenciada.

Se não são científicas ou lógicas, pelo menos pretendiam sê-lo; além disso, se provam demasiado para uns e não o suficiente para outros, há nelas algo de útil ou de ridículo. Isto, a meu ver, é lógico.

Quanto à terceira observação, em que afirma que os *"Segredos"* causaram sensação no mundo magnético e que o livro representa um passo adiante rumo ao desconhecido, se causaram sensação, foi por prazer ou por piedade; deixemos que os leitores

julguem. Se representam um passo adiante rumo ao desconhecido, isso prova algo mais lógico do que o que afirma.

Na quarta observação, o Sr. Dupotet surpreende-se por certos génios não terem vindo revelar-me certas verdades com que o céu está repleto. Respondo que isso se deve ao facto de que o semelhante busca o semelhante; como não sou, nem nunca serei, um génio, procurei seres da minha própria natureza. Ainda assim, os *"Segredos"* causaram sensação, provaram algo, fizeram dar um passo adiante rumo ao desconhecido!

O facto é que aqueles que vieram inspirar-me sabiam mais do que eu. O Sr. Swedenborg, que, sem dúvida, segundo o Sr. Dupotet, nunca foi um génio, disse-me, no entanto, que o sol que vemos não é um globo material, que os pensamentos são seres vivos, que um homem tem um universo encerrado na sua esfera, e revelou-me uma centena de outras verdades do mesmo género. Em apenas uma das três que mencionei, há uma total subversão de toda a filosofia aceita e uma oportunidade para adquirir génio.

O Sr. Dupotet, tal como muitos outros filósofos, surpreende-se por não aprender nada sobre a vida futura naquilo que lê, devido à pouca harmonia, segundo dizem, que existe entre os sistemas de cada clarividente. Mas eu não me surpreendo, de modo algum. Esses filósofos não escreveram o meu livro e querem submeter toda a criação às suas próprias argumentações e, por puro apego, argumentam incessantemente.

Que diriam se lhes déssemos a chave dessas contradições em três palavras? Sim, apenas três palavras. Faremos isso; fica ao vosso critério decidir se nos abrirão as portas de Charenton (manicómio). Aqui estão elas: *Tudo está em tudo e em todo o lado.*

Os céus dos clarividentes e a terra dos mortais não são lugares para eles, mas estados. Cada um encontra prazer no seu, quando este corresponde ao seu afeto; faz dele um céu ou um inferno. Swedenborg já nos disse isso, e o estado dos nossos clarividentes prova-o; eles estão onde querem, no que querem, fazem o que querem; sem deixarem de estar lá, estão aqui em baixo, estão em tudo, por toda a parte, e são tudo.

Julgai, agora, se pode haver acordo no que nos revelam; trata-se do infinito do infinito.

Não receio dizer-vos que o espírito pode estar tanto no discurso, numa única palavra, como esse discurso e essa palavra estão nele. Vede para onde vos conduzo, uma vez que me forçais a isso. Vamos, tende um pouco de indulgência, senhores da ciência, sou apenas um pobre operário que ganha o pão com o suor do rosto, que medita e escreve à noite. Ajudai-me e não me amarreis. Prometo-vos que desenvolverei estas proposições numa outra obra em que estou a trabalhar, desejando apenas provar-vos, nesta, a existência individualizada da alma após a sua separação da matéria e a possibilidade de comunicar com ela.

Retorno agora à nossa resposta aos magnetizadores, sobre o seu argumento relativo à comunicação de pensamentos. Tomo a liberdade de lhes colocar as seguintes questões:

1. É verdade que um clarividente pode ver, ouvir, sentir e conversar com outro ser, à distância?
2. É verdade que basta colocá-lo *en rapport* com os nomes dos lugares e das pessoas desejadas para que ele as perceba à distância?

Se responderdes afirmativamente a estas duas questões (e não podeis respondê-las de outra forma), admitis um ser ou fluido inteligente, independente (neste estado) do corpo material, capaz de conhecer tais coisas; esse ser ou fluido merece, com razão, um nome; chamá-lo-emos alma.

Essa alma, independentemente do seu modo de perceção de lugares ou objetos à distância, prova-nos que o corpo material está privado dessa faculdade, pois é necessário que algum agente, de algum modo, a anule (deverei dizer assim?) para facilitar a inteligência que a anima, permitindo-lhe assim cumprir funções externas. Esta alma, fluido, espírito, como quiserdes chamá-lo, que não encontra obstáculos e se encontra independente das leis materiais, não pode estar mais sujeita à aniquilação do que esta matéria, cuja imortalidade, em infinitos estados, admitis.

"Não podemos admitir uma lei especial de aniquilação para o espírito, quando não admitimos nenhuma para a matéria; a alma sobrevive ao seu invólucro; não podemos duvidá-lo, ou então teríamos de provar o contrário. Se sobrevive ao seu invólucro, está em algum lugar. Não é mais inalcançável para o clarividente do que o lugar, a pessoa ou o objeto terrestre que ele

vê à distância, sem estar em comunicação com eles; mas — respondereis — a pessoa que consulta está ela própria em rapport com o que pede para ser visto?"

Eu responderei, por minha vez: sim, em certos casos; mas, em muitos outros, não está.

A todos os magnetizadores acontece tornarem visíveis para os seus clarividentes lugares, pessoas ou objetos dos quais nem o indivíduo que consulta, nem o magnetizador, nem o próprio clarividente têm qualquer conhecimento; as informações e descrições revelam-se corretas. Essas experiências realizam-se frequentemente em relação a pessoas desaparecidas, objetos perdidos ou roubados. O clarividente encontra tanto uns como outros; deve, portanto, ser que esses objetos se apresentam à sua visão conforme o seu desejo, ou que ele possui um meio desconhecido por nós para se colocar *en rapport* com eles.

Se admitirdes que, apenas pelo desejo ou pela simples menção do nome do ser ou do objeto perdido, o clarividente vê imediatamente esse ser ou objeto diante de si, devereis certamente conceder a um ser tão inteligente como a alma, quando liberta e separada da matéria, a faculdade de se apresentar ao clarividente conforme o seu desejo, tal como o fez esse objeto aparentemente inerte.

Já observei que não é necessário conduzir o clarividente até aos objetos para que os veja de perto; basta desejar a sua presença. A perceção de objetos perdidos ou roubados é uma prova disso; não sabendo onde estão esses objetos, não podeis conduzir o clarividente até eles; devem, portanto, apresentar-se a ele, de acordo com o seu desejo. O mesmo pode aplicar-se a todas as visões à distância. Peço para ver um lugar, sem o conhecer, e ele surge-me instantaneamente. *(Esses factos, que estão ao alcance de todos, não podem ser negados.)*

Se não podemos recusar ao clarividente esta propriedade, também não podemos, pela mesma razão, recusar-lhe a possibilidade de encontrar a alma separada da matéria; por esta dedução, acabaremos por nos prender a factos inegáveis e admitir a possibilidade da outra proposição. Se concluíssemos de forma diferente, seríamos apenas um obstáculo à verdade.

Podemos objetar com os nossos *porquês* e os nossos *mas,* mas acabaremos por reconhecer aquilo que não podemos negar. Alguns defensores ferrenhos desta causa sacrílega da obscuridade argumentarão assim:

"O clarividente, em todos esses factos, vê apenas objetos materiais, pois esses objetos existem; poderá ser o mesmo com a alma, cuja existência individualizada após a separação da matéria continua a ser um problema."

A minha resposta a tal objeção é que, na busca desses objetos ocultos ou roubados, o clarividente não vê apenas esses objetos, mas também os vestígios deixados por eles; traz-vos de volta as cenas, as palavras pronunciadas pelos ladrões; esses vestígios ou essas palavras não existem materialmente, como pode ele vê-los? Como pode ouvi-los? Ouvir o que foi dito e já não está a ser dito! Não vai ele ainda mais longe? Não vê ele um certo teatro, um certo campo de batalha, com o que ali se passou, e o sangue derramado na terra cem anos antes de nascermos? Se vê essas coisas, em que estado as vê? Sem dúvida, no estado espiritual, uma vez que esse teatro ou esse campo de batalha foram substituídos por outros ornamentos ou construções.

Admitis esses factos? Essas revelações que produzis e obtendes todos os dias—que mencionais em todos os vossos livros? Respondereis que sim.

Então, perguntar-vos-ei porque admitis que esse teatro e o que nele aconteceu deixaram uma imagem no local onde outrora existiram, tão poderosa que o vosso clarividente pode dela receber uma impressão tão ativa como a que uma cena semelhante existente ou presente poderia produzir, e, no entanto, não admitis que os seres que participaram na representação dessas cenas estivessem vivos como elas. *(Esta já é a segunda vez que faço esta observação.)* Após tal comparação, se negardes a existência individualizada da alma separada da matéria, digo-o com pesar, sois extintores da verdade ou agis de má fé; perante tais revelações, as aparições tornam-se desnecessárias. Se continuo a recolhê-las, faço-o menos para demonstrar a sua realidade do que para consolar os meus irmãos das misérias desta existência terrestre tão dolorosa; isto é o que tinha a dizer aos detratores de

"Os Segredos da Vida Futura Revelados", e termino dizendo-lhes:

Não, o clarividente não vê no vosso pensamento aquilo que nele não pode estar. Não, o clarividente não atravessa o espaço e desconhece o tempo para se comunicar com lugares, objetos ou acontecimentos remotos, passados, presentes ou futuros.

Deixai-me recordar-vos uma vez mais, pois é fruto das nossas próprias experiências, que, nas primeiras visões à distância que obtivestes dos vossos clarividentes, exclamastes: *"É porque eu próprio vi esses lugares que ele vê a imagem deles em mim."* O contrário foi provado quando vos descreveram mudanças ocorridas na vossa ausência, relatando o que as pessoas estavam a fazer no exato instante em que ordenastes que fossem observadas, a centenas de léguas de distância.

Reconhecestes que essas coisas não podiam estar no vosso pensamento e admitistes que o clarividente realmente via à distância; agora, retomais este argumento gasto para combater a perceção das almas; mas chegámos ao ponto de vos apresentar aparições que dissiparão todas as vossas dúvidas a este respeito, e que lereis neste volume.

Vimos pessoas falecidas, desconhecidas pelo consulente, por nós próprios e pelo clarividente; obtivemos informações que não poderiam estar na memória de nenhum ser humano; onde encontrou o clarividente essas pessoas e essas informações? No mundo das causas, que denominamos mundo espiritual, onde se encontra tudo o que foi, é e será.

Sabei, pois, de uma vez por todas, como distinguir entre a comunicação de pensamentos e a perceção das imagens que o homem tem em si, representando tudo o que de material viu ao longo da sua vida. A comunicação de pensamentos é o discurso mental, é a resposta mental que segue esse discurso.

Nenhum dos que obtiveram tais aparições pode afirmar que os detalhes que lhes foram dados resultaram de uma comunicação de pensamentos, de uma resposta mental a uma pergunta mental, sem contacto com o clarividente. Sem formular perguntas, e obtendo informações que não podem estar no domínio da sua memória, caso houvesse comunicação, esta seria apenas uma comunicação de imagens, limitando-se às que possuímos dentro

de nós mesmos. Mas, se assim fosse, restaria explicar como essas imagens estão vivas, falam e agem?

Poderíamos conseguir fazê-lo? Isso só seria possível admitindo que cada homem é um universo em miniatura! E então estaríamos bem longe de negar a existência da alma, pois teríamos feito dela uma obra-prima incompreensível e admirável, que seria o infinito do infinito, e milhares de vezes o infinito do infinito!

Pensai um pouco, então: possuir dentro de vós o universo inteiro em miniatura! Tudo o que foi, é e será—tudo o que foi pensado, pensa e pensará.

Oh! Não quereis esta vasta definição; a vossa ciência não é suficientemente poderosa para admiti-la e explicá-la; preferis regressar à simples existência da alma, habitando lugares apropriados à sua natureza e estado. Mas eu, sem possuir a vossa ciência, repito-vos que *tudo está em tudo e em toda a parte*.

Se fôsseis um pouco menos eruditos, dedicar-vos-íeis ao estudo que vos proponho; vale bem a pena. Se admitis a imortalidade humana apenas na história, na vossa descendência ou na vossa estátua num monumento público, então que sejais colocados no vosso nicho para a admiração de multidões boquiabertas, enquanto nós nos aventuramos num mundo que rejeitais, porque sabeis que nele reinam a igualdade e a fraternidade.

Permanecei, digo-vos, revestidos das vossas insígnias doutorais, senhoriais ou reais, nos vossos nichos, que são o emblema do *status quo*; nós praticaremos a ciência sem vós, e uma ciência mais consoladora do que a vossa.

Fourier disse: *"Os civilizados são tão odiosos que desprezariam o céu se todos nele entrassem, e deleitam-se ao pensar que um bom número irá para o inferno."* Fourier conhecia-vos!

REFUTAÇÃO DE UMA VIDA INTEIRA DE BEATITUDE NO MUNDO DOS ESPÍRITOS

Algumas pessoas, após lerem os *"Segredos"*, objetaram que não poderia haver hábitos no mundo dos espíritos como na Terra, muito menos objetos adaptados a tais hábitos; uma delas

considerou extraordinário que ali houvesse casas, móveis, etc., e exclamou, ridicularizando esta afirmação: *"Então, pedreiros e tapeceiros não faltarão com trabalho lá!"*

Tenho apenas algumas observações a fazer a este respeito: O que se entende por vida? Não será pensar? Pensar em quê? Em algo. O que é esse algo?

Tudo o que pode ser percebido pela vista, ouvido pelo ouvido e sentido pelos outros sentidos.

Lugares, acidentes dos lugares, ornamentos dos lugares.

Seres vivos da nossa própria natureza, com os quais estaremos em comunicação.

Para estarmos em comunicação, é necessário falar. Falar sobre o quê? Sobre coisas passadas, presentes ou futuras.

Esses "algos" devem representar imagens diante dos nossos olhos, tal como na Terra. Sem isso, não compreenderia uma vida na qual não se pudesse pensar. O pensamento é a visão de algo, a fala é o nome desse algo, a sensação é o toque desse algo. Retirai essas propriedades da vida espiritual, o que resta? O nada!

Concedei-lhe essas propriedades, elas não podem existir sem as coisas pensadas. No momento em que admitis o pensamento, admitis a visão dele; assim, o pensamento de um lugar deve representar um lugar na sua forma completa e com os seus acidentes: ali, um jardim com árvores, frutos e flores; uma atmosfera, uma luz de algum tipo; mais adiante, seres de natureza semelhante à vossa, agrupados, de pé, sentados ou deitados sobre aquilo que os sustenta.

Esses seres não podem permanecer eternamente de pé ou deitados; devem admirar esses frutos, embriagar-se com o perfume dessas flores, respirar essa doce atmosfera, contemplar a luz pela qual veem essas coisas; mas se toda uma eternidade fosse passada a ver apenas árvores, frutos, flores e relva, rapidamente nos cansaríamos de tal estado. Deve, como bem sentimos, haver uma progressão, uma sucessão de pensamentos para alimentar as sensações, e essa sucessão de pensamentos leva-nos a supor, como já disse, a necessidade de pensar, ver e sentir algo mais.

É o infinito da criação que se encontra diante de nós; palácios, casas, móveis, hábitos, em suma, devem existir ali. Se

tudo isso existe, é para satisfazer as nossas sensações, os nossos afetos e os nossos desejos infinitos.

Objeta-se que todas essas coisas podem existir no céu sem que seja necessário fabricá-las como na Terra. Respondo que isso é verdade.

Mal desejais um objeto, ele apresenta-se à vossa vista, porque é o modelo do vosso pensamento e traz em si a própria forma do objeto pensado; mas isso não impede que existam afetos que desejem fabricar, co-arranjar ou embelezar o objeto pensado, tal como fazem na Terra.

Se o homem progride em cada um dos seus pensamentos e deseja registar aquilo que observa, faz um livro com essas notas para comunicar as suas observações aos seus semelhantes; ele deve, então, encontrar papel e os materiais necessários para formar esse livro; outro terá o desejo de imprimi-lo, um terceiro de publicá-lo, e assim sucessivamente.

Se desejo tocar música, ainda que seja possível tê-la ou ouvi-la ao meu prazer, se prefiro tocá-la eu mesmo, devo ter instrumentos que posso fabricar ou encontrar, já prontos, é verdade, sem outro esforço além de desejá-los; mas aquele que tem gosto em fabricar tais instrumentos tem o direito de os fazer, pois para ele já não é uma necessidade para viver, mas um afeto que constitui toda a sua felicidade.

Um arquiteto tem o mesmo direito; a sua felicidade suprema é produzir uma obra-prima; a do pedreiro é demonstrar a sua superioridade nos detalhes desse palácio, e assim por diante.

Se retirardes um dos elementos que acabo de enumerar da vida espiritual, apenas porque esse elemento não corresponde aos vossos gostos, o vosso vizinho terá o mesmo direito de retirar algo do que vos agrada.

Eu também, e assim acabaríamos por aniquilar tudo o que constitui a vida futura. O céu deixaria de ser sequer um lugar, um estado, e tornar-se-ia no nada. Não creio ser necessário levar estas conclusões mais longe para demonstrar o absurdo de tal argumento.

Aqueles que acreditam que cantar louvores a Deus por toda a eternidade é a única ocupação dos espíritos devem, necessariamente, privá-los de formas, pois as formas exigem

hábitos, andar, ver, ouvir, sentir, tocar, etc. Não há necessidade de formas para cantar; mas cantar o quê? As maravilhas da criação. E que maravilhas, se lhes recusais a entrada no céu? Serão as que vistes na Terra, onde tudo não passa de miséria e sofrimento?

Que Deus vos inspire, almas beatas! Eu permaneço mudo, e não posso louvar a Deus por uma criação que não compreendo; se Ele me dá os meios para a compreender, despojado do meu invólucro material, só poderá ser pela observação. A observação supõe duas coisas contrárias; se eu aniquilo essas coisas e as suas formas típicas, como poderei observar e julgar?

Vinde, então, vós que não quereis objetos nem hábitos no mundo espiritual, sereis colocados como Napoleão na coluna de Vendôme; quando vos cansardes da posição, pedireis a Deus que a mude.

Se admitíssemos tal estado de — imbecilidade, deverei chamá-lo assim? — após a nossa saída deste mundo, também deveríamos ser privados dos nossos respetivos sexos, pois o amor supõe uma aglomeração de sensações. O quê! Sentir onde não há uso? Para que serviria, então, a criação do macho e da fêmea?

Se tiver de chegar um dia em que eu não possa admirar e fazer justiça às obras do meu Pai Divino, não possa compreender a sua beleza, a utilidade e a harmonia da sua criação, então não sou a criatura da sua escolha. Se, pelo contrário, for de outra forma, Ele fará com que eu compreenda o bem e o mal. Devo observar, comparar, progredir. Se me retirais os elementos de comparação, não saberei se as artes, os hábitos ou os objetos que conheci na Terra eram mais ou menos perfeitos, mais ou menos úteis.

Se, pelo contrário, admitirdes a vida futura como uma continuação da vida terrestre, sem transição súbita, compreenderei, nesse caso, a Eternidade. Por isso, não descobri nada de ridículo no que os meus clarividentes me disseram a este respeito, embora nenhum deles me tenha dito que hábitos semelhantes aos que acabei de descrever causassem excitação lá. Mas eu, pela minha parte, compreendo-os; sinto a sua utilidade como um afeto da felicidade, e não como uma imposição necessária, comparável às necessidades terrenas.

Nada encontrei de ridículo no que o sábio Swedenborg avança, nas suas obras, sobre este assunto. Peço aos meus leitores que as consultem para informações mais detalhadas, dignas de serem meditadas.

OBSERVAÇÕES SOBRE AS CONTRADIÇÕES CONTIDAS NO PRIMEIRO VOLUME DOS "SEGREDOS"

Outras pessoas objetaram-me que o primeiro volume dos *"Segredos"* continha algumas contradições deste género: *"Bruno, inspirado pelo seu guia, diz que o homem não é livre; Adèle, inspirada pelo Sr. Swedenborg, diz o contrário!"* Foi porque quis preservar integralmente esses *"Segredos"* que permiti que essas contradições, e algumas mais, permanecessem.

Devia à ciência que nos ocupa, antes de tudo, a verdade. As minhas opiniões a este respeito não são favoráveis ao livre-arbítrio, como se pode ter observado ao longo deste livro, através de raciocínios que nem todas as obras que consultei, nem as discussões que tive sobre este tema, conseguiram destruir.

O homem, referindo tudo, nas suas discussões científicas, ao seu orgulho, às suas necessidades e à sua maneira de ver, só pode errar. Aquele que, pelo contrário, se desprende da matéria, elevando-se da humildade acima desta comédia humana, descobre melhor todos os seus mecanismos. Sou, portanto, obrigado a esclarecer o leitor sobre esta questão.

Adèle errou voluntariamente.

Um dia, o abade A., o Sr. Lemoine e eu decidimos invocar São João para resolver uma questão religiosa; foi o abade A. quem estabeleceu comunicação com Adèle e a interrogou. No início da sessão, rezámos todos os três, pedindo a Deus que se dignasse a iluminar-nos com a sua luz divina.

O Sr. A., na sua qualidade de sacerdote, deveria proteger a clarividente de qualquer influência maligna, tanto mais que lhe

deixei total liberdade para a exorcizar e purificar conforme desejasse.

Todas as respostas que ele obteve foram, segundo a expressão deste venerável abade, estritamente lógicas. Ele não tinha colocado nenhuma questão diretamente sobre o livre-arbítrio, mas, ao abordar um tema relacionado com ele, Adèle disse-lhe:

"João, aqui presente, ordena-me dizer-vos que o homem material não é livre; que cada ser na Terra tem uma missão a cumprir, da qual não pode desviar-se. Objetei-lhe que não poderia transmitir tal resposta aos homens; mas ele ordenou-me, em nome de Deus, que vo-la transmitisse, e assim o faço."

Por que motivo," disse-lhe eu, *deveria você recusar-se a revelar-nos a verdade?*

"Eu sempre a revelei até agora," respondeu ela; “mas eu não conseguia decidir-me a dizer aos homens: 'Vocês não são livres para fazer o mal. Essa doutrina era repugnante para o meu coração; parecia muito mais justo deixar o homem acreditar que ele é livre nas suas boas e más ações; mas me disse-me: 'É melhor ficar em silêncio do que alterar uma resposta em benefício da falsidade; eu aconselho-o a nunca fazer isso.'"

Adèle, por um sentimento religioso, até então escondera-me esta verdade e, consequentemente, havia deturpado as respostas do Sr. Swedenborg. O seu amor-próprio pareceu-lhe ferido ao confessar este pequeno subterfúgio, que, no entanto, não pode ser visto senão como favorável à virtude. Não quis revelar este detalhe porque, repito, respeito infinitamente todas as crenças; não desejo falar contra nenhuma, apenas me atenho a dizer a verdade e nada mais do que a verdade.

Se não fosse guiado por este princípio, não teria permitido que subsistisse qualquer contradição.

Que cada um experimente sem procurar, de modo algum, influenciar o clarividente, e, na maioria dos casos, a verdade será obtida. Adèle não é facilmente influenciada, pois sempre manteve, contra mim, uma posição contrária à que acabamos de ler.

Devemos, além disso, estar convencidos de que o espírito, ao desprender-se da matéria, não se liberta, por isso, dos seus erros.

Há uma progressão nas suas ideias, mas se estas se fixam em tal ou tal sistema, continuarão a enganar-se nele, tal como na Terra. O católico romano não se afastará das suas crenças, o judeu das suas, e assim acontecerá com todos os outros, especialmente aqueles que se prendem apaixonadamente às suas convicções.

Muitas pessoas pensam que, para saber tudo, basta ser um espírito; desiludam-se a esse respeito. É verdade que o podem fazer, se essa for a sua afeição, mas, como não há uma transição súbita entre um estado e outro, os afetos terrestres não são imediatamente aniquilados; consequentemente, um homem que na Terra se deleitava nas artes mecânicas não vos dará as soluções de um jurisconsulto; um moleiro não vos demonstrará a ciência da metalurgia.

Olhai para um clarividente entregue a si próprio: ele representa exatamente o primeiro estado do mundo dos espíritos; perguntai-lhe o que fez ou pensou após permanecer um momento nesse estado, e a resposta que vos der revelar-vos-á a sua afeição predominante naquele instante. Assim, não fareis de um clarividente que se compraz em viajar um matemático célebre.

É certo que esta comparação pode ser contestada, pois o clarividente ainda está sob o domínio das leis e impressões materiais, mas fornece-nos uma ideia da vida futura. A progressão não é tão radical quanto se pensa, e atrevo-me a afirmar que muitos homens, no seu estado material, estão muito mais avançados do que certos espíritos que deixaram a Terra há séculos.

É um estudo que proponho aos espiritualistas de crença contrária; verão que acabarão por se desenganar.

Por esta razão, devemos mencionar todas as respostas que nos são dadas pelos clarividentes, intérpretes dos espíritos, sem suprimir delas uma única sílaba, a fim de estudar a conexão que existe entre elas e tirar conclusões sobre certos pontos, como eu fiz sobre estes:

1. Os espíritos que provêm deste globo progridem de acordo com a afeição que possuem por tal ou tal ciência, positiva ou negativa.

2. Por isso, certos espíritos, como já vimos, vagueiam pelos lugares terrestres que lhes davam prazer.

3. Esses espíritos permanecem ligados ao nosso globo e ainda não passaram para um dos céus superiores; assim, vivendo na obscuridade, só podem ensinar o erro.

4. O erro é tão comum para eles quanto o é para os homens na Terra.

Os espíritos concordam apenas nestas poucas verdades:

1. Vivem num estado de felicidade.
2. Nenhum deles viu Deus sob outra forma que não a do sol.
3. Obtêm imediatamente aquilo que desejam.
4. Têm hábitos e experimentam sensações como na Terra.
5. Sabem que viveram antes da sua vida terrena.
6. Reconhecem a utilidade da vida terrena, com todas as suas alegrias e sofrimentos.
7. Agrupam-se em sociedades de afetos semelhantes.
8. Não têm noção de tempo nem de espaço.
9. Sabem que existem diferentes céus nos quais se é muito feliz.
10. Têm plena consciência da sua imortalidade.
11. Recordam-se da sua existência terrena e falam dela com mais ou menos prazer; mas, sobre uma infinidade de detalhes, contradizem-se, cada um deixando fluir as suas respostas conforme a sua afeição presente e referindo-as às crenças da qual faz parte.

Devemos, portanto, ser muito cautelosos ao aceitar uma resposta mais do que outra.

É a prudência que eleva o homem — a paixão fá-lo errar. Contentemo-nos com aquilo que Deus nos permite revelar sobre a vida futura e não discutamos — somos demasiado fracos para manusear essa arma com sucesso.

Humilhemo-nos diante do que não podemos compreender, esperemos que um dia Deus nos permita saber mais e agradeçamos mil vezes pela generosidade que Ele demonstra para connosco!

Só Ele conhece a verdade e a utilidade de todas as coisas que criou; caminhemos com confiança pela estrada que nos traçou — ela é útil para nós!

APARIÇÕES

Julguei adequado continuar na mesma ordem de numeração das sessões como no nosso primeiro volume.

Sessão 98. - O Sr. Lucas, carregador em Rambouillet, estava muito preocupado com o destino do seu cunhado, que desapareceu do país há doze anos, após uma altercação ocorrida certa noite entre ele e o seu pai. Este homem, ao deixar a sua família, fez a observação de que eles nunca deveriam ouvir falar dele novamente. Desde aquele período seu pai falecera, e a sua sucessão (da qual este homem era o principal herdeiro) permaneceu vaga devido à impossibilidade de obter qualquer informação sobre o facto de seu filho estar vivo ou morto. Isso muito incomodou os demais herdeiros, cujos negócios ficaram em suspenso, pois não puderam apresentar, como legalmente vinculado, um atestado da sua morte.

Tendo ouvido o Sr. Renard dizer que eu possuía uma vidente que poderia afastar todas as suas inquietações a esse respeito, o Sr. Lucas veio e pediu-me uma sessão. Mal adormeci a Adèle, ela chamou esse homem pelo nome, como costuma fazer com pessoas falecidas. E então disse-nos:

"Eu vejo-o; ele não está morto; ele está na terra, e não no mundo espiritual."

Ela fez uma descrição tão exata dele ao Sr. Lucas que este, que sem dúvida pela primeira vez vislumbrara um sonâmbulo, ficou espantado com tudo o que ouviu, e declarou os próprios gestos verdadeiros para com a vida.

"Eu vejo-o," disse ela, "num país estrangeiro, onde há árvores como as da América; não as vemos na França: ele está ocupado a colher sementes de pequenos arbustos, de não muito mais que um metro de altura. Ele não deseja falar comigo e, consequentemente, não responde às perguntas que eu lhe dirijo sobre o país em que vive; não vejo ninguém de quem possa obter qualquer informação. Tenho medo de me deparar com feras! Acorde-me! Acorde-me!"

Coisa que eu fiz num instante.

Tanto O Sr. Lucas quanto eu gostaríamos de conhecer esse país. Eu disse-lhe que era impossível fazer um espírito falar a

despeito de si próprio, especialmente se esse espírito estiver interessado em esconder o lugar do seu retiro, como parecia ser o caso com este homem. O Sr. Lucas apreciou inteiramente esse raciocínio e deixou-me bastante convencido de que tinha sido realmente o seu cunhado que Adèle havia percebido, e parecia disposto a acreditar que ele estava tão vivo quanto ela declarou que o viu. Prometi-lhe que faria o possível para saber mais sobre o assunto.

99. O Sr. Lucas, o interessado na sessão anterior, voltou poucos dias depois para me perguntar se eu tinha apurado algo novo a respeito do seu cunhado. Não prestei atenção ao assunto. A mãe do homem perdido acompanhou o Sr. Lucas e perguntou-me se eu poderia dedicar-lhe uma sessão. Apresentei uma ligeira objeção, por estar a conduzir uma conferência com diversas pessoas; mas, por observação do Sr. Lucas, que me disse que esta senhora viera várias léguas expressamente para obter algumas novas informações, e que o coche a esperava, roguei aos presentes que me desculpassem e avaliassem o experimento que estava para acontecer. Adèle, uma vez adormecida, disse:

"Eu vejo-o."

Onde é que o vê?

"Aqui, presente."

Faça-nos mais uma vez uma descrição dele, assim como do lugar onde ele está.

“Ele é um homem louro, bronzeado pelo calor do sol; muito corpulento, feições bem normais, olhos castanhos, boca grande, ar sombrio e meditativo, está com traje de trabalho, colhe sementes como se fossem grãos de pimenta, mas acho que não, por parecerem maiores. Essa semente é encontrada em pequenos arbustos a um metro de altura. Vejo um negro perto dele, a fazer a mesma coisa."

Tente obter uma resposta hoje, deixe-o dizer o nome do país onde o vê.

"Ele não me vai responder."

Diga-lhe que é a sua boa mãe, de quem ele tanto gostava, que está consigo, quem mande perguntar por ele.

"Ah, ao ouvir o nome da sua mãe, ele virou-se e disse-me: 'A minha mãe! Não vou morrer antes de a ver de novo; console-a e diga-lhe que estou sempre a pensar nela; eu não estou morto!'"

Por que é que ele não lhe escreve?

"Escreveu-lhe, mas sem dúvida o navio naufragou; pelo menos presume que tenha naufragado, pois não obteve resposta. Diz-me que está no México: seguiu o imperador D. Pedro; esteve cinco anos prisioneiro, sofreu muito, e fará todos os esforços para regressar à França; eles vão vê-lo novamente."

Ele conseguirá referir o lugar em que vive?

"Não, fica bem no interior; esses lugares não têm nome."

Ele está com um Europeu?

"Não, com um homem de cor."

Por que ele não escreve à mãe?

"Porque onde ele está não chega nenhum navio; ele não sabe a quem dirigir-se; depois, de novo, ele mal sabia escrever, e agora menos do que nunca; ninguém perto dele lhe poderá prestar esse serviço, ninguém fala a sua língua; ele esforça-se muito para fazer-se entender; além disso, ele nunca foi de temperamento aberto ou comunicativo; ele tem um aspeto um tanto antissocial. É difícil arrancar palavra dele; alguém poderia pensar que ele era burro."

Em suma, como conseguir escrever-lhe ou saber dele?

"Ele não sabe; tudo o que consegue dizer é: 'Estou no México, não estou morto, eles ver-me-ão de novo.'"

Por que abandonou ele os pais sem lhes dizer palavra, visto que era feliz com eles?

"Este homem estava longe de ser comunicativo; quase nunca falava, gostava muito da mãe, mas não tinha o mesmo carinho pelo pai, que era um homem severo e amargo, que costumava usar de rudeza para com ele. O copo há muito tempo que estava cheio até a borda; não foi a ligeira altercação que teve com o pai, na noite anterior à sua partida, que o induziu a partir: foi coisa decidida muito antes; ele não comunicou a ninguém e partiu de forma furtiva. Depois de os abraçar a todos à noite, ele saiu sorrateiramente na manhã seguinte, sem dizer palavra. Fique tranquila, senhora, você vai vê-lo de novo."

A boa mulher derreteu-se em lágrimas ao reconhecer a veracidade de cada detalhe que a Adèle lhe deu; ela não tinha uma palavra a suprimir à descrição; o carácter, a instrução e a partida do seu filho tinham decorrido exatamente como Adèle descreveu; mas o que dá um ar de maior probabilidade ao relato da vidente quanto ao país em que vive, é que alguns dos seus parentes nutriam a ideia de que ele se havia alistado no exército de Don Pedro, e deram passos nesse momento no sentido de obter uma certeza disso. O Sr. Lucas informou-me desse particular algum tempo depois, durante uma visita a Paris: nenhuma informação, entretanto, pôde ser obtida a esse respeito.

O que não menos contribuiu para a surpresa dessa boa mulher, assim como do Sr. Lucas e a pessoa presente nesta curiosa sessão, foi ver Adèle, que, para se proteger dos raios ardentes do sol destes países, levantou a mão para o lado esquerdo do rosto, como se estivesse a sufocar de calor; mas a parte mais espantosa da cena foi ela apanhar uma violenta queimadura que lhe deixou todo esse lado do rosto, da testa aos ombros, de cor azul avermelhada, enquanto o outro lado permaneceu perfeitamente branco; e vinte e passaram-se quatro horas inteiras antes que essa cor aprofundada começasse a desaparecer.

O calor foi tão violento aí por um momento, que era impossível manter a mão nela. Presente a essa sessão esteve o Sr. Haranger Pirlot, que anteriormente tinha sido magnetizador, e honrosamente conhecido por mais de trinta anos no mundo magnético. Ele disse-me que nunca vira algo assim. A boa senhora despediu-se bastante consolada, sem saber como o seu filho, que se encontrava no México, podia estar entre ela e Adèle, e como esta última poderia ter recebido um esquentão quando ninguém sentira o calor, e o tempo naquele dia se apresentava bastante sombrio. Não estou mais avançado do que ela mas acredito que muitos outros no nosso lugar estarão como nós. Apresentamos esta questão aos eruditos; enquanto aguardamos a sua resposta, passemos a outra sessão.

100. O Sr. Renard, a quem já mencionamos, implorou-me que dirigisse as seguintes questões ao Sr. Swedenborg, por intermédio de Adèle; embora tenham sido solucionadas no primeiro volume dos "Arcanes," para me tornar agradável ao meu

digno amigo, senti-me obrigado a submetê-las de imediato, enquanto Adèle estava no seu sono, a esse grande profeta extático, que se apresentou com a sua bondade habitual.

Diga a esse nosso bom irmão que o Sr. Renard deseja ouvir pela sua boca se Cristo realmente existiu.

"Existiu."

Ele acha que podemos convocá-lo a fim de lhe fazer algumas perguntas sobre a sua vida e doutrina?

"O Sr. Swedenborg pergunta se você tem a intenção de levar todos os espíritos do céu a aparecer, e se ele quererá ter a complacência responder às perguntas que você normalmente lhe dirige a ele. Não há inconveniente em convocar Cristo: mas o Sr. Renard e você são insaciáveis.

Os espíritos são como os homens da terra: quando visitam alguém com o propósito de agradar, gostam que se tenham confiança neles, especialmente quando não os enganam. Nem todos os espíritos estão às vossas ordens, nem são tão complacentes quanto o Sr. Swedenborg; o modo de responder de um não é o de outro; se a menor discordância for percebida, nós tiramos proveito de impugnar e negar tudo. Acredite em mim, preserve o Sr. Swedenborg, e não se ponha em comunicação com todas as sociedades espirituais. Ele mostra mais bondade para consigo do que para qualquer outra pessoa; se ele sacrificasse o mesmo tempo para todos aqueles que desejassem falar com ele, ele não teria nenhum para ele próprio."

Não vejo dúvida nem mal nas nossas perguntas.

"Não há mal nenhum, mas dúvida: em suma, que quereria você saber de Cristo?"

Desejamos saber se Cristo foi Deus, na plena aceção da palavra, ou apenas o Filho de Deus.

“Cristo não foi Deus - foi, como todos nós, filho de Deus: teve uma missão especial a cumprir: cumpriu-a e voltou para o céu como o resto: isso é tudo.”

Será ele é o chefe da doutrina que pregou na terra?

"Não há chefes no céu, mas Deus: todos os membros das sociedades são iguais - alguns falam, propõem, discutem; outros ouvem e pensam como eles. Lá, onde não existe desacordo, não há lugar para chefes nem senhores; ali reina a harmonia pelo

poder divino. Eu já lhe tinha dito isso - você está constantemente a perguntar-me a mesma coisa."

As sociedades celestiais influenciam as da terra?

"As sociedades celestiais estão ocupadas consigo próprias, e não pensam mais na terra.

Se alguma sociedade terrena acreditar que se comunica com sociedades celestiais, está enganada; e fazem-no apenas com membros dispersos que vagam ao seu redor e ─ ainda não estabelecem causa comum com as celestiais. É apenas quando Deus acha adequado que é de outro modo; porém, em geral, os espíritos celestiais não têm inclinação para trazer a terra de volta à mente, ou manter comunicação com ela, por acharem a nossa atmosfera pesada e ruim; aqueles que nos visitam precisam ser realmente bons para o fazerem."

Por esse motivo, imploro-lhe toda a vez que lhes agradeça por mim. Indague, igualmente, do motivo por que temos conhecimento de uma massa de aparições de almas em sofrimento, que clamam pelo auxílio das nossas orações para obter paz, como dizem.

"Essas são pessoas que são perseguidas por ideias de remorso; elas vagam pela terra, por não terem um desejo ardente de se purificar dos pensamentos que as perseguem; elas acreditam que as nossas orações são benéficas para elas ─ consideram-se indignas, pelas suas faltas, de entrar em sociedades que não as admitiriam no seu seio, porque criariam problemas; são indivíduos como o Padre Lauriot, que criam tempestades num copo-de-água; outros que são realmente criminosos, mas sofrem por não serem chamados a Deus; frequentam a companhia de pessoas como eles, com quem formam uma sociedade. Pode-se dizer que as suas ideias não se harmonizam; criam para si próprias posições falsas; não têm afeição viva; mas Deus insinua neles, quando o considera adequado, outras ideias, e eles entram no céu com o resto."

Como será Cristo encarado no céu?

"Como um espírito muito bom; ele é muito amado, é tudo."

E aqueles que o adoram como Deus, o que pensa ele deles?

“Aqueles que o adoram como Deus, assim o creem; e é Deus quem recebe o tributo dessas adorações. Eu disse-lhe que todas as

religiões lhe eram igualmente aprazíveis a ele. Cristo, sabendo que não é Deus, não mais se glorifica naquilo que ele ensinou aos homens do que os outros fundadores nas suas."

Os discípulos dele declaram-nos que não há salvação senão em seu nome: nesse caso eles ensinam-nos erros?

"Todas as religiões os ensinam. O que possuem de puro ascende a Deus, que é o único e único objetivo ao qual o dirigem; e o que possuem de impuro permanece na terra, nos corações dos homens que conscientemente fazem o mal."

Esta sessão confirma o que já tínhamos dito sobre este assunto. O céu não passa de um composto de sociedades, cada qual representando as doutrinas religiosas ou filosóficas que existiram na terra; cada um, após a sua partida deste globo junta-se àquilo que representa a sua afeição predominante e, com base num erro grosseiro, cada um acredita que o seu semelhante estará condenado se não partilhar das mesmas crenças que ele, sem considerar que, no fundo, as crenças religiosas são as mesmas, na medida em que todas se dirigem a Deus, para receber as suas bênçãos ou para lhe agradecer a sua generosidade. Só os detalhes diferem; cada um considera-se mais aceitável a Deus, oferecendo-lhe o que ele mesmo mais admira na terra, sem considerar que o que Deus prefere acima de todas as coisas é o coração e o amor dos seus filhos.

Assim, temos a certeza de que essas crenças religiosas, tão cheias de contrastes, deixaram tal impressão no espírito do homem que deixa a terra, e que continuam por um certo tempo a representar toda a sua felicidade. Consequentemente, ele busca sociedades em que essas crenças sejam admitidas, e torna-se membro dessas sociedades até que, elevado a pensamentos mais verdadeiros, entre num céu ou estado superior, onde a verdade pura brilha diante dele em todo o seu esplendor; então a fusão torna-se generalizada.

Essas almas familiarizam-se com a verdadeira luz, a luz Divina que tão ardentemente desejaram e da qual desfrutam com felicidade. São, pois, essas diferentes crenças que continuamente enganam o homem na sua saída deste globo que levam a que os nossos clarividentes nos apresentem nas suas revelações religiosas contradições tão óbvias. Eles travam conhecimento com

espíritos que possuem o seu afeto e respondem de acordo com esse afeto.

Se, ao contrário, a clarividente não for positivamente escrava de nenhuma crença, nem o seu magnetizador, e ambos se dirigirem a um espírito que, na terra tiver pensado como ela, haverá uma hipótese muito maior de se aproximar da verdade. Isso é o que temos feito até agora, e eu creio que a maior parte das revelações nos fizeram levar consigo o selo, não da verdade absoluta, mas de um conjunto que conduz a ela.

Aquilo que podemos afirmar é que no céu superior existe uma igualdade perfeita em idade, beleza, forma, posição, afeição; ninguém tem um jota a mais que o outro; é o reino da felicidade com que todos sonhamos, e que um dia teremos.

101. Depois de muitas perguntas indiferentes que dirigi ao Sr. Swedenborg, coloquei-lhe as seguintes (por meio de Adèle, conforme é bom que se entenda):

Não tenho meios de imprimir o primeiro volume dos "Arcanes," boa parte do qual você me ditou. Falei sobre isso com vários editores, que educadamente me recusaram por eu não ter um nome literário; poderia indicar-me os meios de alcançar o meu objetivo sem a ajuda deles?

"Não; é uma questão muito difícil. Eu sei o quanto a publicação do meu trabalho me custou."

Você publicou-o às suas próprias custas, ou Deus forneceu-lhe os meios por causas ocultas ou transmissão de dinheiro?

"Imprimi as minhas obras às minhas próprias custas, mas vendi muito poucas no meu tempo. Ninguém as lia. Em cinquenta anos será igual com as suas que ocorreu com as minhas no presente; elas serão lidas com prazer. Não recebi nada dos espíritos."

Ainda assim, eles possuem o poder de proceder a transmissões dessas?

"Sim; mas nunca é bom pedi-los."

Por quê, então?

"Porque normalmente são os espíritos *malfazejos* que têm essa afeição."

Com que objetivo?

"Para o atrair para a sociedade deles."

Que consequência terá tal aliança com eles?"

"Viver com eles e fazer pelos outros o que eles tiverem feito por si."

Eu posso ver nisso um bem.

"Sim, até aqui; mas esse bem é sempre feito por algum interesse ou outro que mais cedo ou mais tarde deverá ser liquidado."

Resultará algum sofrimento para a pessoa obrigada?

"Sim, neste sentido, que ele dá por si aliado de uma sociedade cujos usos não estão em harmonia com os seus afetos. Não podemos livrar-nos dessa restrição antes de um certo tempo. Se você tivesse as afeições dessas sociedades, não sofreria com elas; mas, não as tendo, aconselho-o a manter a sua independência."

Ninguém, a não ser os espíritos malfazejos, têm o poder de fazer tais transmissões?

"Os bons têm, da mesma forma, esse poder."

Por que eles não fazem uso dele com mais frequência?

"Porque para merecermos esses favores de Deus, nós próprios devemos ser tão puros quanto benéficos. Poucos homens há que os mereçam. Os bons espíritos sabem que quanto mais sofremos na terra, mais agradáveis acharemos as alegrias do céu; e assim, uma vez mais, eles preocupam-se muito pouco com a terra!"

Um amigo meu, o Sr. R..., assegurou-me que encontrou, há algum tempo, cinquenta francos espalhados pelo local onde guarda o seu dinheiro. Ele estava em grandes dificuldades, tendo apenas dez francos para todo o mês. Ele orou e na manhã seguinte encontrou a quantia.

"O Sr. R... pode ter-se enganado; possivelmente ele depositou esse dinheiro em algum lugar, mas não conseguia lembrar-se onde; de minha parte, não acredito que haja qualquer transmissão nessa circunstância, mas ainda posso estar enganado."

Você garante-me que existem bons e maus espíritos que possuem esta propriedade?

"Sim."

Você poderia indicar-me um?

“Não, não desejo fazê-lo; Aconselho-vos a não o experimentar, devemos estar bem familiarizados com um espírito antes de nos entregarmos a ele."

Adèle não deseja prosseguir, e diz-me que nunca mais servirá de intérprete de tais arranjos; que não tenho motivos para me preocupar com o meu livro, pois seria publicado por alguém que apareceria a tempo com esse propósito. Continuei a submeter-lhe várias perguntas, às quais ela respondeu de forma agradável segundo o meu desejo, e continuei assim:

“Da minha parte, não acho que seja possível que eu lhe diga mais nada. O seu trabalho recapitula, nesse sentido, tudo o que é possível ensinar aos homens quanto à vida futura. Soubessem eles mais disso e amaldiçoariam amargamente a terra, e achariam as alegrias do céu muito menos doces. Embora não possamos formar uma ideia justa da felicidade celestial, encontramos um prazer que traçamos aos poucos de antemão, menos cativante.

“Além disso, existem mistérios que podem não podem ser explicados. Tudo isso é tão estranho às nossas leis materiais, que o tempo seria gasto sem propósito algum em levá-lo a compreender o que não lhe é dado compreender. Temos consciência desses mistérios, mas não podemos explicá-los por meio da expressão vocal."

Em suma, todos os falecidos são iniciados nesses mistérios?

"Sim; mais ou menos prontamente."

Eles podem dar conta da sua partida da terra, do seu estado atual, dos lugares que habitam, da sua forma espiritual e o que eles supõem aparecer-nos a nós na terra?

"Eles respondem por tudo isso uns aos outros, uns pelos outros, no seu estado, mas não puderam explicar-lhe a si, homem material, como é que eles percebem que são chamados na terra ─ como eles retomam a sua fisionomia material, e se vestem de modo tão fiel ─ como podem aparecer-nos se o desejarmos, em todos os trajes que usaram na terra como em todas as fisionomias que tiveram em diferentes eras durante a sua existência terrena. É por isso que uma pessoa que exige a aparição de um amigo falecido, se ela perguntar à vidente ─ Você o vê com bigode (por exemplo) ou suíças? Os videntes poderão ver o que lhes é pedido por duas razões:

1. A fala é um factor criador; nunca é bom questionar em experimentos desse tipo, mas deixe que a clarividente dê a descrição sem a interromper, a menos que tal descrição de forma nenhuma se assemelhe à do falecido.

2. O falecido poderá ter usado no decurso da sua existência terrena os bigodes ou suíças que desejamos que a clarividente visse, e ainda não os usar no momento da sua morte. Sucede o mesmo com respeito à roupa e à cor dela; tudo o que o homem usou na terra se acha impresso nele, nada está perdido.

"Conforme a penetração da visão da vidente através dessas impressões, que se repetem centenas de vezes num mesmo ano nos nossos corpos, a descrição vai mais ou menos corresponder à desejada. Muitas vezes sucede que mais tarde, auxiliados por alguma informação, venhamos a saber que o falecido estava realmente nas condições em que apareceu ao vidente. Jamais acontecerá, por exemplo, tomar um homem branco por um negro, um homem barbudo por um sem barba, um velho por um jovem; mas todas as visões que acabei de detalhar podem ocorrer, e isso muitas vezes causará dúvidas quanto à aparição.

"Um cético também pode, por questões de ironia ou capciosas, ser a causa dos maiores erros. Devemos deixar-nos impregnar por certo respeito religioso, pois os espíritos das trevas estão sempre prontos para aproveitar a menor oportunidade para semear o erro. Aquele que procura levar a clarividente a errar é punido por sua vez; ele buscou o erro e encontra-o.

"Existem igualmente alguns que podem ser involuntários em ambos os lados, alguns que brotam da falta de hábito no falecido de colocar em jogo todas as fontes do invólucro aparentemente material em que ele aparece; a fala é-lhe tão estranha quanto a terra em que viveu. Ele pode interpretar mal as ideias, visto que no céu a linguagem é inteiramente composta de sensações; assim, você percebe que a matéria não pode avaliar nem julgar as leis espirituais como gostaria."

Deixo ao leitor a tarefa de avaliar as informações preciosas desta sessão. Será a linguagem de um louco ou de um mero visionário? Eu acho que não.

Como vimos, Adèle diz-me para não me preocupar com a impressão dos meus livros; que alguém virá em meu auxílio. Não

tentarei reconstituir aqui a história das tribulações que esta publicação me proporcionou, mas direi com gratidão que um dia o Sr. Pirlot, um velho respeitável, se apresentou em minha casa para saber se a subscrição que abrira estava preenchida. Diante de uma resposta negativa da minha parte, e tendo-lhe dito o quão apreensivo eu estava, visto que não havia exigido de antemão dos subscritores o valor da sua subscrição, coisa que me deixava no mesmo constrangimento como se eu não tivesse nenhuma, na medida em que o impressor não estava disposto a aceitar esta subscrição como pagamento, este senhor sacou da sua carteira uma nota de banco de 500 francos e, entregando-ma a mim, disse:

"Isso acabará com todas as suas dificuldades." Eu não sabia se estava a sonhar ou acordado. Ofereci um recibo, que este senhor não aceitou, dizendo-me: “Você me devolverá quando seu dinheiro chegar. Gostaria que estivesse em meu poder dar-lho de presente, mas não sou rico, e tenho confiança suficiente para confiar em si."

Essa foi a segunda vez que vi esse senhor. Cultivei a amizade com esse honrado cidadão e recebia com prazer sábios conselhos da sua parte sempre que precisei deles. Outro benévolo amigo da ciência, igualmente desconhecido para mim como o primeiro, completou o resto da soma necessária à impressão, que, como Adèle previra, não me haveria de deixar apreensivo. Ah! Poder secreto que nos dirige, quem pode te adivinhar?

102. Madame Lorme, uma dona de mercearia "em Rambouillet, tendo ouvido falar da especialidade de Adèle em se comunicar com os falecidos, há muito desejosa de se certificar do grau de fé devido a tais recitais, empreendeu esta viagem expressamente para solicitar a aparição da sua avó. Após ter visitado (espiritualmente) esta senhora, Adèle disse que via a pessoa solicitada e fez a seguinte descrição:

"Esta mulher não é tão alta quanto a senhora aqui presente; ela parece ser mais forte, e tem cerca de setenta ou setenta e dois anos de idade; ela parece-me ainda muito fresca; tem cabelo grisalho ─ deve ter sido de cor castanha; o queixo é bastante comprido e o rosto enrugado, como o de todos os velhos.

“Vejo-a com um boné com abas planas que vão o rodeiam assim (Adèle designa a forma de um boné usado pelos

camponeses); sobre os ombros um lenço quadrado vermelho; o seu vestido é o de uma camponesa ─ - enverga um corpete liso e um saiote listado de lã. Eu vejo-a com algo na mão; senão uma caixa de rapé, é uma carteira de óculos. Com certeza que esta mulher foi muito alegre, boa e ternamente amada. Pela minha parte, eu haveria de gostar muito dela. Ela sofreu muito durante a sua vida, agora está feliz e não voltaria à terra nem por todo o ouro do mundo."

Madame Lorme declara-se muito satisfeita com a exatidão dos detalhes.

103. Madame Lorme, de quem acabamos de falar, no seu retorno a Rambouillet, recebeu a visita do Sr. Renard, que a havia dirigido a mim, e como o meu amigo indagasse, esta senhora disse-lhe que Adèle havia acertado com razão sobre os sofrimentos que ela experimentou; mas que ela havia cometido um erro quanto à aparição, não tendo sido sua avó que ela havia percebido. O meu amigo enviou-me uma mensagem sobre o que essa senhora lhe havia dito, lamentando que o experimento da aparição tivesse falhado. Fiquei naturalmente surpreendido com tal comunicação.

─ Eu que tinha ouvido essa senhora dizer a cada detalhe dado a ela por Adèle sobre a pessoa que pareceu ─ "Exatamente, exatamente." Imediatamente encaminhei ao meu amigo uma cópia do depoimento e implorei-lhe que esclarecesse o caso. Poucos dias depois de receber a seguinte carta:

─ Tenho boas notícias a dar-lhe. Seguindo imediatamente para a casa de Madame Lorme, mostrei-lhe a carta, quando ela me disse: ‘Meu Deus! A clarividente está absolutamente correta quanto às queixas corporais que me acometem, só eu não foi a minha avó quem apareceu.’

No sábado seguinte, falei novamente com ela sobre isso e recebi a mesma resposta. 'Talvez', disse eu, 'haja duas senhoras com este nome na sua família? ─ 'Não', respondeu ela.

Voltei no dia seguinte, domingo à noite; Monsieur Lorme estava ausente. Ela exclamou: 'Ah! meu pobre Sr. Renard, ontem, quando você partiu, de repente veio-me à cabeça que eu tive uma tia, Dame Vallée, que é realmente o nome da minha avó, e que foi sua cunhada; ela viveu em Nogent e morreu há quatro ou cinco

anos atrás, aos setenta ou setenta e dois anos de idade. Ela era pequena, muito alegre, toda sorrisos.

Ela usava gorros com faixas lisas, um lenço quadrado, um saiote listado de lã e um corpete sem saias, como o usado em Beauce; ela sempre trazia consigo a sua caixa de óculos, já que costumava costurar malas grosseiras de linho. Ah! ela é, de facto, a mulher; era eu quem estava errada; meu deus, como me arrependo, '&c, &c. Ela repetiu-me essa versão várias vezes. Você pode imaginar, meu amigo, o prazer que este recital me deu. Ainda me sinto muito contente só de pensar nisso. Você conhece-me; tendo a impressão de que a boa Dama Lorme poderia dizer-me isso para nos consolar, dirigi-me à casa da sua mãe em Grenonvillers; mas lá obtive a mesma narrativa.

O Sr. Millard, seu pai, disse-me a mesma coisa. É, de facto, a nossa tia, uma criaturinha alegre; em suma, alguém como a sua clarividente descreveu. Este facto confirma-nos a crença de que Adèle não opera com base na transmissão do pensamento. Vou escrever ao Sr. Dupotet; acho que ele vai inserir este facto no seu Diário ao falar do seu trabalho. Se Adèle operasse com base na transmissão de pensamentos, ela teria retratado a avó de Madame Lorme; tê-la-ia cisto no seu cérebro. Este é um incidente muito precioso."

Como o meu amigo, considero este incidente bastante precioso. Mas, questionar-me-ão: por que razão a Madame Lorme respondeu: "Exatamente, exatamente," quando não se tratava do que ela desejava? A esta observação responderei que esta senhora perdeu toda a consciência quando Adèle a visitou (espiritualmente); não foi sem trabalho que a devolvi ao uso dos seus sentidos.

Esta senhora se encontrou-se nesse estado pela primeira vez na sua vida; ela não sabia o que pensar disso, e acredito que teve pressa em nos deixar, receando uma recaída. Isso, sem dúvida, a induziu a dizer: "É mesmo isso, é mesmo isso. Deixe-me escapulir o mais rápido possível, pois não sei mais onde estou." Sem a perseverança do meu amigo, esta preciosa aparição teria sido considerada falsa.

O meu amigo, na carta que me foi entregue pela Madame Lorme, forneceu-me apenas o apelido da falecida. Eu pedi para a

convocar com base nesse nome, e daí, sem dúvida, o engano. Já mencionamos dois casos similares no nosso primeiro volume, outros serão vistos neste; grandes precauções, pois, precisam ser tomadas a esse respeito. Uma falsa aplicação de nomes provocaria o fracasso da aparição desejada e, muitas vezes levaria à rejeição de uma verdade, que só seria pervertida por culpa de quem o questionara. Observe todos os incidentes, por mais estranhos que pareçam; em breve encontraremos a solução para eles.

Na aparição que acabamos de citar, não pode operar a leitura do pensamento, como bem observa o meu amigo, que assim termina a sua carta:

"Madame Lucas proporcionou-me muito prazer com o relato que fez da sua admirável sessão, quando a sua boa vidente apanhou uma queimadura solar, com a perceção do México. Esses factos confundem todos os escritores religiosos e filosóficos.

Receba, &c,
"Ch. Renard.
Employe aux hypotheques de Rambouillet."

104. O Sr. Renard, a quem acabamos de mencionar, implorou-me que conseguisse uma garrafinha de água magnetizada para ele da parte da Adèle, quando ela fosse submetida ao sono, para curar ou acalmar uma irritação da conjuntiva, que o impedia de ler e encarar fixamente um objeto. Implorei a Adèle, enquanto dormia, que prestasse esse pequeno serviço ao meu amigo. O Sr. Swedenborg esteve presente na sessão: Adèle implorou-lhe que fortalecesse com a sua ação a virtude da água; esse bom espírito o fez com prazer. Adèle ergueu a garrafa, apresentando-a assim ao Sr. Swedenborg, que a magnetizou e soprou sobre ela.

Ela devolveu-ma dizendo: “Está boa.” Eu ia colar alguns rótulos em diferentes frascos; coloquei um nessa garrafa, na qual anotei ‘Água Magnetizada.’ Mal se tinham passado três horas quando eu não mais vi no rótulo mais do que a palavra ‘Água’; a palavra ‘Magnetizada’ havia desaparecido. Voltei a anotar nele a palavra ‘Magnetizada’ e, no dia seguinte, no momento em que mandei este frasco ao meu amigo, a palavra ‘Magnetizada’ voltara a desaparecer, sem deixar vestígios.

Anotei-o pela terceira vez e encaminhei a garrafa para o destino. Fiquei naturalmente surpreendido com o desaparecimento de uma das duas palavras. Escrevera-a com pena de ganso, não toquei em ácido, fiz esse rótulo do tamanho de uma moeda de um liard, em papel da mesma qualidade do resto. Em nenhum a tinta havia desaparecido ─ a pasta era a mesma; o que, pois, poderia ter causado esse desaparecimento? Por que a palavra ‘Água’ não sofrera alteração?

Já tinha esquecido esse incidente quando o meu amigo me escreveu a dizer que recebera a garrafa com um rótulo apenas com a palavra água, dando-me a entender que devia pelo menos ter indicado de que água se tratava, visto que tinha colocado um rótulo. Respondi-lhe que havia escrito ‘Água Magnetizada’ nele três vezes, e que não conseguia entender como era que acabava mostrando apenas uma palavra. Não me poderia informar melhor a esse respeito do que solicitar uma explicação a Swedenborg. Implorei a Adèle que lhe referisse o fenómeno, para saber o que ele pensava dele. O Sr. Swedenborg respondeu-lhe:

“Eu disse para você pedir ao seu magnetizador para colocar na garrafa ‘Água Divina Espiritualizada.’”

Adèle confessou que havia esquecido essa ordem. Perguntei por que razão seria imperioso colocar nela ‘água divina espiritualizada’ em vez de água magnetizada. Ela respondeu:

"Por ter sido com a permissão de Deus que o Sr. Swedenborg a espiritualizou, não magnetizou. Apenas os homens materiais magnetizam, os espíritos espiritualizam."

“Pela minha parte," respondi eu, *"essa ação parece-me similar à outra, já que essa água não passou a um estado espiritual, como vemos pelas nossas destilações.*

"Quem lhe disse que não esteve no estado espiritual? Deixe que o Sr. Renard a preserve, que isso irá trazer-lhe um grande bem."

Então, foi o Sr. Swedenborg, quem se ocupou em apagar a palavra ‘Magnetizada’?

"Não, ele não pensou mais no assunto; foi a própria água que retirou essa palavra enquanto se filtrava pelos poros do vidro."

Eu não consigo entender isso; não poderia ter-se filtrado, ou o rótulo teria saído e a palavra água também teria sido apagada. Explique esse fenómeno com mais clareza.

"Não há fenómeno algum a explicar: a vontade e o fluido do Sr. Swedenborg encontravam-se nessa água, que não devia conter a palavra 'Magnetizada'; consequentemente, a água fez com que ela desaparecesse."

Afirma que não foi o Sr. Swedenborg, nem nenhum espírito, que apagou esta palavra?

"Foi a própria água."

Então, para realizar tal trabalho essa água tem vontade? Está viva?

"Teve a vontade e o fluído do Sr. Swedenborg, que foi quanto bastou."

Então, isso é o mesmo que dizer que foi o próprio Swedenborg quem apagou essa palavra, não?

"Ele não se preocupou mais com a coisa; contente-se com esta explicação. Eu vejo-me forçada a isso; que cada um faça como eu."

O meu amigo escreveu-me a dizer que ficara curado em duas horas; ele aplicou-a igualmente a uma contusão, consequência de uma queda que ele havia sofrido; no lapso de alguns instantes ele não a sentiu mais. Considerei este facto maravilhoso o suficiente para ocupar o seu lugar no "Telégrafo Celestial."

105. O Sr. Mirande, diretor da gráfica Belin-Mandar, em St. Cloud, a quem confiei a impressão do primeiro volume dos "Arcanes," sentiu muito prazer com a leitura das provas, mas não sabia o que pensar de tais factos maravilhosos. Um dia, ele confidenciou-me que só conhecia o magnetismo de nome e implorou-me que lhe dissesse com sinceridade se tudo o que eu dizia nesse trabalho era estritamente verdade.

Repeti-lhe o que disse na minha introdução: "Eu deveria considerar-me o ser mais desprezível à face da terra se especulasse sobre tais falsidades. Tudo o que narrara era verdade sagrada." Aí ele disse-me: "Você poderia fazer a gentileza de me facultar uma sessão?" Propus-me ardentemente satisfazer-lhe o desejo. Adèle visitou (espiritualmente) a filha e a esposa dele, que nem por um momento duvidou da sua excelente

clarividência. Madame Mirande não conseguia usar o polegar da mão direita. Adèle perguntou-lhe se ela não magnetizara alguém?

Essa senhora respondeu que só conhecia o magnetismo de nome; mas que, pelo que ela vira Adèle fazer, ao mostrar ao Sr. Mirande como ele deveria magnetizar a filha, que tem um braço paralisado, ela lembrou que um médico certa vez lhe ensinara a fazer fricções no braço de uma das suas amigas que tinha perdido o uso dele. Ela tinha-lhe prestado esse serviço por quase duas semanas; mas descobrindo que isso a cansava e lhe causava dores no polegar, ela parou; e foi somente desde então que o polegar permaneceu nesse estado. Adèle disse-lhe:

"Aquilo que você fez foi magnetismo; o médico devia tê-la avisado para sacudir os dedos a fim de se desenvencilhar do fluido ruim que absorvera, e para lavar as mãos em água acidulada com vinagre, conforme recomendo que o seu marido faça após cada magnetização."

Essa senhora reconheceu que a observação de Adèle era justa, uma vez que o seu polegar não estava nesse estado antes do tempo referido, e que ela não havia recebido nenhum golpe nem nenhum ferimento que pudesse ter ocasionado o que ela sentia. (Um aviso aos que não acreditam na transmissão de doenças.) O Sr. Mirande, desde a primeira sessão de sonambulismo a que assistiu, estava convencido da realidade do que era dito a respeito das doenças.

Mas ele queria saber a que opinião chegar sobre as revelações dos "Arcanes," consequentemente, implorou a Adèle que solicitasse a aparição do seu irmão, que ele acreditava ter falecido na campanha Russa. Ao não o ver no mundo espiritual, Adèle disse que ele não havia falecido; que ela o vira na terra. E fez a seguinte descrição dele:

"Vejo um homem alto e robusto, de cabelos castanhos, belos olhos negros vivos e de expressão terna; uma boca nem grande nem pequena, belos dentes, nariz bem feito, bochechas rosadas, ar gracioso e muito animado. Parece ter cerca de trinta anos e é bastante mais alto do que o Sr. Mirande. Ele enverga o uniforme de um suboficial (creio), por o ver com uma só dragona, casaco azul, calças largas da mesma cor, com orlas escarlate, barrete de

hussardo com viseira; em geral, ele tem o porte de um indivíduo distinto."

Pergunte-lhe em que país ele está.

"Ele não sabe, ou não quer dizer-mo. Diz que passou por muito sofrimento. Foi feito prisioneiro e mandado para o interior da Rússia, em países vizinhos à China, segundo creio; ele diz-me que o irmão dele o verá de novo."

Por que não lhe escreveu ele?

"Ele escreveu, mas as cartas perderam-se ou foram abortadas."

Por que não escreve mais ele?

"Ele não sabe se o irmão ainda está vivo."

Diga-lhe que ele está vivo e que se encarregará de descobrir o lugar do seu refúgio.

"Ele responde que não sabe dizer quando, mas que espera, um dia, pregar uma surpresa ao irmão."

O que faz ele lá onde vive?

"Ele leva uma vida muito confortável, tem terras próprias, tira vantagem delas e emprega muita gente. Se ele tivesse conseguido desfazer-se da sua propriedade, poderia ter ido antes disso para França; mas por aí não se encontram compradores como connosco; ele não sabe dizer quando terá sucesso na venda."

Ele que escreva ao irmão.

"Ele não tem oportunidade. Você acha que é fácil; ele está muito longe do mar; mas também deseja pegar o irmão de surpresa, quando ele voltar, rico e feliz. Ele não é egoísta, ele tem um excelente coração, mas ele não é isento de ambição; ele sempre foi ambicioso. Ele sonhou com apenas uma coisa na vida ─ ser rico nos seus tempos de velhice, e ele está no auge doa seus desejos."

Ele é casado?

"Sim, mas ele não tem filhos. Da próxima vez, implorar-lhe-ei que me mostre o país em que vive, bem como a sua casa e esposa."

Adèle está cansada e deseja ser despertada. M. Mirande pede mais detalhes sobre o traje do irmão. Adèle repete o que já dissera, e acrescenta que "ela acredita que notou que tinha renda

dourada no peito, ao que chamamos de Brandebourgs; ela também pensa que ele tinha tiras brancas no seu casaco."

M. Mirande reconheceu que todos os detalhes quanto à aparência pessoal eram exatos, assim como aqueles respeitantes ao caráter do irmão, e assim por diante. O irmão deste cavalheiro havia servido na guarda departamental, antes da campanha Russa. O Sr. Mirande acredita que tal era o traje, só que não sabia que era suboficial. Ele está muito surpreendido por o irmão, que deve ter cinquenta e seis anos, não aparentar ter mais de trinta. Adèle observa que o vê no momento em que ele deixa a França.

"Naquela época," responde o Sr. Mirande, "ele não tinha mais que vinte e um anos. Parece-lhe a si trinta; sem dúvida o cansaço que sofreu o levou a envelhecer rápido."

Adèle retoma:

"Como você o conheceu como apenas um soldado de vinte e um anos, ele parece-me um oficial, e mais velho. Vários anos podem ter-se passado desde aquela época e o momento em que o vi. Isso é bastante admissível. Se eu o vi na idade de um e vinte, dir-se-ia que eu vejo no pensamento. Se, ao contrário, eu o visse na idade que ele tem agora, cinquenta e seis, o irmão dele não o reconheceria."

O Sr. Mirande consegue compreender isso muito bem. Ele não tem a menor dúvida de que foi o irmão quem apareceu. Ele não consegue recuperar do espanto. Vou acrescentar, como uma reflexão para esta aparição:

1. Se Adèle tivesse visto este homem no pensamento de M. Mirande, ela tê-lo-ia visto como um soldado raso, com cerca de 21 anos de idade.

2. Teria sido suficiente para ela ter dado a este cavalheiro alguns detalhes, e então ter interrompido com a observação de que o irmão estava morto. Essa era a opinião do Sr. Mirande. Adèle, ao contrário, dá detalhes sobre a existência e a vida desse homem; ela faz observações criteriosas. Se ela o visse na idade atual, nas suas roupas e ocupações atuais, o irmão nunca o teria reconhecido. A única objeção admissível é que ele deveria ter dado o nome do lugar onde mora. Resta saber se ele poderá ou deseja fazê-lo.

Para poder, esse lugar deve ter um nome; mas nem todos os países do globo são como a França, onde cada aldeia depende de uma cidade, esta cidade de um departamento etc. Esses países remotos e incultos, mas pouco conhecidos em termos geográficos, não possuem nomes tão fáceis de classificar como connosco. Sentimos a mesma dificuldade na nossa perceção do México. Então, novamente, se este homem não está disposto a informar-nos sobre o lugar em que vive, por razões próprias, não podemos forçá-lo. Ele foge da pergunta dizendo:

"Fui prisioneiro; escrevi; não tenho oportunidade; não sei se o meu irmão ainda está vivo," &c. O futuro nos dirá mais sobre isso. Essa aparição prova-nos que se os homens ainda na terra podem aparecer nos trajes, feições e idade que não têm mais, as almas desligadas da matéria podem certamente ter o mesmo poder; e obtemos a certeza, por este facto, de que tudo o que eu disse, a esse respeito, é correto. Cada vestimenta, a cada ano, imprime no nosso corpo uma imagem indelével, que pode ser reencontrada, em todos os momentos, de acordo com o desejo do espírito.

Fiz esse experimento várias vezes, perguntei por pessoas que viviam na Terra em diferentes períodos das suas vidas; eles apareceram na idade exigida, vestidos com o traje que então usavam. Fiz indagações sobre eles e obtive a garantia de que isso estava correto. Eu estava longe de ter conhecido essas pessoas na idade em que pedi para as chamar.

Em sonambulismo, há uma fonte contínua de observação. Para ter sucesso, não devemos discutir; devemos estudar, não acreditar sem provas, nem negar sem saber. Irei até mesmo ao ponto de dizer que não temos o direito de negar o que não conseguimos compreender.

106. Aproveito a visita que me fez Emile Rey, de cujas sessões lemos no primeiro volume dos "Arcanes," para implorar-lhe que me permita magnetizá-lo, pois tinha algumas perguntas a fazer-lhe. Não foi sem problemas que consegui convencê-lo a consentir os meus anseios, porquanto a família lhe havia dito que tais experiências o deixariam doente.

Esta criança tem apenas doze anos de idade e seria um excelente clarividente se fosse conduzido com perseverança; mas

prefere brincar a dormir, o que é perfeitamente natural para a sua idade.

Alguns dias antes, eu tinha-lhe submetido algumas questões às quais o seu guia não conseguira responder; queria obter uma solução para elas. Assim que adormeceu, disse-lhe para chamar o seu guia.

"Aqui está ele," disse ele.

Pergunta-lhe se há livros no céu.

"Ele diz-me que não há nenhum."

Pergunta-lhe, mais uma vez, se já vivemos num globo material antes de aparecer na Terra.

"Ele responde: 'Não'."

Qual é o nome da festa na qual, da última vez que o viste, ele te disse que tinha sido coroado?

"A festa dos anjos."

Que tipo de diversão tiveram nesse dia?

"Dançaram muito em círculo."

Como se chama esse dia?

"Dia de São Nicolau, foi numa segunda-feira."

Mas viste o teu guia antes de segunda-feira, e a festa já tinha ocorrido; pergunta-lhe novamente, muito devagar.

"Ele responde que foi a festa de São Nicolau."

O teu guia gosta muito de dançar em círculo, já que tirou tanto prazer disso.

"Ah! Sim."

E enquanto ele dançava, o que aconteceu ao seu cavalo? Sem dúvida, ele colocou-o num estábulo?

"Não há estábulos nem casas no céu; há apenas um grande jardim, um jardim magnífico. Ele colocou o cavalo nesse jardim. Os cavalos não são tão bravos lá como na Terra, não destroem nada."

São todos meninos juntos?

"Sim; mas também há meninas."

Os meninos brincam com elas?

"Sim; cada um brinca com a sua."

Como assim, *com a sua*?

"Cada menino tem uma menina, a quem chama sua companheira, e com quem brinca sempre."

O teu guia também tem uma companheira?
"Sim."
Ela monta a cavalo com ele?
"Não, ela não é suficientemente habilidosa."
Ele poderia mostrar-te a sua companheira?
"Ele vai buscá-la."
Émile espera um momento, depois exclama:
"Aqui está ela; é negra."
Negra? O que queres dizer?
"Sim, é uma negra."
Temendo que pudesse ser um espírito maligno a pregar-nos uma partida, tentei afastá-la em nome de Deus, mas Émile disse:
"Eles foram realmente enviados por Deus, e não podes afastá-los."
Então, diz-me, como está vestida essa negra?
"Ela usa uma bela túnica branca; é um pouco mais alta do que Ais."
Onde nasceu ela?
"Em Neva."
Esse é um país frio, creio eu. Não seria antes em Java ou Nouga-Hiva?
"Não, ela diz Neva."
Ais conheceu-a na Terra?
"Sim, em Paris, mas viu-a apenas duas vezes; ela morava em frente à sua casa."
Ela tem parentes com ela no céu?
"Não."
E Ais?
"Ele tem uma tia."
Disseste-me uma vez que ele tinha o seu pai lá.
"Ele responde que nunca me disse isso; fui eu que me enganei."
Os pais dessa pequena negra ainda estão em Paris?
"Ela diz que acredita que voltaram para Neva."
Ela é negra no céu, como te parece na Terra?
"Não, é tão clara como Ais."
De que cor é o cabelo dela no céu?
"Louro."

E o de Ais?
"Ele tem um belo cabelo preto."
De que cor são os olhos deles?
"Ambos têm olhos azuis."
Nunca se separam?
"Ais diz que não; mas," observa Émile, *"se ele veio ver-me sem ela, então deve separá-la de vez em quando."*

Pergunta-lhe novamente.
"Ele responde que só a deixa para vir ver-me e para visitar a sua tia no céu."
Esta pequena criatura também viu Deus?
"Sim."
Em que forma?
"Já te disse, na forma humana."
Como se chama Ele?
"Nosso Senhor Jesus Cristo."
É Jesus Cristo o Deus, Criador do céu e da terra?
"Não."
Quem é então?
"É Deus."
Quem é Jesus Cristo?
"O Filho de Deus."
Mas dizes que no céu Ele é chamado Deus.
"Ele é chamado Deus, mas não é Deus; é o Filho de Deus."
O que me dizes, é realmente a resposta que recebeste?
"Sim."
O teu guia come no céu?
"Sim."
O quê?
"Bons frutos."
Que frutos são esses?
"Os mesmos que na Terra."
Ele sente algum sofrimento ou cansaço?
"Ele não sofre e nunca se cansa."
Ele dorme às vezes?
"Sim."

Onde se deita?

"Numa bela relva no jardim."

Pergunta à sua companheira se o ama muito e se o trata com carinho.

"Ela diz que sim, realmente."

Acordo a Émile. Como já observei, é muito difícil formular perguntas compreensíveis para crianças desta idade, e pelas respostas de Émile percebemos que ele está de acordo com muitas das revelações que já lemos.

Esta forma como as crianças percebem Deus prova-nos que cada um entra na sociedade que corresponde à crença na qual foi educado na Terra e continua ali com os mesmos hábitos. Cristo é o Deus dos cristãos; os muçulmanos, os judeus, etc., têm cada um o seu.

O verdadeiro filósofo tem apenas um, que não é nem este nem aquele mestre, mas que é *tudo, em tudo e por toda a parte*.

Resta-nos saber se, no céu, um negro conserva a sua cor e se pode unir-se a um branco; no próximo sono de Adèle, submeteremos a ela estas questões, embora ela já tenha respondido à primeira.

Vemos que Émile tem discernimento suficiente para não ser enganado por uma ilusão, pela observação criteriosa que faz quando o seu guia lhe diz que nunca se separa da sua companheira.

Por minha parte, observo que não compreenderia a utilidade de um guia como o de Émile, nem de todos aqueles que, dizem, estão constantemente ao nosso lado. Se admitisse que fossem encarregados de uma vigilância contínua sobre as nossas ações, seriam escravos como nós, sacrificando-nos todo o seu tempo. Deve ser de outra forma, pois, se não fosse, a nossa vida seria também a deles.

Não acredito que estejam ligados a nós de outra forma senão aconselhando-nos quando nos dirigimos a eles; se assim não fosse, seria difícil conciliar as suas felizes ocupações com as nossas tribulações.

Percebemos que não nos cabe explicar tudo no nosso estado atual. A eternidade está diante de nós!

Vamos estudar nela a questão do livre-arbítrio; pois ou somos livres, ou não o somos. Se somos livres, por que influenciar-nos? Se não somos livres, então essa influência torna-se, da mesma forma, ilegítima.

Remetemo-nos, a este respeito, ao que foi dito no nosso primeiro volume.

107. Adèle não está informada da sessão de Émile.

Preparei as seguintes perguntas, que lhe peço que submeta ao Sr. Swedenborg:

Os dois seres criados um para o outro são, em todos os aspetos, semelhantes quanto à fisionomia?

"Não, são apenas exatamente semelhantes quanto às afeições."

Pode um ser branco e o outro negro?

"Sim."

Pode um branco unir-se a uma negra?

"Sim."

Os negros conservam a sua tez escura no céu?

"No céu, todos os homens são brancos; é apenas na Terra, devido ao efeito do clima, que são de diferentes cores."

Quando os negros reaparecem na Terra, retomam a sua cor negra?

"Sim, tem de ser assim, caso contrário, não seriam reconhecidos."

Os negros, entre si, veem-se negros, se tal for a sua afeição?

"Não há negros que gostem da sua cor. Quando a comparam com a dos brancos, invejam a cor branca. Eles preferem-nos em tudo. As mulheres negras procuram homens brancos, e os homens negros procuram mulheres brancas. Não têm afeição pela sua cor; se a tivessem, ser-lhes-ia retirada no céu, onde todos os homens são brancos."

Pode uma criança negra unir-se a uma criança branca, tendo ambas morrido na sua cor original?

"Sim."

As crianças, entre si, têm livros para estudar?

"Aquelas que o desejam, têm."

Cada par de crianças está sob os cuidados especiais de um espírito superior encarregado da sua instrução?

"O espírito encarregado dessa instrução tem um certo número de crianças a seu cuidado, e esse número é vinte."

Que tipo de instrução lhes é dada?

"Aquela que Deus considera adequada."

As crianças são coroadas numa festa geral para elas?

"Existem festividades religiosas e hábitos no céu, como na Terra; mas todas as crianças são geralmente coroadas aos sete anos de idade."

Então, há anos no céu?

"O tempo, como já disse antes, não é contado lá como na Terra; já não é uma necessidade, não há a obrigação de adiar para o dia seguinte um desejo que é satisfeito assim que se forma; o cálculo do tempo torna-se inútil. Apenas para as crianças ainda sujeitas aos hábitos necessários para completar a sua instrução é que o tempo é contado."

Podem as crianças, desde a mais tenra idade, unir-se se morreram mais ou menos ao mesmo tempo?

"Sim, mas não se unem definitivamente antes dos quinze anos de idade; é a idade da união eterna."

Pode uma criança ignorar que viveu espiritualmente noutro globo antes de aparecer na Terra?

"Ninguém ignora tal existência; se alguns não falam sobre isso, é por falta de reflexão."

As crianças aperfeiçoadas demonstram carinho entre si através de beijos ou outras demonstrações?

"Sim; mas a sua carícia habitual é apertar as mãos afetuosamente até que estejam definitivamente unidas."

Apareceram-nos crianças que não pareciam ter feito qualquer progresso desde a sua partida da Terra; permanecem muito tempo nesse estado?

"Um tempo mais ou menos longo."

Podem elas, como os adultos, permanecer indefinidamente em prazeres inocentes?

"Sim."

As crianças acreditam que falam através da fala ou do pensamento?

"Elas acreditam que falam através da fala."

Tinha colocado esta questão ao guia de Émile, e ele respondeu-me no mesmo sentido. Tendo esgotado as perguntas que havia preparado para esta sessão, estava prestes a despertar Adèle quando ela fez um gesto de surpresa e estendeu, com a maior vivacidade, a mão para alguém que estava perto dela, o que lhe causou uma emoção tão intensa que derramou lágrimas em abundância.

"O que te causa esta surpresa?" perguntei-lhe.
"É Alphonse."
"O quê! Alphonse, que há tanto tempo não te visita?"
(Aproximadamente dezoito meses.)
"Ele próprio," respondeu ela.

Ele tem algo para te dizer?
"Parece-lhe que se passaram apenas dois dias."

Ele não se cansa de onde está.
"Pelo que percebo, não."

Adèle expressou o desejo de conversar com este irmão tão querido; deixei-a um momento, mas logo percebi que ela estava a entrar num estado de êxtase profundo. Tomei-lhe o pulso para me guiar pelas suas pulsações e, quando achei que era o momento de a chamar de volta à Terra, assim o fiz, e ela obedeceu-me sem resistência, exclamando:

"Sim, a nossa partida deste mundo miserável, a nossa descida à sepultura, é o primeiro passo que damos em direção à perfeita igualdade; fortuna, títulos, grandeza, fealdade, deformidade, dor, miséria — tudo isto passa sob o nível espiritual e emerge dele, igualado para sempre; o amor e a fraternidade substituem o egoísmo e a ambição. Oh, meu Deus, porque não apreciam os homens a tua divina misericórdia? Porque me envias de volta entre eles? O meu tempo ainda não terminou, voltemos a esta prisão e esperemos!"

Tinha sacrificado esta sessão, como já disse, para verificar se tudo o que o guia de Émile me dissera estava correto; vimos que há concordância:

1. Quanto à cor do cabelo, que pode ser diferente entre dois seres, como se provou diretamente no caso de Ais e da sua companheira, cujo cabelo era louro, enquanto o dele era preto.
2. Quanto à possibilidade de união entre um branco e uma negra.
3. Quanto ao desaparecimento da cor negra no céu, onde todos os seres são brancos.
4. Quanto à necessidade de reaparecer na Terra com a mesma cor que lá se tinha.
5. Quanto à possibilidade de existirem livros no céu, caso as crianças os desejem.
6. Quanto à existência de um mentor encarregado da sua educação; Ais tinha-me dito, numa sessão anterior, que um santo os instruía. Esta criança é tão vivaz que mal espera pelas respostas que lhe são dadas; a este facto se pode atribuir o erro que cometeu quanto ao falecimento do pai de Ais. Vemos, por M. Swedenborg, assim como por M. Mallet, que um grupo de ensino consiste em vinte crianças.
7. Há também concordância quanto à coroação.
8. Quanto às festividades.
9. Quanto à possível união e às demonstrações de afeto entre duas crianças.
10. Quanto à crença de que comunicam entre si através da fala; Émile também me dissera isto, quando, na realidade, comunicam através do pensamento e da sensação.

Aqui, pois, temos dez revelações em que há perfeita concordância.

É necessário observar que não magnetizei esta criança mais de uma vez a cada dois meses, pois a mãe tinha objeções a isso. Podemos avaliar, assim, a facilidade que se oferece aos sonâmbulos para comunicarem com os falecidos, especialmente quando são devidamente preparados para esse fim e orientados com prudência nesta especialidade.

Volto agora a uma observação à qual não dei importância suficiente: a necessidade de preparar as perguntas que desejamos colocar, sem nos deixarmos levar pelas que surgem espontaneamente a partir das respostas obtidas; guardemo-las para

a próxima sessão, pois teremos tido tempo para refletir sobre elas e formulá-las melhor.

Por vezes, podem estar de acordo com outras perguntas feitas anteriormente, o que resultaria numa repetição desnecessária, pois pudemos constatar que uma única resposta contém frequentemente várias soluções.

Foi por isso que, na primeira sessão, Binet costumava dizer-me: *"Já obtiveste essa resposta."* Eu não acreditava, pois não a tinha compreendido na altura, mas mais tarde verifiquei que ele tinha razão.

Tais conversas, igualmente, apresentam na leitura um vazio que, por vezes, é penoso. Compreender-se-á que isto não é uma história em que cada detalhe deva ser consignado com harmonia e uma certa elegância de estilo, para entreter. Aqui, instruímo-nos, recolhemos informações no caminho do infinito, do desconhecido, para construir a história universal da criação e do destino humano. Somos apenas um operário muito pobre para um monumento tão colossal.

Um arquiteto hábil virá um dia para unir estes materiais e adornar com eles o edifício no qual temos trabalhado corajosamente há tantos anos.

Muitas perguntas também ficam sem resposta; o espírito, sem dúvida, percebendo que a nossa inteligência não está aberta a tais revelações, mantém-se em silêncio — e nós não insistimos. Pedimos a esmola espiritual com humildade e paramos a tempo, quando percebemos que nos tornamos importunos.

Muitos magnetizadores facilmente se desencantam com o sonambulismo; bons sonâmbulos são sempre úteis para consultar, mas são frequentemente desorganizados pelos próprios magnetizadores devido à estranheza das suas perguntas.

Devemos convencer-nos, de uma vez por todas, de que é necessário treinar cada sonâmbulo para uma especialidade, adequada aos seus gostos e ao tipo de instrução que desejamos obter. Como conceber que um sonâmbulo possa responder, na mesma sessão, a perguntas tão apressadas e tão pouco concordantes como estas:

"Podes dizer-me o que tenho no bolso?"
"Podes ler esta carta?"

"Podes ver onde sofro?"
"Podes dizer-me o que o meu irmão está a fazer em África?"
"Podes ver se ganharei tal processo judicial?"
"Podes dizer-me o que tal pessoa pensa de mim?"
"O bilhete de lotaria que comprei será premiado?"
"Podes dizer-me o que aconteceu ao meu marido, que não vejo há vinte anos?"

E outras mil perguntas do mesmo género.

O mundo pensa que um sonâmbulo que vê e sabe uma determinada coisa pode ver e saber tudo. O próprio magnetizador não é menos insaciável.

Considerai que os erros são a consequência inevitável deste método de operação; demasiados erros ocorrem mesmo quando se segue um caminho com grande prudência. O que podemos esperar de um tal caos de perguntas?

Deceção para todos, vergonha e frustração para o magnetizador, e insanidade ou estupidez para o sonâmbulo assim atormentado; será afortunado se a esses tormentos morais não se somarem sofrimentos físicos.

Não me surpreende que o sonambulismo tenha perdido, na mente do público, o seu caráter sagrado e divino. Quereis saber tanto que acabais por não saber nada.

Se, nas pesquisas espirituais, procedêssemos deste modo, obteríamos muito pouco.

É necessário, como já disse, escrever antecipadamente as perguntas que pretendemos colocar — dar conhecimento delas ao clarividente para que possa preparar-se.

Essas perguntas devem ser claras e em pequeno número, abordando apenas um tema, sem objeções que desviem o foco, e assim concluir a sessão. As respostas obtidas fornecerão novas perguntas para a sessão seguinte.

Nunca façais duas experiências semelhantes na mesma sessão, se quereis obter sucesso.

Nada de orgulho, nada de cálculos interesseiros.

Sede pacientes e benevolentes.

A pedra que vos fez tropeçar hoje deve servir-vos de aviso para escolherdes um caminho melhor. Cabe-vos guiar o vosso clarividente com cuidado e firmeza.

108. Quando entreguei ao impressor o meu manuscrito dos *"Segredos"*, não tinha uma cópia dele, pois o meu trabalho não me permitia copiar tal obra. Confiei-o, portanto, ao Sr. Mirande, diretor da tipografia, atormentado por uma inquietação secreta, ainda mais aumentada pela disposição de espírito um tanto desfavorável em que o meu prospeto colocara certos membros de diferentes seitas.

Vários deles vieram ter comigo em busca de mais informações sobre a verdadeira intenção desta obra; respondi-lhes francamente que o meu objetivo era dizer tudo o que me tinha sido revelado, sem, de forma alguma, distorcer o significado para beneficiar qualquer crença particular.

Não concordei com esses senhores por duas razões:

1. Creio que Deus é infinitamente bom — não sujeito a acessos de vingança e crueldade.
2. Creio que, em todas as religiões, podemos ser salvos.

Não foi preciso mais nada para que esses homens estúpidos e egoístas começassem a augurar mal da veracidade da minha obra.

Um dia, um discípulo de Swedenborg abandonou-me, dizendo:

"Senhor, com tal disposição de espírito, só pode ter escrito a sua obra sob uma influência muito má. Não poderia ter sido o Sr. Swedenborg quem veio até si; mas prevejo que, dentro de poucos dias, ele próprio lhe aparecerá em pessoa, para o desenganar e proibir que a imprima."

Respondi a esse senhor que *"o dia em que tivesse a honra de tal visita seria um dos mais felizes da minha vida."*

Ele deixou-me de muito mau humor, incapaz de conter o seu desagrado perante uma senhora presente, seguidora de Swedenborg e digna de respeito, tanto pela sua avançada idade como pelo seu entendimento esclarecido, fruto de longas e penosas meditações.

As coisas ficaram assim.

Uma ideia inquietante passou-me pela cabeça: se fosse possível, certas pessoas inimigas desta obra poderiam tentar destruí-la.

Um dia, recebi uma prova para corrigir, juntamente com uma parte do manuscrito que lhe servira de base. Qual não foi a minha surpresa ao ver que vinte e seis páginas do manuscrito estavam queimadas a tal ponto que era muito difícil ler o seu conteúdo.

Essas páginas eram precisamente as que continham todas as revelações de M. Swedenborg.

Fiquei atónito.

No dia seguinte, o Sr. Mirande veio a minha casa.

Pedi-lhe, com toda a franqueza, que me dissesse — já que este incidente não tivera consequências mais graves — se ocorrera antes, durante ou depois da composição.

Este senhor respondeu-me que acontecera antes da composição, na sala do revisor.

Este último estava prestes a revisar o manuscrito quando alguém veio falar com ele; pousou essa parte do texto sobre o topo do seu fogão, que naquele momento estava muito quente, e só percebeu a sua distração quando sentiu um forte cheiro a queimado.

Retirou imediatamente o meu manuscrito, que, se tivesse permanecido ali por mais um segundo, teria sido completamente destruído.

Não sabia o que pensar de tal acidente, quando ontem perguntei a M. Swedenborg a causa disso.

Ele respondeu:

Este acidente foi preparado por espíritos malignos, que queriam aniquilar as verdades que vos revelei.
É a vós que devo o facto de não ter sido executado?
"Baste-vos saber que os bons espíritos velaram pela sua preservação, tal como velam pela vossa e pela da vossa clarividente. Se esses espíritos malignos tivessem poder, lançariam sobre vós um feitiço. Mas não temais; aqueles que conceberam tal vingança serão os primeiros a ler-vos e aprenderão a arrepender-se do seu erro. Deveis lembrar-vos de que vim na manhã seguinte a este acidente para vos assegurar de que o vosso trabalho surgiria sem entraves, pois tal é a vontade de Deus. Tranquilizai-vos: entre os meus discípulos, como em todas as religiões, há falsos homens que pervertem os meus escritos

para proveito próprio; mas não conseguirão estabelecer as suas doutrinas."

Não me recordava exatamente, por não ter anotado a data, se o Sr. Swedenborg veio ver Adèle na manhã seguinte a este acidente; mas continuo a aguardar o cumprimento da predição do seu discípulo, e creio que, depois de ler esta obra, ele poderá julgar se foi ditada pelo maligno ou por um espírito benéfico. Aproveitei a presença do Sr. Swedenborg para lhe colocar a seguinte questão:

Na última sessão, explicastes-me como os anos eram estimados no céu; mas não compreendi perfeitamente a vossa explicação. Poderíeis fornecer-me um pouco mais de informação sobre este ponto?

"No céu não há anos como na Terra; já vos disse que as crianças que morrem antes dos sete anos de idade são todas coroadas a essa idade, e aquelas com quinze anos da mesma forma. Empreguei apenas a palavra 'anos' como uma expressão figurativa, para me fazer compreender pela vossa clarividente, pois no céu tratam-se de graus. A idade de sete anos representa o grau do conhecimento; a de quinze, o grau do amor, e assim sucessivamente."

Adèle disse-me:

"É verdade que o Sr. Swedenborg sempre me falou de graus; mas, não compreendendo esses graus, pedi-lhe que me explicasse de outra forma, para que melhor pudesse reproduzir-vos o que ele me dizia; pois, se eu própria não compreendo, como poderei fazer-vos compreender? Além disso, ele disse-me que o tempo não era contado no céu, onde tudo se media por graus de afeição. Na Terra, diz-se que as crianças de sete anos de idade estão na idade do conhecimento; é esta necessidade de conhecimento que é coroada no céu: a criança, ainda que só atingisse este grau após vinte dos nossos anos, representa a criança de sete anos entre nós. O mesmo se passa com a idade de quinze anos, quando na Terra sentimos os primeiros sinais do amor. No céu, trata-se de um grau de afeição semelhante ao da criança que entra no estado do conhecimento. Não há tempo fixo: quando esta afeição se manifesta numa pessoa, diz-se que ela está no grau do amor, o que corresponde à idade de quinze anos na nossa Terra."

Tenho conhecimento de que algumas obras do Sr. Swedenborg tratam de graus, mas não as conheço. (Deixo ao leitor o julgamento das revelações desta sessão, no que respeita ao acidente que ocorreu com o meu manuscrito.)

109. O conde D'…, honradamente conhecido por todos os magnetizadores da capital, um dos mais devotos e generosos discípulos do magnetismo, assinante dos *"Segredos"*, e, consequentemente, conhecedor da especialidade de Adèle, solicitou a esta clarividente uma sessão para a aparição de uma pessoa falecida, que, no momento da sua morte, possuía uma fortuna brilhante e havia feito um testamento em favor de fiéis servidores e de outras pessoas. No entanto, aquando do seu falecimento, todos os documentos dessa natureza desapareceram, e foi para obter informações a esse respeito, sem nos informar do verdadeiro propósito da sua solicitação, que este senhor me pediu que magnetizasse Adèle.

Solicitei pelo falecido, visto que este senhor não estava de modo algum *en rapport* com Adèle, e esta, não conhecendo o objetivo da aparição, declarou:

"Vejo perto de mim, e sentado, um velho que diz chamar-se Sr. D… Ele está envolto numa espécie de roupão de cor castanha; deve ter dificuldades em se sustentar de pé, pois vejo as suas pernas a tremerem sob ele, dado que acabou de se levantar. Parece-me um pouco menos alto do que o Sr. D… aqui presente; é magro, mas a sua estrutura é bastante desenvolvida, o que indica que deve ter sido bastante forte; os cabelos são grisalhos, sem dúvida outrora castanhos. Tem uma testa muito aberta e notavelmente bela, olhos cor de avelã, o rosto, apesar de magro, é relativamente largo, o nariz algo pontiagudo, o seu tom de pele fresco e bastante saudável. Deve ter sido um homem bonito, o que chamaríamos de um 'belo velho'."

Toda esta descrição está correta, com exceção do roupão; este senhor usava apenas um casaco de montaria quando estava em casa. Adèle observa que, nesse caso, o casaco devia ser suficientemente largo para se cruzar sobre o peito como um roupão e cobrir os joelhos, onde ele o cruza como se tivesse frio. Esta observação é reconhecida como verdadeira. O Sr. D… não consegue lembrar-se se o nariz era pontiagudo; Adèle, então, pega

no próprio nariz com a mão e dá-lhe a forma daquele que deseja descrever, um nariz aquilino, mas um pouco afilado na ponta.

Verificamos um retrato que o Sr. D… tem na mão; o nariz nele representado tem exatamente a forma que Adèle indicou, com a peculiaridade notável de que as narinas são muito mais curtas e arqueadas do que a parte que as separa, conferindo-lhe assim o formato descrito por Adèle. Esta última não poderia ter visto este retrato, que desconhecia estar na carteira do Sr. D…, sobretudo porque não possuía a faculdade de ver objetos próximos. Mesmo que o tivesse visto, não poderia ter descrito o velho sentado, visto que o retrato representava apenas o busto. No retrato, ele usava um casaco de montaria e não um roupão.

Continuemos.

"Este homem tem um ar muito meditativo, não era muito comunicativo com pessoas de persuasão diferente da sua; era bem informado e possuía uma excelente biblioteca. Tem um coração nobre, íntegro, justo e franco; está muito magoado com o rumo que tomaram os seus assuntos relativos à propriedade. Estavam com ele duas mulheres, uma mais alta do que a outra, uma mais velha do que a outra. A mais alta entrava frequentemente no seu quarto; foi através da sua mediação que desapareceram documentos importantes, em benefício de uma terceira mulher, que não necessitava desse aumento de fortuna, mas que tem um coração duro, egoísta e ávido.

Ela possui esses documentos que a tornaram mais rica e, ao mesmo tempo, mais detestável, devido à espoliação que operou em prejuízo de criaturas desafortunadas que tinham mais necessidade daquela herança do que ela. Esta mulher não está sozinha, tem cúmplices: em primeiro lugar, aqueles que lhe entregaram esses documentos, visto que ela própria não os tomou; não podia fazê-lo, mas havia outros que estavam depositados junto de certas pessoas, dos quais tinha conhecimento e que adquiriu. É essa a causa da sua inquietação atual; está longe de ser feliz, teme a indiscrição deles, acabará por devolver os documentos e as pessoas prejudicadas poderão finalmente fazer valer os seus direitos."

Perante a minha observação de que apenas depende da vontade dela destruir esses documentos, Adèle retoma:

"Isso não depende dela, o dedo de Deus está presente; ela não pode fazê-lo, pegou neles várias vezes para os lançar ao fogo, mas uma mão invisível reteve-a e acabou por escondê-los de novo. Primeiro, estavam num armário, depois ocultos nos lambris, depois sob o soalho; ela já não sabe onde os pôr. Está já consumida pelo remorso, e os espíritos benéficos exercerão tal influência sobre ela que encontrará uma oportunidade, um pretexto, para entregar esses documentos. Este senhor assegura-me que os herdeiros a quem pertencem não têm razão para se desencorajar — a justiça será feita sem necessidade de processos legais, pois nada poderia ser provado.

"Deve acontecer por si só, através da obsessão, e isso ocorrerá mais cedo do que se pensa. Esta mulher é tão monstruosa que chega ao ponto de acusar as próprias criaturas desafortunadas a quem roubou. Oh, desgraçada! Já sofres muito, e os teus tormentos ainda não terminaram!" exclama Adèle.

De que forma podem eles recuperar esta herança?
"Através do Sr. D… aqui presente, que foi nomeado executor testamentário e que é o único que pode fazê-lo, estando envolvido nisso pelos seus deveres enquanto testamenteiro."

O Sr. D… está tão emocionado e convencido da realidade do que ouve, que não consegue conter algumas lágrimas, oferecidas pela sua sensibilidade face à desgraça. Um criado do falecido, que serviu fielmente o seu mestre durante doze anos e que está mais habilitado do que qualquer outro a reconhecer a veracidade destes pormenores, pergunta se o seu nome não constava do testamento.

"Sim," responde o seu mestre; "sinto muito pela injustiça desta mulher, que, quando em vida, conhecia suficientemente bem para desconfiar dela, mas não bem o suficiente para frustrar as suas intrigas. Não perderás nada, a justiça será feita."

Não pusestes algum dinheiro a render para mim?
"Não, tinha a intenção de o fazer, mas inscrevi-te no meu testamento. Falei desta intenção a alguém."

O Sr. D… declara que foi a ele que este senhor fez essa confidência e que é a única pessoa que pode resolver o assunto, desde que tenha os documentos. O pobre criado exclama para Adèle:

"Não poderíamos apoderar-nos desses documentos?"

Adèle responde:

"Quereis saber se poderia entregá-los a vós? Vejo-os perfeitamente; mas, para os tomar, onde se encontram, é necessário estarmos autorizados. Como efetuar uma apreensão legal sem mais provas? Ela é rica e vós sois pobres; não vos aflijais, Aquele que governa tudo é mais poderoso do que essa miserável. Que atuem aqueles que, espiritualmente, se ocupam deste caso; a sua obsessão não poderá resistir-lhes por muito tempo."

Não sendo necessárias mais perguntas, desperto Adèle. O Sr. D' felicita-a pela sua excelente clarividência e declara-se convencido do que afirmei nos *"Segredos"*. As pessoas que só conseguem ver a matéria nunca acreditarão senão que essa mulher acabará por destruir esses documentos; mas, do ponto de vista material e racional, ela destruí-los-ia, pois temeria a indiscrição daqueles que lhos entregaram e dos que a ajudaram nesta espoliação. Os documentos, sendo assim uma causa primária, tornar-se-iam secundários.

Esta mulher deve ter refletido sobre isto, o que a afastou de qualquer ideia de destruição: ainda lhe resta o poder, ao preservá-los, de reparar, num momento posterior, a injustiça que cometeu; ao contrário, se os destruísse e fosse denunciada pelos seus cúmplices, cairia em dificuldades ainda maiores, pois já não teria qualquer prova da quantidade e do valor das doações, que poderiam então ser estimadas em montantes muito superiores.

Sem admitir a intervenção dos espíritos, se nos cingirmos a este raciocínio, ele já é suficiente; mas, da minha parte, acredito no que ouvi. Adèle foi tão lúcida em tudo o que disse, que seguramente falou a verdade quanto à obsessão espiritual que esta mulher sofreria e que, mais cedo ou mais tarde, a forçaria a reparar as suas faltas.

110. O abade A., doutor em teologia, homem de profundo saber, viajando para adquirir novos conhecimentos, de coração aberto e sincero, espanhol de nascimento, ao chegar a Paris, ouviu falar em todos os círculos sobre os fenómenos do magnetismo; isto despertou-lhe tanta curiosidade que se dirigiu ao barão Dupotet, considerado a mais alta autoridade nesta ciência e o mais apto para demonstrar a sua realidade, possuindo salões e um

jornal, onde os factos mais curiosos e inovadores eram divulgados após verificação e um juízo imparcial.

Foi através deste meio que o Sr. A. tomou conhecimento da publicação de *"Segredos da Vida Futura Revelados"*, à qual subscreveu, pois poderia estar em consonância com as suas crenças e lançar luz sobre algumas questões psicológicas que até então permaneciam sem resposta.

Mal tinha começado a ler a obra, e, como estudioso que era, apressou-se a fazer-me uma visita para me expor algumas reflexões que lhe haviam sido suscitadas por diferentes passagens do meu livro. Assumi a responsabilidade de lhe dar uma solução adequada para essas questões. Foi então que ele me disse:

"Monsieur, trata-se de uma questão de discussão entre nós, caso aceiteis; mas há um facto mais concreto sobre o qual desejo ser esclarecido: quero ver, por mim próprio, se é possível evocar as almas dos falecidos. Creio, acima de todos os homens (pelo meu ministério), na sua existência; mas duvido muito da possibilidade de entrarmos em comunicação com elas da forma que anunciais."

"Tente," repliquei eu; "acreditareis melhor pela vossa própria experiência do que pela minha palavra."

"Para tentar," retomou ele, "é necessário haver sujeitos adequados, e eu não tenho nenhum. Se uma clarividente pudesse descrever-me um irmão que perdi há cerca de dois anos, então acreditaria no que anunciais e, mais do que isso, diria que o vosso livro representa um acontecimento imenso para a psicologia."

Adèle, presente durante esta conversa, percebendo o desejo sincero deste senhor em ser convencido e, acima de tudo, a sua boa-fé, disse-me:

"Se quiserdes adormecer-me, pediremos a Deus que nos conceda esta graça."

Como se pode perceber, tudo foi improvisado, e o estranho, encantado com a oferta de Adèle, aceitou-a com entusiasmo.

Mal entrou no estado adequado para responder, perguntei pelo nome do falecido, não querendo que houvesse qualquer comunicação prévia entre ele e Adèle. Ele respondeu-me:

"Joseph A."

Chamámos então por ele.

Após um momento de espera, Adèle disse:

"Vejo diante de mim um homem um pouco mais alto do que o senhor aqui presente, com cabelo castanho, um olhar doce e expressivo, de boa aparência, ligeiramente corado. Parece-me um homem afável, mas severo no seu ministério, pois vejo-o com um traje muito peculiar; tem uma espécie de calças largas feitas de forma estranha e de cor semelhante à das violetas; não consigo ver bem as cores, ele está um pouco longe. Usa sapatos pequenos e abertos, e vejo uma espécie de manto sobre os ombros. Oh! Mas que belo traje, nunca vi nada assim; este manto parece ser de seda e de um vermelho escarlate profundo, desce até aos joelhos em forma de ponta. Usa também uma pequena gola branca que cai sobre este manto ou capa; não sei como se chama, mas não tem capuz, como os nossos sacerdotes têm nas suas capas.

Ah! Meu Deus, que lindo traje, nunca me cansaria de olhar para ele! Tem uma mão pequena. Quem poderia ser este homem? Não é um padre, pois não tem a vestimenta de um."

Pergunte-lhe onde morreu.

"Ele é estrangeiro, responde-me com um nome muito estranho, não consigo repeti-lo. Não conseguia falar francês, faz-me sinais."

Não terá dito Alicante?

"Sim, com mais duas palavras esquisitas. Palavra de honra, não sei, não faço ideia."

De que doença morreu?

"Uma doença no peito. Oh! Esteve doente durante muito tempo, suportou a sua doença com grande resignação e coragem. Tenho a certeza de que era um homem bom e de coração aberto; gostava muito do irmão. Disse-lhe que ele estava aqui, e ele fez-me sinais de que estava sempre a pensar nele."

Que idade aparenta ter?

"Eu diria cerca de quarenta e cinco anos."

Observações. — O Sr. A. reconheceu a exatidão de todos estes detalhes. O que Adèle tomou por uma espécie de calças era, na verdade, um ornamento semelhante a uma estola sacerdotal, que, à vista, parecia as duas pernas de umas calças. Este senhor tinha cinquenta e um anos de idade; no entanto, não aparentava

essa idade. Era um cónego espanhol e desconhecia a língua francesa.

O Sr. A. não encontra uma única palavra a retirar destes detalhes; leva as mãos ao rosto e exclama:

"É o suficiente para abalar toda a razão — todas as ideias estabelecidas; estou convencido — obrigado, mil vezes obrigado. Os detalhes do traje bastavam-me; não há nada semelhante em França; não podeis ter ideia do que é."

O espanto e a admiração acompanharam esta sessão. No entanto, resta-me explicar por que razão este homem não pôde responder. Quando afirmei que a linguagem dos espíritos era única, universal, a linguagem das sensações, ainda assim existem exceções; o facto é que a clarividente deve estar num estado muito elevado para poder comunicar por sensação e interpretar o seu significado em linguagem material.

Adèle deu-nos uma prova da sua boa vontade ao responder a perguntas que ela própria teve de interpretar para o falecido através da referida linguagem. No entanto, como isto exige um grande estudo por parte dos clarividentes para evitar erros, eles geralmente não apreciam este tipo de comunicação.

Se os clarividentes não respondem adequadamente às perguntas colocadas — efeito de uma má interpretação — isso pode parecer ridículo, como vimos no caso do padre Lauriot; eles sentem que não podem comprometer a verdade dessas perceções com perguntas desnecessárias na própria presença da aparição. Isto prova que não há uma comunicação direta de pensamentos, pois, se assim fosse, responderiam a tudo.

Nem sempre sou capaz de saber o que desejo; e, por vezes, aquilo que não desejo é-me explicado com detalhes que deixam menos margem para dúvida do que as respostas que procuro. Existe, pois, uma missão que só Deus conhece.

111. O Sr. B…, magnetizador e assinante dos *"Segredos"*, deseja uma sessão de aparição.

Mal Adèle entra no estado necessário, pedimos por Earnest Paul, irmão falecido do Sr. B…; a mãe deste senhor está presente na sessão.

Adèle diz:

"Aqui está ele."

Dá-nos uma descrição dele.

"Vejo-o com cabelo castanho-claro brilhante e uma testa ampla e bem desenhada; olhos de tom avelã, sobrancelhas bem arqueadas; nariz ligeiramente afilado na ponta; boca de tamanho médio; usa bigode, mais claro do que o cabelo; tem um tom de pele claro, pálido e delicado; queixo arredondado; estrutura delicada, embora deva ter sido bastante forte; a doença enfraqueceu-o consideravelmente. Usa um casaco de cor escura — creio que seja cor de azeitona; tem um olhar triste, calmo, sofrido; certamente padeceu de uma afeção do coração e do peito, e sentiu grande fraqueza nas pernas. Não esteve isento de tristezas — atormentava-se interiormente sem o demonstrar; por vezes, era meditativo e mergulhado em ideias sombrias; amou alguém, e essa foi a principal causa da sua tristeza; era muito sensível."

Que idade aparenta ter?

"Diria cerca de vinte e um anos; o seu estômago foi bastante enfraquecido por excessos da juventude."

A quem está unido no céu?

"Não sei se é a irmã que ele me aponta. Vejo uma jovem morena, com belos olhos negros e faces rosadas."

Pergunta-lhe quem é essa jovem; ele não tem nenhuma irmã falecida. Será um parente?

"Não, este jovem nem sempre viveu em Paris; conheceu esta jovem no campo."

É a sua companheira?

"Não, a sua companheira ainda está na Terra; esta jovem é uma amiga."

Por quem foi recebido no céu?

"Pelo seu avô."

O seu pai teve um sonho, no qual viu o filho no céu com a avó.

"O sonho é verdadeiro, mas a primeira pessoa que o recebeu foi o avô, o pai do seu pai — aquele que conheceu na Terra; abriu-lhe os braços, e o jovem lançou-se neles. A avó estava entre as pessoas que o aguardavam. É impossível captar de imediato o quadro de tal receção. Ainda se encontrava sob a influência de uma espécie de mau sonho; foi o avô quem primeiro reconheceu.

Mal teve agonia. Não acreditava no magnetismo; pede-me que diga ao irmão que agora acredita."

Quem velou pelo seu corpo depois de morto?

"A sua família."

Onde foi sepultado?

"No Père-Lachaise."

Permaneceu na mesma sepultura?

"Não, foi trasladado para a sepultura do avô, a pessoa que primeiro o recebeu no céu."

Quem foram as pessoas que o acompanharam ao túmulo?

"Notou o irmão mais do que qualquer outra pessoa."

Adèle está cansada, e encerramos a sessão. O Sr. B…, o irmão, está encantado com esta experiência, mas a mãe mergulha na mais profunda tristeza; o filho diz-lhe, através de Adèle, para não chorar por ele, pois está muito mais feliz do que ela; gostaria que o tempo de provação dela terminasse; visitou-a várias vezes em sonhos para a confortar; não veio lembrá-la de si para aumentar a sua dor, pois conhecia bem a amargura do seu pesar. Apareceu também ao irmão e voltará a aparecer-lhe; agradece-lhe por o ter sepultado.

O Sr. B… não encontra uma única palavra a retirar desta avalanche de detalhes; a sua mãe conserva apenas uma dúvida quanto ao tom dos olhos — não conseguem recordar exatamente a cor que tinham.

Deus permitiu que a nossa fé se fortalecesse cada vez mais. O Sr. B…, desejoso de manter o anonimato por razões familiares, assinou o duplicado desta sessão, para me garantir no futuro contra quaisquer reservas que alguns homens esquecidos ou contestadores pudessem levantar quanto à veracidade do que ouviram e reconheceram como verdadeiro.

Daqui em diante, procederei da mesma forma. Na manhã seguinte a esta sessão, o Sr. B. veio à minha casa dizer-nos que tinha reunido a família para confirmar a cor exata dos olhos do irmão, e que a maioria das referências apontava para a cor descrita por Adèle.

Este detalhe deu-me grande satisfação, pois quando este senhor disse a Adèle:

"Enganas-te; a minha mãe pensa que os olhos dele eram azuis; insistes que os vês cor de avelã?"

Adèle respondeu:

"Seria muito fácil para mim dizer o mesmo que a vossa mãe, já que ela acredita nisso, e isso acrescentaria credibilidade a tudo o que vos disse; mas estaria a mentir e a não dizer o que vi: para mim, são como os descrevi."

Foi na sequência desta declaração que o senhor reuniu a família e sentiu-se obrigado a informar-me do resultado. O Sr. B. confiou-me que, em sonhos, já tinha recebido várias visitas do irmão; há algum tempo, sonhou que, depois da morte do irmão e de o terem velado, viu a tampa do caixão erguer-se, o irmão levantar-se, estender os braços, rasgar o sudário e dizer-lhe com voz calma e firme:

"Porque choras por mim? Não vês que eu não morri? Pelo contrário, nasci para a vida — esta [apontando para o caixão] é a entrada dela. Voltaremos a encontrar-nos; acalma-te e tem esperança."

Quando o Sr. B. encontrou uma frase semelhante nos *Segredos*, ficou impressionado com a coincidência dessa revelação com a afirmação do irmão.

Essa coincidência, por si só — louvado seja Deus — fez de um materialista um espiritualista.

112. O abade A…, já mencionado anteriormente, parecendo não estar mais convencido pelos detalhes que Adèle lhe fornecera sobre a aparição do seu irmão, que ele solicitara na 110ª sessão, veio dar-me conhecimento das suas dúvidas a esse respeito. Naquele momento, Adèle encontrava-se adormecida. Ele propôs evocar a irmã da sua empregada doméstica, cujo nome era Antoinette Carré e que falecera há muitos anos.

Pedi por essa pessoa, e Adèle disse:

"Vejo uma mulher de estatura mediana, com cabelo castanho-claro, cerca de quarenta e cinco anos de idade, não bonita, olhos pequenos e cinzentos, nariz grande e um pouco espesso na ponta; tez amarelada, boca larga; tem o que se chama um pescoço grosso; perdeu alguns dos dentes da frente, e os restantes estão reduzidos a pequenos tocos. Usa o que se chama no campo uma veste simples — um corpete castanho, saia interior às riscas, um

pouco curta; um avental cheio, como os das camponesas; tem um lenço quadrado no pescoço; as suas mãos revelam trabalho árduo. Trabalhava nos campos; tinha um irmão que faleceu depois dela, mas não se encontra no mesmo raio que ela, pois, sem ser um homem completamente perdido, não era muito estável. Esta mulher parece-me ter sido uma boa pessoa."

Mais tarde, este senhor disse-me que todos os detalhes da aparição do seu irmão eram rigorosamente verdadeiros; mas algumas dúvidas surgiram-lhe após ouvir a observação de que "essas aparições não passavam de uma transmissão de pensamento". Foi para se convencer do contrário que pediu por uma pessoa que lhe era desconhecida.

O Sr. A. levou consigo uma cópia escrita destes detalhes e respondeu-me pelo mesmo meio. Extraio os seguintes trechos da sua resposta:

"Depois de ter lido quatro vezes à Marie-Françoise Rosalie Carré a descrição acima, ela declarou que era tão exata que não podia deixar de reconhecer a sua própria irmã, Antoinette Carré, na mulher que apareceu à sonâmbula; quanto ao seu irmão, confirma que ele faleceu depois da irmã, tal como Adèle disse. Acrescenta ainda um facto que merece atenção: diz que sonhou, na noite de 30 de janeiro (véspera da sessão), que estava junto das sepulturas do irmão e da irmã, mas que a sua atenção se dirigia sobretudo para o túmulo da irmã. (Nunca antes sonhara com ela desde a sua morte.)"

Assinado: A.

Por minha vez, observo que tanto o Sr. A. como a sua empregada doméstica ignoravam, até no próprio dia da sessão, que iríamos pedir por essa mulher. Tudo aconteceu de forma repentina, quando coloquei a seguinte questão a este senhor:

"Conhece alguma pessoa falecida cuja aparição o pudesse convencer?"

Ao que ele respondeu:

"Pergunte pela irmã da minha empregada doméstica; assim, não haverá qualquer influência ou comunicação de pensamento, pois ela não está aqui e desconhece totalmente o que está prestes a acontecer."

Como acabámos de ver, obtivemos um sucesso completo. Esta mulher, para melhor provar a veracidade do que tinha ouvido, declarou que fora ela própria quem dera à irmã o lenço de pescoço quadrado descrito por Adèle. A aparição de Antoinette Carré deve, portanto, destruir a objeção mal-intencionada da transmissão de pensamento; ou então, estaremos todos loucos ao tentar provar a existência da alma a quem se recusa a acreditar.

Novos Detalhes. — Alguns dias após esta sessão, o Sr. A. veio à minha casa informar-me de que a sua empregada doméstica encontrara, na noite anterior, um homem da sua terra natal, a quem leu a descrição da irmã, que tinha consigo, perguntando-lhe se conhecia tal pessoa.

O homem respondeu:

"Ora, é o retrato da tua irmã falecida que acabaste de descrever; não há dúvida nenhuma."

A empregada do Sr. A. observou-lhe que, na descrição, mencionava-se um pequeno sinal no rosto e que ela nunca vira tal marca na irmã.

O homem respondeu:

"Enganas-te, pois ela tinha um, exatamente aqui," disse ele, apontando-lhe o local.

Esta mulher acabou por se lembrar do sinal e ficou ainda mais convencida, assim como o Sr. A., que desejava essa exatidão perfeita, que não deixava espaço para dúvidas. A chegada de uma terceira pessoa foi necessária para confirmar a veracidade desta particularidade, a qual, consequentemente, não poderia ter sido vista no pensamento de ninguém. (Tinha-me esquecido de mencionar este pequeno sinal na descrição que foi lida.)

O Sr. B…, da 111ª sessão, veio ontem dizer-me que tinha uma sonâmbula que viu o seu irmão exatamente como Adèle o tinha descrito; ela repetiu-lhe a mesma informação sobre a sua receção no céu pelo avô. O Sr. B. perguntou-lhe alguns detalhes sobre a jovem que acompanhava o irmão aquando da sua aparição a Adèle. O irmão respondeu-lhe:

"Tu conheceste-a em Paris; estiveste na sua companhia. Não te lembras de uma excursão que um grupo de nós fez sobre a água até um certo local, onde passámos o dia inteiro? Havia

duas pessoas connosco — era essa pequena morena, a quem alguém que conheces cortejava."

O Sr. B. lembra-se perfeitamente desse detalhe. Eis, pois, um facto suficientemente extraordinário, ao qual inicialmente não dei importância. Esta jovem, que apareceu sem ser chamada e à qual não prestámos atenção, acaba por ser descrita e reconhecida por uma segunda clarividente, a quem o Sr. B. questionou sobre este assunto. Nestes experimentos, há uma ligação que não cabe ao homem definir.

113. O Sr. Favre, de Lyon, assinante dos *"Segredos"*, estando em Paris por motivos de negócios, veio pedir-me uma sessão de aparição; expressou o desejo de que Adèle visse a sua esposa, Madame Favre (Marie Hélène, nascida Mathieu).

Adèle disse:

"Vejo uma mulher ainda jovem, de estatura mediana, com cabelo castanho-avermelhado, olhos cor de avelã, fundos e rodeados de olheiras azuladas e negras; nariz bem formado, antes longo do que curto; boca de tamanho médio, lábios finos, tez pálida com um ligeiro tom rosado; queixo um pouco alongado, belas mãos, embora magras, unhas bem formadas; fisionomia doce e lânguida. O seu estado de saúde afligia-a muito pelo sofrimento que causava ao marido e às pessoas que a cuidavam. Deve ter tido uma inflamação no estômago; não foi tratada corretamente; também sofreu do peito e teve uma afeção no coração. Percebo que era muito amada, pois parece-me de uma disposição muito doce; tinha tão pouca vontade própria que devia agradar a todos; suportou a doença com coragem.

"Sem a sua doença, teria sido de constituição bastante forte. Esta mulher é um anjo. Está muito feliz, mas a sua felicidade não será perfeita até se reunir ao marido. Eles nasceram um para o outro, ela amava-o profundamente; está muitas vezes junto dele; contudo, receando perturbá-lo, mantém o seu corpo material na ignorância disso, mas promete-me que ele a verá num sonho. Vejo ao seu lado uma mulher idosa, mais baixa do que ela; diz-me que é a sua mãe, que morreu antes dela e a recebeu no céu; sempre a amou muito e rezou a Deus por ela. Esta mulher tem cabelos grisalhos, mas devem ter sido mais escuros do que os da

filha; inclina-se bastante, o que lhe dá um ar de corcunda e um aspeto pouco gracioso. Sofreu muito com a asma."

Todos estes detalhes foram reconhecidos como rigorosamente corretos.

O Sr. J. Vermale, de Paris, que acompanhava o Sr. Favre, pede a Adèle que evoque Madame Anne Louise Vermale (nascida Chardon).

Adèle diz:

"Vejo uma mulher idosa, muito pequenina, de cabelos grisalhos; é muito alegre, viva e jovial; tem um ar muito simpático e está sempre a sorrir. Tem olhos muito expressivos, uma testa ampla e aberta, sobrancelhas espessas; é franca e de coração aberto, sem o menor receio de ofender as pessoas ao dizer-lhes o que pensa; os seus pensamentos são tão vivos quanto os seus gestos. Esta mulher diz-me que é vossa mãe; amava-vos muito, não teve outro filho além de vós, e vós fostes muito bom para ela, de modo que soube apreciar-vos. Sofreu com as pernas, que estavam muito inchadas e lhe causavam dores. A sua morte foi relativamente fácil; o estômago inchou nos últimos momentos, sentiu-se muito oprimida, mal conseguia respirar; deve ter tido mesmo o estertor da morte, causado por uma inflamação no estômago. Era muito corajosa; tem pés pequenos e deve ter sido muito bonita na sua juventude. Está muito feliz, e pensa sempre em vós, tal como fazia em vida; diz-me que já vos apareceu em sonhos e que voltará a aparecer-vos."

Todos os detalhes acima foram reconhecidos como perfeitamente exatos.

Assinado: J. Vermale.

Estes dois senhores, sendo magnetizadores, apreciam com entusiasmo a preciosa clarividência de Adèle, pegam-lhe nas mãos e agradecem-lhe de coração transbordante. Dir-se-ia que as suas almas estavam confinadas na esfera dos espíritos falecidos; já não havia qualquer contenção, apenas uma felicidade expressiva. Algumas lágrimas quase sempre resultam destas doces emoções.

Nesta sessão, vemos surgir três pessoas, sendo que uma delas apareceu sem ter sido chamada. Os detalhes, desta vez, não

mencionam as vestes, mas, como forma de variação, descrevem as suas qualidades, os seus sofrimentos e as suas dores.

Tudo isto prova-nos que, se o corpo ou a imagem do corpo material, assim como os seus acompanhamentos, não são aniquilados, as ações, as sensações, essas, existem por toda a eternidade!

Perante tais factos, não pode subsistir a menor dúvida.

114. Adèle estava a sofrer de uma dor nervosa em toda a parte esquerda da cabeça. A princípio pensamos que fosse uma flexão, em seguida, pensamos que fosse uma doença epidémica que estivesse a atacar todas as constituições nervosas. Essa dor variou nas suas crises; pensamos que passasse pela noite, mas na manhã seguinte ela voltou. Adèle não conseguia fazer um exame (magneticamente) durante os seus acessos, que não eram diferentes de acessos de loucura; o rosto dela adquiriu uma coloração púrpura escura, a mandíbula inferior tremia convulsivamente, um tremor que se espalhou por todo o corpo; o que resultou em raiva, ela batia com os punhos na cabeça violentamente. Dificilmente pude evitar que ela se tornasse uma vítima da sua paixão.

Nos intervalos dessas crises ela não sentia mais nada e não tinha vontade de se examinar, com, conforme disse, que a dor voltasse. Como já disse, Adèle é muito obstinada e independente da minha influência durante o seu sono ou no seu estado de vigília. Eu não conseguia de forma nenhuma induzi-la a buscar alívio para si própria; empregamos fumigações, cataplasmas, limpamos as passagens inferiores e magnetizei-a com perseverança, mas de nada adiantou.

Passaram-se quase três semanas e ainda tivemos a infelicidade de a ver sofrer sem poder proporcionar-lhe nenhum alívio, quando recorri a outro sonâmbulo, que prescreveu alguns remédios, os quais, no entanto, não renderam qualquer resultado favorável. Eu também fiquei doente e, consequentemente, não estava em condições de a magnetizar. Se eu atacasse a parte afetada com passes, só a faria sofrer mais.

A princípio, considerei esse sofrimento adicional uma crise favorável e como precursora de uma cura; mas não era tal coisa. Tive a ideia de a magnetizar a grande distância, apenas pelo

olhar, fixando as extremidades dos pés por um período de tempo mais ou menos longo. Esse tipo de magnetização proporcionou, porém, um alívio momentâneo.

Tínhamos esperança de que, livre do excesso de sangue, ela fosse curada; tal, entretanto, não foi o caso. O Sr. Blesson, um amigo meu e magnetizador, um dos homens mais corajosos da Terra, ao perceber a minha incapacidade de obter a cura, propôs tentar ele próprio. Aceitei a sua oferta com alegria e confiança, pensando que tivesse sido um espírito benéfico que, tendo pena de nós, animara o Sr. Blesson, e que removeria todas as nossas inquietações. Em qualquer outra circunstância, eu nunca deveria ter permitido que alguém, por mais bem-intencionado que fosse, operasse a Adèle, mas, neste momento, teria sido egoísmo da minha parte; ela sofreu muito, e a minha impotência impôs-me tentar tudo.

Esse cavalheiro fez tudo o que era humanamente possível fazer em circunstâncias semelhantes e não obteve melhor resultado do que eu. No dia 19 de fevereiro, ela pensou em aspirar cânfora em pó em grandes quantidades; isso deixou-a de tal modo irritada que ela achou criticou o facto de eu comprar um par de meias-calças, que eu havia comprado para ela nessa mesma manhã, na ideia de manter os pés dela cálidos e de retirar da sua cabeça do sangue ou fluido que pudesse estar a causar-lhe sofrimento.

Em qualquer outro momento, Adèle ter-me-ia agradecido por tal atenção, sendo como ela era, de uma pessoa justa, ereta e de disposição grata. Mas sucedeu o contrário: ela tentou começar uma briga comigo. Fiz o possível para a persuadir com raciocínios calmos e lógicos, mas isso provocou-lhe um alarmante acesso de loucura. Ficou com rosto foi injetado de um sangue escuro; pegou numa mesa e atirou-a para o lado, abriu a janela e estava prestes a precipitar-se de um quinto andar, quando, tão rápido quanto ela, e dotado de uma força que nunca antes conhecera, eu a agarrei pela cintura, apertei-a contra mim com violência, e lhe soprei na testa, com tanta convicção, tanta força, que os dentes rangeram, todo o seu corpo se curvou para trás e ela soltou gritos de dor, como se eu estivesse a quebrar-lhe os ossos. (Adèle é uma mulher muito robusta e forte.)

Ela implorou-me que cessasse de lhe soprar dessa forma poderosa, que não devo recomendar muito aos magnetizadores, pois ela foi bem-sucedida em muitas circunstâncias em que todos os meios médicos e humanos pareciam impotentes. Se o homem pudesse produzir, por outras emanações do corpo, o que ele é capaz de produzir, por meio do sopro, ele se imaginaria um Deus.

O seu engano seria bastante desculpável; pois é necessário ter feito o que muitas vezes fiz para estimar poder tão mágico. Quando a cabeça dela me pareceu fria e a mente calma, aconselhámo-la a ir para a cama, o que ela fez sem qualquer resistência. O sangue subiu-lhe à cabeça o que resultou numa hora de delírio. Eu magnetizei-a para conduzir de volta o sangue às extremidades.

Exausto como estava, sem obter qualquer resultado, joguei-me numa cadeira, com o coração destroçado de dor e receio, e de lágrimas nos olhos. Entrei no estado que certa vez conhecera e cujo resultado mencionei no meu “Segredos,” intitulado "Poderão ser realizadas curas por meio da oração?" Rezei ao Senhor para estender sua infinita bondade até a mim, para recuperar a razão dessa infeliz criatura que, eu acreditava, a tinha perdido para sempre.

Chamei em meu auxílio o bom Emmanuel Swedenborg que, em tantas circunstâncias, nos protegera com a sua poderosa proteção e nos iluminara com a sua luz divina. Permaneci em oração por algum tempo; mal se passara meia hora quando vimos Adèle ajoelhada na sua cama, a virar-se para a direita e aparentemente a falar com alguém. Eu perguntei-lhe quem se achava presente.

"É o senhor Swedenborg", respondeu ela; "ele é bom, ele é justo, todo-poderoso, humano; ele magnetiza-me e deseja-me apenas o bem."

Achei que ela ainda estivesse a delirar. Não dei importância a essa cena, que, entretanto, nos afetou bastante; ela deitou-se novamente, após um instante, e pareceu bastante calma. Então, propus-lhe voltar a colocar-lhe o lenço na cabeça para afastar o frio, que tão prejudicial era à sua dor. Ela disse-me:

- A minha dor! O senhor Swedenborg removeu-a. Não a voltarei a ter mais; ele assegurou-me inteiramente disso.

Percebi que ela estava adormecida, e disse-lhe:

Quem a colocou nesse estado?

"O senhor Swedenborg. Você pode acordar-me; eu estou bem."

Eu abri-lhe os olhos. Ela estava no seu estado normal, muito surpreendida ao se encontrar na cama e sem se lembrar do que havia acontecido. Ela ficou calma a noite toda. Na manhã seguinte, ela não sentiu dor; a sensibilidade externa, que não a havia abandonado nem por um instante desde a invasão da doença, assim como algumas pequenas úlceras e grandes inchaços empanturrados de sangue, que ela tinha nas gengivas, tudo havia desaparecido.

Ela podia comer à vontade, o que não fazia desde o início do ataque, principalmente pratos quentes, o que lhe redobrava a dor. Eu estava disposto a acreditar num milagre ─ se é que há milagres na natureza - de qualquer forma, numa ação superior. No dia 21, coloquei-a no sono por causa das aparições anteriores e perguntei o que deveríamos pensar sobre a dor que a acometera. Ela respondeu:

"Devemos agradecer a Deus, que, vivo para a sua oração, a acolheu favoravelmente. O nosso protetor, o senhor Swedenborg, magnetizou-me e removeu a dor; ele fez-me dormir e garantiu-me que eu não deveria sentir mais."

Deixo que todos pensem nessa cura conforme acharem adequado. Eu orei mentalmente; Adèle estava em estado de delírio e certamente não me escutou. Meia hora depois, no momento em que menos pensava nisso, tão absorto estava por mil pensamentos confusos, o senhor Swedenborg apoderou-se dela, de acordo com a minha vontade, e operou em poucos minutos o que em três semanas, o magnetismo de duas pessoas ─ sonambulismo e medicamentos ─ não tivera efeito. Ele restaurou a razão, a saúde e a paz a um coração que estava privado delas!

Observação. - Adèle nunca experimentara um ataque semelhante, antes. Três vezes obrigado, Senhor! Obrigado, bom Swedenborg.

115. No dia 6 de Março, o abade A... pediu-me uma consulta médica à distância para uma pessoa por quem se

interessa. Terminada a consulta, este senhor desejou dirigir as seguintes perguntas a Adèle:

Qual é o estado de espírito ou pensamento mais agradável a Deus?"

"A de ter uma santa confiança n'Ele e um amor ardente pelo próximo."

Serão todas as religiões agradáveis a Deus?

"Sim, quando elas se baseiam nesses dois princípios."

Mas as práticas dessas religiões são aprovadas por ele?

"Sim, quando elas apontam para o objetivo que acabei de definir."

Ainda assim, a razão humana tem menos repugnante em aceitar as oferendas ou sacrifícios feitos a Deus em certas religiões brandas do que em outras que parecem ridículas ou selvagens.

"Aos olhos de Deus não há práticas ridículas nem selvagens, os discípulos de tais religiões acreditam que se lhe tornam aceitáveis a Ele oferecendo-lhe tal coisa, ou orando-lhe dessa maneira. É o amor por Deus de que eles se acham imbuídos que os anima, e Deus aceita com a mesma imparcialidade tudo o que lhe é oferecido com vista a ser-lhe aceitável!"

Existiram, e ainda existem, nações que oferecem vítimas humanas a Deus nos seus sacrifícios; será isso aceitável a Deus?

"Sim, porque esses homens oferecem-lhe os seus bens mais queridos na pessoa dos seus filhos, irmãos e amigos; eles dão-lhe uma prova de um amor superior que Deus não pode rejeitar, especialmente quando esses homens estão convencidos do valor de sua oferenda, e não a fazem com indiferença."

Nesse caso, em que consiste o mal?

Em fazê-lo intencionalmente."

Pode ser mais clara?

"O ser racional que se decide friamente por uma ação que sabe ser má em si mesma, e cujos resultados tem a convicção de vir a criar problemas e serem condenados pela moralidade, esse comete o mal, pois calcula-o, estima-o, e executa-o em função do prazer."

Que punição Deus lhe reservará?

"Depois da sua morte material, Deus confia-o a um lugar à parte, onde os seus pensamentos são gradualmente purificados e dão lugar a pensamentos de amor para com o próximo; pensamentos que ele nunca conheceu."

Por que ele não os conhece?

"Porque ele não confiava em Deus, que é a base principal de toda felicidade."

Qual será o efeito dessa confiança?

"Receber no coração um raio da luz divina e afastar dele as trevas."

O que entende por luz e escuridão?

"Pensamentos bons e maus."

Como desvendar esses pensamentos?"

"Esse raio divino desvenda-os por completo; dá origem a todos os bons pensamentos que buscam a sua influência, e afasta os maus que o temem."

E de que maneira?

"Deste modo: o coração do homem é cada vez mais purificado, despojado das más ideias que o oprimiam, e passa a conhecer a maior felicidade desejável - o amor de Deus e o amor por todos!"

O abade A. diz que Adèle está de acordo com o caso de consciência que admitimos em teologia; o mal existe apenas no conhecimento que temos de o praticar. Reflitam nesta moralidade sonâmbula, vós eruditos contemporâneos! Estudem-na e digam-me se alguma coisa mais grandiosa, mais razoável e mais admissível emanará da vossa ideia?

116. M. Duteil, membro da Sociedade Magnetológica de Paris e assinante do "Secrets", deseja, tal como as pessoas mencionadas anteriormente, julgar por si próprio a preciosa clarividência de Adèle. Solicita a aparição de Madame Duteil, sua esposa, pelo seu nome de solteira, sem nos informar que se tratava da sua esposa. Adèle vê uma jovem que poderá ter entre dezoito e vinte anos de idade (tinha vinte e oito), com cabelo de um louro escuro, olhos azul-escuro, testa bastante aberta, lisa e bonita, nariz ligeiramente pontiagudo, faces ligeiramente rosadas, boca normal, lábios finos, queixo redondo e um pouco descaído,

formando uma cavidade sob o lábio inferior; expressão melancólica; não é corpulenta, a sua mão é longa e fina.

Deve ter tido uma disposição muito dócil e um bom coração. Sofreu do peito e de palpitações violentas do coração. A sua fala é suave.

M. Duteil pergunta se ela era casada.

Ela responde a Adèle: "Sim", acrescentando: "Tu conheces bem o meu marido, e a pessoa que te diz para fazer essa pergunta também o conhece."

Adèle diz: "Ele pode conhecer, mas eu não."

M. Duteil pergunta se ela teve filhos.

Ela responde que deixou para trás uma menina pequena.

Há muito tempo que está morta?

"Sim", responde ela (já faleceu há seis anos).

Adèle volta a perguntar o nome do seu marido.

Ela repete: "Tu conhece-lo bem e a pessoa presente também."

M. Duteil informa-nos então que conhece muito bem o marido desta senhora, pois trata-se dele próprio; isto dissipa a inquietação de Adèle, que parecia estar a esforçar-se para descobrir quem seria esse homem, e prova a M. Duteil, assim como a todos os que acreditam na comunicação do pensamento, que, se tal existisse, Adèle teria visto imediatamente quem era o marido desta senhora.

"Reconheço a exatidão dos detalhes acima descritos, exceto a idade.

Duteil, Magnetizador, 246 Rue de Saint Denis."

Adèle acrescenta que vê junto de Madame Duteil uma mulher idosa, com pelo menos sessenta anos, cabelo grisalho, rosto completamente enrugado; devia ser bastante corpulenta; parece-lhe um pouco mais baixa do que Madame Duteil. Esta mulher diz que recebeu Madame Duteil no céu, na sua qualidade de avó materna. Tem um ar muito alegre e simpático e usa óculos; isto parece um pouco engraçado para Adèle, pois é a primeira pessoa que vê com óculos. Esta aparição inesperada surpreende ainda mais M. Duteil, pois ele declara nunca ter conhecido nem visto esta mulher. Só com alguma dificuldade conseguiu reunir os seguintes pormenores:

"Eu, abaixo assinado, certifico que a minha avó, que nunca vi e de quem não poderia estar a pensar, pois faleceu há muito tempo, aos setenta anos, usava constantemente óculos e era, de facto, de um temperamento muito alegre; soube-o pelo seu único neto.

Paris, 10 de abril de 1848.

Duteil."

117. O príncipe de Kourakine, secretário do embaixador russo em Paris, tendo lido o "Secrets", apresentou-se em minha casa com o barão Dupotet, M. Hebert de Garnay e uma quarta pessoa, para me pedir uma sessão de aparição. Mandei Adèle adormecer e disse-lhe para chamar a princesa K…, cunhada deste senhor.

Adèle respondeu:

"Vejo uma jovem alta e morena, de cerca de 28 anos de idade (tinha 22), com olhos castanho-avelã, antes pequenos do que grandes, tez pálida, testa bonita, nariz um pouco espesso na parte superior, mas bem formado, lábio superior grosso, sobrancelhas bastante espessas e arqueadas; porte supino, fala suave, ar calmo e resignado. Esta senhora sofreu muito do coração e do lado esquerdo do peito. Percebo que esse lado está completamente negro; sofreu também na parte inferior do corpo, na bexiga, e muito na cabeça. Não era muito faladora. Vejo ao seu lado um menino de tez clara, de cerca de cinco anos de idade; certamente gostava de crianças."

Este senhor reconheceu a veracidade destes detalhes, exceto a cor da tez, que nos seus últimos dias era de um tom violeta. Não conhece esta criança e prefere dirigir à sua cunhada, através de Adèle, perguntas metafísicas, em vez de obter mais pormenores sobre a sua vestimenta. Ela dá-lhe respostas muito satisfatórias; entre outras, diz-lhe que já apareceu à sua irmã (esposa deste senhor) em sonhos; isto é totalmente verdade. Fala com dificuldade e de forma contida, tal como fazia em vida; isto deve-se ao seu estado de saúde debilitado, que lhe causava muito sofrimento.

Não consegui obter a assinatura do príncipe nesta sessão, pois ele deveria regressar; mas os acontecimentos súbitos que ocorreram em França forçaram a sua partida. O testemunho do

barão Dupotet e de M. Hebert de Garnay garantiriam, se necessário, a veracidade dos detalhes acima descritos.

M. Dupotet deseja, por sua vez, chamar um dos seus velhos amigos, o Dr. Dubois, falecido há cerca de quinze meses.

Adèle diz:

"Vejo um homem cujo cabelo está totalmente grisalho e bastante ralo na parte da frente; tem a testa larga, proeminente perto das têmporas, o que faz com que a cabeça pareça quadrada. Pode ter cerca de sessenta anos. Tem duas rugas de cada lado das faces, uma prega sob o queixo, fazendo-o parecer duplo; pescoço muito curto — é um homem baixo e atarracado; olhos pequenos, nariz grande, boca bastante larga, queixo achatado, mãos finas e pequenas. Não me parece ser tão alto quanto M. Dupotet: se não for mais corpulento, é pelo menos mais largo de ombros. Usa um casaco de montaria castanho, com bolsos de lado. Vejo-o tirar uma caixa de rapé de um deles e tomar uma pitada. Tem uma maneira de andar bastante engraçada; não se segurava bem nas pernas, devia sofrer de fraqueza nelas. As calças são um pouco curtas."

“Ah! Ele não limpou os sapatos, pois estão cobertos de lama. No geral, o seu vestuário não é de pessoa rica. Tinha asma, pois respira com dificuldade. Vejo também que tem um inchaço na parte inferior do corpo; usa algo que o aperta. Disse-lhe que foi M. Dupotet quem o chamou. Ele fala-me de magnetismo com uma volubilidade incrível; fala de tudo ao mesmo tempo, misturando os assuntos; não entendo uma palavra do que diz; fala tão depressa que chega a cuspir.”

M. Dupotet pede a Adèle que lhe pergunte porque não apareceu como prometera. Ele responde:

“Dá-me tempo para considerar onde estou; acabo de chegar; estou a estudar tudo o que vejo. Dar-te-ei conta de tudo quando aparecer.”

Que dia me prometeste fazê-lo?

“Uma quarta-feira.”

Adèle acrescenta: “Este homem devia ser muito esquecido; estou certa de que era extremamente distraído.”

M. Dupotet volta a perguntar:

Quando me aparecerás?

"Não posso fixar uma data, mas esforçar-me-ei para o fazer dentro de seis semanas."

Pergunta-lhe se gostava dos Jesuítas.

"Ao ouvir este nome, ele dá tal salto no ar, estendendo os braços e exclamando 'Os Jesuítas!', que Adèle se afasta rapidamente e fica tão alarmada que já não se atreve a falar com ele."

M. Dupotet declara que todos estes detalhes são tão exatos que não pode retirar-lhes uma única sílaba.

"Este homem", disse ele, "tinha uma conversa inesgotável, misturava todas as ciências, das quais era um grande entusiasta, e falava com tal volubilidade que, de facto, chegava a cuspir, tal como a clarividente disse. Era extremamente descuidado com a sua aparência e tão distraído que, por vezes, esquecia-se de tomar as refeições. Sempre que alguém lhe falava dos Jesuítas, dava um salto exatamente como Adèle descreveu. Era sempre muito desmazelado; não é surpreendente que a clarividente o tenha visto com os sapatos cobertos de lama."

De facto, ele prometera a M. Dupotet que lhe apareceria numa quarta-feira ou num sábado. M. Dupotet reconheceu a exatidão desta aparição no número 75 do *Journal du Magnétisme*.

118. Madame D…, possuindo, como qualquer pessoa, a sua dose de incredulidade, e desejando confiar mais no seu próprio julgamento do que no do marido (profissionalmente versado nestas matérias), quer, por sua vez, uma aparição. Está acompanhada por M. H. e pede a Adèle que chame M. B., Jacques.

Adèle diz:

"Vejo um homem de cerca de trinta e seis anos de idade, estatura mediana; cabelo preto, relativamente comprido, descendo até à base da orelha, mas não no estilo que se usa atualmente; tez pálida, rosto magro; olhos cor de avelã, grandes e fundos, mas de expressão suave; nariz um pouco longo e afilado; ar triste e abatido."

Madame D. interrompe Adèle para perguntar de que doença este homem faleceu. Adèle responde:

"Não percebo nele nenhuma doença grave — vejo apenas uma indisposição; mas, meu Deus! Este homem foi morto! Por

uma arma de fogo — uma pistola. Ele rebentou os miolos! Oh, miserável! Agora compreendo a sua tristeza. Já vos disse, aqueles que cometem suicídio não entram imediatamente… vagueiam pela Terra!"

Qual é, então, o seu sofrimento?

"O de não poder desfrutar da luz como os outros."

Quando espera poder alcançá-la?

"Quando o tempo que deveria ter vivido na Terra tiver terminado."

Ou seja, vagueará até aos sessenta anos, se essa era a idade até à qual deveria ter vivido?

"Sim."

Madame D. pergunta se este senhor a conhece.

"Sim; ela está ligada a ele por laços de casamento."

Este homem apenas conhecia Madame pelo seu nome de solteira. Poderia, talvez, indicar o grau dessa relação?

"Perguntei-lhe se Madame era sua prima. Ele respondeu: 'Ela é mais do que isso para mim! Mais do que isso!' Por esta exclamação, dir-se-ia que Madame é sua mãe, ou que para ele era como uma mãe — de qualquer modo, parece sentir por ela um apego semelhante."

Diga-lhe que ela casou com o barão D… e pergunte-lhe se agiu de acordo com os seus desejos!

"Oh, minha pobre esposa!" exclamou ele. "Que sejas feliz — é o único desejo do meu coração."

Adèle vira-se para Madame D… e diz-lhe, com um ar de espanto:

"Era, então, esposa deste senhor!"

A senhora responde afirmativamente — Adèle continua:

"Ele diz que aplaude esta união; mas, ao mesmo tempo, parece-lhe dolorosa, pois gostava muito de madame. Este homem, sem ser completamente infeliz, não é feliz: as suas ideias não se acalmaram — continuam agitadas e sob a influência daquilo que o levou ao suicídio."

Quando Adèle chamou por este senhor, apareceu primeiro um homem de cerca de sessenta anos — alto, forte, bonito, condecorado com insígnias, etc. Madame D., não reconhecendo nesta figura o seu marido, não lhe presta atenção e não tem

qualquer recordação de que este fosse, ou tivesse sido, como ele próprio se apresenta, um amigo do seu marido.

Perto do fim da sessão, faço-lhe algumas perguntas, vendo que ele, em momento algum, se afasta de M. B… Ele responde-me que apareceu primeiro porque M. B…, seu amigo íntimo, que foi chamado, não tinha intenção de aparecer; que o arrastou consigo — devemos dizer, à força; que foi graças aos seus rogos que obtivemos a aparição de M. B… Este senhor afirma que nunca abandona o seu amigo, cujo estado mental lhe causa grande sofrimento.

Madame D. reconhece todos os detalhes da aparição do seu marido como absolutamente exatos e reforça a sua crença de que era impossível ler os seus pensamentos, visto que Adèle, nesse caso, teria imediatamente visto e dito que ela era esposa deste senhor — uma revelação à qual só chegámos, como vimos, por meio de uma pergunta alheia a esta comunicação. Madame D. está ainda mais convencida pela dupla aparição, que não havia solicitado, e pela identidade da pessoa que lhe apareceu, que lhe é desconhecida e, consequentemente, não poderia estar nos seus pensamentos.

119. M. Hebert (de Garnay), editor do *Journal du Magnétisme*, mais inclinado a acreditar na comunicação do pensamento do que na realidade das aparições, pede a de M. J. Hebert, seu tio, que afirma nunca ter visto. Adèle percebe um homem de estatura semelhante à de M. Hebert, mas mais robusto, com cabelo ruivo a começar a embranquecer; tem os ombros arredondados.

Neste momento, M. Hebert interrompe Adèle, dizendo que não pode avaliar essa descrição e deseja, para se convencer, apenas uma coisa — que ela lhe diga de que mal faleceu o tio.

Adèle responde:

“O seu problema estava na cabeça; este homem era louco. Ah! Como estão desordenadas as suas ideias. Vejo que morreu louco, mas não posso afirmar que a loucura tenha sido a causa da sua morte; creio antes que foi o tratamento que sofreu.”

M. Hebert continua:

“O meu tio ficou cego na sua loucura; pode este acidente ser atribuído ao seu estado?”

“De facto, percebo que os seus olhos estão fechados, o que me prova que não podia ver; mas não estão completamente cerrados. Vejo-os meio abertos. Não posso dizer se isto foi consequência direta da sua loucura; creio que é um efeito dela, uma congestão de sangue. Ah! Como é estranha a cabeça de um louco.”

M. Hebert pergunta qual poderia ter sido a causa da sua loucura.

Adèle responde:

“Percebo que uma ideia de interesse predomina.”

É um interesse comercial?

“Não, não um interesse comercial, mas um interesse privado.”

M. Hebert explica que este homem enlouqueceu entre os dezoito e os vinte anos e faleceu com mais de cinquenta, sem nunca ter sido rico nem comerciante. Pensamos que, se a interpretação de Adèle estiver correta, ele pode ter estado apaixonado por uma jovem mais rica do que ele e desejado ser suficientemente abastado para poder casar com ela. Nos loucos, os motivos da sua insanidade nem sempre correspondem à sua posição no mundo.

Ao nome de Hebert apareceu primeiro um jovem de vinte a vinte e quatro anos. Pergunto a Adèle quem poderia ser este jovem, que M. Hebert imediatamente rejeitou, por não ser a pessoa que chamara.

Adèle responde:

“Sem dúvida, era o mesmo senhor que quis aparecer-me como era antes de enlouquecer. Como M. Hebert desejava saber de que mal ele faleceu, talvez tenha reaparecido no estado miserável em que terminou os seus dias. Mas isto é apenas uma suposição minha,” repete Adèle.

M. Hebert (de Garnay) reconhece como verdadeira apenas a revelação da loucura, pois, segundo ele, "apenas sabia desta particularidade sobre o seu tio. Hebert (de Garnay)."

No dia seguinte, pedi a M. Hebert que assinasse esta sessão, o que ele fez de muito boa vontade. Mas, acreditar-se-ia que este senhor, que deveria ter ficado convencido apenas pela revelação da loucura — o que, para qualquer outro, não teria sido suficiente,

visto que poderia ter sido lido no pensamento — aproveitou esta circunstância para proferir estas observações absurdas:

"A sonâmbula falhou; ela lê no pensamento. Eu já sabia que o meu tio morreu louco, não foi difícil para ela ler isso no meu pensamento."

Respondi a M. Hebert:

"Se ela viu esta particularidade no seu pensamento, então não falhou; se falhou, então não vê no pensamento. Para ser coerente e imparcial, não deveria tê-la interrompido no meio dos detalhes que lhe dava sobre uma pessoa que, como afirma, nunca viu. Uma razão a mais para se convencer de que essa imagem não estava no seu pensamento. Mas não, deseja que esse sistema prevaleça e apressa-se a colocar uma questão que desvia do verdadeiro objetivo; obtém uma resposta correta e depois exclama que já a conhecia. Então, por que colocou a pergunta? Se tivesse sido respondido de forma errada, teria gritado ainda mais alto."

120. Até agora, não omiti nenhum erro da minha clarividente, nem qualquer uma das suas verdades. Disse no meu prefácio do *Secrets* que me consideraria o homem mais desprezível da face da Terra se especulasse com falsidades. Porque estou plenamente convencido desta verdade, menciono os mais ínfimos detalhes sobre estas aparições, embora pudesse apresentar um resumo sem entrar nestes pormenores minuciosos, pelos quais o leitor pode censurar-me, mas que, no fundo do seu coração, não desprezará.

Já que citei uma contradição incoerente, devo segui-la com um personagem ridículo que reconhece aquilo que nega. Este tipo de homem servirá como um alívio, pelo seu caráter excêntrico, em relação aos tipos até agora descritos. O abade A., cujas sessões curiosas e conversão franca aqui relatamos, desejava que a sua convicção fosse partilhada por um pastor protestante chamado Rostan. Este último teve duas sessões e ficou convencido na última, sobre a qual falarei a seguir, visto que na primeira houve um erro involuntário ao pedir pelo falecido.

Este senhor assinou o testemunho desta sessão com prazer, pois declarou-se satisfeito; comunicou a sua convicção a um dos seus colegas, que é a pessoa com quem agora iremos lidar, cuja incredulidade e respostas ambíguas poderão ser devidamente apreciadas.

Ele pede a aparição de M. Francisco Solano Constantio.

Adèle diz que vê uma pessoa entre cinquenta e cinquenta e seis anos de idade (verdadeiro), um homem corpulento — ou seja, de ombros e peito largos (não muito), mais baixo que Alphonse (verdadeiro), cabelo castanho-escuro (era preto), meio grisalho (verdadeiro), testa alta e aberta (verdadeiro), visão sensível, o que se chama de vista fraca (verdadeiro), olhos de tamanho médio e azul-escuros (verdadeiro, mas eram grandes), sobrancelhas a ficarem grisalhas (possível), nariz largo na parte superior (não sei), vejo uma cicatriz na bochecha direita (não sei), rosto meditativo e agradável (verdadeiro), mais alegre do que austero (verdadeiro), tem um sorriso doce (verdadeiro); ainda tem todos os dentes da frente (verdadeiro); sofreu de opressões (verdadeiro); tinha uma afeção cardíaca que causava palpitações violentas.

Tinha fraqueza nas pernas e era forçado a sentar-se, como se estivesse sujeito a desmaios (não sei); presumo que tinha gota na perna direita (não sei); não vejo nele nenhuma doença mortal, apenas as suas ideias parecem-me desordenadas e selvagens (morreu de apoplexia). Frequentemente sentia um grande calor na parte inferior do corpo, o que afetava todo o sistema (não sei). Tinha suíças grisalhas (verdadeiro); usava um casaco de montaria, gravata branca, gola da camisa dobrada para baixo (não sei).

"Ele era extremamente corpulento; uma particularidade que a sonâmbula não mencionou nem viu.

C. D. BOSNEVILLE,
Pastor em Lisieux."

Reconhece, no retrato que lhe foi descrito, o homem por quem pediu?

“Não.”

Por que razão?

“Porque ele era extremamente robusto, e essa particularidade não foi mencionada como muito notável.”

Quando a clarividente lhe disse no início que ele era um homem corpulento, respondeu: “Não muito.” Isto não se concilia muito com o que agora me diz.

Conhecia bem este homem e viu-o na altura da sua morte?

“Conhecia-o muito bem; até jantei com ele poucos dias antes da sua morte.”

Como é que, conhecendo-o tão bem, não pode dizer se estava vestido da forma que lhe foi descrita? Nesta aparição, encontramos vinte e seis detalhes, dos quais quinze admite como verdadeiros; a seis responde “não sei” e a um “é possível”. Aquilo que reconhece como possível e os dez de que não tem conhecimento podem muito bem corresponder aos quinze que admite, pelo que nenhum poderia ser rejeitado.

Não está convencido; pediremos outra aparição, mas, primeiro, jure-me que a pessoa por quem irá perguntar está realmente morta e que a sua intenção não é contestar ou influenciar a clarividente para a fazer errar.

“Juro.”

Qual é o nome da pessoa que deseja chamar?

“Robert Pitter.”

Adèle diz:

“Vejo uma pessoa mais velha do que a primeira (verdadeiro); é alta e mais magra do que corpulenta (verdadeiro); cabelo mais loiro do que ruivo (verdadeiro); rosto muito magro (verdadeiro); testa mais proeminente do que plana (verdadeiro); nariz comprido (verdadeiro); narinas abertas (razoavelmente); olhos fundos (por causa da magreza); não parecem grandes (eram grandes, mas não extraordinariamente); maçãs do rosto salientes (devido à magreza); boca mais larga do que pequena (verdadeiro); queixo comprido (verdadeiro); pescoço parece longo (verdadeiro); camisa com folhos (às vezes); calças escuras (verdadeiro); não usava botas, mas sapatos (verdadeiro); tinha tosse seca (com frequência); sofria do peito e do estômago (na hora da morte, sim). A origem da sua doença estava aí.”

Agora, eis o que este senhor escreve no final do testemunho:

"Ela presume que os seus pulmões estavam afetados. O médico diz que era gota no estômago. Ele tinha um nariz aquilino. À parte isso, a descrição está exata.

C. DE BOSNEVILLE,
Pastor em Lisieux."

Bem, senhor, está convencido?

"Não; ela não disse que ele tinha um nariz aquilino."

Lembre-se, senhor, de que ela não encontrou a expressão adequada e, para o fazer compreender melhor como o viu, insistiu na extremidade do nariz, descrevendo-o como curvado no meio e, consequentemente, aquilino.

"Não percebi isso."

M. Rostan, o seu amigo M. Blouet e eu próprio, todos nós três percebemos e compreendemos corretamente.

"Possivelmente; mas não posso acreditar que a pessoa que veio era aquela por quem perguntei."

Quer reler a descrição escrita e indicar, com a sua própria caligrafia, onde encontra algum erro?

"Sim."

Este senhor devolve-me o papel que acabámos de ler, assinado com a sua própria mão, com as palavras que mencionei entre parênteses.

Se eu o deixar falar com esta pessoa e ela responder às suas perguntas, acreditará?

"Sim."

Pergunte o que quiser.

Jesus Cristo era Deus, tanto na sua parte humana como na sua parte espiritual?

"Ele era Deus na sua parte divina, e não Deus na sua parte humana."

No céu, ele é considerado e reconhecido como Deus?

"Sim."

Foi concebido pelo Espírito Santo?

"Sim."

Este senhor declara-se satisfeito com estas três respostas; mas Adèle parece não estar minimamente satisfeita e diz-me:

"Eu só posso reproduzir a verdade; foram estas as respostas que me deram, e eu tinha de vos transmiti-las. No entanto, não estão de acordo com o que M. Mallet me disse uma vez. Ajude-me a chamá-lo, para que possa ver o que ele opõe ao ministro que acaba de me dar estas respostas."

Esta observação de Adèle aguça a nossa curiosidade; estamos ansiosos por obter uma resposta. M. Mallet vem e esclarece a questão com estas palavras:

"O senhor é um pastor protestante e pertence a uma sociedade de persuasões semelhantes. O mesmo acontece com todas as sociedades espirituais: continuam a manter as mesmas crenças que tinham na Terra."

"Mas você, um sacerdote católico, o que pensa destas questões? A sua religião não as admite igualmente?"

"Não partilho da mesma opinião nesse aspeto."

Observo a Adèle que, neste caso, é muito difícil para nós obter a verdade, e aconselho-a a procurá-la por si mesma. Ela estava extremamente fatigada e incapaz de nos dar uma solução.

M. Rostan pergunta a M. de Bosneville o que pensa de uma imagem que dá tais respostas.

Este último responde:

"Elas levar-me-iam a acreditar na presença real do nosso pastor; mas não estou convencido disso."

De onde pensa que ela poderia ter tirado a descrição exata que lhe deu, e as palavras que ouviu?

"Ela pode ter imaginado tudo isso."

Pergunto a este senhor, por minha vez, se ele poderia, por meio das mesmas suposições, reproduzir para mim a mesma quantidade de detalhes que acabou de ouvir, relativamente à minha mãe, que já faleceu.

Ele responde:

"Eu não poderia; mas isso não me prova que esse senhor estava presente aqui."

Respondo-lhe por minha vez:

"Deus o abençoe."

Este senhor encontra-se na infeliz posição de negar aquilo que afirma, como já disse. É uma contradição que nunca teria imaginado encontrar num homem instruído. O que deverá ele pensar de um testemunho que assina como exato, mas que nega como verdadeiro?

121. Na noite da sessão anterior, o Sr. Lemoine, magnetizador e excelente sonâmbulo, veio-me pedir que magnetizasse uma senhora, sua sonâmbula, para ver se eu poderia

obter efeitos mais decididos do que ele. Mal tinha começado, Adèle, tendo absorvido, sem dúvida, todo o fluido que dei a esta senhora, adormeceu e entrou em estado de catalepsia. Desisti da senhora para cuidar de Adèle, cujos braços tinham sido somente paralisados.

Eu perguntei-lhe a causa disso; ela respondeu que, tendo sido magnetizada à tarde, ainda não estava livre das correntes magnéticas que passavam dela para mim; que essas mesmas correntes a haviam invadido, trazendo no seu encalço a irritabilidade nervosa da senhora que eu estava a magnetizar, e isso ocasionou a catalepsia. Deixei-a e parei de magnetizar a senhora, vendo que uma terceira pessoa começava a sentir a minha influência, o próprio Sr. Lemoine, que mal conseguia manter-se acordado.

Alteramos os arranjos desse sarau, prevendo que, de contrário, teria três videntes ao mesmo tempo para orientar e questionar. Esse sarau era a expensas de Adèle, e não tivemos motivo para nos arrepender; ela fez uma consulta médica à senhora, a quem viu pela primeira vez; o que provou (a partir das próprias afirmações da senhora) a todos os presentes que ela era uma clarividente tão poderosa para as doenças quanto para as percepções espirituais. Eu dirigi-me a ela com as seguintes perguntas, que o abade A... presente nessa sessão, me implorou que lhe dirigisse:

“Terá Jesus Cristo sido Deus, na sua humanidade e na sua espiritualidade?

"Ele foi Deus apenas na sua espiritualidade?"

“Terá ele tido dois corpos, um material e outro espiritual?”

"Sim, e por isso ele morreu materialmente e vive espiritualmente."

Ele é considerado no céu como Deus?

"Sim, por aqueles que acreditam na sua divindade."

Ele não foi, pois, positivamente Deus?

"Ele foi o filho de Deus, como todos nós."

Ele foi gerado pelo Espírito Santo?

"Sim, é o Espírito que gera tudo."

Ele foi gerado como todos os outros homens, por meio de um homem?

"Não, aqui é que ele é superior a eles."

Você cai novamente no mesmo erro de agora, quando o ministro protestante lhe colocou as mesmas perguntas.

“Então, não consegui explicar o que sei agora, que me encontro num estado superior. Cristo acima de outros homens é isto - que, pela maneira como ele se fez carne, espiritualmente e não materialmente, ele teve uma lembrança da sua existência espiritual anterior, aquela que todos nós tivemos, e da qual não nos lembramos, pela força da nossa materialização. Não tendo sofrido, como nós, as leis da matéria, ele não se sujeitou a elas e lembrou-se na terra do que lembraremos no céu.

Ele teve, pois, esse grau de espiritualidade mais do que nós; daí o seu dizer - 'Eu não sou o Filho do homem; meu Pai está nos céus; e não na terra.' Se todos os homens estivessem cientes da sua existência original, não se chamariam de pais; todos saberiam que têm apenas um Pai, que é o único Deus verdadeiro, e se autodenominariam irmãos como Cristo lhes chamou.

“Se o poder de Cristo era grande, pense no quão grande foi o seu sofrimento - aquele que desceu do céu à terra, onde deveria cumprir uma missão tão dolorosa - aquele que tinha constantemente diante da sua mente as alegrias, a felicidade do céu, e os problemas e angústias da terra. Se conseguir compreender a posição dele, entenderá que ele tem o direito de falar como o fez; mas você também saberá que ele nunca disse que era Deus, ele era apenas seu filho, seu enviado à terra, e ele dizia continuamente aos homens: 'Rogai a meu Pai, que está nos céus.'”

Qual foi, então, a missão que ele teve que cumprir?

"Instruir os homens acerca da existência de Deus, no que naquela época havia pouca crença."

Se ele não tivesse aparecido na terra, os homens poderiam ter sido salvos no sentido entendido pela igreja?

“Aqueles que viveram antes do seu aparecimento na terra são igualmente salvos com aqueles que desde então nunca ouviram nem ouvirão falar dele."

Os homens que precederam a Cristo estavam, de acordo com as Escrituras, em comunicação direta com Deus - como Abraão, Moisés, etc.

"Aqueles que mataram Cristo não estavam em comunicação com ele, visto que renegaram a palavra de Deus, que Cristo veio restabelecer entre eles."

Terão todos os homens que existem e surgiram na terra descendido de um único homem chamado Adão, e de uma mulher apenas chamada Eva?

"Esse primeiro homem e essa primeira mulher são apenas uma ficção, uma alegoria. O mundo sempre existiu e sempre existirá, tal como é, praticamente."

A Virgem Maria permaneceu realmente virgem depois de dar à luz a Cristo?

"Sim, já que ele foi gerado sem a ajuda do homem. Ela não está nas mesmas condições que as outras mulheres."

Cristo teve irmãos por intermédio de alguma mulher?

"Ele nunca quis irmãos, já que somos todos seus irmãos; mas o homem conhecia a virgem. Ela teve uma noção muito elevada da sua missão, depois de trazer ao mundo um tal filho de Deus, para se entregar a um homem.'"

Serão, os Judeus culpados do pecado da morte de Cristo?

"Materialmente, aos nossos olhos, sim; mas, espiritualmente, ele estava condenado a ser crucificado. Todos passaram pela sua missão exatamente como havia sido decidido. Eles apenas executaram o que estavam destinados a executar."

São Pedro é o representante de Cristo na terra? Terá o poder de unir e desunir os homens?

"Um ser só tem o poder de punir ou absolver - isto é, Deus."

Aquele que observa os dez mandamentos de Deus precisa submeter-se a outros?

"Aquele que observa ao pé da letra os dez mandamentos de Deus pode prescindir do resto."

Jesus Cristo, porém, conferiu à igreja o direito de elaborar mandamentos?

"Jesus Cristo pregou a moral mais sublime; deu conselhos que, se seguidos, não teriam dado origem a todas as calamidades

das quais temos sido, e ainda somos, vítimas; mas os homens perverteram a sua moral, os seus preceitos, as suas ações."

Ele não ensinou a comunhão como ela é praticada; o batismo, conforme é administrado, e todas as outras cerimónias que a igreja pratica em seu nome?

"Há muito pouco dele no que a igreja ensina atualmente."

O evangelho, entretanto, deve ser sagrado a esse respeito?

"O evangelho é como o resto - tudo o que a mão do homem o toca, estraga."

O nascimento de Cristo foi predito, ou não, por profetas?

"Não."

As orações que são dirigidas a Cristo enquanto Deus, ou mediador entre Deus e o homem, são mais aprazíveis a Deus do que por qualquer outro meio?

“Em primeiro lugar, é melhor dirigir-nos a Deus do que aos seus santos; em segundo lugar, tudo o que é dirigido a Cristo em nome de Deus chega a Deus, visto que tudo o que é dirigido a Deus, onde quer que estejamos, é do Seu conhecimento, ele que Se encontra em todos os lugares e em todos."

Deus, então, não tem preferência por nenhuma religião em particular?

"Todas as religiões, sem exceção, são aceitáveis para ele."

Ainda assim, esta diversidade de credos que traz na sua esteira tanta desordem e erro; não deveria existir sob um Deus que deseja tornar conhecida a verdade, não é?

"Preferível seria se você dissesse que outra coisa não deveria existir. Se o homem retirasse tudo o que lhe desagrada na criação, e tudo o que ele não pode explicar, ele encontraria muito poucas coisas úteis; mas Deus pensa o contrário, e nós não podemos ser juízes das suas ações."

Permito-me observar que não sou responsável pela repetição das perguntas que serão encontradas na minha obra sobre este assunto. Foi M. A. quem colocou todas as mencionadas nesta sessão; e deve-se reconhecer que Adèle lhes responde de forma bastante lógica. A definição que ela nos dá sobre a natureza de Cristo e as suas propriedades é irrepreensível. Embora a razão tenha alguma dificuldade em admiti-la, essa explicação justificaria o estado que chamamos de êxtase, no qual ele viveu.

Esta sessão merece a atenção dos estudiosos. M. A. aprecia a poderosa lucidez de Adèle sem aceitar todas as suas definições e considera-a muito coerente nas suas respostas. Faço a este senhor a seguinte observação: se for impossível para a história provar, com documentos em mãos, o período da aparição de Cristo na Terra, ele poderia muito bem ter precedido os supostos profetas que anunciaram a sua vinda, o que daria fundamento à resposta de Adèle sobre este ponto. Mas resta-nos descobrir como um ser material poderia ser gerado sem a participação de outro ser material.

Para abordar o tema, observemos que, se existiu um primeiro homem material, este nasceu sem a assistência da sua espécie, e de forma ainda mais miraculosa do que Cristo, que foi fecundado no ventre de uma mulher, para aí absorver todos os fluidos necessários à formação dos tecidos materiais. Assim, aquilo que Deus fez uma vez, poderia fazê-lo novamente; e aquilo que ainda não fez, pode fazer quando bem entender!

Vimos no primeiro volume, pela explicação dada por Binet sobre o ato da procriação, que quando um Newton, um Voltaire, um Napoleão, ou qualquer outro génio superior, está destinado a aparecer no mundo, Deus encarrega espíritos angélicos da sua introdução nos órgãos da mulher. Estes espíritos eliminam as partículas materiais do germe (que serve de invólucro ao espírito que se encarna), para impedir que perturbem a elevação das ideias e a realização das grandes missões a que esses espíritos estão destinados. Não há uma certa afinidade entre esta definição e a da encarnação de Cristo, cuja missão era muito superior à de Newton, Voltaire ou Napoleão? Cristo estava prestes a tornar-se o intermediário direto entre a palavra de Deus e o coração dos homens, entre o céu e a Terra, vivendo num êxtase contínuo e operando milagres — os quais a matéria tenta alcançar através do magnetismo, mas que nunca poderá reproduzir na sua plenitude e esplendor.

É, portanto, a matéria que nos paralisa nesta propriedade, que encontramos de forma mais perfeita no êxtase magnético, no qual são realizadas curas e prodígios, porque a alma está menos dependente da matéria. Esta é uma propriedade que também consideramos divina, auxiliada pela oração, na qual todos os

homens se tornam ministros diretos de Deus. Assim, reconhecemos naturalmente que:

1. Se não realizamos milagres, é porque a matéria se opõe a isso.
2. Como todos os espíritos foram criados desde toda a eternidade, com as mesmas faculdades e o mesmo número de pensamentos, se não são todos iguais em génio na Terra, a culpa é da matéria.
3. Esta desigualdade manifesta-se desde o berço. Assim, o germe deve ter sido alterado no seu percurso ou pela longa permanência no ser de onde provém. É mais provável que o defeito esteja no germe, pois Binet explica-nos que os espíritos angélicos são encarregados de o purificar no momento da sua introdução.

Se assim for, por que motivo Deus, ao querer formar um homem mais perfeito do que os outros, não poderia depositar diretamente no ventre de uma mulher (de natureza material muito pura) um espírito, sem recorrer à assistência de um segundo ser? Este segundo ser, nestas circunstâncias, desempenha apenas o papel de uma máquina, depositando ali um objeto que recebeu de outro lugar. Já a mulher exerce uma função contrária: ela fornece a este espírito a sua veste material.

Se Deus tivesse dispensado a participação da mulher, teria transgredido as leis que regem a natureza. Não vejo nenhuma transgressão em libertar o espírito desta lei da coabitação, que, como vimos, serve apenas para alterar o germe no depósito impuro onde é obrigado a permanecer, sem qualquer benefício para si próprio. Não vejo nada de mais incrível no nascimento de Cristo do que na criação do primeiro homem. E o que acabo de dizer demonstra a quase possibilidade das afirmações cabalísticas e até das doutrinas católicas! Mas está longe da minha intenção concluir que tal seja o caso.

122. O pastor Rostan, mencionado na sessão anterior, após a conversão do abade A., desejou obter, por sua vez, uma aparição. Pediu por uma pessoa que lhe era desconhecida, cujo nome lhe fora dado, mas houve um erro na transmissão do nome. Assim, apresentou-se uma pessoa cuja descrição foi registada, mas que

não conseguimos identificar; pelo menos, essa é a versão deste senhor, e não imagino que tenha querido enganar-me.

Propus-lhe uma segunda sessão, sobretudo porque insistia em chamar uma pessoa completamente desconhecida para ele, tão influenciado estava pelos argumentos de M. Hebert. Então, pediu à sua empregada doméstica que lhe desse o nome de um dos seus conhecidos falecidos. Voltou com esse nome e pediu por Jeannette Jex.

Adèle respondeu:

“Vejo uma mulher que não é alta; pode ter entre trinta e quarenta anos de idade; se não é corcunda, deve ser bastante curvada, pois tem um porte muito desajeitado. Não consigo fazê-la virar-se. O seu cabelo é castanho, tendendo para o avermelhado; tem olhos pequenos e cinzentos e um nariz grande. Não é bonita; tem o queixo longo, a boca retraída e lábios finos. O seu traje é o de uma camponesa. Vejo-a com uma touca, com duas faixas achatadas arredondadas sobre as orelhas. Deve ter sofrido de uma acumulação de sangue na cabeça e teve problemas de estômago. Vejo um inchaço na parte inferior do corpo, do lado esquerdo, e uma espécie de tumor no peito. Esteve doente por muito tempo.”

M. Rostan apresentou a descrição escrita pela sua criada e devolveu-ma depois de acrescentar a sua assinatura e as seguintes observações:

"Isto é verdadeiro no que respeita à estatura, idade, vestuário, porte, doença e deformidade.
J. J. Rostan."

Este senhor foi ter com M. H., acompanhado por M. A., para lhe dizer que estava convencido e que não podia duvidar da veracidade desta aparição.

M. H. respondeu**:** "Não é desta forma que eu faria uma experiência; a sua criada deu-lhe o nome desta mulher, e sendo sua empregada, bastaria que a clarividente o visse no seu pensamento."

M. A. observou-lhe que a clarividente nunca tinha visto este senhor nem a sua criada; que não tivera qualquer correspondência com ninguém; que nem sequer conseguiu dizer-lhe o nome do pai, quando este lhe foi perguntado pelo falecido irmão. Esse

nome, bem como muitas outras coisas às quais ela não responde, encontram-se, no entanto, no pensamento.

Se um nome pronunciado fosse suficiente para criar uma imagem falante e gesticulante, capaz de responder a perguntas sem solução material, de revelar doenças muitas vezes desconhecidas por todos, de indicar deformidades que ninguém presente alguma vez viu, de dar conselhos e de descobrir coisas ocultas, então, de facto, apresentar-me-ia um problema muito maior do que admitir que a alma pode aparecer a uma clarividente, tal como fazemos aparecer, todos os dias, lugares materiais que estão a grandes distâncias.

Diga-me então como faria para acreditar.

"Eu daria um nome a uma pessoa, que o transmitiria a outras dez, de boca em boca, sendo a última a pedir a aparição."

O que propõe é exatamente a mesma coisa. Não é por esse nome ter passado por dez bocas que a clarividente perderia o rastro dele; e se a pessoa que deu o nome reconhecer a aparição como verdadeira, dirá o que diz de todos os que lhe confessam estar convencidos — dirá que são tolos.

Eu aconselharia este senhor a dizer logo: "Não acredito na existência da alma." Seria mais simples. Como químico, admite a vida da agregação, mas recusa a sua individualidade, pelo motivo de poder separar ou dividir os elementos em milhares de partes e reuni-los numa só essência.

Eu pergunto então à química se, por ser fácil para mim reunir num saco milhões de grãos e separá-los individualmente para formar figuras e números infinitos com a sua ajuda, posso retirar-lhes ou negar-lhes a sua vida individualizada.

Se responder negativamente, senhor químico, condenar-se-á a si próprio. Pois se compromete as formas e essências no vasto laboratório da natureza, não sei como conseguirá manter a procriação de cada espécie pelas leis da afinidade e da atração — esses dois grandes e inteligentes criadores, que sabem tão bem reencontrar-se e unir-se, separar-se e voltar a juntar-se por toda a eternidade, sem nunca se poderem aniquilar.

Ouçam bem! Oh, sábios, querem explicar o possível através do impossível!

Recusam-se a negar uma espécie de inteligência à flor, ao mineral, ao gás, ao éter, e no entanto, querem recusá-la ao homem. E se a admitem, fazem-no apenas momentaneamente, destruindo a inteligência que chamamos de alma, em benefício da massa, quando sabem que essa massa não é mais do que o conjunto de uma infinidade de individualidades.

O quê! Ouço-vos dizer que tal cor ou tonalidade não pode misturar-se com uma cor diferente, que ela virá adornar a pétala de uma flor sem nunca se enganar — que regenerará tal forma sem nunca a alterar.

Esta flor e esta forma restituirão ao espaço as partículas das quais eram apenas uma agregação. Estas partículas nunca poderão ser aniquiladas e nunca poderão reorganizar-se para criar outras formas.

Assim, a violeta será sempre violeta; a rosa será sempre rosa, no mesmo canto da Terra, no mesmo vaso; as moléculas e o aroma que compõem essas flores permanecerão individualizados por toda a eternidade. Então, por que motivo a minha alma não poderia comunicar-se com a sua espécie, tal como esta flor comunica com as cores invisíveis que a embelezam?

O quê! Essa lei de atração e de individualidade universal de todas as partículas da criação existe para tudo, exceto para mim?!

Oh, senhores químicos! Vocês confundem fleuma com espírito, corrupção com substância. Larguem, por um instante, as vossas destilações e vossos frascos. Elevem os olhos ao céu, coloquem a mão sobre o coração e rezem ao grande Destilador da vida e da luz para vos iluminar nesta questão. Meditem sobre os fenómenos do sonambulismo e deixarão de acreditar que são apenas meros torrões de terra, sem vida e sem esperança!

Ainda assim, agradeço-vos pela gentileza de nos concederdes tal álbum de imagens, indeléveis e cheias de vida. No nosso primeiro volume, aventámos a hipótese de que deveríamos ter dentro de nós uma espécie de panorama vivo de tudo o que vimos ou conhecemos ao longo da nossa existência. E agora vocês mesmos admitem uma proposição que à primeira vista vos parecia tão incrível.

Pois bem! Eu sou mais generoso do que vocês: concedo-vos que uma clarividente possa ver esta impressão de imagens vivas,

ou pelo menos que pareçam vivas. Mas pergunto-vos: como pode alguém possuir a impressão de imagens de coisas que nunca viu ou ouviu falar?

Vocês dirão que é por meio de um fio simpático que, de corpo em corpo, a clarividente comunica-se com o objeto. Na próxima sessão, verão que estão errados; pois a pessoa que aparecerá morreu em 1578. Nenhum ser vivo a conheceu, destruindo, assim, essa hipótese.

123. O Sr. Lemoine, magnelizador, deseja entrar em comunicação (por meio de Adèle) com um espírito que costumava dedicar-se a actividades astronómicas. Ele implora-me que pergunte pelo Sr. Antoine Mizaud, autor de várias obras que versam sobre essa ciência e que morreu em 1578. Adèle diz que percebe um homem com cerca de setenta e cinco anos de idade. Tem cabelo grisalho. Veste um casaco marrom-escuro que desce até as pernas, com punhos de veludo preto nas mangas; botões grandes; calças brancas feitas de material listrado conforme costume da época; meias brancas com nervuras, sapatos de pontas afiadas com fivelas; bom semblante amplo; olhos vazios e pequenos; nariz grande, testa baixa, rosto enrugado, embora bem cheio; ar alegre, & c, & c.

Pergunte se ele ainda estuda astronomia e meteorologia.

"É a sua paixão predominante."

Ele pode dar-me alguma informação de cabeça?

"Depende."

Ele acredita que é possível antever e prever as mudanças do clima, e a influência que exerce sobre a terra e as colheitas?

"Pode ser: mas na terra ele não havia chegado ao grau de conhecimento necessário a tais resultados."

Ele poderia responder a algumas perguntas que o Sr. Lemoine gostaria de lhe fazer sobre esse assunto?

"Ele responderá ao que Deus permitir, por existirem limites."

Ele poderia dizer se existem espíritos elementares?

"Todos os elementos são penetrados por espíritos - são apenas um composto de espíritos."

Não é isso que desejo saber; os cabalistas pretendem que esses elementos são habitados por espíritos portadores de forma

humana, aos quais chamam de espíritos elementares, e que se unem aos homens segundo o desejo destes.

"Este senhor diz-me que tudo o que existe materialmente, existe espiritualmente. Assim, no céu se encontram o ar, o fogo, a terra e a água, como aqui em baixo; os espíritos desvinculados da matéria que desejam habitar os elementos podem fazê-lo de acordo com sua afeição. Ele não conhece outros espíritos senão estes na forma humana. Ele não se ocupa da cabala."

Você é um dos espíritos mais antigos que habitam o mundo espiritual que até agora chamamos; você percebeu esse período de tempo e acha que há espíritos que reaparecem na terra?

Este cavalheiro desata na gargalhada e responde que, onde se está confortável, não há desejo de mudar de aposento; que ele não teve tempo para se cansar, e que vimos apenas uma vez à terra. Uma vez no céu, ficamos lá para a eternidade, & c, & c. Rogo às pessoas que possam estar habilitadas a assegurar-se da exatidão da descrição feita por Adèle, que o façam por si próprias. Esta aparição, por si só, destrói a objeção da comunicação de pensamentos.

124. O General De Wagner, prussiano e magnetizador erudito, deseja a aparição de Marie-Hélène Wagner, sua esposa e melhor sonâmbula, que faleceu há alguns anos.

Adèle diz que percebe uma mulher entre os quarenta e seis e os cinquenta anos de idade, de estatura mediana, com cabelo ruivo, olhos azul-escuros (este senhor afirma que eram azul-claros); um olhar muito expressivo e vivo; uma testa bonita e lisa, como a de uma mulher de trinta anos; nariz bem formado, mas um pouco grande; um ligeiro rubor nas faces, proveniente da sua doença; tez pálida; queixo com covinha; peito magro, mas desenvolvido; ombros largos; mãos pequenas e bem formadas; unhas bonitas.

O estado do seu sangue foi a principal causa da sua doença; sofreu de palpitações violentas do coração (tinha um aneurisma); o seu estômago também era fraco.

Deve ter sentido um grande mal-estar na parte inferior do corpo; um peso na matriz, cujos ligamentos estavam relaxados de um lado e contraídos do outro; deve ter sofrido de pontadas no lado esquerdo; o sangue subia-lhe à garganta e à cabeça; teve,

certamente, desmaios e síncopes. Era fraca das pernas, pois vejo-a sentada; também sentia cansaço nos braços. Sem dúvida, era uma mulher bondosa, franca e, acima de tudo, dotada de grande coragem; mais inclinada a ter compaixão pelos outros do que por si mesma.”

O general inscreve estas palavras no final do testemunho:

"Muito exato."
General De Wagner,
39, Rue de Grenelle, Saint-Germain."

M. Gilot L'Etang, um rico proprietário da ilha de Bourbon e também magnetizador, que acompanhava o seu amigo, o general, pede, por sua vez, a aparição de Françoise Grayelle.

Adèle diz: "Vejo uma mulher mais velha do que a última, com cabelo grisalho (era branco), de estatura mediana (passava por alta); é magra e tem olhos negros, que parecem fundos devido à magreza do rosto; nariz bastante comprido, queixo longo, mãos finas, costas um pouco arqueadas."

"Seguramente, era propensa a acessos de cólera, mas que passavam rapidamente; os seus gestos ainda são vivos. Sofreu do peito e tinha uma tosse seca; deve ter estado muito oprimida nos seus últimos momentos; tinha grande dificuldade em digerir o que comia; sofria de dores nas costas, que se estendiam até ao pescoço; também sentia dores na perna direita. Era uma mulher muito religiosa, e isso ajudou-a a suportar os seus sofrimentos com calma. Também era uma boa pessoa, mas não muito comunicativa fora do seu círculo de amigos. A sua fisionomia exprime um ar de abatimento acentuado."

"De onde vinha a dor de que falas?"

"De uma queda."

— Isto é verdade; deslocou a anca e sofreu muito com esse acidente.

"Ela tomava rapé?"

Adèle imediatamente imita o gesto de tomar uma pitada de rapé, como se lhe tivesse sido oferecido por esta senhora.

O cavalheiro confirma que esta senhora, sua avó, apenas inalava o cheiro do rapé.

"De que frutos gostava mais?"

"Pêssegos, morangos e marmelos."

— Isso é absolutamente verdadeiro.

"Que odor preferia sentir?"

"O jasmim."

— É verdade, ela tinha um junto à sua janela, que cuidava com zelo e prazer. Mas havia outro cheiro de que também gostava?

A senhora não responde.

O cavalheiro afirma que era o cheiro do limão, que ela raspava constantemente durante a sua doença.

Adèle exclama quando lhe faço esta pergunta:

"Na verdade, vi-a com uma laranja na mão, e não um limão."

O cavalheiro responde:

"Talvez agora prefira o cheiro da laranja. Poderia perguntar-lhe se tem alguma recomendação a fazer ao seu neto?"

"Que tenha moderação numa empresa na qual está prestes a envolver-se e que se abstenha de obrigar um senhor que o solicita ou o solicitará."

Este cavalheiro assina assim a sessão:

"Tudo está conforme à verdade."
Gilot L'Etang,
Quai de la Tournelle, 43."

Esqueci-me de mencionar que, na sessão do General Wagner, ele pediu à sua esposa (que, como vimos, era uma ex-sonâmbula) que o visitasse e lhe indicasse alguns remédios para a sua saúde. O que ela lhe prescreveu foi precisamente o que ele já estava a tomar e o que ela mesma lhe havia recomendado quando ainda estava viva.

Adèle, neste momento, pareceu muito surpreendida e exclamou:

"Eis um facto curioso. Vejo esta mulher, de estatura mediana, a entrar gradualmente no corpo do seu marido! Perco-a de vista, volto a encontrá-la, e depois volto a perdê-la. Como pode ser — se ela me parece do mesmo tamanho que ele — que se possa dissolver, por assim dizer, no seu peito, e em ainda menos espaço? Meu Deus, quão grande és Tu, e quão insignificantes somos nós para compreender tais milagres!"

Não temos tempo para discutir aqui estes fenómenos, que a teologia tratou de maneira notável em tempos passados, e cujas

soluções que nos foram dadas a esse respeito não foram aceites, por falta de provas. O magnetismo está destinado a fornecê-las e a reavivar muitas crenças que foram consideradas absurdas. Trataremos deste tema numa obra que servirá como sequência e complemento desta.

Devo observar que, nas duas sessões anteriores, há material suficiente para confundir os detratores destas aparições. Que se releiam, que se meditem sobre elas, e a conclusão a que se chegará será que a comunicação do pensamento aqui nada representa, a julgar pelos poucos erros que não deveriam existir nelas. Fiz questão de mencioná-los com exatidão, para que a minha consciência esteja livre de qualquer acusação de parcialidade e para provar aos homens que procuro a verdade com toda a força da minha alma, e que combaterei o erro com igual dedicação.

125. O coronel Roger, depois de ler o *Secrets* e de notar nele um artigo relativo ao filho de Luís XVI, pede-me que chame o próprio monarca, que poderia dar-me melhores informações sobre este assunto do que M. Mallet.

Adèle diz que vê um jovem corpulento, de fisionomia bonita; mas observa que, tendo visto o seu retrato, só pode dar uma descrição que todos já conhecem. Apenas acrescenta que o vê com um casaco sem qualquer condecoração; usa uma gravata branca e a sua mão parece-lhe pequena e bem feita.

"Pergunte-lhe se o seu filho ainda vive na Terra?"

Ele responde: "Sim."

"Sabe onde ele está?"

"Sabe, mas não quer dizer. Acrescenta: 'Com a vossa república, se o encontrassem, guilhotiná-lo-iam!'"

"Diga-lhe que sob a nossa república ninguém é guilhotinado."

"'Oh!' — diz ele — 'Não quero dizer-vos; ele já sofreu o suficiente, o pobre menino!' Ele chora," diz Adèle; e ela própria partilha da sua emoção.

"Como conseguiu escapar do Templo?"

"Com a ajuda de um homem inteiramente devotado a ele, e que também sofreu muito."

"Quem era esse homem?"

"Não quer nomeá-lo; tem sempre receio de comprometer alguém."

"O seu filho será um dia chamado a reinar sobre a França?"

Ele responde: "Não; já há pretendentes suficientes sem ele."

"Pode dizer-nos mais alguma coisa sobre ele?"

"Não."

"Ele próprio é feliz?"

"Sim."

"Está com a sua esposa?"

"Não; agora conhece-a demasiado bem."

"Sofreu muito ao morrer?"

"Não sofreu um único instante; já não estava consciente antes mesmo que o instrumento o atingisse!"

"Ainda assim, demonstrou muita coragem; até quis falar?"

"Sim; mas desmaiou no cadafalso e não sentiu nada."

"O que queria dizer quando lhe proibiram de falar?"

"Queria fazer a sua confissão ao povo, pois era um homem muito bom; não era de forma alguma culpado — foi vítima de intrigantes."

"Ele continua a chorar. Não farei mais perguntas. Percebo que estou a trazer-lhe recordações dolorosas. Seria errado continuar."

Cópia desta sessão entregue ao coronel Roger, em 7 de maio de 1848.

126. O visconde D'Orsay, presidente da Sociedade Magnetológica, um magnetizador esclarecido, sem duvidar da vida futura da alma, mas desejando saber até que ponto uma clarividente poderia comunicar-se com ela, pediu-me que lhe concedesse uma sessão de aparição no dia 11 de maio de 1848.

Ele deseja que seja chamada Madame Marie Rose Blanche Boulenger. Adèle diz que percebe uma mulher alta, com cerca de quarenta anos (tinha apenas trinta e cinco), cabelo castanho-avermelhado, testa bonita, olhos pretos grandes com longas pestanas e uma expressão doce, nariz aquilino e bem formado, faces ligeiramente rosadas, boca pequena, pele bela e branca, ar muito distinto, porte altivo; olhar doce, afável, mas severo em certas circunstâncias; mão pequena e bem formada, com unhas belas. Devia ter sofrido do coração e também experimentado uma

sensação de peso na parte inferior do corpo; era muito corajosa e não cuidava suficientemente da sua saúde. Creio que morreu de uma úlcera no útero.

O senhor D'Orsay coloca as seguintes perguntas: "Ela é feliz?"

"Ela é feliz como todas as mulheres virtuosas."

"Pensa nos seus filhos e interessa-se por eles?"

"Gostava muito dos seus filhos e deixou-os com pesar, especialmente o mais novo, que ainda era de tenra idade."

"Está satisfeita com todos eles?"

"Sim, exceto um, cujo nome não quer mencionar; diz que o seu filho conhece bem esse senhor."

"Está reunida ao seu marido?"

"Ou melhor, o seu marido é que se reuniu a ela, pois morreu depois dela; estão juntos porque se amavam muito. A doença desta senhora deve tê-la obrigado a sentar-se muito, pois vejo-a sentada numa poltrona coberta de veludo escarlate. Vejo ao seu lado um menino de quatro a cinco anos, com cabelos louros encaracolados; gostava muito de crianças e diz-me que este menino morreu antes dela; chamava-se Edward; viste-o algumas vezes em sua casa com a mãe."

Diante da resposta de D'Orsay de que não se recorda desta criança, dizem-lhe que se recordará.

O senhor D'Orsay assina assim o testemunho:

"Certifico que os detalhes acima estão perfeitamente corretos e que fiquei profundamente surpreendido, assim como encantado, por reencontrar nesta descrição todas as lembranças que guardo de minha mãe, que faleceu há trinta e três anos."

"Visconde D'Orsay, Cité Véron, Montmartre."

Nesta sessão, aparece diante desta senhora uma criança que morreu há mais de trinta e três anos, e esta criança ainda agora não parece ter mais do que quatro ou cinco anos de idade. Já vimos antes que as crianças que morrem nessa idade continuam a crescer, uma lei à qual, segundo alguns, esta parece não estar sujeita, se não tivéssemos uma declaração do mesmo género, dizendo-nos que crianças que morrem nesta idade aparecem umas às outras como homens adultos, e que estes últimos as veem como crianças apenas devido ao seu afeto, que é gostar de crianças.

A lei que prevalece sobre todas as leis do mundo espiritual parece ser esta: tudo o que nos rodeia está em conformidade com o nosso afeto. Assim, se esta senhora se sente feliz ao ver esta criança num tempo que, para nós, equivale a mil anos, ela sempre a verá com essa idade, pois uma idade mais avançada, exigindo uma forma mais desenvolvida, lhe agradaria menos. Perguntar-se-á se, de facto, a criança é adulta ou não.

Respondo: ela tem a forma e o tamanho de todos os espíritos, mas o espírito que vê esta senhora percebe apenas as faculdades e as aparências das propriedades que a criança tinha nessa idade, propriedades que podem ser destacadas dela infinitamente e podem satisfazer uma multidão inteira, sem que nada seja retirado da sua individualidade pessoal, tal como a chama de uma vela não se reduz por ter comunicado cem ou mil partículas da sua chama a cem ou mil outras velas.

Basta meditarmos para chegarmos a uma conclusão; ao combater, não chegamos a nenhuma!

O senhor Blesson, um propagador fervoroso das crenças no espiritualismo, como um magnetizador puro e benéfico, trouxe à minha casa um amigo a quem elogiara a lucidez de Adèle para perceber e conversar com os habitantes da outra vida, como vulgarmente se diz. Este senhor pediu para falar com sua mãe.

Adèle vê uma mulher de estatura mediana, com cerca de sessenta anos (o senhor observa que sua mãe tinha apenas quarenta e quatro quando morreu). Faço essa observação a Adèle, que responde:

"Possivelmente; mas, no estado em que me aparece, eu diria que tem essa idade. Estou certa de que é a mãe deste senhor. Sem dúvida a sua doença a consumiu muito."

O senhor concorda que isso pode ser verdade. Adèle continua:

"Vejo que tem cabelo claro, quase grisalho; testa mais proeminente do que plana; olhos grandes e muito escuros, mas não pretos; nariz um pouco afilado; rosto muito magro. Esta mulher era muito doce e bondosa, de espírito vivo, mas boa e franca. Tem a mão muito fina, quase esquelética. Respira com dificuldade. Muitas vezes deve ter sido obrigada a desapertar o vestido, que vejo aberto na frente; sofreu principalmente de uma

doença do coração. O seu peito também estava afetado. Ah! Vejo uma mancha no pescoço."

O filho quer saber se ela é feliz. Ela responde:

"Sim, mas serei ainda mais quando o meu marido se reunir a mim." Acrescenta que o amava muito.

O filho deseja ainda fazer-lhe as seguintes perguntas:

"Tem algo a anunciar-me para o meu bem? Alguma desgraça me ameaça?"

"Não," responde ela, "o meu filho é tão feliz quanto se pode desejar na Terra; mas recomendo-lhe fortemente que seja muito prudente, ou algum infortúnio poderá acontecer-lhe."

"Ela vê a filha que morreu? Estão no mesmo círculo?"

"Não; não tinham muita afinidade entre si em vida, por isso ela apenas a vê ocasionalmente."

"Ela vê o seu filho Auguste com mais frequência? Ele também morreu?"

"Sim, raramente se separa dela. Ela gostava muito dele."

"Tem algo a dizer ao seu filho Adolphe, que ainda está na Terra?"

"Ele não tem uma posição fixa. Não estará isento de dificuldades, mas acabará por ser muito feliz."

"E quanto ao seu outro filho, Victor, o que pensa dele?"

"Ele não estaria na sua situação atual se tivesse continuado com o que começara, mas terá sucesso, Deus protege-o."

Esta senhora, antes de desaparecer, recomenda ao seu filho presente que cuide bem de si. O senhor reconhece assim a exatidão dos detalhes acima mencionados:

"Certifico que todas as informações fornecidas pela sonâmbula são muito exatas e conformes à verdade.

"C. Witt,
"Paris, 22 de maio de 1848."

Permitam-me uma observação sobre o erro notável que Adèle cometeu na estimativa da idade desta senhora, segundo o seu filho. Se Adèle não fosse sincera, teria ajustado a sua avaliação, mas, pelo contrário, responde que tenderia mais a acreditar que a senhora teria mais de sessenta anos do que menos. A esposa deste senhor, que estava presente na sessão, observa que os grandes sofrimentos que esta pessoa suportou podem tê-la feito parecer

muito mais velha e que o filho não pode julgar isso, visto que não a via há muito tempo antes de sua morte. Esta simples observação destrói qualquer ideia de comunicação de pensamentos. O resto é perfeitamente exato. As respostas desta senhora sobre a posição dos seus filhos, ainda vivos, provam que ela não está tão separada deles como se poderia supor.

Na mesma sessão, o senhor Blesson deseja a aparição do seu avô. Adèle diz que percebe um homem com cerca de setenta anos. Um homem corpulento, de cabelos grisalhos, testa muito aberta, o topo da cabeça calvo, olhos nem grandes nem pequenos.

A propósito, tem um nariz grande, bem formado, mas bastante proeminente; o lábio inferior cai ligeiramente sobre o superior, o que dá à sua boca a aparência de se projetar em vez de se retrair, como é habitual nessa idade; tem um ar muito agradável. Está muito ereto e ainda parece bastante ágil; morreu devido a uma congestão sanguínea na garganta. Certamente gostava muito de caminhar, pois agora isso é o seu maior prazer. Tinha grande afeição por M. Blesson e muitas vezes o embalou nos joelhos.

Recomenda-lhe que não se atormente, pois tudo correrá melhor do que pensa; reza a Deus por ele. Diz que é muito feliz. Certamente devia ter o hábito de apertar fortemente as mãos, pois estende-me a sua, dizendo que tem assuntos a tratar.

Ainda pensa na sua filha, por quem tinha grande carinho e que foi muito boa para ele. Recomenda novamente ao seu neto que fique tranquilo, pois tudo correrá bem.

"Reconheço que os detalhes acima são rigorosamente verdadeiros em todos os aspetos."

Blesson,
"Empreiteiro de Pinturas, 36, Rue aux Ours, Paris."

Nota: O senhor Witt veio ter comigo no dia seguinte a esta sessão para me dizer que questionara uma pessoa que cuidou de sua mãe durante a sua última doença, e esta confirmou que todos os detalhes eram exatos, especialmente aqueles sobre desapertar o vestido na frente, pois ela não suportava qualquer pressão no peito. O senhor Witt não via sua mãe há oito anos antes da sua morte e não poderia ter conhecimento desse detalhe, o que invalida a hipótese de comunicação de pensamentos.

Madame C. pede por Madame S. B. Adèle diz que percebe uma senhora idosa, de cabelos grisalhos, testa saliente, sobrancelhas bastante espessas, olhos grandes e bonitos, nariz comum, boca bem feita, mais pequena do que grande, queixo bem formado, uma fisionomia bem delineada, ligeira coloração rosada nas maçãs do rosto, mãos pequenas e bem feitas, estatura mediana e, no geral, uma mulher de aparência muito distinta. Era animada e bondosa, de espírito aberto, falava livremente o que pensava e logo depois se arrependia. Sofreu do estômago e de palpitações do coração; teve dores reumáticas e padeceu de melancolia.

Ficou doente por muito tempo e suportou a sua enfermidade com coragem, sem nunca revelar a extensão total do seu sofrimento, encontrando consolo na religião, mas numa religião do coração. Deve também ter sentido um peso na parte inferior do abdómen. Creio que morreu de asfixia, provavelmente consequência de um resfriado mal curado. Vejo que os seus pulmões estavam obstruídos, o que causou a sua dificuldade em respirar, especialmente no momento da morte; a sua agonia foi muito longa.

Apesar dos seus grandes sofrimentos, tem um ar de doçura espalhado pelo rosto. É um anjo que deixou a Terra, lamentando apenas aqueles que ficaram para trás. Pelas suas virtudes, não teve medo da morte; diz-me que é sua mãe. Deve ter tido um filho a quem amava tanto quanto a si. Está feliz e deseja informá-la de que já passou pelas provações que não se repetirão. Recomenda-lhe que cuide bem do seu marido, dizendo que ele é um homem digno e merece toda a sua atenção. Acrescenta que, embora sua posição na Terra fosse feliz, não foi suficiente para impedi-la de se atormentar muito, e que só encontrou a verdadeira felicidade ao entrar no mundo dos espíritos.

"Reconheço que todos os detalhes acima são muito exatos."

C. C. Madame C. deseja perguntar por M. F. C. Adèle percebe um homem menos idoso do que a senhora que acabou de aparecer, com cabelos pretos misturados com grisalho, um homem alto e elegante, testa aberta, olhos de tamanho médio, sobrancelhas espessas e ligeiramente salientes, nariz comum, mas bastante grande, boca de tamanho médio, queixo redondo, formando uma concavidade sob o lábio inferior, fisionomia

agradável, pescoço curto, peito largo, ombros um pouco robustos, barriga arredondada, porte viril. Devia ter tido algum problema na perna direita; aparentemente morreu de apoplexia. Não encontro nenhuma doença, apenas vejo o sangue a afluir violentamente ao coração, o que talvez tenha sido interpretado como um aneurisma. Foi mal tratado, pois só precisava de um sangue mais purificado – nada mais. Tinha uma constituição robusta. Sem dúvida, era corajoso, delicado e leal; há poucos como ele. Está feliz e até abençoa o médico que não compreendeu corretamente a sua doença. Não teria cometido uma ação vil nem para salvar a própria vida; contudo, não foi infeliz na Terra.

Vê a sua família, mas não está sempre com eles, pois gostava de caminhar e ainda gosta. Pensa constantemente nos que deixou para trás e continua a amá-los, exceto um amigo que lhe causou grande desgosto apesar de todo o bem que lhe fez.

"Reconheço que os detalhes acima são muito exatos, deixando à clarividente a responsabilidade da sua opinião quanto à doença deste senhor, que realmente faleceu subitamente e foi tratado pelo médico como tendo um aneurisma."

C. C.

"28 de maio de 1848."

Esta senhora deseja, por motivos familiares, ocultar o seu nome, mas não tem objeção em assinar o testemunho e fornecer a sua morada para ser utilizada, se necessário.

O senhor Petiet pede por M. Jérôme Petiet. Adèle vê um jovem com cerca de vinte e quatro a vinte e seis anos (tinha trinta), não tão alto quanto o seu irmão, que está presente. Cabelos castanho-avermelhados, ligeiramente compridos, testa aberta, sobrancelhas arqueadas, olhos pretos e um pouco encovados, nariz um pouco longo e bem formado, tez rosada, pele muito branca e delicada, boca de tamanho médio, queixo arredondado com covinha. Era frágil do peito; teria sido forte se não fosse isso. Usa um colete cinzento grande, com botões de estilo antigo, quase nunca vistos hoje. Não creio que sejam de latão, nem do mesmo tecido do colete. Não parecem muito brilhantes; as calças são escuras e usa sapatos baixos sem elevação no peito do pé. Este homem tinha um temperamento teimoso, egoísta, sem sensibilidade, olhar sombrio, pouco comunicativo, sem franqueza

e com pouca afeição por alguém. A sua morte foi natural, embora súbita; sofreu asfixia.

M. Petiet confirma a exatidão desses detalhes, o que reforça a sua crença de que a aplicação de um emplastro, recomendado por um leigo em medicina, precipitou a morte do seu irmão.

"Assino o testemunho como muito exato."

Petiet,
"19, Rue Neuve-Coquenard."

Nota — Os botões que Adèle não conseguiu definir eram de metal, de fundo branco sujo, rodeados por um círculo azul. Nesta aparição, ocorre um fenómeno bastante extraordinário: Adèle experimentou o mesmo tipo de doença que este homem. Fui obrigado a libertá-la por meio de passes; sofreu horrivelmente. Que resposta podemos dar a tais factos, senão que o passado, o presente e o futuro são apenas condições de existência com a matéria, uma sucessão de estados diferentes, que, num estado particular, estão sempre representados no presente, o que confirmaria, para esse estado, a crença numa criação sem princípio nem fim, ou seja, uma criação atual e momentânea. Não se detenham a observar o que precede ou o que segue a criação; o estado que ela representa para vós é tudo o que existe. Perguntar-me-ão se este homem sofreu no momento em que Adèle parecia sofrer.

Respondo que não. Ele está no mundo das causas, onde reina a harmonia. Se Adèle estivesse totalmente liberta do seu corpo material, este não teria sofrido. É apenas a visão do estado do corpo material deste homem no momento em que sofreu que desperta em Adèle efeitos simpáticos nas moléculas materiais e produz este sofrimento, cuja impressão permaneceu no corpo espiritual deste homem.

Já dissemos que é possível que uma clarividente perceba um ser falecido em qualquer idade da sua vida, assim como com qualquer vestuário que tenha usado em diferentes períodos. O mesmo deve aplicar-se a todas as feridas externas e doenças internas: nada se apaga; são tantas as impressões deixadas, talvez para recordar ao indivíduo que as possui o que sofreu ou fez em determinada idade, facilitando nele a comparação entre o seu estado atual e o anterior, o que deve ser para ele uma fonte de

felicidade, pois a sua posição presente é sempre preferível, e aquela a que aspira, sendo uma progressão eterna, deve superar todas as demais.

Assim, quantas pessoas na Terra sentem-se mal à vista de uma ferida ou ao ver sangue derramado; quantos efeitos simpáticos são comunicados através de manifestações nervosas, como bocejos, risos, choro, epilepsia, convulsões; quantas pessoas não conseguem acompanhar a respiração ou a dicção de outra pessoa sem se sentirem sufocadas, etc. Uma vez notei em Adèle um fenómeno desta natureza que me parece impossível de explicar. Ela foi consultada por uma pessoa asmática e foi tomada por crises de asma simpáticas, expelindo, em poucos segundos, grandes quantidades de muco espesso de um tom amarelado-esverdeado, com o mesmo esforço e na mesma frequência do paciente. O seu lenço ficou cheio dessas substâncias espessas em poucos minutos. Adèle nunca cospe; e, habitualmente, percebe as doenças dos doentes mais do que as sente, embora possua ambas as capacidades ao mesmo tempo. Deixo à medicina a explicação deste fenómeno, assim como deixarei muitos outros à psicologia e à física.

130. Solicito a presença do meu pai que faleceu há dois meses. Adèle vê-o como ela o conheceu na terra. Dirigi-lhe as seguintes perguntas:

Ora bem! Você que tanto receava a morte, está satisfeito por estar morto?

“Que morto! Quem lhe disse que eu estou morto?”

Ele apalpa-se e exclama:

“Caramba! Estou tão vivo quanto tu.”

Mas você deixou a terra, não?

“Caramba! É verdade. Eu não pensei nisso.”

Você está reunido com a minha mãe? Você viu-a.

“Sim, estou com ela. O magnetismo fez-me bem, foi ele que me tirou disto.”

O quê! Tirou-o disto? Então você não acha que não está mais entre nós?

"Não mais entre vós, onde estou, então?"

No mundo espiritual.

“Caramba! É verdade: mas nem sempre vou. . . .”

Apalpa a barriga e diz a Adèle:

“Algo precisa ser feito em relação a isto.”

Esta última responde:

No lugar onde você está não há necessidades dessas.

"Como sou estúpido; é verdade. Tenho certa dificuldade em me habituar; Eu sempre imagino que estou na terra.”

O que você acha do conteúdo do livro que o seu filho publicou sobre o mundo espiritual, e que ele teve o prazer de lhe comunicar para o consolar e lhe dar esperança quanto a um mundo melhor?

“Que livro, diga lá? Está bem; já me recordo: é a verdade. Quando é que ele me vem ver?”

Você sabe que ele ainda está na terra e não pode ir até si antes do seu tempo.

“É verdade, eu não pensei nisso. E você, por favor, já vai embora?”

Eu não vou embora; antes pelo contrário, fui eu que o chamei aqui. Diga-me, como é que passa o seu tempo?

“Admiro tudo o que vejo; tudo isso é tão surpreendente que dificilmente se poderá acreditar; às vezes eu vejo-me ainda no meu próprio quarto; depois sinto e vejo que não estou mais na terra; é o suficiente para levar qualquer um a perder o juízo. No entanto, não sofro mais e sinto-me muito feliz.”

Adèle interrompe o discurso para me dirigir a observação de que o meu pai está nesse estado há muito pouco tempo para poder dar uma boa explicação.

O meu pai estava com oitenta anos de idade quando faleceu. Ex-capitão do serviço mercante, habituado a uma vida ativa, e tendo vivido sessenta anos com marinheiros, por quem era geralmente estimado, ele havia preservado na sua conversa alguns termos não usados entre pessoas instruídas. Adèle diz que os ouviu. O que não menos surpreenderá aqueles que lerem essas curiosas observações é a aparente dúvida, a incerteza que ele preserva quanto ao seu estado atual; por vezes ele o confunde com o estado terreno, e esta sessão, por mais estranho que possa parecer, confirma plenamente as afirmações que Swedenborg fez a esse respeito, no seu “Tratado sobre o Céu e o Inferno,” onde diz:

“Muitos espíritos na posse de fortes laços de afetos terrenos não conseguem, ao chegar ao mundo espiritual, acreditar que deixaram a terra; muitas vezes permanecem muito tempo nessa incerteza.”

E é isso que sucede ao meu pai nesta ocasião. Ah homens! Estudem esta ciência e não rejeitem as obras de um grande profeta extático, um pensador profundo, como um amontoado de devaneios ou alucinações sem valor para a ciência e de modo algum conducentes à felicidade da humanidade. Passaremos a outra aparição de tipo semelhante à última, que apresenta de outra forma as mesmas soluções.

131. O Sr. Blouet, conhecedor da especialidade de Adèle por experiências que lhe havia solicitado e verificadas por outros clarividentes (na qualidade de magnetizador), veio um dia comunicar-me uma ideia que acabava de lhe vir à cabeça, e de que o seguinte é um resumo:

Um dos seus amigos possuía uma casa em Beauvais, na qual morava uma mulher que tinha, dizia-se, cinquenta francos por dia para gastar. Essa mulher, conforme reza o conto, não gastou esse dinheiro, mas todos os dias pagou por dois luíses (moeda) que ela teve o cuidado de obter junto de um cambista. Ela morreu há quarenta anos. Este senhor comprou a casa em que ela morara, saqueou-a e não encontrou nada. Vendeu o imóvel a terceiro, reservando-se o direito de fazer, a qualquer momento, pesquisas nessa casa, garantindo, no entanto, custear todas as despesas, reparar os danos provocados ao imóvel e recompensar o proprietário com uma parte igual do tesouro.

Este senhor havia contado a sua história ao Sr. Blouet, quando este teve a ideia de perguntar pela dita falecida e tentar obter informações sobre o assunto. Ele perguntou ao amigo o nome dela, eu magnetizei Adèle, e nós solicitamos a presença dessa pessoa. Adèle viu uma mulher alta e magra, com cerca de sessenta anos, cabelos grisalhos, nariz grande, ar atento, elegante no falar, avarenta, vulgar e maníaca. Ela estava na cama por sobre a loja, disse Adèle.

“Vejo uma grande chave enferrujada na sua mão; Percebo que ela teme que o seu ouro seja descoberto. Eu pergunto-lhe onde ela o escondeu? Ela responde que não guardou nenhum. Ela

deve ter tido problemas com a asma. Ela disse-me que tivera três porões."

Adèle tenta levar a mulher falar de maneira mais direta; ela não consegue, e nos implora que lhe perguntemos se a descrição que ela acabou de fazer era exata; isso a encorajaria a perguntar à mulher uma segunda vez. O Sr. Blouet, não tendo conhecimento dessa pessoa, levou consigo a descrição escrita para enviá-la ao amigo.

Segunda Sessão. — Voltamos a solicitar a presença da mulher do tesouro, embora ainda não saibamos se foi realmente ela quem se apresentou, por não dispormos de informações seguras sobre essa questão. Adèle vê-a e diz-nos:

"Esta mulher preservou a afeição terrena que tinha – o prazer do ouro; a avareza não a abandonou, terei um trabalho árduo para conseguir alguma coisa dela."

Tente levá-la a entender, disse eu, *que o ouro material dela não tem mais utilidade para ela, e ela pode ter tanto quanto quiser, espiritualmente.*

"Ela responde," disse Adèle, "que está bem ciente disso. Mas quando ela retornar à terra, como viverá ela?"

Ela pensa, então, em retornar à terra?

"Sim, ela é a primeira pessoa que ouço fazer tal observação; ela não deixou a terra, normalmente está no seu porão, que é o lugar onde eu a vejo, e onde suponho que ela tenha escondido o seu tesouro; ela disse, há um instante, como há de viver quando voltar à terra, e agora diz-me que não ganhava nem uns tostões por dia.

Ocorre então entre Adèle e essa mulher uma disputa contraditória, na qual a primeira tenta enredá-la a fim de conseguir arrancar-lhe o segredo, mas os esforços da clarividente mostram-se infrutíferos. Adèle diz-me:

"Esse dinheiro certamente deve estar enterrado no fundo do porão mais baixo, ao pé do muro; deve haver nesse local uma caixa de madeira, debaixo de uma grande pedra. Coloque-me em correspondência com alguém que tenha residido na casa, e verei melhor por mim mesma; é inútil tentar obter qualquer informação dessa mulher, não vou falar mais com ela; ela não dá ouvidos a

nada, e deseja ocultar de mim os seus pensamentos e trata-me como uma ladra."

Faço a observação a Adèle que muitas vezes ela viu lugares à distância sem os conhecer; que ela procure, do mesmo modo, tentar descobrir essa casa e esses porões. Ela responde:

"Não digo que seja impossível; mas nunca me aconteceu ver lugares sem estar em comunicação com pessoas que conheçam alguém que tenha morado nesses lugares; então, quando a pessoa que está em comunicação comigo deseja tornar percetível para mim outra pessoa, cujo local de residência, que ela ignore, suponho eu, acho que eu obtenho um ponto de partida e um objetivo. Desejo que o fluido da pessoa à distância venha e se junte ao da pessoa cuja mão tenho na minha; opera-se um efeito de atração, que une os dois fluidos que antes se tocavam, e assim obtenho um condutor que me dirige; mas com esta mulher não há nada que se assemelhe a isso, que não mais pertence à terra."

Adèle parece muito cansada, e eu acordo-a.

Adèle parece muito cansada e desperto-a.

Na terceira sessão, M. Blouet relatou esta nova sessão ao seu amigo, que veio pessoalmente à minha casa alguns dias depois e assegurou-nos que, pelas informações que obteve sobre essa mulher, Adèle dera uma descrição correta dela, bem como do local onde costumava deitar-se e das três caves que ainda existem.

Coloquei esse senhor em comunicação com Adèle, que lhe indicou o local onde julgava estar o tesouro. O senhor reconheceu que os detalhes relativos às caves eram exatos, e que apenas as pesquisas poderiam comprovar até que ponto ela estava certa quanto ao tesouro.

Nota. Quinze dias após a sessão acima referida, M. Blouet e o seu amigo procuraram na cave, no local indicado por Adèle, e descobriram, a um metro de profundidade, uma grande pedra, que tiveram grande dificuldade em levantar, mesmo que ligeiramente. M. Blouet enfiou a mão por baixo e sentiu uma espécie de lama; isso desencorajou-os. Abandonaram a busca. Três dias depois, relatou esses detalhes a Adèle, que declarou que isso não significava nada, pois vira um tesouro ali; que deveria ter levantado a pedra e continuado a busca. Se não tivesse encontrado nada, o tesouro deveria ter sido removido; mas ela tinha certeza

de que, se já não estivesse lá, já estivera. Ele foi atrás do seu amigo.

Eles levantaram a pedra, cavaram até uma profundidade de sessenta centímetros, descobriram uma camada de pedras de sílex e uma quantidade considerável de lama, consequência da infiltração de água que subia até essa altura. Tiveram a certeza de que essa pedra fora cimentada e de que algo extraordinário acontecera ali.

A pedra era de granito, com setenta e cinco centímetros de comprimento, quase a mesma largura e dez centímetros de espessura. Pensaram que o tesouro tinha sido removido anteriormente. Da minha parte, creio que o meu amigo cometeu um grande erro ao não levantar mais a pedra e ao deixá-la assim por alguns dias à mercê de estranhos, que certamente não hesitariam, considerando as razões e as circunstâncias que levaram a que fosse cimentada naquele local. Se o tesouro tivesse sido removido anteriormente, ninguém teria tido o trabalho de recolocar a pedra no mesmo estado e cimentá-la novamente. O meu amigo foi mais confiante e menos curioso do que eu. Nestas três sessões chegámos a provar duas verdades:

1. Que uma pessoa falecida pode ser vista apenas pelo auxílio do seu nome, sem deixar margem para suspeitar de comunicação de pensamentos, o que não pode existir nesta experiência, como em muitas outras que já lemos, pois M. Blouet e o seu amigo nunca conheceram essa mulher; não poderiam, portanto, representar a sua imagem.
2. Que o espírito desligado da matéria não está, por essa razão, desprendido dos afetos materiais, e que a elevação do estado em que se encontra no mundo espiritual depende muito do afeto que teve na Terra por esta ou aquela crença celestial ou terrena. O afeto constitui unicamente o estado em que o espírito se encontra. Se estiver sob o império de uma ideia fixa, mesmo que corresponda a todas as alegrias celestiais que imaginamos no mundo dos espíritos, não deixa de ser seu escravo por um período mais ou menos longo. Somos chamados, e reconhecemo-lo, a registar verdades que custariam muito a outros desvelar; mas como nunca tememos o ridículo, diremos tudo o que sabemos, pois é dever de todo o homem que ama a ciência e a verdade. Há

poucos magnetizadores envolvidos na busca de tesouros que não tenham experimentado grandes decepções, que só podem ser causadas por três factores:

3. O clarividente pode ser demasiado fraco na sua lucidez e deixar-se influenciar por imagens espirituais, que o induzem ao erro.

4. Pode ainda ver o tesouro no local onde foi depositado, embora tenha sido removido desde então. Deve acontecer com os tesouros o mesmo que com objetos colocados num determinado lugar, cuja imagem permanece ali, como mencionei no meu primeiro volume. Este facto não pode ser posto em questão. Obtive provas convincentes disso, e aqui está uma delas. Um dia, um sonâmbulo chamado Victor Dumez, então muito reputado em Paris, disse ao abade M que percebia um tesouro escondido numa determinada casa e recomendou que ele a comprasse, pois estava à venda. O abade pagou quarenta mil francos, realizou buscas no local indicado pelo clarividente, mas nada encontrou.

O sonâmbulo estava tão convencido do que vira que propôs dividir as despesas da busca. O abade, animado novamente, fez novas investigações sem qualquer resultado. Um dia, veio à minha casa para consultar Adèle sobre o assunto. Ela chamou a pessoa que escondera o tesouro e soube, por meio dessa pessoa, que este fora retirado antes da sua morte, sendo, portanto, inútil continuar a procurá-lo. Ele forneceu a Adèle detalhes sobre o conteúdo da caixa escondida, que correspondiam plenamente ao que Victor tinha visto.

O abade pôde agora ter certeza da veracidade desta afirmação, pois o tesouro fora escondido sob o soalho. Tudo foi levantado, mas nada encontrado. A imagem do tesouro permaneceu, portanto, no local onde tinha sido depositado. Adèle viu-o como o outro clarividente e, se não fosse pela informação fornecida pelo espírito, talvez tivesse cometido o mesmo erro.

Nos tempos atuais, os homens já não acreditam que os espíritos, que na sua materialização na Terra esconderam tesouros, ainda os desfrutam após a sua partida e iludem a visão daqueles que tentam descobri-los. Embora esses tesouros materiais, como observei na sessão anterior, já não sirvam ao

espírito desligado da matéria, continuam, no entanto, a ser sua propriedade.

Não há dúvidas sobre isso. Se um homem terreno pode dizer que esta terra, esta casa ou este móvel lhe pertencem, isso constitui um ato de posse, como muito bem observou o meu amigo Binet. Um espírito que ganhou esse ouro, que pode esconder mais facilmente do que uma casa ou qualquer outro objeto, pode certamente fazer dele um bem de propriedade que deseja que ninguém usufrua.

O ato de remover esse tesouro é um roubo, um ato mau. Ele tem o direito de vos iludir, pois é o único meio que lhe resta para defender essa propriedade, que adquiriu honestamente. Se admitimos neles uma série de afetos terrestres, não podemos negar-lhes este, tal como não lhes negamos os outros, e a observação do meu amigo é estritamente lógica.

Quanto às ilusões, não há dúvida da sua existência, embora não sejam seguidas de efeitos mais evidentes ou perigosos. Podemos ler sobre isso na *Demonomania* de Bodin, de 1558, onde encontramos certos factos que correspondem plenamente a estes. Conheço uma pessoa que passou por essas desilusões e não conseguiu descobrir o tesouro que lhe foi revelado por uma dezena de clarividentes. Três deles sofreram alucinações que não poderiam ser contadas nos dias de hoje sem expor-se ao ridículo. Todos já ouviram falar das escavações no Monte Jalut, conduzidas por vários clarividentes da primeira ordem em diferentes momentos; um via o tesouro num local, outro noutro, e todos os investidores dessas escavações perceberam que gastavam a sua fortuna em vão.

Conheço um senhor em Niort que passou pelas mesmas condições e sob as mesmas influências. O que então experimentou ainda está tão presente na sua memória que o seu cabelo se arrepia sempre que fala sobre isso. Esteve muito perto de perder uma excelente clarividente nessa ocasião. Ele próprio, assim como outras duas pessoas que o acompanhavam, foram submetidos a tormentos morais impossíveis de descrever.

Não desejo que pensem que aceito contos que à primeira vista parecem ridículos, mas peço aos magnetizadores que falem deles tanto quanto eu, e o ridículo será menos avassalador quando

não pesar sobre um único indivíduo. Concluirei este artigo observando que, de cem tesouros indicados, não mais de dois ou três são encontrados. Existe, portanto, uma razão para isso, que reside na ilusão. Se é possível que os magnetizadores sujeitem os clarividentes a alucinações, tudo pode ser explicado por esta propriedade, que os espíritos desligados da matéria devem possuir, assim como aqueles que ainda estão presos a ela.

132. Madame G. C. deseja a aparição de M. E. C. Adèle diz que vê um homem alto e magro, com cabelos castanhos-avermelhados, testa esplêndida, olhos bem formados, pestanas longas, nariz bem delineado, mas um pouco largo na base, boca grande, queixo um pouco longo, ar severo. Não é muito velho, veste um facto preto, uma gravata branca. Percebo que tem um babado ou um pouco de renda na camisa, cruzando o colete, que está um pouco aberto. Sofreu muito de opressão no peito, palpitações do coração; os seus sofrimentos morais também foram grandes e prolongados.

Na fase final da sua doença, estava muito fraco das pernas; não se queixava na medida do que sofria, era muito corajoso e instruído. Embora severo, era afetuoso, franco, puro, de espírito forte; amava acima de tudo o que é bom; morreu na convicção de que a sua alma sobreviveria ao seu corpo. Diz que agora é muito feliz, dedica-se às ciências espirituais, à conformação do lugar onde reside e, sobretudo, ao estudo dos homens. Tinha viajado muito na Terra e ainda gosta de o fazer no céu. Diz-me que não foi no momento da morte que mais sofreu, pois a sua alma já estava desligada do corpo. No entanto, não será perfeitamente feliz até que aqueles que amou na Terra se reúnam a ele. Gosto muito dele, pois é um homem bom e altamente instruído.

Esta senhora, de elevada condição e espírito nobre, reconhece a exatidão de todos esses detalhes e pede a Adèle que invoque uma segunda pessoa, tão feliz ela parece estar na esfera desses espíritos invisíveis aos olhos do nosso corpo material, mas muito sensíveis para aqueles cujos corações estão abertos à sua influência. Pedimos por M. W. B., que imediatamente aparece. Adèle diz: "Este homem é mais velho do que o anterior; os cabelos estão quase brancos e tem uma área calva no topo da cabeça; a testa não é muito alta; tem olhos bonitos, ligeiramente

encovados e um olhar benevolente; boca plana, rosto relativamente longo, no geral um belo idoso. Parece-me muito alegre e amável.

Deveria ter sido um homem forte, pois é bastante corpulento. Sofria de asma e sentia dores agudas (devido à gota); não esteve doente por muito tempo. Veste um casaco de montaria, relativamente longo, e vejo um bastão na sua mão. Diz-me que gosta de caminhar. A sua inteligência não era tão elevada quanto a do senhor anterior; amava mais a vida do que ele, e, consequentemente, tem alguma dificuldade em compreender o mundo espiritual. No entanto, diz-me que a nossa vida não pode ser comparada à dele, que é a verdadeira vida em perfeição. Gosto muito deste homem pelo seu caráter afável."

"Certifico que as duas experiências acima são perfeitamente corretas.
G. C."

Devo observar que algumas pessoas, ocupando posições distintas na sociedade, pedem-me para não publicar os seus nomes, por medo do ridículo que certas pessoas, demasiado bem informadas para se rebaixarem a tais crenças, certamente lançariam sobre experiências deste género. No entanto, tomo o cuidado de fazer com que todas as pessoas que solicitam estas perceções assinem testemunhos, informando-as de que os manterei à disposição de todos os leitores que solicitarem tal comunicação. Assim, os nomes abreviados são apresentados por extenso, com os seus endereços, nos referidos testemunhos. Se faço essa concessão a tais pessoas receosas, é apenas sob esta condição, pois desejo a verdade e nada mais que a verdade.

Se não temo o ridículo, desejo poder provar que não sou merecedor dele. Alguns leitores poderão dizer que poderia ter dispensado todos esses detalhes descritivos, que não são particularmente agradáveis de ler. Respondo que, se assim fosse, não teria nada para dizer, e que esses detalhes apresentam, em cada individualidade, nuances cada vez mais persuasivas.

Como nestas últimas duas perceções, se estamos inclinados a considerar algo insignificante, somos forçados a reconhecer que a calvície do velho, o seu bastão, o seu longo casaco de montaria, os seus gostos, são detalhes persuasivos; assim, as pessoas a quem

apenas uma dessas particularidades é revelada experimentam, a cada nova confirmação, um movimento muito decidido de espanto, que instantaneamente supera as suas dúvidas e leva à exclamação: "É inacreditável! É miraculoso!" Digo o mesmo que elas:

"Sim, é miraculoso; tirem disso conclusões reconfortantes, e a morte deixará de ser para vós uma causa de angústia; pelo contrário, é o carcereiro que vem devolver-vos à liberdade."

133. A senhora que solicitou a sessão anterior, uma inglesa de nascimento, depois de relatar o que ouviu a um dos seus compatriotas, trouxe-o até mim no dia seguinte. Não omitirei nada desta sessão, que demonstra até que ponto a excentricidade deste povo pode chegar. A senhora pede por Mr. John Wilson. Adèle percebe dois cavalheiros juntos, um idoso e outro mais jovem. O idoso tem cabelos grisalhos, é alto e magro, e usa óculos; tem olhos encovados, nariz longo e afilado, boca larga, mãos grandes e secas; a expressão geral do rosto é séria.

O mais jovem pode ter entre quarenta e cinco e cinquenta anos de idade; tem estatura mediana, é corpulento e de peito largo; tem cabelos pretos, uma testa proeminente, o que chamamos de uma testa intelectual; sobrancelhas espessas, o que lhe dá um olhar severo; nariz bem formado, tez clara, boca de tamanho médio, queixo ligeiramente proeminente e arredondado, pescoço curto; veste um casaco azul grosso.

Morreu de apoplexia. Era um homem muito bom, de espírito esclarecido; parece-me até um homem extraordinário, com pensamentos muito elevados. Sofreu muito por não poder fazer todo o bem que desejava. Deve ter sido muito amado; gostaria de se reunir a uma pessoa que lhe é muito querida.

A senhora observa que acredita recordar-se do idoso, pelos detalhes que ouviu, mas não tem certeza; foi o segundo que ela pediu, que deve ter sido neto do idoso. Observa também que este homem era dez anos mais velho do que Adèle supõe e que a sua tez não era o que em Inglaterra se chama uma tez clara. Quanto aos pensamentos elevados, considera que a frase poderia ser melhor expressa da seguinte forma:

"Tinha bom senso e sentimentos elevados."

Todos os outros detalhes são muito exatos.

Recusou assinar, por medo de comprometer o seu nome no mundo académico, mas tenho os nomes de duas pessoas que a acompanhavam, que, se necessário, confirmariam a veracidade desta perceção e a exatidão dos detalhes reconhecidos pela senhora, a quem observei que, caso me tivesse esquecido de a informar desta condição, indispensável às minhas sessões, esperava que tivesse a bondade de informar disso as pessoas que me enviaria. Faço questão, no interesse da verdade e da ciência, de sustentar as minhas citações com o testemunho daqueles que reconhecem a sua exatidão. Resta-me observar qual a distinção que se pode fazer entre o que chamamos uma tez clara e o que os ingleses, que têm uma cor de pele mais clara do que a nossa, chamam uma tez clara.

Parecemos-lhes muito escuros, e um inglês moreno para eles parecer-nos-ia de uma bela coloração: isso faz-me pensar que a diferença entre a perceção de Adèle e a dessa senhora não passa de uma questão de gosto. A sua segunda observação, sobre o significado de pensamentos elevados, é suficiente para provar que não podemos dar importância à primeira, porque este homem não era de nascimento ilustre, nem recebera uma educação liberal. Só poderia ter bom senso e sentimentos elevados, embora esta senhora nos tenha assegurado que ele era habitualmente consultado por todos os habitantes da cidade onde residia sobre inúmeras questões relacionadas com arte, mecânica, gosto e justiça. Adèle tendo-lhe feito notar que ele não pertencia à sua esfera, ela respondeu:

"Não; ele não tinha espírito — não recebeu educação."

Não sei se o espírito faz parte da educação ou se esta apenas lhe dá forma, nem se os pensamentos elevados são outra coisa senão sentimentos elevados. Deixo esta questão para ser decidida por aqueles que possuem espírito e educação.

134. Madame C. C., já mencionada na sessão 128, deseja outra aparição. Pede a Adèle que chame Madame A. D. Adèle percebe uma senhora com cerca de trinta anos de idade, cabelo escuro, testa branca e lisa, olhos escuros e bonitos, pestanas longas, nariz um pouco grande, boca de tamanho médio, sorriso agradável e dentes brancos. Vejo um espaço vazio na parte

superior, do lado esquerdo, e isso leva-me a supor que perdeu um dente desse lado.

Pescoço curto, peito largo, porte e modos graciosos, caminhar leve. Esta senhora deve ter sofrido do coração. Morreu de uma úlcera no útero, não devidamente tratada; era forte do peito, mas deve ter sofrido de cólicas no estômago. Não morreu há muito tempo. Fala-me de uma criança por quem tinha muito carinho, embora não fosse sua. Gostaria de se reunir a várias pessoas de quem gostava muito. O seu marido deve ainda estar na Terra. Sem dúvida foi muito amada, pois também era amorosa, bondosa e virtuosa. Não sei se gostava de flores, mas neste momento está apaixonada por elas.

A pedido de Madame C. C., Adèle segue a aparição até ao céu, num momento em que o êxtase atinge o auge durante dez minutos. Chamo-a de volta à Terra. Em seguida, dá-nos o seguinte relato:

"Segui esta senhora para cima, muito para cima. Estava vestida de branco, com o cabelo em caracóis e uma grinalda de flores de laranjeira à volta da cabeça. Oh, meu Deus, como era bela! Porque somos tão feios na Terra? Como era graciosa e encantadora! Será que um dia serei tão bela quanto ela? Não importa a ideia que façamos do céu, estaremos sempre muito longe da realidade. Se ao menos pudessem ver o belo grupo de mulheres morenas, loiras, de pele fresca, branca e transparente, com olhares modestos, todas coroadas de flores; uma com rosas brancas ou vermelhas, outra com jasmim, outra com flores de laranjeira, cada uma conforme a sua afeição! Algumas tocam música, outras desenham, outras estudam, umas cantam, outras passeiam.

Ora, meu Deus! O que é a Terra comparada ao céu? Um esgoto ao lado de um palácio! Imaginai o Palais-Royal com os seus inúmeros focos de gás e uma caverna escura — é ainda menos do que isso. Que roupas leves! Com que simplicidade e graça as vestem! Quando comparamos as nossas peles curtidas, escuras, enrugadas, os nossos traços irregulares, os nossos semblantes tristes, todas as nossas deformidades com estes corpos celestiais — ó imundície, ó repugnância! E temos pena dos que morreram — dos que tombaram nas barricadas: mas, meu Deus,

deixem que o resto também seja fuzilado! Por que devo pedir perdão por eles? Para que vivam? Para que sofram? Oh, não! A morte é preferível àquilo a que chamamos vida."

Adèle encontra-se num estado de exaltação inconcebível. Faço-lhe notar que todas essas infelizes criaturas têm esposas e filhos que precisam delas. Ela responde:

"O que de pior (segundo nós) pode acontecer-lhes, senão a morte? Pois bem, serão felizes: quanto mais cedo morrerem, melhor para eles. Esses pobres desgraçados que lutaram, que se mataram uns aos outros — imaginai a surpresa ao encontrarem-se no céu, sem ódio, sem vingança, realmente vivos, e convencidos do seu erro terrestre! Ali, e só ali, reina verdadeiramente a fraternidade. Ó fraqueza humana, orgulho, erro! Porque não posso conservar a coragem que agora sinto? Subiria com eles às barricadas e encorajá-los-ia à morte! Pois a morte é felicidade!"

Com dificuldade, consigo provar a Adèle que estava a divagar e que deveria regressar a sentimentos, se não mais verdadeiros, pelo menos mais conformes à nossa existência.

"Certifico a total exatidão,
PARIS, 11 de julho de 1848."
C. C.

Nesta sessão, verifica-se que Adèle falha na sua moralidade habitual, ao pregar, de certa forma, o suicídio. A observação que lhe fiz foi nesse sentido. Mas que ser humano, por um momento, não sentiria o mesmo ao sair de um estado tão superior e regressar a este charco de dores e paixões, dizendo para si mesmo:

"Lá, vida, felicidade; aqui, aniquilação e lágrimas; lá, liberdade, imortalidade; aqui, escravidão e morte; devo descer novamente para este jarro chamado corpo, onde terei de suportar por anos a fio as dores daquilo a que chamam existência, e abandonar os lugares onde me sinto tão feliz; não é desculpável que o prisioneiro amaldiçoe as suas correntes diante de grinaldas de flores, o velho as suas rugas perante a juventude, o cego a escuridão perante a luz? Oh, meu Deus! Adèle é mais virtuosa do que eu. Se, como ela, deixasse o meu corpo uma única vez, nunca mais regressaria, pois nada conheço pior do que ele e a Terra que habita!"

135- Madame Osborn pede por Madame Elizabeth Osborn, sua avó. Adèle diz:

"Vejo uma mulher com cerca de cinquenta anos de idade (era mais velha), de estatura mediana, peito largo, figura relativamente esbelta, cabelos grisalhos, testa proeminente e aberta, olhos escuros e encovados, nariz mais comprido do que curto, boca mais larga do que pequena, queixo um pouco longo, e a sua mão, que deve ter sido muito bela, é comprida. Esta senhora deve ter tido dificuldades em manter-se de pé na fase final da sua doença. Sofreu de obstruções e de dores numa perna; contudo, isso não a impediu de ser muito ágil.

Apesar de ter um bom coração, era severa, de mente aberta e possuidora de grande inteligência; parece-me sorridente e muito elevada no mundo espiritual. Está rodeada por uma luz brilhante, o que sem dúvida contribuiu para que eu a tomasse por uma mulher mais jovem do que era na Terra. Diz-me que está com o seu filho, a quem foi muito indulgente em vida; amava-o e ainda o ama profundamente. Era mais indiferente em relação a uma filha que teve e cujo coração agora compreende melhor, pois estudou-o interiormente. Consequentemente, será perfeitamente feliz quando se reunir a ela. Diz que perdeu um filho que pereceu no mar; perdeu outro, de forma não menos dolorosa, numa batalha, onde foi morto por uma bala de canhão."

Adèle apenas perguntou sobre o tipo de morte desse senhor a pedido de Madame Osborn. Consequentemente, experimenta um choque inexplicável ao ouvir o estrondo do canhão e ver o infeliz mortalmente ferido. Percebe a batalha a desenrolar-se e desvia o olhar para não ver mais, como diz, tão horrível cenário.

Recomenda a Madame Osborn, por parte da avó, que cuide da sua saúde, pois sofre frequentemente de dores no estômago e de uma grande opressão geral, causada pelo estado desordenado do sangue. Prediz que, dentro de pouco tempo, uma das suas netas presentes dará à luz um menino.

"E. OSBORN,
Reconheço a exatidão de tudo, exceto a idade, que apenas o tempo poderá confirmar."

"6, Rue des Vignes, Chaillot."

134. Na aparição de Madame Osborn, ouvimos esta senhora dar alguns detalhes, não desprovidos de interesse, sobre os filhos que perdeu. Mal Madame Osborn, sua avó, disse a Adèle: "Vê de que morte foi vítima o meu tio", esta última, em vez de perguntar isso à avó, deseja ver esse homem no momento da sua morte e vê-o ser atingido por uma bala de canhão em plena batalha. Esta cena aparece-lhe cheia de atividade; ouve os canhões roncando, como se tivessem sido disparados naquele exato instante. No entanto, como Madame Osborn diz, já se passaram muitos anos desde então.

Este facto confirma o que já dissemos no primeiro volume, na sessão 93. As questões de tempo, geradas pelo estado em que nos encontramos, são as únicas a criar os intervalos que separam os acontecimentos. Mas no sonambulismo, tudo está no presente. Por mais brevemente que reflitamos sobre esta proposição, e por mais inconcebível que pareça, torna-se evidente que o mundo das causas não pode ser como o mundo dos efeitos. No primeiro, as formas são eternas e imutáveis para o clarividente que está em comunicação direta com esse mundo. Quando ele deseja ver algo específico, esse algo apresenta-se imediatamente diante dele, tal como um determinado livro se apresenta aos nossos olhos numa prateleira da nossa biblioteca.

É-nos impossível, ao pegarmos nesse livro, dizer: "Isto já foi", uma vez que ele existe sempre que pensamos nele e queremos manuseá-lo. O mesmo acontece no mundo das causas. Uma determinada causa sempre existe; é apenas o efeito material que essa causa gera cuja ação ou forma desaparece da nossa vista e condiciona o nosso julgamento, ou seja, aquilo que foi, é e será. Mas num estado onde essas coisas não podem mudar as suas formas, estão sempre no presente.

Assim, uma ação não consiste no agrupamento de várias formas e no movimento que lhes é imposto. Esse próprio movimento é uma ação, uma causa que vibra eternamente para o clarividente, sendo-lhe fácil compreendê-la, mas completamente inacessível para o nosso estado, que não pode atribuir-lhe nenhuma forma.

O mesmo acontece com todas as sensações de som e de atração; porque não as podemos representar a nós mesmos por

formas captáveis pelo nosso olhar material, não significa que não existam, pois tocam-nos o suficiente para produzir uma sensação. Na metafísica, assim como na física, só podemos sentir e ver aquilo que nos toca; portanto, todas as sensações e todas as atrações provêm de corpos, uma vez que se fazem sentir por meio de corpos; se não podem ser provadas pela observação das suas formas, são provadas pela sensação do seu toque.

Sem nos perdermos em figuras metafísicas, que não seriam despropositadas nesta obra, diremos que esta batalha está representada no mundo das causas como um quadro vivo de uma vida presente, nem passada nem futura. A existência deste livro foi o ponto de comparação que escolhi, pois ele é e nunca apenas foi. Trataremos mais amplamente dessas questões na obra já mencionada, onde indicaremos os meios pelos quais uma pessoa pode, por si mesma, entrar num estado particular, independente do magnetismo, e onde essa verdade será compreendida através da observação das soluções desejadas.

135. A Madame Osborn pergunta por Madame Elizabeth Osborn, sua avó. Adèle disse:

"Eu vejo uma mulher de cerca de cinquenta anos de idade (ela era mais velha), de tamanho normal, peito largo, figura bastante esbelta, cabelos grisalhos, testa proeminente e aberta, olhos escuros e fundos, nariz mais comprido do que curto, boca um pouco grande que pequena, queixo um pouco comprido, e sua mão, que deve ter sido muito bonita, é longa. Esta senhora certamente achou difícil manter as pernas durante a última parte de sua doença.

Ela sofria de paralisações e uma dor em uma perna; isso, porém, não a impediu de ficar muito alerta. Embora de bom coração, ela era severa, de mente aberta e possuidora de muita inteligência; ela me aparece sorrindo, e muito elevada no mundo espiritual. Ela está rodeada por uma luz brilhante, e isso, sem dúvida, contribuiu para que eu a tomasse por uma mulher mais jovem do que ela era na terra. Ela me diz que está com o filho, com quem foi muito indulgente na terra; ela o amava, e ainda o ama muito.

"Ela era mais indiferente a uma filha que tinha, e cujo coração agora pode apreciar melhor, pois o estudou interiormente.

Consequentemente, ela ficará perfeitamente feliz quando se juntar a ela. Ela diz que perdeu um filho, que morreu no mar; ela perdeu outro, não menos dolorosamente, em batalha, onde ele foi morto por uma bala de canhão."

Adèle perguntou que tipo de morte este cavalheiro encontrou apenas a pedido de Madame Osborn. Consequentemente, ela experimenta um choque inexplicável ao ouvir o relatório do canhão e ver o infeliz homem mortalmente ferido.

Ela percebe a batalha sendo travada e desvia os olhos, para não olhar mais, como ela diz, em uma imagem tão assustadora. Ela recomenda a Madame Osborn, por parte de sua avó, que cuide de sua saúde, pois muitas vezes ela tem dores de estômago e uma opressão muito grande em toda parte, ocasionada pelo estado desordenado do sangue. Ela prevê que, em pouco tempo, uma de suas netas presentes dará à luz um menino.

"Reconhecido tudo como correto, exceto a idade e a previsão,
que só o tempo pode provar.
(Assinado) "E. Osborn,
"6, Rue des Vignes, Chaillot."

Observações. — Na aparição de Madame Osborn, ouvimos esta senhora dar alguns detalhes, não desprovidos de interesse, sobre os filhos que ela havia perdido. Mal Madame Osborn, sua avó, disse a Adèle:

"Veja de que tipo de morte meu tio foi vítima,"

do que este, em vez de pedir isso à avó, deseja ver este homem no momento de sua morte, e o vê atingido por uma bala de canhão em batalha. Essa cena lhe parece cheia de atividade; ela ouve o ronco do canhão, como se fosse disparado naquele mesmo instante.

Ainda assim, como diz Madame Osborn, muitos anos se passaram desde então. Este facto confirma o que já dissemos no primeiro volume (na sessão 93). Só as questões de tempo, produzidas pelo estado em que nos encontramos, engendram os intervalos que separam os acontecimentos. Mas no sonambulismo tudo está no presente.

Estamos conscientes, por pouco tempo que nos detenhamos nessa proposição, e por mais inconcebível que possa parecer, que

ela não pode estar no mundo das causas como no mundo dos efeitos. No primeiro, as formas são eternas e inalteráveis para o clarividente que está em comunicação direta com este mundo. Quando ele deseja ver uma determinada coisa, ela imediatamente se apresenta à sua visão como um certo volume se apresenta à nossa estante de nossa biblioteca. É impossível para nós, ao tomar este volume, dizer:

Tem sido, uma vez que é sempre que pensamos nisso e desejamos lidar com isso. É o mesmo no mundo das causas. Uma certa causa sempre é; é apenas o efeito material que tal causa engendra cuja ação ou forma desaparece de nossa vista e agrilhoa nosso julgamento, isto é, que foi, é e será.

Mas, em um estado em que essas coisas não podem mudar suas formas, elas estão sempre no presente. Assim, uma ação não consiste na montagem de várias formas e no movimento impresso nelas. Este movimento em si é uma ação, uma causa que sempre vibra para o clarividente, fácil para ele compreender, mas bastante negativa para o nosso estado, que não pode atribuir-lhe forma. É o mesmo com todas as sensações de sons e atrações; porque não podemos representá-los nós mesmos por formas que atraem nosso olhar material, eles, no entanto, existem, pois nos tocam a ponto de produzir sensação.

Na metafísica, como na física, podemos sentir e ver apenas o que toca; portanto, sensações de qualquer tipo, ou atração, devem ser de corpos, uma vez que se fazem sentir por corpos: se não podem ser provadas pela visão de suas formas, são provadas pela sensação de seu toque.

Sem nos perdermos em figuras metafísicas, que não ficariam fora de lugar neste trabalho, diremos que essa batalha é representada no mundo das causas por uma imagem viva de uma vida presente, não passada, nem por vir. A existência deste livro é o que tomei como ponto de comparação, que é e não foi. Trataremos mais amplamente dessas questões no trabalho já mencionado, onde indicaremos os meios pelos quais uma pessoa pode entrar por si mesma em um estado particular, independente do magnetismo, e em que essa verdade será compreendida por uma visão das soluções desejadas.

136. M. Roustan, magnetizador e membro da Sociedade Magnetológica de Paris, pede pela aparição de M. François Xavier Roustan. Adèle percebe "um homem de cabelos grisalhos, mais ou menos da sua altura", diz ela a M. Roustan, "testa aberta, olhos bastante grandes, mas encovados, nariz largo na base, ombros largos, costas ligeiramente curvadas. Morreu de um ataque apoplético. Era um homem bonito, alegre, muito agradável e de temperamento dócil.

Diz-me que pensa em si. Já o mandou chamar através de outros clarividentes e chegou a vê-lo você mesmo. Ele inspira-o, mas há algum tempo que não recebe os sinais que ele costumava fazer-lhe, porque está demasiado absorvido pelos negócios do mundo.

Você é muito leviano nos seus pensamentos e ações; além disso, há pessoas à sua volta que contestam as suas opiniões; deixa-se influenciar por elas porque é naturalmente instável; as suas ideias não são amadurecidas. Diz-lhe que teve um irmão gémeo. Tinha algo a ordenar-lhe no momento da morte, mas, como as circunstâncias mudaram, já não lhe é permitido informá-lo disso."

M. Roustan faz uma pergunta ao seu pai relativa a Luís XVI; recebe como resposta que ele mantém as mesmas opiniões sobre ele que tinha em vida. Adèle diz que este homem está no segundo raio.

M. Roustan reconhece que estes detalhes estão conformes à verdade e assina:

"Isto é exato.
ROUSTAN."

137. Madame Vedeaux, há quinze anos estudante de magnetismo, ao se encontrar momentaneamente em Paris, deseja aproveitar a oportunidade de visitar vários sujeitos clarividentes. Ela participou numa sessão em casa de uma jovem, cuja clarividência ela já havia sido capaz de avaliar. A uma pergunta colocada por esta senhora, a clarividente respondeu:

“Conheço apenas um sonâmbulo em Paris que lhe pode dar uma solução para a pergunta que você coloca; vá ao número 175 da Rua Tiquetonne, e encontrará lá uma sonâmbula cercada por

anjos e espíritos falecidos que a dirigem, de modo que ela é muito mais elevada do que eu.

Seguindo esse conselho, a senhora veio e pediu-me uma sessão à distância. Eu não lhe prometi uma clarividência de primeira ordem, uma vez que tais visões não são a especialidade de Adèle, e por não ter, de momento, nenhum sujeito à minha disposição. Atendendo aos desejos da minha bela visitante, implorei a Adèle que examinasse a propriedade desta senhora e nos dissesse se havia algum tesouro escondido lá. Ela respondeu assim:

"Eu vejo um pouco de água, aparentemente, a meu ver, numa cisterna; é escura; seguida de uma torre não muito diferente de um pombal. É contíguo a uma casa que está só, rodeada de campos. Há uma sala no piso térreo com duas janelas; no primeiro andar há uma sala que também tem duas janelas. Esta casa tem três andares; o edifício principal tem duas superfícies, com as quais comunica pelas escadas e corredores onde se ergue o torreão; é uma sala bem pequena na qual vejo um espírito a vagar – é uma pessoa que foi assassinada lá há muito tempo."

Adèle encolhe-se assustada, eu acalmo-a, e ela diz que é arrastada para um pequeno depósito no piso térreo, no qual mal consegue ficar de pé; ela vê lá um pouco de vinho e declara que sob este local foi escondido um tesouro encerrado numa pequena caixa forte, na qual ela percebe joias, prata e baixelas. Ela continua e faz descrições, supérfluas para o leitor, mas muito agradáveis para esta senhora. No dia seguinte a esta sessão, a senhora voltou para me informar que tinha ido de novo consultar a sua sonâmbula, que mantivera com ela, o mais aproximadamente possível, este discurso:

"Você deveria estar satisfeita com a clarividente que eu lhe dei a conhecer. Receio apenas uma coisa, a saber, que a sua lucidez me prive das suas amáveis visitas, porquanto sou muito apegado a si; era para lhe dar uma prova disso que eu receava não lhe dar conhecimento de outro clarividente mais potente do que eu. Percebo que ela lhe falou de um espírito que vagou pela propriedade que visitou, fruto de um assassinato; isso é verídico, eu também o vejo. É uma pena que essa clarividente seja muito reservada e tenha muito receio de nos contar tudo o que vê;

haveria alturas em que ela haveria de confundir os mais incrédulos.

Ela tem muito medo de cometer erros; o magnetizador dela deveria saber disso.”

Respondi a esta senhora que era verdade que, se Adèle tivesse um pouco menos de receio de cometer erros, seria capaz de coisas mais grandiosas. É a reserva dela que prova a sua lucidez; ela tem consciência de como as imagens que se lhe apresentam aos olhos podem levar ao erro, visto que elas representam o passado, o presente e o futuro como presentes, embora no mundo das causas em que se percebem os diversos estados da sua manifestação, não possam haver erros; porém, são possíveis nos seus efeitos materiais, quer se manifestem ou não. Se o homem estudasse com grande atenção este estado sonambúlico ou espiritual, que ele ainda conhece de modo imperfeito, não se mostraria tão disposto a acusar os erros, especialmente se não pudesse verificar as revelações dos clarividentes.

Falei dessa curiosa sessão apenas para ter a oportunidade de repetir o que já disse no primeiro volume, que não era necessário guiar os clarividentes passo a passo para o objeto que desejamos que eles visitassem; pois a Adèle, nesta sessão, não estabeleceu comunicação com a senhora; ela solicitou o castelo e ele logo lhe apareceu. O que me leva a agir assim é que conhecendo um clarividente capaz de descobrir os vestígios de um objeto roubado ou perdido, uma pessoa desaparecida, etc., nestas pesquisas, ele não pode ser orientado por nenhum pensamento humano, pelo que o objeto desejado deverá, pois, apresentar-se ao apelo do clarividente, ou este deve seguir em direção a ele sem qualquer itinerário.

Poderá então, digo para mim próprio, acontecer o mesmo com todas as visões à distância; disso obtive provas cem vezes. Ainda ontem, um médico de grande reputação, que acredita no magnetismo por estar tão sob a minha influência que o obrigo a confessá-lo (sempre que parece disposto a desviar-se da verdade) que não consegue opor-se a que eu lhe feche os olhos, por exemplo, se eu quiser, até que ele me peça para abri-los por ele (e

ele não dorme); ele estava na mesma disposição de espírito em relação ao sonambulismo e às visões à distância, quando ontem, como eu estava a dizer, coloquei o meu pequeno Emílio em estado sonambúlico e o entreguei ao médico para o interrogar à vontade.

Das mais de quarenta respostas, só levantou dúvidas em duas ou três feitas por um espírito que fez interrogar à distância. A surpresa dele não foi menor quando lhe assegurei que a pessoa realmente viva, cujo espírito correspondia ao do meu pequeno clarividente de doze anos, nada sabia desse pequeno segredo intrigante e dessas confidências, que, todavia, ele teria tomado cuidado para não se comprometer com respostas prejudiciais a ele. O médico, antes de pegar na mão do clarividente, já tinha uma descrição da casa para onde o mandou. Neste simples convite meu dirigido à criança:

"O médico deseja que você veja uma casa na qual ele deseja que você entre."

"Eu vejo-a," disse imediatamente a criança, "é uma casa nova, etc."

Este método de procedimento não seria admissível a menos que fosse tão bem sucedido quanto o outro; mas não será demonstrado pelo mencionado experimento de pesquisas, roubos etc., tão comuns nos nossos dias? O que me torna mais comprometido com estes experimentos é eu desejar provar que, se um objeto desconhecido do clarividente se apresentar à sua visão, de acordo com os seus desejos, se as ações se passam como as que acompanham todas as circunstâncias de um roubo, ou a viagem de uma pessoa cujo rastro se perdeu, se lhe apresentarem, digo eu, a pessoa que fez ou produziu esses atos, deve existir tão bem quanto aqueles atos que parecem aos nossos olhos materiais completamente mortos, e a alma que produziu as coisas não podem recusar-se a atender ao chamado do clarividente, tal como essas cenas não se recusam a aparecer. Desejo igualmente observar que a clarividente que se dirigiu a Madame Devaux não tem o menor conhecimento de Adèle no seu estado de vigília, e o mesmo pode ser dito de Adèle em relação a ela.

Dir-lhe-ei além disso, que na visão à distância que Adèle teve, deve notar-se que ela declara ser-lhe impossível ficar de pé

na despensa, que na verdade é, como esta senhora disse, demasiado pequena para admitir ela consegui-lo fisicamente. Portanto, não é apenas a visão que vai para aquele ponto, é todo o indivíduo espiritual, conforme já observei no início deste volume, na resposta que dei aos magnetizadores que acreditam que as aparições são uma transmissão de pensamento, e conforme provei na visão que Adèle teve do México, no qual ela recebeu uma insulação (embora o tempo estivesse chuvoso).

Não se pode duvidar nem por um momento que o clarividente está inteiramente nos lugares que visita à distância, embora respondendo às nossas perguntas pelos órgãos do seu corpo material, como se ainda estivesse nele. Se, por acaso, se argumentasse que ele vê essas coisas no pensamento do questionador, embora o contrário seja matematicamente provado pelos presentes detalhes que ele nos dá de lugares que não vemos há muitos anos, e as mudanças que ocorreram desde a sua partida; esses detalhes não podem ter cabimento no nosso pensamento, porquanto os não conhecemos, e as informações ulteriores apenas nos provam a sua realidade. Esta é uma prova lógica que não admite contestação; mas, como há gente que tem resposta para tudo, e que, preconceituosa na sua crença na transmissão do pensamento, só a veem, peço-lhes que me digam como um clarividente pode perambular pelo mais pequeno dos seus pensamentos, que representa um lugar capaz de conter milhares de espíritos semelhantes ao que os visita. Se eu peço uma solução para isso a esses savans, é menos para combater a verdade disso do que para corrigir, por um instante, a vasta conceção que têm sobre essa explicação, pela qual eles acreditam não ter mais nada a responder.

Dir-lhes-ei que merece um pouco mais de atenção e não pode, embora realmente exista, responder-lhes à questão que lhes dirijo. O clarividente vê apenas o que vimos ou pensamos? Certamente que não; pois todos os dias obtemos provas do contrário. Nesse caso, onde será, pois, que ele vê essas coisas? Onde elas existem, sem dúvida. E eles existem, onde supomos que eles estejam materialmente, longe de nós. Se elas estão longe de nós, e o espírito vai visitá-las, em corpo e não numa visão, conforme será fácil certificar-nos, quem o poderá transportar a

esses lugares, cujas portas se acham fechadas e as paredes bem cimentadas? Respondam-me, peço-lhes. Serão os lugares que acodem ao nosso clarividente? Quem será que traz esses lugares para o nosso aposento?

Intrigo-os um pouco mais do que me sentirei intrigado em responder-lhes, que a alma, desvinculada da matéria, não tem mais dificuldades para encontrar, atendendo ao nosso pedido do que as experiências clarividentes em ir invisível aos nossos olhos materiais a esses lugares remotos, ou do que esses lugares têm de vir a nós. A Madame Devaux, enquanto estudiosa, cuja posição é tão honrosa quanto honrada, desejou, a fim de completar os seus estudos magnéticos, presenciar uma aparição, na segunda visita que me fez; convocamos a presença de M. Antoine Simon (pai dela). Adèle disse:

"Vejo um homem, de cabelos grisalhos, não tão alto quanto a Madame, bastante corpulento, de pescoço curto, testa fina e ampla, olhos vivos, expressivos e suaves; semblante fresco, nariz bastante largo no fundo, boca sorridente de tamanho médio; queixo redondo; um velho inteiramente de boa aparência.

"A sua morte deve ter sido causada pelo estado do sangue, pois percebo que é escuro, grosso e circula com dificuldade. Ele estava sujeito a paralisações; ele foi tratado de um aneurisma, mas não padecia de nenhum; o conselheiro médico dele deveria ter desviado o curso do sangue. Ele deve ter sentido uma espécie de peso na parte inferior do corpo e lassidão nos membros; também uma dor na perna esquerda. Eu vejo-o num casaco de montaria de cor escura, colete de cor mais clara, calças azuis grossas, usava sapatos, e não botas; para o seu tamanho de homem, a sua mão não era grande. Ele tinha um olhar que impunha respeito, era bom e justo.

"Nos seus últimos momentos, ele era facilmente provocado. Ele não gostava de exibir os seus bons sentimentos, preferindo mantê-los reprimidos dentro de si; isso levava-o a ser considerado muito frio, embora não o fosse. A sua felicidade doméstica era muitas vezes perturbada, pois o carácter da esposa não era solidário com o seu. Ele diz-me que o filho está destinado à advocacia – que ele será um advogado. Ele muitas vezes vem

inspirá-lo com bons pensamentos. Ele apareceu-lhe em sonhos; a sua posição sofrerá uma alteração dentro de dois anos e você irá residir em Paris."

Esta senhora está muito surpreendida com a minúcia e veracidade desses detalhes, em especial com respeito ao filho; desde cuja idade mais tenra o avô costumava dizer: "O meu netinho vai ser um pequeno advogado."

"Reconhecido como muito exato, todos esses detalhes.
(Assinado) Pauline Vedeaux,
"Chateau de Malbouquet, Toulon.
"17 de Agosto de 1848."

138. M. Dejean pede por M. Joseph Noël Dejean, de Cade. Adèle percebe um homem idoso e calvo, com alguns cabelos grisalhos. "Parece-me," disse ela, "um pouco mais alto do que o senhor aqui presente: ombros largos, testa alta, mais proeminente do que plana, olhos azul-claro, vivos e expressivos, nariz ligeiramente torto e um pouco arrebitado na ponta, tez rosada, queixo arredondado, pescoço grosso. Deve ter sofrido com a respiração, com dores no braço direito até ao ombro, e também com fraqueza nas pernas. Vejo que o peito e o coração foram afetados, embora não por uma doença mortal; sofreu de uma inflamação na bexiga e na parte inferior do corpo; manca da perna esquerda e apoia-se numa bengala, consequência de uma queda que sofreu. Na outra mão, tem um estojo de óculos, que inicialmente tomei por um cachimbo. Creio que foi marinheiro. Costumava usar um casaco de montaria cruzado sobre o peito, mais comprido do que os de agora; parece-me ser de um tecido azul grosseiro. Vejo-o com sapatos, não botas, e calças escuras. Gostava muito de caminhar; uma vida tranquila era o que mais lhe agradava; era bondoso, severo, mas íntegro e justo. Não é comunicativo comigo. Creio que sofreu grandes perdas, o que o tornou taciturno. Também perdeu muitas pessoas queridas; diz que foi prejudicado, enganado, absolutamente trapaceado; passou por muitas catástrofes; devia ter possuído uma grande fortuna.

Foi separado de alguém, e isso causou-lhe grande sofrimento. Por fim, dedicou-se à escrita; tinha uma mente aguçada e um

julgamento sólido. Pediam-lhe frequentemente conselhos. Diz-me que este senhor é seu filho. Tem participação em algum empreendimento; não reside em Paris; aconselha-o a ser prudente, pois algumas perdas ameaçam-no; recomenda-lhe que deixe Paris o mais rápido possível, pois eventos graves estão prestes a ocorrer ali. Diz que é muito feliz; progrediu; está morto há muito tempo."

Em todas as sessões, recomendo às pessoas que, antes de assinarem o testemunho, mencionem qualquer detalhe que não lhes pareça exato; pois procuro a verdade de todo o coração e sempre sinto uma nova alegria ao proporcionar satisfação aos outros. As observações deste senhor são as seguintes:

"O nariz não era arrebitado, mas grande e aquilino; as faces não eram rosadas, mas pálidas; o pescoço não era longo, mas curto, e mais pequeno do que grande. Nunca soube que ele tivesse sofrido com a respiração, com o braço direito ou com a bexiga. Nunca foi marinheiro. Todo o resto é muito exato.

DEJEAN DE LA BASTIE,
Delegado da Ilha da Reunião junto ao Governo,
Rue Neuve-du-Luxembourg, 18 bis.
18 de agosto de 1848."

Há pessoas que, quando chamadas a assinar um testemunho, fazem disso uma questão de consciência e recusam comprometer-se com a veracidade de algo sobre o qual tenham dúvidas. Foi sob essa influência que M. Dejean fez as observações acima. Adèle disse-lhe que o nariz era torto, o que significa aquilino, mas mantém que a ponta se elevava ligeiramente. Também vê as faces rosadas e o pescoço grosso (um pescoço curto parece sempre mais espesso do que qualquer outro), e como este senhor se separou do pai muitos anos antes da sua morte, à qual não esteve presente, não podia conhecer os seus sofrimentos, nem saber se o sangue não teria afluído à cabeça nos seus últimos momentos.

Adèle não afirma que essa pessoa foi marinheiro, diz: "Creio que foi navegador", porque percebe que os seus pensamentos seguem uma direção náutica. Por fim, o seu filho observa-nos que foi ele próprio quem esteve no mar e que isso causou grande preocupação ao pai. Isso explica porque Adèle percebe os seus pensamentos voltados para a navegação. Estas cinco pequenas

observações tornam-se, portanto, irrelevantes, e provam que, se essas aparições fossem apenas transmissões de pensamento, elas não existiriam. Encontramos nesta aparição mais de quarenta detalhes reconhecidos como verdadeiros. Creio que deve ser considerada uma das melhores.

139. M. Fandar, oficial de diligências dos tribunais de Troyes, escreveu-me no início de agosto pedindo que lhe enviasse dois exemplares do primeiro volume de *Os Segredos*, expressando, ao mesmo tempo, o desejo de que eu fizesse aparecer o seu pai, M. Nicolas Fandar, dizendo-me que, se pudesse fornecer-lhe uma descrição, isso lhe daria um enorme prazer. Chamei o falecido. Adèle disse-me:

"Não tenho grande gosto por essas aparições, porque os próprios espíritos, conscientes de que nenhum dos seus amigos está comigo, vêm com mais dificuldade e respondem às minhas perguntas com constrangimento." Não quis recusar tal consolação a este senhor, que não tínhamos o prazer de conhecer.

Desejei, ao mesmo tempo, convencer a todos de que podemos, com o simples auxílio de um nome, obter aparições tão exatas como se as pessoas estivessem presentes; isso elimina qualquer ideia de comunicação de pensamento, como se pode ver na perceção seguinte: Adèle diz, "Vejo um homem de cabelos grisalhos, rosto cheio e rosado, nariz grande, olhar severo, boca sorridente, o que indica um temperamento animado e bondoso; pescoço curto e respiração difícil. Percebo borbulhas causadas pelo calor do sangue no seu rosto. É bastante corpulento e de estatura mediana. Diria que sofreu nas pernas. Usa um colete castanho e, creio, calças cinzentas de tecido grosseiro. Está feliz e reunido à esposa, a quem amou profundamente em vida e que, segundo ele, foi muito bondosa para com ele."

Enviei esta descrição a M. Fandar, que me respondeu com a seguinte carta:

"MEU CARO SENHOR: As indicações dadas pela sua sonâmbula são muito exatas; dois anos antes de a morte o arrebatar, o meu pai sofreu, de forma intermitente, de opressões que aumentaram até que o dia fatal se aproximou rapidamente; as suas pernas incharam tanto que ficou incapaz de dar um único passo. O meu pai costumava usar um colete castanho e calças

cinzentas de lã grosseira; como tinha um temperamento muito sanguíneo, acontecia frequentemente ter grandes borbulhas no rosto. Era muito impulsivo, por isso não me surpreende que a sua clarividente tenha interpretado o seu rosto como severo; mas, passada a sua cólera, era um dos melhores homens. O senhor vê, caro senhor, que as indicações da sua clarividente estão em conformidade com a verdade. Autorizo-o a fazer o uso que entender desta carta."

FANDAR,
Oficial de diligências dos tribunais de Troyes,
Rue de la Levrette, nº 3.
13 de agosto de 1848.

Não farei qualquer reflexão sobre esta carta. Agradeço ao senhor pela sua franqueza: que ela contribua para convencer os adversários destas aparições! Peço ao leitor que me perdoe as repetições neste ponto; mas, tendo apenas uma objeção a combater – a da transmissão de pensamentos –, sou obrigado a expor tudo o que cada aparição contém de contrário a este argumento insensato, a fim de desarmar para sempre aquele que, sendo ainda mais insensato, desejaria usá-lo contra uma verdade tão evidente.

140. M. Blesson pede por M. Pierre Blesson, seu pai. Adèle vê neste senhor "uma pessoa de estatura semelhante à do filho"; ele parece-lhe "ter pouco menos de cinquenta anos; o cabelo é mais escuro do que o seu", diz ela ao filho; "tem um rosto esplêndido, uma testa bonita, olhos suaves, vivos e afáveis; veste um casaco castanho-escuro de montaria, com bolsos laterais, calças azul-escuras ou pretas; certamente morreu de cólera, pois reconheço os sintomas dessa doença. Foi enterrado numa vala comum.

O seu filho pergunta se realmente foi o seu corpo que mandou exumar e sepultar numa sepultura separada. Ele responde que sim e assegura-lhe que está muito satisfeito com o seu pesar, bem como com a sua dedicação para com a mãe. Diz-lhe que terá sucesso nos seus negócios, mas não sem dificuldades, e dá-lhe conselhos a esse respeito. Assegura-lhe que ficará satisfeito com os seus filhos quando forem crescidos. Muitas vezes vagueia perto da esposa, a quem amou e ainda ama profundamente.

Aguarda o feliz momento da sua reunião para já não ter mais desejos por satisfazer."

Reconheço a exatidão total destes detalhes.
20 de agosto de 1848.
BLESSON,
36, Rue-aux-Ours.

Este senhor, depois de ler o primeiro volume de *Os Segredos* e de uma aparição que já lhe havia concedido, realizou ele próprio experiências com os seus sonâmbulos e obteve os mesmos resultados. Entregou-me uma nota com certos factos que serão apresentados no final destas sessões.

141. M. Dejean de la Bastie, já mencionado na sessão 138, deseja uma nova aparição; pede por M. Marie Joseph Théodore de Guigné. Adèle percebe "um homem com cerca de quarenta anos, relativamente alto e de cabelo escuro." M. Dejean interrompe Adèle, dizendo-lhe que este não é o retrato da pessoa que procura. Vemos que este senhor deseja detalhes que não deixem margem para dúvidas. Ao ouvir "ele é relativamente alto e moreno", diz-nos: "Era alto, mas não moreno." Adèle responde que a pessoa que descreve deve ter tido o mesmo nome e pertencido à sua família, pois tem essa perceção. Mas ele insiste no pedido e uma segunda figura aparece, embora a primeira permaneça.

"Este", diz ela, "tem cerca de trinta anos, é alto e magro, cabelo loiro escuro, rosto pálido, olhos azul-escuros com uma expressão relativamente suave, nariz longo, boca mais para larga do que para pequena, queixo comprido; vejo-o com uma espécie de casaco comprido, como já não se usa, sem graça, parecido com um roupão; é de cor azul-escura ou preta. Este traje indica-me um homem de ofício, um padre ou outro funcionário; tem um olhar austero; deve ter sofrido do peito, vejo que os seus pulmões estavam congestionados de sangue. Sofreu durante muito tempo.

“Era muito fraco. Acredito que as privações foram a causa da sua doença e tornaram o seu peito tão debilitado. No entanto, não vejo nele sinais de qualquer doença mortal, o que me leva a crer que morreu de morte violenta, acidental e inesperada. A sua mão é grande e fina. Vejo uma medalha no peito, do tamanho aproximado da palma da mão; usa sapatos abertos, como já não se

usam. Não quer falar comigo, o que me faz supor que não falava francês."

As observações feitas por M. Dejean antes da assinatura são as seguintes:

"Esta pessoa possuía uma posição mais marcada pela suavidade e bondade do que pela severidade; morreu de uma febre violenta, acompanhada por um delírio que durou vários dias, atribuída pelo médico à falta de uma constituição vigorosa, desgastada pela absoluta abstinência."

Reconheço a exatidão destes detalhes.

DEJEAN DE LA BASTIE.

Comprometi-me a relatar as sessões tal como as obtivesse, no interesse da verdade, que amo e procuro com uma intenção louvável; mas, se assim faço e incentivo as pessoas a fazer as observações que considerem necessárias antes de assinar, devo também advertir que tenho de lidar com inteligências pouco preparadas para tais revelações e, da parte da minha clarividente, com momentos mais ou menos lúcidos; além disso, há erros que os espíritos errantes ao nosso redor se esforçam por fazer os clarividentes cometer, pois toda a sua afeição consiste em enganar-nos, e somos as suas vítimas.

No entanto, não temos razões para nos queixar da aparição anterior; pelo contrário, devemos considerar que, se este senhor a aceita em todos os seus detalhes, as observações que acrescenta não invalidam o que Adèle disse — pelo contrário, fortalecem-no; ela não vê nele sinais de qualquer doença mortal; uma febre violenta que leva um homem em poucos dias é, de facto, como ela diz, uma morte inesperada e acidental.

Este senhor observa que o médico atribuiu a morte à abstinência que o falecido se impôs, por ter desgastado a sua constituição e precipitado a sua morte. Adèle diz: "Ele deve ter sofrido do peito, sido muito fraco durante muito tempo; acredito que as privações foram a causa disso." Da minha parte, não vejo diferença entre a palavra *privação* e *abstinência*; aquilo de que nos abstemos, privamo-nos.

Adèle não diz que este homem carecia de bondade; pelo contrário, diz que tem um olhar suave, mas que, no geral, parece ter um ar austero. Observo, a esse respeito, que este senhor era

padre e tão devoto às ideias religiosas que usava constantemente uma veste de cilício. Julguemos, então, se tal homem deveria ter um ar sorridente; assim, na observação de M. Dejean, não vejo nada que nos leve a suspeitar de qualquer reserva.

Este senhor pede uma segunda aparição, na pessoa de Olympe Pascale. Adèle diz:

"Vejo uma mulher idosa e pequena, com cerca de sessenta anos."

O senhor deseja interromper Adèle de imediato, dizendo-me:

"A pessoa que pedi tinha apenas vinte e sete anos."

Encorajo Adèle a continuar, percebendo que parece aborrecida por se apresentarem pessoas que não foram chamadas. Ela observa a este senhor que a sua aparição se deve ao facto de ele desejar, ao mesmo tempo, a presença de várias pessoas. O simples pensamento em uma delas é suficiente para que apareça instantaneamente na nossa esfera; por isso, vê-as a apresentar-se antes mesmo de o seu nome ser pronunciado. Tem a certeza de que a primeira que apareceu era uma parente, com o mesmo nome da pessoa pedida, e em quem, sem dúvida, o senhor tinha estado a pensar.

M. Dejean reconhece comigo a justeza da observação de Adèle, dizendo:

"É verdade; tudo isto é tão surpreendente que uma pessoa gostaria de chamar todos os seus amigos para ter a certeza de que estão realmente vivos; e, de facto, desejo pedir por muitos deles. Não me parece surpreendente que, ao pensar num parente, ele esteja perto de mim, tal como está perto da sua clarividente, que o conhece ainda menos do que eu. Se o simples desejo basta, devo ter um grande número deles à minha volta."

A observação de Adèle refere-se ao que lemos na aparição de M. Fandar, ou seja, "que os espíritos vêm com menos prazer quando não há ninguém presente com a clarividente."

Pedimos-lhe que continue a sua descrição:

"Ela tem cabelos grisalhos", prossegue Adèle, "era muito viva, rápida nos movimentos, bem proporcionada. Vejo uma touca na sua cabeça; tem três pequenos caracóis pendendo dos lados à frente; olhos cinzentos e encovados; creio que era uma mulher clara e que os seus olhos eram de um azul-claro; nariz um

pouco afilado, boca ligeiramente encovada e costas um tanto arqueadas. Veste um roupão escuro às riscas, no formato de um peignoir, abotoado à frente; vejo também que usa uma gola alta."

A seguinte é a observação do senhor:

"Com exceção dos caracóis, estes detalhes parecem-me corresponder exatamente à mãe da pessoa pedida."

DEJEAN DE LA BASTIE,
18, Rue Neuve du Luxembourg.
25 de agosto de 1848.

Já fizemos a observação de que algumas pessoas poderão sentir um certo cansaço ao ler esta quantidade de testemunhos; mas, se tiverem o bom senso de notar que cada aparição tem um tipo peculiar, saberão apreciar melhor a cadeia e o conjunto que são chamados a formar, de modo a estabelecer neles uma crença firme, que lhes traga doce consolação e esperança.

142. Este é o extrato de uma sessão, escrito por uma terceira pessoa que a testemunhou, e que dará uma ideia mais exata de como não ampliei nem omiti nada nas sessões anteriores, tanto no que diz respeito à futilidade dos detalhes nelas contidos, como à facilidade que Adèle possui em expô-los.

Madame de Longueville, que tem grandes dúvidas sobre a possibilidade de os espíritos aparecerem aos sonâmbulos, pede a Madame Adèle que chame o seu filho e a sua filha, falecidos há algum tempo. Mademoiselle Noémie aparece primeiro, por ter morrido antes; a clarividente descreve-a assim:

"Parece-me mais alta do que a mãe: tem cabelo castanho-avermelhado, uma testa bonita, sobrancelhas bem desenhadas, olhos expressivos, vivos, inteligentes e firmes; boca pequena, queixo arredondado, ligeiro tom rosado nas faces, mãos bonitas, unhas rosadas; parece ter cerca de vinte e dois anos de idade; sofreu de um problema no coração; tinha uma ligeira tosse seca e dores nas costas; o sangue subiu-lhe ao peito e causou uma inflamação; também sofria frequentemente de dores de garganta e de cabeça; veste um vestido escuro."

Madame de Longueville reconhece a exatidão da descrição e dos sintomas da doença; há apenas um detalhe incorreto, a cor do cabelo, que, segundo ela, era de um tom mogno. Adèle responde

que, sem dúvida, a jovem usava muita pomada, o que tornava o cabelo ligeiramente mais escuro.

Sem que seja chamado, aparece M. Émile de Longueville, que a clarividente descreve da seguinte forma:

"Tem cabelo louro-claro, olhos muito bonitos, sombreado por pestanas longas; testa menos alta do que a da irmã; é mais magro do que ela, e, no entanto, tem uma mão cheia, branca, como a de uma mulher; boca pequena em forma de coração, nariz bem formado, mas não da mesma forma que o da irmã; queixo ligeiramente mais comprido do que o dela; era melancólico e sofreu do peito; o cérebro era pequeno demais para conter todas as grandes ideias que gostaria de ter concebido. Foi infeliz desde a infância, muito bondoso, dado à reflexão, e isso, sem dúvida, contribuiu para o enfraquecer muito."

Madame de Longueville reconhece não só a exatidão do retrato físico, moral e intelectual do seu filho, mas também a doença pulmonar que o levou à morte.

A clarividente então vê algo que nunca antes vira: um fio de luz com mil cores, que parte dos corações dos dois irmãos e os une, encontrando-se no coração da mãe; os dois filhos dizem que estão constantemente à volta da mãe; foi eles que lhe deram a força para suportar todas as provações pelas quais passou.

A mãe deseja que lhes perguntem se deve tomar alguma precaução nos acontecimentos políticos que possam pôr a sua vida em perigo; respondem que nunca pensariam em avisá-la de obstáculos que a impediriam de se juntar a eles. Estão muito felizes, mas desejam que esteja com eles.

Uma senhora presente, que conheceu os dois espíritos na época da sua encarnação terrena, sabendo que ambos, sendo falansterianos, acreditavam na reencarnação das almas na Terra, deseja que Émile seja questionado sobre se a alma encarna novamente na Terra; ele responde:

"Não, a alma não volta a um corpo material, basta-lhe tê-lo feito uma vez."

A clarividente diz que o irmão e a irmã estão juntos numa luz maravilhosa, mais brilhante do que a de muitas pessoas que morreram antes deles. Ela deseja ver Mademoiselle Noémie com o seu traje celestial. O cabelo está em caracóis, ornamentado com

uma grinalda de rosas brancas; veste-se de branco. A clarividente acompanha-a quando esta retorna ao céu. Entra então num estado de êxtase; o seu magnetizador trá-la de volta à Terra.

"Vocês são insuportáveis", diz ela, "não teria ficado lá muito tempo. Tudo é tão belo e ela tocava uma música tão encantadora."

"Na Terra também há muita beleza", responde M. Cahagnet. "Algo belo na Terra? Que horror!", exclama a clarividente. A sessão de aparição termina.

Em seguida, ela visita espiritualmente Madame de Longueville e outra senhora presente, a quem descreve com grande precisão os seus sofrimentos. Quando fica sozinha com uma das senhoras, repete-lhe exatamente o que a clarividente desta lhe tinha dito alguns dias antes, revela-lhe coisas que seria impossível saber e dá-lhe conselhos sobre assuntos que esta não esperava, mas que se revelam absolutamente verdadeiros.

Assinam a totalidade como absolutamente exata.

Mesdames DE LONGUEVILLE,
I. D'HERICOURT, VE. BIMONT.

(A PROFECIA D'ORVAL)

Henri Delaage

143. O Sr. Delaage, magnetizador hábil e consciencioso, autor de “Iniciações nos Mistérios do Magnetismo,” de “Classes Deserdadas,” etc., neto do grande Chaptal, (Jean-Antoine) jovem

apaixonado pelo estudo do ciências ocultas, e mais habilitado do que qualquer outro, pelo profundo conhecimento que tinha das línguas Hebraica, Grega e Latina, a fazer pesquisas no santuário sagrado do misticismo, veio um dia pedir-me uma sessão de aparição, por desejar conversar, como ele disse, por intermédio de Adèle com o solitário D'Orval, cujas profecias ele havia comentado no "Almanach de la Science du Diable," do qual ele é o editor, e no qual tão compelido foi a inserir o meu cálculo cabalístico quanto à duração provável da república na França. Apressei-me a satisfazer-lhe o desejo. Mal Adèle caiu no sono, solicitamos a presença do recluso pelo título de "O autor da Profecia D'Orval," que apareceu de imediato. Resolvi expulsá-lo em nome de Deus, se não fosse a pessoa que pedíamos, não obstante permanecer ante tal ordem, assegurando-nos que era o próprio autor. Adèle diz-nos:

"Tenho certeza de que ele é o homem. Ele aparece-me dotado de uma bondade singular. Ele carrega a marca da amabilidade em cada traço da sua fisionomia. Não é robusto, longe disso, é muito magro; tem olhos muito encovados, testa saliente, tez lívida, como se estado sido sujeito a privações, ou fatigado pelo estudo profundo. Ele está cercado por uma luz muito bela. Ele diz-me que deixou a Terra há mais de duzentos anos. Mas você não sabe," observa Adèle, "que como não existe tempo entre eles, torna-se-lhes muito difícil indicá-lo."

Ele ainda acredita no cumprimento das suas profecias, com respeito à França e à destruição de Paris?

"Acredita, porém, como o Sr. Mallet, que haverá muito menos estrago feito do que previu."

Ter-se-á ele enganado quanto às datas?

"Ele acha que não; mas possivelmente ele poderá ter estado; de qualquer forma, essas datas serão números ímpares, 5, 7 ou 9."

Quem, segundo ele, sucederá à república?

"O jovem príncipe em questão."

Eu creio que este solitário está enganado. Em suma, o que significam o galo e o leão mencionados na sua profecia?

"É uma aliança que ele fará com um poder amistoso, representando a força do leão e a pureza do lírio."

Ele acha que a guerra entre os que têm e os que não têm virá a existir?

"Já existe: são os que têm que fazem guerra aos que não têm."

Mas aqueles que não têm farão guerra aos que têm?

"Certamente, e eles prevalecerão."

O que acontecerá então? A república reinará?

"...não mais do que reina atualmente; será terror, tal como agora r… (reina); você terá desejado que r… (reinasse), você terá dado o exemplo."

Quem serão, então, os chefes?

"Eles hão de emergir da obscuridade. Eles despertarão como espectros. Ah! Sangue! Sangue! Correrão oceanos de sangue!"

Adèle mostra-se muito agitada. Peço ao Sr. Delaage que não a questione mais sobre esse assunto. Ela exclama:

"Vejo um 3. Não sei se significa três meses ou três anos!!! Pobres gente, por se matarem uns aos outros por um homem!! Ah! dor; ah! civilização."

O Sr. Delaage deseja que o seu avô, o Sr. Jean-Antoine Chaptal apareça. Adèle imediatamente o vê.

"Ele tem," disse ela, "cabelos grisalhos; olhos vivos e inteligentes, uma testa magnífica, lisa e não enrugada como costuma ser a dos velhos; uma pequena protuberância de cada lado, tez clara e rosada, nariz bem formado, mas bastante longo, boca de tamanho médio, lábios grossos, queixo bastante longo, corpulência fina. Ele usa um grande casaco, como não vemos mais hoje em dia, com grandes bolsos de lado e mangas de uma cor muito escura; é como o cabelo, ou, pelo menos, assim me parece. Foi era um homem meditativo, de ideias muito elevadas. Ah! como ele foi instruído. Dedicou-se muito à ciência e acreditava na imortalidade da alma. Este homem escreveu muito."

O Sr. Delaage faz com que várias perguntas lhe sejam dirigidas sobre as suas perspetivas futuras. O cavalheiro aconselha o seu neto a prosseguir com as suas pesquisas nas ciências ocultas e a concluir a grande obra filosófica que ele está a realizar. Ele promete-lhe sucesso total. Depois de várias perguntas para si próprio, de carácter bastante pessoal, O Sr. Delaage agradece a

Adèle e assegura-lhe que todos os detalhes que ouviu são muito precisos. Eu estava prestes a acordá-la, quando ela exclama:

"Ah! O Sr. D'Orval ainda aqui está. Eu não o notei. Este homem honesto parece-me tão bom que me arrependo de não me ter despedido dele."

Já que ele ainda se encontra presente, pergunte-lhe onde poderemos encontrar uma cópia das suas profecias.

"Ele responde que existem diversas, na posse de diferentes pessoas, que não estariam dispostas a separar-se delas. Há uma cópia na posse de uma velha em Verdun."

O Sr. Delaage diz que há apenas uma semana que ouvira o que o solitário acaba de dizer: que uma velha em Verdun realmente possui uma cópia das profecias. O solitário retira-se, e Adèle continua a responder a perguntas psicológicas que lhe são dirigidas pelo Sr. Delaage, assim como pelo Sr. Roustan, que esteve presente nessa sessão. Este último deseja saber se nascemos mais de uma vez na terra? Adèle diz, "Não," e esforça-se para persuadi-lo dessa verdade por meio de argumentos tão engenhosos quanto sensatos. Ela perde o tempo, fica cansada, e eu a desperto. O Sr. Delaage não compartilha da opinião de magnetizadores tacanhos. Ele está longe de acreditar na transmissão do pensamento, e felicita Adèle pela feliz doutrina que ela foi chamada a ensinar aos homens, ao lhes fornecer os meios de tão fácil verificação, através do sonambulismo, da existência imortal e individualizada da alma.

OBSERVAÇÕES

Como disse no primeiro volume, esta obra está longe de apresentar o interesse de um romance devido ao seu estilo necessariamente fragmentado e abrupto. Por isso, será mais adequada aos amantes da ciência do que aos leitores apaixonados pelas descrições poéticas dos nossos romances contemporâneos. Procurei tornar o estilo o mais claro possível, despojando-o de todo o conjunto de questões e cenas alheias a revelações deste tipo. Preocupo-me menos em escrever bem do que em persuadir com eficácia. Se tivesse feito os meus clarividentes falar como personagens das *Mil e Uma Noites*, poderia, com razão, pensar-se que apresentava uma sequência dessa obra.

Não, permaneci dentro dos limites da verdade austera, desempenhando o papel de um historiador imparcial, apresentando à filosofia do nosso tempo factos em toda a sua nudez, mas também com toda a sua sinceridade. Segui cada aparição com observações independentes de qualquer sistema, ligando, em ordem, cada facto ao conjunto dos factos precedentes, para ajudar o leitor a tirar do todo as conclusões que julgar convenientes. Não considerei necessário oferecer um número ainda maior de testemunhos, pois penso que, se o leitor aceitar um, os restantes serão supérfluos e poderão parecer-lhe fastidiosos. Não omiti a morada das pessoas que os assinaram e mantenho os originais à disposição daqueles que desejarem vê-los.

Acredito que agora devo apresentar os factos que me foram comunicados por magnetizadores e outras pessoas estimáveis que, como eu, sacrificaram o seu nome à verdade, pois sabem bem a designação que lhes está reservada. Peço ao leitor que os leia com calma e não rejeite o maravilhoso que alguns deles contêm. Se lhes dou publicidade, é porque acredito que terei a possibilidade de demonstrar a sua viabilidade na obra sobre filosofia oculta que estou a preparar. Desde que me apresentei como alguém disposto a substituir a fé pela experiência, seria ridículo da minha parte anunciar factos que só poderiam ser aceites através da fé. Para ser coerente com o que defendo e para não merecer o título de louco, que me poderia ser justamente atribuído se me afastasse do caminho que tracei para mim mesmo, devo fornecer uma explicação aceitável para o que publico, e cumprirei essa promessa.

Os factos acima mencionados serão precedidos por duas cenas de partida deste mundo, que não são desprovidas de certo interesse para a ciência que estudamos.

2. APARIÇÃO DE M. CAHAGNET, MEU FALECIDO PAI

Relato oficial desta sessão realizada a 15 de dezembro.

Os leitores de *Os Arcanos da Vida Futura Revelados* não terão esquecido os relatos da morte e da primeira aparição do meu pai a Adèle em sono magnético. Desde esse dia, fiz aparecer a minha irmã, falecida um ano após o nosso pai, e perguntei-lhe se se tinha reunido com ele. Ela respondeu-me que o reencontrara, mas que ele insistia em acreditar que ainda estava na sua casa, no seu pequeno quarto, onde guardava as suas ferramentas e alguns objetos domésticos aos quais dava grande valor. Quanto a ela, compreendera quase de imediato o seu novo estado e tentara fazer o meu pai entender a sua situação.

Mas ele dizia-lhe: "Então, agora também tu, como o teu irmão, deixas que ele te meta essas ideias extravagantes na cabeça? Deixa-me preparar o meu café e ficar em paz."

A minha irmã, desolada com a sua falta de sucesso, após várias tentativas infrutíferas, cessou os seus esforços e passou a desfrutar do seu estado conforme lhe convinha. Adèle fez-me esperar que, mais tarde, pediria pelo meu pai e pensava encontrá-lo mais esclarecido. Foi isso que fizemos hoje. Ela chama-o e dirige-lhe as seguintes perguntas, às quais ele dá as respostas que se seguem:

— Então, como se sente agora?
— Muito bem, já não sofro.
— Tem finalmente consciência de que já não está na Terra e que está, como se diz, morto?
— Certamente, já lhe disse isso da outra vez, mas não é fácil organizar tudo e encontrar o lugar certo.
— Já encontrou o seu lugar?
— Sim, estou no grande lar.
— O que chama de grande lar?
— Já não estou no meu pequeno lar, onde me conheceram; agora estou no grande lar da família.
— Que família? A sua ou a família universal?
— A minha, se faz favor!
— Com que pessoas está reunido?
— Com a minha mulher, a minha irmã, a minha filha, a mãe da minha mulher e o pequeno miúdo...
— A sua irmã está reunida ao marido e ao filho?
— Não, não têm os mesmos gostos.

— A mãe da sua mulher não está com o marido dela?
— Não, não.
— A sua filha está consigo?
— Certamente. Há muitos outros; este, sim, é o grande lar.
— Quais são as ocupações de todos vocês?
— Eu acabo de chegar de São Domingos, onde fui buscar provisões de café, porque este agita menos do que o da Martinica e o Moca. A minha mulher faz renda, a minha irmã lê, a minha filha cuida do miúdo e a avó trata do jardim.
— Onde fica o lugar da vossa residência?
— A duas léguas de Caen, muito perto do mar, um lugar magnífico, o mais belo dos arredores.
— Como? Está perto de Caen?
— Pois claro, existe um lugar correspondente, ou que representa essa região, no mundo dos espíritos.
— Foi você quem escolheu esse lugar?
— Não, encontrei todos lá.
— A quem pertence a vossa morada?
— A nós, pois entre os espíritos tem-se o que se quer.
— Mas se tem o que quer, por que vai a São Domingos buscar café?
— Simplesmente porque gosto de fazer uma pequena viagem de tempos a tempos. Caso contrário, não se deveria mudar de lugar?
— Está bem disposto agora?
— Certamente, já não sofro, tenho vinte anos a menos.
— Ainda coxeia?

Oh! Não.

Dizia-me há pouco que prefere o café de São Domingos porque não o agita; então ainda pode sentir agitação?

Se já não sentíssemos nada do que tomamos, do que nos faz bem, do que nos dá prazer, mais valia estarmos verdadeiramente mortos.

Pensa algumas vezes no seu filho?

Certamente. Quando o vir, terei muito para lhe contar.

Sobre o quê?

Sobre tudo o que observo.

Não poderia aparecer-lhe?

Já o fiz várias vezes.

Ele gostaria de estar consigo?

Sim, para se enfiar num canto qualquer a pensar como um tolo em coisas que não pode compreender e que só lhe cansam a cabeça.

Sabe que ele nem sempre foi assim; essas ideias novas vieram-lhe sem que ele as procurasse?

Tem ideias a mais. Para que lhe servem?

Para as comunicar aos homens.

Aos homens! Esses realmente merecem isso! Cansar-se por eles, eles que certamente lhe agradecerão muito, etc.

Mas sabe que cada um tem o seu papel na Terra?

Sim, mas que fique no seu pequeno papel e não tente assumir um maior do que aquele que pode desempenhar.

No entanto, não é ele que escolhe, se Deus assim o quiser.

Deus! Deus! Que pense um pouco menos e tome um bom copo de rum. Ah, pois! Fiz uma rapariga quando devia ter feito um rapaz. Vou falar com ele, quero que se torne um homem...

Já que o meu pai fala de café, digo eu, e que da última vez até te fez tomar um pouco, pede-lhe uma pequena chávena, far-te-á bem.

Oh, sim. Ele responde-me que ainda não o fez, mas que não demorará tanto como na Terra, que espere um pouco. O teu pai é engraçado, que espere! Não me vai trazer o café; terei de ir buscá-lo a casa dele. Mas não tenho tempo hoje; além disso, não conheço toda essa gente. Deixemos isso para outro dia...

Mas, disse eu a Adèle, já que estiveste na casa dele da última vez, não poderias fazer hoje o que fizeste então?

Da última vez, fui encontrá-lo no seu pequeno lar, como ele o chama, e isso foi em Batignolles; mas hoje fui eu quem o chamou, foi ele que veio, não eu que fui ter com ele. Teria de ir com ele para o seu grande lar, perto de Caen, o que implicaria entrar noutro estado, e hoje não tenho tempo para isso.

Dizes-me que não conheces toda essa gente, mas viste-os todos, um por um, em diferentes aparições.

Ver uma pessoa isoladamente uma vez e visitar uma grande família são coisas diferentes; é mais fácil falar com uma pessoa do que com dez; além disso, não os conheço a todos; só vi aqueles

que ele me nomeou. Mas há muitos mais, deixemos isso para mais tarde...

OBSERVAÇÕES

Devo ao leitor uma breve nota biográfica sobre o meu pai, para melhor compreender a sessão anterior. O meu pai nasceu em Caen, numa família honrada e abastada; o seu pai era procurador no bailiado, etc.; aos quinze anos, com os estudos quase concluídos, desejou navegar, foi aceite como capitão da marinha mercante aos quarenta anos e navegou até aos sessenta e dois. Depois disso, passou dez anos como síndico de marinheiros no Bureau des Classes du Havre; mais tarde, veio alternadamente morar comigo e com a minha irmã, onde, aos oitenta anos, terminou uma existência penosa, passada meio século no mar e o restante no seio da família.

Nos últimos anos de vida, dedicava-se a pequenos trabalhos em madeira e a cálculos matemáticos, pois era apaixonado por matemática e tinha recebido uma educação esmerada. Apesar de ter vivido no mundo, conservou sempre aquele caráter franco e rude do homem do mar. No que foi dito sobre ele, preocupei-me menos em corrigir o seu estilo do que em apresentá-lo tal como ele próprio o considerava adequado. Não tento aqui apresentar-me de forma diferente daquela que sou, pois, perante a posição do meu pai, o estudo está acima das convenções fúteis deste mundo. Aqui trata-se de estudar a existência futura numa pessoa qualquer, e tanto melhor se for o meu pai em vez de outro. Vejamos o que há de aceitável, admissível e plausível no que nos é revelado sobre este assunto; não devemos recomeçar os nossos estudos do mundo, mas sim continuá-los.

1º O meu pai diz que já não sofre, o que é significativo, pois nos últimos tempos da sua vida queixava-se constantemente e tomava medicamentos sem cessar; tinha mais medo de atravessar um ribeiro do que antes de fazer uma viagem de um ano.

2º Adèle, que na última aparição ainda o ouviu queixar-se, não tem, portanto, um sistema próprio, pois hoje diz o contrário do que disse antes. Isto significa que recebe as respostas diretamente e não são frutos da sua imaginação.

3º O meu pai diz que agora está no "grande lar" e que não é fácil encontrar o seu lugar. Aqui temos duas expressões dignas de nota: a primeira é nova e prova que, embora as afeições terrenas nos sigam para o mundo espiritual, ainda assim sofrem uma melhoria e uma progressão dignas de destaque.

O que Adèle dizia sobre Elisa comer um pêssego poderia fazer crer que se pode permanecer indefinidamente preso a um único pensamento. Se fosse assim, tenho a convicção de que o pequeno lar do meu pai lhe convinha melhor do que o grande de que ele fala. Poder-se-ia argumentar que a minha irmã e eu poderíamos, por meio das nossas orações, tê-lo ajudado a mudar de estado, o que sempre nos provaria que essa mudança é possível e que, de facto, ocorreu para o meu pai. Com quem o reencontrei então? Com a minha mãe, que ele muito amava; com a minha tia, que morreu nos seus braços e por quem tinha grande afeição; com a minha irmã, em cuja casa faleceu e cuja companhia ele apreciava imensamente; com a minha avó, que viveu connosco nos primeiros anos da minha infância. O marido dela não está presente, pois o meu pai não aprovava a sua conduta; a minha tia não está acompanhada do marido, de quem se queixava; o seu filho também não está ali, pois, tal como em vida, está sempre a viajar.

O que fazem estas pessoas? O meu pai viaja mais para se abastecer do que por prazer; e de onde vem ele? De São Domingos, o seu local predileto. A minha mãe faz renda, um trabalho que adorava na juventude; a minha tia lê, uma ocupação que apreciava muito; a minha avó cuida do jardim, pois sempre gostou do campo e das flores; a minha irmã cuida da criança (expressão trivial, mas verdadeira do meu pai), pois adorava crianças tanto quanto a si própria.

Todos, portanto, estão bem instalados (outra expressão genuína do meu pai) de acordo com os seus gostos, gostos que Adèle desconhecia, pois nunca vira estas pessoas, que morreram antes de eu a conhecer. Eu próprio tive de fazer um esforço de memória para recordá-las. Há algo de extraordinário nesta revelação: ou estas pessoas ainda têm os mesmos interesses ou Adèle percebe que os tiveram na Terra por meio da minha memória. Mas, se ela já fez os seus irmãos tocarem música sem

que o tivessem feito em vida, se já fez a sua mãe ler sem que esta tivesse gosto ou tempo para isso, cercada que estava por dezoito filhos, por que razão os meus pais não poderiam ter, como os dela, afeições que não tinham na Terra e que demonstram mais um estado celeste do que terrestre?

Isto prova que Adèle permanece na verdade, relata apenas o que ouve e nada mais, pois ela própria argumenta. Não pergunta ela ao meu pai: "Se tem tudo o que deseja, por que vai buscar café a São Domingos?" A resposta do meu pai é tão racional quanto a observação lógica. Mas quando se trata da preferência pelo café, que realmente era a sua bebida favorita, ele dá uma resposta tão espirituosa quanto a pergunta foi capciosa.

Chegamos a mim. O meu pai responde-me como teria feito em vida; parece-me ouvi-lo falar. Nunca partilhámos a mesma forma de julgar os homens e os assuntos políticos; assim, reconheço, na secura da sua resposta, o homem antigo do seu tempo. Adèle não teria atribuído tais palavras a ninguém, pois são tão ofensivas para mim, do ponto de vista humano, quanto contrárias ao propósito dos nossos estudos.

O meu pai afirma que vive num lugar perto de Caen. Creio lembrar-me de que ele mencionou, algumas vezes, que o seu pai ou a sua família possuíam uma pequena propriedade a duas léguas de Caen, junto ao mar, mas não posso afirmar com certeza. O que coroa esta aparição é a observação perspicaz de Adèle quando a incentivo a pedir uma chávena de café ao meu pai. Qualquer um compreenderia que, se ela tivesse bebido café, estaríamos demasiado próximos de uma criação imaginária. Mas, ao ser obrigada a entrar num outro estado para ir buscá-lo, percebemos que há leis que se impõem e que desafiam os nossos argumentos.

O clarividente não cria, observa. Não engana, engana-se ou é enganado, o que pode ser evitado mantendo sempre a atenção no engano, não argumentando, mas não deixando passar nada que pareça estar em desacordo com as revelações anteriores. É necessário exigir sempre explicações claras, e foi a isso que cheguei com Adèle. Não posso apanhá-la em contradição consigo mesma; tem resposta para tudo, e tudo o que diz está tão interligado que oito anos de estudo parecem uma hora. Não há um único erro, apenas probabilidades altamente aceitáveis. O meu pai

apareceu-me realmente em sonhos várias vezes. Adèle conheceu o meu pai apenas de forma imperfeita; ele já não vivia comigo quando a conheci. Agora aguardo uma nova sessão, na qual Adèle irá conhecer os lugares e este grande lar, onde talvez encontremos novas satisfações para os nossos estudos.

3ª APARIÇÃO DO MEU PAI

Sessão de 25 de abril.

Adèle, em estado de sono, chama o meu pai e pede-lhe que a conduza à propriedade de que falou na sua última visita, onde diz que se reúne o grande lar. Adèle expressa-se assim: "Vejamos, Caen é um local elevado acima do nível do mar. Esta propriedade situa-se a cerca de duas léguas da cidade, à direita, na estrada que leva ao Havre... Vejo uma senhora idosa e debilitada, de estatura pequena, etc." Segue-se a descrição da minha avó, a qual Adèle nunca conheceu nem ouvira falar. A descrição é extremamente precisa, pelo que me recordo dessa boa senhora.

"Vejo também um senhor cujo ar severo e exterior não me agradam nada." Segue-se a descrição do meu avô, que não posso confirmar, pois não o conheci, mas cujos modos coincidem com aqueles de que o meu pai tantas vezes me falou. Adèle mantém-se em silêncio por algum tempo e faz gestos que me provam que está a falar e a agir naquela casa como se estivesse fisicamente presente. Entre outras coisas, pega numa pitada de rapé da tabaqueira do meu pai e aceita uma chávena de café que a minha avó lhe oferece. No entanto, vejo-a afastar a chávena quando esta senhora tenta colocar-lhe rum da Jamaica, dizendo que isso a agitaria demasiado, visto que já tomara uma dose anteriormente.

Após um instante, Adèle torna-se muito rabugenta, como já a vi algumas vezes no seu estado material depois de beber esta bebida. A minha irmã aparece-lhe então e oferece-lhe uma espécie de galette de trigo-sarraceno, um tipo de bolo feito na Normandia que Adèle desconhece; ela recusa prontamente, dizendo que não quer comer algo tão pouco apelativo. Tem pressa em sair da presença daquele senhor de ar severo, cuja companhia a incomoda, o que a impede de descrever com mais detalhes os lugares.

Adèle, ainda amuada, recusa-se a interrogar os presentes; dá-me apenas alguns detalhes sobre a mobília da sala em que esteve,

a qual me parece condizente com a das casas de campo da Normandia, uma região que Adèle nunca viu.

A minha irmã tem plena consciência do seu estado atual e dedica-se à jardinagem. Mas o meu pai esquece-se dela com frequência, ao ponto de ela ter de lhe lembrar; é então que ele exclama: "É mesmo verdade, nunca penso nisso." A sua afeição é viajar, tal como fazia na Terra. Encontrou marinheiros falecidos que haviam navegado sob o seu comando e viaja com eles como antes. Faço algumas observações a Adèle, dizendo-lhe que isso parece impossível, pois os marinheiros, no seu estado espiritual, não precisariam de estar sob as ordens do meu pai. Ela responde-me, contrariada: "Não percebes nada desta existência, não a compreendes, não me argumentes, digo-te que é assim..."

Quando observo que a senhora idosa que ela viu já não deveria estar debilitada e que o marido dela deveria ser mais sociável, responde-me: "Vejo-os tal como eram na Terra, como os reconheceríamos de outra forma? A tua irmã, que nunca esteve nesta casa, sente-se bem nela; vês, portanto, que o passado e o presente são um só para mim. Isso não significa que a avó esteja doente, tal como a vejo; mas não percebes nada destas coisas, acorda-me..."

Repito-te: não creias que a vida futura seja um estado de repouso absoluto. É semelhante à vida terrena. Nela desfrutamos das nossas afeições, e como não se pode ter afeição por algo desagradável, gozamos eternamente daquilo que amamos.

Existe também uma lei que governa essas afeições, de modo que não se pode instantaneamente afeiçoar-se a algo à vontade. Essa lei é a mesma que rege a harmonia terrestre, uma lei que limita os caprichos da última. Gozamos, portanto, das nossas afeições, progredindo na felicidade de saboreá-las e alcançando outras que são fruto do tempo. Pensas, por exemplo, que ao morreres subirás imediatamente ao céu divino, onde os mistérios da criação são compreendidos? Oh, não, ninguém sobe lá como quer, e tu não mais do que os outros, embora saibas o que sabes sobre essa harmonia. Terás de passar, como os demais, por essa continuidade imperceptível de hábitos, até que te sejam influenciados outros. Oh, vós, homens da Terra, que pensais saber

e fazer tudo, depois da morte tereis de refrear a vossa presunção e conformar-vos com as leis divinas.

Faço a Adèle a observação de que o meu pai não gostava apenas de viajar, mas também de comandar os seus marinheiros com severidade. Como podem eles gostar de obedecer?

— O teu pai gostava de comandar com justiça, o seu caráter é conhecido pelos marinheiros que estão com ele; agora, são apenas amigos, e sem ele não poderiam satisfazer a mesma afeição que têm por viajar. São viagens de prazer que fazem juntos, em vez de jornadas penosas.

Sentem tempestades e mares agitados como aqui na Terra?

— Não, tudo está de acordo com o estado em que se encontram e com os lugares onde estão. A matéria não é tão densa nem tão agitada. Eles estão numa substância mais diáfana, mais suave, que oferece muito menos obstáculos aos seus desejos, mas que, ainda assim, tem leis de distância e resistência, como na Terra. Tu és apenas um lobo que gosta de meditar e escrever isolado; permanecerás como um lobo num canto qualquer. Mas eu seguirei minha vida ativa, frequentando os meus semelhantes, como fazia na Terra.

Numa observação que fiz a Adèle sobre o tipo de esquecimento que os espíritos parecem experimentar em relação aos seres que mais amaram na Terra, ela deu-me a seguinte resposta, que, aliás, está de acordo com a forma como descreve as alegrias espirituais. “Guarda bem isto”, disse-me ela, “quando se entra nesse estado, as pessoas que víamos por convenção ou exigência terrena, com aparências de simpatia, mas pelas quais, no fundo, não sentíamos nada, são separadas de nós e até apagadas da nossa memória. Se por acaso nos reencontramos, sentimos apenas uma sensação de indiferença por elas. Sejam parentes próximos ou aliados, todos os laços são rompidos, e cada um reencontra a liberdade de agir e pensar dentro dos limites do estado em que se encontra.”

Eis uma das leis consoladoras do mundo espiritual. Esse mundo ou estado é uma continuação do estado terrestre, sem os seus sofrimentos e perturbações. Não se pode agrupar-se a nenhuma sociedade senão por um efeito simpático de afeições

semelhantes, o que elimina todas as disputas e qualquer forma de dominação.

OBSERVAÇÕES SOBRE ESTA SESSÃO

Pela definição que Adèle acaba de nos dar sobre a afeição pelo comando e pela obediência, vemos que aqueles que gostam de comandar e liderar são procurados por aqueles que, na Terra, reconheciam neles uma superioridade e apreciavam a forma como eram tratados. É o que acontece com o meu pai, que nos serve de exemplo neste estudo. Os seus marinheiros, cuja inteligência na Terra se limitava à execução de manobras necessárias à navegação, não progridem instantaneamente ao entrar no estado espiritual, ao ponto de adquirirem o conhecimento do seu capitão. Se assim fosse, este último deveria avançar na mesma proporção no seu aprendizado e tornar-se imediatamente comandante de um navio.

Se todas as aquisições de conhecimento avançassem ao mesmo tempo, o mais instruído na Terra seria um semideus no céu. Admito, portanto, após profunda reflexão, que o que Adèle diz é muito provável, se não for absolutamente verdadeiro. O progresso da inteligência neste estado é em tudo semelhante ao da Terra; um pensamento sucede a outro. A observação e a melhoria vêm com o tempo, e então compreendo, por meio dessa lei de afinidades simpáticas que preside à existência espiritual, como pode ser agradável comandar e, ao mesmo tempo, obedecer. Voltaremos a essa questão nas sínteses que Swedenborg fez a esse respeito.

REVELAÇÕES DO ESPÍRITO EMMANUEL SWEDENBORG FEITAS A ADÈLE MAGINOT, EM SONO MAGNÉTICO, SOBRE A ENCARNAÇÃO HUMANA

PRIMEIRO ESTUDO

Peço ao leitor que se desfaça de toda e qualquer ideia gerada pelas convenções humanas antes de ler o que segue, pois poderia encontrar imoralidade nas questões que me permiti dirigir, por meio de uma mulher, ao espírito de Swedenborg. Ao dedicar-me ao estudo das relações que os clarividentes podem estabelecer com as almas libertas dos laços materiais, não me propus a juntar

as mãos e baixar os olhos num gesto de devoção ou humildade tão falsa quanto inapropriada para este tipo de estudo. Pelo contrário, pude libertar a minha alma de todas as amarras impostas pelos homens e pelos seus costumes, para elevar-me com o espírito livre e o coração humilde até as esferas onde os apetites da carne são anulados.

Adèle já não era para mim mais do que eu próprio. Durante muitos anos, nossas almas fundiram-se no estudo, e o rubor da modéstia é tão comum a um como ao outro. Não julguei, portanto, faltar a qualquer convenção ao imitar o anatomista que, em público e sem hesitação, mergulha o bisturi na carne da virgem, que noutra ocasião teria ocultado dos olhares. A ciência ordena-lhe, e ele obedece. Da mesma forma, para o bem deste estudo, esqueci que uma mulher, minha irmã na Eternidade, pronunciaria palavras que, mal interpretadas por um público despreparado, poderiam fazer-lhe perder a estima de que até hoje suas revelações foram cercadas. Não tive em vista senão a instrução dos meus irmãos, e que cada um mantenha essa estima em favor da nossa boa intenção.

Não poderíamos ter encontrado o berço da nossa primeira existência sem investigar nossa introdução a este mundo, ou seja, estudar nossa encarnação neste invólucro tão sublime na sua construção... e tão pesado de carregar!

SESSÃO DE 27 DE ABRIL DE 1852

Peço a Adèle que chame, como de costume, o espírito de Emmanuel Swedenborg para responder às seguintes perguntas, das quais retiro aqui os preâmbulos comuns a todas as sessões, a fim de evitar repetições desnecessárias.

Qual é o papel do esperma humano no ato da cópula?
— O de procriar.

Qual é o papel dos ovários nesse ato?
— O de fornecer a alma humana, enquanto o esperma fornece o corpo material.

Qual é o papel dos animálculos contidos no esperma?
— O de gerar todos os animálculos que compõem o corpo material. Conforme a quantidade desses animálculos, o desenvolvimento da forma material será maior ou menor. Cada

um deles tem afinidades que os fazem contribuir para a construção dos órgãos ou partes do corpo onde são chamados.

Qual é o papel da placenta na formação do homem?

— O de proteger a criança contra as emanações pútridas do corpo da mulher.

Qual é o papel do sangue menstrual no mesmo ato?

— O de nutrir e fornecer outros animálculos necessários à formação do corpo material. Esse sangue assemelha-se ao orvalho do céu em relação às flores que alimenta; da mesma forma, nutre a forma material.

Por que há uma perda dos ovários no fluxo do sangue menstrual?

R. Os óvulos que saem assim são incompletos e assemelham-se às flores de uma árvore que nem sempre produzem frutos. Pode-se dizer deles que são apenas restos de óvulos, agregações de animálculos desprovidos da alma harmônica, à qual não puderam se agrupar para se desenvolver completamente.

O que pode causar as monstruosidades humanas?

R. Absorções feitas pela mulher de animálculos estranhos àqueles que devem compor a forma humana material. O ar que respirais não é senão um composto de animálculos de todas as espécies, e acontece que a mulher, em certas circunstâncias, permite a entrada e passagem de um número mais ou menos elevado desses animálculos, que se fundem com aqueles destinados a formar o invólucro material. Dessa mistura de seres diferentes resultam as formas incompletas e monstruosas que observais infinitamente.

O que pode anular o efeito ordinário dos venenos ou de todas as substâncias que a mulher absorve nos desejos que sente no início da gravidez? Em qualquer outro estado, seria consideravelmente afetada pela absorção dessas substâncias.

R. Os desejos de que falais não provêm da mulher, mas são o produto da alma da criança ou dos animálculos que contribuem para o desenvolvimento do germe material. São esses seres que absorvem os efeitos espirituais dessas substâncias, dos quais não dependem como depende o corpo material da mulher. Esta última conserva apenas os resíduos privados de vigor dessas absorções, o que explica por que não pode sofrer nenhum efeito prejudicial.

Adèle sentindo-se fatigada, sou forçado a interromper o curso de minhas perguntas.

Sessão de 29 de abril de 1852

A alma humana é depositada na mulher antes do ato da cópula?

R. Ela só é depositada no momento da sensação do ato, que causa sua absorção.

Há várias almas em um ovário?

R. O ovário pode conter ordinariamente duas almas, e até mais, dependendo das circunstâncias.

O que causa os nascimentos triplos e quádruplos?

R. A absorção de várias almas durante o ato.

Esses nascimentos triplos ou quádruplos são resultado de uma ou várias cópulas?

R. São o resultado de uma única cópula. Não pode ser de outra maneira.

A alma humana, assim encerrada no ovário, tem consciência do seu estado presente?

R. Sim, conhece seu passado e seu destino, mas, ao ver a luz material, perde essas recordações.

Ela possui a forma humana?

R. Sim.

Está isolada de toda outra alma?

R. Não, entra em contato, conforme seu desejo, com a alma da mãe ou do pai.

O trabalho do invólucro material que deve cobri-la é conduzido por ela ou por outras forças?

R. A alma não conduz nem se ocupa sempre do material, sendo ela mesma a forma típica. Em relação às moléculas materiais que compõem seu invólucro, ela não é mais do que um ponto de atração ao redor do qual essas moléculas se agrupam.

Um corpo com duas cabeças, quatro braços e quatro pernas, como se vê por vezes, contém uma ou duas almas?

R. Possui apenas uma. Duas almas só podem existir materialmente em dois corpos distintos.

O que são dois gêmeos do ponto de vista espiritual?

R. Dois amigos, antes, durante e depois.

O que são vários filhos gerados em um único parto sob o mesmo ponto de vista?

R. São junções acidentais de almas absorvidas irregularmente, cuja instalação não é harmônica. Muitas vezes, o ovário é pequeno demais para contê-las, e elas não podem se materializar adequadamente nem desfrutar da existência terrestre.

A que se deve a simpatia maior entre certos gêmeos do que entre outros?

R. Como acabei de dizer, essa simpatia deve-se à amizade eterna que os une. Nos casos contrários, isso se deve apenas à influência da matéria; mas podeis ter certeza de que dois gêmeos nunca podem se odiar espiritualmente.

A que se deve a transmissão aparente de vícios, paixões, hábitos ou doenças dos pais para os filhos?

R. Às moléculas materiais absorvidas pela criança, seja do pai ou da mãe, moléculas que contêm essas paixões.

A que se deve o efeito contrário, em que bondade, honestidade, castidade e saúde podem surgir de pais que não possuem essas virtudes?

R. Dois seres nunca são viciosos no mesmo grau. A criança absorve o bem e o mal daquele dos dois em quem o encontrar.

Por que se observa geralmente que uma filha se assemelha mais ao pai em termos físicos e morais, enquanto um filho se assemelha mais à mãe?

R. Porque geralmente a alma feminina gosta de absorver do pai, que é para ela um protetor, e a alma masculina gosta de absorver da mãe, pois sente a necessidade de protegê-la. Podeis estudar esses factos e logo conhecereis a verdade.

A que se deve a precocidade de espírito observada em certas crianças, cujos conhecimentos ultrapassam em muito os de homens que lhes parecem superiores em instrução?

R. Ao desenvolvimento do invólucro, o espaço material que contém essa ordem de pensamentos. Esse resultado é totalmente material, pois espiritualmente o espírito é igual para todos.

O que pode causar certos sinais físicos em algumas pessoas, como manchas que aparecem em cores relacionadas à maturação dos frutos que representam?

R. Esse efeito é puramente espiritual. Esses desejos pertencem à alma da criança e não à da mãe. Essa alma tinha, no mundo que deixou, uma grande afeição por esses frutos e um forte desejo de absorvê-los. A mãe, influenciada pelo filho, é levada a comê-los, e a criança absorve o seu espírito. Se, ao contrário, a alma do filho não pode satisfazer esse desejo, sente um descontentamento tão forte que seu invólucro material se impressiona e marca. Essa marca, embora inicialmente espiritual, acaba por se materializar, e no momento da maturação desses frutos, o espírito dessa marca atrai, como o faria o próprio fruto, as cores e moléculas do ar, razão pela qual a vedes colorir-se em simpatia com esses frutos.

Algumas crianças nascem com sinais semelhantes que parecem não ser resultado de um desejo próprio, como no seguinte exemplo: um homem, num momento de brutalidade, joga contra o rosto da mãe um líquido contido no copo que segura; a criança nasce com uma marca correspondente. A que se deve esse facto?

R. Pela mesma causa. É o desejo que a criança tem de saborear a substância da bebida, que agiu sobre o pai, em vez de agir sobre a mãe. A relação que mencionei entre a alma da criança e a de um dos pais determinou essa ação, sem que o pai soubesse que o ato visível dessa brutalidade era causado por esse motivo oculto.

No quarto volume dos Arcanos da Vida Futura Revelados, disse que o homem, no ato da cópula, fornece o germe, enquanto a mulher desempenha o papel de incubadora. Como conciliar essa resposta com a que me dás hoje? Terias cometido um erro?

R. A resposta que te dou hoje é, ao contrário, o complemento da outra. Não cometi erro. O homem fornece o germe do corpo material, como disse, e a mulher o incuba até a eclosão. No entanto, quanto à alma, que vem dar funcionamento ao germe ou aos germes de animálculos materiais, a mulher a absorve no ato da cópula. Essa alma se instala no ovário preparado para recebê-la. Isso faz com que o homem represente duas individualidades: a da alma e a da matéria que forma seu invólucro. Cada uma delas tem suas manifestações próprias.

SEGUNDO ESTUDO
Sessão de 13 de maio de 1852
QUESTÕES SUPLEMENTARES

Não pude resistir à necessidade de esclarecer algumas dúvidas que mencionei nas apreciações anteriores. Assim, pedi novamente a Adèle, em estado de sono magnético, que chamasse o espírito de Swedenborg para lhe submeter as seguintes questões, que, sem serem formuladas como argumentos, deveriam levá-lo a me fornecer uma certeza mais convincente a esse respeito.

1 - Questão. Disseste-me, na última sessão, que a encarnação de várias almas ao mesmo tempo em um ovário era o resultado de uma absorção precipitada, irregular e acidental. Mas uma lei divina não teria determinado o dia, a hora e o local dessa encarnação?

R. As almas que estão no mundo espiritual têm um desejo tão grande de nascer no mundo material que, em sua pressa em fazê-lo, algumas transgridem as leis divinas em certos casos e encarnam-se em grupo. Essas almas estavam, de facto, destinadas a nascer no mesmo corpo e em um tempo marcado, mas, como já repeti, podem, em certas circunstâncias, infringir essa lei.

2 - Os corpúsculos que concorrem para formar o invólucro material da alma humana executam esse belo trabalho com base em sua inteligência individual ou são guiados por uma força oculta que os agrupa?

R. Esse trabalho é fruto da inteligência individual de cada corpúsculo.

3 - A alma humana, cujo invólucro material não foi completado ou foi mutilado por alguma deformidade, sofre corporalmente por essa imperfeição?

R. Ela é limitada pelas deformidades do corpo material.

4 - É a alma que anima essas deformidades em sua vida sensível? Pode ela acreditar e sentir mover um membro (por exemplo) que nunca teve materialmente?

R. A alma habita todas as partes de seu corpo. Algumas almas sentem o movimento dos membros materiais que lhes faltam desde o nascimento, mas, ao contrário, quase todas sentem mover aqueles que possuíram e perderam.

5 - A alma pode, tão facilmente quanto acreditamos, deixar seu corpo material para se transportar, à vontade, para locais distantes, como parece fazer no estado sonambúlico?

R. Sim.

Devo observar ao leitor que, no dia em que realizei esta sessão, a atmosfera estava muito pesada, e Adèle parecia mais disposta a dormir um sono comum do que um sono magnético. Assim, enquanto eu escrevia sua última resposta, ela adormeceu profundamente. Sempre notei, nessa clarividente, que se eu ficar um único minuto sem ocupar sua inteligência com alguma pesquisa, ela passa instantaneamente ao sono comum.

Já mencionei em outras ocasiões que Adèle é um ser de dedicação, que se presta a esses estudos apenas por pura complacência para comigo, pois nada no mundo a atrai menos. A tal ponto que ela ainda não leu os dois primeiros volumes deste livro, do qual ditou uma grande parte. Todas as pessoas que a conheceram em seu estado de vigília não compreendem como ela pode ter se dedicado a tal estudo. Essa indiferença, por consequência, tem grande influência sobre seus sonos magnéticos.

Peço ao leitor que me perdoe esta pequena digressão sobre uma mulher com quem convive há alguns anos; essa nota não prejudica o que já se sabe sobre ela.

Volto à quinta resposta. Vi Adèle, subitamente assustada, responder bruscamente "sim". Perguntei-lhe a causa de seu medo. Ela me disse:

— "Eu dormia e ouvi alguém gritar em meus ouvidos: RESPONDA SIM!"

— "Sim ao quê?" perguntou-me ela por sua vez.

— "À última pergunta que te fiz", respondi-lhe.

— "Oh! eu não a ouvi... Eu já dormia enquanto tu escrevias a resposta que acabei de dar. Mas repete-me essa pergunta para que eu a faça a Swedenborg, a fim de verificar se foi ele quem me disse 'sim'; poderíamos estar cometendo um erro..."

A pergunta foi repetida ao espírito, que lhe disse com afabilidade:

— "Já lhe respondi sim."

— "Mas", insistiu ela, "como pudeste me responder sim, se eu não te perguntei nada? Eu ouvi claramente a questão sem tua ajuda, pois, veja, eu mesma disse: 'Responda sim'. Eu dormia..."

— "Ah! que coisa estranha!" exclamou Adèle.

Compartilho do espanto dessa clarividente, e é isso que me leva a relatar esse episódio. Esse facto demonstrará ao leitor que os espíritos podem conhecer nossos pensamentos com grande facilidade, mas que só podem nos transmitir os seus por meio de um intermediário, ou quando nós mesmos nos encontramos em um estado intermediário.

Com base na confiança que cada um depositar neste relato, poderá julgar se as respostas de Adèle são criações de sua imaginação, como alguns adversários de má-fé quiseram afirmar. Pelo contrário, as respostas que sempre obtivemos dela demonstram uma lógica de sistema muito coerente, o que não ocorreria com uma clarividente tão pouco inclinada a esse tipo de estudo. O incidente que acabo de descrever é a prova mais evidente disso.

6 - Quem conduz, governa e mantém contato connosco nessas peregrinações, permitindo que o invólucro da alma nos transmita as respostas que esta nos dá?

R. A alma, sendo UMA PARTÍCULA DE DEUS, pode irradiar-se infinitamente; portanto, ELA ESTÁ SEMPRE EM SEU CORPO, ainda que se encontre em lugares distantes dele. O corpo nunca permanece e não pode permanecer sem ser animado pela alma. Sem ela, deixaria de existir.

TERCEIRO ESTUDO
Sessão de 13 de agosto de 1852
NOVAS QUESTÕES DIRIGIDAS AO ESPÍRITO DE SWEDENBORG SOBRE A ENCARNAÇÃO DA ALMA HUMANA

D. Das suas últimas revelações sobre a encarnação da alma humana, revelações que serão publicadas um dia, assim espero, conclui-se que a alma é uma forma típica à qual se agregam os

corpúsculos materiais contidos na semente humana, e que cada um desses corpúsculos é:
1° O ponto de atração ao redor do qual se agrupam os corpúsculos espalhados na atmosfera material que o envolve.
2° Cada um desses pontos de atração de grupos deve representar, naturalmente, o germe de cada órgão de nosso corpo material.
3° Segundo a completa composição do conjunto desses corpúsculos, os órgãos do ser encontram-se mais ou menos harmonizados.

Dessa proposição, conclui-se:
1° Se um órgão for incompleto, consequentemente fraco e doente, ele influenciará os outros órgãos que, materialmente, colaboram com ele nas funções da vida animal e determinará o tempo de existência do corpo que ajuda a formar.

Se isso for assim, segue-se que aquilo que constitui a liberdade terrestre desse homem depende dessa multiplicidade de acidentes, o que já não representa mais uma liberdade coletiva do corpo, mas sim uma dependência das consequências da formação dos órgãos que compõem essa máquina humana. Encontramo-nos, portanto, conduzidos, apesar de nós mesmos, à negação da chamada liberdade material do homem, já que ela depende de cada um de seus órgãos.

R. A alma é livre para compor melhor o seu invólucro.

D. Disseste-me antes que os corpúsculos que compunham esse invólucro agrupavam-se por si mesmos, obedecendo a uma lei de afinidade, e que não eram agrupados pela alma.

R. Não é a alma que os agrupa, assim como um arquiteto não agrupa os materiais de uma casa; mas, como o arquiteto, ela deve e pode velar para que essa disposição seja harmônica.

D. Disseste-me ainda que as monstruosidades humanas resultam do excesso de poder de atração dos corpúsculos-germes contidos na semente humana. O que pode a alma contra esse poder?

R. Ela pode moderá-lo e impedir a adição excessiva de corpúsculos que viriam desfigurar sua forma material.

D. Se a alma pode impedir esse excesso de agrupamento, como pode, no caso contrário, faltar-lhe o complemento de um determinado órgão?

R. Ela não pode faltar com esse complemento de materiais, assim como não deve utilizá-los em excesso, a menos que seja privada deles por algum acidente independente de sua vontade.

D. Então uma alma escolheria um invólucro cego, corcunda, etc., como os que nascem em nosso mundo?

R. A alma não agrupa por si mesma as moléculas de seu corpo material. Repito-lhe: ela simplesmente supervisiona, ou deve supervisionar, esse trabalho, e a deformidade que seu invólucro assume é uma prova de sua ignorância ou de sua falta de vigilância em relação a essa obra. Somente nos casos acidentais que mencionei é que ela não pode agir, e, naturalmente, a consequência da imperfeição de seu invólucro influi sobre as ações desse corpo.

D. O mesmo deve ocorrer com o espírito; se ele está, como disseste, cercado de pensamentos absorvidos no seio de sua mãe, suas afeições estarão em harmonia com esses pensamentos, o que cria, para ele, um destino?

R. O espírito e a alma são o mesmo ser, um existe pelo outro. Eis onde reside a liberdade da alma. Está na sua capacidade de cercar-se de pensamentos que correspondem às suas afeições; está na escolha que ela faz, por si mesma, durante sua encarnação terrestre. Essa escolha a torna necessariamente dependente das consequências dessas mesmas afeições.

D. A alma reuniria assim, de antemão, suas ações materiais, que, por consequência, a tornariam escrava?

R. Todas as almas, no estado espiritual que precede o estado terrestre, estão cercadas, como na Terra, por todas as afeições imagináveis.

Cada uma tem suas preferências e DIZ a si mesma, antes de encarnar-se materialmente, da mesma forma que vós dizeis ao pensar na vida futura que vos espera: "Oh, quando eu estiver nesse estado, se isso me for possível, farei tal coisa."

Vós vos alegrais antecipadamente por poder fazer o bem ou o mal. Essas almas não materializadas sabem, como já vos disse, que passarão por outro estado, e, tanto individualmente quanto em conjunto, prometem a si mesmas fazer o que lhes convém.

É com esse objetivo que, durante sua encarnação terrestre, elas se cercam de pensamentos que correspondem às suas

afeições. Elas fazem o que vós mesmos fazeis ao preparar-vos para vosso estado futuro; conforme vossa preparação para desfrutar desse estado, vossas alegrias ou vossos sofrimentos se manifestarão.

D. Como podem essas almas, que deveriam ser puras, espirituais e fraternas em seu estado presente, desejar as infâmias que cometem na Terra?

R. O que fazem na Terra não lhes parece mais infame do que o que vós próprios meditais fazer em vosso estado futuro, nem o que desejais ver existir nos julgamentos que os homens proferem, contra vossa vontade, sobre as ações de seus irmãos.

Dizeis então: "Eu faria ou deveria ter feito tal coisa", sem conhecer o resultado do que faríeis; podeis acreditar que algo é muito bom e, na verdade, ser muito mau.

Eis o que nós, espíritos, estudamos e o que vós não compreendeis. O que posso dizer sobre esse assunto é que as manifestações de ações contrárias são úteis à felicidade de todos.

DEUS NÃO IMPÕE NENHUMA AÇÃO, cada um de nós escolhe e manifesta suas ações por afeição.

QUARTO ESTUDO

Sessão de 22 de novembro de 1852

Longe de me conformar às conclusões da sessão anterior, volto, apesar de mim mesmo, à necessidade de conhecer; assim, na ordem das questões que tratamos, surgem constantemente novas dúvidas que, como as anteriores, levantam as mesmas incertezas e ignorâncias de nossa parte. Por isso, neste estudo, não se pode seguir as leis rigorosas de uma boa redação; consequentemente, mais do que qualquer outro, encontro-me lançado em um discurso fragmentado, contra minha vontade, o que poderia prejudicar essas belas revelações, se eu não as conectasse entre si por todos os meios que o amor ao aprofundamento do tema me oferece. Que o leitor me perdoe por agir assim, e que leia cada uma dessas sessões como capítulos de uma obra mais perfeita, melhor compreendida e melhor escrita.

Formulo as perguntas a seguir, como nas anteriores, ao espírito de Swedenborg, questões naturalmente geradas pelas respostas dadas por esse espírito nas sessões precedentes.

4ª D. Como podem as mulheres grávidas, pelo simples facto de terem fixado intensamente uma estátua, um macaco ou um ser disforme, imprimir a imagem e as propriedades dessas coisas à criança que carregam?

R. Porque absorvem a imagem dessas coisas na profunda contemplação que fazem delas... Sabeis que já vos disse que todas as formas produzem imagens ao infinito. O que ocorre com a mulher é semelhante ao que obtendes pela daguerreotipia: a imagem que emana dessas coisas produz os nascimentos dos quais me falais.

5ª D. Essas almas possuem a mesma imortalidade, de acordo com sua espécie?

R. Sim.

6ª D. Por que o muar, produto do cruzamento entre uma égua e um jumento, não pode gerar sua própria espécie?

R. Porque a natureza foi perturbada em suas leis: as espécies foram misturadas... Não há reprodução a esperar de uma espécie que não foi criada para procriar.

7ª D. Respondeste-me, na segunda pergunta, que todo nascimento de um ser na Terra resulta do acasalamento de duas almas; como se explica, então, que o caranguejo e uma infinidade de outros animais gerem seres semelhantes a eles a partir da menor parte de seu corpo?

R. O que me mencionais é uma reprodução, e não um nascimento; as partes desses animais fazem o que faz o reino vegetal, ao qual quase todos pertencem por sua natureza. Eles se regeneram a partir de um único fragmento...

Arrancai um tufo de erva e, se um único filamento de sua raiz permanecer na terra, ele produzirá uma nova erva idêntica... Isso é uma continuidade de existência, e não um nascimento novo.

D. Outros seres do reino animal parecem também ser gerados sem a intervenção de outro ser; pelo menos, alguns observadores foram levados a admitir essa possibilidade?

R. NADA PODE SER GERADO SEM UMA CAUSA. Não há nascimentos que escapem à lei geral; aqueles de que me falas provêm de germes impercetíveis.

QUINTO ESTUDO

Sessão de 19 de maio de 1853

Estamos muito distantes da nossa última sessão, e o leitor ficará surpreso ao ver-nos, após quase um ano, voltar à mesma questão. Isso lhe provará, antes de tudo, que não nos apresentamos como mestres de nenhuma ciência, mas sim como simples estudantes.

Tendo uma sede ardente de conhecer, de conhecer bem, de estar convencido e de convencer os outros como nós mesmos estamos, é natural que nenhuma nuvem de dúvida venha obscurecer essa convicção.

Relia, há poucos dias, as preciosas revelações que estamos estudando, quando um argumento de força inusitada atingiu-me em cheio, no peito ou na cabeça, não sei bem onde nem de onde veio; mas o certo é que senti um verdadeiro abalo. Não exagero ao dizer isso, pois aquele que estuda uma questão há muito tempo, que a acredita resolvida em todas as suas fases e, no momento de apresentá-la a seus irmãos, vê-a atacada em seu ponto mais profundo por um argumento que lhe é fatal, sente-se desorientado e lamenta, ainda que por um instante, o esforço que lhe custou e as alegrias que lhe prometia. Falo aqui com o coração na ponta dos lábios. Estudo de boa-fé e ensino da mesma maneira. Onde percebo que avaliei mal, escuto as observações; mas onde estou na verdade, mantenho-me firme.

Eis o argumento de que falo:

O espírito Swedenborg nos revelou que as almas se encarnam de acordo com uma lei, ou fora dela, conforme sua vontade, no

exato momento do ato da copulação. Conclui-se que aquelas que o fazem fora da lei são reconduzidas ao mundo espiritual, onde sofrem todas as consequências disso; mas conclui-se também que aquelas que não podem fazê-lo, devido à própria morte do ser que deveria abrir-lhes as portas deste mundo—seja essa morte acidental ou natural—transgridem a lei involuntariamente. Para onde vão, então? O que fazem? Que consequência tem esse acidente?

Uma galinha prestes a chocar seus ovos fecundados vê-os serem quebrados na frigideira para fazer uma omelete... O que acontece com as almas desses ovos? Uma bela carpa, pronta para desovar, sofre o mesmo acidente. O que acontece com as miríades de almas que ela veria nadando ao seu lado em poucos dias, sob a forma de sua espécie? Existe uma lei que preside esses nascimentos, ou eles são dependentes de meros acidentes? Se há uma lei, como nos foi dito, ela se mostra impotente nos casos que acabo de citar; e isso está em contradição com a liberdade que essa mesma lei concede à alma humana, como vimos anteriormente, permitindo-lhe agir conforme seus desejos, ainda que posteriormente tenha de retornar à ordem da lei. Pois aqui, a alma age dentro da lei, mas a lei não pode ser executada.

Abolir a lei de nossa entrada no mundo material é abolir também a lei de nossa saída dele... Isso significaria a possibilidade de viver indefinidamente, o livre-arbítrio até sobre a morte, a legitimação do suicídio; enfim, seria o oposto de tudo o que dissemos até agora, pois jamais afirmamos que o homem tem a faculdade, concedida por Deus, de alterar arbitrariamente os estados de sua existência, embora isso pudesse ocorrer sem ferir a harmonia universal. Que o leitor pense no meu dilema e tente ele próprio encontrar a solução antes que lha ofereçamos. Veja como tudo o que dissemos sobre essa questão repousa nessa lei e, no entanto, como ela parece ser anulada pelos factos que acabamos de expor.

Adèle estava em estado de sono e ao fim de uma sessão quando lhe expus esse argumento. Ela tentou resolvê-lo sem a ajuda do espírito Swedenborg, pois, por si mesma, possui grande força nesse campo. Frequentemente travou debates com metafísicos céticos e cientistas de diversas áreas. Nunca a vi ser

derrotada. Algumas dessas discussões duraram até duas horas; no entanto, nesse dia, Adèle não soube ou não pôde me responder. Decidimos adiar a questão para uma sessão futura, na qual a perguntaríamos ao nosso instrutor espiritual, o espírito Swedenborg.

Hoje, 19 de maio, coloco esse argumento a Swedenborg... Após um momento de conversa com ele, Adèle me responde em seu nome:

"A mulher de que me falas, que morre antes de dar à luz a criança que carrega no ventre, não transgride de forma alguma a lei ao deixar a Terra no momento em que deveria deixá-la... A criança, que por essa circunstância não pode nascer no mundo material, também está dentro das condições da lei. SÃO DUAS ALMAS QUE DEVEM RETORNAR JUNTAS AO ESTADO ESPIRITUAL... A criança, porque já experimentou suficientemente (em relação ao seu fraco desejo de vir à Terra, como já te expliquei) as sensações materiais desse estado, ainda que tenha permanecido por um tempo maior ou menor no ventre da mãe, ligado a ela pelo laço do simpatismo. Assim, nesse acidente que vos parece inesperado, eu não vejo nada além de uma fase da lei."

"Não é o mesmo, contudo, para os seres das outras espécies de que me falas. Todos os seres e todas as produções que cercam o homem na Terra existem para suprir suas necessidades... No estado espiritual, cada ser dessas diferentes espécies possui a mesma imortalidade, contra a qual o homem nada pode; mas no estado material, apenas a existência do homem é definida e regulada pela lei de que vos falo...

Todos os animais, sem exceção, vivem materialmente ao redor do homem pelo tempo que lhe apraz deixá-los viver, pois Deus, repito, os criou para satisfazer às necessidades humanas. Sua vida material, portanto, é uma existência subordinada a essas necessidades, e, por isso, não está sujeita a nenhuma outra lei. É por isso que não vedes os frutos e todas as produções da Terra atingirem a maturidade ao mesmo tempo ou em um dia fixo. Cada região do vosso globo tem seus tempos e suas estações conforme as necessidades de suas partes. É ainda por isso que a uva só se torna vinho conforme o homem decide fazer dela... Os ovos das

galinhas são apenas ovos ou se tornam pintos conforme suas necessidades..."

O mesmo se aplica aos peixes e a todas as espécies de animais… As almas que se apresentam para revestir corpos materiais nesses reinos, conforme as necessidades do homem, acabam, na verdade, por ter o privilégio de não o fazer ou de o fazer por um período muito curto, visto que, não podendo ser aniquiladas no seu estado espiritual, regressam a ele com prazer por meio desses acidentes de que falais… A lei espiritual apenas lhes ordenou que satisfizessem as necessidades do homem através da sua materialização na Terra, onde o homem se torna então para elas a lei material da sua existência nesse estado.
COMPREENDEI BEM ISSO.

Agradeci a este bom espírito pela sua solução clara e esclarecedora, à qual eu estava longe de esperar. Não encontrei nenhuma objeção a fazer-lhe. Os cristãos não poderão recusá-la, visto que está de acordo com o que a Bíblia contém sobre a criação dos animais. Tenho a certeza de que o leitor tomará conhecimento dela com prazer, pois ela complementa e certifica a exatidão dos nossos estudos.

Para provar ao leitor que o que Adèle acaba de nos revelar não é uma simples sutileza de espírito da sua parte, nem um reflexo do meu pensamento (pois só agora tomo conhecimento do que acabamos de ler), vou dar-lhe a conhecer outro estudo feito sobre o mesmo tema em circunstâncias completamente diferentes, com pessoas que não estavam de forma alguma preparadas para realizá-lo. O caráter acidental e o tom quase cômico da sessão seguinte (que preservei na sua espontaneidade) conferem-lhe todo o seu valor.

Sessão de 6 de setembro de 1858

O senhor Hacquin, agricultor residente em Sannois, perto de Paris, veio um dia encontrar-me em Argenteuil, onde vou frequentemente por questões de saúde. Como ex-membro da sociedade dos magnetizadores espiritualistas, Hacquin não tinha interrompido as suas relações comigo e vinha, de vez em quando, fazer-me uma visita.

Certo dia, enquanto lhe falava de um licor que eu havia preparado, mais suave nos seus efeitos do que o haxixe, mas produzindo os mesmos sintomas físicos e conduzindo o espírito à meditação lúcida, Hacquin, que já experimentara o haxixe, manifestou o desejo de provar esse licor. No entanto, queria fazê-lo na companhia de alguns amigos seus, para os surpreender, dizia ele, pois desejava que, sob o pretexto de os refrescar, eu lhes servisse o licor sem que percebessem.

Expliquei a Hacquin que a bebida poderia ser facilmente misturada com vinho sem alterar significativamente o sabor; combinamos então essa pequena armadilha, ficando ele responsável pelas consequências que daí poderiam advir.

No dia marcado, 6 de setembro, recebi a visita do meu amigo acompanhado por quatro dos seus conhecidos. O senhor Lecocq, relojoeiro da marinha, encontrava-se em minha casa naquele momento, o que fez com que fossem seis os meus visitantes, todos dispostos a beber um copo de vinho. Informei o senhor Lecocq do que pretendia fazer, pelo que ele se manteve prudente, sem esvaziar o seu copo. Enchi os copos de todos, e em instantes já estavam vazios; apesar de algumas caretas, distraíram-se com uma pequena história que lhes contei, e o plano foi concretizado.

Decorridos apenas vinte ou trinta minutos, começaram as gargalhadas, a sensação de calor e a agitação física generalizada. Os meus convidados perguntavam-me o que lhes tinha dado a beber, pois não estavam habituados a ficarem tão alegres e inquietos com um simples copo de vinho. Hacquin tranquilizou-os, e eu esperei por algum fenômeno particular, mas não observei nada em especial.

Propus-lhes então que se magnetizassem uns aos outros, três contra três, para desenvolver o estado em que eu desejava vê-los. No entanto, essa sugestão não lhes agradou. Perguntei-lhes então se preferiam que eu mesmo os magnetizasse; todos aceitaram de bom grado.

Comecei pelo mais corpulento, o senhor Prévost; após dez minutos de imposição das mãos, este adormeceu profundamente. Prossegui com Hacquin, que também adormeceu em poucos minutos. O terceiro caiu num sono muito pesado; o quarto sentiu bastante o efeito da minha ação, mas o cansaço começou a afetar-

me, e o senhor Lecocq, que, pela sua prudência, estava menos influenciado do que os outros, fez adormecer o quinto.

Da euforia inicial, passou-se ao mais absoluto silêncio...

Após algum tempo, dois dos participantes despertaram, enquanto três permaneceram em estado de sonambulismo. Os dois que acordaram pareciam inclinados a estudar, então propus que o fizessem, dizendo a todos que, naquele estado, podiam compreender coisas que seu estado normal não lhes permitiria. A proposta foi aceita, e um novo silêncio se seguiu ao primeiro. No entanto, uma segunda crise de sono retornou, obrigando-me a interrompê-la ao sugerir a cada um uma reflexão relacionada às suas próprias afinidades, pois não tinham coragem de o fazer por iniciativa própria. Talvez o efeito da liqueur tivesse sido acentuado pelo facto de a terem ingerido pouco depois da refeição.

Dirigi-me a Hacquin: "Você, que é jardineiro e horticultor, nunca se perguntou como uma semente que deposita na terra, apenas regada com um pouco de água, incha, rompe sua casca, faz brotar aquilo a que chamamos germe e, a partir das raízes até à flor, produz a sua espécie, tão cheia de combinações e formas diversas? Reflita sobre essa questão."

Depois, dirigi-me a um tanoeiro: "Você, que fabrica os barris onde se armazena o vinho, já se perguntou como é possível que esse vinho contenha em si um espírito com tanto poder sobre o nosso, ao ponto de nos tornar alegres ou tristes, calmos ou turbulentos, tolos ou poetas, covardes ou guerreiros, envergonhados ou lascivos? Pense sobre isso."

Falei, então, com um viticultor: "Você já refletiu sobre como é possível que o estrume imundo, chamado gadou, que deposita ao pé de cada videira para fazê-la frutificar, possa destilar-se em um suco tão doce e produzir uma flor com um aroma tão agradável? Medite sobre essa questão."

Por fim, dirigi-me a um operário de escavações: "Você já pensou, ao remexer a terra e as pedras que ela contém, como é possível que esse éter azul que vê acima de sua cabeça, esse ar, esse céu, possa condensar-se ao ponto de se tornar visível e sensível aos nossos sentidos, aparecendo primeiro como orvalho sobre a terra, depois como água que cai dos céus, para, em

seguida, transformar-se numa espécie de pó branco que se torna cal, terra, árvores, pedras, metais, e assim por diante? Reflita sobre essa importante questão.”

Eu ainda não havia terminado a quarta questão quando Hacquin me respondeu com estas palavras à pergunta que lhe havia feito: "Eu planto minha semente na terra... ela germina e a natureza a faz crescer, assim como a criança cresce por si mesma."

"Você não está respondendo à minha pergunta", disse-lhe. "Todo mundo diz o que você diz, e ninguém diz o que realmente deve ser dito. Dizer que 'a natureza a faz crescer' não é resolver a questão, é apenas ampliá-la. O que é a natureza? É um ser com bilhões de mãos e dedos que organiza as moléculas, ou é a própria semente que as atrai e agrupa?"

"Pardi!", respondeu Hacquin. "É a simpatia que existe entre elas."

"Eu ainda vejo apenas uma semente e a terra onde você a deposita, que inicialmente a coloca em estado de germinação. Mas quem faz o resto?"

"É o fogo", respondeu ele.

"Onde encontra esse fogo?"

"Na terra."

"O que é essa semente? É uma individualidade ou várias?"

"São tantas individualidades quanto espécies de formas ela deve produzir."

"O que entende por 'espécies de formas'?"

"As raízes, o caule, as folhas, as flores, tudo o que vemos."

"Você falou de simpatia; com quem pode essa semente simpatizar?"

"Com as moléculas que lhe são simpáticas, que ela encontra na terra e no ar."

Enquanto Hacquin me respondia assim, o tanoeiro dormia e, antes de cair no sono, dissera: "O que me incomoda é não saber como o espírito sai do vinho..." Eu lhe explicara como isso acontecia, mas esse homem mergulhara em seu próprio recipiente até o fim da sessão.

Hacquin continuou: "Aqui está outra questão. O homem não pode gerar seu semelhante sem a ajuda da fêmea, mas a semente plantada na terra, então, se engendra sozinha?"

Esperei que um dos estudiosos respondesse à questão, quando outro senhor, a quem eu nada havia perguntado, apressou-se a dizer: "Ao plantar tua semente na terra, fazes o mesmo que fazemos ao depositar um germe na mulher; a mulher faz frutificar o germe, e a terra faz o mesmo. Uma é nossa mãe, e a outra é a mãe da semente."

Todos os presentes aplaudiram essa resposta, pois o interesse crescia. Mas a palavra "mãe" havia sido pronunciada, o que levou outro jardineiro, Toussaint, a dizer: "Nós depositamos um germe na mulher, e isso é tudo o que fazemos. Nós não criamos esse germe e nem criamos o ser que dele sai... chamamo-nos de pais, quando na verdade é quem colocou esse germe em nós que é o verdadeiro pai..."

Hacquin imediatamente retrucou: "Mas tu és o pai material."

"O pai material", respondeu Toussaint, "não é o verdadeiro pai. Não sei por que nos atribuímos um nome que não nos pertence."

"Ele pertence a nós", respondeu Hacquin, "tanto quanto pertence a Deus. Somos os pequenos pais, e Deus é o grande Pai, o Pai de todos."

Fiz então uma observação a Toussaint, explicando que seu amigo estava com a razão, pois o primeiro homem, supondo que tenha existido, sem saber quem o havia criado, só poderia reconhecer Deus como Pai. Mas, ao ver que dele saía um ser em tudo semelhante a si mesmo, achou razoável que esse ser lhe desse o mesmo nome que ele próprio dava a Deus.

Essa resposta encerrou a pequena contestação e deu lugar a outro estudo. Eu disse a Hacquin: Você acabou de nos explicar como a semente, por meio do fogo, das moléculas e das afinidades que contém, pode manifestar sua espécie aos nossos olhos. Poderia também nos dizer como o germe da nossa espécie se desenvolve? Hacquin ficou pelo menos dez minutos sem me responder e, de repente, disse: Isso é estranho... não somos nós que contemos a criança... achamos que sim, mas oh! que nada... é

a mulher que a contém; ela já possui a quantidade de óvulos que terá.

O que fazemos, então, nesse processo?

Ora, somos a terra dessa semente, o fogo que a ativa... Veja, aqui está como eu entendo isso: um peixe, que tem milhares de ovos, não pode gerar peixes se o macho não envolver esses ovos com seu esperma. Pois bem! O homem faz o mesmo, ele envolve a criança com seu germe... mas a criança já está no óvulo que está na mulher, não há outra explicação...

O germe do homem é apenas a terra e o fogo que contém, que fazem germinar a semente. Assim como toda a planta está contida na semente, o homem está contido no óvulo. Você nos diz que a mulher possui exatamente os óvulos que devem ser fecundados; no entanto, a mulher, assim como o peixe, possui um número muito maior, pois os perde continuamente em seus fluxos menstruais... Oh! tenha certeza, respondeu Hacquin, de que os óvulos que saem assim são óvulos incompletos, semelhantes às sementes ruins; porque, veja bem, temos sementes que podem germinar perfeitamente mesmo após alguns anos, assim como temos outras que, com apenas um ano, não produzem nada. Por quê, se são sementes semelhantes?

Porque aquelas que germinam mal ou nem chegam a germinar não estão completas; não possuem todas as moléculas necessárias para entrar em perfeita afinidade com aquelas contidas na terra e no ar; por isso vemos árvores e plantas fracas e atrofiadas, assim como nós, e também vemos algumas belas e fortes. O homem é em tudo semelhante à semente, repito. Se o óvulo for imperfeito, nada sairá dele e ele será eliminado. Se for um pouco mais perfeito, formará um ser conforme suas forças de afinidade, e se for bem constituído, produzirá um ser saudável.

Você fala de perfeição; se o óvulo contém o homem, como diz, significa que o homem pode estar mais ou menos perfeito nesse estado?

Não é o homem que é imperfeito, é o fogo que está em maior ou menor abundância, assim como tudo ao seu redor; como a semente, é o exterior que influencia, não o interior.

Você menciona diferentes individualidades que compõem a semente ou o germe; são essas individualidades que:

1. se desenvolvem por sua própria força, até se tornarem visíveis aos nossos olhos?
2. atraem, por afinidade, moléculas compatíveis com elas?
3. ou são essas moléculas compatíveis que vêm espontaneamente até essas individualidades?

São as individualidades contidas na semente que atraem as moléculas que lhes são compatíveis.

Essas individualidades têm alguma influência sobre as nossas ações e o nosso físico?

Acredito bem que sim; veja, eu caminho, as minhas pernas sustentam o meu corpo e a minha cabeça. Pois bem! A minha cabeça também pode mover as minhas pernas conforme as suas necessidades... As minhas pernas levam a minha cabeça para onde querem ir, assim como a minha cabeça conduz as minhas pernas para onde precisa. Cada uma dessas individualidades age por conta própria e não se preocupa com as outras... A minha bexiga não se importa com o facto de a minha cabeça querer ou não urinar; tem de satisfazer essa necessidade, e satisfaz. Todos os nossos órgãos fazem o mesmo. Ora, se o estômago tem fome, ele come, gostem ou não os outros; cada um por si... nós, almas, somos escravas dessas individualidades.

Toda a audiência ouvia Hacquin; mas, como eu via que ele pressionava a testa com força para fazer sair as boas ideias que acabávamos de ouvir, dirigi-me ao terraplanista e perguntei-lhe se tinha refletido sobre a minha questão... Esse homem ouvia Hacquin com demasiada atenção para meditar por si mesmo; por isso respondeu-me: Prefiro ouvir os outros do que falar eu próprio; tudo isto é demasiado para a minha cabeça; não podemos saber tais coisas!

No entanto, retorqui, vê que esses estudos têm o seu encanto; alargam a inteligência do homem e fazem-no admirar com mais reconhecimento as obras do seu criador.

Sim, respondeu Hacquin, mas é preciso poder estudar estas coisas. Se a cabeça está distraída por outras necessidades... será que podemos fazer o que queremos? Será que não dependemos de uma série de coisas? Ora bem, isto é um trabalho imenso, conhecer tudo isso!

Como eu via que o nosso inspirado estava prestes a recomeçar e cansar o cérebro, mudei o rumo da sessão, falando de outro assunto. O estado particular de cada um terminou como começou, com uma gargalhada das mais ruidosas. Não devo ter ficado descontente com o meu pós-almoço; penso que o leitor não o estará mais do que eu.

Tudo o que Hacquin me disse sobre a encarnação humana é demasiado semelhante ao que nos revelou o espírito Swedenborg sobre este tema para que eu separasse essas preciosas revelações.

CRIAÇÕES ESPONTÂNEAS

O estudo que acabamos de fazer exige que vejamos como ele se relaciona ou não com as ideias recebidas hoje pelos estudiosos sobre esta importante questão. Eis o que lemos sobre o assunto no jornal la presse de 18 de janeiro de 1858, folhetim que tem por título: Ciências, criações espontâneas, etc., do Sr. Victor Meunier.

Depois de ter estudado as questões tratadas sob o referido título, julgamo-nos no direito de resolvê-las pelas revelações que nos foram feitas pelo espírito de Swedenborg... Eis como a ciência poderia argumentar contra as referidas revelações:

1º Certas sementes microscópicas (de acordo com as observações de M. Meunier) foram reconhecidas como contendo várias células, cada uma contendo diferentes seres, que devem naturalmente, de acordo com as leis conhecidas na procriação

seres pertencentes ou provenientes de tantos germes diferentes;

2. Certos germes manifestados em qualquer reino que seja, parecem passar para o estado de outro reino, como por exemplo o reino animal, para se tornar um produto vegetal;

3° A criação dos seres em geral deve ser considerada espontânea segundo a ciência, tendo em vista as dissimilaridades produzidas a seguir:

Uma galinha preta procriará uma branca...; um quadrúpede seguirá o mesmo erro. O próprio homem encontrará pouca semelhança em seus filhos, etc. M. Gros, citado neste assunto por M. Meunier, conclui dessas observações que há uma criação

espontânea; ou incapaz de esclarecer essa questão, ele se limita à observação. Este último julgamento é o único, em nossa opinião, que convém ao homem estudioso. Observar, tomar notas para cotejá-los de vez em quando em um estado que forneça uma luz digna do assunto... Nosso lodo atmosférico não é muito adequado para entender questões tão delicadas. Terra é terra e luz é luz

Não pretendemos, no entanto, retirar-nos humildemente por trás desse argumento, para escapar do fardo de uma resposta adequada; não, vamos responder à primeira objeção:

4° Se algumas sementes microscópicas foram reconhecidas como tendo produzido seres diferentes de sua própria espécie, podemos admiti-las dependentes da mesma lei que rege as monstruosidades humanas, das quais tratamos, lei que Swedenborg nos descreveu tão bem. Não achamos mais impossível que um germe estranho a esse ser atômico venha a se agrupar em sua forma, do que achamos estranho que um morango, uma framboesa etc. as leis de expansão e maturidade impostas ao seu reinado recíproco. Tivemos a explicação desses agregados para o germe humano - deve ser suficiente para a solução da presente questão.

Alguns germes parecem passar do estado animal ao estado vegetal, dizem-nos. Responderemos que não podemos admitir nos três graus nenhum agregado corpuscular que não seja um animálculo vivo, pensante e atuante, conseqüentemente só pode ser aos grupos formados por esses animálculos que demos os nomes de mineral, vegetal e animal. .

Mas no fundo desta questão sempre resta apenas um reino que é o reino animal dividido em uma infinidade de espécies, que provamos em nosso Santuário do espiritismo. Os germes de todas as coisas devem, portanto, ser animalizados, e se o animal que fornece uma semente vegetal é mais impressionante à nossa vista do que qualquer outro, isso não prova que os outros não sejam de sua natureza típica e primordial em sua espécie. a prova parece irrefutável na seguinte afirmação contida no mesmo artigo que estamos discutindo no momento.

“Foi reconhecido, diz o autor, que a água em sua quarta destilação ainda continha uma certa espécie de animálculo...” Se a água, em sua quarta destilação, pudesse dar este resultado, uma

planta pode, portanto, conter dentro de si os seres vivos germe de outra espécie de planta, tendo isso em comum com o germe do homem que contém em seu invólucro material os germes dos três reinos, sem dúvida. Não supomos que nenhum cientista possa, neste dia, apresentar-nos um átomo de qualquer tipo que não seja um composto de tais germes, visto que todas as partes de sua forma devem ser produtos desses germes. Esta questão, portanto, resolve-se por esta simples observação.

3° Dizem-nos que a criação dos seres em geral deve ser encarada como espontânea, na medida em que o produto não se assemelha exatamente ao produtor, etc.... Ressaltaremos que isso ainda é um erro de apreciação; porque não devemos confundir a alma, o germe e a forma dos seres em um único agregado, especialmente de acordo com o que nos foi revelado sobre este assunto, e o que a observação nos demonstra fisicamente, a alma é uma unidade típica inalterável e eterna . O germe é simplesmente o ponto de atração dos agregados da vestimenta material desta alma; e a forma de cada ser é o que foram os germes agregadores e os corpúsculos agregados.

Assim, segundo os corpúsculos, germes contidos no de cada espécie, o hábito desse germe se encontra em sua forma. Não há, portanto, nada fixo ou fixo na extensão desse hábito por natureza, que é apenas um composto infinito de dissimilares. No entanto, essa variedade infinita não chega a mudar completamente a forma essencial de cada espécie; a variação das formas não é a sua aniquilação, que é presumida pela proposição que estamos discutindo.

Uma galinha branca produzida por uma galinha preta representa aos meus olhos apenas a criança de cabelos loiros produzida por pais de cabelos pretos. As cores e extensões das formas variam infinitamente; mas as formas típicas permanecem as mesmas, como foi notado no cruzamento de raças que produz um não-produtor. Só Deus produziu tudo!... Não é porque eu vou ter um nariz achatado e meu pai o tinha comprido, que estou privado de um nariz ou que há criação espontânea de um homem de outra forma.

Eu ficaria até privado de que alguém não tivesse o direito de argumentar dessa maneira. Poderíamos encontrar a causa disso

explicada nas revelações feitas a nós por Swedenborg sobre monstruosidades humanas. Não se deve deduzir, portanto, que da infinidade das formas decorre a infinidade de uma criação espontânea.

Toda a criação é finita e inalterável nas almas de todos os germes em geral; simplesmente as formas materiais desses germes variam infinitamente sua objetividade aos nossos olhos. Pensamos, portanto, que o homem sempre se enganará em suas apreciações das leis da natureza, enquanto ele apenas estudar o hábito, ele deve estudar o germe e a alma desse mesmo germe, além disso, ele nunca conheceu a Alma de qualquer coisa.

Apresentarei mais um argumento a favor da criação espontânea; é a do desaparecimento de certas espécies, substituídas por outras em nosso globo. Este argumento parece, à primeira vista, implicar uma cadeia infinita de sucessivas e novas aparições aos nossos olhos.

É diretamente com este canal que quero percorrer o universo, a fim de encontrar em outros globos as espécies que desapareceram do nosso, e as que aparecerão em outros lugares também. Qual é o eu que pode ressoar permanentemente por um século em nosso globo?... Eles são raros, então tudo em nossa escuridão é apenas um vasto panorama, um rolo sem fim de aparições de sombras de seres, em uma sombra do globo, na sombra do tempo.

Tenhamos neste caso a boa lógica de inclinar humildemente a cabeça diante daquele que é o único que pode explicar a sua obra!

Pó impalpável do universo que somos, esvoaçando em seus flancos com a liberdade e a felicidade de ter saído do ser eterno, não temamos nem essas supostas criações espontâneas, nem esses desaparecimentos que atingem nossos olhos; pelo contrário, vejamos, neste movimento eterno, a vida imortal de todos os eus que o compõem.

Creio poder acrescentar aqui um estudo filosófico que fiz antes de conhecer a referida objeção, e que pretendo para outro trabalho; Acho que é mais útil colocar aqui, eu coloco ali.

CRIE UM JATO ÚNICO OU CRIAÇÃO PERMANENTE

Que vasto campo essas duas proposições oferecem aos nossos argumentos!... Deus criou tudo o que existe de uma vez, ou ele o cria permanentemente? Quantas controvérsias essas duas questões suscitaram?... Quem as resolverá?... Quem pode discuti-las razoavelmente?... Não estão ambas cheias de um caos de objeções?... Se Deus criou tudo de uma vez , houve anteriormente uma sucessão em seus pensamentos?... Quais eram esses pensamentos?... São eles o que chamamos de sua criação?... Se Deus pensou, então criou sua obra desde toda a eternidade, o que é a eternidade? e o que Deus tem feito desde esta eternidade?... Se Deus está continuamente criando, ele o faz em uma base fixada de antemão em sua mente, como parecemos fazer em nossas obras, aperfeiçoando-as em nossas necessidades?

Se assim fosse, os homens e todas as criações de nosso tempo seriam de uma natureza aperfeiçoada de acordo com as necessidades de todos... É ou não verdade que desde o átomo até o homem todos os seres são pela forma o que sempre foram, e vivem mecanicamente como faziam antes?... o homem?...

Uma nação civilizada não deixa de ser um tohubohu de homens que se exploram, se degolam e se separam de seus irmãos em grupos, como sempre fizeram... Cem governos e cem religiões não são menos meios da escravidão da mente e do corpo de todos, como sempre foi... A indústria não é menos uma sucessão infinita de modos de produzir e prover seus apetites, sem com isso destruir a angústia do trabalho, nem a escravidão do apetite : é, em suma, dividir francos em cêntimos, sem deixar de prescindir de francos... - isto é, contar um a um o que é, sem saber que o que é é incontável. A criação divina de um único jato ou permanente é, no entanto, o que sucede diante de nossos olhos.

Pouco nos importa a data de nascimento do pensamento que nos faz nascer e morrer, já que fazemos essas coisas simultaneamente SEM NÓS MESMOS !...

Pouco nos importa que Deus tenha pensado e criado em tal tempo os átomos do universo, já que eles são criados, vivem e se sucedem como nós nos dias dos tempos!...

Pouco nos importa que haja dias e um tempo, pois vivemos de hora em hora, esquecendo o dia anterior e ignorando o amanhã!...

Não é ridículo no segundo discutir o século?...

Não é irracional que o homem-criança, que mal gagueja o nome de seu pai, Deus, queira discutir a obra desse grande todo?...

Veja que quantidade de conhecimento você demonstra, e que imensidão de inteligência você gasta ao dizer: Eu sou o pai do meu *filho* , porque ele procede de mim que não o criei. Foi formado e criado sem que eu saiba, ou sou eu o inventor de tal coisa cujo pensamento foi inteiramente inventado em mim sem minha participação; mas, como em tudo o que produzo faço um atrás do outro, Deus não poderia ter feito de outra forma!... Deus só pode o que eu posso, como eu só posso de um nascimento que não sei, só Deus deveria ser capaz de seguir; segundo quem?... não sei; mas afirmo que ele não pode ter criado tudo de uma vez.

Não é divertido manter tal raciocínio? Pobre toupeira humana que pensa medir o céu sob suas patas! acredite em mim, em suas discussões teológicas sobre as obras divinas, comprometa-se com o respeito e a admiração que essas obras despertam. Discuta um pouco menos sobre Deus, se quiser ser alguma coisa, como um homem razoável.

Admire, sinta e ore, se quiser um dia, não saber a data da obra do Eterno, mas sim a beleza e harmonia desta obra... trabalhe sempre no presente, no passado e no futuro..

Se você me perguntar o que o criador tem feito desde a criação desta obra, simplesmente responderei: Ele a preserva em sua HARMONIA imortal.

NOVOS ESTUDOS

RESUMINDO AS REVELAÇÕES FEITAS PELO ESPÍRITO SWEDENBORG PARA ADÈLE MAGINOT, ATÉ HOJE, EM SEU SONO MAGNÉTICO

Sessão de 8 de dezembro de 1852

Há muito sinto a necessidade de resumir todas as revelações que foram lidas sobre o verdadeiro estado e as faculdades da alma humana na vida futura. Fiz isso em 8 de dezembro de 1852, como segue, com a ajuda de Adele, dirigindo-me a Swedenborg. Creio que o leitor ficará satisfeito com este novo estudo que lançará grande luz sobre algumas obscuridades contidas nas ditas revelações. Quando o Espírito estava presente, pedi-lhe que me desse alguns minutos de atenção e que respondesse, se assim o entendesse, às seguintes perguntas:

Quando, para iluminar minha inteligência sobre a existência de estados futuros da alma humana, você teve a bondade de condescender com uma paciência benevolente desconhecida em nosso estado material, e me revelou em seus mínimos detalhes as leis desses estados, eu ouvi-te com toda a atenção possível, e meditei com toda a imparcialidade e franqueza liberal de uma criança mimada por tanta bondade.

Comuniquei aos homens da terra todas as tuas revelações apoiadas em meus argumentos livres e em meus entendimentos... Os homens me ridicularizaram em vez de me esclarecer sobre seus supostos erros, por uma discussão demonstrativa e

razoável... Os factos incessantes que venho apresentando a eles há quase dez anos, para convidá-los a ver com seus próprios olhos, antes de julgar por sua razão, ou produzir por si mesmos de acordo com suas informações, em vez de refutar apaixonadamente o conhecimento de coisas que eles não queriam apreciar; esses factos, eu digo, foram mal compreendidos e negados, apenas um pequeno resultado, comparado com a grandeza da questão tratada...

É verdade que a época em que falei dessas coisas ao meu país e aos homens em geral foi muito perturbada pela política do governo; então pensei ter fixado com mais alegria a atenção dos povos entre os quais essas revelações foram traduzidas e fortemente discutidas, principalmente na América, onde deram origem a essas manifestações espirituais que maravilham o universo hoje.

Porém, do estudo sincero das ditas revelações, resultaram aparentes obscuridades que só vós podeis iluminar com vossa luz. Vou, portanto, tomar a liberdade de dirigir-lhe várias questões que são a alma de todos os argumentos que são feitos contra eles, e que eu mesmo aceitei como possuindo uma certa força de lógica que não posso ou não sei derrotar. . Permita-me resumir o que você me revelou até agora.

1° Você me disse que as almas geralmente são criadas desde toda a eternidade.

2° Que todos eles existem indiscriminadamente em um estado de felicidade bastante comparável ao estado sonambúlico que provocamos artificialmente pelo magnetismo, pois possuem instantaneamente o objeto de seu desejo.

3. Que a faculdade de gozo possessivo, não sendo impedida de forma alguma, representa para eles uma uniformidade de existência feliz sem qualquer emoção, uma existência da qual todos eles mais ou menos se queixam.

4° Que a privação momentânea de qualquer coisa tornou esta coisa mais agradável de se obter, consequentemente que Deus, a fim de tornar sua benevolente bondade para com seus filhos mais apreciada por eles, achou por bem criar para eles o estado material em que vivemos , e submeter cada um deles a um tempo proporcional ao tédio causado por tão grande abundância de benefícios...

Esta revelação tem sido geralmente preferida pelos homens estudiosos à alegórica e obscura da criação de Adão, sua queda e pecado original... A sua parece tão irrefutável quanto clara... Que Deus permita que seja inteiramente exata; Não posso, por minha própria conta, contestá-lo, pois somente ele me fez conhecer o Deus que eu reverenciava e que havia expulsado de meu coração a de todas as religiões que estudei...

Ela me fez entender como nossos gritos de dor eram gritos de alegria, pois ela nos faz apreciar todo o amor do criador por sua criatura e que, em resumo, a infinidade do mal é apenas a infinidade do bem.

5° Você também teve a bondade de me revelar como essas almas foram encarnadas em seu estado terreno, explicando-me as leis desta encarnação, leis contra as quais não sinto nenhum

argumento para me opor; Não sei se os homens as aceitarão com a mesma confiança.

6º Tendo assim investigado o passado em relação ao nosso estado presente, pedi-vos informações sobre as leis do nosso estado futuro; você continuou suas primeiras revelações aos homens, confirmando-as para mim; você apenas acrescentou que, em relação às questões teológico-religiosas, você cometeu muitos erros, dada a sua dependência do estado material e suas crenças religiosas na época. Você me certificou novamente:

1° Que a alma humana é imortal.

2. Que ela entrou, ao deixar o estado material, um estado espiritual no qual foi seguida por suas afeições terrenas.

3° Que ela continuou, neste novo estado, a ter usos como no estado material, ou seja, ela poderia trabalhar em todas as profissões, fazer todos os ofícios, estudar todas as ciências e saber todas as coisas.

4º Que ela estava passando por um meio de purificação que Deus usou para ela desprender dela, pouco a pouco, as afeições desarmoniosas que ela havia conseguido contrair em seu estado material, ou seja, que Deus a fez recuperar aos poucos sua primeira morada e seu primeiro estado, onde gozou eternamente da justa apreciação das perfeições divinas. É à terceira revelação que os homens e eu opomos alguns argumentos. Permita-me apresentá-los a você e, por favor, tenha a gentileza de responder de forma que não possamos mais duvidar dessas coisas.

Eu admito (o que Cristo havia dito antes de você) "que há muitas moradas na casa de seu pai", nosso pai para todos, mas você diz mais, acrescentando que essas moradas são tantos céus, e que há tantos desses céus pois existem grupos de almas em estado de afeto semelhante. Estas são as condições que peço que defina respondendo às seguintes perguntas:

1° Qualquer jogador (por exemplo) que no estado espiritual queira ganhar no jogo, pode fazê-lo?... Para ganhar você precisa de perdedores que queiram o contrário.

2. O comerciante que deseja vender seus produtos concomitantemente ao vizinho, como se faz na terra, pode fazê-lo?

3° Pode o cientista que deseja conhecer uma pretensa verdade por si só, e tê-la aceita pela universalidade dos homens, pode assim dispor da liberdade de apreciação dos outros em seu proveito?

4º Um homem que ama apaixonadamente o espetáculo de, entre outras coisas, uma única peça, ou mesmo uma única passagem desta peça, ele pode ouvir e ver a execução desta passagem pelo tempo que desejar?

Estas quatro questões contêm todas as bases dos argumentos que fazemos contra suas revelações sobre os estados futuros da alma humana; porque os afetos de um não são os afetos do outro, é necessário, portanto, na questão que vos submeto, que os atores, os músicos e até os espectadores desejem compartilhar o afeto do amador, para satisfazer seu desejo ?

Achei que poderia sair dessa confusão no Santuário do espiritismo, demonstrando que o homem era, conforme o estudei com meus próprios olhos, um pequeno universo do qual ele é o rei, conseqüentemente o governante segundo sua fantasia... Nesse caso, os argumentos que apresento a vocês ficariam prejudicados; porque este rei podendo fazer em seus domínios o que nossos lúcidos magnéticos podem fazer em seu estado, não estaria dependente de nenhum poder, e todos os seres indistintamente tendo a mesma faculdade, poderiam fazer o que só um faria; mas neste sistema, o homem aparece aos nossos olhos apenas como um fragmento independente de uma lei que deve ser unida para ele e seus irmãos, e o mundo espiritual, descrito por você, seria reduzido ao mundo do microcosmo, o que provavelmente não não o que você quer dizer.

Esse sistema também se preocuparia com as relações das almas entre si, pois o homem poderia viver isolado no domínio das objetividades de seus afetos, o que os estudiosos chamam de imaginação. Por favor, esclareça esta questão, resumi-a da seguinte forma:

Meu extático Binet disse-me que a alma libertada do estado material podia ver o objeto de seus desejos onde quisesse vê-lo.

Você disse a mesma coisa, afirmando que o mundo espiritual só tinha aparências de espaços..., que todos os espíritos estão nos lugares onde desejam estar, e veem o que querem ver.

Todos os nossos lúcidos confirmam matematicamente esta proposição, dizendo que estão onde os levam seus pensamentos ou os de seus questionadores. Vêem, tocam e saboreiam tudo o que gostam de conhecer e absorvem numa aparência de espaço que para nós é apenas um ponto.

Os loucos (assim chamados), os alucinados, os extáticos e os videntes de todos os tipos, confirmam ainda mais essa proposição tocando com os dedos os lugares ou personagens que desejam ver, embora esses lugares ou personagens estejam a distâncias infinitas uns dos outros. outros, ou não existem mais materialmente. Esse estado é o futuro da alma humana?...

1. O que a alma vê assim, é livre para se apresentar a ela ou não?

2° É uma simples percepção de seus próprios pensamentos, ou de um mundo independente dela?

3° Como ela pode distinguir o mundo de seus pensamentos daquele dos verdadeiros indivíduos que lhe são estranhos?

RESPOSTA DE SWEDENBORG

O homem, no estado material, é duplo, a alma e o corpo: dualidade influenciando-se mutuamente por afetos contrários.

A alma não desfruta dos apetites do corpo, e este não desfruta das sensações da alma, que representa dois seres muito distintos em um.

É o mesmo para o homem no estado espiritual: ele é uma dualidade semelhante, composta da alma que é uma unidade finita e de um globo atraente que a envolve.

A alma vive de sensações, e o globo atraente vive de objetividades.

Essas duas espécies de unidades influenciam-se mutuamente como no estado material, ou seja, a alma só gosta de sensações, e o globo atraente que a envolve só gosta de ver... Este atrai continuamente para si a objetividade, pensamentos dos quais se compõe, e a alma atrai para si as sensações de que gosta... O globo atrativo retém a alma na confusão de seus pensamentos, e a alma quer constantemente retornar à paz de suas sensações... Isso,

portanto, resulta em um desconforto recíproco, que desaparece conforme a elevação da alma aos círculos superiores...

Quando o homem sai do estado material, encontra-se rodeado pelo atraente globo de que vos falo, que é apenas um composto das afeições que mais o agitaram neste estado; o que significa que ele vagueia mais ou menos longamente na esfera material, de acordo com os afetos mais ou menos harmoniosos que ali contraiu...

Nesse estado, ele ainda quer se associar com homens materiais, para desfrutar com a ajuda deles os prazeres mais ou menos criminosos que deseja. É por isso que cada homem material tem perto de si um bom e um mau guia. O mau é aquele que ama as ações perturbadoras, e o bom que está cheio de amor pelos homens, e lhes aconselha apenas afetos fraternos. É assim que esses dois homens espiritualizados, tendo se tornado guias de homens materiais, podem nesse primeiro estado satisfazer seus desejos: é assim que o assassino, o subornado, o tirano, encontra para satisfazer esses afetos miseráveis.

Quando estão saturados com ele, passam para um estado ou círculo superior, no qual são despojados daqueles pensamentos que pertencem apenas ao estado terreno. Eles então desempenham o ofício oposto, tornando-se guias de amor.

É assim que, pouco a pouco, os homens se vêem elevados de círculo em círculo, e seu atraente globo, privado de todos os seus pensamentos de objetividade e usos materiais; o que significa que ele deixa a alma desfrutar pouco a pouco de suas próprias sensações até que ela seja completamente purificada, ou então ela entra em um estado de conhecimento eterno e sensação de felicidade. Isso responde às objeções que você me apresentou e as cancela como você vê.

Eu já disse a você que as almas em geral entram no estado material, cada uma cercada por todos os pensamentos imagináveis que são necessários para esse estado... Eu também disse a você que esses pensamentos eram imagens vivas de toda a criação que a cerca. ; que cada alma colocada no centro desta espécie de biblioteca, disponha dela de acordo com suas afeições; é por isso que não existem dois homens que pensam e fazem a mesma coisa...

Que da maneira de dispor desses pensamentos fluíam as afeições do homem; e dessas afeições, os estados sucessivos pelos quais ele passa na eternidade...

Disse-te também que foi aconselhado na classificação dos ditos pensamentos pelo bom e mau guia de que acabo de te falar; mas que ele era livre para escolher os primeiros pensamentos que lhe eram oferecidos por um dos dois, pensamentos que o levavam a qualquer afeição, apresentada por seus guias, esse pensamento não chamaria outros de sua natureza, e que a afeição que os fluxos desse conjunto de pensamentos não aconteceriam; portanto, esse homem não perderia sua liberdade de agir. Se, ao contrário, ele aceita esse primeiro pensamento que engendra qualquer afeição, ele se torna escravo dessa afeição e daí nasce sua vontade não livre.

Esses mesmos pensamentos formam o globo atraente de que vos falei, que envolve a alma em seu estado espiritual; e como esses pensamentos são imagens de todas as formas materiais existentes, o homem ainda pode desfrutar, com a ajuda de sua objetividade viva, de uma existência que representa para ele toda a realidade possível exigida por suas sensações; mas esta realidade não é a verdadeira realidade; uma vez que é apenas relativo às suas afeições presentes e passadas. Ele pode, portanto, no estado contemplativo dessas imagens, desfrutar tanto tempo quanto quiser com o objeto de suas afeições, sem que os espíritos estranhos a ele participem de alguma forma. É o que ocorre nos estados de sonambulismo, êxtase, alucinação e loucura terrena.

Pela explicação que lhe dou desta faculdade, ficam novamente anuladas as objeções que me apresentou.

Existe, além disso, outra faculdade que os homens libertos do estado material possuem, que é a de desfrutar verdadeiramente das afeições que você mencionou para mim, seja jogo, comércio e similares, afeições que você parece repudiar da humanidade. . Saiba então que, neste primeiro estado espiritual do homem, existem verdadeiros usos como no estado material, e que os homens que possuem afeições semelhantes se agrupam para satisfazê-los.

Você não parece acreditar que há homens que gostam de perder no jogo, ou outros de jogar, por mais ou menos tempo,

uma jogada, pense bem; pois há homens que gostam de jogar, animados pelo desejo de ganhar, é verdade, mas insensíveis à perda. Se um amador gosta de ver uma peça dessas, ou de ouvir uma peça musical por mais ou menos tempo, o ator, como o músico, não gosta menos de ser ouvido e aplaudido ao mesmo tempo. Este amador não está sozinho em sua afeição, muitos outros a compartilham. Você não vê tudo isso no estado material? Tirai-lhe a questão do tempo, que não existe tanto para o espírito como para o homem material, e compreendereis estas coisas.

Acredite, portanto, que tudo o que é possível amar e manifestar no estado material, não é impossível no estado espiritual; seus lúcidos provam isso a você, os loucos e os alucinados ainda melhor.

Mas, perguntei a Swedenborg, qual é o meio (nas noções que você acabou de me dar dos primeiros estados do homem espiritual) de discernir a verdadeira realidade, a lei integral e geral do mundo dos espíritos dessa realidade factícia que este globo atraente do qual você me falou apresenta à alma, e que a influencia em uma continuação de afeições mais ou menos materiais?

R... — A alma não pode estar enganada, pois sente sempre a necessidade de deixar essas sensações apenas passageiras e fora do seu ego, para experimentar apenas as suas próprias sensações que constantemente a conduzem para a paz da verdadeira felicidade, pois a relacionam com outras individualidades tão estáveis e cheias de amor quanto ela mesma. É assim que ela sobe a escada eterna.

D... — Não seria mais compreensível para nosso entendimento particular este globo que chamas de globo atrativo, se levasse o nome de espírito?

R... — Não; a mente faz supor um eu, uma individualidade finita, quando no homem só existe um eu, uma individualidade finita que é a alma. O nome globo atraente que usamos entre as mentes nos faz supor menos dessa individualidade finita; ao contrário, representa uma individualidade coletiva, o que não é a mesma coisa... Este globo é suscetível a disjunções, o que acontece na purificação dos pensamentos no mundo espiritual;

portanto, não é uma unidade perfeita em si mesma, o que o nome espírito exigiria.

D... — No entanto, segundo o que acabaste de me dizer, ela influi na alma pelos seus próprios afetos, o que, a nosso ver, representa uma espécie de vontade de algum tipo de si.

R... — Você está enganado e me entendeu mal; a alma vive no centro deste atraente globo como um rei no meio de seus súditos; é o meio necessário para atrair o que ela quer saber. Como um vasto panorama, representa para ele o objeto de seus desejos; mas, por esse poder de atração mais ou menos harmônico que possui, muitas vezes apresenta à alma imagens que não desejou conhecer; é assim que ela exerce sua influência sobre ele, e é assim que a própria alma perturba este globo, desejando entrar em uma relação com o conhecimento que ela não pode proporcionar por falta de um poder de atração suficientemente forte.

D... — A coletividade representada por este globo é diretamente aquela que os materialistas atribuem à matéria, admitindo as formas apenas como um composto de corpúsculos cuja homogeneidade de montagem forma qualquer ser que tenha um nome. Se essa coletividade vier a ser dissolvida pela morte, então o nome e a coisa, segundo eles, são aniquilados.

R... — Aniquilado não é a palavra; a forma dessa coletividade não existe mais no mesmo grau de objetividade material; mas os corpúsculos que o formaram não são aniquilados. O primeiro caso é verdadeiro; mas o que os homens tomam por uma individualidade, o corpo de carne, é apenas um ser coletivo. Eles não pensam que esse ser coletivo assumiu a forma que eles viram apenas por meio de um ponto cercado por seu atraente globo. Este ponto é a alma que se une ao germe atraente do globo e que reside nesta individualidade coletiva, na forma externa do homem material, por um tempo mais longo ou mais curto. Esses homens anulam a alma, o corpo e a forma, com o hábito; eles estão errados, pois a semente de todas as coisas contém dentro de si os poderes atrativos de todas as coisas. O ponto a ser atraído tem tantos direitos à imortalidade quanto o ponto atraído. Assim, a alma, o verdadeiro eu do homem e desses eus agrupados ao seu redor, tem a mesma eternidade de existência

a percorrer como os eus que foram adicionados a ela. A diferença é que a objetividade deles não é mais visível para você.

D... — Os homens ainda poderão aceitar esta proposição; mas eles concederão a esta alma apenas a inércia que impõem a todos os corpúsculos quando eles são separados da forma que eles compuseram.

R... — É aí que se enganam, pois esta suposta inércia entra, segundo eles, milhares de vezes na vibração material, reproduzindo as mesmas formas e os mesmos resultados. Este facto lhes prova que cada eu corpuscular está rodeado por seus poderes de manifestação ao invés de estar separado deles. A alma humana encontra-se sujeita à mesma lei. Esses homens só precisam de um pouco de observação.

D... — Você quer que o nome globo atraente seja mencionado dessa forma em nossas entrevistas?

R... — Sim, desde que seja perfeitamente adequado ao assunto de que tratamos.

REVELAÇÃO SOBRE A NATUREZA DOS PENSAMENTOS

Por Adele Maginot

Já disse várias vezes que no sonambulismo magnético, quanto mais o homem ardia em querer resolver as questões que lhe agradam, menos conseguia fazê-lo, pois as melhores revelações lhe chegam acidentalmente: o que prova que o homem luta, e que Deus o guie, como diz o velho adágio popular. Julgaremos pela leitura da sessão seguinte. Em 7 de agosto de 1851, coloquei Adele para dormir para que ela me magnetizasse nesse estado, pois me sentia muito bem com isso. O tempo estava muito tempestuoso. Adele estava muito sobrecarregada de fadiga para fazê-lo corretamente. Eu estava prestes a acordá-la quando me ocorreu a ideia de perguntar-lhe se ela se sentia bem para visitar um cachorrinho que temos, que estava doente.

Como Adele gosta muito dessa fera, Click consentiu. Depois da visita, arrisquei esta pergunta que reavivou sua lucidez com toda a força, como se julgará.

D... — Quando você visita um animal, você vê seus pensamentos?

R... — Sim.

D... — Está vendo os desta cadela?

R... — Sim.

D. . . "Como você os vê?"

R... — Exatamente como os nossos, com a diferença de que são muito mais egoístas, ou seja, relacionam todas as suas sensações com a própria felicidade do animal.

D... — Mas o cão é um animal muito devotado?

R... — A sua devoção é proporcional ao bem que para ele resulta. Não é assim com o homem, a devoção deste se funde com o bem que ele traz para os outros.

D... — Mas o homem também ama o que lhe traz bem?

R... — Sim, mas ele partilha e generosamente procura este bem para os seus irmãos, em vez de o animal só o ver, pensar só nele, e se o acariciar, é para ser acariciado. Ele conscientemente não tira nada de si mesmo para fazer o presente.

Pelo contrário, o homem dá a própria vida para salvar a dos seus irmãos.

D... — Isso é muito bom! Mas você poderia me dizer como vê esses pensamentos e descrever sua natureza para mim? Já falei muito sobre esse assunto no santuário do espiritismo e no tratamento de doenças, no artigo doenças nervosas. Gostaria de saber se achei certo.

R... — Você pode ter achado certo, porque, sem ser sonâmbulo como eu, você tem a faculdade de PENSAR PENSAMENTOS.

D... — O que você quer dizer com pensar o pensamento?

R... — Quero dizer que, não vendo como eu, você pensa, você medita, é uma espécie de faculdade intuitiva sonambúlica, que eu chamo pensamento pensante.

Habitar! você, como você define isso? onde você leva, onde] você deixa? me dê uma solução clara sobre este tópico.

R... — Pego o pensamento no sistema nervoso e deixo na memória. Parece-me em primeiro lugar como uma faísca elétrica, que circula nos canais nervosos; então passa para o sangue sob a aparência de um átomo de cristal, tornando-se, pouco a pouco, enquanto circula nos canais sanguíneos, de uma cor leitosa, que se condensa e passa ao estado de um pequeno corpo como um ovo de formiga, ou um semente de milho. Quando chega a esse estado, é coberto por uma pequena polpa que rasga e faz com que ecloda, eu diria. É então que ela produz seu efeito.

D... — Onde choca assim?

R... — Ao coração e ao cérebro.

D... — Em qual desses dois órgãos ela manifesta seu efeito em primeiro lugar?

R... — No coração, eu te digo, e no cérebro.

D... — Que efeito produz no coração?

R... — O da sensação, e de tornar-se visível ao olho espiritual.

D... — Eu pensava, ao contrário, que o coração sentia; mas que o cérebro viu isso?

R.. — Não, é o coração que vê primeiro; mas a simpatia entre esses dois órgãos é tão grande que é vista quase simultaneamente pelo cérebro e pelo coração... Digo visão, só o olho espiritual a vê; mas é sentido ao mesmo tempo por esses dois órgãos.

D... — Eu pensava que os pensamentos passavam por último pelo sistema nervoso; Eu escrevi assim?

R... — Você se enganou; é por esse sistema que eles são introduzidos e eclodem no sangue.

D... — Por quais vasos sanguíneos você o vê passar por último?

R... — Nos grandes vasos que passam pelo coração; então sobe com mais ou menos vivacidade pelos vasos que temos no pescoço abaixo das orelhas, e dali se projeta no cérebro como num espelho. É por isso que no delírio ocasionado pela abundância de sangue na cabeça, o olho material cessa suas funções, e o olho espiritual funciona em seu lugar. A multidão de coisas que ele vê é, de facto, a prova de que é uma grande abundância de pensamentos que lhe são trazidos pela grande abundância de sangue que invade sua cabeça.

D... — E depois?...

R... — E depois de uma estada mais ou menos permanente, vão para o domínio da memória, onde se espiritualizam. Eles cercam a alma e nunca a abandonam. Eles a seguem para o mundo espiritual como um vasto museu de imagens vivas e atuantes como a própria lâmina.

D... — Antes de passar assim pelos ramos nervosos, onde se encontram esses pensamentos? É na atmosfera em que nos banhamos ou na esfera que nos é pessoal, ou no corpo material?

R... — Encontram-se no homem, no seu sistema nervoso, em estado de fogo eléctrico, de onde se manifestam em pequenas faíscas, para se materializarem como vos disse.

D... — As sensações que dão ao homem são o resultado do seu próprio estado?

R... — Sim, e é nisso que experimentamos pensamentos mais dolorosos e preguiçosos na doença do que na saúde, porque o sangue em que se banham os influencia conforme seja ele próprio no bem ou no mal. Se está muito quente, queima-os (digo queimar), agita-os e faz-nos sofrer; eles não estão mais em um elemento que lhes convém e, como a semente que floresce em solo ruim, eles trazem de volta frutos nutridos pelas substâncias por onde passam. Temos razão quando dizemos que um doente tem pensamentos obscuros; os pensamentos do paciente estão no mesmo estado que os humores que o perturbam, e é por isso que, em todas as doenças, o sistema nervoso é sempre o mais influenciado, porque é, por sua grande sensibilidade, muito impressionado por pensamentos perturbados.

D... — Os pensamentos também não se incomodam?

R... — Sim, como os vossos estiveram e ainda estão atribulados; é feito com muita contenção de espírito. Quando a alma quer aprofundar coisas que não deveria saber de imediato, ela então se adianta aos pensamentos e não lhes dá tempo de eclodir. Ela os vasculha como um rascunho faria em uma biblioteca, bagunçando tudo e sendo incapaz de colocar qualquer coisa de volta no lugar.

O pensamento de que a alma assim foi buscar permanece permanente e como que fixo em seus olhos, até que ela possa retornar ao lugar de onde foi extraída à força; o que só pode

acontecer quando ela encontra os meios; foi o que aconteceu com você nas antipatias que experimentou: os pensamentos que você havia arrancado de seu lugar tiveram dificuldade em entrar em contato com os outros, pois não eram de seus grupos. Você só encontra tranquilidade quando eles entram em circulação... O que chamamos de pensamentos fixos nada mais é do que isso.

D... — Então os pensamentos estão assim em grupos?

R.”. — Sim, é por isso que a uma única palavra dita por uma pessoa que fala com você, ou à simples visão de um objeto que fixamos, surgem em nós grupos de pensamentos semelhantes ou não a essas coisas. Esses grupos são tão numerosos que contêm dentro de si tudo o que é possível pensar dessas coisas.

D... — Então é um efeito de atração ou repulsão?

R... — Chamam assim; mas prefiro chamá-lo de eco, porque o corpo assim influenciado recebe exatamente o eco daquilo que o influencia; sem que o sujeito que causa esta influência entre, atraindo ou repelindo o corpo de qualquer forma

que ela influencia: é uma espécie de apelo que ela faz aos grupos de pensamentos pelos quais a alma a vê e sente.

D... — Por que a alma vê qualquer objeto pelo pensamento desse objeto?

R... — O que você quer dizer com pensamento do objeto?

D... — Refiro-me ao próprio pensamento que representa para a alma a forma do objeto. É o objeto real, o objeto material que a alma vê, ou uma espécie de imagem desse objeto que o pensamento representa para ela?

R... — É o próprio objeto, o objeto material, já que esse objeto é um pensamento chocado.

D... — Não te entendo: quando me ocorre pensar em Pequim, por exemplo, uma cidade que nunca vi e uma espécie de imagem se apresenta obscuramente à minha mente, vejo- bem Pequim na verdade, ou vejo apenas o pensamento representativo de Pequim?

15... — Você não vê nenhum deles; você só vê Pequim positivamente quando seu corpo material está em Pequim, e você só pode estar materialmente em Pequim quando o pensamento de Pequim está totalmente chocado dentro de você. O que você vê por dentro é apenas o pensamento fechado de Pequim.

D... — Essa resposta de sua parte seria a negação da matéria; preste atenção nisso.

R... — Não é a negação da matéria; pois a matéria existe como o espiritual; mas essas duas criações divinas correspondem aos dois estados diferentes da alma. Se a matéria não te parecesse um conjunto de coisas que resistem ao teu toque, não serias capaz de definir o ar ou a terra. É a mesma coisa no mundo espiritual: se alguém não tocasse objetos que resistem à pressão, não seria capaz de apreciar o duro e o macio... Deus colocou o homem em condições que exigem que ele faça diferenças, e isso é por que ele criou o estado material e o estado espiritual. Cada estado tem suas leis: as da matéria são que resistem aos corpos materiais, e as do mundo espiritual permitem que os corpos se cruzem sem se separarem, embora também sejam resistentes. Não se pode entender ou admitir isso; não há necessidade de dizer mais sobre isso.

D... — Em suas visões sonâmbulas, porém, você vê cidades onde nunca esteve?

R... — Certamente, uma vez que estão em nós, são nossos pensamentos; mas então os vemos espiritualmente, isto é, sujeitos às leis do mundo espiritual. Esses pensamentos são semelhantes aos pensamentos dos escravos de Pequim e outras cidades semelhantes; eles os representam sem a necessidade de chocar-se; mas não é tão materialmente: para ver Pequim é preciso ir a Pequim. Saiba que no meu estado atual não vou a esses lugares. São seus pensamentos espirituais que estão em mim que vejo e nos quais minha alma entra: como se esta cidade espiritual fosse um composto de matéria semelhante ao que compõe materialmente esses lugares. Pode não ser de outra forma. A morte é apenas uma mudança de estado que permite à alma desfrutar da verdadeira e invariável criação que é a criação espiritual.

Não há mais matéria para a alma neste estado, conseqüentemente não há mais obstáculos do tipo material. Esses obstáculos foram criados por Deus para nos fazer apreciar, como já disse, as belezas de sua obra: belezas que não poderíamos ter admirado, se não pudéssemos compará-las com uma criação que lhes parece inferior... Tudo isso é necessário.

OBSERVAÇÕES SOBRE
AS REVELAÇÕES ANTERIORES

Não me permitirei acrescentar nenhuma reflexão a favor ou contra o que o clarividente acaba de nos dizer. Esta sessão é a meu ver uma das mais belas de todas as que obtive até hoje. Tem imenso significado filosófico; que cada um o estude e tire dele o que lhe convém. Pode-se objetar que já disse isso em meus outros trabalhos e que Adele me repete ou comunicou pensamentos comigo. Eu responderei que é verdade que eu disse isso; mas não disse como ela: é fácil verificar. Adele se separa de mim para me completar. Ela tem o mérito sobre mim de poder julgar melhor a questão pela superioridade de sua condição.

Portanto, considero esta revelação bem acima de tudo o que pude dizer a esse respeito. Consegui ajudar o pensamento de Adèle escrevendo esta sessão da forma mais clara possível; mas eu respeitava com muito cuidado o que ela dizia fora de mim. Até agora, eu só havia apresentado o pensamento como sendo o tipo vivo das coisas e a única criação verdadeiramente existente, mas não imaginei esse belo mecanismo harmônico que Adele nos descreve.

O sistema que acabamos de ler não é de forma alguma contrário ao que nos foi revelado por Swedenborg sobre a classificação dos pensamentos no domínio do homem e, em particular, na caixa ou caixas cerebrais. De facto, desde o momento em que residem no homem, até que eclodem, eles residem em algum lugar. A cabeça só pode ser esse lugar de expectativa, principalmente se forem colocadas em circulação, como diz Adele, em primeiro lugar no sistema nervoso. Segundo os mais hábeis anatomistas da época, o sistema nervoso originando-se na matéria cerebral, é sem dúvida desta matéria que saem os pensamentos em forma de faíscas elétricas, para entrar em circulação e eclodir no coração, como já lemos.

Esta sessão, portanto, não oferece nenhum argumento contra as revelações anteriores de Swedenborg; acontece, ao contrário, ser sua confirmação por outra demonstração.

É, aliás, o complemento do que estamos avançando sobre esse assunto na terceira sessão que vamos ler, sobre a pesquisa de John Franklin que fizemos.

VIAGEM AOS PÓLOS DA TERRA

Feito por Adèle Maginot sob a orientação de L'Esprit
POR SIR WILLIAM HERSCHEL

1º de Novembro de 1851
Informações sobre John Franklin

Eu estava prestes a realizar uma reunião especial para abordar várias questões relativas à astronomia a Sir Willam Herschel, quando me ocorreu a ideia de falar com ele sobre o assunto do infeliz Franklin, cuja perda o mundo erudito lamenta em nossos dias. .

Eu digo a ele:

— Há muito procuramos John Franklin, que foi a um dos pólos do nosso globo para descobrir alguma nova terra ou alguma passagem desconhecida. Ele comandou dois navios ingleses dos quais não tivemos notícias por muito tempo. Muitos navios foram atrás dela sem obter nenhum resultado feliz; concluiu-se que esses bravos marinheiros estavam mortos. Vários lúcidos também foram enviados em busca deles; mas os relatos contraditórios e imprecisos que foram obtidos deles não nos ensinaram nada sobre eles. Você pode me dizer se esses infelizes estão mortos?

R... — Há mortos; mas Franklin e outros homens de sua tripulação não morreram. Eles foram apreendidos entre o gelo onde ninguém antes deles havia penetrado. Estando meio congelados, foram atacados e feitos prisioneiros pelos habitantes dessas regiões.

"Eles ainda eram dois navios juntos?"

R... — Não, foi o Franklin que foi levado assim.

"Onde eles estão agora?"

R... — Com os habitantes destas regiões.

- O que eles estão fazendo?

R... — Eles os fazem trabalhar, por isso não os mataram. Eles não estão felizes.

"Há muitos?"

R... — Não sei; eles foram compartilhados por esses nativos! dois de um lado e três do outro, como escravos!

"A nave ainda existe?"

R... Não existe mais.

"Então eles nunca podem voltar?"

A... — Acho que Franklin vai voltar.

"Como ele vai fazer isso?"

R... — As embarcações irão a estas entradas e o encontrarão.

"Então é muito difícil penetrar nesses pólos?"

R... — Sim, especialmente para um.

- Qual?

Adele diz que esse espírito lhe dá inúmeras descrições; que ele é muito falante e que ela não entende nada do que ele lhe diz. Ele está segurando um mapa na mão, falando sobre latitude, ártico-tic-tic... Não sei nada sobre isso, diz Adele impaciente.

Pede-lhe que te mostre, neste mapa, o lado de que te fala?

R... — Ele me mostra o da direita, o cartão aberto na minha frente.

"Ele acha que um dia poderemos penetrar nesses pólos?"

R... — Sim; mas não será amanhã. Será somente depois de um movimento que haverá na atmosfera, ou então a terra fará, a esse respeito, como fez o mar, que nos deixou regiões inteiras descobertas. Será o mesmo naqueles tempos, então penetraremos por alguns estreitos que estão entre esses gelos!

Como espírito, Herschel poderia lhe mostrar esses lugares sem lhe causar nenhuma dor?

R... — Ah! Não é fácil.

— Pedir-lhe que lhe mostre apenas um de seus habitantes?..., Adele entra no estado necessário para penetrar nessas regiões; depois de alguns minutos, ela faz a seguinte descrição: não sem reclamar de estar com muito frio. Ela tem um grande desejo de não ser mais questionada e de deixar esses lugares, que, por um efeito simpático , estendem sua frieza de Adele para mim (embora não estivesse frio naquele dia) a ponto de eu estar prestes a tremer como o lúcido fez.

"Oh! Que sorvete, ela disse! mas estou no espelho só vejo isso! pegar,

isso é muito forte, são ruas de gelo por onde caminho... Oh! Eu vejo um jovem, ele já tem cabelos brancos! Quão pequenos são esses homens; o que vejo não é mais alto que Paul (criança de seis anos); ela é magra, seu cabelo é curto, cacheado e bastante cheio. Não tem barba, testa baixa, olhos redondos, nariz grande, boca feia, lábios muito grossos, rosto largo, braços grandes e mãos compridas.

Oh! que desproporção com o corpo que é tão pequeno. As pernas também são compridas... São safados, esses homens. Este tem pele vermelha; ele está coberto por uma pele que tem escamas do tamanho de moedas de cinco francos... Seus sapatos são da mesma pele que soa como pedrinhas; que feia!... Suas casas parecem casinhas de cachorro... Dormem sobre peles peludas... não têm móveis. . . Não vejo terra lá, é só gelo, é uma cidade de verdade onde estou... as ruas não são altas lá; são abóbadas irregulares, estreitas e tortuosas... Aqui, eles se reúnem em uma espécie de lugar para cozinhar seu purê em brasas...

Quem poderia ter cavado tais abóbadas? Se as carroças passassem por cima deles, não os esmagariam!... Quem suspeitaria que ele viu homens lá embaixo, e que havia ali uma espécie de cidade?... Oh! mas, como é que saem para fazer brasas?... Não vejo terra que lhes dê lenha para fazer?... Oh! Aí está você, exclama Adele! eles sobem por uma espécie de fenda Oh! que espessura, meu Deus, é como se subíssemos a uma torre!... Ora, aqui está uma terra!... é uma espécie de floresta, ó! está cheio de animais de todos os tipos; mas são todos brancos!.... Como são esses homens animados e leves; saltam sobre esses bichos e os matam com uma espécie de pau, a única arma que vejo deles; é fisgado na ponta.... Não conheço esses bichos, tem uns que parecem lobos e ursos...

Ah! Vejo outros muito maiores ainda; Eu nunca vi igual.Quem pode ir por esse caminho; o aih é todo gelo? tudo é apenas gelo; nós até estaríamos nessas rochas

de sorvete, que você nunca imaginaria que havia habitantes embaixo de você! mas esses homens não são tão frios quanto nós! Vá e atire canhão contra paredes semelhantes! Eu te dou um pouco, você faria muito!... Deixa eu me salvar daqui »

Adèle não aguenta mais e acho que seria perigoso levar essa pesquisa adiante.

Sessão de 2 de Novembro de 1851

Como disse, a sessão que acabámos de ler foi feita por acaso, sem qualquer preparação da minha parte. As questões que contém e resolve foram parcialmente feitas por ME Mouttet, publicitário, que estava presente na ocasião. Esses detalhes me lembraram que muitas vezes me pediram para usar a preciosa lucidez de Adele para explorar os planetas, a fim de nos dizer o que ela acharia mais curioso ali. Este estudo não é mais impossível para ele fazer do que para mim escrevê-lo; mas os argumentadores que têm uma objeção sempre pronta para se opor diariamente a cada uma de nossas revelações estariam em sua força, visto que ninguém poderia verificar nossas afirmações.

A luz então permaneceria o que é e onde queremos que esteja: debaixo do alqueire. Já temos problemas suficientes para nos mantermos na corrida com as poderosas chegadas à nossa disposição, sem nos expor a uma derrota que nos cobriria com o merecido ridículo... Swedenborg, e alguns extáticos depois dele, disseram o suficiente para este assunto para silenciar nós. O que pode ser dito mais detalhado do que o que Swedenborg avançou a esse respeito? Nada. Ele acreditou? Não. Seríamos os mesmos; portanto, tenhamos cuidado e, se possível, usemos nossos meios para um melhor resultado.

Já que acabamos de entrar no caminho do desconhecido, que Deus permita que o livro de suas maravilhas se abra diante de nossos olhos, leiamos nele o que é razoável.

ler ali, e o que, mais tarde, pelo progresso da ciência, talvez pudesse ser verificado; pelo menos aí não diremos que vimos essas imagens em alguma memória humana, e se tivermos errado, não acusaremos nossa boa fé em vista do serviço que desejamos prestar a nossos irmãos.

Não pude, como lemos na última sessão, questionar Adele com antecedência por dois motivos: o primeiro é que, estando despreparado, não sabia que perguntas fazer a ela; a segunda é

que Adele pegou tanto frio que seria desumano prolongar esse estado.

Mil perguntas vieram à minha mente após essas revelações. Arrependi-me de não lhe ter perguntado tal e tal coisa, como todos compreenderão; mas me ocorreu que ela deve ter observado muito mais do que falado, a julgar pelo! intervalos que ela colocou em sua narração. Então eu o coloquei para dormir no dia seguinte, pretendendo obter mais detalhes, se possível. Quando ela estava dormindo, eu a questionei assim:

— Disseste-me ontem que foste levado a um dos pólos da terra, aos mares gelados, onde viste uma espécie de povoado sob o gelo, em cujo povoado havia habitantes; você gostaria de relembrar suas memórias a esse respeito para completar esta informação se for possível para você?

R... — Sim.

"Você viu nesta mesma cidade algum monumento digno de menção?"

R... — O local onde estes homens reunidos cozinhavam a sua carne era um monumento muito curioso. Era vasto. Chamo de lugar, porque internamente se parece muito com ele, porém, pela sua composição parece de um monumento.

"Como você conseguiu ver nesta cidade subterrânea e escura o que você descreveu para mim?"

R. . . - Pelas janelas.

"Como assim, através de janelas, em uma espessura semelhante de gelo?"

R... — Isso é o que me pareceu o mais engraçado e o mais bonito ao mesmo tempo. Eles são uma espécie de buracos perfeitamente redondos e polidos como você não pode imaginar. Joga um dia 5 muito bonito unido ao brilho do gelo, garanto que podemos ver muito bem. O monumento de que vos falei tinha vários buracos assim dispostos, muito bem conservados.

"Qual é a forma de suas casas, que você chama de casinhas de cachorro?"

R..; — São uma espécie de abóbadas em forma de arcadas como as da rue de Rivoli (se me atrevo a fazer tal comparação); mas isso se reduz à arcada, um andar inferior sem andares. Eu vi duas ruas construídas dessa maneira, que eram muito ruins; eles

se juntaram por uma curva ao monumento do qual eu falei para você.

'- Você não viu alguns objetos de utilidade doméstica em sua residência?

R... — Não vi nada além das peles que fazem suas camas, depois os paus em forma de gancho de que te falei.

'Você apenas mencionou um jovem que viu; no entanto, você viu outros na floresta. Eles se pareciam com você? Você já viu alguma mulher lá?

R... — Vi reunidos ao todo, na cidade e no monumento, cerca de vinte seres. Não distingui as mulheres dos homens; por estarem todos vestidos iguais e não terem barba, seria muito difícil distinguir os homens das mulheres. No entanto, vi um que tomei por uma mulher, em um movimento coquete que ela fez na minha frente enquanto se olhava em um espelho, mas um espelho natural, uma seção de parede tão brilhante e tão boa que nos contentaríamos com ele, se não polido, nossos espelhos.

"Você distinguiu neste monumento algum lugar esculpido com precisão, que representa uma ideia de arquitetura qualquer?"

R... — Este monumento me pareceu muito bonito, mas não era nada parecido com o que conheço. Não havia molduras ou desenhos; não era quadrado nem redondo, era desigual e de um polimento perfeito brilho deste interior. Era agradável aos olhos, embora não fosse bonito.

— Esses buracos podem ser fechados para evitar que o frio ou a chuva entrem na cidade?

R... — Ah! Não; o frio, eles não sabem, e a chuva menos ainda, eles cuidam muito bem, é admiravelmente claro em relação ao seu comprimento. Não sei como a luz do dia pode penetrá-la e ser tão bonita quanto eu a vi.

"Quão profundo você acha que é?"

R... — Ah! Mostrei o valor da altura das torres de Notre-Dame de Paris.

— Como você subiu tão alto; há escadas?

R... — Eu não subi por aqueles buracos, mas sim por uma espécie de fenda muito lisa e muito suave; no entanto, não cheguei ao topo sem dificuldade. Eles montam com muita habilidade. Esse caminho me pareceu muito mais longo do que a

altura de que estou falando. Não é fácil chegar lá. Imagine que estando no topo, vi um vindo da floresta; sentou-se de costas e deixou-se deslizar muito suavemente para a cidade; tal é a sua maneira de descer lá.

'Você me disse que eles tinham pele vermelha; você acha que eles pintam?

R... — Não, é a cor natural deles. Pareciam-me vermelhos, como nós quando sentimos frio; mas é sua cor comum, é uniforme em toda a figura.

"Você me disse que não podia saber os sexos, visto que eles não tinham barba, todos eles pareciam assim para você?"

R. . . — Não vi nenhum com barba, e seria muito difícil saber a idade pelo rosto; pois pequenos seres como estes te parecem crianças; o que me pareceu mais engraçado foi que todos eles têm cabelos grisalhos.

"Você também me disse que o cabelo deles era curto?"

R... — Parecem que sim, pois não pendem como os nossos; mas sendo encaracolados como são, devem ser bastante compridos a julgar pelo seu volume, o que os faz parecer ter cabeças enormes.

— (Os que você viu na floresta usavam as mesmas roupas e os mesmos sapatos?

R — Sim; alguns estavam cobertos de pele escamosa e outros com pele peluda. As escamosas eram muito brilhantes e pareciam madrepérola. As escamas não estavam presas à pele, pertenciam a ela: redondas e sobrepostas, apresentavam aos olhos apenas a forma de uma ferradura... pés estavam descalços sobre eles, mas um pouco entrou neles. Eles foram amarrados na perna com tiras da mesma peça.

"Você não viu pêlos nas pernas deles, por exemplo, o que indica que a natureza forneceu pêlos naturais para eles?"

R... — Eu não vi nada disso; Eu acho que eles têm menos cabelo do que você, já que não vi um traço de barba neles... e eles estão tão bem embrulhados que você não pode ver a carne deles. Como eu disse, eles são muito vivos, leves e hábeis; sua única arma são seus bastões. Aquele que eu vi caçando um animal sabia como usá-lo bem. Ele surpreendeu a besta pulando em suas

costas; ela não esperava nada, ele deu-lhe apenas um golpe da presa de seu pau na cabeça para deitá-la morta!

"Se eles só têm suas varas, como poderiam fazer os buracos que servem de janelas para o monumento de que você me falou?"

R... — Acho que têm instrumentos cortantes, pois cortam a caça, cujos pedaços eu vi nas brasas; mas não vi nenhum instrumento desse tipo. Também só vi peles estendidas no chão para lhes servir de assento, como lhes servem de cama... Nem que seja com seixos pontiagudos, devem ter meios de trabalhar seus nichos para tê-los. os viu (Adèle disse para si mesma).

"Estava longe da cidade de gelo até a floresta?"

R... — Sim, atravessei aquele espaço por um quarto de hora (embora Adele não fosse um minuto, na minha opinião).

"Você achou esta floresta bonita?"

A... — Sim e não; é lindo pelo lugar, mas é muito feio pelo que vemos todos os dias...

"A vegetação é bonita lá?"

R... — Não, é árido e selvagem; o ar carrega um cheiro selvagem desagradável de respirar.

"Você conhece as espécies de árvores que viu lá?"

R... — Não, nunca vi igual; Havia vários tipos, mas só notei dois: alguns bem pequenos, em formato de pão de açúcar, e outros bem grandes, excessivamente altos.

"Como estavam os pequenos?"

R... — Tinham folhas do tamanho da tua mão, muito serrilhadas e de cor avermelhada; eles podem ser uma vez e meia mais longos que uma mão.

"E os adultos, como ficaram?"

R... — Não consegui captar a forma de suas folhas, visto que iam até onde a vista alcançava (1); o corpo dessas árvores era tão liso e sem galhos quanto um poste gorduroso; seus galhos, no topo, ao invés de se estenderem como os das nossas árvores, ficavam pelo contrário na direção da árvore e formavam um buquê bem curioso de se ver.

(1) Preste atenção que esta visão é relativa ao estado do lúcido, ele se acredita materialmente nestes lugares e não espiritualmente, o que o faz esquecer que tem a capacidade de enxergar a distâncias maiores: como através de corpos opacos,

que são as coisas para fazer diariamente; é por isso que Adele diz que não consegue ver através das roupas desses nativos.

"Você viu alguma flor lá?"

R... — Sim, em duas cores apenas.

"Como eles estavam?"

-•R... — Estavam presas como trepadeiras a essas arvorezinhas, de uma a outra, que formavam guirlandas muito bonitas de se ver. Havia azuis e vermelhos; os azuis eram da nossa tonalidade centáurea, e os vermelhos das groselhas, mas de uma magnífica frescura de tom. A forma deles era a de um extintor, comprido como um dedo, alargado como um cálice em sua abertura e entrando em uma ponta no fundo; era como um tubo que se abria numa das pontas... Esqueci-me de te dizer que vi um daqueles homenzinhos a subir numa daquelas grandes árvores; um macaco não iria tão rápido e não seria mais hábil.

"Você viu mais alguma coisa que vale a pena mencionar, seja na cidade ou na floresta?"

R... — Não, não tive tempo de examinar à vontade; Eu tinha pressa de me salvar, o frio me empurrava pelos ombros, e esses homens não me tranquilizavam muito... Aqui, porém (continua Adèle) é o que é o começo da civilização!... Esses os homens um dia serão o que somos... Paris era o que a cidade deles é... Eles vão nos substituir, é assim que vai o mundo!!!

"É assim que você faz", respondi; mas a ciência tem noções positivas a esse respeito, o que não lhe diz que nossos países nunca estiveram nesse estado?

"A ciência sabe muito sobre isso" (Adele retoma); sua ciência está bem avançada, nem sabe o que acabei de ver!

- Eu não me conheço se você vê corretamente.

"Eu vejo por mim mesmo, e apenas o suficiente para saber que você não sabe nada!...

Estando Adele muito cansada, termino aqui esta sessão, depois de lhe ter perguntado, no entanto, se ela tinha ou visto alguma gravura em estado de vigília, que assim lhe pudesse vir à mente? Ela me garantiu, chamando Deus como testemunha, que nunca tinha visto nada parecido, e também me assegurou que os próprios homens ignoravam essas coisas, que um dia seriam conhecidas.

Que Deus permita que este clarividente tenha falado a verdade, principalmente no que diz respeito a Franklin, e que estas duas sessões não sejam as piores deste livro!

Li no jornal La Presse, de 24 de agosto de 1853, a seguinte nota, a respeito do infeliz Franklin; imaginem qual foi o meu espanto e a minha alegria ao mesmo tempo ao ver, passados dois anos entre as referidas sessões e esta notícia, que existia a identidade que iremos notar. Essa nota me levou a acreditar que não havíamos errado em nossa pesquisa e a tentar uma terceira sessão.

Nota do referido jornal:

— Lê-se no Livei'pool-Times: — "Sir John Franklin." “Um correspondente nos envia o seguinte trecho de uma carta escrita ontem da Irlanda. Ele tem total confiança na fonte de suas informações:

Perto de Bell-Luüet, 15 de agosto de 1853.

“Você sem dúvida ouviu falar que uma pobre mulher encontrou uma garrafa bem perto daqui; esta garrafa continha uma carta de Sir John Franklin, datada de maio passado; ele disse que foi impedido pelos nativos de deixar uma ilha onde está agora. O oficial da guarda costeira enviou a carta ao Almirantado e acaba de saber que a caligrafia é realmente de Sir John Franklin; assim, ainda há chances de ele ser salvo.

TERCEIRA SESSÃO
9 de Setembro de 1853

A nota que acabamos de ler despertou em mim a necessidade de fazer uma nova sessão sobre este assunto; mas pedindo a mera aparição de Franklin, a fim de poupar Adele das desagradáveis sensações de frio que experimentou no primeiro. Sendo esta

maneira de pedir um espírito a que costumo empregar em nossas visões remotas, eu deveria então esperar resultados tão felizes quanto nestas visões, ou então são os espíritos que supostamente vêm em direção ao lúcido, ao invés de deixá-lo os lúcidos vão até eles.

Digo assim chamados, pela cautela exigida pelas revelações de Adèle sobre esta questão, revelações que lemos sobre a natureza dos pensamentos. ela sentiu o frio de que falei, e como pode ter recebido a insolação material de que falei no 2º volume desta obra? Responderei que a partir do momento em que o representante dos lugares e dos seres for perfeito nele, tanto nas manifestações vivas quanto nas pictóricas, ele deve produzir os mesmos resultados de sensação e impressão que produziria materialmente.

É um efeito de repercussão do real ao receptáculo ou ao imaginário desse real que produz, nas distâncias fictícias dos espíritos, efeitos de locomoção simpáticos, sensíveis e marcantes aos nossos olhos. Já tratei demais dessa questão para voltar a ela.

Por esse facto, Adele podia, portanto, ver Franklin e não experimentar outra sensação além de vê-lo; mas se ela estendesse sua pesquisa a ponto de desejar conhecer, com a ajuda da visão em vez da fala, os atos de Franklin, ela naturalmente sofreria as impressões que esses atos produzem materialmente,

Gostaria que se pudesse entender esta questão como eu mesmo a entendo e como tentei tratá-la: se reconhecesse que o pensamento e a palavra são as únicas coisas existentes para o espírito no universo. Os imagnetistas, como já disse, não devem duvidar dessa proposição, visto que podem, por mil criações diferentes, impressionar seus lúcidos a ponto de produzir neles manifestações e marcas externas apenas com o auxílio do pensamento.

É assim que eles vão expurgar, queimar, machucar e até matar, se quiserem, o sujeito suficientemente sensível, para depender assim de apenas um de seus pensamentos (ver Magia Magnética). Este preâmbulo me desvia do meu assunto; Eu volto a isso. Então eu imploro a Adele que pergunte por Franklin. Assim que este clarividente o vê, eu falo com este espírito assim:

“A Europa está desolada há vários anos em relação a você: acredita-se que você esteja perdido para sempre para a ciência marítima. Não há nada que não tenha sido tentado para encontrar seus vestígios; navios ainda estão procurando por você. Sua infeliz esposa não poderia ser mais afetada por dúvidas sobre sua existência. Ultimamente uma garrafa chegou às costas da Irlanda, contendo uma nota escrita por você, que afirma o que nós mesmos aprendemos há dois anos. Desejo, portanto, em nome de todos os seus amigos, que você tenha a gentileza de me dar alguns detalhes de sua viagem e seu sequestro nestes países; quais são suas ocupações e suas esperanças lá?”

Adèle responde: Ele me parece muito abatido e desanimado; ele não parece entender o que você está dizendo a ele.

"Ele estaria doente?"

R... — Está em péssimo estado!

"Mas de qualquer maneira, como você vê isso?"

A. — Vejo-o envelhecido vinte anos desde a última vez...

Adele me dá sua descrição, que pode ser resumida da seguinte forma: — Este homem deve ter cinquenta anos; ele é alto, magro, moreno, com um rosto indescritível, uma longa barba, seus ombros cobertos por uma espécie de cabeleira que não parece nada...

Ele está lá, deitado em peles; sua depressão é tão grande que não consigo atrair sua atenção”. Oh! que estado, para uma cabeça tão organizada!... Está quase na infância...

"Pergunte a ele se ele realmente escreveu o bilhete de que estou falando?"

R.. — Sim, até escreveu vários.

"Por que ele não colocou o nome ou a vizinhança de onde ele está?"

R... — Ele mesmo não o sabe... Ele me diz que penetrou onde nenhum homem penetrou antes dele. Que ele forçou a passagem e nunca chegaremos a ele. Todos os que foram em busca dele pararão nos obstáculos que ele superou. . .

"No entanto, esta garrafa veio para a Europa, então podemos seguir o mesmo caminho?"

R... — Você acredita nisso! esta garrafa girada sob o gelo, portanto, passará por baixo de você.... todos os navios serão demolidos como o dele foi, entre essas montanhas de gelo.

"Eu pensei que você me disse que ele foi atacado pelos nativos e feito prisioneiro?"

R... — Certamente; mas seu navio foi perdido; escaparam em pequenas embarcações, desembarcaram em terra; foi aqui que eles foram feitos prisioneiros!

"Que tipo de escravidão eles sofrem?"

R... — O de estar longe da pátria; pois esses homens não lhes fizeram mal; eles não os impediriam de partir se pudessem!

— Você me disse que eles os espalharam em grupos de dois e três. Então eles queriam levá-los cativos?

R.. . – Eles os pegaram mais por curiosidade do que por malícia; pois se eles quisessem matá-los, eles não viveriam mais.

"Eles ainda são muitos?"

R... — Este homem não sabe; ele nunca ouviu falar de outros que estão em outros países que ele não conhece; e você acha que é fácil se fazer entender por esses selvagens?

— • Quantos ainda estão com Franklin?

R. — Eram quatro ao todo, da última vez que o vi, agora são apenas dois: um marinheiro e se você visse os dois no estado em que estão* não veria Eu não me incomodaria com suas perguntas.

"Então você acha que toda a esperança está perdida?" Você disse que Franklin veria a Europa novamente?

R... — Eu tinha dito o que não digo mais. É preciso um milagre!

— Fazei compreender a este pobre irmão que não perde a coragem nem a esperança de voltar a ver a sua pátria; que sabemos que ele vive e que vamos encontrá-lo a todo custo.

R... — Ele não ouve bem; mas é só a mente dele!... Então vá e faça o corpo dele entender isso; você sabe que quando falamos entre mentes, nossos corpos ignoram!

- Sim ; mas faça algum esforço para implantar esta ideia nele... peçamos a Deus que lhe dê forças para ter esperança, etc., etc.

Eu estava muito comovido para continuar esta sessão. Passei o resto do dia consolando, em pensamento, esse infeliz.

Que o que Adele viu está correto (no que diz respeito à existência do infeliz Franklin, ainda que pouco em relação ao conteúdo da garrafa, que ao contrário daria esperanças de que ele ainda tenha seu navio à disposição, ao dizer que ele é retido por os nativos), o facto é que por essa nota, e pelo que Adele vê, ele existe; mas ele está em um estado desesperado.

Então concebi a ideia de formar um areópago magnético para magnetizá-lo à distância para reparar suas forças esgotadas e seu moral quebrado. Os estudos que fiz até hoje provaram-me, sem sombra de dúvida, que não há distância para esta ação e que o simples pensamento de acreditar que alguém próximo esteja qualquer distância, é suficiente para que o espírito o veja, portanto, estabelecer uma comunicação direta com o corpo deste espírito.

É-nos possível, portanto, magnetizar este infeliz, animados pela confiança que temos na sua existência, e pelo poder da nossa ação. Se Franklin estivesse morto, não sofreríamos muito se nós, sete de nós, o magnetizássemos por uma semana, alguns minutos, em horários fixos; alguns meses deste trabalho não nos assustarão; pelo menos teremos experimentado uma experiência de fraternidade, que Deus talvez abençoe. Eu tenho comecei eu mesmo em 12 de setembro de 1853.

Vá, então, imolar-se pela humanidade! procure, arriscando sua vida, torná-la familiarizada com o globo que ela habita; traga-lhe notícias de irmãos que ela desconhecia de distâncias imensas!

Volte e deposite esses troféus no altar da pátria, qual será sua recompensa? Os estilhaços de sua carne escaparam dos rasgos de mil mortes, serão ao menos aposentados pelo Estado?

Você verá uma saudação de honra dada a este velho marinheiro que terá feito mais pela civilização em três ou quatro anos do que tal ministro fará em dez eras? Não, aquele que estiver coberto de roupas bordadas será respeitado por todos, e o outro coberto de trapos será o maldito!... Oh! se você pudesse pensar, como eu faço com o infeliz Franklin, que você pudesse vê-lo lutando contra a morte por anos, em meio a tal atmosfera, tantos desertos, tantos seres e tantas privações! no gelo, enviando um último pensamento para a Europa, em tal envelope, sob a guarda

de algum espírito boq, sem ousar esperar que dê certo e que saberemos um dia que ele já sofreu tanto!...

Se pudessem ouvir as horas centenárias destas terras a ressoar nos vossos ouvidos, vós, senhores do tempo, descansando sem preocupações sobre as peles macias que estes pobres povos vos buscarão até agora à custa das suas vidas, honre, diferente de você, esses velhos marinheiros cujos pergaminhos são cem vezes mais nobres que os seus!... Qual é a recompensa deles? uma risada zombeteira, quando eles aparecem em seu piso de parquet à custa de seu suor. Não conhecem as tuas maneiras boas e tolas, os teus costumes nobres e ridículos, o que significa que aos teus olhos eles são apenas os idiotas da criação, quando são as suas luzes!... as masmorras, èl o povo das vaias!.... Oh! globo de idiotices, crimes e escravidão, você não é o globo mais fraterno dos globos. Se é um crime deixar você por suicídio, deve ser uma virtude ter vivido em você por meio século em prantos!!!

CORRESPONDÊNCIA

«A O SR. CAHAGNET, AUTOR DOS "SEGREDOS DA VIDA FUTURA REVELADOS"

«Monsieur: Li a sua obra dos "Segredos" e, embora o julgasse sincero, a sua leitura, no entanto, deixou-me uma dúvida que desejava remover por completo. Tendo por vezes a facilidade de estar em comunicação com uma sonâmbula, cuja excelente clarividência bem conheço, propus-me pedir-lhe que solicitasse algumas aparições. Se tivesse sucesso, a prova estaria ali para mim. Se falhasse, não inferiria daí que o senhor era um impostor, mas não ficaria satisfeito e teria procurado aproveitar outra oportunidade. No meu primeiro ensaio, contudo, estava destinado a ser positivamente esclarecido; pois eis o que me aconteceu:

Direi, em primeiro lugar, que esta sonâmbula é uma das minhas irmãs, que reside à distância de quinze léguas de Paris, e isto explica o facto de não estar frequentemente com ela. A 5 de fevereiro de 1848, magnetizo a minha irmã e mantenho com ela o seguinte discurso:

— *«Não me disse já que podíamos fazer aparecer pessoas falecidas?»* — «Sim.»

— *«Quer tentar agora?»* — «Sim. Que pessoa deseja ver?»

— *«O meu pai.»*

— *«Pois bem, peçamos ambos por ele.»*

Decorridos alguns instantes, ela diz:

— «Aqui está ele.»

— *«Como o vê?»*

— «De calças cinzentas riscadas, colete branco, casaco de montaria castanho; tem os mesmos traços com que o conhecemos.»

— *«Peça-lhe se quer responder a algumas perguntas.»*

— «Ele não dá resposta.»

— *«Insista com ele para que lhe responda.»*

— «Diz-me que está disposto a fazê-lo.»

— *«Pergunte-lhe se é feliz.»*

— «Sim.»

— *«Viu a Deus?»*

— «Ainda não; mas tem esperanças de o ver em breve.»

— *«Viu a nossa avó?»*

— «Não.»

— *«Como é isso?»*

— «Porque ela não está com ele.»

— *«Pensa que a pode ver?»*

— «Sim.»

— *«Que meios empregar?»*

— «Os mesmos que para ele.»

O meu pai desapareceu.

Esta aparição é de facto real, estou convencido disso agora; mas temia que fosse a imagem do meu pai a apresentar-se à memória da minha irmã. Dois dias depois pedi outra; desta vez era o irmão da minha mulher, que nunca vi, e de quem a minha irmã não tem o menor conhecimento; morreu há oito anos. Tudo o que sei dele é o seu nome; pedi por ele. Ela diz-me:

— «Aqui está ele.»

— *«De que lado lhe aparece?»*

— «À minha direita.»

— *«Dê-me uma descrição dele.»*

— «É antes claro, tem olhos azul-escuros, rosto comprido; veste calças azuis, colete castanho-escuro, casaco de cerimónia.»

— *«Já apareceu à sua irmã?»*
— «Sim, uma única vez.»
— *«É feliz?»*
— «Sim.»
— *«Onde está ele?»*
— «No céu.»
— *«Há vários céus?»*
— «Sim.»
— *«Quantos?»*
— «Três.»
— *«Viu a Deus?»*
— «Sim.»
— *«Viu-o sempre?»*
— «Não.»
— *«Desde quando o viu?»*
— «Desde a sua aparição à sua irmã.»
— *«Sob que forma vê a Deus?»*
— «Deus é um espírito.»
— *«Poderia dizer-me se Deus tem alguma forma?»*
— «Vê-o apenas sob a forma de um sol.»
— *«Poderá ser o sol que nos ilumina?»*
— «Sim. Mas espere, ele diz-me que me enganei, que não disse isso; este sol não pode ser visível para nós.»
— *«É verdade que temos cada um ao nosso lado um bom anjo e um mau espírito? Não posso acreditá-lo.»*
— «É verdade, no entanto.»
— *«Há um inferno onde sejamos eternamente queimados?»*
— «Não.»
— *«Então qual é o castigo atribuído àqueles que fizeram o mal?»*
— «São privados da vista de Deus por um tempo mais ou menos longo.»
— *«Os judeus, maometanos, etc., gozam, da mesma forma que os católicos, da vista de Deus?»*
— «Oh! sim, certamente.»
— *«Pergunte-lhe se pode ver o seu bom anjo.»*
— «Sim.»
— *«O que se deve fazer para efetuar isto?»*

— «Devemos rogar a Deus que nos conceda esse favor.»

O meu cunhado desaparece.

Ambos dirigimos preces ao Todo-Poderoso para permitir que o seu anjo aparecesse; ao fim de um instante, ela diz:

— «Aqui está ele.»

— *«Onde está ele?»*

— «À minha direita.»

— *«Como aparece?»*

— «De branco; tem cabelos louros e asas.»

— *«Qual é o seu nome?»*

— «Gabriel.»

— *«Viveu na terra?»*

— «Sim.»

— *«Quando as pessoas falecidas aparecem, é o corpo em que as conhecemos na terra que aparece?»*

— «Não.»

— *«Então por que razão são tão parecidas, e vestidas como estavam entre nós?»*

— «Porque, de outro modo, seria impossível reconhecê-las.»

— *«Que forma tem, então, esta alma quando separada do seu corpo material?»*

— «Assemelha-se ao corpo na forma.»

— *«Vivemos no céu como na terra?»*

— «Não é a mesma existência.»

— *«O que fazemos lá? — temos desejos e podemos satisfazê-los?»*

— «Sim.»

— *«Voltamos a ver as pessoas que amámos na terra?»*

— «Sim, chega um tempo em que nos voltamos a encontrar.»

— *«Há casas, jardins?»*

— «É um jardim.»

— *«Poderia ele conduzi-la ao céu?»*

— «Sim, mais tarde.»

Ele desaparece.

No meu regresso a Paris, apressei-me a dar a conhecer à minha mulher a descrição do seu irmão. Ficou bastante espantada e reconheceu tudo como sendo muito exato. O que lhe pareceu mais extraordinário foi a aparição que tinha visto uma vez, tal

como a minha irmã tinha dito, e o seu irmão vestia o traje descrito pela minha clarividente, um traje precisamente igual ao que ele costumava vestir todos os domingos. A minha mulher acrescentou: *«O que é mais singular é que nunca sonhei com o meu irmão a não ser esta única vez de que agora falo, até à noite passada, quando ele me apareceu novamente tal como antes.»*

Assim, monsieur, quanto às perguntas que lhe dirigi, bem como ao anjo da minha irmã, foi simplesmente para ver até que ponto as suas respostas corresponderiam àquelas que relata na sua obra. Vi com prazer que eram quase em todos os pontos iguais.

Desde então obtive mais três aparições, que sucederam perfeitamente bem. Tive apenas um erro, numa data de trinta anos em vez de trinta e quatro, e fico surpreendido por as pessoas que aparecem assim não cometerem erros mais vezes; pois tornando-se tudo o que se passou na terra inteiramente sem valor para elas no estado em que se encontram, e não atribuindo já qualquer valor às coisas terrenas, não consigo conceber como podem responder com tanta precisão.

Assim, monsieur, obtive cinco aparições inteiramente reais no meu espírito. Três das personagens que apareceram eram-me totalmente desconhecidas, bem como à minha clarividente. Não posso, portanto, nutrir já a menor dúvida; e seja qual for a opinião de pessoas simples ou tituladas, que tentem, do púlpito cristão ou da cadeira académica, negar a verdade destas perceções, ser-lhes-ia impossível abalar a minha fé a este respeito; e digo mais — honro-me em partilhar o nome que lhe derem, mesmo que seja o de impostor. Somos agora um grande corpo de magnetizadores sinceros, que lhes diriam: "Nós estamos na verdade, e vós nas trevas!"

Receba as minhas sinceras saudações.

L. J. Lecocq,

Relojoeiro da marinha, Rue de Calais, 9, Argenteuil.»

Não me tomarei a liberdade de fazer qualquer observação sobre a sessão que acabamos de ler, desejando deixar o leitor como único juiz nesta grave questão, e não o sujeitar a nenhuma influência. No entanto, pedi ao Sr. Lecocq, quando tivesse oportunidade de ver a sua irmã novamente, que lhe submetesse as

seguintes perguntas. Ele fez isto com uma presteza afável e enviou-me a resposta que passamos a ler:

«Fiz aparecer um espírito que goza há algum tempo da presença de Deus. Suponho-o num estado idóneo para responder às suas perguntas, cujo resultado lhe comunico. Fiz perguntar a este espírito —

" 1. Ao deixar o seu corpo material, para onde vai a alma?

— Em primeiro lugar, a alma vai direito ao seu Criador, para ser julgada segundo as suas obras; depois encontra-se colocada num estado correspondente às suas ações. Neste estado encontramo-nos no céu.

" 2. O que faz nesses lugares?

— Termina por gozar da felicidade celestial, da alegria perfeita. Não pode já desejar nada de melhor.

" 3. O que há nesses lugares?

— Tudo o que desejamos ver ali.

" 4. Durante quanto tempo permanece nesses lugares?

— Permanece ali para sempre.

" 5. Mas, no entanto, se ela volta a habitar corpos materiais, como pode ser isso?

— Visto que permanece no céu para sempre, não habita novamente outros corpos materiais. Deus disse: "Quem quer que habite nos céus comigo, habita neles para sempre!"

" 6. Todos habitam finalmente no céu, ou apenas alguns?

— Todos habitam lá finalmente: apenas há alguns que levam um tempo muito longo antes de estarem neste estado.

" 7. Como sabe a alma que é solicitada na terra?

— Isso depende em primeiro lugar de Deus, que permite aos homens serem convencidos, por estas aparições, da imortalidade da alma.

" 8. Como consegue ela aparecer assim em todos os pormenores do seu corpo material e no traje que vestia na terra?

— É uma imagem nele impressa.

" 9. Às vezes falta algo nos seus traços, ou no conjunto do seu vestuário: qual é a causa disto?

— Isso não pode nem deve existir, mas pode haver causas que sou incapaz de apreender.

14 de setembro de 1848.»

Se fiz fazer estas perguntas pelo Sr. Lecocq à sua clarividente, foi a fim de obter uma solução clara sobre elas no seu conjunto, prevendo que a sua irmã era de uma ordem suficientemente elevada para lhes responder.

Às oito perguntas ela responde que os traços e o traje em que os espíritos aparecem estão neles impressos. Tal é a explicação de Adèle, e isto justifica os erros (muito raros, é verdade) que as clarividentes podem cometer nas descrições que nos dão destes espíritos. Estando cada traje vestido durante a vida do indivíduo impresso no seu corpo espiritual, como cada ponto de vista ou imagem exterior está impresso no domínio da sua memória, melhor chamada imaginação, não é por isso de admirar que, se o espírito solicitado vestia um casaco de cerimónia azul aos trinta anos (por exemplo) e um sobretudo aos cinquenta, o olho da clarividente, conforme seja mais ou menos penetrante, seja capaz de atravessar três ou quatro impressões semelhantes, que não podem, como podemos supor, ser muito profundas, e depois cometer erros involuntários, cuja causa, sendo desconhecida, daria azo à suposição de um erro real ou de uma falsa aparição. Consulte o leitor a este respeito o que Adèle disse na sessão 101. Julguei estas observações necessárias para as pessoas que estudam este género de perceções, e advirto-as a não rejeitarem todas as aparições cujos pormenores possam não reconhecer como muito exatos. A clarividência do sujeito pode ser de grande peso na qualidade da perceção.

«**Monsieur:** Permita-me conversar consigo um momento sobre as coisas extraordinárias que li nos seus "Segredos". Julgava-me sabedor em magnetismo antes de ler a sua obra, mas agora encontro-me como um homem que surge do nada e apenas começa o seu nascimento. A que obrigação não fico para consigo, monsieur, por me ter esclarecido sobre matérias que eu suspeitava, e me ter deixado a tatear num torrente de dúvidas! Precisava de um pouco de ajuda e encontrei-a no seu livro. Apresento-lhe os meus mais sinceros agradecimentos por isso, e peço-lhe que agradeça em meu nome a Madame Adèle, o anjo terrestre que teve a bondade de nos iniciar nos santos mistérios do poder Divino. Quão feliz considero aquela de quem Deus se

serviu como instrumento para revelar aos homens verdades que tinham sido até agora quase ocultadas da sua inteligência ou duvidosas para ela! Peço ao Todo-Poderoso que seja servido continuar a sua obra, confiando, pelo seu suporte divino, que todos os homens se tornarão menos orgulhosos na terra e aprenderão que não passam de átomos comparados com o grande Governador do universo. Atrevo-me a esperar que a harmonia que deveria reinar entre estes seres infinitamente pequeninos não está, sem dúvida, longe da sua alvorada! Não pretendo ter o desejo de refutar nada na sua excelente obra; pelo contrário, o meu fraco espírito é sem dúvida incapaz de comentar revelações tão sublimes!

Contudo, reflexões inumeráveis vieram confundir o meu cérebro quando li em muitas passagens que comemos no céu. Não sabia o que fazer desta palavra *comer*, que não estava já em harmonia com tudo o que é tão belo nas descrições do seu anjo terrestre. Muito felizmente, sou um pouco sonâmbulo. Pedi ao meu irmão que tivesse a bondade de me adormecer, para que eu pudesse esclarecer esta expressão, que me oferecia algumas dúvidas. Quando estava em crise, e após um curto tempo dado à reflexão, comecei a rir. O meu irmão perguntou-me a causa de o fazer, e eu disse-lhe: *«Ouve, meu amigo, vou esclarecer-te sobre o que há pouco ocupava os meus pensamentos. A expressão comer é uma palavra terrestre que o espírito não podia traduzir de outro modo para ser compreendido pelos homens; em muitas circunstâncias é obrigado a proceder assim — caso contrário seria cercado de perguntas que, por serem recapituladas, tendem a fatigá-lo; pois muitas vezes um interrogador volta, sem o saber, meia dúzia de vezes ao mesmo assunto, e o espírito celestial deve estar dotado de uma bondade singular se não se afastar e deixar tal interrogador sem resposta.»*

Para voltar à palavra *comer*: é bastante correta, mas é entendida de duas maneiras diferentes. A primeira é o comer terrestre que se relaciona com a matéria; a segunda é o comer espiritual que se relaciona com a essência Divina. Esta última é um problema bastante difícil de resolver, especialmente pelos homens, visto que no céu tudo é ideal e realizado apenas através de emanação. Não importa o que deseje ver ou ter, apresenta-se

aos seus olhos. Assim, desejo comer um pêssego; apresenta-se imediatamente à minha vista, e então posso satisfazer-me. Mas tende cuidado, homens da terra, e considerai que este pêssego não passa de uma emanação celestial, e que o espírito que o deseja pode provar apenas as suas emanações: isto satisfaz-lo plenamente, sem estar por isso nada mais sujeito às funções terrestres. Por exemplo, uma pessoa a dormir sonha que está a comer um pêssego: certamente saboreia no seu estado toda a sua delícia — no entanto não tem nenhum; isto não a impede de ter tido o mesmo gozo como se tivesse sido um pêssego real. Este espírito, desprendido da matéria, colocou-o ao nível da essência celestial, onde estará após a sua partida deste globo.

Desculpe-me, monsieur, e aceite a garantia da minha elevada consideração.

Lemoine

Rue de la Madeleine, 15, bis, Paris.»

As observações que acabamos de ler não são as de um fraco sonâmbulo, como este senhor tem a humildade de dizer. Devo acrescentar que (agora à idade de sessenta anos) há trinta anos que é magnetizador e ocasionalmente clarividente, e que a definição que nos dá não está em contradição com o bom senso, mas muito pelo contrário, pois mantém o que Binet, Adèle e todos os bons clarividentes afirmam a este respeito. O estado celestial é uma espécie de criação eterna. Digo uma espécie, porque só Deus criou tudo desde toda a eternidade; mas a facilidade que os espíritos possuem de obter os objetos desejados faria crer que eles próprios criam esses mesmos objetos, se não tivéssemos prova em contrário. Leia-se novamente as sessões de Binet sobre este assunto no nosso primeiro volume.

Como já disse, por medo de tornar esta obra enfadonha de ler, não julguei conveniente continuar a dar conta de todas as sessões de aparição que obtenho: daí resulta que não fiz menção de uma que o Sr. Lemoine solicitou a Adèle, para se certificar de que ela percebia o seu pai como ele próprio o percebia nos seus sonhos. Este senhor tinha tomado nota desta sessão e enviou-me um relato dela escassos dias depois, com o pedido de que a inserisse tal como ele a tinha escrito. Apressar-me-ei a fazê-lo, tanto para

cumprir o seu justo pedido, como para dar ao leitor mais uma prova, se ainda precisa dela:

«SESSÃO DE 10 DE AGOSTO DE 1848, DADA POR MADAME ADÈLE, A EXTÁTICA DO SR. CAHAGNET.

Tinha ido a casa do Sr. Cahagnet para pedir a Madame Adèle que se deixasse adormecer, a fim de visitar de novo o meu corpo, que andava doente há muito tempo. Tinha beneficiado das suas prescrições anteriores, e esta sessão apenas confirmou o conselho que ela me recomendou que seguisse há cerca de quinze dias. Encontrando-me muito mais forte e com melhor saúde, folgo de todo o coração por ter aproveitado a sua especialidade.

Há muito que desejava que ela chamasse o meu pai, que morreu em 1824, à idade de sessenta e seis anos, a fim de ficar mais convencido, se é que isso seria possível, do que por aquilo que sou capaz de ver eu mesmo quando durmo, visto que não tenho qualquer recordação disso ao acordar. Não era já uma dúvida da minha parte — era uma necessidade. Madame Adèle nunca tinha conhecido o meu pai; teve a bondade de pedir por ele. Decorrido um instante, vi-a fazer um movimento bastante decidido que me anunciou a sua chegada. Na verdade, era o meu pai.

A extática disse-me: *«Vejo um homem cujo cabelo é inteiramente branco, com uma trança e suíças.»* (Isto é verdade; o meu pai conservou até ao dia da sua morte o seu penteado à antiga.) *«É um homem de estatura elevada»*, disse ela, *«tendo várias cicatrizes no rosto.»* — (O meu pai tinha mais de seis pés e tinha sido maltratado pela varíola.) *«O seu nariz é partido e largo na ponta; é muito corpulento e tem os ombros curvos.»* — (Tudo isto é verdade.) *«Estava afligido com reumatismo nos braços, e particularmente na parte inferior dos lombos. Morreu deste reumatismo, que lhe subiu ao peito. Deve ter sofrido muitíssimo; costumava também sofrer com bastante frequência de uma tosse, que era ocasionada por uma picada que sentia na garganta.»* — (Tudo isto é verdade.) Ela diz que o meu pai *«é muito feliz, num*

estado que não mudaria para voltar à terra. Era», continua ela, *«de uma índole bastante alegre; possuía um coração bom e sensível; e era, em suma, um homem inteiramente honesto. Gosto muito dele»*, diz ela, *«e tenho muito prazer em vê-lo; espero que esta não seja a última vez.»*

Pedi-lhe que perguntasse ao meu pai se eu faria bem em ir fixar-me em Touraine, na comuna de F... *«Como não irás»*, disse-me ele, *«não tenho pormenores a dar-te sobre a matéria.» «Percebo»*, diz a extática, *«que ficaria ali exposto à vingança, e que algum infortúnio lhe poderia acontecer; as pessoas com quem teria de lidar são traiçoeiras e más, e além disso, não muito escrupulosas.»* Como tinha lido o primeiro volume dos "Segredos" do Sr. Cahagnet, onde sessões semelhantes se encontram em grande número, fiquei menos espantado do que qualquer outra pessoa teria ficado. No entanto, a presença do meu pai, que tinha morrido há tanto tempo, o prazer de saber que ele estava ao meu lado penetraram-me de um respeito santo difícil de descrever; a ideia de saber que ele era feliz, a esperança de um futuro que me reuniria a ele, causaram-me tal impressão que a minha alma poderia neste momento ter abraçado a morte como um bem soberano.

Seu do coração e em amizade,
Lemoine.»

Devo acrescentar que o Sr. Lemoine fez posteriormente averiguações a respeito do lugar que lhe fora oferecido como administrador de um castelo. Soube que as pessoas que até então tinham ocupado este lugar tinham sido muito severas com as gentes dos arredores; isto tinha tornado estas últimas desafetas ao castelo, e a pessoa que sucedesse ao falecido administrador poderia de facto sofrer por ele, visto que os habitantes desta parte do país são, como lhe disseram, viciosos e vindativos. Ele recusou o lugar por esta razão e por outras que me permanecem desconhecidas; a predição do seu pai tornou-se assim verificada.

«**Monsieur:** A partir do apelo que faz no seu primeiro volume dos "Segredos da Vida Futura Revelados", às pessoas que possam ter quaisquer factos a comunicar-lhe para inserção no segundo volume que pretende publicar, peço para responder a este convite no interesse, entenda-se, das ciências ocultas; e, a fim de

lhe provar que de modo algum fiquei espantado com o conteúdo do seu livro, que li com muito prazer. Antigamente artista teatral, dediquei-me apaixonadamente ao estudo da cabala, como oferecendo, pelas suas meditações estudiosas, um contraponto aos estudos mais leves do teatro. Fiz conhecimento com uma sociedade (de loucos, diz o mundo; de sábios, respondo eu), na qual fui admitido, não sem alguma dificuldade. Dizer-lhe tudo o que se passou nesta sociedade, durante todo o tempo em que fui seu membro, seria empreender uma obra em três volumes. Citarei um facto, entre mil semelhantes, que corresponde ao que o seu sonâmbulo Binet diz relativamente à força e ao poder dos espíritos.

«O chefe do nosso círculo possuía uma caixa pequena e forte, de cerca de um pé de comprimento, dez polegadas de largura e seis de profundidade, na qual guardava artigos muito valiosos. Um dia foi-lhe roubada; ele estava em grande aflição, quando mandou adormecer um jovem que ordinariamente empregávamos nas nossas sessões. Interrogou-o sobre o desaparecimento da caixa e pediu-lhe que a encontrasse. Foi mais longe: ordenou ao espírito, que habitualmente vinha ao nosso apelo, que lhe trouxesse de volta a caixa. O sonâmbulo estava deitado na cama, que ficava no extremidade mais distante do aposento, num estado completo de catalepsia; eu estava no meio da sala com este senhor, e dois outros senhores, de nome Revole, pai e filho.

A clarividente emitiu uma ordem, disse-nos para abrirmos a janela, o que fiz instantaneamente, e o Sr. Picolet viu chegar a preciosa caixa, que recebeu nas suas mãos no momento em que eu ia tomá-la eu mesmo. Não vimos mais nada; e não ficámos mais surpreendidos com este transporte do que estávamos com tudo o que se passava diariamente diante dos nossos olhos. Sim, monsieur, um espírito pode transportar objetos. Escreva isto em meu nome — diga, além disso, que tenho setenta e oito anos de idade e que não desejaria, com tal idade, ser um louco ou impor-me aos meus semelhantes.

Asseguro-lhe isto, na presença do Poder Divino, que temeria ofender se fabricasse tal falsidade.

Tenho a honra de ser, monsieur, etc.,

BORDE,

Rue Saint-Laurent, 24, Belleville.»

Anexarei algum comentário a tal relato? Não me faltariam, se tivesse o intuito de os procurar na biblioteca dos factos sobrenaturais, o que provaria a possibilidade deles. Seria entrar numa série de argumentos de parte a parte, não adaptados aos limites desta obra. Devo dizer que estudei este venerável velho com o único propósito de me assegurar do seu estado moral; e confesso que desejaria possuir a sua excelente lucidez e informação superior. Deve ser um homem de veracidade, visto que está em pleno gozo das suas faculdades mentais e invoca o Céu para testificar a verdade das suas asserções.

Pela minha parte, nunca obtive nenhum transporte espiritual. Um dos meus clarividentes mostrou-me uma vez um que tinha recebido na véspera. Estudei o facto, julguei-o possível; mas não o tendo visto com os meus próprios olhos, não fiz menção dele. Exponho apenas o que vi; contudo, creio em tais transportes e demonstrarei a possibilidade deles por leis inteiramente físicas. Tratarei desta proposição na obra filosófica de que já falei. Se não devemos admitir nada sem exame maduro, da mesma forma não neguemos nada sem exame maduro.

Pedimos emprestado ao jornal *La République*, de 3 de fevereiro de 1849, um relato desta natureza, extraído da *Gazette des Tribunaux*. Este facto não é o único de que temos conhecimento; os homens estudiosos julgá-lo-ão com a imparcialidade necessária a exames deste género, e não concluirão, estou certo, como fariam os sabichões, que negam quando não podem explicar:

«Um dos factos mais singulares, um facto que se reproduz todas as noites há três semanas e desafia todos os planos imagináveis que têm sido adotados para lhe descobrir a causa, põe em sobressalto todo o bairro populoso da Montagne Sainte-Geneviève, da Sorbonne e da Place Saint-Michel. O duplo inquérito, judicial e administrativo, que decorre há alguns dias, verifica, de acordo com o clamor público, a seguinte exposição:

Nas obras de demolição começadas para a abertura de uma nova artéria que há de ligar a Sorbonne ao Panthéon e à Escola de Direito, atravessando a Rue des Grès até à antiga igreja que sucessivamente serviu de escola e de quartel, na extremidade de

um terreno onde outrora existiu um salão de baile público, fica um depósito de madeira e carvão, limitado por uma casa de habitação de um andar, com sótãos. É esta casa, situada a uma certa distância da rua e separada dos edifícios adjacentes agora em vias de demolição pelas grandes escavações do antigo muro de cinta de Paris, construído sob Filipe Augusto, postas a descoberto pelas obras, que todas as noites e durante toda a noite é assaltada por uma chuva de projéteis que, pelo seu tamanho e pela violência com que são arremessados, produzem tal devastação que as janelas são desfeitas, as portas arrombadas, apresentando no seu conjunto a aparência de um lugar que foi atacado pela catapulta ou por metralha.

De onde vêm estes projéteis, consistindo em pedras de calçada, fragmentos de ruínas, blocos enormes que, considerando o seu peso e a distância de onde vêm, evidentemente não poderiam ser arremessados pela mão do homem? É isto que tem sido até agora impossível descobrir. Em vão se tem exercido, sob a direção pessoal do comissário de polícia e de agentes hábeis, uma vigilância de dia e de noite; em vão se têm soltado todas as noites, nos cercados circundantes, cães de guarda; nada tem podido explicar o fenómeno que, na sua credulidade, o povo atribui a causas misteriosas; os projéteis têm continuado a chover com estrondo sobre a casa, arremessados a grande altura acima das cabeças daqueles colocados à espreita, até nos telhados das casas vizinhas, parecendo vir de uma grande distância e atingindo o seu alvo com uma precisão de certo modo matemática, não parecendo nenhum desviar-se na sua trajetória parabólica do objeto invariavelmente visado.

Não entraremos em detalhes mais amplos a respeito deste facto que, sem dúvida — graças à solicitude que despertou — será em breve esclarecido. Já o inquérito se estende a tudo o que se pudesse prender, neste objeto, à explicação do adágio *Cui prodest is auctor*. No entanto, notaremos que em circunstâncias de algum modo análogas, e que igualmente criaram uma certa sensação em Paris, quando, por exemplo, uma chuva de pequenas moedas atraía, todas as noites, os ingénuos de Paris à Rue de Montesquieu; ou quando todas as campainhas de uma casa na Rue de Mêlée eram postas em movimento por uma mão invisível, foi

impossível conseguir qualquer descoberta, encontrar uma explicação, uma primeira causa, fosse ela qual fosse. Esperemos que desta vez cheguemos a um resultado mais preciso.»

O *La République*, de 4 de fevereiro, continua:

«A *Gazette des Tribunaux* fala ainda da famosa máquina de guerra, tão formidável e sobretudo tão misteriosa, que põe em sobressalto os habitantes do bairro Saint-Jacques. Hoje este jornal diz:

"O facto singular do arremesso de projéteis contra a casa de um negociante de madeira e carvão, Rue Neuve-de-Cluny, perto da Place du Panthéon, continuou a reproduzir-se até ao dia de hoje, apesar da incessante vigilância exercida no próprio local.

Às onze horas, embora houvesse agentes postados em todos os pontos adjacentes, uma enorme pedra bateu contra a porta (barricada) da casa. Às três horas, o chefe interino do serviço de segurança e cinco ou seis dos seus principais subordinados, estando ocupados a fazer averiguações, respeitantes a diferentes circunstâncias, junto dos ocupantes da casa, uma imensa pedra bruta caiu a despedaçar-se aos seus pés, como a explosão de uma bomba.

Perdemo-nos em conjeturas. As portas, as janelas, estão substituídas por tábuas pregadas por dentro, para evitar que os moradores da casa sejam atingidos, visto que os seus móveis, e até as suas camas, foram despedaçados pelos projéteis."»

Possuímos um grande número de relatos semelhantes, que não tentaremos relatar. Asseguramos à polícia que apenas uma coisa se torna necessária para descobrir os autores desta devastação: a visão sonâmbula. Voltaremos a este assunto no nosso jornal, o *Magnetiseur Spiritualiste*.

«Paris, 3 de setembro de 1848.

MONSIEUR E AMIGO: A impressão produzida em mim pela leitura do seu livro é: Que me parece um homem que busca a verdade, e que o seu desejo o levou a erguer um canto do véu que ocultava da humanidade a vida futura — uma vida para mim tão certa como a presente. No seu primeiro volume, pede aos magnetizadores factos semelhantes àqueles de que ali trata; para cumprir este pedido, forneço-lhe um que me afetou pessoalmente.

Em prol da verdade, farei o meu melhor para lho relatar. Este facto extraordinário aconteceu-me numa noite do mês de abril de 1839. Acordei, por volta das duas horas da manhã, num estado assustador de sofrimento moral. Senti-me dominado por um poder secreto que me prendia, como que crucificado na minha cama, ao lado da minha mulher, que estava a dormir e a quem o poder que assim me dominava tinha impedido de acordar. Toda a minha força moral parecia-me concentrada no meu coração. Conservei a minha presença de espírito e, embora me fosse impossível mover o corpo, possuía todo o meu poder de observação; senti o meu coração cheio de um fluido que me fazia sofrer como se fios de seda tivessem sido puxados através dele. Mas, apesar do poder que assim me agarrava, a minha resistência estava na razão direta da minha grande confiança em Deus, e não duvidava de ser libertado deste estado miserável.

Quando os meus olhos se abriram, percebi a lua a refletir a sua luz no meu quarto; e quando os fechei, encontrei-me em conversa com um ser que tinha conhecido quando estava vivo, na terra. Em primeiro lugar, aproximou-se e pediu-me algo; estava vestido com um miserável casaco de montaria preto e a sua camisa estava muito suja; em suma, a sua aparência denotava a mais profunda miséria: concluiu ordenando-me que rezasse por ele; mas, como detesto a coação, recusei fazê-lo, desafiando as consequências.

Senti então o seu hálito entrar pelas minhas narinas e envenenar-me com um odor insuportável e infernal; mas, graças a Deus, fiz um esforço sobre mim mesmo, apesar daqueles que ele fazia para me impedir. Acordei a minha mulher e pedi-lhe que me empurrasse para fora da cama, o que ela fez. Caminhei descalço no meu quarto; mas ainda estava a lutar com este homem pelos meus sentidos interiores. Bebi um copo de água fresca, que me foi entregue pela minha mulher, e pedi-lhe que se ajoelhasse comigo e rogasse a Deus pela minha libertação. Rezámos fervorosamente. Achei-me melhor; já não restavam em mim senão aquelas dores no coração, pela força dos laços em que me parecia preso.

De manhã, a título de distrair os meus pensamentos, caminhei até à exposição dos produtos da indústria, e isto aliviou-me grandemente.

Não me atrevia a falar da minha aventura singular a ninguém, sabendo quão ignorante e incrédulo o mundo é em tais matérias.

Oh, monsieur, se, nessa altura, tivesse tido a felicidade de conhecer um homem como agora o conheço a si, o seu coração, apraz-me pensá-lo, ter-se-ia tornado o refúgio do meu; mas pobre e sem amparo contra este mundo de maus espíritos, permaneci na minha dolorosa condição durante vários meses. A dor no meu coração nunca me deixou; as minhas faculdades físicas não ficaram, contudo, perturbadas: Deus, estava seguro disso, haveria, mais cedo ou mais tarde, de suscitar para mim um meio de alívio e de lançar uma luz sobre este mistério da alma humana. No entanto, tinha dado uma pista da minha aventura ao nosso digno amigo, o Sr. Pirlot.

Percebo que a minha carta se possa tornar enfadonha; mas pelo amor que sei que tem pela verdade, unido ao que tenho de prestar homenagem à Divina Providência, peço permissão para relatar como recuperei a minha tranquilidade. Ora aconteceu, um dia, que a mulher do Sr. Pirlot estava indisposta, e mandou-se chamar Madame Pirou — uma sonâmbula que eu não conhecia, apesar da sua elevada reputação de clarividência. Como o Sr. Pirlot sabia em que miserável estado de obsessão eu me encontrava, disse-me para vir à consulta que se ia realizar. Dirigi-me para lá, com o desejo de me fazer examinar por esta senhora. O Coronel R... foi a pessoa que a adormeceu. Pedi, por minha vez, o favor de apresentar a minha mão à clarividente, para que ela tivesse a bondade de me examinar.

Apenas me tinha tocado, soltou um grito de alarme quanto ao meu estado, dizendo que eu estava perseguido por um espírito que ela via, sob uma forma hedionda, enrodilhado debaixo do meu nariz e envolto numa atmosfera extremamente repugnante. Os odores mais infeciosos o cercavam; e ela não estava nada surpreendida com a minha situação desgraçada. Convidou todos os presentes a unirem-se a ela para suplicarem aos anjos que intercedessem junto de Deus por mim. Poucos dias depois desta cerimónia, fiquei totalmente aliviado.

Eis, monsieur, um facto, em toda a sua verdade. Está inteiramente à vontade para o publicar, se julgar conveniente.

Receba, etc.,

BINET,

Fabricante de Utensílios Químicos,
Rue Neuve-Saint-Sabin, 5, Paris.»

O facto narrado aqui pelo Sr. Binet não tem nada de ridículo para mim, que fui, por efeito da minha própria vontade, perseguido durante três anos, e vi infinitamente mais do que este estimável e inteligente cidadão, que adquiriu, no seu bairro, onde reside há quarenta anos completos, um título à estima de todos os seus vizinhos, que ocasionalmente encontram, nos seus sábios conselhos, indicações que não estão sob a alçada de um homem a sofrer a influência de uma alucinação.

«Paris, 20 de agosto de 1848.

MEU CARO AMIGO: A sua obra dos "Segredos da Vida Futura Revelados" é o livro mais curioso e instrutivo que é possível ler. Congratulo-o pela coragem que demonstrou ao publicá-lo; pois, mais cedo ou mais tarde, produzirá efeitos benéficos.

Não espero que os homens em geral adotem as verdades consoladoras que publica, e cuja prática recomenda, empregando os mesmos meios que empregou para descobrir os mistérios da felicidade celestial. Tanto menos o espero quanto sinto, pelo contrário, levantar-se contra os princípios tão verdadeiros da imortalidade da alma e das alegrias eternamente reservadas para ela, o cortejo de materialistas e céticos, cujo espírito se alimenta apenas de ideias marcadas por erros, preconceitos e superstições religiosas; — pessoas que creem apenas no que tocam e veem pelos seus olhos materiais, rejeitando como perigoso tudo o que aprenderam nas escolas; e contudo, se uns e outros se limitassem a ler o seu livro, veriam que tudo o que se passa no céu entre as almas é a condenação mais completa do estado da sociedade na nossa terra.

Nesta última, o homem luta incessante contra a tempestade do livre-arbítrio — palavras mal compreendidas. Que vítimas caem no abismo do mal! No céu, a definição de bem e de mal é desconhecida; este último nunca ali existiu! Passo ao objeto da minha carta. Iniciado e familiarizado há longos anos com o

mundo dos espíritos, não direi que a sua obra nada me ensinou; enganá-lo-ia. O senhor menciona nela:

1. Que os espíritos podem ver, tocar e transportar, em certas circunstâncias, objetos materiais.
2. Que um espírito pode visitar-nos na terra sob uma forma material.
3. Que o homem material se pode tornar invisível. A sua obra é deficiente em factos que apoiem estas asserções. Permita-me, portanto (visto que não suspeita nem da minha boa-fé nem da minha conscienciosidade, e como detesto a falsidade), oferecer-lhe alguns factos reais sobre o que anuncia.

As seguintes são as iniciais das pessoas que estavam presentes ao que passo a relatar-lhe: 1.º, Sr. Pi...; 2.º, Sr. Bar...; 3.º, Sr. Bou...; 4.º, Sr. Rev...; 5.º, Sr. A. Rev..., júnior; 6.º, Ad..., a sonâmbula, e 7.º, eu próprio.

PRIMEIRO FACTO

O Sr. Rev..., sénior, e eu próprio, estávamos a dar um passeio na estrada principal de uma cidade na Bretanha. Ao entrar no hotel, o Sr. Rev... percebeu que tinha perdido o seu sinete de ouro, que era de grande valor. Depois do jantar, mandou adormecer Ad..., dizendo-lhe: "Chama tal espírito, pede-lhe, e ordena-lhe, se necessário for, que vá procurar o meu sinete no meio de um monte de pedras à beira-mar, à distância de uma légua daqui." A ordem mal tinha sido dada quando o espírito entregou o sinete a Ad..., que disse ao Sr. Rev...: "Agradeça ao espírito e despeça-o."

SEGUNDO FACTO

No nosso regresso a Nantes, de onde tínhamos inicialmente partido, Ad..., sendo adormecida, disse ao Sr. Rev..., sénior: "O coronel não está totalmente restabelecido da sua doença; para o curar devemos pedir algumas gotas de remédio, preparar um copo de água com açúcar e cortar um pedaço de papel branco na forma de um triângulo. Desenhe um círculo no chão, coloque o triângulo no meio do círculo, pouse o copo de água com açúcar sobre o

triângulo, e faça com que o ângulo vertical fique virado para nascente." Feitas todas estas disposições, Ad... disse ao Sr. Rev...: "Chame o anjo do Senhor e peça-lhe que derrame no copo de água com açúcar o número de gotas suficiente para curar o coronel."

Enquanto o Sr. Rev... começava a invocação, Ad... deteve-o, dizendo-lhe que o triângulo não estava devidamente virado para nascente. Como neste momento os meus olhos estavam dirigidos para o copo, contemplei com o maior espanto o triângulo de papel e o copo virarem-se por si mesmos para nascente. Após a invocação, e quando a água com açúcar foi bebida, Deus e o anjo foram por nós agradecidos. Escusado será dizer que, em menos de uma hora, fiquei inteiramente aliviado. Isto teve lugar no mês de abril de 1827.

A propósito dos factos, devo observar que o sinete foi trazido de volta por um espírito de ordem inferior, a quem Ad... qualificava como um espírito elementar da terra, e cujo nome era Milknas; este era invariavelmente o espírito que empregávamos para enviar ou receber objetos materiais. Quanto às gotas deitadas no copo de água com açúcar, foram introduzidas nele por um anjo de elevada ordem.

Estas observações são indispensáveis, para lhe permitir distinguir, nos diversos factos que me proponho revelar-lhe, por que ordem de espíritos estes factos foram realizados. No entanto, creio que, quando se trata de prestarem a sua ajuda ao homem que teme e ama a Deus, os espíritos que ele invoca são sempre bons; pois os maus, longe de o servirem, procuram apenas prejudicá-lo, e incitam-no ao mal pelas tentações mais sedutoras e até mais atrozes, quando percebem que o homem cede aos seus ataques sem a intenção de recorrer a Deus. Permita-me esta reflexão, que é mais uma inspiração súbita do que o resultado de uma longa experiência.

TERCEIRO FACTO

Antes de regressar a Paris, e enquanto ainda residia em Nantes, aqueles que mais tarde me receberam no seio da sua sociedade, que era presidida pelo Sr. Pi..., um cavaleiro de grande mérito e extraordinários conhecimentos científicos (foi ele que

magnetizou Ad...), reuniram-se uma noite em casa do Sr. Pi..., para tomar parte numa cerimónia relativa a buscas ocultas. O Sr. Pi... mandou adormecer Ad..., e cada membro sentou-se numa cadeira, colocada para ele dentro de um grande círculo desenhado no chão, tendo cada um aos seus pés, e bem à sua frente, uma lâmpada cuja mecha ardia em álcool. Tendo o Sr. Pi... começado por rogar a bênção de Deus sobre os presentes, a cerimónia começou. Contudo, mal tinha começado, gritos estridentes, gargalhadas desmedidas e um assobio horrível ressoaram no quarto; as lâmpadas foram rapidamente apagadas, e de todos os lados caíram pedaços de ferro velho, barras de ferro, etc.; mas todos estes projéteis pousaram na borda do círculo, sem atingir ninguém. Imediatamente, o Sr. Pi..., armado com o seu talismã, expulsou, em nome de Deus, estes maus espíritos, que debandaram, deixando-nos os seus projéteis.

Este terceiro facto responde afirmativamente às perguntas que dirigiu a Swedenborg, para saber se os maus espíritos podiam criar desordem num quarto deslocando e virando do avesso os móveis. Swedenborg afirmou que o podiam fazer, e acabo de lhe dar uma prova da verdade da sua asserção.

Faço uma pausa; a minha má vista e a minha mão trémula impedem-me de continuar. Em breve terá a continuação; entretanto, creia-me, etc., etc.

CORONEL ROGER,
Rue Neuve de l'Université, 4, Paris.»

Pois bem, meus senhores da ciência, tornamo-nos divertidos, tiramos a nossa carta de loucos, que vos apresentamos para assinar! Que pensais disso? Poderíamos ter ousado esperar absolvição no começo desta obra; mas no seu final, caímos no absurdo. No absurdo! Seja; aceito a vossa definição, com a condição de que nos leiais até ao fim, nem que seja apenas aos vossos filhos, a título de lhes recordar as suas antigas histórias de fantasmas. Assim vedes que não somos muito exigentes; sabemos que sois infinitamente sábios, e que apenas despertamos a vossa piedade; consequentemente estamos certos do sucesso. Mas vós, homens de boa-fé, não nos dirigimos a vós para nos rirmos à

vossa custa ou para vos fazer rir à nossa; certificamo-los de que vos provaremos matematicamente a possibilidade destas maravilhas; o que agora vos apresentamos não passa de um esboço; deixamos de parte factos que nos servirão mais tarde para reconquistar a vossa confiança, caso a percamos agora. Asseguramos-lhes que frequentámos a companhia do Coronel Roger durante estes dois últimos anos, com o único intuito de o estudar.

Pois nós também temos a nossa quota de dúvidas; fizemo-lo ser visitado magneticamente, e na sua presença, pelas nossas melhores clarividentes; fomos ao ponto de fazer averiguações quanto a certos atos (sem o seu conhecimento), e obtivemos a garantia de que ele estava no pleno gozo de uma mente sã, e que os factos relatados por ele eram verdadeiros; testemunhas oculares afirmaram-nos isto. É a partir de noções tão positivas que damos publicidade aos três factos que foram lidos, de entre vinte outros que permanecem na minha pasta. Mas continuemos, nem todos os loucos estão ainda em Charenton:

«Monsieur: Tendo lido com prazer o seu primeiro volume dos "Segredos da Vida Futura Revelados", e desejando adquirir por mim próprio provas da facilidade que, como anuncia, todas as boas clarividentes possuem de comunicar com as almas de pessoas falecidas, ocupei-me ativamente em provocar tais aparições, e tive a felicidade de ser bem-sucedido mais facilmente do que com o auxílio do espelho mágico; as visões são muito melhor delineadas, causam uma impressão maior no clarividente, e oferecem-lhe a dupla vantagem de conversar com essas almas abençoadas! Como no seu primeiro volume pede a todos os magnetizadores que possam possuir factos semelhantes àqueles que publica que lhos comuniquem, envio-lhe o seguinte, tomado de entre muitos outros, e autorizo-o a fazer dele o uso que julgar conveniente.

«Há muito tempo que tenho o hábito de magnetizar uma pessoa que conheço desde a minha infância, e que durante alguns meses esteve muito doente e desenganada pelos médicos; tive a felicidade de lhe restituir a saúde. Desde os primeiros dias do seu tratamento, deu-me provas de uma singular clarividência, da qual

tirei partido para a pôr em correspondência com vários parentes e amigos falecidos. Dirigi-lhe perguntas semelhantes às suas; todas as suas respostas foram semelhantes, sob o ponto de vista religioso e psicológico. Ontem, pedi por uma irmãzinha minha, que nunca vi e que morreu à idade de oito meses. Ela exclamou imediatamente: "Vejo uma garotinha bonita! oh! bom Deus! quão bela ela é! Mas vai cair, não a vê? Estenda-lhe os braços."

Tranquilizei-a dizendo-lhe que um espírito não podia cair. Ela retomou: "O facto é que as nuvens sobre as quais ela está são tão leves! tão transparentes! que não consigo entender como podem sustentar esta criança tão bonita." "Faça-a aproximar-se", disse eu. "Ela mantém-se à distância e sorri para mim, mas quão bonita ela é! Nunca antes vi uma fisionomia tão angélica." "Que idade poderá ter?" "De cerca de dois anos e meio a três anos de idade." "Como está vestida?" "Está completamente nua." "Qual é a cor do seu cabelo?" "O seu cabelo é de cor loura e encaracolado. Mas quão bela ela é!" Não conseguia tirar esta senhora da admiração em que estava absorvida. Depois, de repente, parece muito surpreendida e exclama: "Ela vai-se embora! — vai-se embora! Oh! estou enganada, vai ao encontro da sua boa mãe." Na verdade, a minha mãe estava a subir as escadas neste instante, pois entrou quase imediatamente a seguir. Fiquei tanto mais surpreendido quanto a minha clarividente não vê pessoas materiais perto. Não podia, portanto, duvidar de que era como ela dizia. Ela retomou: "Ah! quão satisfeita ela está por ver a sua mãe, sorri para ela com uma expressão tão bela! Por que razão não pode a sua própria mãe vê-la?" Neste instante, estendeu os braços e segurou-a!

Disse-lhe para a abraçar, mas ela respondeu: "Não, não me atreveria. Não sou digna de o fazer." — "Sente realmente o peso do corpo desta criança que segura nos braços, como se fosse material?" — "Certamente, como pode duvidar disso?" — "Estou longe de duvidar", respondi eu; "pois neste momento sinto algo de extraordinário passar-se dentro de mim; a influência deste anjinho deve ser certamente a causa disso. Isto bastaria para remover todas as minhas dúvidas, se ainda tivesse algumas." Indaguei então da minha mãe se esta criança tinha cabelo louro, e se era tão bela como a minha clarividente a descrevia. Ela respondeu: "Tudo

isto é muito verdade; os vizinhos costumavam dizer que nunca tinham visto uma criaturinha tão bela."

Pense apenas, monsieur, qual foi a minha alegria e se eu podia ainda duvidar da verdade de tais aparições. Reconheci nesta o que as suas clarividentes afirmam relativamente às crianças que morrem antes da idade de três anos, que parecem não exceder essa idade. Se assim não fosse, seria quase impossível reconhecê-las.

Nunca conheci esta minha irmãzinha, pois morreu antes de eu nascer; a minha clarividente não podia, portanto, perceber a imagem dela no meu pensamento. Tal suposição é tão absurda como se se dissesse que uma clarividente percebe no pensamento lugares e pessoas que a própria pessoa nunca viu, como faz Alexis e mil outros, todos os dias.

Dou aqui o resultado das perguntas que me pediu para dirigir à minha clarividente:

1. Para onde vai a alma depois de deixar o nosso corpo material? — *Ela ascende e atravessa vários raios, ouve a voz de Deus que a julga e a consigna a um lugar adequado às suas afeições.*
2. O que vê ela nesses lugares? — *Espíritos como ela, campos abertos, jardins: em suma, tudo o que deseja ver.*
3. O que faz nesses lugares? — *Tudo o que acha agradável fazer.*
4. Que extensão de tempo permanece nesses lugares? — *Permanece neles por um período de tempo mais longo ou mais curto; depois passa para outros lugares e permanece ali eternamente.*
5. Volta a tomar novamente um corpo material nesta terra? — *Nunca.*
6. Como sabe ela que é solicitada na terra? — *É um efeito de sensação. O nosso pensamento junta-se ao seu pensamento num instante, e ela está connosco.*
7. O traje que veste quando nos vem ver é aquele que veste no céu? — *Não, veste ali trajes muito mais leves, uma espécie de gaze de diferentes cores.*
8. Onde procura ela o traje em que nos aparece? — *É um efeito do seu pensamento; pode apresentar-se sob qualquer forma,*

assumir todos os trajes que vestiu; deseja aparecer-nos neste ou naquele, e apresenta-se assim.

9. Às vezes falta algo neste vestuário, ou na sua aparência pessoal; como é isso? — *Explica-se desta maneira — na sua pressa de nos aparecer, esquece-se de algo; pois não tendo já a mesma fisionomia, ou o mesmo traje, pode cometer um erro. Mas na sua segunda aparição, isto não pode já existir, basta ter uma única dúvida.*
10. Podemos perceber até as doenças que ela teve no curso da sua vida terrestre, como é isso? — *Ela deseja aparecer-nos em tais condições; é o seu pensamento, ou, mais corretamente falando, o seu desejo, que fornece tudo; pois, no céu, não há nem doenças nem enfermidades.*

Como se pode ver, se estivesse no meu poder dirigir as mesmas perguntas a todas as clarividentes do mundo, fá-lo-ia no interesse da verdade e a fim de evitar ouvir dizer que é um efeito de influência da minha parte; poder-se-ia objetar que o Sr. Blesson, tendo lido o primeiro volume destes "Segredos", tirou daí respostas que a sua influência sobre a sua clarividente poderia possivelmente reproduzir; observarei que há nestas últimas perguntas algumas que não se encontram no primeiro volume; que se encontram apenas no começo deste, que o Sr. Lecocq e o Sr. Blesson não leram; as suas respostas estão em conformidade com as de Adèle; não há influência no caso.

"Não consigo resistir", continua o Sr. Blesson, "ao desejo de lhe relatar um facto do qual não consigo dar conta: — Um dia tinha acabado de adormecer a minha mulher, que é sonâmbula; pedi-lhe que pedisse pelo meu pai, que está morto há dezasseis anos. Imediatamente apresentou-se um indivíduo, de quem ela deu uma descrição tal que correspondia exatamente à do meu pai, com esta exceção: apareceu-lhe muito severo; o meu pai, pelo contrário, era muito afável. Nutrindo a noção de que este poderia ser um mau espírito, e, como o senhor recomenda, ordenei-lhe que se afastasse em nome de Deus, se não fosse o meu pai.

A minha mulher viu-o afastar-se e ser substituído por uma mulher idosa de uma fisionomia hedionda, que lhe causou tanto medo que me pediu para a acordar, o que fiz imediatamente, visto que me parecia muito agitada. Não tendo qualquer recordação do

que tinha visto no seu sonho, pôs-se a arranjar legumes para os cozinhar para o jantar; acendeu um grande fogo de carvão (pois estava atrasada), pôs sobre ele uma panela de água e ficou não pouco surpreendida, depois de ter usado um alguidar cheio de carvão para manter um grande fogo, por ser incapaz de fazer a água ferver. Ficámos estupefactos, bem como as pessoas presentes, com este fenómeno, para mim até então desconhecido.

Uma quinzena depois disto, o tempo estava muito tempestuoso; a minha mulher estava perto de mim e, como antes, a preparar legumes para o jantar. Adormeceu, oprimida pela atmosfera pesada que prevalecia neste dia. Aproveitei o seu sono para a magnetizar e a mergulhar no sono sonâmbulo; consegui fazê-lo num espaço de tempo muito curto. Pedi a aparição de um amigo; um mocho apresentou-se aos seus olhos e assustou-a de tal modo que fui obrigado a acordá-la como antes. Ela colocou então a sua água ao lume, desta vez num recipiente de cobre (o outro era de barro); o mesmo fenómeno reproduziu-se, a água não ferveu senão após um hiato de seis horas, e só depois de eu ter dirigido uma prece a Deus para desencantar a nossa panela, caso houvesse um feitiço sobre ela. Pudemos então cozinhar os nossos legumes.

Não sei se há algo de ridículo nestes factos, mas sei que, sendo incapaz de dar conta deles pelas leis ordinárias da natureza, sou obrigado a classificá-los entre os extraordinários. 'Foi um mau espírito que nos pregou essa partida', disse-me desde então a minha mulher quando esteve novamente num sono sonâmbulo. Creia-me, muito respeitosamente, etc.,

Blesson,

Empreiteiro de pintura, Rue aux Ours, 36,

Paris, 2 de setembro de 1848.»

«Monsieur: Posso afiançar o seguinte como um facto, visto que teve lugar na minha presença, em Lião, em 1815:

Três mulheres das minhas relações, desejando tirar bilhetes na lotaria que então existia, julgaram que uma caveira poderia ser-lhes útil indicando-lhes os números que assegurariam o sucesso. Não farei reflexões quanto ao valor de tal crença; basta-me dizer que era esse o caso.

Ficou, portanto, assente que uma delas iria ao cemitério de... em busca de uma caveira, e a traria para casa. A cabeça foi trazida para a presença das três mulheres e de uma outra mulher que estava deitada doente no quarto onde as quatro pessoas se encontravam assim reunidas. Teve lugar uma discussão quanto ao sexo a que esta cabeça pertencia; uma dizendo que era a de um homem, outra pensando o contrário. Neste momento bateram à porta; manifestaram-se embaraço e medo; as senhoras resolveram não abrir; mas os golpes redobraram, foi necessário ceder. À pressa colocaram a cabeça debaixo do almofada da mulher doente e depois abriram a porta. Alguns minutos decorreram, quando de repente a mulher que estava na cama soltou um grito estridente, puxando o braço para fora da cama.

As pessoas presentes perguntaram-lhe a causa de gritar, e qual foi o espanto geral quando ela declarou que tinha sido mordida com grande violência. Disto se convenceram olhando para o seu braço, no qual estavam as marcas de cinco dentes com o sangue prestes a jorrar; a dor deve ter sido aguda. Não direi o que se passou neste momento; pode naturalmente supor-se que se livraram do apuro o melhor possível, e que, uma vez livres, rapidamente levaram de volta a cabeça para o lugar de onde a tinham tirado.

Este facto, que não teve eco além do local onde teve lugar, nunca foi, entenda-se, tornado público. Posso afiançar a verdade dele, visto que fui testemunha dele; ouvi o grito no momento em que a dor foi sentida, e vi as marcas dos dentes. Além disso, certifico que a mulher tinha o braço na cama no momento em que soltou o grito. Isto é certo, e garanto a verdade disso com toda a força da minha consciência. Afirmo e ponho a minha assinatura nesta declaração, sem me importar com o ridículo com que algumas pessoas a possam tratar.

Senhora Belhot, *Argenteuil*.»

Este género de factos não é mais incrível do que aquelas marcas que têm sido vistas em todos os tempos nos corpos dos possessos, ou das clarividentes e extáticas dos nossos tempos. Admitir a possibilidade deles é confirmar a dos transportes. O que pode assim romper na matéria pode muito bem erguê-la; uma

coisa é consequência da outra. Temos ainda neste momento as estigmatizadas do Tirol, etc., que têm feridas de onde se vê correr o sangue. Não há falta de factos semelhantes que seria curioso verificar, e há um meio de os trazer à luz. Voltaremos ao assunto na nossa obra sobre filosofia, sob o capítulo "Magnetismo", pois consideramos matéria de maior importância ser verdadeiro e frando do que entusiasta.

«Monsieur: Para cumprir o pedido feito nos seus "Segredos", transmito-lhe um facto que me aconteceu no mês de maio de 1818:

Tinha ido com a minha mulher e filho pequeno a Vétheuil, uma aldeia situada perto de Mantes, para a casa dos meus falecidos pais, e que pertencia então a uma das minhas irmãs. O rés do chão desta casa era composto por um quarto à entrada, no qual dormíamos, e por um outro ao lado, no qual dormia a minha irmã.

Uma noite estávamos todos na cama — eu, a minha mulher e a criança entre nós (na mesma cama, entenda-se) — quando, por volta das onze horas, o meu filho, então com cerca de dois anos e um quarto de idade, foi tirado do meio de nós e transportado para o pé da chaminé, que ficava a cerca de dez passos de distância da nossa cama. A minha mulher, alarmada, soltou um grito que acordou a minha irmã, que indagou a causa deste barulho. Depois de lhe ser dita, ela respondeu: "Oh! não se surpreendam com isso, é o Louis Métro a pregar algumas das suas partidas." Esta resposta não era de molde a deixar-nos tranquilos; mas, no entanto, levantei-me e fui buscar a criança, que, no momento em que a recolhi, estava acompanhada por uma luz forte. Não o negarei — embora antigo soldado, fiquei assustado. Deitei mais uma vez a criança na mesma posição; isto é, entre nós dois. Dez minutos não tinham decorrido quando foi novamente erguida, mas apenas à altura de um pé, e depois largada novamente no mesmo lugar.

Ora, aqui tem não uma história que me foi contada, mas uma realidade que me aconteceu — a mim, um antigo soldado, a viver no campo e a seguir o meu antigo ofício de tanoeiro. Além disso, estavam comigo na altura duas testemunhas que podem afiançar a verdade da minha declaração. Não sou um homem instruído e

consequentemente sou incapaz de dar conta disso. Meramente relato o que me aconteceu.

Permaneço, muito respeitosamente, etc., etc.,

Jean Lemaitre

15 de outubro de 1848.»

Quem poderia ter retirado esta criança? Aqueles que transportam objetos. — Quem transporta objetos? Aqueles que têm o poder de o fazer. — "Deseja decididamente, então, meu pobre e insensato companheiro", dir-me-ão aqueles que são ricos em senso, "fazer-nos crer que o espírito pode agir sobre a matéria!" Para reconquistar a estima dessas pessoas sensatas, responderei: "Não, é a matéria que carrega o espírito; um espírito é ar, e o ar não pode carregar a matéria. Percebemos isto pelo nosso globo, que está suportado nos ombros de Hércules, e pela lua que está no colo de Vénus. Que erro pensar que um corpo leve pode suportar um pesado!" Raciocinando assim, a dose de purga que estava a ser preparada para mim será diminuída, e não ficarei desgostoso por isso: viva o raciocínio dos nossos dias!

Estamos prestes a passar para um autor bem conhecido pelos seus folhetins no *Populaire* e outras obras altamente estimadas, que teve a bondade de me comunicar o escrito que passamos a ler. Um autor estimado é, contudo, um ser reconhecido como superior pelos nossos sabichões a este bom e honesto soldado cujo relato acabamos de ler — um relato tão simples quanto cheio de veracidade. Depois de lerem este, serão tentados a gritar: "Alucinação!"

Mas não há falta de indivíduos alucinados deste género: o satírico Balzac, o assombroso Alexandre Dumas, o austero patriota Alphonse Esquiros, o picante Alphonse Karr, o filantrópico Eugène Sue, etc., etc., todos creem no magnetismo e nas suas maravilhas. Era a esses homens bem instruídos que competia tratar do assunto de que me atrevi a tratar muito superficialmente. Que sucesso não teria obtido, exposto por essas penas, tão elegantes quanto engenhosas! Em suma, visto que abri a marcha, prossigamos; e vós, leitores, sede indulgentes:

«Monsieur: Tendo lido os seus "Segredos", sou induzido a relatar-lhe alguns factos dos quais poderá possivelmente tirar

alguma informação. Como me parece necessário fazer algumas observações prefatórias a fim de fixar a quantidade de confiança que me pode ser concedida, fá-lo-ei, mas em poucas palavras.

As minhas tendências naturais são espiritualistas; as minhas aspirações estão dirigidas para o mundo das causas; mas três motivos paralisavam as minhas tendências e as minhas aspirações: a filosofia dos nossos dias, da qual estava classicamente impregnado; o meu orgulho, que me fazia considerar como fraqueza de espírito a menor fé em qualquer coisa que se afaste das possibilidades físicas e químicas; em suma, o medo de ser ingénuo, até para com as minhas próprias ilusões — por isso ria desdenhosamente dos relatos de coisas sobrenaturais. "O teu pai", disse-me uma vez a minha mãe, "não era um homem de espírito fraco, e no entanto afirmou ter visto em duas ocasiões, no curso da sua vida, duas formas humanas vestidas de branco: numa reconheceu perfeitamente bem a sua noiva, na outra a sua tia.

Na verdade, estas duas pessoas estavam a morrer, longe dele, quando as viu." A esta afirmação dei um aceno de cabeça incrédulo. "A tua avó, no momento em que o pai dela se recolheu ao leito de morte, viu-o distintamente, envolto num lençol, e sentado no muro do jardim deles." "Uma mera ilusão", respondi eu; "susto infantil." — "Durante vários anos não tínhamos visto o irmão do meu pai: uma noite fomos todos acordados pela sua voz, que, do quintal, estava a chamar pelo meu pai.

Corremos para fora para dar as boas-vindas ao nosso tio; não estava ninguém lá, e ficámos todos inteiramente convencidos do facto, visto que o teu avô tinha sido nomeado três vezes." "Alucinação da audição", respondi eu; "um espírito não pode falar." — "Quando aquele que eu amava morreu", acrescentou a minha mãe, "foram dadas várias pancadas numa pequena roca de fiar pendurada na parede, e ela começou a girar rapidamente. A chorar, levei a roca de fiar para o pé da cama do meu pai, que se ruiu de mim; e o facto renovou-se na presença de uma vintena de pessoas, que sentiram a agitação do ar debaixo da vara invisível, e viram, não apenas a roda girar, mas uma nuvem de poeira reunir-se em redor dela." — "Foi provavelmente alguma partida miserável de prestidigitação que vos pregaram", respondi eu.

"Quando a minha irmã morreu", retomou a minha madrinha, "eu nem sequer sabia que ela tinha estado doente.

Acordei durante a noite; a lua lançava a sua luz no meu quarto, e vi distintamente a minha irmã a caminhar. Quando o meu marido morreu, longe de mim, senti-me erguida três vezes na minha cama." — "Estas são ilusões, minha querida madrinha", respondi eu, "pois tais coisas não podem ser; o espírito não tem forma; o espírito não tem ação sobre a matéria que anima, e age fisicamente apenas através do meio dos órgãos."

A minha incredulidade em tais matérias era tão grande que não quis crer que três toques violentos dados à nossa porta, enquanto estávamos no patamar, fossem um sinal de despedida enviado por uma amiga da minha mãe, embora a hora da morte dela coincidisse com a dos três toques na campainha. Preferi crer que um rato tinha corrido ao longo do fio da campainha; e quando a minha irmã, nessa altura na Escócia, nos perguntou por carta se Madame O..., de cuja doença não lhe tínhamos enviado notícia, não tinha morrido em tal dia, a tal hora, porque se tinha ouvido chamar três vezes pela voz dessa senhora, embora a coincidência fosse exata, a minha incredulidade permaneceu inabalada. "Alguma coisa do género te acontecerá a ti mesmo", disse a minha mãe, "e então crerás." — "Investigarei isso", disse eu, "e descobrirei, fica sabendo, alguma causa física para isso."

Estava nesta disposição à idade de dezoito anos quando, trabalhando na minha tese sobre a presença Divina e o livre-arbítrio humano, ouvi uma pancada por cima da minha cabeça. O barulho tornou-se tão fatigante pela sua continuidade monótona que subi ao quarto de onde procedia: não estava ninguém lá. Pensei que era algum efeito de acústica. Estava prestes a descer quando o mesmo barulho se renovou por cima da minha cabeça num sótão. Subi até ele.

Ninguém novamente. Explorei o sótão e os quartos por baixo dele, olhei pela janela: nenhuma causa física no interior, nenhum barulho no exterior que pudesse possivelmente ser repercutido. Peguei mais uma vez na minha pena; mas mal estava sentado, as mesmas pancadas uniformes foram novamente ouvidas, e imediatamente um pensamento tomou posse da minha mente: *Fritz está doente, e não recuperará!* Este jovem era o meu noivo,

e amava-me com infinita sinceridade e ternura. Apressei-me a relatar à minha mãe o que se tinha passado, a informá-la da minha intenção, e a pedir-lhe que me acompanhasse à morada dos pais de Fritz, que, na verdade, estava doente na cama.

Disse-me que durante várias horas os seus desejos tinham estado a chamar por mim. Dez dias depois, ele estava muito mal. A minha mãe, nessa altura doentia, e a minha irmã caindo quase todas as noites em convulsões horríveis, eu tinha tomado a decisão, a fim de velar por estes dois objetos das minhas afeições, de dormir com a primeira, e fazer a outra dormir no nosso quarto. Na noite do décimo dia da doença de Fritz, um choque violento foi dado à cama ocupada por mim e pela minha mãe. Pensando que este choque tinha sido impresso por um pontapé da minha mãe, não me me preocupei com isso, mas coloquei a minha mão suavemente sobre a perna dela, e certifiquei-me, quando o segundo choque chegou, de que não procedia da minha mãe. O terceiro foi tão violento que a minha mãe acordou sobressaltada, perguntando-me o que eu estava a fazer.

Depois de ouvir a minha resposta, disse-me: "Fritz está a morrer, minha filha! vem despedir-se de nós." Levanto-me suavemente, acendo a vela, exploro o quarto e os adjacentes; depois retomo o meu lugar. Quase imediatamente a seguir, ao pé da cama, ouvimos o som de dois punhos a cair alternadamente sobre o leito, ininterrupta e regularmente. A minha irmã, por sua vez, acorda assustada, exclamando: "Meu Deus! que barulho estais a fazer, por favor?" Falo-lhe, esforço-me por a tranquilizar: dores inúteis; não se atreve a permanecer na sua cama. A minha mãe vai tomar o lugar dela, e ela vem ocupar o da mãe. As pancadas regulares passam ao longo do lado em que eu jazia; os choques faziam a vela tremeluzir.

Comecei a ler em voz alta para distrair a atenção da minha irmã, e o barulho não cessa durante várias horas. Na verdade, o meu noivo estava morto! A partir desse dia a minha incredulidade caiu.»

«Entre os factos da mesma ordem, eis dois que tenho de pessoas dignas de crédito. Uma destas pessoas, um homem grave e profundamente estudioso, relatou que, enquanto era professor no colégio de Aix, algo inteiramente inexplicável ali teve lugar.

Uma noite, estando os professores reunidos no salão comum, a lavadeira entrou com ar muito assustado, pretendendo que não se atrevia a voltar para casa porque, mal punha o pé no limiar do seu quarto, ouvia pancadas dadas nos seus móveis e um grande barulho de louça e pratos partidos. Os professores, alunos de Voltaire e da Enciclopédia, romperam em coro num riso desmedido; mas, como a lavadeira persistia no seu relato, um deles acompanhou-a a casa e pôde assim certificar-se da verdade da sua declaração.

Depois voltou para buscar os seus colegas, que fizeram o mesmo ensaio, que foi acompanhado pelo mesmo resultado. O quarto foi visitado, cada buraco e canto explorado, mas nada se descobriu que pudesse ser atribuído como causa para este barulho estranho. No dia seguinte a lavadeira soube que o seu pai, um carreiro, tinha sido esmagado até à morte na mesma hora em que tudo parecia estar a ser despedaçado na sua morada.

Uma senhora relatou-me o seguinte facto: A sua sobrinha caiu doente em Paris. A tia, que vivia em Granville, está ciente da doença da sobrinha, mas não faz menção da circunstância à sua irmã, a mãe da jovem. Alguns dias depois, as duas irmãs encontraram-se; era ao anoitecer. A mãe da doente sai do aposento no rés do chão, e depois regressa a ele em grande alarme.

Todos se apressam para ela — perguntam-lhe o que tem. 'A Thérèse está morta! a minha filha está morta!', exclama ela assim que pôde falar. 'Ainda agora a vi de pé sob o peristilo; reconheci-a muito bem, embora estivesse vestida de branco!' Na verdade, a jovem Madame B... morreu nesse mesmo dia, a essa mesma hora.

Outros factos, não menos extraordinários, aconteceram a pessoas das minhas relações; têm um alcance diferente, decorrendo da mesma ordem de coisas.

Uma das minhas amigas íntimas, uma mulher que mal acreditava em Deus, e de todo no diabo, relatou-me que, tendo passado a noite com um viúvo e induzindo-o a casar-se novamente, oferecendo-se até para lhe encontrar uma mulher, uma visão muito assombrosa lhe aconteceu. Tinha o hábito de ler na cama: segurava na mão um dos romances de Paul de Kock e

ria-se para si mesma das inúmeras comicidades do autor, quando julgou perceber algo de branco.

Ergue a cabeça; a mulher do viúvo estava diante dela, vestida com um fato branco; a sua espessa e negra cabeleira, espalhada sobre os ombros, envolvia-a como um véu. Gesticulava calorosamente — os seus lábios tremiam. A espetadora desta aparição compreendeu que lhe era suplicado que não aconselhasse o marido a casar-se novamente. Esta senhora, vencendo o medo e desejando levar tal visita a uma rápida terminação, disse-lhe: 'Fique tranquila — nunca mais falarei de matrimónio ao seu marido.' O fantasma desapareceu e nunca mais voltou!

Uma senhora de Coutances teve, durante quarenta anos, uma espécie de duende ligado à sua casa. Duas pessoas asseguraram-me que tinham sido vítimas das suas partidas maliciosas. Costumava arrancar-lhes as cartas, os dados ou os dominós enquanto jogavam; bater às portas; sentar-se nos calcanhares dos criados durante as orações; operar barulhos de louça e pratos partidos. A senhora a quem ele assim se apegava, ficando ao início muito alarmada, realizou numerosos atos de devoção, etc., mas tudo sem proveito. A sua casa foi exorcizada, mas o duende não arredava pé. Ela não viu nada senão duas vezes na sua vida: a primeira vez um homem pavoroso, a segunda uma mulher hedionda. Todos os seus amigos estavam tão habituados às partidas maliciosas do duende que não tomavam mais conhecimento dele a não ser dando azo ao seu riso, e a própria senhora filosoficamente tomou a decisão de tolerar o incómodo.

Um capitão da marinha, que, pela sua tripla condição de marinheiro, inglês e herético (!), não podia ser acusado de credulidade supersticiosa, relatou um dia a um amigo meu o seguinte facto: Chegou a Lisboa com a sua mulher e criados, e foi incapaz de arranjar alojamento, exceto num palácio que estava abandonado por ser, como se dizia, assombrado por fantasmas. O nosso capitão ao início ruiu-se, mas foram-lhe dados tantos pormenores que chegou à conclusão de que poderia possivelmente ser um covil de salteadores ou falsificadores de moeda.

Ordena aos seus criados que façam uma cama para eles ao longo das portas do seu quarto, deixa a sua vela acesa e pousa um

par de pistolas na sua mesa de cabeceira; depois aguarda, plenamente resolvido a fazer as vezes do carrasco português. Tudo era sono e silêncio na cidade quando, à meia-noite, as portas do seu quarto pareceram abrir-se violentamente, e um vento impetuoso força a sua passagem para dentro; um barulho de correntes a arrastar faz ranger o soalho. O capitão, contudo, não vê nada, as suas portas não se tinham aberto; dispara as suas pistolas, a luz apaga-se e todo o barulho cessa; salta da cama, tateia por todo o quarto, mas não consegue encontrar nada. Acorda os criados, que nada tinham visto, nada ouvido — nem mesmo o estampido das pistolas. Explora as paredes, as divisórias; tudo atesta que não há espaço vago. No dia seguinte posta-se de modo a poder perceber a porta secreta, de cuja existência não tem uma dúvida, mas nenhuma saída se revela, e o barulho é absolutamente o mesmo, e o sono dos domésticos tão profundo. No terceiro dia, o mesmo fenómeno, e o frio inglês teria, no entanto, continuado obstinadamente na sua morada no meio de espíritos, se a sua mulher tivesse consentido nisso; mas, pretendendo ela que ficaria assustada até à morte, abandonaram o palácio assombrado.

Uma senhora do meu círculo, residindo numa pequena cidade, ouve dizer que o seu pároco está doente; vai vê-lo, indaga a causa da sua doença, e fica muito surpreendida quando ele lhe conta um relato, cuja substância passo a relatar-lhe: Três dias, ou antes três noites antes, o sacristão acorda sobressaltado do seu sono e percebe uma luz na igreja.

Pensando que estão ali ladrões, salta da cama e avança cautelosamente em direção ao ponto iluminado; qual não foi o seu espanto, o seu terror ao contemplar no altar, pronto para dizer missa, um padre que tinha morrido algumas semanas antes; os seus cabelos põem-se em pé, um suor frio inunda-lhe o corpo, foge e vai acordar um padre que tinha sido amigo do falecido. Ambos regressam à igreja, mas nada mais havia para ver. Na noite seguinte a igreja está novamente iluminada; o padre, mal informado, procede para se certificar do facto, mas é acometido pelo mesmo medo do sacristão e não se atreve a prosseguir. Dá conta da aparição ao seu pároco, um homem resoluto que, tendo tido algumas insignificantes divergências com o falecido, tomou a

decisão de lhe prestar o serviço que ele solicitava, e encarregou o sacristão de o avisar se a igreja estivesse iluminada novamente. Nessa mesma noite estava mais uma vez iluminada. O pároco avançou com passo firme. 'Deseja que o sirva dizendo missa?', disse ele ao falecido. 'Sim', respondeu este último, e a missa começou. Quando acabou, o homem morto voltou-se e disse ao pároco, numa voz emocionada: 'Agradeço-lhe.' Depois tudo desapareceu, as luzes apagaram-se, e o pároco voltou tateando para a sacristia. Mas este tête-à-tête de meia hora com um homem morto causou-lhe tal impressão que recolheu à cama, e três meses depois deste relato, a senhora que mo relatou assistia às exéquias fúnebres do bom pároco!

Este facto, de cuja verdade não posso duvidar, provar-me-ia suficientemente o que o senhor diz, que o homem não perde nem as suas crenças nem os seus hábitos ao deixar a vida terrestre, e, na verdade, a grande lei da analogia exige que haja progressão e matizes nos vários estados do homem, como há matizes na natureza. Depois de todas estas aparições, falarei ao senhor de sonhos? Não são eles do domínio do mais clarividente sonambulismo? Não tinha Maomé razão ao dizer que 'quando o homem dorme, a sua alma está com Deus — não está já no seu corpo'?

Seja como for, nunca fui incrédulo neste ponto, porque a minha mãe era uma verdadeira Pitonisa. Nunca um parente, um amigo morreu, sem que ela fosse avisada disso num sonho. Predisse a morte do meu pai um ano antes de acontecer; nessa ocasião disse a uma amiga: 'Cairei doente, muito doente, mas não morrerei; o meu marido morrerá primeiro, e a minha cunhada em breve o seguirá;' e tudo teve lugar como ela tinha predito. Muitas vezes me dizia: 'Fulano está a passar por tal coisa; vou receber uma carta, etc.', e nunca se enganava. Na véspera da sua morte disse-nos: 'Preparai-vos, meus filhos, a minha mãe veio buscar-me, parto amanhã com ela.' Teve várias crises antes da dissolução final. Depois da penúltima disse-nos calmamente: 'Mais uma, e tudo estará acabado para mim neste mundo;' como nos dizia, antes das outras: 'Ainda não; não é a última!'

Esta faculdade sonâmbula está em mim para certas grandes coisas; assim, na véspera das fatais ordenações de julho, sendo

uma jovem muito nova e nunca ouvindo falar de política, sonhei que contemplava Cristo nas nuvens; na sua mão esquerda segurava um certo número de laços tricolores, que acenava aos olhos do povo, para quem sorria enquanto os saudava; e, na sua mão direita, tinha um raio. Vi os seus sobrolhos franzirem-se quando fixava os seus olhares na família real; depois arremessava o seu raio. Poucos dias depois, a dinastia tomava a estrada para Cherburgo.

'Um príncipe morrerá em breve', disse eu ao meu irmão, a 13 de julho de 1841; 'pois vi, na noite passada, um magnífico carro fúnebre, precedido e seguido por tropas de todas as armas.' E, de tarde, o duque de Orleães foi morto.

'Não se ouviu dizer nada do rei?', perguntei eu, outro dia, ao meu irmão. 'Não, porquê?' — 'Porque tive um sonho que significa que se fará um atentado contra a sua vida.' Na manhã seguinte Lecomte foi detido. Na véspera do dia de Ano Novo peço a Deus que me revele os acontecimentos mais importantes que me aconteceriam no decurso do ano. Contemplo, num sonho, um carro fúnebre; e a minha mãe morreu a 20 de março. No momento em que sofreu a queda que lhe causou a morte sonhei que estávamos a mudar de casa, e que a minha mãe era levada para longe. Fui acordada sobressaltada do meu sono pelos gritos da minha irmã. Colocámos a nossa mãe numa cama. Três semanas depois regressava ao seio do seu Deus.

Estava a sonhar, uma noite, que estava noutro mundo, com o meu pai e o meu padrinho; este último desejava reter-me, mas o meu pai opôs-se a isto, dizendo: 'Não, não, deixa-a ir, causaria à mãe dela demasiado desgosto.' Nesta altura eu estava de muito boa saúde; dois dias depois tive um ataque de febre cerebral tão violento que esteve prestes a levar-me deste mundo.

Que conclusão tirar de todos estes factos, e de muitos outros que poderia citar? Não é esta, que o mundo intelectual está representado por zero na nossa filosofia, o que não é menos do que aquilo que dizem os nossos sábios do dia? Não nos podemos perguntar se a alma não permanece em comunicação de amor, de simpatia, de recordação, com aqueles que deixa na terra? se a comunhão das almas não é universal, e independente dos acidentes da matéria? se o tempo e o espaço existem para o

espírito puro? se a alma precisa realmente dos órgãos do corpo para operar efeitos físicos? e se não pode agir sobre toda a matéria, mesmo estranha àquela que constitui o seu invólucro? Podemos perguntar-nos se o espírito não é, ou não tem, uma forma imortal, um molde interior, por assim dizer, do corpo? se, em suma, não seria possível descobrir uma lei que pudesse dirigir e regular o sonambulismo clarividente do sono magnético e do natural? Eis um bonito número de perguntas: a sua solução, estou certa disso, destruirá a nossa filosofia, a nossa metafísica, modificará consideravelmente a física e a química. Mas que importa destruir um andaime erguido sobre falsas hipóteses? Muito preferível a dúvida do que o erro; muito preferível uma verdade dolorosamente adquirida do que um sistema perfeitamente lógico, mas distante da verdade. A humanidade marcha: esperemos que um raio do sol eterno ilumine a sua inteligência, e que finalmente entre na estrada da verdade.

F. Lamb,
Rue Tiquetonne, 17.»

Não me tomarei a liberdade de fazer qualquer observação sobre os factos interessantes que se acabam de ler; a pessoa que os relata é digna de toda a minha confiança, e recomendo ao leitor que lhe conceda a sua. Tomarei meramente a liberdade de responder às perguntas desta senhora com estas palavras: Sim, pode dirigir estas perguntas à ciência e aos sabichões, mas acautele-se de crer na solução que lhe será dada pelo seu poderoso vaidade; acautele-se, ao mesmo tempo, de lhes comunicar aquilo que o seu julgamento intuitivamente ditar; o deles seria a obra do orgulho aos seus olhos, e o seu seria aos deles o de uma louca; sim, uma louca, ouça bem, porque sem dúvida concluiria que há um ser ativo e inteligente sentado no nosso corpo material, fazendo funcionar as suas molas, comunicando-lhe todas as forças, pensamentos, movimento. Oh! não profira essa palavra movimento, pois o que internamente move um corpo pode externamente movê-lo; eles conceder-lhe-ão o primeiro, mas recusar-lhe-ão o outro. Responderá, talvez, perguntando-lhes se é a terra, os outros globos e os seus reinos que se movem por si mesmos ou são movidos; se se movem por si mesmos, são a vida; se movidos, são a morte. Como a vida está em tudo e por tudo —

pois os nossos sabichões nem querem nem podem admitir a morte, ou o nada, que é a mesma coisa — desejarão livrar-se da dificuldade em que os coloca, respondendo, a título de critério:

Os globos e reinos têm o seu ponto de atração. Responderá: o que eles atraem não está mais morto do que eles próprios; de outro modo, a atração torna-se impossível; a vida não pode atrair a morte, portanto as partículas atraídas têm uma individualidade positiva, formando uma com a massa, mas formando, da mesma forma, uma na massa. Responder-lhe-ão: "Sim;" então, visto que esta partícula, atraindo e atraída, forma uma com a massa, e uma novamente na massa, a sua individualidade encontra-se assim garantida, e a imortalidade da alma, como uma individualidade ou partícula da massa, encontra-se provada; o que não está assim provado é a ação da partícula no todo.

Assim a alma, que não passa de uma partícula do corpo material humano, não pode dominar, erguer à sua vontade essa massa mil vezes mais pesada do que ela; isto é contrário às simples noções físicas. Sim, em aparência; mas descobriu onde está a força ativa? Pode dizer se está no todo ou na partícula? Se responder que está no todo, o corpo material poderia mover-se sem a assistência da partícula alma; se, pelo contrário, é a partícula que possui a força ativa, quanto mais estiver desprendida de agregações semelhantes, mais poderosa deve ser. Não vê uma prova disto na homeopatia? é a parte ou o todo que opera? É a parte, não há uma dúvida disso. Por esta bela descoberta obtém a prova material do sublime axioma: tudo está em tudo e por tudo. A parte, portanto, contém a força do todo; contendo a força, contém tudo. Representais para vós mesmos a força pelo volume da coisa; isto é, recuando, fraquejando perante a demonstração contrária da pólvora, do vapor, do galvanismo, do magnetismo: — estudai apenas a última ciência mencionada, e vereis se a força está nela representada pelo volume.

Desculpe-me; esta feiticeira, a Metafísica, arrasta-me a despeito de mim mesmo: tinha prometido, contudo, que não tocaria neste ponto na presente obra. Mas se fizesse menção de todos estes factos extraordinários sem oferecer a menor observação, dir-se-ia: Este pobre espiritualista é mal e vagamente espiritual; que guarde silêncio, ou apoie os seus relatos fantásticos

com algumas considerações admissíveis. É porque ouço a voz severa dos sabichões a acusar-me assim, que lanço ao acaso algumas observações, que se encontrarão mais demonstrativas na obra acima mencionada.

Assim, minha querida senhora, contente-se em escutar o que lhe será dito a respeito das partidas que são do domínio da física; sobretudo, tome a decisão de ouvir esta bela objeção, de que por um fio condutor, habilmente ocultado em certos lugares, podemos virar do avesso louça, móveis, homens e animais: pergunte-lhes, então, se esta faísca tão poderosa, concedida ao reino metálico, deve e pode ser recusada à alma, a obra-prima (dizem eles) da Divindade. A obra-prima deveria, pelo menos, possuir a propriedade da parte inferior, se não mais.

Falar-lhe-ão, também, da devastação ocasionada pelos efeitos do raio, o maior prestidigitador do universo. Este fluido não recua perante transportes; não se atreveria a comprometer a sua elevada reputação transportando uma caixa, uma carta, um sinete para tal ou tal lugar, por vergonha. Diga-lhe, pelo contrário, para arrancar todos os pregos dos tamancos daqueles bons aldeões, que rogam a Deus que lhos conserve, e ele desincumbir-se-á admiravelmente.

Transportará esta rocha a uma distância de mais de trinta pés; reduzirá esta árvore a ripas mais finas do que o homem conseguiria; desferrará este cavalo sem o matar; desarmará este cavaleiro antes que ele se dê conta disso; quebrará todas estas janelas; demolirá esta chaminé; limpará esta mesa — e que mais? Isto não é, contudo, a obra-prima da criação, visto que o espetais com as vossas picas tocadas com íman. Oh, pobres mortais! credes e vedes estas coisas — sabeis que é uma faísca elétrica a atacar, indistintamente, cada reino — e no entanto recusaríeis à faísca divina, chamada alma, o poder de operar tais coisas. Sim, sois profundos.

«**Monsieur:** Tendo o prospeto da sua obra — "Segredos da Vida Futura Revelados" — despertado a minha curiosidade, apressei-me a assinar a mesma; e após uma leitura que me causou uma profunda impressão, era meu dever, antes de me pronunciar sobre o valor das revelações que contém, seguir o conselho que dá a todos os magnetizadores, a saber, experimentar. O senhor traça uma rota; atrevi-me a prosseguir nela, embora temeroso de falhar

o meu alvo. Finalmente obtive a convicção da realidade dessas aparições, e foram-me dadas respostas surpreendentes. Tendo-me dirigido a si para obter informações sobre este assunto, a aparição que teve a bondade de me procurar já me tinha convencido. Ainda assim, em consequência do que se pode chamar um resto de dúvida, certifiquei-me da verdade deste fenómeno por experiências minhas. Não lhe direi, contudo, que todas as clarividentes a quem recorri possuem esta faculdade num grau igual.

Não julgo necessário dar-lhe os pormenores das minhas experiências: meramente considero um dever prestar homenagem a esta singular e útil verdade no interesse comum dos homens; agradecendo-lhe, ao mesmo tempo, por ter recebido da sua parte esta chave, que me serviu para descobrir outro fenómeno, bem digno, também, de fixar a atenção dos psicólogos, e especialmente dos espiritualistas.

Eis o facto: O mero nome de batismo de uma pessoa que está doente, não importa onde, basta a uma clarividente que magnetizo para se inocular simpaticamente com a doença, em qualquer grau, seja qual for a sua natureza; sobretudo saiba que o pensamento nada tem que ver com isso, visto que nem eu nem a minha clarividente sabemos mais nada além do nome que, apesar da sua infinita repetição no mundo material, nos representa instantaneamente todos os pormenores da doença da pessoa que a está a sofrer. Esta espécie de apelo, que faço no mundo dos espíritos ainda na terra, confirma aquele que o senhor faz no mundo espiritual com tanta facilidade.

Aceite, monsieur, etc., etc.,
Duteil,
Membro da Sociedade Magnetológica,
Rue Saint-Denis, 246.
20 de outubro de 1848.»

O sucesso que o Sr. Duteil obtém em experiências deste género confirma o que dissemos no nosso primeiro volume, que era perder tempo precioso fazer as clarividentes viajar passo a passo em direção ao lugar que desejamos que explorem. Peço pelo lugar que não conheço mais do que a minha clarividente, e o

lugar aparece imediatamente. Se é possível para o lugar que é desprovido (sem dúvida) de alma apresentar-se assim ao mero apelo do seu nome, deveria ser tão fácil para um espírito fazê-lo. Resta apenas compreender como Jean, que é, talvez, o décimo milésimo deste nome em França, se apresentaria antes do que outro Jean? Pode responder-se a esta pergunta que há uma comunhão entre as almas em geral; que a cena isolada que representamos durante o dia é o resultado de um facto secretamente determinado pela nossa alma, que deixa o seu corpo material na ignorância da causa e do objeto das suas decisões, e das suas relações com outras almas: isto não provaria o livre-arbítrio do corpo material, longe disso.

Eis dois factos, um dos quais teve lugar em minha casa enquanto eu redigia esta reflexão. Três senhoras vieram pedir-me uma visão à distância. Não tendo sujeitos presentes para esta especialidade, pedi a Émile, que por acaso me fazia uma visita nesse momento, que se deixasse adormecer; depois de hesitar um pouco tempo, consentiu. Perguntei a estas senhoras o que desejavam; uma delas, Madame Bimont, uma icariana, disse-me que estava muito inquieta a respeito do seu irmão, que tinha sido dos primeiros a partir com os seus irmãos para Icária. Indaguei do nome dele e chamei o homem. Émile deu uma descrição exata dele. Disse-lhe para ver onde este homem estava. "Oh!", respondeu imediatamente a criança, "a estrada não é boa para lá chegar. Vejo, também, um campo muito bonito — uma quinta bonita — um pequeno lago — um poço que parece novo — cavalos que são muito viciosos; não tenho vontade de os montar. São brancos. As árvores têm um género de folhas esquisito; são grandes e recortadas", etc., etc. — "Pergunte ao senhor por que razão não escreve à sua irmã." "Ele escreveu-lhe."

— «Quando?» — *«Por volta do fim de agosto. Ele está descontente com ela por não lhe ter respondido.»* Após mais algumas perguntas de idêntica natureza, acordei a criança, e esta senhora (que não estava *en rapport* com ele) disse-me: «No que respeita à descrição do meu irmão e dos lugares, parece-me ter um ar de verdade; mas relativamente à carta que se diz ter sido escrita, deve ser um erro, caso contrário tê-la-ia recebido.» Dois dias depois, esta senhora recebeu a dita carta, datada de 25 de

agosto; teve a bondade de vir informar-me disso. A criança tinha, portanto, realmente conversado com o espírito deste homem, enquanto este último não se dava conta disso.

O segundo facto é inteiramente pessoal quanto a mim. Uma respeitável vizinha minha, a quem eu tinha ensinado a magnetizar, possui uma clarividente que promete vir a ser muito poderosa. Disse-me ela: «Na noite passada a minha clarividente declarou que o via a tomar o lugar do seu bom guia; ficou bastante surpreendida com isso, exclamou: "Ah! ali está o Sr. Cahagnet com os braços cruzados sobre o peito, a olhar bondosamente para mim." — *Pergunta-lhe o que quer ele contigo.*» Decorreu então uma conversa entre o meu espírito e esta clarividente, a qual é escusado mencionar; mas o que posso afirmar perante Deus é que esta senhora me disse os meus pensamentos mais íntimos, os quais eu não tinha comunicado a ninguém, e muito menos ainda, estou persuadido, a uma clarividente cuja influência de modo algum sentia. Neste momento em que eu estava a ler em voz alta, tinha nutrido estes pensamentos pela primeira vez nesse dia. Que abismo para a nossa razão!

«MEU CARO AMIGO: Desde a sua primeira aparição que tem conhecimento da opinião que nutro do seu livro: mal o li, tentei eu próprio experiências do mesmo género, e fui bem-sucedido além das minhas expectativas. Não lhe relatarei aqui nenhuma das sessões que tive; o senhor tem tantas semelhantes, e mais curiosas ainda, que me parece escusado.

Contudo, declaro-lhe aqui, e publicamente, que fiquei plenamente convencido da existência de uma vida futura pela leitura da sua obra. Creio que todos aqueles que se inteirarem do seu conteúdo pensarão como eu, e não terão razão para se queixar de o ter lido.

Numa palavra, a opinião a que chego a respeito dos seus "Segredos" é que eles são chamados a conceder a felicidade à humanidade.

Torne a minha carta, meu caro amigo, tão pública quanto possível, e receba a garantia da minha fraterna amizade.

Inteiramente seu,
A. BLOUET,

Homem de Letras, Rue d'Enfer, 85.
29 de outubro de 1848.»

DA MADAME LÉVI

«Teria já recebido, monsieur, a minha carta de agradecimento, não tivesse eu querido primeiro ler a sua excelente obra. Qualquer pessoa pode claramente perceber que o senhor foi inspirado por sonâmbulos muito lúcidos; visto que quase todas as definições estão de acordo com as obras dos antigos sábios. Pela minha parte, monsieur, venho testemunhar-lhe a minha gratidão pela desinteressada amabilidade com que acolheu o meu pedido de me pôr em comunicação com a sua boa clarividente. Nisto presto testemunho à verdade; ela viu e descreveu perfeitamente a pessoa falecida que eu desejava, e cada circunstância das relações da dita pessoa comigo. Não se pode dizer que ela viu tudo isto na minha imaginação; pois Deus é minha testemunha de que eu estava na ignorância de muitas circunstâncias, que, contudo, se revelam ser verdadeiras.

Aceite, monsieur, para si e para a sua prestável clarividente, a garantia da minha estima.

LÉVI,

Editor do Jornal L'Hermès,
Boutigny, perto de Meaux (Seine-et-Marne).
18 de novembro de 1848.»

«**MONSIEUR:** Tudo quanto tinha lido até ao dia de hoje tendia apenas a mergulhar-me no ateísmo mais desalentador; e, em momentos de perturbação, nunca tive, para pôr fim a tudo, senão um pensamento — o da minha própria destruição.

Li os seus "Segredos da Vida Futura Revelados". Este livro deu-me a fé em Deus, a tolerância para com os meus irmãos, a felicidade na minha família, e força moral suficiente para suportar com firmeza todas as desgraças que anteriormente causavam os meus tormentos.

A tal felicidade prefiro qualquer uma que a fortuna mais esplêndida me pudesse ter proporcionado.

Não tenho dúvida, monsieur, de que, não fossem os acontecimentos políticos que absorvem todos os espíritos, estas

revelações teriam já levado a esperança ao próprio fundo de um grande número de corações que dela tanto necessitam.

Esteja certo, monsieur, da minha elevada consideração.

CONSTANT FLICHY,

Rue Vincent, 19, Belleville.»

«**MEU CARO SR. CAHAGNET:** Em cumprimento dos bons conselhos que teve a bondade de me dar relativamente à aparição de espíritos, convenci-me, por experiências, da realidade de tais aparições e da não comunicação do pensamento com os sonâmbulos.

Penetrado desta firme convicção, autorizo-o a dar publicidade ao meu testemunho; e asseguro aos homens que a alma existe na vida futura, na forma do seu corpo material, e tendo recordação da sua individualidade.

Seu amigo devotado,

ROUSSEAU,

Empregado dos Correios (Secção de Cartas Devolvidas).»

«**MEU CARO SR. CAHAGNET:** Em apoio das doutrinas espiritualistas que procura propagar com um zelo que lhe faz honra e lhe prepara, num período futuro, triunfo e gratidão, pode anexo os dois factos seguintes:

Uma noite, há cerca de quinze anos, estava eu a dormir tranquilamente, quando de repente me senti tocado no ombro, e acordando subitamente, contemplei diante de mim um dos meus tios que vivia em Châtellerault. Disse-me numa voz forte e perfeitamente acentuada: *«Nínive está destruída.»* A perturbação e a emoção causadas em mim por esta aparição e por estas palavras foram tão grandes que a minha mulher acordou subitamente e indagou rapidamente o que se passava comigo. *«Ah!»*, disse-lhe eu, numa voz comovida; *«o meu tio está morto: esteve aqui ainda agora, vi-o perfeitamente bem; pois acordou-me e disse-me na sua voz de Estentor: "Nínive está destruída;" ora, Nínive era ele próprio, ele que tinha gasto a sua fortuna a levar a vida de um sátrapa persa.»*

A minha mulher, apesar da perturbação que lhe tinha acabado de ser comunicada, tentou acalmar-me, esforçando-se por me persuadir de que não passava de um efeito da minha imaginação ou de um sonho enganador; mas todo o seu raciocínio não pôde

tirar-me da cabeça a ideia de que o meu tio estava realmente morto, e que tinha vindo anunciar-me a sua morte. Voltei a adormecer, mas de manhã, ao acordar, o meu primeiro pensamento veio retratar-me esta singular aparição; durante todo o dia ouvi estas palavras energéticas — *«Nínive está destruída!»* Poucos dias depois veio uma carta e anunciou-nos a morte do meu tio Fortin, irmão da minha mãe. Tinha morrido um ou dois dias antes de ter lugar o facto que relatei.

SEGUNDO FACTO. — Durante o inverno de 1843, estava a mandar fazer alguns trabalhos nas minhas terras, que ficam a cerca de meia légua de Niort. Tinha, por meio do sonambulismo, descoberto uma nascente de água no topo de um monte muito alto; como a água é uma comodidade muito útil no campo e espalha um grande encanto em redor, eu era insaciável e frequentemente interrogava o oráculo que já tão afortunadamente me tinha dirigido. Um dia, a partir de Niort, onde resido, foi-me assinalado um curso de água que se supunha correr debaixo de uma grande rocha, a qual era escassamente visível na superfície do solo. *«Mande-a retirar»*, disse o oráculo, *«e debaixo da sua base terá outra bonita fontezinha.»*

Depois de ter procurado e descoberto esta rocha misteriosa, dei ordens ao Mestre Griseau, o meu jardineiro, para a mandar retirar e procurar a nascente que se dizia estar debaixo dela; mas Griseau, que não estava plenamente convencido dos fenómenos do sonambulismo, representou-me que era uma loucura fazer tal despesa a fim de chegar a uma descoberta inteiramente improvável; na verdade, como esperar encontrar água quase na crista de um monte que domina o rio quase perpendicularmente a uma altura de quarenta ou cinquenta pés? Estas razões pareceram-me perentórias; mas eu queria água, como também mais uma prova da clarividência magnética; por isso rejeitei o conselho, por muito justo que me parecesse, e reiterei as minhas ordens, que foram coroadas de completo sucesso.

Este facto, no que respeita à clarividência de certas sonâmbulas, apenas confirmou provas já muito antes adquiridas; mas aquele que se vai seguir lançou na minha alma novos pensamentos que, mais tarde, com a ajuda de Deus, haveriam de ser para mim verdades incontestáveis. Não; o homem não está

isolado nesta terra, está cercado por espíritos benévolos que o protegem contra o mal; cada ser tem o seu bom génio, mas infelizmente poucos o escutam.

Que mistérios nos cercam, e quão ignorantes somos! O sonambulismo é uma propriedade que, estou certo disso, no-los revelará mais cedo ou mais tarde; pois sou do número daqueles a quem é permitido erguer um canto do véu que os oculta dos nossos olhos. Que verdades deve haver para alarmar o vício e consolar a virtude! Perdoe-me esta digressão; me regresso ao facto.

A rocha, desnudada na sua base, permanecia meio suspensa, aguardando a obra de alvenaria que a haveria de fixar firmemente; as operações, interrompidas pelo mau tempo, estavam prestes a ser retomadas, e dirigi-me ao local na véspera. Era um domingo, o guarda estava ausente, e encontrei-me absolutamente sozinho. Eram três horas da tarde; peguei numa ferramenta de jardinagem, animado como estava pelo desejo de encontrar água em maior quantidade. Pus-me a trabalhar e escavei a terra com uma esperança corajosa.

Estava inteiramente absorvido neste pensamento quando, de repente, uma voz me bateu nos ouvidos com estas palavras, ditas num tom abrupto e apressado: *«Vai-te embora!»* Dei um salto para trás e retirei-me precipitadamente do local onde estava, deixando ali um dos tamancos de madeira que tinha tido nos pés. Olhei então para cima, para descobrir quem poderia ter-me falado assim, mas não percebi ninguém. Estava inteiramente certo de estar sozinho, por isso percebi intuitivamente que algum perigo me ameaçava, visto que a rocha tinha apenas terra argilosa como base. Inteiramente absorvido, então, na minha própria preservação, puxei cautelosamente o meu tamanco de madeira e fiz toda a pressa para me afastar. A escassos passos dali perguntei a mim mesmo que voz poderia ser esta que me tinha acabado de bater no ouvido de modo tão forte; era sonora, e os seus sons ainda vibravam na minha mente.

Era, pois, um aviso do céu, enviado para me arrancar a algum grande perigo. Mais escassos minutos neste trabalho e teria sido morto. Ser morto não era o pior que me poderia ter acontecido; mas, arremessado pela massa, poderia ter ficado preso por um

braço ou uma perna debaixo deste enorme fardo. *«Oh! meu Deus, meu Deus! agradeço-te»*, exclamei eu, erguendo as mãos ao céu e caindo de joelhos, *«salvaste-me, e dou-te as minhas graças.»* Não sei o que se passou dentro de mim durante os escassos segundos em que permaneci de joelhos, mas ao levantar-me achei-me banhado em lágrimas. Depois de recuperar da emoção que tinha acabado de experimentar, fui e lancei um último olhar à minha rocha; estava ainda silenciosamente suspensa.

Afastei-me, voltando-me mais do que uma vez com terror. Eram cinco horas quando a perdi de vista; às cinco e meia, hora do regresso do guarda, esta soberba massa tinha caído; caindo ao início sobre si mesma, fez uma meia volta para se precipitar de lado, quando foi detida no seu curso por um acidente do solo. No tempo presente (1849) está majestosamente assente debaixo de uma enorme gruta, que ergui no próprio local onde ela outrora esteve. Ali, ainda orgulhosa e altiva, conserva o seu ar ameaçador; mas passai, passai sem temor, apenas vos inclinai perante as palavras do meu bom anjo, inscritas na sua frente: *«Vai-te embora.»*

J. B. BORREAU,

Proprietário, em Niort.

20 de janeiro de 1849.»

O nosso digno amigo, o Sr. Borreau, teve a bondade de nos conceder permissão para dar publicidade a esta comunicação; pedindo-nos, contudo, ao mesmo tempo, que adiássemos para um período posterior uma outra exposição respeitante a factos, ainda mais misteriosos, que se aplicam pessoalmente a ele próprio. Sentimo-nos devedores ao nosso amigo, honrosamente conhecido pelas notabilidades magnéticas, pela sua generosa confiança. Ele compreendeu que um espiritualista não é um egoísta, guardando para si esta divina revelação de um mundo moral, que pode levar as mais doces consolações àqueles que creem que o nada é o apogeu da criação.

Se nos fosse possível fazer menção de todas as pessoas que vieram submeter-nos factos semelhantes, ou dar-nos a conhecer o seu sucesso nas experiências que lhes ensinámos a fazer, seríamos obrigados a prosseguir com um terceiro volume.

Passaremos agora às perguntas que submetemos ao venerável Almignana, com o propósito de saber se estas aparições são aprovadas ou condenadas pela igreja.

«**MONSIEUR:** Respondo por este meio à sua carta do dia 10 do corrente, na qual me expressa o desejo de saber se a crença nas aparições de espíritos individualmente, e em formas humanas, é contrária à fé católica.

Depois de Deus, um espírito puro e o pai dos espíritos, como diz o evangelho, a teologia admite duas sortes de espíritos dependentes de Deus: estes são os anjos, — pois os demónios são anjos caídos, — e as almas dos homens.

Percorri as Sagradas Escrituras, e elas fornecem-me diferentes instâncias de aparições destas duas sortes de espíritos, individualmente e em formas humanas.

Anjos. — São três anjos que, na forma de homens, aparecem a Abraão e até conversam com ele. (Génesis, XVIII.)

É um anjo, também, que, na forma humana, aparece a Jacob e luta com o santo patriarca para lhe dar a entender que os homens mais fracos podem muito com a assistência do céu. (Génesis, XXXII.)

É também um anjo que, na forma de um homem, aparece ao jovem Tobias e o acompanha na sua viagem ao país dos Medos. (Tobias, V, VI, VII.)

Em suma, após a ressurreição do nosso Senhor Jesus Cristo, foi um anjo que, na forma de um jovem, aparece a Maria Madalena e à outra Maria. (S. Mateus, XXVIII.)

Almas de homens falecidos. — Samuel, após ter descido à sepultura, aparece a Saul na mesma forma que tinha na terra, através dos meios da bruxa de Endor, de quem Deus se serve para executar os seus santos desígnios no que respeita ao rei hebreu. (1 Samuel, XXVIII.)

Moisés, muitos séculos após ter entregue o seu espírito no Monte Nebo, e Elias, longos anos após ter deixado a terra, aparecem em formas humanas, embora cercados de glória, no Tabor, uma alta montanha, a João e Tiago, no dia da transfiguração do nosso Senhor Jesus Cristo. (S. Mateus, XVII; S. Marcos, IX.)

As *Vidas dos Santos* fornecem-nos instâncias de aparições semelhantes, e especialmente a *Vida de Santa Teresa*.

O Sr. Chardel, antigamente conselheiro do tribunal de Cassação e deputado do Sena, cuja ciência e boa-fé não podem ser questionadas, não nos relata ele, no seu *Ensaio sobre a Psicologia Fisiológica*, várias aparições de pessoas falecidas que, nas suas formas terrenas, apareceram a membros da sua família, pedindo-lhes para cumprirem certas obras de piedade, tais como missas e peregrinações, prometidas pelos falecidos, mas permanecendo por realizar ao tempo da sua morte?

Mas o que vem confirmar o que acabamos de dizer é o honroso testemunho de um homem tão sábio quanto ortodoxo, tal como o abade Duclos, que, na sua resposta aos sarcasmos de Voltaire contra o capítulo XXXII do Génesis, relativo ao anjo que, na forma de um homem, aparece a Jacob a fim de lutar com ele, quando expõe a sua opinião com respeito à aparição de espíritos, nos diz:

1. Que Deus é certamente o Senhor de aparecer sempre que Lhe apraz e de qualquer maneira que Lhe apraz.
2. Que os bons ou maus anjos e as almas dos homens podem aparecer, mas apenas por ordem e com a permissão de Deus.
3. Que Deus dá por vezes tal ordem e tal permissão.
4. Que isto ocorria mais frequentemente nas primeiras eras do mundo, por razões disso merecedoras.
5. Que isto pode voltar a ocorrer, mesmo agora, porque Deus é ainda tão poderoso como era ao início.

Em suma, que as aparições de anjos e de mortos não contêm mais dificuldades do que as aparições do próprio Deus.

A partir do que acabo de citar, creio que se pode justamente concluir que a crença nas aparições de espíritos, em formas humanas e individualidade, está muito longe de ser contrária à fé católica, tanto mais que a igreja não se pronunciou ainda contra as aparições de que me fala.

Quanto a mim, monsieur, foi com esta convicção, e não de outro modo, que me permiti ir ao seu encontro para testemunhar algumas aparições, as quais, ao mesmo tempo que me surpreenderam, se tornaram para mim uma nova prova do que lemos nos santos livros com respeito às aparições de espíritos em

formas humanas; e nunca cessarei, enquanto viver, de dar graças a Deus por ter dignado conceder-me um favor tão grande como o de conhecer fisicamente por mim próprio a imortalidade da alma.

Quanto ao senhor, monsieur, permita-me que o felicite nisto, em que, no meio da sua humilde posição aos olhos do mundo, Deus Se serviu do senhor e da sua modesta sonâmbula para confundir os presunçosos sabichões da terra, e, acima de tudo, os orgulhosos materialistas, o flagelo da religião e verdadeira chaga da sociedade.

Sim, monsieur, é assim que eu vejo os grandes fenómenos magnéticos que prendem a nossa atenção; e estou persuadido de que foi em alusão a certas aparições de pessoas falecidas, vistas por alguma sonâmbula tão privilegiada como a nossa boa Adèle, que o R. P. Lacordaire, a despeito dos académicos e céticos, proclamou da tribuna sagrada, no mês de março de 1847, que o magnetismo era uma preparação Divina para humilhar o orgulho dos materialistas. Pois é certo que, entre os argumentos de que os teólogos se servem para provar a imortalidade da alma, aquele tomado da aparição de Samuel, de que acabo de falar, é um dos mais fortes.

Mas, monsieur, se o senhor e a sua modesta sonâmbula tendes um privilégio tão grande, não vos glorieis contudo nisso, visto que é apenas de Deus que o recebestes; pois, como muito sabiamente diz o abade Duclos, os anjos, bons ou maus, podem aparecer apenas por ordem de Deus ou pela sua permissão; e o senhor próprio reconhece esta verdade, visto que percebi que todas as suas operações são invariavelmente precedidas por oração, implorando os favores do Céu.

Assim, meu bom monsieur, longe de ficar vaidoso com as suas obras, diga com S. Paulo: *«Non ego, sed gratia Dei mecum»* (*«Não eu, mas a graça de Deus que estava comigo»*). Não somos nós que operamos estas maravilhas, mas a graça do Senhor, a Divina bondade, a omnipotência do Eterno, a quem aprouve servir-Se de nós, seres fracos e impercetíveis aos olhos do mundo, a fim de confundir os fortes e os pretensos filósofos da terra. *«Infirma mundi elegit Deus ut confundat fortia.»* (*«E Deus escolheu as coisas fracas do mundo para confundir as coisas que são fortes.»*) É S. Paulo quem fala.

Aceite, monsieur, peço-lhe, a sincera expressão dos meus respeitosos sentimentos, com os quais tenho a honra de ser

Seu muito humilde e muito obediente servo,

L. A. ALMIGNANA,

Rue de l'Église, 15, Batignolles.

11 de fevereiro de 1848.»

Estamos muito felizes por podermos publicar o testemunho de um padre tão honrado como o Sr. Almignana. Tenderá a reassegurar algumas consciências timoratas, que julgavam ver na primeira parte dos "Segredos" a obra do maligno. Se a igreja reconhece que nenhuma aparição pode ter lugar sem a ordem e a permissão de Deus, somos, neste caso, o seu mais humilde e obediente servo.

Assim, por falta de espaço, terminamos uma parte da nossa correspondência, a qual não tínhamos desejo de manter secreta, pensando que seria aceitável para alguns leitores que pudessem desejar ver novas personagens trazidas à cena. Foi para satisfazer este justo desejo que publicámos este extrato dos factos e pormenores mais curiosos que nos foram comunicados, e que vamos agora esquadrinhar na história das crenças das diferentes nações na imortalidade da alma, a fim de provar, além disso — se possível — que fomos movidos pelo desejo de realizar algo de útil, e ao mesmo tempo mostrar que fomos precedidos, em todos os lugares e tempos, por indivíduos alucinados da nossa espécie.

DA IMORTALIDADE DA ALMA: OPINIÕES DOS FILÓSOFOS DESDE A ANTIGUIDADE ATÉ AOS NOSSOS DIAS

Índias. — A crença na imortalidade da alma é inerente à existência do homem, do seu primeiro ao seu último pensamento. Na verdade, se subirmos a escala das eras na Índia, o que encontramos entre essas nações que contam não 5848 anos de existência, como pretendemos, mas 131 400 007 205 000 anos desde o nascimento de Brahma até aos nossos dias? Nestes países — pouco conhecidos, mal explorados, ainda pior descritos — encontraremos possivelmente a ciência psicológica mais avançada

do que entre nós. Não: se consultarmos os seus livros sagrados, a verdadeira fonte de todas as seitas e superstições terrenas, encontraremos neles a crença na imortalidade da alma estabelecida desde os tempos mais remotos, na forma de um politeísmo que parecemos incapazes, pelas revelações dos nossos "Segredos", de admitir, mas que poderíamos possivelmente deduzir delas se nos dedicássemos mais positivamente ao estudo detalhado de uma multidão de proposições a que elas nos levam.

Não querendo, a preço algum, voltar a cair em citações metafísicas, visto que tal destruiria todo o encanto desta parte, aceitamos, no seu conjunto, as nossas revelações, reservando-nos, para outra obra, proposições onde as crenças na metempsicose encontrarão lugar apenas em certas aceitações. Limitar-nos-emos, de momento, a citar uma passagem de uma obra erudita, intitulada: «Viagem Pitoresca ao Redor do Mundo», publicada sob a direção do infortunado Dumont-D'Urville, presumindo que encontraremos nesta obra informações desprovidas das coisas maravilhosas relatadas pelos antigos viajantes. Encontramos, na página 140, vol. I:

«* * * Tal é um esboço do politeísmo indiano. Quanto aos dogmas que lhe estão ligados, uma noção deles pode resumir-se numa metempsicose universal; uma certa quantidade de espírito e de matéria, cada uma imperecível, encontra-se, segundo eles, num estado perpétuo de transmigração. O castigo dos espíritos consiste numa decadência do seu invólucro material. Assim, do corpo do homem descem para o do bruto, seguindo a progressão de animais mais ou menos nobres, de modo a correrem o risco de habitar até em pedras. Nesta parte cominatória dos seus dogmas, os brâmanes nunca acalentaram o pensamento de ameaçar os homens com um inferno perpétuo; quando lhes falamos de tal lugar, dizem que é uma insulta ao Todo-Poderoso, pondo limites ao seu direito de misericórdia, prejudicando a sua justiça e dando-Lhe paixões odiosas que são incompatíveis com a sua essência. "Por maior que seja um crime", acrescentam eles, "a Divina bondade é ainda maior."

Esta crença na metempsicose serve-lhes também para explicar o contraste das condições humanas e a desigualdade dos nossos destinos. Para eles a compensação não existe totalmente

noutro mundo, é neste mundo transitório. Se, destinado ao lote mais humilde, um mortal termina uma vida meritória e piedosa, a sua recompensa consiste em nascer de novo rico, honrado, no meio de todos os prazeres do luxo e do conforto. Assim, a metempsicose indiana está de algum modo misturada com a predestinação e o fatalismo; o livre-arbítrio não pode ir ao ponto de apagar uma palavra do que Brahma escreveu na cabeça de um homem, mas certas práticas, certas expiações, podem ser debitadas na sua conta no balanço das suas boas ou más obras.»

Que lógica! Brahma escreve na cabeça de tal homem: *Farás tal coisa, e pedir-me-ás perdão por teres feito o que te ordenei que fizesseis!* Não reconhecemos nesta moral a nossa sublime máxima: «Nada acontece no mundo sem a permissão e a ordem de Deus» — portanto, deveis pedir-Lhe perdão por Lhe terdes obedecido!

China. — Se estendermos as nossas pesquisas até à China, estamos certos de lá encontrar esta crença estabelecida desde tempos imemoriais, mas sob formas filosóficas, ou alegorias, adaptadas às necessidades e usos do país. É ainda o mesmo encorajamento às boas ações, sob pena de ser punido por uma transmigração na escala dos seres, reinos e elementos, correspondendo, pela sua vida ou estado, com as ações de que o homem foi culpado, terminando tudo isto invariavelmente numa eternidade de felicidade. Deus é ainda suficientemente respeitado entre este povo para se ter confiança na sua divina bondade e a esperança de uma vida melhor. O castigo eterno não faz parte do seu credo.

Oceânia. — Se regressarmos para junto de nações mais jovens e menos civilizadas (Oceânia), encontramo-nos frente a frente com este politeísmo, esta transmigração das almas para tal ou tal corpo, correspondendo com as suas afeições passadas, boas ou más, e chegando a globos onde a felicidade é tão doce quanto os nossos sofrimentos terrenos foram dolorosos. O que é notável nas crenças de todos estes países é que o nosso globo terrestre se revela ser o intermediário entre um número, mais ou menos considerável, de globos. Capaz apenas de progredir ou recuar ao deixá-lo, o homem, neste estado misto, preenche quase exatamente o papel descrito no nosso primeiro volume — um

papel que o sujeita a provações de sensações, impressões, comparações, até então desconhecidas para ele.

À parte as ficções mais ou menos admissíveis destas doutrinas, resulta delas um facto — a crença na imortalidade individualizada da alma, ao deixar este globo, e a sua eterna felicidade: isto é mais encorajador do que o nada dos nossos materialistas.

Já que estamos nestes países, vejamos o que ali se pensa do êxtase. Encontramos nas ciências ocultas da *Enciclopédia de Bolso* — uma pequena obra escrita com grande imparcialidade e ostentando muitos conhecimentos científicos — a seguinte passagem (página 203):

«Sem querer antecipar as discussões que surgirão sobre esta importante questão [o êxtase], observaremos contudo, a fim de acrescentar alguns factos aos factos já conhecidos, que um dos nossos amigos que residiu durante catorze anos nas Índias Orientais viu frequentemente os hindus caírem à vontade em êxtase e tornarem-se, neste estado, objeto de temor ou veneração para os seus compatriotas. Os americanos do Norte e do Sul, que são erradamente classificados entre as nações chamadas selvagens, e que apresentam nos seus costumes e linguagem os restos de uma antiga civilização, têm reminiscências tradicionais que os entregam a um estado de êxtase, durante o qual creem estar em comunicação com os espíritos. Os fenómenos do êxtase encontram-se da maneira mais notável entre os camchatcas, os iacutos e muitas outras tribos do norte, onde os adivinhos por vezes infligem a si mesmos feridas horríveis, sem aparentemente, e na realidade, sofrerem com elas. O estado extático encontra-se também no Taiti, nas ilhas Sandwich, na Polinésia, onde uma nova religião é imposta aos nativos, e onde as perseguições religiosas exaltam a imaginação daqueles que aderem à antiga forma de culto.

Mariner, esse jovem viajante injustamente acusado de falsidade, mas cuja veracidade é agora reconhecida, durante a sua residência em Tonga-Tabu, a metrópole das ilhas vizinhas, foi testemunha de factos extraordinários, provando de uma maneira positiva a boa-fé daqueles que, entre as nações selvagens como entre as bárbaras, estão entregues a um estado religioso de êxtase.

É geralmente reconhecido em Tonga que algumas pessoas são favorecidas pelos deuses com as suas inspirações; o deus que as inspira encontra-se então na pessoa do sacerdote inspirado, que se torna capaz de profetizar o futuro.

Mariner descreve de tal modo a situação extática dos sacerdotes deste país que não deixa dúvida com respeito aos sintomas que experimentam, e o jovem viajante acrescenta que não tem razão para crer que estas demonstrações sejam o resultado de impostura; apresenta mesmo provas do que avança a este respeito. Entre os pormenores que fornece, há dois em particular dignos de exame, visto que atestam sobretudo o espírito de convicção daqueles que se submetem aos fenómenos do estado extático.

O filho do Rei Finow costumava repetir muitas vezes ao europeu incrédulo que era inspirado pelo espírito de Toogo-Ahoo, o último rei das ilhas de Tonga, que não se sentia já consciente da sua própria existência pessoal, e que o seu corpo lhe parecia animado por uma alma que não era a sua. Tendo sido interrogado quanto à natureza do espírito que o perturbava, e como este espírito descia nele, o jovem príncipe contentou-se em responder: "Que pergunta tola; posso eu dizer-te como o sei? Sei-o porque sinto uma convicção disso, e porque uma voz me avisa disso."

Poderíamos acumular factos desta natureza, mas o espaço é-nos recusado, e contentar-nos-emos em lembrar aos nossos leitores que eles existem em grande número nas obras antigas e modernas de viajantes de todas as nações.»

Acrescentarei a esta curiosa dissertação sobre o êxtase que o espírito que se apodera dos sacerdotes destes países, tomando posse do seu corpo material para profetizar pela sua boca, não é dissemelhante do espírito que se apoderou de Binet, o primeiro sonâmbulo mencionado nesta obra, e o fez dizer: «Não sou eu quem responde sempre às suas perguntas, é o espírito que fala pela minha boca, e eu sou um tranquilo espetador e auditor das suas discussões consigo.» Nós, contudo, não estamos nem entre selvagens nem entre bárbaros; não, mas estamos entre loucos e visionários; isso equivale ao mesmo.

Passaremos agora à Grécia e perguntaremos a Lamprias, irmão de Plutarco, o que pensava ele da imortalidade da alma.

Grécia. — *Plutarco.* — Tratado sobre o «Desaparecimento dos Oráculos, Anais do Magnetismo», página 70:

«Tendo um dos interlocutores do tratado em questão exposto que a profecia era meramente a obra de génios que animavam os oráculos e revelavam às nossas almas o que se passava à distância e num tempo futuro, Lamprias, o irmão de Plutarco, combate este sistema e expressa-se assim:

"Por que razão deveríamos privar as almas unidas aos corpos desta faculdade natural aos génios, de conhecer e predizer o futuro? Não é de modo algum provável que as almas, após a sua separação do corpo, adquiram quaisquer propriedades que não possuíssem anteriormente; têm sempre as mesmas faculdades, mas meramente menos perfeitas quando as almas estão unidas ao corpo. Destas faculdades, algumas são obscuras e ocultas, outras fracas e pálidas; tendo estas ficado embotadas e tardias, como são os nossos olhares através das nuvens, precisam de remédios eficazes para as restabelecer na integridade da sua natureza e as libertar de tudo quanto retarda a sua atividade. Assim como o sol não se torna luminoso ao emergir de uma nuvem, e como, sempre brilhante pela sua natureza, aparece obscurecido apenas por razão da nuvem que o oculta; da mesma forma a alma não adquire a faculdade de predizer quando emergiu do corpo como de uma nuvem; possui esta faculdade enquanto unida ao corpo, mas a sua íntima união com uma natureza mortal adormece a sua atividade."»

Quem poderia nos dias de hoje combater a opinião proferida por Lamprias e as ficções de que se serve para demonstrar as faculdades da alma no estado material e no espiritual? É correto admitir que os espíritos podem esclarecer as nossas clarividentes, para lhes poupar o trabalho de fazer pesquisas que muito frequentemente as fatigam; mas não é menos justo admitir que estas clarividentes podem dispensar a sua assistência, visto que possuem esta mesma propriedade. Que progresso fez a ciência psicológica desde esse período? Nenhum; visto que nos dias de hoje, com a assistência demonstrativa do magnetismo, do sonambulismo e do êxtase, os homens ainda duvidam da existência da alma. Oh! reinado da civilização, as tuas locomotivas fazem o teu corpo material vencer o espaço dez

vezes mais rapidamente do que outrora, mas o teu raciocínio precisa grandemente de uma locomotiva espiritual para regressar a Lamprias e escutar as suas lições.

Perguntemos a Aristóteles, enquanto estamos na terra clássica da filosofia, o que pensava ele da imortalidade da alma. Na «Explicação das Doutrinas de Aristóteles», de Cícero, este último faz o filósofo falar assim:

«As almas não derivam a sua origem da terra. Não admitem qualquer mistura, qualquer concreção, qualquer extrato ou substância de corpos terrestres, ou da da água, do ar ou do fogo; pois, nas diversas naturezas destes elementos, não há nada que seja suscetível das faculdades da memória, do entendimento, do pensamento; nada que seja capaz de reter o passado, prever o futuro, abraçar o presente. Tudo isto não pode ser senão dons Divinos, e nunca se dirá de quem o homem os recebeu, se não do próprio Deus. A alma é, portanto, de uma natureza singular, e distinta de todas as outras naturezas. Assim, seja o que for que dentro de nós sente, pensa, deseja e nos anima, é algo de celestial, divino e, consequentemente, imperecível.»

Já que estamos com Cícero, tiremos partido disso para indagar das suas opiniões sobre este ponto.

Roma. — *Cícero.* — Livro sobre a Velhice. — O orador põe na boca de Catão estas palavras notáveis:

«Estou persuadido de que os vossos pais, essas ilustres personagens que eu tanto amei, não cessaram de viver, embora tenham passado pela morte; e que estão ainda a viver essa sorte de vida que só por si merece ser chamada por esse nome; pois enquanto estamos nos laços do corpo somos como escravos na cadeia, visto que a nossa alma é divina, a qual, do céu, como lugar da sua origem, é arremessada para baixo, e, por assim dizer, enterrada nesta região baixa da terra, que é um lugar de exílio e castigo para uma substância celestial e eterna pela sua natureza.

* * * *

Em suma, quando percebo que atividade há nas nossas mentes, que memória do passado, que previsão do futuro; quando tomo em consideração o número de artes, ciências e descobertas a que chegaram, creio e estou plenamente persuadido de que uma

natureza que possui em si mesma o alicerce de tantas coisas não pode ser mortal.» * * * *

Discurso de Ciro, no momento de morrer, aos seus filhos:

«Acautelai-vos de crer, meus caros filhos», disse-lhes ele, «que eu não sou já nada, ou que não estou já em parte alguma quando vos tiver deixado; pois, ao tempo em que estava convosco, não víeis o meu espírito; mas o que me víeis fazer fazia-vos pensar que havia um dentro do meu corpo. Não duvideis, portanto, de que este espírito subsistirá mesmo depois de ter sido separado dele, embora não seja já percetível por qualquer forma. Pela minha parte, nunca me pude persuadir de que os nossos espíritos vivem apenas enquanto estão dentro dos nossos corpos; e que morrem quando os deixam, ou que permanecem, desprovidos de inteligência e sabedoria, quando desprendidos de um corpo que não tem por si mesmo nem sentido nem razão; creio, pelo contrário, que quando o espírito, desprendido da matéria, se encontra em toda a pureza e simplicidade da sua natureza, é então que possui mais luz e sabedoria.»

No mesmo livro, Catão exclama:

«Pela minha parte, anseio de todo o coração por me reajuntar aos vossos pais, a quem tão carinhosamente amei e venerei; e não apenas a esses grandes homens que conheci, mas até àqueles de quem ouvi falar, e de quem li, ou cujas ações eu próprio escrevi.

Vou, pois, ao seu encontro com tanta alegria que seria difícil reter-me; e não me daria prazer algum ser fundido de novo, como Pélias, para me renovar e me permitir recomeçar a vida. Não, embora algum deus quisesse levar-me de volta à infância e colocar-me mais uma vez no berço para recomeçar uma nova vida, opor-me-ia a isso com toda a minha força, e do fim da carreira em que agora estou não desejaria ser recolocado no seu começo.

* * * * * * *

Oh! um dia feliz será aquele em que deixarei esta multidão impura e corrupta para me reajuntar àquela divina e feliz turba de grandes almas que deixaram a terra antes de mim. Encontrarei ali não apenas esses grandes homens de quem falei, mas também o

meu caro Catão, de quem posso dizer que foi um dos melhores homens, da melhor das índoles, e um dos mais fieis aos seus deveres que jamais se viu. Coloquei o seu corpo na pira fúnebre, ao passo que ele deveria ter colocado na minha o meu. Mas a sua alma não me deixou; e sem me perder de vista, meramente me precedeu para um país onde viu que eu em breve me reajuntaria a ele. Se suportei a perda de tal filho com algum grau de firmeza, não é que não estivesse tocado com ela até ao vivo; mas consolei-me com o pensamento de que não estávamos separados por muito tempo.»

Dispensar-me-ei de acrescentar quaisquer reflexões a um trecho tão eloquente; estou demasiado penetrado de admiração por estes grandes homens e pela insuficiência de quaisquer observações minhas para fazer a tentativa. Não deixaremos a rainha do mundo, agora simples Itália, antes de nos dirigirmos a Campanella, esse modelo dos filósofos da Cristandade. Encontrá-lo-emos digno, creio eu, dos grandes homens acima mencionados.

Itália. — *Campanella*. — Tradução da Senhora Louise Colet. — «Poesias», página 67.

«As almas na máscara do corpo apresentam, no teatro do mundo, aos habitantes do céu, o espetáculo da sua agitação.

Realizam as ações e dizem as coisas para que nasceram. Vão de cena em cena, e de coro em coro, por vezes joiosas, por vezes tristes, segundo o que se encontra ordenado no livro dramático.

Não sabem nem podem fazer nada mais senão o que a infinita sabedoria nele inscreveu para o bem de todos.» (Páginas 142-5.)

«A morte é doce para aquele para quem a vida é amarga. Aquele que nasce em lágrimas deve morrer a sorrir. Entreguemos finalmente estes miseráveis trapos ao destino que no-los empresta a uma taxa tão usurária. Antes de tomar de volta totalmente este corpo mortal, ele exige de nós a nossa audição, os nossos dentes e os nossos olhos tão caros. Toma tudo o que te pertence, ó avara terra! e por que razão não me levas a mim próprio para o Estige? Feliz daquele que escapa ao tempo!» (6.)

«Ó meu corpo! uma morte viva, ninho de ignorância, sepulcro que carrego comigo, veste de pecado e desgosto, peso de miséria e labirinto de erros, tu deténs-me aqui em baixo por carícias e pelo medo, para que eu não volte os meus olhos para o

céu, o bem supremo e a minha verdadeira morada; tu temes que, enamorado da sua beleza, te desdenhe e te abandone — um carvão morto.»

Página 132. — «Por que razão este desalento, ó minha alma? tu temes, talvez, que eu morra no meio destes imensos desgostos; deixa o terror para o vulgo, tu bem sabes que morrer significa deixar o que se ama. Se nada é resolvido no nada, nunca aquele que não está morto em si mesmo deve temer nada. Aquele que tem paz dentro de si não pode temer tribulação alguma. Não deixes que outro raciocínio prevaleça sobre ti, ou serias desviada.» (2.)

«Se uma pessoa material te não mantivesse escravizada, nenhum tirano o poderia fazer mais do que poderia escravizar os ventos soltos, os anjos e as estrelas. Os teus tormentos são menos nocivos para ti do que para aqueles que os infligem em ti; os teus tormentos libertam-te, ó minha alma; eles ressuscitam-te e arrancam-te da tua prisão e da tua sepultura, visto que, para ti, o corpo é ambas as coisas.» (7.)

Página 135. — «Pelos nossos fracos entendimentos e movimentos limitados percebemos apenas as coisas materiais que batem nas paredes da nossa prisão: mas as coisas poderosas e divinas escapam-nos, pois arrombariam o nosso frágil invólucro. Somos incapazes de nos familiarizarmos com as virtudes secretas das coisas porque a nossa organização apresenta um obstáculo a que o façamos. Os mais sábios aqui em baixo possuem apenas a aparência da verdade.» (2.)

Página 138. — «Ó minha alma! quando tiveres uma vez deixado este corpo, que agora temes abandonar, nutrirás tal aversão por ele que, se Deus te propusesse restituir-to, formado de ferro e vidro, para que não temesse nem choques nem obscuridade, recusarias com lágrimas, a não ser que te fosse restituído totalmente celestial, como o do Salvador quando ressuscitou dos mortos.» (3.)

«Ao contemplares o mundo imortal, com os seus deleites celestiais e as honras que os espíritos rendem a Deus, ficarás espantada por Ele Se dignar lançar um olhar sobre a nossa limitada terra, obscura e desprovida de beleza — sobre esta terra, onde ressoam tantas blasfémias que se diria que Deus a

abandonou — sobre esta terra, habitada pelo ódio, pela morte, pela guerra e pela ignorância.»

«Verás o céu e a terra a combaterem assim como o calor e o frio; verás como, para diversão dos seres superiores, a natureza, com tudo isto, forma vento, água, plantas, metais e pedras; perceberás como a dor e o prazer transformam os seres.» (5.)

«Verás o todo e as partes participarem no poder da inteligência e da razão, e como Deus, fazendo uso do destino e da harmonia, ordena o drama universal e dispõe das almas com vista à representação ativa e ininterrupta deste drama.»

Pobre ator na sua comédia humana, que teve um papel tão doloroso para representar, quantas vezes, do seio do seu duplo calabouço, a tua alma teria deixado o teu corpo, carregado de ferros, para tirar dos céus a coragem que sabias opor aos carrascos que te arrancavam a carne com tenazes incandescentes pelo cego prazer de ver correr o teu sangue. Se a tua felicidade é tão grande quanto os teus sofrimentos foram agudos, és certamente um dos mais felizes no reino do céu. Deixar-te-emos e passaremos à Suécia, para junto do nosso muitíssimo amado irmão Swedenborg, para lhe pedir algumas novas revelações para aqueles que não leram as suas obras.

Suécia. — *Swedenborg*. — Página 9. — Num discurso preliminar, para servir de guia na leitura das obras de Swedenborg, pelo Capitão Fraiche (brochura em 8.º, 1848), encontramos os seguintes pormenores respeitantes a este célebre profeta extático:

— «Emmanuel Swedenborg nasceu em Upsala, na Suécia, a 29 de janeiro de 1688, numa classe distinta da sociedade. Foi colocado desde a sua mais tenra juventude num tribunal importante, e distinguiu-se ali pelos seus conhecimentos e integridade; escritos sólidos e numerosos sobre mineralogia, física e astronomia tornaram-no em breve conhecido no mundo sábio. Estimado e amado pelos seus conhecimentos e virtude, sempre útil e irrepreensível, Swedenborg abandonou, por volta do ano de 1740, os negócios temporais para se ocupar apenas de matérias espirituais. Em 1743 recebeu os primeiros favores e as primeiras ordens do céu.» * * *

A partir deste período até ao tempo da sua morte, que teve lugar em Londres, a 29 de março de 1772, publicou várias obras, todas escritas em latim, sobre matérias espirituais.

Nota 5. — «Independentemente da comunicação com o céu, e da inspiração de que Swedenborg foi favorecido durante o resto da sua vida, ele espantou os seus concidadãos por várias coisas maravilhosas. Citaremos algumas das mais interessantes e melhor atestadas:

1. Foi feita uma exigência a uma senhora da corte de Estocolmo sobre uma dívida, a qual ela bem sabia que o seu marido tinha satisfeito antes do seu falecimento; mas não encontrando o recibo, e receosa de ter de pagar duas vezes, foi ter com Swedenborg. Ele disse-lhe, no dia seguinte, que tinha falado com o marido dela, o qual lhe tinha dito onde estava o recibo. O falecido apareceu também num sonho à sua viúva, vestido com o roupão que vestia antes da sua morte, e disse-lhe que o recibo estava em tal lugar, onde ela o encontrou. Ela costumava relatar esta estranha aventura, a qual a rainha da Suécia confirmou desde então em Berlim, aquando de uma visita ao rei, seu irmão.

2. Estando em Gotemburgo, a sessenta milhas de Estocolmo, anunciou, três dias antes da chegada do correio, o incêndio que devastou Estocolmo e a hora precisa em que eclodiu; e, sem ter recebido nenhuma notícia, disse também que a sua própria casa tinha sido poupada pelas chamas.

3. Embarcando em Londres no navio do Capitão Dixon, alguém perguntou a este último se tinha feito uma grande provisão de mantimentos, ao que Swedenborg observou: *«Não precisamos de tanta fartura, pois daqui a uma semana, às duas horas, estaremos em Estocolmo.»* A predição, como o Capitão Dixon atestou, foi literalmente cumprida.»

Nota 7. — «Em 1758, pouco tempo depois da morte do rei da Prússia, Swedenborg foi à corte, onde costumava ir. Mal tinha sido visto por sua majestade, ela disse-lhe: *«Monsieur o assessor, viu o meu irmão?»* Swedenborg respondeu que não; e a rainha retorquiu: *«Se o encontrar, lembre-me a ele.»* Ao dizer isto, ela pretendia meramente fazer uma brincadeira, e não tinha qualquer pensamento de lhe pedir qualquer informação a respeito do seu irmão. Uma semana depois, Swedenborg foi novamente à corte,

mas a uma hora tão precoce que a rainha não tinha ainda deixado o seu aposento, chamado o Quarto Branco, onde estava a conversar com as suas damas de honra e outras senhoras da corte. Swedenborg não espera pela saída da rainha; entra diretamente no aposento e segreda-lhe ao ouvido. A rainha, atingida de espanto, desmaia, e esteve algum tempo antes de recuperar. Volvida a si mesma, disse aos que a cercavam: *«Apenas Deus e o meu irmão poderiam ter sabido o que ele me acabou de dizer.»* Ela confessou que ele lhe tinha mencionado a sua última correspondência com esse príncipe, cujo assunto era conhecido apenas por eles próprios.»

Nota 8. — «Como religião, a doutrina de Swedenborg está já propagada na Suécia, Prússia, Países Baixos, Suíça, Alemanha e até na Rússia; em Inglaterra, quarenta e quatro cidades contam já com outros tantos templos; nos Estados Unidos havia setenta e dois em 1827. Numerosos jornais eruditos propagam esta doutrina na Europa, bem como no Novo Mundo», etc., etc.

Eis um ligeiro esboço da reputação do homem com quem entretenho os nossos leitores; um homem digno do respeito, admiração e veneração de todos os espiritualistas; o maior e mais verdadeiro génio do século dezoito.

Alguns pretensos filósofos desejam refutar os seus admiráveis escritos por argumentos dignos dos seus conhecimentos.

Era um visionário, dizem eles. Este nome vale bem o de cegos, que justamente lhes pertence.

Era um louco — de quem, até ao dia de hoje, não puderam prescindir nas suas obras nas minas.

Não discutamos com estes eruditos senhores; não nos poderíamos erguer até eles, infinitamente insignificantes como somos; passemos antes a alguns extratos do tratado sobre o céu e o inferno, por este maníaco — com quem, contudo, ficaríamos muitíssimo felizes por jogar uma cartada no mundo espiritual:

Art. 439. — «Para lançar mais luz sobre esta verdade, de que o homem é um espírito quanto ao seu interior, desejaria relatar, pela experiência, o que acontece quando o homem é retirado do

seu corpo, e como, através do espírito, é transportado para outro lugar.

Art. 440. — Quanto ao que respeita ao primeiro ponto de ser retirado do seu corpo, eis a maneira como é efetuado: O homem é conduzido a um certo estado, mantendo um meio-termo entre o sono e a vigília; quando está neste estado não pode saber senão que vigia: pois todos os seus sentidos estão tão despertos que se encontra na mais perfeita vigília do corpo; a vista e a audição são perfeitas e muitíssimo admiráveis nesta situação; o tato também, que se encontra mais requintado e distinto do que jamais poderia ser nas operações do corpo, está perfeitamente desperto. É neste estado que tenho visto espíritos e anjos — visto-os *ad vivum* — até ouvido, e, o que a princípio estranhamente me surpreendeu, tocado neles, sem encontrar quase diferença alguma neles em relação ao tato de um corpo. Este estado é aquele em que se diz estarmos retirados do nosso corpo, e não sabendo se estamos dentro ou fora do nosso corpo. Fui três ou quatro vezes transportado a este estado, meramente para que pudesse ficar a conhecer a qualidade deste estado, e ao mesmo tempo saber que os espíritos e anjos têm o gozo de todos os seus sentidos, e que o homem, da mesma forma, goza deles quanto ao espírito quando retirado do seu corpo.»

Será possível descrever o êxtase melhor?

Art. 447. — «O espírito do homem, após a separação, permanece um curto tempo no corpo, mas apenas até à cessação total do coração; isto acontece diferentemente, segundo a natureza da doença de que o homem morre, pois o movimento do coração em alguns dura um certo tempo, e em outros cessa de vez; mal este movimento cessa, o homem é ressuscitado, mas isto é operado apenas pelo Senhor. Por ressurreição entendemos o espírito do homem a deixar o corpo e a ser introduzido no mundo espiritual; corretamente falando, esta ressurreição deveria ser chamada o despertar.»

Art. 452. — «Conversei com espíritos três dias após a sua morte, e todas as operações que detalhei nos n.os 449, 450 estavam já consumadas. Conversei com três espíritos que tinham

sido conhecidos meus na sua vida no mundo, disse-lhes que as suas exéquias estavam a ser preparadas e os seus corpos a serem enterrados no momento em que lhes falava; à palavra *enterrados,* ficaram atingidos do maior espanto, dizendo que estavam vivos e a pôr em ordem o que lhes era útil no mundo. Depois, estando melhor informados, ficaram inteiramente estupefactos por durante todo o tempo em que tinham vivido na terra não terem crido na possibilidade de tal vida após a morte.

Daí que todos aqueles que vêm do mundo para a outra vida ficam extremamente surpreendidos ao perceberem que vivem, e são homens, como tinham sido anteriormente; ao perceberem que ouvem, veem e falam; ao perceberem que até o seu corpo goza do sentido do tato, como antes; mas o mais surpreendente de tudo para eles, quando cessaram de se maravilhar com esta nova situação (n.º 74), é perceberem que a igreja nada sabe de tal estado para o homem após a morte, e, consequentemente, nada sabe do céu e do inferno, quando, no entanto, todos aqueles que viveram no mundo estão agora na outra vida e vivem como homens, como ficaram espantados, também, por esta verdade não ter sido manifestada ao homem por visão, visto ser tão essencial à fé da igreja. Foi-lhes dito, do céu, que isto se poderia fazer; pois não há nada mais fácil quando apraz ao Senhor, mas que nunca aqueles que foram confirmados em erros contra verdades creriam nessas verdades, mesmo que as vissem.»

Percorra-se mais uma vez a 132.ª sessão dos "Segredos", onde se verá, na aparição do meu pai, a verdade do que Swedenborg aqui revela quanto à ignorância momentânea em que se encontram certos espíritos que não creem que estão mortos.

Art. 493. — «O primeiro estado do homem após a morte é inteiramente similar ao seu estado neste mundo, porque então é o mesmo quanto aos exteriores; assim, a sua fisionomia, linguagem, caráter — em suma, a sua vida moral e civil — são similares ao que ele foi no mundo; daí que aquele que está no mundo dos espíritos não sabe senão que está ainda na terra, a não ser que note os objetos que estão diante dos seus olhos, e as coisas que lhe foram ditas pelos anjos no momento da sua ressurreição, a fim de

lhe assegurar que era agora um espírito (n.º 450). Assim, uma vida é continuada noutra vida, e a morte é apenas uma passagem.

Como o novo espírito do homem após a sua vida no mundo é tal, é então reconhecido pelos seus amigos e por aqueles cuja sociedade costumava frequentar no mundo; pois os espíritos reconhecem-no não apenas pela sua fisionomia e linguagem, mas também pela sua esfera de vida quando se aproximam do espírito recém-chegado. Cada um, na outra vida, enquanto está a pensar noutro, tem imediatamente a fisionomia da pessoa que o ocupa no seu pensamento, e ao mesmo tempo vários atos e ações da sua vida são retratados diante dos seus olhos; e quando está neste estado de reminiscência, o objeto lembrado torna-se para ele presente, como se fosse chamado e trazido diante dele. O mesmo efeito existe no mundo dos espíritos, porque os pensamentos são ali comunicados, e porque ali o espaço não é já conhecido como no mundo natural (n.os 191, 199). Daí que, mal chegam à outra vida, são reconhecidos pelos seus amigos, pelos seus parentes, pelos seus pais, por aqueles mesmo que tinham apenas uma ligeira ligação com eles. Falam uns com os outros e, em suma, renovam as familiaridades e amizades que os tinham unido no mundo natural. Várias vezes ouvi aqueles que vinham do mundo que habitamos; estavam transportados de alegria por contemplarem de novo os seus amigos, e os seus amigos participavam desta alegria ao vê-los chegar e ficarem reunidos a eles.

É uma coisa muito comum os maridos voltarem a encontrar-se com as suas mulheres, as mulheres com os seus maridos, e congratularem-se mutuamente no seu encontro; depois permanecem juntos por um período mais longo ou mais curto, segundo o grau de afeição que sentiam um pelo outro neste mundo; e, em suma, se um amor verdadeiramente conjugal os não tivesse unido (um amor que é a conjunção de duas almas pelo amor celestial), um curto tempo após a sua nova reunião separam-se. Se as almas de casais casados viveram em dissensão — se se odiaram interiormente — mostram agora abertamente a sua aversão mútua, e muitas vezes até se maltratam e lutam, sem serem capazes, contudo, de se separar até ao momento da sua

passagem para o segundo estado, de que tratarei no artigo seguinte.»

Somos conscientes de que não pode ser de outro modo: não há transição possível entre os dois géneros existentes; deve ser, como vimos, uma continuação de afeições que não podem desaparecer subitamente. Na harmonia da natureza não pode haver tais escapadelas; há progressão, mas pelo dente dessa roda universal e eterna, da qual um único dente não pode ser partido sem desarranjar a máquina. Os magnetizadores, que sabem com que facilidade as clarividentes comunicam com lugares e pessoas à distância, prontamente admitirão que deve ser assim no céu, onde os espaços existem muito menos do que na terra. Não é, portanto, incrível que mal pensemos num amigo falecido ele esteja imediatamente connosco; se o não vemos e não o sentimos, é porque os nossos órgãos estão demasiado paralisados; mas a clarividente em breve nos prova a verdade desta revelação, descrevendo-o para nós e conversando com ele.

Quem ousaria ainda tratar Swedenborg como um louco após tão bela descrição das faculdades sonâmbulas, que certamente não eram conhecidas no seu tempo como nos nossos dias?

Art. 507. — «Quando os espíritos estão neste segundo estado, aparecem tal como eram quando no mundo físico; então, as coisas que fizeram e pronunciaram no mais absoluto segredo são manifestadas em pleno dia; pois então, como as aparências externas os não acorrentam já, falam abertamente, esforçam-se por fazer abertamente coisas similares àquelas que fizeram e disseram em segredo na sua vida terrena, não temendo já a perda da sua reputação, e não estando já aterrorizados pelos outros motivos que os mantinham sob controlo no mundo; consequentemente, são mostrados nos seus respetivos estados pecaminosos para que possam aparecer tal como realmente são aos anjos e bons espíritos que os examinam. É assim que as coisas mais secretas são descobertas, as obras mais clandestinas desveladas. Segundo as palavras do Senhor: *«Porque nada há encoberto que não haja de ser revelado; nem oculto que não haja de ser sabido. Porquanto tudo o que dijestes nas trevas será ouvido à luz; e o que falastes ao ouvido nos gabinetes será*

proclamado sobre os telhados.» (S. Lucas, XII, 2, 3.) *«Mas eu vos digo que de toda a palavra ociosa que os homens falarem hão de dar conta no dia do juízo.»* (S. Mateus, XII, 36.)»

Na terra há algo que possamos ocultar da perceção de uma clarividente? Não é, portanto, ridículo admitir que no mundo dos espíritos ninguém é já capaz de ocultar nada; é o livro da vida que estará aberto para todos. As máscaras de calma a ocultar a raiva, sorrisos a ocultar a amargura, virtude a ocultar o vício, serão deixadas na terra. Não podemos negar estas verdades depois de ter estudado o sonambulismo magnético. Precisamos de convidar os nossos leitores a uma leitura das obras do sábio sueco? Não, estas poucas passagens, estamos certos disso, serão um convite melhor do que qualquer um que pudéssemos dar. Abstemo-nos, portanto, de toda a insinuação a este respeito.

Passaremos à Alemanha, para consultar um filósofo altamente exaltado, e merecidamente, pelos nossos sabichões do dia.

Alemanha. — «Fichte, sobre o Destino do Homem»: Tradução de 1836: página 254:

«Além disso, não é de hoje que esta convicção existe em mim. Muito antes de a consciência ter falado com a sua autoridade irresistível, não podia contemplar o mundo real por um único instante sem sentir erguer-se dentro de mim, direi a esperança? direi o desejo? Não: melhor do que isso, mais do que isso — a irrefutável certeza de outro mundo. A cada olhar que deixo cair sobre os homens ou sobre a natureza, a cada reflexão engendrada na minha mente pelo singular contraste da imensidade dos desejos do homem e da sua miséria real, uma voz interior erguia-se dentro de mim e dizia: *«Oh! nada de tudo isto pode ser eterno; fica persuadido disso, outro mundo existe, outro e melhor mundo. * * * Como, bebo, para que possa comer e beber de novo. A sepultura, incessantemente aberta, agarra a sua presa; desço a ela para me tornar o alimento de vermes: deixo atrás de mim seres similares a mim próprio, para que possam comer e beber até morrerem, eles próprios substituídos por outros, similares a eles, que por sua vez farão as mesmas coisas.*

Tal é a minha vida, tal é o mundo; é um círculo a girar eternamente sobre si mesmo; é um espetáculo fantástico, onde

tudo nasce para morrer, e morre para nascer de novo; é uma hidra com inúmeras cabeças, nunca cansada de se devorar a si mesma a fim de se reproduzir, e reproduzindo-se para se devorar a si mesma de novo. Crerei, então, que é no círculo destas monstruosas e eternas vicissitudes que todos os esforços da humanidade se devem desperdiçar em esforços inúteis? Não crerei antes que, se a humanidade os sofre, é apenas momentaneamente, com a vista de chegar a um estado que permanecerá final, para alcançar finalmente um lugar de descanso onde, recuperando de tantas fadigas, permanecerá imóvel para a eternidade, acima das vagas agitadas do oceano das eras.»

Página 363. — «Enquanto aqui em baixo choramos por um homem, como teríamos uma causa apenas demasiado justa para o fazer se ele estivesse privado para sempre da luz do sol, se ele fosse vaguear para a eternidade nessas imensas solidões onde não existe a consciência de si mesmo, onde ele se afundou para nunca mais emergir no sombrio reino do nada: acima de nós, outras criaturas, sem dúvida, regozijam-se com o nascimento deste homem no seu mundo novo para ele, como neste nos regozijamos com o nascimento de um dos nossos filhos.

Possa o dia em que me hei de reajuntar a ele chegar rapidamente! Deixarei o luto e o desgosto à terra que deixarei, e esse dia será para mim o mais bem-vindo de todos.»

Regressemos a França, a nossa querida pátria, que se diz ser a menos filosófica e a mais leve de todas as nações. Provaremos aos seus inimigos que proferiram uma falsidade, e que as nossas bibliotecas fervilham de obras que mostram grande meditação do espírito e um amor pelo espiritualismo mais refinado do que entre muitas outras nações. Não admitindo os limites desta obra que citemos todos os autores de que temos conhecimento que trataram desta grande questão, selecionaremos de entre eles alguns que o fizeram sob o nosso ponto de vista:

França. — *Pierre Le Loyer*. — Este escritor do século dezassete aparece aos olhos da presente geração como uma personagem supersticiosa, que viveu apenas entre demónios. Façamos-lhe um pouco mais de justiça; ele merece ser admitido como um escritor consciencioso e esclarecido, que — tendo sido

capaz, pela sua posição social, de ver, comparar e julgar os factos que relata — tinha o direito de se pronunciar como fez. Tivesse ele sido um pouco menos devoto, teria sido um filósofo ainda maior. Uma coisa não destrói a outra; meramente o prejudica no julgamento de algumas pessoas que nada concedem aos seus semelhantes. Le Loyer representa a filosofia e as crenças da sua época.

No seu tratado sobre «Espetros e Aparições, ou Visões de Anjos e Demónios, Mostrando-se Sensivelmente aos Homens» (1586, 4.º livro, página 85), encontro que ele diz:

«O Rei Avenzoar Albumazar, um grande filósofo e médico, acreditava também na aparição das almas; pois deixou registado que, tendo uma doença num dos seus olhos e nenhuma esperança de encontrar remédio, contemplou, enquanto dormia, um falecido amigo seu, um médico, que lhe disse que remédios aplicar para recuperar a sua vista; — e Avicena segue, na maior parte, a opinião de Platão quanto às almas; e como Platão chamou ao corpo a sepultura da alma, assim por Avicena o corpo é chamado a paralisia da alma, através da qual ela não pode livremente realizar as suas funções e ações; e quanto à felicidade da alma após a morte do corpo, ele concorda ainda com Platão, exceto na condenação dos danados, o castigo dos quais consiste, diz ele, num desgosto contínuo por estarem privados do que mais desejaram, crendo que não há outro tormento para a alma (que é o fogo eterno) senão o de estar privada da vista de Deus — doutrina que Platão não mantinha.»

Página 88. — «Certamente os brâmanes, os discípulos sacerdotais dos bragmanes, que habitam em Calcutá, nas Índias Orientais, além de crerem na imortalidade das almas, pensam que elas podem ser evocadas pela necromancia, e são os maiores mágicos nesta parte das Índias.»

Página 150. — «Precisamos de uma solução mais bela do que a de Santo Agostinho, que, após ter devida e diligentemente discutido a questão da aparição dos mortos, finalmente a desvenda e dela dispõe desta maneira: *«Se»*, disse ele, *«considerarmos como falsas as aparições que os fiéis e católicos declaram ter visto, e se dermos tão pouco valor ao testemunho daqueles que declaram ter visto e ouvido com os seus sentidos*

corporais as almas dos mortos, seríamos justamente reputados como demasiado arrojados e incrédulos.» Assim, Santo Agostinho funda a sua opinião naquilo em que a generalidade dos homens crê, e principalmente os bons e fiéis cristãos que, no seu tempo, declaravam e mantinham que as almas tinham sido vistas após a separação do corpo.»

No que se acreditava nessa altura pode certamente acreditar-se agora, quando Deus nos permite entrar em comunicação com as almas, através do meio do sonambulismo, a qualquer tempo e a qualquer hora.

Delachambre. — O sistema da alma, por Delachambre, publicado em 1665, dá um resumo bastante bom das crenças e das longas disputas teológicas do século dezassete. Esta obra, altamente metafísica, é digna de ser estudada pelos magnetizadores. Encontramos, na página 53, estas reflexões:

«A maior dificuldade é saber se a comunicação que os homens têm com os anjos e com as almas separadas se pode realizar da mesma maneira (encontrando-se imediatamente); pois não se pode duvidar de que haja alguma sociedade entre nós e eles, visto que a há entre todas as naturezas inteligentes, e visto que a comunicação que devemos ter juntos é um ponto de verdadeira religião; os anjos e as almas abençoadas podem, na verdade, vir até nós, penetrar-nos e unir-se aos nossos pensamentos, mas nós não podemos ir até eles se eles estiverem no céu. O que pode, então, ser dos nossos desejos e das nossas orações com respeito a eles? como deveriam eles, estando tão longe, conhecer as nossas necessidades e os nossos desejos?»

Página 404. — «Não se deve, contudo, supor que a forma da alma e dos anjos seja fixa e determinada, como a dos corpos sólidos; é vaga e mutável como a do ar e dos líquidos, que assumem a forma de todos os corpos sólidos que os cercam, e a diferença é esta, que a vivacidade das formas que sobrevêm a estes últimos é de necessidade, e aquela que se encontra nas substâncias espirituais depende da sua vontade; pois, como movem como lhes apraz todas as suas partes, assumem também qualquer forma que desejem.»

Esta proposição vem em apoio do que nos foi revelado relativamente às formas que as almas desprendidas da matéria

podem assumir. Na primeira proposição, o Sr. Delachambre (que pode justamente passar por um filósofo de grande mérito) considera uma ideia muito racional que a alma das pessoas falecidas se comunique instantaneamente com a dos homens terrestres, em conformidade com os desejos destes últimos. Ele tira assim as suas conclusões daí, por raciocínios não sistemáticos, mas verdadeiramente teológicos.

Lebrun. — Vejamos o que o R. P. Lebrun pensa disso na sua «História Crítica das Práticas Supersticiosas», 2.ª edição, vol. II, 1732, página 227:

«Sem dúvida era uma superstição abominável pretender fazer falar os mortos a fim de devassar o futuro. Deus tinha dito distintamente que isso era consultar o Maligno, e era um crime merecedor da morte: ainda assim Saul, desdenhando a proibição e a pena, aventurou-se a consultar uma bruxa, e a pedir-lhe que ressuscitasse e fizesse aparecer Samuel. Embora o Maligno não tivesse poder sobre este profeta, e pudesse apenas assumir a sua fisionomia e a sua voz, Deus, no entanto, permite que o próprio Samuel venha e fale a Saul, o exprobre pelos seus crimes e lhe anuncie a sua destruição. Estou ciente de que se disputa se o que então apareceu foi a sombra de Samuel ou o próprio profeta! Estou também ciente de que algumas pessoas indagam se foi sobrenatural ou uma pura impostura! Mas este é um ponto sobre o qual não pode haver nem questão nem dúvida. Aqueles que disputam não prestaram atenção ao que se diz no Eclesiástico, pois este livro sagrado informa-nos distintamente de que Samuel, estando morto, fez saber ao rei o que lhe aconteceria:

«E após a sua morte, ele profetizou, e mostrou ao rei o seu fim, e ergueu a sua voz da terra em profecia, para apagar a iniquidade do povo.» Eis, então, Samuel a profetizar após a sua morte, e Deus a fazer, no meio das superstições abomináveis da bruxa, o que a arte diabólica não poderia ter operado.»

Não deixe que isso o espante, Padre Lebrun; não havia na ciência da bruxa nada de mais repreensível do que aquilo que lhe apraz aprovar em favor da sua doutrina. Uma aparição é um facto, é isso o que desejávamos registar, visto que estamos no século dezanove. Continuemos.

Voltaire. — Abramos por um instante o «Dicionário Filosófico», a panaceia dos materialistas, no qual o Sr. Arouet de Voltaire se dignou escrever algumas páginas. Artigo — «Homem», vol. V:

«Onde está o homem que, mal se recolhe em si mesmo, não sente que não passa de um mero fantoche da Providência? Penso, mas posso transmitir a mim mesmo um pensamento? Ai de mim! se eu pensasse de mim mesmo, saberia que ideia teria num momento; ninguém o sabe.

Adquiro um conhecimento, mas não o poderia ter transmitido a mim mesmo; a minha inteligência não poderia ter sido a causa disso, visto que a causa deve conter o efeito; ora, não estando o meu primeiro conhecimento adquirido na minha inteligência, não estando em mim, visto que tem sido o primeiro, tem-me sido transmitido por Aquele que me formou e é o dador de tudo, seja Ele o que for.

Fico inteiramente perdido e humilhado quando me fazem perceber que o meu primeiro conhecimento não pode de si mesmo transmitir-me um segundo, visto ser necessário que o contivesse dentro de si mesmo.

A prova de que não transmitimos a nós mesmos qualquer ideia é que recebemos muitas nos nossos sonhos, e, certamente, não é nem a nossa vontade nem a nossa atenção que nos faz pensar num sonho. Há poetas que compõem versos enquanto dormem, geómetras que medem triângulos; tudo isto nos prova que há um poder que age dentro de nós sem nos consultar.

Todos os nossos sentimentos não são involuntários? — a audição, a vista, o paladar nada são de si mesmos; estamos conscientes a nosso despeito, nada sabemos — nada somos sem um poder supremo que faz tudo.»

Quem se atreveria agora a dizer que este artigo é a obra de um materialista? Que espiritualista jamais meditou melhor?

Artigo — «Magia», vol. VI, ed. 1785. — «A magia é uma ciência muito mais plausível do que a astrologia e a doutrina dos génios. Mal começamos a pensar que há no homem um ser inteiramente distinto da máquina, e que o entendimento subsiste após a morte, do que damos a este entendimento um corpo delicado, subtil, aéreo, assemelhando-se ao corpo no qual estava

alojado; duas razões, perfeitamente naturais, convidam a esta opinião: — a primeira é esta, que em todas as línguas a alma foi chamada sopro, espírito, vento; este espírito, vento, sopro estava em algo de muito pequeno e muito delicado.

A segunda — que se a alma de um homem não tivesse conservado uma forma similar àquela que possuía durante a sua vida, teríamos sido incapazes, após a morte, de distinguir a alma de um homem da de outro. Esta alma, esta sombra que subsistia, separada do seu corpo, poderia muito bem mostrar-se num caso de emergência, ver de novo os lugares que tinha habitado, visitar os seus parentes, os seus amigos, falar-lhes, instruí-los. Em tudo isto não havia incompatibilidade alguma; o que é, é capaz de aparecer.»

Quem, por favor, após tal confissão, temeria o ridículo ao fazer uma similar? — Encontrar, no «Dicionário Filosófico», estas palavras: «A alma pode ver de novo os lugares que tinha habitado»! Que novidade há naquilo que acabamos de dizer? O que é, então, que as clarividentes nos dizem que deva ser olhado como incrível? Nada. O «Dicionário Filosófico» foi tão longe quanto possível.

Saint-Martin. — Passaremos à leitura de algumas passagens contidas numa obra altamente estimada, intitulada «Erros e Verdade», por um filósofo desconhecido (atribuída a Saint-Martin), vol. I, página 31:

«Ninguém de boa-fé, e cuja razão não esteja nem obscurecida nem preconceituosa, deixa de compreender que a vida corpórea do homem é um estado de sofrimento e privação quase contínuos; assim, pelas ideias que formámos da justiça, não é sem razão que olhamos para a duração desta vida corpórea como um tempo de castigo e expiação, mas não podemos olhar para ela como tal sem imediatamente pensar que deve ter havido para o homem um estado anterior e preferível àquele em que agora se encontra; e podemos dizer que na proporção em que o seu estado atual é limitado, doloroso e semeado de desgosto, assim o outro deve ter sido ilimitado e cheio de deleite.

Cada um dos seus sofrimentos é um índice da felicidade que lhe falta; cada uma das suas privações prova que ele foi feito para o gozo, e a sua sujeição presente anuncia uma antiga autoridade;

numa palavra, sentir agora que não tem nada é uma prova secreta de que uma vez teve tudo.

Da dolorosa perceção do medonho estado em que agora o vemos podemos, portanto, formar para nós mesmos uma ideia do estado feliz em que ele estava anteriormente. Ele não é, no presente, o senhor dos seus pensamentos; e é um tormento para ele ter de esperar por aqueles que deseja e repelir aqueles que teme; daí sentirmos que ele foi feito para dispor destes mesmos pensamentos, e que os podia produzir à vontade; de onde é, também, fácil presumir as inestimáveis vantagens ligadas a tal poder; ele obtém, atualmente, uma certa quantidade de paz e tranquilidade apenas por esforços inauditos e sacrifícios dolorosos; daí concluirmos que ele foi feito para gozar, perpetuamente e sem trabalho, de um estado calmo e feliz, e que a morada da paz era a sua verdadeira habitação.

Possuindo a faculdade de ver tudo e saber tudo, ele, no entanto, rasteja nas trevas, estremecendo com a sua cegueira e ignorância. Não é isto uma prova certa de que a luz é o seu elemento? Finalmente, o seu corpo está sujeito à destruição; e esta morte, de que ele é a única criatura na natureza que tem uma ideia dela, é o passo mais terrível na sua carreira corpórea, o ato mais humilhante para ele, e aquele que ele mais tem em horror. Por que razão não deveria esta lei, tão severa e terrível para o homem, induzir-nos a pensar que o seu corpo tinha recebido um infinitamente mais glorioso, e estava destinado a gozar de todos os direitos da imortalidade!»

Página 43. — «É, portanto, evidente que este corpo material que carregamos é o órgão de todos os nossos sofrimentos; é, portanto, ele que, formando densos limites à nossa vista e a todas as nossas faculdades, nos mantém na privação e no sofrimento. Consequentemente, não devo já dissimular que a junção do homem a este grosseiro invólucro é o próprio castigo a que o seu pecado o sujeitou temporariamente, visto vermos os horríveis efeitos que ele sofre dele desde o momento em que é investido dele até àquele em que é despojado dele, e que daí é que começam e se perpetuam as provações sem as quais ele não pode restabelecer as relações que uma vez teve com a luz!»

Não farei observação alguma sobre esta passagem, que é a confirmação plena e inteira do que nos foi revelado relativamente a uma vida anterior, na qual estávamos, como diz Saint-Martin, possuidores de tudo o que agora precisamos.

Eis alguns fragmentos do mesmo autor, extraídos das suas últimas páginas sobre a morte:

«A sociedade do mundo em geral pareceu-me como um teatro onde devemos continuamente passar o nosso tempo a representar o nosso papel, onde nunca há um único momento para o aprender. A sociedade da sabedoria, pelo contrário, é uma escola onde continuamente passamos o nosso tempo a aprender o nosso papel, e onde apenas esperamos pelo erguer do pano, isto é, até que o véu do universo tenha desaparecido, para começar a representar.

Da maneira como as pessoas do mundo passam o seu tempo, dir-se-ia que têm medo de não ser suficientemente tolas.

A morte não passa de uma das horas do nosso mostrador, e o nosso mostrador deve girar para sempre.

A esperança da morte forma a consolação dos meus dias; por isso desejaria que os homens nunca dissessem "a outra vida", pois há apenas uma vida.

Vi que os homens ficavam espantados por morrer, e não ficavam espantados por nascer; isto, contudo, deveria mais justamente excitar a sua surpresa e admiração.

Não é doloroso para o pensamento ver que o homem passa a sua vida a aprender como a deveria passar?

Nada é mais fácil do que chegar à porta da verdade, nada mais raro e difícil do que entrar nela, e tal é o caso com a maioria dos sábios deste mundo.

Se após a nossa morte este mundo nos devesse aparecer apenas como um transe, por que razão o não deveríamos considerar como tal desde este momento? A natureza das coisas não pode mudar.

Como a nossa existência material não é a vida, a nossa destruição material não é a morte.

O homem tem avisos de tudo, mas não presta atenção a eles; na verdade, tudo está na nossa atmosfera, o segredo é saber como ler nela.»

O que pensais desta última passagem, meus muitíssimo amados sabichões? Os vossos óculos são de um polimento requintado, mas não penetram tão longe, e contudo isto é, isto pode ser visto, compreendido, demonstrado com pouco trabalho e em pouco tempo; mas nós não nos podemos erguer até vós. Permaneça cada um no seu lugar; o nosso é, tendes dito, em Bicêtre; que a paz esteja entre nós. Estejai certos, caros leitores, de que os autores que citamos nunca foram os residentes de Charenton; foram esquecidos à porta, onde fizemo-nos seus conhecidos. Apresentar-vos-emos agora o famoso, ou se vos aprouver, pobre Marmontel.

Marmontel. — «Lições de um Pai aos seus Filhos sobre Metafísica», página 99:

«Percebeis», disse ele, «pelas funções realizadas pela alma dos animais que a sua destinação cessa com o termo da sua vida, ao passo que a destinação da alma do homem mal começou. Inteligência contemplativa! ela viu apenas através de uma nuvem as maravilhas de que ao Eterno aprouve torná-la testemunha, e apenas desprendendo-se destes véus materiais gozará plenamente da vista da grande obra e da do seu autor.»

Página 118. — «Não, meus filhos, se Deus deixou ao homem o poder de se tornar digno de recompensa e castigo, e se ambos não são distribuídos nesta vida com uma constante e estrita equidade, há para o homem outra vida na qual Deus Se reserva ser justo; deve ser assim, caso contrário Ele não seria Deus.

Possivelmente faço aqui uso de uma expressão muito ousada; pois qual é o direito da criatura com respeito ao seu Criador? Qual é o compromisso e obrigação do Criador para com a criatura? Ele nada lhe deve, estritamente falando, mas deve-o a Si mesmo, ou antes pertence à sua divina essência e à excelência da sua natureza não desejar nada que não seja perfeitamente conformável à ideia eterna de justiça e bondade. Temos razão em exprobrar os homens por terem feito para si mesmos um Deus à sua imagem, atribuindo-Lhe qualidades indignas d'Ele, e estes são erros da imaginação dos quais espero preservar-vos. * * * * *

O aniquilamento foi sempre a esperança horrendo do crime; a imortalidade foi sempre a consolação da inocência oprimida e o suporte da virtude.»

130. «É este pressentimento de uma vida futura que em todos os tempos tem dado tanta força e elevação às almas virtuosas, a homens como Sócrates, Terámenes, Leónidas, Catão, Trásea, e em grau especial aos mártires desta santa religião cuja doutrina fundamental é a imortalidade da alma. O homem, ocupado com uma felicidade sem limites que lhe é permitido esperar, não olha já para esta vida senão como um relâmpago fugitivo que escapa e se desvanece através de nuvens leves. Um dia sereno está além, e este dia que noite nenhuma escurecerá aguarda-o. É na eternidade que ele contempla que género de ser é o seu Deus, e é ali que O reconhece como supremamente bom e justo. O mal físico, com respeito ao homem, é portanto uma nova prova da imortalidade da alma; o mal moral adiciona ainda a esta prova, visto supor um livre-arbítrio, e a liberdade no homem é uma prova infalível da imortalidade.»

Consultemos agora alguns escritores que se dedicaram ao estudo do magnetismo, pois todos os escudos são bons para parar os golpes dirigidos a nós; não nos desgosta partilhar o ridículo em companhia. Apresentaremos, contudo, primeiro o célebre Ch. Fourier.

Fourier. — Encontramos na sua «Vida e Teoria», por Ch. Pellarin, 2.ª edição, 1843, página 394:

«Fourier expressou-se como se segue numa carta a Muiron, datada de 3 de novembro de 1826: "Parece que os Srs. G. e P. desistiram do seu trabalho sobre o magnetismo; eu apostaria que eles não são bem-sucedidos com o argumento fundamental. Quero dizer que se tudo está entrelaçado no sistema do universo, deve existir um meio de comunicação entre as criaturas do outro mundo e deste; isto é, uma comunicação das faculdades dos ultra-mundanos ou falecidos, e não uma comunicação com estes últimos; esta participação não pode ter lugar no estado de vigília, mas apenas num estado misto, como o sono ou outra coisa qualquer. Descobriram os magnetizadores este estado? Não sei; mas em princípio estou ciente de que ele deve existir, e se é o estado de sonambulismo artificial, vantagem nenhuma se tirará dele enquanto formos ignorantes do cálculo das simpatias de carateres em identidades e contrastes. Por falta de classificar,

segundo esta teoria, os magnetizadores e os magnetizados, sofreremos uma vintena de fracassos por um resultado bem-sucedido, e isto dará uma superioridade aos céticos e detratores."»

O que previste pus eu em execução. Precisava apenas da tua erudição para tirar daí as sábias conclusões que tu — digno homem para tal tarefa! — terias tirado daí.

Bertrand. — Passemos ao Doutor Bertrand. «Tratado sobre o Sonambulismo», 1823.

«É evidente que aqueles que admitem um princípio imaterial dentro de nós não o podem considerar como confinado ou limitado em qualquer parte do espaço, e que não pode estar mais colocado no nosso corpo do que em qualquer outro lugar, e, consequentemente, que nada pode limitar a extensão das suas perceções.»

(«Se somos induzidos a colocar a nossa alma no nosso corpo, e a crer que ela é aí mantida, é meramente porque sentimos apenas na extensão da matéria que o constitui, e porque não podemos agir sobre qualquer partícula de matéria além desses limites. Não deveríamos, portanto, considerar o nosso corpo como contendo a nossa alma, como uma coisa material contém outra, mas apenas limitando a extensão da matéria na qual lhe é dado agir e sentir.» — Nota para a obra acima.)

Para um cético tão confirmado como o Doutor Bertrand, esta proposição não é de todo materialista! longe disso.

«A alma pode tão bem tomar conhecimento de objetos o mais distante possível do seu corpo como daqueles mais próximos dele; pois operada uma vez a vista às maiores distâncias, nada haverá para criar surpresa, ou o que possa nem sequer parecer necessário; pois, se a nossa alma está tão bem nos antípodas como no nosso corpo, por que razão, se ela deseja dirigir a sua atenção para um objeto a mil e quinhentas léguas de distância, não haveria de tomar conhecimento dele tão bem como daquele a escassos pés dela?»

Página 257. — «Às vezes eram mostradas à sonâmbula pessoas ausentes, ou aquelas que tinham morrido há muito tempo. Quando ela abria os olhos, vendo diante de si um espetro ou fantasma, ficava sensivelmente comovida e, às vezes, ocorriam cenas que poderiam ter prejudicado a sua saúde. Seria perigoso

repetir tais experiências frequentemente; advirto os magnetizadores que fossem tentados a fazer similares que consequências graves poderiam ser o resultado, igualmente prejudiciais à saúde e às faculdades mentais.»

Respondo ao Doutor Bertrand que os magnetizadores que fizeram experiências deste género sem dúvida não sabiam como as conduzir; isto, é verdade, poderia afetar seriamente a mente da clarividente; mas aquelas que proponho, e que foram lidas, não podem apresentar inconveniente algum do género, e devem, pelo contrário, estabelecer demonstrativamente a existência da alma após a sua separação do corpo. Os espetros ou fantasmas que as ditas clarividentes viam não eram outra coisa senão o último estado dos doentes falecidos, que, na sua ignorância extática, elas iam procurar nos cemitérios, e que a ignorância, não menos grande, dos magnetizadores permitia subsistir ao acordar da clarividente. Isto, é verdade, deve ter produzido efeitos prejudiciais; mas o que deveria provar aos magnetizadores que estes cadáveres, reduzidos há anos a pó, no entanto existiam para a clarividente, e demonstrar-lhes a imortalidade das formas materiais no mundo dos efeitos, como o espiritualismo demonstra a imortalidade das causas no mundo-tipo. O Doutor Bertrand está longe de desejar crer em tais comunicações entre os dois mundos, como se verá pelo artigo seguinte; mas a sua citação do mesmo é suficiente para o reproduzirmos, pensando que aqueles que possam ter sido convencidos pelas experiências que citámos o explicarão de outro modo:

«Os membros da Sociedade Exegética de Estocolmo estavam zelosamente ocupados em magnetizar. Em 1787 e 1788 tinham chegado, não sei como, à persuasão de que os factos maravilhosos do sonambulismo não podiam pertencer ao homem material, e que devia ser alguma pura inteligência a falar pela boca dos doentes caídos neste estado! Pois bem! todas as pessoas doentes adormecidas por homens persuadidos desta ideia não apenas estavam persuadidas disso elas mesmas, mas também, como os possessos, identificavam-se com as substâncias espirituais que se supunha falarem pela sua boca; e quando o magnetizador, após as adormecer, lhes punha as perguntas habituais: "Quem sois vós que falais?", elas respondiam, em conformidade com as ideias da

pessoa que as interrogava: "Sou o irmão, o pai, o amigo ou o filho da pessoa que adormeceu." E depois falavam dos mortos, discutiam pontos de filosofia, pregavam a doutrina de Swedenborg e davam informações do que se passava no outro mundo. * * * * * *»

«Poderia acrescentar a estes exemplos, tão conclusivos, um grande número de outros não menos conclusivos.»

O Doutor Bertrand atira aparentemente uma pista no sentido de que olha para os membros desta sociedade (uma das mais sábias que alguma vez existiu) como pobres visionários, que eram o joguete da sua imaginação e do desvario mais ou menos sem nexo das suas clarividentes. Tivesse o doutor pensado em experimentar ele próprio, teria instantaneamente reconhecido a verdade ou falsidade destas comunicações. Rejeitar uma asserção apoiada por homens bem informados, sem exame maduro, não é ser lógico, e sobretudo terminar com esta frase: «Poderia acrescentar a estes exemplos, tão conclusivos, um grande número de outros não menos conclusivos.» Se estes exemplos são conclusivos, e o senhor os não admite, doutor, sabe apenas como citar, e não concluir.

Chardel. — Passemos a outro magnetizador, cuja ciência e veracidade não podem ser duvidadas. O Sr. C. Chardel, conselheiro no tribunal de cassação em Paris, no seu «Ensaio sobre a Psicologia», terceira edição, 1844, página 111, expressa-se assim:

«A alma humana parece, portanto, uma estranha na terra — uma prisioneira num mundo novo; o corpo empresta-lhe os seus órgãos para o perceber, e a vida dá-lhe os meios de fazer uso deles, mas ao abri-la para o mundo material fecha-a para o espiritual.»

Esta passagem vem em apoio da existência anterior de que já falámos.

Página 357 (Apêndice). — «A antiguidade acreditava em comunicações com o outro mundo, relata numerosas instâncias de tais que a presente época classifica entre as fábulas; contudo, nos nossos dias, as aparições de espíritos não são mais raras do que outrora, apenas as ocultamos no véu do ridículo com o qual não podemos ocultar a verdade tão bem como o erro. Concedo que

factos deste género exigem uma explicação, e darei uma, mas para a fazer compreender é necessário que seja precedida por um inquérito quanto ao modo de existência das almas; além disso, peço para lembrar ao leitor que estudei a natureza num caminho mas pouco conhecido, e faço um apelo não à sua credulidade mas ao seu exame.»

O Sr. Chardel tomando, então, a sua posição nos escritos de Swedenborg, em factos de êxtase e em várias aparições pessoais para consigo e cheias de interesse, conclui com uma firme crença no mundo dos espíritos, e na possibilidade de comunicar com eles; ele crê na recordação de si mesmo, e em tudo o que pode constituir a individualidade no mundo dos espíritos. Continua assim (página 384):

«No mundo espiritual não há já nem pais nem mães, irmãos nem irmãs; os laços de família estão quebrados, todos os sentimentos estão a descoberto, e a natureza da sensibilidade de cada um, uma vez determinada, não tem já ocasião de mudar.»

Sabichões, o Sr. Chardel estava nas vossas fileiras, e acreditava em espíritos!

Du Potet. — Enquanto nos ocultamos atrás destes escudos, em prol de um curto alívio, abriremos o ensaio sobre o «Ensino Filosófico do Magnetismo», pelo Sr. Du Potet, página 12, onde encontramos estas severas palavras, que vós mereceis, sabichões, e que este escritor deveria ter lembrado antes de analisar os «Segredos»:

«Vós, sabichões do nosso país, não vos tendes mostrado melhor informados do que os siameses, visto que, há sessenta anos, vos berram aos ouvidos: Os magnetizadores marcham para a descoberta de um mundo moral; todos os fenómenos que produzem provam indubitavelmente a sua existência. Declarastes que eles eram impostores, idiotas, e de vós todos os mais ilustres são aqueles que assinaram o julgamento que atestará a todas as eras futuras a vossa ignorância e insinceridade.»

Página 68. — «O conhecimento do homem e dos seus destinos está dentro da ciência do magnetismo; não te atrases demasiado a certificar-te disto, os teus dias estão limitados, nenhum olho de águia é exigido para medir a sua extensão.

Sejam as tuas ações virtuosas, pois sabe que a tua alma se lembrará de todas elas após a tua vida na terra e a recordação delas será indelevelmente gravada. Não na areia estão as ações humanas gravadas, mas na consciência. Os tormentos dos teus crimes não terão fim. O teu coração pode perecer sem remover a menor mancha da tua alma; esta ferrugem estaria constantemente a roê-la, pois não poderias já ocultar nada, nem mesmo de ti próprio, e tu próprio serias o teu próprio e inexorável juiz. Tudo o que tiveres pensado será conhecido por todos os que desejem sabê-lo. Para ti nenhuma dissimulação é já possível; não há já máscara alguma. Como serás capaz de ler nos outros, assim eles em ti, e as tuas mais insignificantes ações aparecerão como uma nuvem debaixo de um céu sereno.

Roga para que a tua vida seja curta; se viveste bem a tua alma deixará a prisão que a confina, sairá dela radiante e cheia de luz. Este mundo de mofadores e tolos não suspeita do objeto da vida; não o imites, ele crê num baile prolongado; tudo o que lisonjeia o seu orgulho e embriaga os seus sentidos se encontra reunido; mas um dia o Anfitrião deste banquete despedirá os seus convidados — a vida deles será então extinta como as velas que iluminavam a festa.»

Página 231. — «A alma — O que é uma alma? Quem viu alguma vez uma alma? Onde reside ela? Que nos seja mostrada. Palavras tão estúpidas quanto seriam as de uma pessoa que dissesse: "Onde está o vento? Quem viu alguma vez o vento? Que nos seja mostrado." E muitos procuram a sua alma como fazia o homem pelo seu cavalo quando montado no seu dorso. Oh! grandes génios do nosso tempo, ilustres mortais, dai apenas um golpe na vossa carcaça, a dor responder-vos-á; tereis a consciência da vossa existência, sereis avisados de que há dentro de vós algo que vigia e está inquieto, não a vossa elevada razão; dai golpe de novo e deixai o sangue correr, o ocupante despedir-se-á de vós, deixando o seu domicílio, e nenhum de vós será capaz de o reparar e pôr em movimento. Em vão podereis gritar, o ar ressoará em vão com os vossos gritos; a boca fechada permanecerá muda. Deveria ser a de um dos vossos oradores, uma dessas bocas que neste mundo têm uma resposta para tudo? Sem dúvida aquele que explica, dá conta de tudo, não precisa de ter

recurso à Divindade; e daí é que os sabichões negam o que não podem conceber ou explicar. Um insignificante espelho de um tostão, pudesse ele apenas falar dos objetos que reflete, raciocinaria como os nossos sabichões; teria, contudo, atrás da sua superfície apenas um pouco de mercúrio e estanho: de que são, então, compostos os cérebros dos nossos grandes homens?

Antes de a alma ser desprendida da matéria, pode já conversar com espíritos puros. Deus permitiu-o, mas de uma maneira imperfeita. Pode mergulhar o seu olhar até à morada daqueles que perderam para sempre a forma humana [material, pretendido pelo Sr. Du Potet]; dá os seus segredos, contudo, apenas com muito grande reserva.»

O Sr. Du Potet cita então vários factos extáticos, pelos quais demonstra esta verdade. Assegura-nos que ele próprio recebeu conselhos de uma voz espiritual similar àqueles dados a Bruno, dos quais menção é feita no primeiro volume. Não podemos duvidar do espírito altamente estudioso e reto deste sabichão, que pode ser ouvido todos os domingos, nas suas conferências, a desenvolver as suas crenças, as quais são, como acabamos de ver, tão espiritualistas quanto as podemos desejar. O Sr. Du Potet não se tornou o apóstolo de tais crenças sem exame maduro, e profunda convicção da sua verdade. Atrevemo-nos, portanto, a esperar que com apoio pareceremos menos ridículos, visto não proclamarmos nada mais do que ele faz. Tivessem os limites desta obra permitido, teríamos aberto as numerosas e estimáveis obras da rica biblioteca do magnetismo, na qual poderíamos ter recolhido tantos factos desta natureza quantos tivéssemos desejado; mas isto teria sido abusar da complacência dos nossos leitores; contentar-nos-emos em recomendar-lhes a leitura de Mesmer, Puységur, Deleuze, Petetin, Despine, Billot, Charpignon, Ricard, o abade Loubert, Loisson de Guinaumont, Teste, Gautier (Aubin), Possin, Delaage, e daqueles que citámos, etc. Encontrarão nestes autores uma inteira confirmação das comunicações espirituais tratadas nesta obra. Após tal leitura, cremos que não seremos já aos seus olhos senão um homem que pode ter errado em certas proposições; que, por falta de suficiente instrução, é desigual para a tarefa; mas que fez o seu melhor para comunicar aos seus irmãos, a quem ama com toda a força da sua

alma, ideias que possam tender a mitigar a sua dolorosa posição na terra.

Fez isso conscienciosamente, verdadeiramente, carinhosamente; possa ser bem-sucedido em conformidade com os seus desejos. Termino, protestando solenemente, perante Deus, que em tudo o que disse não perverti de modo algum a verdade em favor de sistema algum seja ele qual for; que de todas as sessões que foram lidas possuo certificados, e os guardo ao serviço de todos os meus leitores, a quem, além disso, recomendaria experimentarem por si mesmos, segundo as instruções estabelecidas no primeiro volume. É uma propriedade geral, e convencê-los-á melhor do que tudo o que se poderia escrever sobre o assunto.

Recebo, todos os dias, novas confirmações do sucesso desta propriedade da alma, de magnetizadores honestos que desejam, antes de julgar, experimentar sem parcialidade. Fazer menção de todos os factos desta natureza excederia de longe os limites prescritos para mim nesta obra. Tendo acabado de fundar uma sociedade de espiritualistas em Paris, a qual publicará os seus trabalhos num jornal titulado "O Magnetizador Espiritualista", cujo primeiro número apareceu, relataremos nas suas colunas os factos mais curiosos com que nos possamos familiarizar.

DEDICAÇÃO

Nestes dias de perturbação, alarme e luto, em que vivemos, desesperava da predição que o nosso bom irmão Swedenborg tinha feito dizendo-me: «A sua segunda parte dos "Segredos" será impressa; tal é a vontade de Deus. Não fique inquieto; quando chegar o tempo, alguém o ajudará.»

Quem poderia ter crido na realização desta profecia num tempo em que nada senão falsidades e inimizades se veem a sair da imprensa; quando nem um único editor se atreve a aventurar-se a publicar a menor obra; quando cada um tranca o seu dinheiro na dolorosa previsão de acontecimentos em que ele se possa revelar de absoluta necessidade. Tendo acabado de me reembolsar das despesas do primeiro volume, não tinha ao meu dispor os fundos necessários para imprimir o segundo, quando o venerável e benfazejo velho a quem eu devia a publicação do primeiro, veio

um dia e me entregou a mesma nota de quinhentos francos, nas mesmas condições que antes.

À minha observação de que era arrojado aventurar um segundo ensaio — que desta vez poderia não ser capaz de o reembolsar — respondeu-me ele: «Que Deus esteja connosco, e a sua vontade seja feita! Caso seja incapaz de me pagar, não terá de se exprobrar por mo ter pedido; e, quanto a mim, não pensarei mais nisso.» Sabeis, leitor, a idade e os meios deste amigo dedicado das ciências? Ora, ele tem setenta e oito anos de idade e tem um rendimento de seiscentos francos!

Poucos dias depois desta oferta, recebi pelo correio uma carta, da mesma pessoa que tinha assinado cem francos para o primeiro volume, contendo uma nota de banco da mesma quantia, como a sua assinatura para o segundo, com o pedido de não mencionar o seu nome, e, sobretudo, de me poupar ao trabalho de lhe agradecer. Oh! graças, três vezes graças! homens generosos: esta bela ação não ficará sem a sua recompensa.

Tinha pedido nada a estas duas pessoas que conduziram esta afamada questão. Estava obrigado a interrogar o Sr. Swedenborg, para indagar se devia enviar este segundo volume para a imprensa; e ele disse-me: «Este volume deve estar impresso até 20 de fevereiro, pois certos acontecimentos estão a aproximar-se; é em desastres idênticos que as consolações são precisas.»

Eis o livro, caro leitor, sem ter encontrado acidente algum. Possa ele responder às suas bondosas expectativas, e fortificá-lo nestes tempos de perturbação, em que é precioso saber como morrer, e ainda mais precioso saber para onde vamos!